

FUNÇÃO CEO

a descoberta do prazer

TATIANA AMARAL

Diterata



A black and white photograph of a woman's face and hands. She is looking down, and her hands are visible, one near her face and the other near her chest. Large, bold, white text is overlaid on the image.

FUNÇÃO

CEO

a descoberta do prazer

TATIANA AMARAL

Copyright @ 2013 – Todos os direitos reservados

Capa

Renato Klisman

Revisão

Mariza Miranda

Diagramação

Amaral, Tatiana

1. Literatura brasileira. 2. Romance.

Direitos desta edição totalmente concedidos a editora Literata. É Proibida a cópia do material contido nesse exemplar sem o consentimento escrito da editora. Esse livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

A Janaina Rico. Pelos momentos memoráveis que
curtimos enquanto colocávamos esta obra no
caminho certo. Para a melhor, o meu melhor.

Obrigada!

“Você já sentiu vontade de tocar em algo que sabe ser proibido? Já teve o desejo irresistível de experimentar alguma coisa que sabe não ser socialmente ou eticamente correto? Tão proibido e ao mesmo tempo tão desejável que poderia destruí-la?”

CAPÍTULO 1

Era o meu primeiro dia de trabalho. Estava super nervosa. Foi muita sorte conseguir uma vaga na [C&H Medical Systems](#). Não sei se posso chamar simplesmente de vaga a função de secretária executiva sênior, ou seja, secretária executiva do maior de todos os cargos existente no grupo. “Céus! Estou tão nervosa que não consigo nem me concentrar”.

Quando Kary me ligou avisando que Abgail sofrera um acidente de carro e ficaria afastada do trabalho por um longo período, não passou pela minha cabeça que seria eu a substituí-la.

Kary e Abby, como chamamos Abgail, são minhas amigas. Estudamos juntas na universidade, mas seguimos caminhos diferentes depois de for-

madras. Tentamos continuar em contato, no entanto Abby estava sempre muito ocupada com viagens e reuniões, pois seu chefe, o todo poderoso Carter, sempre precisava dela ao seu lado. Então nossa amizade se resumia a mensagens e conversas, via celular, além de *e-mails* e algumas curtidas no *Facebook*.

Eu não o conheço. Quer dizer... É óbvio que sei que as empresas do grupo [C&H Medical Systems](#) são consideradas superempresas, com os melhores projetos, empregos e salários. Profissionais de todas as áreas batalhavam por uma oportunidade de fazer parte do seu quadro de funcionários. No momento isto era o que mais me entusiasmava.

Era um grupo tão forte e importante não só em Chicago, mas nos Estados Unidos e no mundo, que ganhou uma semana do meu curso quando na universidade. O professor precisou de todo esse tempo falando do seu desempenho econômico, da sua enorme capacidade de exportação, do seu desenvolvimento, inovações tecnológicas e, claro, o que isso representava para

a economia americana. Ou seja, trabalhar para o grupo não seria somente importante para um início de carreira, seria a minha grande chance.

Só sei que, por causa do meu currículo universitário impecável, consegui ocupar o cargo, mesmo que fosse numa vaga temporariamente disponível. Também influenciou na escolha o fato de falar fluentemente três línguas e, além de capacitada para exercer a função de secretária executiva, graças a um longo estágio numa empresa de exportação, sou formada em economia, ou seja, a pessoa perfeita para exercer o trabalho.

Não me sentia incomodada por ocupar o lugar da minha amiga. O salário era fantástico, a experiência que iria adquirir faria uma grande diferença em meu currículo, além do que Abby não poderia voltar a trabalhar tão cedo, então não estaria fazendo nada de errado.

Dei uma última olhada no espelho. Minha saia justa até o joelho e com cós alto combinava perfeitamente com a blusa branca de mangas compridas que escolhi para meu primeiro dia, apesar de ter consciência de que a cor escolhida

em nada me favorecia, devido a minha pele translúcida. Um pouco de sol me faria bem. Os cabelos longos e escuros estavam soltos, mas devidamente arrumados para trás. Caprichei na maquiagem. A aparência seria fundamental para função que exerceria.

Não era muito eu naquela imagem refletida no espelho, mas seria assim que iria me vestir daquele momento em diante, pelo menos enquanto ocupasse o cargo. Os saltos altos em meus pés me lembravam do quanto me sentia desconfortável com eles. Nem tinha saído de casa e já estava implorando pelo meu jeans, minha regata e meu velho e confortável *All Star*.

Desci para a garagem caminhando lentamente até meu carro, com medo de cair e estragar o visual. Sorri lembrando o quanto ele era exatamente parecido comigo: pequeno, confortável e prático, embora velho, tudo o que eu precisava reunido em um só lugar. Claro que eu poderia fazer o percurso de bicicleta. O dia estava lindo! Uma raridade em Chicago. Mas não achei que os saltos e minha saia justa, permitiriam dar duas

pedaladas sem me espatifar no chão, então optei pelo carro.

Durante o percurso para a C&H fui imaginando como seria. De que forma me apresentaria? Como seria o Sr. Carter? Eu não o conhecia. Lembrava-me de ter visto uma foto dos dirigentes do grupo, mas estavam todos juntos e eram tantos que não me preocupei em verificar quem era quem. Para ocupar um cargo tão importante com certeza seria um velho rabugento e cheio de manias. Suspirei.

Abby não me informou nada a seu respeito no dia em que fui visitá-la para contar a novidade, apenas como eu deveria me comportar. Estar atenta ao trabalho, só falar quando questionada ou para comunicar alguma coisa. Estar sempre disponível e com a aparência impecável. Manter a distância profissional necessária com os funcionários, principalmente os de cargos superiores. Tantas recomendações serviram apenas para me deixar ainda mais nervosa. Droga! Com a minha falta de equilíbrio e timidez não sobreviveria nem um dia nesse emprego. Quem eu estava

pensando que era? Com certeza derramaria café nele nas minhas primeiras horas de trabalho e seria arremessada pela janela.

- Santo Deus! Acalme-se, Mel! – parei em frente a um torniquete e um segurança se aproximou. Abri o vidro, entreguei a ele meu cartão de acesso ao prédio que recebi quando fui admitida. Ele apenas concordou e abriu espaço para que eu pudesse entrar.

Havia um estacionamento do lado de fora, que estava cheio e uma entrada para outro dentro do prédio. Optei pela parte interna. Se chovesse não precisaria me molhar para voltar ao carro.

Olhei para meu relógio e... Droga! Cinco minutos para me apresentar ao setor de Recursos Humanos. Uma das recomendações mais importantes da Abby foi nunca, nunca mesmo, me atrasar. Olhei ao redor, procurando uma vaga. O estacionamento de dentro era muito menor que o de fora e não havia tempo para voltar. Droga duas vezes! “O que eu faço?” Levei o carro mais à frente e consegui avistar uma vaga, separada das demais, mas era um lugar onde eu podia deixar o

carro. Então dirigi rapidamente até lá, com medo de algum engraçadinho chegar primeiro, apesar de eu ser a única no local. Com tudo resolvido saí do carro praticamente correndo em direção ao elevador que, por milagre, chegou rápido me dando ainda um longo minuto para relaxar ouvindo a música suave.

As portas abriram no quinto andar. Saí para uma sala ampla com uma recepção pequena e paredes de vidro que mostravam a agitação por trás delas. Algumas pessoas caminhavam com copos de café nas mãos, outras estavam atentas às telas de computador em suas mesas. Observei cada uma delas. Era importante para compor meu personagem dentro da empresa. Fiquei satisfeita ao constatar que o meu visual era condizente com o do restante do pessoal. Aguardei a recepcionista terminar a ligação.

Todo o contato com a empresa, até o momento, tinha sido em um hotel onde foi feita a seleção. Depois fui entrevistada por mais duas pessoas, uma mulher e um homem, que não recordava o nome, um telefonema confirmou a

minha admissão como estagiária e, por fim, a assinatura do contrato, que também aconteceu numa sala reservada de um hotel com uma estagiária do setor. Ou seja, não conheci a Sr^a. Carter.

- Bom dia! – ela tinha um sorriso agradável. – Posso ajudá-la?

- Sim – retirei da pasta minha credencial que carregava junto com alguns papéis que deveria apresentar no meu primeiro dia. – A Sr^a. Carter está me aguardando – só então me dei conta de que trabalharia com o Sr. Carter, mas quem estava me aguardando era a Sr^a Carter. Casados? Bem provável.

- Melissa Simon? Um momento, por favor! A Srta. Carter já está aguardando - senhorita? Então ela deve ser filha.

A mulher à minha frente indicou a cadeira com estofado creme, quase branco, ao lado da recepção. Sentei aguardando enquanto ela, mais uma vez, ligava para alguém. Olhei para minhas unhas, rezando para que meu esmalte não tivesse descascado. Seria o fim do mundo se estivesse

justamente no dia em que iria apertar diversas mãos.

- Srta. Simon? Por aqui, por favor! – a recepcionista me chamou. Seu rosto angelical estava me encarando como se algo de errado estivesse acontecendo. “O que eu fiz?”

Segui seu corpo magro e alto, coberto por um vestido perfeito e clássico, cor de carne mal passada. A mulher se virou me observando rapidamente, como para certificar-se de que eu a seguia. Passamos para a parte interna das paredes de vidro onde pude ver que as pessoas se viravam para me olhar. Senti meu rosto pegando fogo. Deixei que meu cérebro se ocupasse apenas com a função de não me deixar tropeçar em nada. Seria realmente trágico.

- Apresse-se, por favor! – a mulher chamou a minha atenção. – Não podemos nos atrasar – confidenciou.

Meu coração acelerou, como sempre fazia em situações em que me sentia pressionada. Que diabos de empresa era aquela onde o horário era mais importante do que qualquer coisa? Tentei

acelerar os passos me concentrando para não cair, enquanto passávamos pelas diversas mesas repletas de papéis. Será que ninguém ali sabia que a burocracia matava as organizações?

- Por aqui – apontou uma imensa porta de madeira escura sem maçaneta. Com certeza uma interrogação se formou em minhas sobrancelhas.

A mulher apenas a empurrou suavemente fazendo com que a porta giratória abrisse nos levando para dentro de uma sala perfeitamente arrumada. Apesar de também possuir uma imensa parede de vidro ao fundo, dando uma vista do rio Chicago em toda a sua magnitude, era uma sala reservada, além de muito discreta.

A mulher apenas gesticulou para que eu entrasse saindo logo em seguida, deixando a porta fechar atrás de mim. Fiquei tensa. Eu podia ouvir uma voz quase infantil em algum ponto da sala, mas aonde?

- Ela já está no prédio – a pessoa falava. – Não. Apesar do atraso vai dar tudo certo – uma pausa. – Não. Ele ainda não chegou, temos algum tempo – a mulher saiu por uma porta que era

imperceptível para mim e caminhou até a parede de vidro. – Tudo bem. Estamos subindo agora mesmo – desligou o celular olhando-me como se já tivéssemos sido apresentadas. Sorrindo, veio em minha direção com as mãos estendidas.

- Srta. Simon, Nicole Carter. Sou a responsável pelo setor de RH de todo o grupo C&H Medical Systems

Tão jovem? Mas como? Ah tá! Ela era filha do todo poderoso Carter. Claro que teria um cargo à altura de sua herança genética.

A pequena mulher era muito bonita. Seus cabelos negros eram curtos, com um corte moderno, cheio de artifícios. Seus olhos verdes quase cinza, imensos, me observavam e seu sorriso era verdadeiramente confiável. A postura do seu corpo demonstrava o quanto estava confiante em sua posição, não deixando dúvidas de que levava a sério o que fazia.

- Estamos atrasadas, por isso vou pular uma grande parte do protocolo e levá-la diretamente para a sua sala. Robert chegará a qualquer momento – imediatamente começou a caminhar.

Eu a segui tentando acompanhar seus passos rápidos.

Mais uma vez passamos pela porta de madeira voltando para a ampla sala repleta de funcionários. Novamente fui observada por todos. Corei com a constatação.

- A Srta. Alexa Madden irá nos ajudar neste primeiro dia, já que por estarmos atrasadas, não teremos tempo hábil para lhe passar todas as suas atividades. Estamos realmente com sorte – sorriu virando-se para mim. Como ela conseguia não cair andando tão rápido usando saltos altos?

- O Sr. Carter nunca atrasa. Não sei o que aconteceu hoje, mas o fato é que a sorte está do nosso lado - entramos no elevador onde ela indicou o 16º andar.

- São quinze andares, um para cada setor. Você ficará no 16º com o Sr. Carter. Não temos o 13º andar, superstição. Não acredito nessas coisas, mas enfim... Por isso são quinze andares e vamos até o dezesseis – ela riu. Consegui relaxar um pouco. A Srta. Carter era divertida. – Com o tempo você vai conhecer todos os andares e seus

respectivos diretores, agora só precisa se concentrar em conhecer o seu. Robert está nervoso com o afastamento repentino de Abgail, por isso é fundamental que você consiga atender a todas as suas exigências nesses primeiros dias. Não se assuste com ele. O Sr. Carter é durão, mas não morde – mais uma vez ela riu. Comecei a me sentir cada vez mais curiosa a respeito do grau de parentesco dela com o Sr. Carter.

A porta do elevador abriu nos mostrando uma sala ampla, toda dividida em aquários imensos, repartidos com paredes de vidro. Aquilo só poderia ser uma obsessão. Ao centro dos três aquários, uma sala impecavelmente arrumada com uma mesa imensa, duas peças de escritório, também de madeira escura e cheia de gavetas, uma poltrona branca e mais duas cadeiras em formato moderno, um jarro com uma planta que parecia ser uma palmeira, se destacava.

Sobre a mesa havia um computador e três agendas: uma branca, uma vermelha e outra preta, algum material de escritório como canetas, marcadores, cliques, dentre outros. Em um canto

mais afastado da mesma havia papéis, poucos, mas estavam lá, comprovando que a empresa ainda era bastante burocrática. E, para finalizar, uma impressora moderna, parecia um misto de impressora, copiadora e scanner, contudo bastante discreta, não um trambolho como a da empresa em que estagiei.

Ao lado de tudo o que descrevi estava uma mulher. Ela parecia ansiosa, no entanto, nada que impedisse qualquer mortal de admirá-la. Era simplesmente linda. Cabelos loiros, presos num coque perfeitamente trabalhado, olhos azuis, expressivos, nariz fino e totalmente de acordo com o restante das suas feições. Seus lábios cheios pareciam uma fruta convidativa. Confesso que me senti péssima. Quem não se sentiria assim ao lado dela? Para piorar, o corpo parecia pertencer a uma deusa. A calça branca justa, com cintura alta desenhava tão bem suas pernas que senti vergonha das minhas tão magras. Sua blusa rosa parecia combinar com os lábios. Ela sorriu para nós, ou talvez apenas para a Srta. Carter, o que fez com que eu me sentisse ainda pior. Seus

dentes eram fantásticos. Como aquela mulher podia estar ali e não em uma revista de moda?

- Graças a Deus! – falou ansiosa. – Já ligaram avisando que ele chegou. Parece que teve um contratempo na garagem.

- Alexa, esta é a Srta. Simon – ela estendeu a mão em minha direção sorrindo amistosamente. Até a textura da sua pele era perfeita. – Melissa Simon, esta é Alexa Madden, secretária executiva do departamento de marketing. Trabalha com Bruno Carter. Estava ajudando Robert enquanto não conseguíamos uma substituta para Abgail. Fique tranquila que Alexa irá ajudá-la no que for possível.

- Bom... Melissa Simon não temos mais tempo algum. A qualquer momento o Sr. Carter aparecerá. Posso explicar apenas que esta é a sua mesa, a sala atrás de vocês é a do Sr. Carter, a sua direita uma sala de reuniões e a sua esquerda uma espécie de copa, que deve ser utilizada apenas para as necessidades dele e demais pessoas que tiverem autorização. Tudo isso é de sua inteira responsabilidade. Deve estar sempre pronto e im-

pecável para quando ele solicitar. Nunca entre na sala dele sem ser chamada. Nunca se esqueça de nenhum dos seus compromissos, o que me leva a apresentá-la a estas três agendas que agora serão a sua vida.

Ela falava sem parar alternando entre olhar para mim, verificando se eu estava ou não acompanhando o turbilhão de informações que me passava e indicando cada peça que descrevia.

- A agenda vermelha é para os compromissos pessoais, a branca para os compromissos internos da empresa e a preta para os compromissos externos. Entendeu? – sinalizei que sim. Meus olhos estavam arregalados. Era fundamental não me esquecer de nada. – Cada uma destas gavetas é para um tipo diferente de negócio. Não estão identificadas, será necessário que abra cada uma para se familiarizar e, vamos rezar, para que ele não precise de nada que esteja nelas agora. Eu tenho muito trabalho lá embaixo. Precisarei deixá-la sozinha por alguns minutos. E...

Ouvi a porta do elevador abrindo. Quase congelei de pânico. Eu estava de costas, mas

pelas feições de Alexa e Nicole, soube de quem se tratava. Os passos ecoaram no chão liso. Resolvi me colocar de frente, ao lado das outras duas. Ao me virar, dei de cara com um par de olhos cinza cravados em mim. Não entendi o porquê, mas respirar ficou mais difícil. Se aquele era o Sr. Carter, minha intuição estava totalmente errada a seu respeito.

Ele era muito jovem, talvez 30 anos. Cabelo loiro-escuro, perfeitamente penteado para o lado com algo que parecia ser gel, pois mantinha os fios presos. Sua pele branca quase brilhava pela claridade da sala, incrivelmente iluminada. Seu corpo se movimentava de maneira felina.

Os ombros largos destacavam o peitoral trabalhado. O paletó demonstrava o quanto era imponente, num corte perfeito para seu corpo. Seus lábios estavam entreabertos e, se eu achei os de Alexa convidativos, não havia palavras para descrever os do Sr. Carter. O tom naturalmente rosado destacava ainda mais sua perfeição.

Ele sorriu um sorriso torto que imediatamente enviou ondas de calor pelo meu corpo in-

teiro. Então me dei conta de que estava praticamente babando. Que idiota! Como podia agir assim no meu primeiro dia de trabalho? Por que ele sorria para mim daquela forma? Sentia minhas bochechas ardendo e esta não era a única parte do meu corpo a reagir aos seus encantos. Era escandaloso demais.

- Sr. Carter – Alexa se adiantou cumprimentando-o.

- Bom dia, Alexa, Nicole – seus olhos mais uma vez me queimavam.

- Robert – Nicole respondeu sorrindo. – Aconteceu alguma coisa? Você nunca se atrasa.

- Sim. Parece que alguém estacionou na minha vaga. Alguém novo aqui na empresa – desta vez seus olhos não apenas me queimavam, me fuzilavam. – Eu precisei procurar outro local para estacionar. Acredite, meu carro teve que ficar fora do estacionamento dos dirigentes. Só encontrei vaga no dos funcionários.

Pensei que minhas pernas não me suportariam devido ao tanto que tremiam. Que mancada gigantesca! Era meu primeiro dia e minha

imagem já estava completamente queimada. Ninguém havia me avisado que aquele era o estacionamento dos dirigentes, muito menos que aquela vaga era justamente a dele.

Agora não apenas as minhas bochechas estavam vermelhas, mas todo o meu rosto. Podia sentir o rubor se espalhando pelas minhas orelhas e descendo pelo meu pescoço. Nicole pigarreou ao meu lado. Então entendi que seu olhar não era o que eu pensava. Ele estava com raiva de mim. Meu chefe me odiava em meu primeiro dia de trabalho. Eu estava completamente fodida.

- Bom... – Nicole começou a falar. – Esta é a nova secretária, Melissa Simon, que substituirá Abgail durante os quatro meses de seu afastamento.

Eu o encarei, completamente apavorada. Ele ainda me olhava do mesmo jeito. Tive ímpetos de fugir daquela sala, mesmo que fosse pela janela. Entretanto, minha covardia era tanta que não me permitiu fazer isso. Nicole passou para as mãos dele um papel que deduzi ser a minha ficha,

ou algo parecido. O Sr. Carter não levou dois segundos analisando-a.

- Acho que alguém precisa explicar a Srta. Simon nossas regras e o quanto o meu tempo é precioso para que eu o perca por motivos banais, como não encontrar a minha vaga disponível.

Meus lábios se abriram para responder, no entanto minha voz não saiu. Confusa e atormentada por tantos desencontros apenas percebi Nicole falar.

- Não se preocupe Robert. Melissa e eu vamos fazer hora extra hoje para que possa colocá-la a par da sua rotina de trabalho – ela parecia embaraçada.

- Ninguém nesta empresa faz hora extra, a não ser que seja estritamente necessário – repreendeu olhando-a atentamente. Nicole o encarou e parecia irritada, mas sua voz saiu suave.

- Eu conheço perfeitamente as regras, Sr. Carter. Sou a responsável por elas – seus olhos chameçaram. – Eu e Melissa não faremos isso aqui. Apenas vamos passar algumas horas juntas, após o expediente, para que amanhã, ela esteja

mais bem preparada para exercer suas funções – pensei em questionar, mas quem era eu para dizer qualquer coisa depois de tantas mancadas?

- Ótimo! – sem olhar novamente para qualquer uma de nós. – Srta... Simon? – senti choques pelo meu corpo só pela forma como ele falou meu nome. – Já que é a responsável, conserte. Sua primeira responsabilidade é devolver meu carro ao seu devido lugar – estendeu a chave sem me olhar. Seus olhos estavam atentos às correspondências que estavam sobre a minha mesa.

- Mas... – Eu ia protestar. Como eu saberia qual era o seu carro? E não tinha culpa, foi apenas um equívoco.

- Em dez minutos chamarei a senhorita para lhe passar sua segunda responsabilidade – puta que pariu!

Quando Abgail reclamava do gênio dele não podia imaginar que era disso que ela falava. Sem pensar duas vezes peguei a chave e fui em direção ao elevador. Pelo canto dos olhos vi que Nicole deu alguns passos em minha direção.

- Você fica, Nick. Você também, Alexa. Precisamos conversar – foi incisivo. Logo depois ouvi a porta se fechar atrás de mim, ficando apenas o silêncio absoluto.

CAPÍTULO 2

Tentei não transpirar, mas foi impossível. Praticamente corri com a chave do poderoso Carter na mão, apertando o chaveiro da trava desesperadamente para ver qual carro destrancaria. Graças a Deus logo consegui identificá-lo. Dirigir foi mais complicado. O medo de causar mais dano, além dos já causados, me fez dirigir tão rápido quanto uma lesma. Troquei meu carro de vaga com o dele e em seguida corri de volta para o elevador.

Com certeza meu rosto estava corado e meu cabelo em desordem. Passei os dedos para tirar os nós que se formaram pelo contato com o vento tentando organizar aquela bagunça toda. Respirei fundo diversas vezes disfarçando meu nervosismo quando o elevador parava em algum andar. Com três elevadores no prédio parecia que todos resolveram pegar justamente o meu. Por sinal, era o único que ia para o 16º andar.

Quando consegui chegar, a sala estava vazia. Nada de Nicole ou Alexa. A porta do Sr.

Carter estava entreaberta, como se me aguardasse. Pela parede de vidro eu podia vê-lo sentado em sua imponente cadeira, localizada atrás da sua imponente mesa de presidente. Tudo nele era desta forma: imponente. Céus! Ele era lindo, mesmo nessa posição tão arrogante. Caminhei até a minha mesa, indecisa sobre o que fazer.

- Srta. Simon.

Ouvi sua voz forte e áspera me chamando. Sem parar em minha mesa, como planejava, entrei vagarosamente em sua sala. Apenas o zumbido baixo, quase imperceptível do seu computador, somado ao barulho do meu salto, ecoava no ar. Meu coração martelava no peito com tal força que tive medo que meu chefe pudesse ouvir e por causa disso inventasse mais algum tipo de punição para mim. Estava realmente incomodada pelo que ele fizera. Que bela maneira de dar boas vindas a uma nova funcionária. Era quase o mesmo que jogá-la janela afora.

Fiquei incontáveis minutos parada sem que ele ao menos se dignasse a me olhar. O Sr. Carter ora analisava um papel a sua frente, ora analisava

a tela do seu computador, sem parecer notar a minha presença. Comecei a ficar impaciente. Meus pés doíam, pela corrida e pela posição tão ereta por tantos minutos.

Comecei a olhar ao meu redor, para passar o tempo. A sala realmente era como um aquário. Totalmente feita de vidro. Transparência para todos os lados. Mas pude notar que, apesar dele deixar claro pela arquitetura do local, que tudo ali estaria à vista de todos, havia persianas, recolhidas, prontas para serem utilizadas em algum momento nem tão transparente.

Notei que não existia armário. Apenas móveis decorativos e baixos, como a pequena peça que ficava ao fundo contendo diversos livros. Dois conjuntos de sofás davam à sala a aparência de receptividade. Um longo tapete felpudo na cor crua alimentava a ideia de conforto que a sala transmitia, apesar de toda a sua elegância. Eu deitaria naquele tapete com muita facilidade.

Uma mesa grande com seis cadeiras, também de madeira ficava no extremo contrário ao que o Sr. Carter estava, contudo, mais próximo

a ele, havia outra menor, mais baixa com duas cadeiras e, no centro dela, um jogo de xadrez. Cada peça parecia uma joia de inestimável valor. Eu podia ver o ouro que as esculpia, só não conseguia identificar as pedras que adornavam seus detalhes.

- Quando acabar com a inspeção... – sobressaltei-me com a sua voz. Era uma acusação tão nítida que chegava a ser constrangedora.

- Desculpe-me!

- Não é o suficiente – fiquei espantada com a facilidade com que ele conseguia ser intragável. – A senhorita agora trabalha para um CEO. É importante que esteja atenta a todas as necessidades deste setor. Deve estar sempre à disposição – ele me olhava censurando minha atitude. Eu só estava observando a sala. Será que isso era um crime?

- Sinto muito – eu sentia mesmo. Mas minha vontade era de gritar e dizer a ele o quanto era insuportável. Algumas lágrimas se formaram, contudo lutei bravamente contra elas.

- Está atrasada – voltou a olhar apenas os papéis. Eu estava atrasada? Acho que perdi algo. O Sr. Carter me encarou. – Eu disse em dez minutos. A senhorita chegou em treze. São três minutos de atraso. Sem contar que deveria ter se apresentado com meia hora de antecedência, para que Alexa e Nicole pudessem instruí-la adequadamente – ele apoiou os braços na mesa projetando um pouco o corpo e cruzando as mãos à sua frente. Seus dedos cobriam a boca. Suas expressões tornaram-se um perfeito mistério para mim.

- Eu não sabia.

- Não toleramos atrasos, Srta. Simon. A Srta. Nicole irá lhe explicar melhor à noite quando, estiver representando o papel de sua babá, enquanto perde uma reunião em família. Espero que seja grata a ela por isso e que da próxima vez perceba que um atraso seu acaba causando problemas para todos.

Meu queixo literalmente caiu. Como ele conseguia ser tão insuportável? Estava quase

acreditando que Abby sofreu aquele acidente para se ver livre dele por um tempo.

- E agora a senhorita está me fazendo perder ainda mais tempo – como assim? Minhas mãos se abriram em resposta. Eu estava desarmada. – As agendas – disse indicando a porta.

Pensei que correria, porém meus pés pareciam pesados. Caminhei até a mesa, peguei as agendas e também uma caneta, para o caso dele achar que eu estava desperdiçando, ainda mais, seu precioso tempo. Voltei à sala parando em frente a sua mesa.

- Pronto, Srº Carter... – ele levantou uma das mãos impedindo-me de continuar. Seus olhos continuavam baixos lendo algo. Quando acabou olhou para mim e sorriu irônico. Era absurdamente sexy.

- Srta. Simon, a senhorita tem voz? Pensei que apenas se comunicava com os olhos assustados – riu baixinho com ironia.

Senti uma enorme vontade de atirar suas agendas coloridas no chão e ir embora, mas algo me dizia que ele estava me testando. Eu seria

forte. Não o deixaria me intimidar. Ele apenas indicou a cadeira com um olhar. Sentei com as agendas no colo.

- Acredito que não houve tempo para Alexa ensiná-la como proceder quando chego à empresa.

- Não, Sr. Carter.

- Preciso saber o que tem agendado – ele se virou para o computador a sua frente e digitou algo. Olhei para meu colo, indecisa sobre qual agenda deveria abrir primeiro. Resolvi começar pelos compromissos internos. Era mais provável que ele estivesse interessado nestas informações, já que estava lá para trabalhar. Abri a agenda branca procurando pela data.

- O Sr^o tem uma reunião às 11:00h com o gerente da fábrica de peças.

Levantei os olhos bem devagar percebendo que ele me olhava como se buscasse por algo dentro de mim. Eu podia sentir uma parte minha que gostaria muito de ser encontrada por ele, latejando.

Que mania absurda de desejar o que é perigoso, não posso e não devo. Desde criança era assim. Só queria o que minha mãe dizia que não poderia ter. Não que eu quisesse alguém como o Sr. Carter, ele era insuportável, lindo, exalava sensualidade e, definitivamente, era algo que não poderia ter, além disso, era extremamente perigoso, ou seja: era proibido para mim.

- Começamos sempre pela agenda preta, senhorita Simon – pronto, mais um ponto negativo.

Ele passou os dedos longos por entre os cabelos perfeitamente arrumados. Era um gesto impaciente e nervoso, no entanto seus dedos me fizeram pensar em outras coisas. Deus! O que estava acontecendo comigo? Aquilo era loucura.

- Desculpe-me!

- Não se desculpe, Srta. Simon – voltou sua atenção para o computador. – A agenda preta, por favor! – a indiferença em sua voz fez com que eu me sentisse ridícula. Peguei a agenda e procurei pela data, sentindo-me completamente desorientada.

- Reunião às 15:00h com representantes brasileiros.

- Hum! – ele pegou uma caneta prateada e anotou a informação em sua própria agenda. Para que ele queria que eu cuidasse da agenda se tinha a sua? – A senhorita fala português?

- Não.

- Como poderá me acompanhar a esta reunião se nem ao menos entenderá o que eles vão dizer? – fiquei sem saber o que responder. Definitivamente eles não me disseram nada sobre falar português.

- Eu falo espanhol – foi o melhor que consegui.

A ironia estava estampada em seu rosto.

- Quando chegar à reunião vai entender que é um absurdo achar que pode entender português apenas porque fala espanhol.

Como se nada tivesse sido dito entre a gente ele consultou seu relógio de pulso, que me mostrava o quanto ele era rico, depois voltou a olhar o computador a sua frente.

- Qual o nosso horário de saída?

Olhei para a agenda procurando pela informação, mas não tinha nada. Apenas uma anotação de que eu receberia um contrato para imprimir e entregar a ele até às 12:00h daquele mesmo dia. Voltei a olhá-lo. Já sabendo que estava, mais uma vez, sendo incompetente. Ele me aguardava com impaciência.

- Onde será a reunião, Srta. Simon? - olhei novamente para a agenda. Desta vez percebi aliviada que a informação existia.

- Sala presidencial de reuniões do

Trump International Hotel & Tower Chicago,

Senhor.

- Iremos de carro? – voltou a olhar seu computador. Aquilo estava se tornando insuportável.

A informação não constava nas anotações da Abby. Droga! Eu fui jogada naquele emprego, sem nenhum preparo. Pensei que poderia, mas a cada minuto percebia que era impossível conseguir acertar.

- Onde posso encontrar essa informação? – fui honesta com ele.

De nada iria adiantar ficar me desculpando pelos meus erros, quando nem sabia o que fazer para não cometê-los. Ele riu com escárnio passando mais uma vez as mãos pelos cabelos.

- Srta. Simon, o que está fazendo aqui?

Seus olhos cravaram em mim enquanto suas mãos caíram espalmadas sobre a mesa. Fiquei espantada e envergonhada ao mesmo tempo. Ele es-

tava deixando claro que eu não estava apta a ocupar aquele cargo. Pelo visto, não estava mesmo. Mordi meus lábios sem saber o que deveria responder. Tinha consciência de que minha atitude apenas demonstraria o quanto me sentia derrotada, no entanto, por mais que lutasse contra, estava convencida de que seria impossível não me sentir daquela forma. Ao mesmo tempo sentia a revolta crescendo dentro de mim. Durante todo o momento fui punida por coisas que não sabia que não podia fazer.

– Como veio parar neste cargo? – olhei-o com raiva. O que ele estava pensando? Que podia humilhar as pessoas e tudo bem? Ele podia ser importante, rico, até mesmo bonito e sexy, mas não podia me tratar daquela forma.

- Fui contratada por causa da minha formação, Sr. Carter. Sou formada em economia. Posso um excelente currículo. Não falo português, no entanto falo fluentemente espanhol, francês e alemão, isso já deveria ser suficiente para qualquer empresa. Posso experiência na área em que estou tentando atuar desde que cheguei aqui,

porem não tenho como adivinhar a forma como a empresa funciona, porque nada me foi informado sobre isso.

Enquanto falava ele me observava sem demonstrar nenhuma emoção. Devia estar se divertindo com o meu ataque histérico. Este pensamento alimentou ainda mais a minha raiva.

- Perdoe-me se não sei usar suas burocráticas agendas coloridas, por outro lado, sei usar com muita eficiência meu *iphone* que pode fazer a função das três juntas. Além de agendar a sua reunião, pode também indicar o melhor itinerário para o senhor chegar lá em tempo hábil. Sou uma pessoa muito curiosa, para as coisas que me interessam, então não vejo crime algum em observar a sua sala enquanto o senhor finaliza algo ou prioriza o seu computador. Também não tenho culpa se ninguém me avisou que deveria chegar trinta minutos mais cedo para aprender sobre a sua difícil e complicada rotina. E, não acho justo a Srta. Nicole perder a noite dela para me explicar isso, apenas para satisfazer o seu ego, quando

posso perfeitamente bem chegar mais cedo amanhã e ouvir o que ela tem para me ensinar.

Como ele não dizia nada, apenas observava o meu desabafo, me levantei deixando as agendas na cadeira e apontei meu dedo indicador em sua direção. Era desrespeito, mas eu já estava jogando toda a merda no ventilador, então aquilo seria apenas mais uma parte dela.

- Não tenho culpa se seu porteiro não me avisou que existia um estacionamento para os mortais e outro para os deuses. Foi muito desumano da sua parte, me mandar estacionar o seu carro só porque cometi um equivoco. Da próxima vez chegue mais cedo para conseguir garantir a sua vaga – percebi um sorriso se formando no canto da sua boca. – Ah, o senhor tem razão, Sr. Carter, não estou apta para ocupar este cargo, mas eu fui o que melhor vocês conseguiram. Apparently ninguém fica aqui muito tempo sem que precise jogar seu carro contra uma árvore para se ver livre de certas pessoas – seus olhos se estreitaram, logo entendi que estava em maus lençóis.

CAPÍTULO 3

Acordei já sentindo o sabor amargo do início do meu dia. O anterior tinha sido muito difícil. Problemas e mais problemas. Parecia que nunca conseguiria achar uma solução. Sentia-me um prisioneiro. Um eterno prisioneiro das minhas próprias ações e decisões. Eu teria que pagar por todas as minhas escolhas com uma eternidade de sofrimento.

Por isso quando cheguei à empresa, odiando tudo o que me conduzia a ela, principalmente as circunstâncias, e encontrei um carro velho, modelo antigo, que era uma verdadeira ameaça aos demais motoristas de Chicago, bem na minha vaga, quase fiz um bem a humanidade e o destruí ali mesmo. Sim, porque se aquele projeto inacabado de carro batesse em outro, daria um enorme trabalho recolher os seus destroços, e, se fosse em alguém então, a pessoa com certeza morreria de tétano. Que merda era aquela? Minha vaga tinha se tornado um depósito de ferro velho?

Dirigi aborrecido pelo estacionamento dos funcionários só conseguindo uma vaga no fundo, distante de tudo, exposta ao sol e a chuva. Não tive escolha, era deixar o carro ali ou na rua. Dei uma última olhada para o veículo que tanto estimava jurando a mim mesmo que processaria quem tinha tomado a minha vaga, caso alguma coisa acontecesse a ele. Caminhei verificando meu atraso através do relógio de pulso, o que me irritou ainda mais. Quem teria sido idiota suficiente para estacionar em minha vaga?

Peguei o elevador. Acredito que minha cara impediu que outras pessoas entrassem junto comigo, à medida que ia parando pelos andares do prédio. Meu celular tocou, olhei o identificador de chamadas vendo o nome Tanya escrito nele. Não atendi.

Chega de problemas como café-da-manhã.

Assim que a porta abriu, entendi o porquê do meu estresse. A secretária substituta. Só poderia ser ela. Com tantas coisas na minha cabeça, acabei me esquecendo de que finalmente poderia devolver Alexa a Bruno. Vi Nicole e Alexa me

lançarem olhares especulativos, mas a garota continuava de costas. Deu para ter uma bela visão da sua bunda. Hum! Ela até que era jeitosa. Corpo bonito, cabelos arrumados, bem vestida. Não tão bem, mas da maneira correta. Então ela se virou. Seu rosto era lindo. Um pouco infantil, mas lindo. Traços finos, lábios grossos e olhos perfeitamente verdes. A garota era incrível.

Ela me encarava com ansiedade. Eu sabia identificar aquele olhar. Era mais ou menos como um costume para mim, receber olhares daquela forma. Estava deslumbrada com a minha beleza, ou com meu porte. Ela mal podia esperar para ver o que existia por trás disso tudo, no entanto fiquei surpreso comigo por sentir prazer em ser admirado por ela. Porém havia algo a mais naquele olhar. Alguma coisa que me deixou intrigado e ao mesmo tempo atçou meu sensor de alerta. Era como se a garota frágil a minha frente fosse um perigo.

Tudo bem, ela era linda. Mas era apenas uma mulher e eu estava de péssimo humor. Por outro lado, a mesma sensação que me intrigava,

me impelia a agir, a avançar. Poucas vezes tive esta vontade. Depois de tudo o que Tanya tinha feito em minha vida, fiquei cada vez mais distante destas conquistas adolescentes. Para mim, mulher e sexo estavam sempre na mesma frase. Mas não necessariamente com a mesma importância.

Sua beleza somada à forma como me fez desejá-la, apenas com o primeiro olhar, me deixou realmente desconcertado. Eu ainda estava com raiva, além de que, seu rosto corando me fez sentir uma vontade irresistível de confrontá-la. Parecia um bichinho acuado. Com medo de mim, com medo de tudo. Deveria ter mesmo. Eu, com certeza, não seria uma boa pessoa para ela. Era melhor deixar este ponto bem claro. Sua aparência frágil, quebrável, me fez entender isso quase que instantaneamente. Se aquela garota pudesse ao menos imaginar as coisas que fiz nesta vida, todos os meus passos absurdos, egoístas e as suas consequências, com certeza se partiria ao meio.

- Sr. Carter.

Alexa falou de maneira polida. Ela nunca me chamava desta forma, já que se casaria com meu irmão e tínhamos intimidade o suficiente para deixar as formalidades de lado, mas não expressei minha surpresa, com certeza estava ensinando à garota como deveria se dirigir a mim.

- Bom dia, Alexa, Nicole – não consegui deixar de olhá-la. Ela ficou ainda mais vermelha. Era estonteante! E eu poderia fazê-la corar de uma forma inacreditável.

- Robert. Aconteceu alguma coisa? Você nunca se atrasa.

Ah, claro! Eu nunca atraso, mas pelo visto, aquela garota entrou em minha vida para me fazer quebrar algumas regras. Não. Eu não poderia quebrar as regras. Seria arriscar demais. Imediatamente me lembrei de Tanya e da ligação que me recusei a atender. O que ela queria?

- Sim. Parece que alguém estacionou na minha vaga. Alguém novo na empresa – olhei para ela deixando claro que não tinha gostado. – Eu precisei procurar outro local para estacionar. Acredite, meu carro teve que ficar fora do esta-

cionamento dos dirigentes. Só encontrei vaga no dos funcionários.

Quase ri ao vê-la tão constrangida, mas mantive minha cara emburrada. Seria um belo jogo fazê-la desmoronar. Talvez fosse o correto a ser feito. Deixá-la fugir seria mais seguro do que mantê-la por perto, tendo em vista que, mesmo sem trocarmos nenhuma palavra eu já me encontrava desconfortável com a sua presença.

- Bom... – Nicole também estava constrangida. Eu teria que suportar um imenso interrogatório da minha irmã tão logo conseguisse me livrar da secretária. – Esta é a nova secretária, Melissa Simon, que substituirá Abgail durante os quatro meses de seu afastamento,

Peguei algumas folhas de papel que Nicole estendeu em minha direção sem me dar ao trabalho de fingir algum interesse nelas. Não conseguia me concentrar. “Melissa Simon. Isso vai ser divertido. Vamos ver por quanto tempo a garota ainda vai me olhar deste jeito”. Contaria os segundos para que ela saísse correndo e chorando

da minha sala. Eu lhe daria bons motivos para fazer aquilo.

- Acho que alguém precisa explicar a Srta. Simon nossas regras e o quanto o meu tempo é precioso para que eu o perca por motivos banais, como não encontrar a minha vaga disponível.

Lancei um breve olhar em sua direção e vi sua boca aberta, chocada com a minha forma rude de dar boas vindas. “Se acostume, Melissa. Você ainda não viu nada”. Ouvi Nicole falando algo sobre fazer hora extra. Que porcaria era aquela? Minha irmã sabia que eu não permitia. Ela que tratasse de colocar aquela garota nas conformidades da empresa, ou então encontrasse outra funcionária.

- Ninguém nesta empresa faz hora extra, a não ser que seja estritamente necessário.

Ignorei o olhar ameaçador de Nicole para mim, assim como a sua justificativa. Tentava manter a atenção em meu trabalho, mas a garota, Melissa, continuava a minha frente, assustada, corando cada vez mais. Era muito difícil me concentrar. Por isso não ouvi o que Nicole falou logo

em seguida, porém precisava responder. Não podia deixar que minha fraqueza por mulheres bonitas destruísse a minha imagem de CEO mais competente da cidade.

- Ótimo! – sabia que esta seria uma boa resposta para qualquer coisa que Nicole dissesse. Voltei minha atenção para Melissa. – Srta. Simon? Já que é a responsável, conserte. Sua primeira responsabilidade é devolver meu carro ao seu devido lugar.

Estendi minhas chaves para ela, implorando que nada de ruim acontecesse ao meu carro. Eu poderia pedir a qualquer pessoa mais competente, mas sem querer, a ideia já estava formada em minha cabeça. Aquilo deveria ser o suficiente para apavorá-la. Sabia que deveria mantê-la distante de mim, ao menos da forma como era necessária. Não seria nenhuma novidade se ela abandonasse o cargo antes de voltar a minha sala.

- Mas... – fitei seus imensos olhos verdes e quase me perdi neles. Seu rubor estava ainda mais acentuado. Era uma combinação perfeita em

uma pele tão clara. Imaginei como ela ficaria se eu... Não. Melhor nem imaginar.

- Em dez minutos chamarei a senhorita para lhe passar sua segunda responsabilidade.

Imediatamente ela caminhou em direção ao elevador. Não me dei ao trabalho de olhá-la, mas Nicole ia segui-la e eu precisava conversar com minha irmã antes. Também não precisava de ninguém dizendo a Melissa que eu não era o monstro que aparentava. Era apenas um dia ruim que em nada tinha a ver com o carro dela ocupando minha vaga.

- Você fica, Nick, você também, Alexa. Precisamos conversar – entrei em minha sala. Bastou o elevador fechar as portas para Nicole iniciar a sua inquisição.

- O que você está fazendo? Quer que ela vá embora? – não respondi. Sentei em minha mesa e liguei o computador. – Eu não consegui ninguém com um currículo tão bom quanto o dela e Alexa não pode deixar Bruno sozinho por mais tempo.

Bufei. Bruno era bem grandinho para conseguir ficar sem a namorada por um período. Abri

meu e-mail. Um milhão de novas mensagens. Meu dia normalmente começava cheio. Cinco mensagens de Mennie. Era melhor Nicole não ver aquilo. Eu já tinha problemas demais.

- Ela estacionou em minha vaga – falei já sem paciência. – Nicole, eu preciso de alguém que entenda o significado da palavra “regras” – estava fazendo questão de ser detestável.

- Você é inacreditável! Não dificulte o meu trabalho, Robert, ou então, eu juro por Deus, não vou mais me importar com quem você colocar aqui dentro. Eu juro por Deus! – a única saída seria ignorá-la.

- Alexa? – Nicole se irritou e me deu as costas.

- Acho que a Melissa dá conta – Alexa falava enquanto acompanhava a reação de Nicole. – Conversamos pouco, mas posso passar algum tempo ensinando a ela.

- Não quero perder meu tempo precioso – aproveitei para abrir o e-mail de Mennie. A mesma coisa de sempre. Queria me ver. Saber como eu estava. Tregar uma tarde inteira.

“Quando ela me deixaria em paz?” Apaguei a mensagem.

- Não vai ser necessário. Ela é muito atenciosa. Tenho certeza de que vai se enquadrar rapidamente.

Alexa estava doida para voltar a seu cargo ao lado de Bruno. Pelo amor de Deus! Ninguém na empresa conseguia levar o trabalho à sério? Eles tinham a noite inteira para qualquer outra coisa.

- Ela vai correr antes que o dia acabe.

- O que? – Nicole ficou enfurecida.

- Essa tal Melissa parece uma criança assustada. Não tem condições de aguentar o meu ritmo de trabalho – ela nem imaginava o quanto.
– Aposto meu salário como essa garotinha vai embora correndo desta sala antes do dia terminar.

- Você é um idiota, Robert.

- Vá trabalhar, Nicole – esbravejei. – Você também, Alexa. Eu posso me virar com a garota nova.

- Melissa Simon – Nicole me corrigiu antes de sair da sala.

- É. Melissa Simon – que agora ocupa meus pensamentos mais do que deveria.

Sozinho em minha sala pude voltar à pequena briga por telefone com Tanya. Ela nunca me deixaria livre daquilo. Todos os dias da minha vida eu seria punido pelas escolhas que fiz. Mesmo tendo tudo arrancado de mim. Mesmo não havendo esperança para a felicidade. Mesmo eu transformando a minha vida neste campo de batalha que era conviver com meu próprio passado. Não havia esperança para mim e teria que conviver com isso.

Todos os dias eu tentava apagar as lembranças com conversas animadas, bebidas no fim da tarde, além de ter uma ou outra noite uma mulher qualquer em minha cama, mas quando o sol ia embora e quando me encontrava sozinho no meu quarto, era impossível me esquecer de cada palavra dita, cada escolha feita. Tudo me condenava à escuridão eterna que era estar dentro de mim mesmo. Este detalhe ninguém seria capaz de enxergar, ninguém seria capaz de desfazer.

Eu não ouvi o elevador chegando, mas vi a movimentação na recepção. Logo supus que era ela. Imediatamente liguei a câmera que me mantinha informado de tudo o que acontecia em minha sala, assim pude observá-la sem precisar de tanto tato. Dei o zoom adequado fechando a imagem nela.

Estava desgrenhada, apesar do esforço para recompor a imagem. Ofegava. Eu podia ver as curvas de seus seios subindo e descendo devido à respiração acelerada.

Não consegui identificar se o rubor em seu rosto era pelo esforço ou pela vergonha. Estava maravilhosamente sexy. Melissa parecia inocente, mas seus olhos deixavam claro para mim que ela não era. Precisava apenas de um pequeno empurrão. Que não seria eu a dar.

- Srta. Simon.

Solicitei a sua presença. ‘Vamos acabar logo com isso’. Ela entrou em minha sala. Cuidei de fingir que analisava algo em meu computador. Na verdade, troquei a câmera para poder assisti-la daquele ângulo. Ela estava realmente muito

assustada. Peguei as folhas de papel que Nicole tinha me entregado e fingi estar analisando-as, olhando de tempos em tempos para ela através da minha tela do computador.

Ela era bastante observadora. Prestava atenção em tudo. Analisava a sala, o ambiente. Tudo o que seus olhos conseguiam alcançar. Estava impaciente, ansiosa. Repentinamente senti-me ansioso também. Era como se existisse uma necessidade de falar algo. Fiquei incomodado.

- Quando acabar com a inspeção... – sentia vontade de confrontá-la. Queria realmente vê-la fugir. Sua atenção se voltou para mim. Seus olhos eram puro choque.

- Desculpe-me! – ah não! Ela era a típica garota submissa, vulnerável. Uma garotinha assustada e totalmente hipnotizada por mim. Era uma presa fácil. Eu precisava tirá-la dali o quanto antes.

- Não é o suficiente. A senhorita agora trabalha para um CEO. É importante que esteja atenta a todas as necessidades deste setor. Deve es-

tar sempre à disposição – este era o meu discurso tradicional. Nas minhas empresas todos os funcionários deveriam estar à disposição, por isso chegavam antes e colaboravam para o funcionamento geral da organização.

- Sinto muito – completamente submissa. Ela mordeu os lábios e desviou o olhar. Eu poderia fazer o diabo com aquela menina. Eu queria fazer aquilo?

- Está atrasada – precisava fugir dos meus pensamentos. Ela não era forte o suficiente para mim. – Eu disse em dez minutos. A senhorita chegou em treze. São três minutos de atraso. Sem contar que deveria ter se apresentado com meia hora de antecedência, para que Alexa e Nicole pudessem instruí-la adequadamente.

Enquanto eu falava ela enrijecia. Seus olhos atentos e espertos me fuzilavam. “Oh! Uma mudança significativa”. Inclinei para frente analisando-a diretamente, sem utilizar as câmeras. Até onde ela aguentaria?

- Eu não sabia – vamos lá, Melissa! O que você pode fazer por mim? O que você é? Frágil ou forte?

- Não toleramos atrasos, Srta. Simon. A Srta. Nicole irá lhe explicar melhor à noite quando, estiver representando o papel de sua babá, enquanto perde uma reunião em família. Espero que seja grata a ela por isso e que da próxima vez perceba que um atraso seu acaba causando problema para todos.

Era isso. Eu podia ir além. Podia forçá-la um pouco mais. Sabia que depois de tudo ela poderia ir embora chorando ou me enfrentar e mostrar do que realmente era capaz.

– E agora a senhorita está me fazendo perder mais tempo. As agendas – respondi depois de entender seu olhar perdido. Ela iria chorar, com certeza. Seria divertido e Nicole me mataria.

Pela câmera a vi andar cansada até a mesa para pegar as agendas. Voltou se arrastando ainda mais, parando a minha frente. Não a deixei continuar. Melissa ficava interessante quando contrariada. Seus olhos se apertavam e ela mordida os

lábios, além de poder ver a sua respiração acelerar, o que possibilitava assistir as suas curvas dos seios dançando.

- Srta. Simon, a senhorita tem voz? Pensei que apenas se comunicava com os olhos assustados – ri deliciado com a minha atuação. Sugeri que ela sentasse. Podia senti-la caindo e tremendo. Era melhor sentar. – Acredito que não houve tempo para Alexa ensiná-la como proceder quando chego à empresa – Alexa tinha feito o que era possível.

- Não, Sr. Carter – outra vez submissa, mas seu queixo empinou. “O que é você Melissa?” Vi-me ansioso demais para descobrir.

- Preciso saber o que tem agendado.

Desviei outra vez a minha atenção. Não queria vê-la daquela forma. Ela começou a falar dos meus compromissos. Tão diferente de Abigail que era sistemática. Melissa era algo mais que não me deixava descobrir. Escondia a sua verdadeira face. Tinha muito mais dela que não transbordava. Eu queria que transbordasse. Quer-

ia desvendá-la, saber o que existia no seu íntimo. Resolvi provocar um pouco mais.

- Começamos sempre pela agenda preta, Srta. Simon – passei as mãos pelos cabelos espantando os pensamentos. Eu não podia envolvê-la naquilo.

- Desculpe-me!

Não. Não. Não. Não faça isso Melissa!

- Não se desculpe, Srta. Simon. A agenda preta, por favor! – falei com indiferença, desgostoso com a complexidade que era a personalidade dela. Melissa era o inexplicável.

- Reunião às 15:00h com representantes brasileiros.

- Hum! – já que teríamos que fazer aquilo, faríamos da forma certa. - A senhorita fala português?

Que importância tinha aquilo? Abgail com certeza já tinha contratado o intérprete, como sempre fazia. Por que eu sentia aquela necessidade descabida de pressioná-la, descobrir seu limite?

- Não

Ah, Melissa! Você me dá mais e mais motivos para continuar pressionando.

- Como poderá me acompanhar a esta reunião se nem ao menos entenderá o que eles vão dizer? – que bobagem. Ela nem precisaria passar por aquela merda.

- Eu falo espanhol – quase ri.

- Quando chegar à reunião vai entender que é um absurdo achar que pode entender português apenas porque fala espanhol. Qual o nosso horário de saída?

Ela não respondeu. Seu olhar suplicava por ajuda, indo da agenda em suas mãos para mim e de mim para a agenda. Seria destruída rapidamente. Muito frágil, como eu havia pensado.

– Onde será a reunião, Srta. Simon? – com certeza a informação estava anotada na agenda. Abigail era muito eficiente. Melissa pareceu satisfeita por encontrar a resposta correta. - Iremos de carro? – voltei a observá-la pelo computador. Eu estava muito curioso, mas não devia encará-la. Ela desmontaria se fizesse desta forma.

- Onde posso encontrar essa informação? – não consegui segurar o riso.

Como eu poderia saber onde encontrar a informação? Muito provavelmente iríamos de carro. Não utilizávamos o helicóptero com tanta frequência. Principalmente para um local tão próximo. Passei as mãos pelo cabelo mais uma vez. Eu não devia ter feito aquela pergunta. A coitada se partiria em mil pedaços. Sem conseguir evitar, a pressionei um pouco mais.

- Srta. Simon, o que está fazendo aqui? – seu rosto ficou inteiramente vermelho e ela começou a morder os lábios. Aquilo era sexy. Muito sexy. E ela estava quase chorando. Era a hora de sair correndo. – Como veio parar neste cargo?

Para minha total surpresa, Melissa reagiu. Ela não saiu correndo e aos prantos como eu esperava. Seus olhos se estreitaram, seu queixo empinou. Eu me senti realmente ameaçado. Uma criatura tão pequena e frágil se fazia valente a minha frente.

Agora sim eu saberia o que ela é.

- Fui contratada por causa da minha formação, Sr. Carter. Sou formada em economia. Posso um excelente currículo. Não falo português, no entanto falo fluentemente espanhol, francês e alemão. Isso já deveria ser suficiente para qualquer empresa. Posso experiência na área em que estou tentando atuar desde que cheguei aqui, porém não tenho como adivinhar a forma como a empresa funciona porque nada me foi informado... – parei de ouvir o que ela dizia a partir daí.

Apenas olhava a forma como se expressava. Como defendia o seu direito ao cargo. Era aquilo o que eu queria, o que precisávamos na empresa. Ela era forte. Apenas se escondia atrás da imagem de menininha frágil e que precisava de cuidados. Melissa era admirável! Fiquei alarmado quando constatei que eu estava tendo uma ereção. Estava deliciado a tal ponto que não consegui impedir a minha reação física. Desejava Melissa Simon quando não poderia, nem deveria desejar. E então ela saiu da sala, batendo os pés indicando que estava indo embora. Eu não podia deixar que ela fosse. Não daquela forma.

CAPÍTULO 4

Dei as costas indo em direção à saída da sala. Queria apenas pegar a minha bolsa e ir embora daquele lugar. Desejava correr, no entanto minhas pernas pareciam gelatinas. Então me concentrei apenas em sair andando, mesmo que fosse a passos lentos.

Apesar de toda a amplitude do local era quase impossível conseguir respirar. Eu precisava com urgência de ar. Percebi que tremia. Quando o surto de adrenalina passasse, com certeza me arrependeria amargamente. Aliás, já começava a me arrepender. Minha atitude poderia comprometer minha vida profissional.

Alcancei a mesa e, antes de conseguir pegar a minha bolsa, notei a luz do telefone piscando, indicando a linha da sala do Sr. Carter, logo depois o som da chamada preencheu o ambiente. Olhei para trás buscando me certificar se era uma brincadeira, entretanto ele estava sentado, com o telefone

nas mãos, olhando para mim, sugerindo que eu o atendesse.

Com as mãos trêmulas, obedeci. Tirei o telefone do gancho aproximando-o do meu ouvido. Não foi preciso falar. Nós ainda fazíamos contato visual o que tornava a tensão no ar quase palpável.

Prendi a respiração aguardando o que ele diria. O Sr. Carter me observava através da sua parede de vidro. Seu olhar era intenso e me atingia como se estivesse me tocando. Podia senti-lo completamente. Era demasiadamente excitante. Deixei que minha mão livre me apoiasse à mesa, zozza pela intensidade daquele olhar.

Ele nada dizia.

Meus lábios se entreabriram, como que para recebê-lo e fechei os olhos, quebrando a força dos dele em mim. Ainda podia sentir seu olhar me queimando. Era loucura demais para um único dia. O que estava acontecendo?

- Srta. Simon? –tirou-me do transe. Abri os olhos para encará-lo de volta, aguardando. Tive medo. Aquilo poderia se prolongar. Ele podia ap-

rontar mais uma das dele. – Volte a minha sala, por favor.

Minhas pernas começaram a tremer na expectativa do que ele faria, contudo, como não poderia deixar de ser, obedeci ao seu comando voltando lentamente para a sua sala. Ele me acompanhou com o olhar por todo o percurso. Parei em frente a sua mesa aguardando.

– Sente-se, por favor – obedeci sentindo que meu corpo inteiro tremia.

Onde estava a minha coragem naquele momento? Eu tinha dito tantas coisas. Estava quase recuperando a minha liberdade, voltando a minha vida simples, mas harmoniosa e, de uma maneira inexplicável, estava ali novamente, sentada a sua frente, obedecendo as suas ordens.

- Sr. Carter, eu... – ele estendeu seu dedo indicador me pedindo um momento.

- Srta. Simon, eu gosto de pessoas com personalidade forte. Principalmente quando precisam defender uma posição, ou um ponto de vista. Confesso que fiquei impressionado com esta reviravolta em seu comportamento. Achei que

não passava de um bichinho acuado, mas, para minha surpresa, a senhorita reagiu – seus olhos brilharam enquanto um sorriso torto brincou em seus lábios. – Gosto de mulheres com atitude – tão rápido quanto chegou, o sorriso se desfez. – Mas não se acostume – Desviou o olhar voltando aos papéis em cima da sua mesa. – E não volte a falar comigo desta forma ou será demitida – voltei a respirar, mas minhas pernas ainda tremiam.

– Não precisa ficar até mais tarde com Nicole. Eu permito que chegue mais cedo amanhã para que ela possa lhe explicar as normas da empresa. Se ela concordar, é claro! Agora pode voltar para sua mesa e organizar as agendas em seu *iphone*. Eu não me importo. Abigail costumava separar tudo para não se perder. Apenas quero as informações necessárias na hora em que preciso. Certo? – balancei a cabeça lentamente concordando. O Sr. Carter me olhou pelo canto dos olhos. – E descubra como e a que horas iremos para a reunião. Utilize toda a sua curiosidade

para descobrir o que é importante para executar o seu trabalho. Agora vá.

Peguei as agendas sobre a cadeira, dei três passos para trás e, antes de virar para sair da sala, pude notar um pequeno, porém quase imperceptível sorriso se formar em seus lábios.

Voltei para minha mesa deixando a porta se fechar atrás de mim. Poderia dizer que estava em choque. Nunca antes tinha vivido uma explosão tão grande de adrenalina. Sentia-me esgotada e nem tinha passado metade do meu tempo ali. Se todos os meus dias fossem iguais a aquele, não precisaria mais de dieta, pelo contrário, teria que lutar para não perder peso.

Sentei e abri a agenda branca passando todas as suas anotações para meu *iphone*. Compromissos da vida pessoal dele. Nada de escandaloso ou anormal, contudo algumas informações como enviar flores para Tanya ou comprar presente de Olivia, chamaram a minha atenção. Quem seriam estas mulheres? É certo que um homem na posição dele poderia ter quantas mulheres quisesse. Ele não era apenas rico. Era rico,

lindo e muito sexy! Quando sorria então? Soltei um suspiro pesado. Ele era algo pelo qual valia a pena lutar.

Outro compromisso que chamou a minha atenção estava marcado para dali a exatamente um mês. Estava escrito “jantar com Tanya” apenas. “Nossa! Agenda concorrida”. Tive que rir.

Uma anotação rabiscada a lápis fez com que eu parasse para verificar se estava com a agenda correta em mãos. Olhei para confirmar se era realmente a agenda branca. Era. Voltei para o rabisco “*Encontro com Michael, Nathan e Vincent – Grécia*”. Seria um encontro entre amigos marcado na Grécia, ou uma reunião que deveria permanecer escondida de olhares curiosos? Suspirei e passei a informação para o meu *Iphone* agendando o encontro na data indicada, que seria em uma semana. Não era problema meu.

Abri a vermelha. Estava repleta de informações como reuniões, visitas a setores, conselhos e mais reuniões internas, além de alguns lembretes sobre planilhas, contratos, balanços...

A agenda preta não continha tantas informações quanto a vermelha, muito embora os compromissos existentes parecessem mais do que importantes. Reuniões com grupos da Arábia Saudita, Brasil, Espanha, Canadá, China, dentre outros. Quase todos com espaço de tempo significativo entre eles, Havia também duas longas viagens agendadas, uma, 20 dias à frente, para Dubai e outra para Sidney, que seria 20 dias após a primeira.

Mais uma vez me vi intrigada com o compromisso que estava na agenda branca. Será que Abgail tinha errado? Bom, eu teria que deixar como estava anotado lá, então tentei eliminar o pensamento. Era bom me apressar para conseguir todas as informações possíveis. Seria melhor evitar outro confronto com o poderoso Carter. Ri sozinha pensando neste apelido. Era perfeito!

Com todos os compromissos transferidos para o *iphone*, procurei por algo que me ajudasse a assimilar mais rapidamente minhas funções. Liguei o computador e... Puta merda! Como Abgail era minuciosa! Tudo tão perfeitamente or-

ganizado e arrumado que seria impossível alguém se perder. Já no *desktop* havia diversas pastas em ordem alfabética. Eu realmente deveria ter chegado mais cedo para visualizar tudo sem precisar armar toda aquela confusão. Senti-me péssima por não ter feito daquela forma.

Abri pasta por pasta. Todas as viagens organizadas de forma detalhada. Cada horário agendado. Todos os hotéis confirmados, meios de transporte, locais de reunião e até possíveis momentos de lazer. Quando ela se tornou tão certinha? Na faculdade Abby não era assim, no entanto sempre foi preocupada com seus compromissos. Quem diria, hein? Mas levando em consideração a pequena amostra de quem era o meu chefe eu entendia claramente o motivo da sua preocupação em ser perfeita.

Mais uma vez, havia uma pasta com algumas informações sobre a viagem para a Grécia. Caramba! Eu teria que ir junto. Apenas eu e ele, pelo que entendi. Um jato particular nos apanharia em uma semana para esta viagem. Tive que empurrar as imagens que se projetaram em minha

mente para fora. Não podia pensar em coisas deste tipo, não com o poderoso Carter.

Caramba duas vezes! Não ficaríamos em hotel e sim numa casa particular. O que aquilo significava? Não havia nada que indicasse que os outros participantes deste encontro também se hospedariam na mesma casa. Só o Sr. Carter e eu, quer dizer... Sr. Carter e Abby. Será que eles dois? Não. Eu não podia pensar daquela forma a respeito da minha amiga.

A informação que precisava para acalmar a fera estava numa das pastas. Iríamos no carro da empresa, destinado para a sua locomoção. Não era seu próprio carro. Eu precisava me adaptar rapidamente a rotina. Sairíamos às 14:30h, meia hora de antecedência. Achei pouco tempo. Imprevistos acontecem, com certeza o poderoso Carter não ficaria muito satisfeito se chegasse atrasado, mas Abby deveria saber o que estava fazendo quando agendou.

De posse da informação fiquei sem saber o que fazer. O que seria mais correto: voltar à sala dele e comunicar que já tinha as informações

ou ligar para avisá-lo? Mordi a ponta da caneta enquanto não conseguia me decidir. Aquela era uma mania horrível que tinha adquirido enquanto ainda estudava. Nada como uma caneta ou um lápis para serem degustados enquanto me perdia em questões conflituosas.

- Bom dia! – ouvi uma voz grossa e me sobressaltei.

Tirando a caneta dos lábios, vi a minha frente um homem forte, com ombros largos e um sorriso inocente. Seus olhos castanhos me analisavam, mas nada que fosse suficiente para me fazer corar. Os cabelos claros e encaracolados lhe davam um aspecto angelical. Uma pequena covinha se formava em uma de suas bochechas quando sorria. Lembrava muito um anjo. Um cupido.

- Sou Bruno Carter, diretor do setor de marketing, você deve ser Melissa Simon – estendeu a mão. Prontamente lhe ofereci a minha para um aperto forte, mais até do que eu esperava. – Alexa estará aqui em breve para ajudá-la. Ficamos com nossas atividades um pouco atrasa-

das por causa do tempo que ela precisou se dividir entre os dois setores – seu sorriso continuava amistoso. – Preciso falar com Robert. A julgar pelo sorriso que ele está me dando do outro lado do seu aquário, imagino que não preciso ser anunciado.

Ele se virou rapidamente para onde o Sr. Carter estava. Acompanhei o seu olhar, apenas para vislumbrá-lo analisando os papéis em sua mesa, no entanto ele balançava a cabeça. Mesmo estando de lado, podia enxergar seus lábios abertos num sorriso. O Sr. Bruno Carter se aproximou um pouco mais me confidenciando as suas palavras.

- Mesmo assim é melhor me anunciar. Contará como um ponto a mais para você. Robert não gosta que as pessoas entrem na sua sala sem serem anunciadas, logo você vai entender o porquê.

- Oh! Certo – me apressei em pegar o telefone.

- Ele já te assustou muito? – colocou as mãos no bolso e virou de costas para o Sr. Carter.

Na certa não queria que ele soubesse o que me dizia. Não tive tempo de responder.

- Sim, Srta. Simon?

- Sr. Carter, o... – parei sem saber o que dizer. Olhei com rapidez para o homem próximo a mim. – O Sr. Carter, está aqui.

Ouvi sua risada rouca e baixa do outro lado da linha, além da outra mais alta ainda ao meu lado. Olhei para o Sr. Bruno quando ele sussurrou para mim.

- Bruno – achei que meu rosto pegaria fogo.

- Sr. Bruno, Srta. Simon – o Sr. Carter, o verdadeiro, o poderoso Carter, respondeu do outro lado da linha. – E não precisa ficar nervosa, nem vermelha por isso. Logo a senhorita vai entender que com tantos Carter trabalhando na mesma empresa, torna-se impossível tratar a todos desta forma.

- Tudo bem – me esforcei ao máximo para não me desculpar. – O Sr. Bruno encontra-se aqui.

- Pode mandá-lo entrar – desliguei o telefone notando que o Sr. Carter ainda ria de mim.

- Ele não é sempre chato. Só quando está trabalhando – sorri timidamente.

- Acompanhe-me, Sr^o Bruno – caminhei meus contados oito passos até a porta larga da sala do Sr. Carter. Depois me retirei para que eles pudessem conversar.

Voltei a minha mesa a tempo de ouvir uma gargalhada estrondosa que identifiquei ter vindo do Sr. Bruno. Não me atrevi a olhar para trás. Aproveitei e procurei pela pasta que indicava procedimentos para reuniões internas. Abby tinha feito a maravilha de deixar cada passo perfeitamente explicado. Como o lugar de cada copo d'água, a documentação que deveria ser destinada a cada participante, além da necessidade de uma mesinha contendo café, água e chá. Fui até a copa para providenciar tudo, levando até a sala de reuniões, deixando-a como Abby havia indicado.

Como ainda estava com tempo, verifiquei os *e-mails*. Ninguém tinha me informado nada sobre aquilo, mas sendo Abby um poço de or-

ganização, com certeza estariam ligados à caixa do *Outlook*. E estavam. Eram muitos. De vários setores. Analisei um por um e, de acordo com o que tinha lido nas anotações da minha amiga, encaminhei os que eram pertinentes para o e-mail do Sr. Carter.

Logo depois da saída do Sr. Bruno, não consegui evitar a minha curiosidade. Se o compromisso na Grécia era uma armação para um encontro amoroso entre Abby e o Sr. Carter, eu deveria manter a programação ou não? Meu rosto já estava vermelho antes mesmo de me imaginar fazendo a pergunta. Mas meu chefe estava de pé, ao meu lado, sem que o tivesse percebido.

- Algum problema? – na certa meu rosto da cor de um tomate me denunciava.

- Ah! Sim... – engoli em seco. – Uma dúvida... Sr. Carter – ele se endireitou ao meu lado curvando um pouco a cabeça demonstrando curiosidade. – Os compromissos... – pigarreei para tornar minha voz mais firme. – Os que estão agendados. Devem continuar? – estreitou os olhos.

- Sim, Srta. Simon – ele ainda não tinha entendido aonde eu queria chegar.

- Existe uma... Viagem... Para a Grécia...

Ele me deu um sorriso encantador. Precisei piscar várias vezes para continuar em um nível aceitável de raciocínio. “Meu Deus! Acabei de dizer vários desaforos a aquele homem assim como ele a mim e agora estou aqui me deslumbrando com a sua beleza”. Minha cabeça era puro caos.

– Está agendada para o senhor e Abgail. Agora que ela está impossibilitada... – Não tive coragem de continuar. Ele ainda sorria.

- É uma reunião informal. Normalmente só viajo acompanhado de minha secretária, a trabalho – pensou um pouco acrescentando. – Se a senhorita ainda não se sentir preparada, posso pedir a Alexa. Como será algo informal, precisarei apenas de alguém para tratar de assuntos corriqueiros – fez um movimento com as mãos que entendi como algo sem muita importância.

De qualquer forma fiquei ainda mais constrangida além de não entender o porquê de re-

penete, ele estava sendo tão compreensivo comigo.

- Não. Tudo bem. Posso acompanhá-lo. Apenas pensei... – tenho certeza que meu rosto ficou ainda mais vermelho ao expor que eu tinha pensado algo a mais.

- Pensou?

- Que o senhor não fosse querer viajar comigo, já que ainda sou inexperiente... Aqui... Nos serviços da empresa – seu sorriso foi revelador. Ele queria rir de mim e de todo o meu embaraço.

- Tudo bem então. Pode passar este fax para mim?

Peguei o papel da sua mão ainda entorpecida pela nossa conversa. O Sr. Carter não acrescentou mais nada, saindo imediatamente em direção a sua sala. Virei atordoada para o aparelho de fax começando o processo quase que por osmose. O sorriso dele não saía da minha cabeça.

Meia hora depois o elevador voltou abrir suas portas, revelando três homens e duas mul-

heres. O mais alto entre eles se adiantou a minha mesa. O homem era jovem, cabelos loiros, parecidos com a cor do mel, porem um pouco mais claro. Lisos e cortados em uma espécie de bagunça organizada. Era tão lindo quanto o Sr. Bruno, no entanto sua beleza não era nada angelical, era mais que selvagem. Ele era intimidador, mas seu sorriso me deixava à vontade. Ele vestia um terno escuro. Quando se aproximou, percebi alguns traços finos e claros que percorriam toda a sua extensão.

- Bom dia, Srta. Simon.

- Bom dia – fiquei curiosa por ele já saber o meu nome. Deixei que apertasse a minha mão. Seu toque era suave, ao contrário do que eu imaginava.

- Paul Hanson. Sou o diretor do departamento de peças. Tenho uma reunião agendada com o Sr. Carter. Estes são Adam Simpson, diretor de pesquisas e desenvolvimento, Alec Harris, diretor de qualidade, Christine Jackson, responsável pelas relações internacionais e Joanna White, diretora de montagem e construção.

Todos apertaram minha mão de maneira educada. O Sr. Simpson, durante todo o tempo, me observava com olhar curioso. Ele também era muito bonito. O cabelo loiro-amarelado, perfeitamente liso, estava jogado para o lado e tinha olhos azuis perfeitos. Seu rosto era oval com lábios pequenos que pareciam à figura de um coração. As bochechas rosadas lembravam as minhas quando eu ficava envergonhada. Ele estava muito bem vestindo um terno também escuro e liso, mas a camisa que usava por dentro era de um corte moderno, o que o deixava mais sofisticado do que os demais.

As mulheres eram bonitas, ambas de meia idade. Trajavam terninhos bem cortados que aparentavam ser confortáveis. Os dois na cor preta. O que diferenciava uma da outra era que Christine era loira enquanto Joanna era morena com os cabelos cacheados.

- Acompanhem-me, por favor! – indiquei a direção da sala de reuniões. Após conduzir todos, voltei a minha mesa com a intenção de avisar ao Sr. Carter, mas ele já estava a minha frente.

Seus olhos presos em mim. Era insuportável aquela sensação de estar sendo invadida, como eu me sentia quando ele me olhava daquela maneira. Era como ser tocada, da forma mais íntima e depravada possível. Ele mexia comigo, não havia como negar. O pior de tudo: com certeza ele sabia muito bem disso. Senti meu rosto esquentando. Engoli em seco. O Sr. Carter permaneceu calado e sério.

- Todos já estão acomodados. Precisa de algo Sr. Carter?

- Não, Srta. Simon. Como pode ver, esta reunião é tão importante quanto à da tarde, aliás, uma está ligada diretamente a outra. Nada, nem ninguém, deve nos interromper. Entendeu?

Que mudança drástica de humor. Meu Deus! Eu teria que aprender a conviver com aquilo ou então ficaria doida antes de completar uma semana.

- Perfeitamente, Sr. Carter.

- Descobriu algo sobre a reunião da tarde? – ele franziu os lábios num biquinho mais do que sexy. Parecia que tentava não rir. Impulsiva-

mente levantei o rosto para afrontá-lo. Desta vez eu tinha a informação. Estava armada e não hesitaria em atirar.

- Sairemos meia hora antes e iremos com o carro da empresa, senhor – arqueei uma so-brancelha deixando claro que ele não me intimi-dava mais, o que fez com que meu chefe não con-seguisse evitar o sorriso, mas seus olhos desvi-aram dos meus. – Também teremos um intérprete, contratado anteriormente, que nos encontrará no hotel no horário programado.

- Ótimo. Obrigado, Srta. Simon. Com li-cença – fiquei satisfeita com a minha atuação. Mesmo com todos os conflitos, se continuásse-mos naquele ritmo, seria interessante trabalhar com aquele homem nos próximos quatro meses.

Sentei voltando minha atenção para as pas-tas que Abby tinha organizado no computador. Meu telefone tocou.

- É Nicole Carter. Robert me avisou que não precisaremos ficar aqui depois do horário. Estou ligando para agradecer – fiquei admirada.

Eu que deveria agradecer e não ela, a toda poderosa Carter.

- Ah! De nada.

- Podemos almoçar juntas. O que acha? Seria interessante. Em meia hora?

- Desculpe-me, mas não posso. O Sr. Carter está em reunião com o Sr. Hanson e mais algumas pessoas. Eu terei que aguardar. De qualquer forma, obrigada pelo convite.

- Robert está em reunião com Paul? Hum! Acredito que vai demorar mais do que imagina. Sugiro que peça o almoço dele então. Com certeza você recebeu um cardápio por e-mail. Todos recebem diariamente. Ele deve almoçar aí hoje, já que terá que sair às 15:00 h.

- Claro. Vou providenciar – fiz uma anotação para verificar o cardápio.

- Devo sugerir que solicite o seu também. Se Robert vai almoçar na sala é provável que você deva fazer o mesmo.

- Certo – fiz rapidamente mais uma anotação. – Obrigada.

- De nada. Pode me procurar sempre que precisar de alguma coisa. Acho que nos vemos amanhã uma hora mais cedo.

- Estarei aqui, pode ficar despreocupada. Obrigada outra vez... Ah! Srta. Carter?

- Nicole. Apenas Nicole. Não preciso desta formalidade – sorri aliviada. Eu detestava formalidades. Distanciava as pessoas.

- Poderia sugerir o que devo pedir de almoço para o Sr Carter? – ela riu.

- Esperta. Ponto para você – ri baixinho. – Acho que uma salada simples e frango grelhado. Robert não gosta de comida pesada antes de reuniões importantes. Solicite também vinho branco e água – anotei tudo em um bloco.

- Obrigada, Nicole! – ela era uma pessoa muito mais fácil de conviver do que o Sr. Carter.

Tratei de providenciar o almoço. Salada simples e frango grelhado para ele, espaguete tropical para mim. Eu nem sabia o que era aquela comida, mas envolvia molho branco, então achei ótimo. Pedi que enviassem em uma hora e meia. Caso percebesse que a reunião se estenderia um

pouco mais, avisaria. Aproveitei o tempo livre para conhecer melhor as pastas que estavam nas gavetas, assim entender de forma mais ampla os negócios da empresa.

A reunião acabou no exato momento em que o almoço foi entregue. Eu estava arrumando tudo na copa quando percebi a movimentação na sala de reuniões. Todos saíram aos poucos, em direção ao elevador. Apenas o Sr. Simpson e o Sr. Hanson ficaram mais um tempo com o meu chefe. Eles conversavam enquanto eu aguardava em pé, próxima a minha mesa, pronta para o caso deles precisarem de algo.

O Srº Simpson, mais uma vez, me observava com atenção enquanto os outros dois conversavam avessos ao que acontecia. Fiquei incomodada, mas pareceu que ele gostou daquela reação. Mantive meus olhos baixos até que eles caminhassem para o elevador.

- Nos falamos à noite então, Robert – o Sr. Hanson se despediu com um tapa nas costas do Sr. Carter.

- Claro. Estarei lá – a voz do meu chefe estava grave. Tensa.

Então o Sr. Carter percebeu que o Sr. Simpson não parava de me encarar. Seus olhos se estreitaram e, por alguns segundos, parecia não estar nada satisfeito. Gelei. Será que ele pensava que eu estava aceitando a paquera do Sr. Simpson? Seria péssimo.

Após as despedidas o Sr. Carter caminhou calmamente em minha direção.

- Sr^o Carter, providencie seu almoço, devo levá-lo até a sua sala? – ele me olhou admirado. Um pouco surpreso, mas não fez nenhuma objeção.

- Sim, claro.

Enquanto voltava a sua sala, arrumei tudo em um carrinho destinado a esta finalidade e levei a refeição.

- Pode deixar aí mesmo, Srta. Simon – encostei o carrinho próximo à mesa e saí em direção à copa. Era a hora do meu almoço. Eu estava faminta.

Peguei o livro que estava lendo e levei comigo. Seria um almoço solitário então, nada como um companheiro para melhorar o ambiente. Era um exemplar velho de “As brumas de Avalon”, que eu já tinha lido duas vezes, mas foi o primeiro que achei quando meu estoque de livros novos acabou. Como é de costume, sempre releio os que amo para não deixar o amor esmaecer.

Aquele era o do meu momento: uma bruxa apaixonada, um guerreiro fiel ao seu rei, uma princesa frágil e um rei de coração bom. Fiz uma anotação mental para comprar novos, os velhos estavam me deixando muito sentimental.

Servi o meu espaguete tropical num prato fundo. Sentei à pequena mesa da copa levando junto um copo com água. Abri meu exemplar para recomeçar de onde havia parado no dia anterior. Li as três primeiras linhas colocando o espaguete quente na boca. Bebi um pouco da água para aliviar a temperatura. Li mais cinco linhas e, quando ia me servir de mais uma quantidade, o

telefone começou a tocar. Levantei irritada, não gostava de ser interrompida na hora da refeição.

Mas era o Sr. Carter. Não olhei para trás para encará-lo. Só podia ser provocação.

- Sim, Sr. Carter.

- Srta. Simon poderia me acompanhar no almoço? – parei congelada pela pergunta. Ele estava me convidando para almoçar? O que significava? – E então? – olhei para os lados, confusa. Passei as mãos pelos cabelos, tentando clarear as ideias.

- Sim, senhor – minha voz estava rouca. Precisei pigarrear para que voltasse ao normal. – Só um instante.

Desliguei o telefone indo prontamente até a sala dele. Eu não sabia se me pedira para almoçar com ele ou apenas para lhe fazer companhia enquanto almoçava e me explicava alguma coisa. Então fui até a sala apenas para aguardar pelo que ele falaria. O Sr. Carter me observou atentamente com uma interrogação nítida nos olhos.

- E o seu almoço? .

- Ah! Claro... Só um instante – ele sorriu e estreitou os olhos.

Voltei para pegar o almoço deixando o livro sobre a mesa. Caminhei de volta a sala me sentando na mesma cadeira de mais cedo, deixando o prato e o copo à minha frente. O Sr. Carter me observava. Não tive coragem de voltar a comer. Na verdade, a ansiedade por estar com ele tinha acabado com a minha fome.

- O que pediu para o seu almoço? – serviu-se de um pouco de salada.

- Espaguete tropical.

- Quem lhe orientou a pedir salada para mim?

- Nicole, senhor – fiquei constrangida por ter usado o primeiro nome da Srta. Carter. Era muito cedo para intimidades. – O senhor não está satisfeito? – senti medo de ter feito tudo errado. Sabe Deus de que forma ele me puniria por mais aquele deslize.

- Não é isso. Apenas fiquei curioso, é o que eu pediria mesmo. Imaginei que alguém a tivesse

ajudado – permaneci calada, observando-o mastigar o seu almoço.

Ele era lindo até quando comia. Dava realmente água na boca. Meus olhos focaram em seu maxilar perfeitamente projetado. O movimento era encantador. Dava-lhe um ar selvagem além de místico. Imaginei aquele mesmo movimento, porem em outra situação e corei imediatamente com meus pensamentos. .

- Não está com fome? – droga! Eu estava visivelmente abalada pela sua presença.

- Não muita – peguei um pouco do espaguete me forçando a mastigar.

- O que estava lendo?

- As brumas de Avalon – não conseguia reagrupar meus pensamentos.

- Fantasia? – o fantástico sorriso torto estava brincando em seus lábios. - É o que gosta?

Algo na forma como ele falou “fantasia” me fez imaginar de qual tipo falava. Tenho certeza que corei mais uma vez.

- Eu gosto de ler.

Seu olhar enigmático me avaliou. Parecia que conseguia enxergar além da minha roupa. Era como se estivesse me despindo. Lentamente. Saboreando cada detalhe do meu corpo. Suspirei quebrando o efeito de seu olhar em mim.

- Temos uma grande biblioteca. Nicole irá lhe mostrar. Eu também gosto de ler, porém não tenho tido muito tempo para assuntos que não estejam voltados para os interesses da empresa.

- Eu entendo... Não deve ser fácil.

- Não. Não é – contemplei seus olhos perdidos no nada. Com um longo suspiro o Sr. Carter voltou a comer.

- O senhor é jovem – me atrevi a dizer. Ele deu uma risada baixa e breve. – Quantos anos tem?

- Trinta e seis.

Eu tinha apenas 24 anos. Não parecíamos tão diferentes. O Sr. Carter aparentava ser mais jovem, apesar da pose que ostentava. De qualquer forma, ele era mesmo jovem demais para ocupar aquele cargo.

Ficamos em silêncio por um instante. Cada um preso aos seus próprios pensamentos. Permaneci de cabeça baixa, brincando com a comida em meu prato. A cada segundo que passava menos interesse tinha por ela.

- O que espera trabalhando conosco? – olhei para ele, que mais uma vez me olhava atentamente. Sorri.

- No momento, espero apenas que o curto tempo que passarei aqui tenha peso suficiente para que meu currículo seja analisado com respeito por outras empresas.

- Apenas isso? – avaliei seus olhos buscando por respostas. Aonde ele queria chegar? – A senhorita é formada em economia, e com excelentes notas. Não deveria estar procurando algo em sua área? – claro que eu procurava. Mas ficar um tempo ao lado de um CEO como ele, já contava como uma grande experiência.

- Acredito que aprenderei muito enquanto estiver aqui – ele riu parecendo estar satisfeito com a minha resposta.

- Fique de olhos bem abertos então. Temos negócios com o mundo inteiro. Esse é um canteiro de informações, que pode ajudá-la e muito a entender como funciona o mercado mundial.

- Ficarei. Obrigada!

Sorvi um pouco de água e encontrei os seus olhos. Outra vez o Sr. Carter estava com os cotovelos sobre a mesa. Suas mãos cruzadas em frente ao rosto, com os polegares tocando os lábios. Mais uma vez ele parecia me enxergar além das roupas, alisando com destreza a minha pele.

Desviei o olhar para vislumbrar a sua língua passando levemente por lábios, por trás das mãos. Cruzei as pernas numa tentativa ridícula de conter o calor que me inundava. Minha respiração ficou acelerada.

O que eu poderia esperar daquele primeiro dia de trabalho, se nos primeiros instantes já estava totalmente fascinada por ele? Como um homem completamente desconhecido conseguia mexer tanto comigo? Onde estavam os meus pensamentos coerentes e corretos? Por que meu

anjo da guarda não aparecia naquele momento para me impedir de pensar tantas coisas proibidas relacionadas a aquele desconhecido sedutor? Eu estava perdida. Tinha total consciência disso, mas a pior parte era que nem cogitava a ideia de ser encontrada. Apenas nadava conforme a maré.

CAPÍTULO 5

O despertador tocou me arrancando do sono, ou melhor, do sonho. Claro que tinha sonhado com ele. Como não sonharia depois de toda a intensidade do nosso dia? Parecia tão real que deu desgosto acordar. Ainda podia sentir seus lábios na minha pele... Queimava. Que coisa mais maluca!

Ainda estava muito cansada, mesmo tendo dormido, e naquele momento, levantar era a última coisa que meu corpo queria. Dormir tinha sido difícil. Eu vivera as mais diferentes e extraordinárias emoções no dia anterior. Conhecer o Sr. Carter, naquelas circunstancias, a pequena briga, nossos, ou meus, momentos de tesão enlouquecedor, os de calma, os de provocação. Puta merda! Como iria conseguir completar os quatro meses de estágio ao seu lado, se cada segundo era repleto de sensações desconhecidas?

Levantei o corpo apenas para desligar o despertador. Precisava chegar uma hora mais cedo ou Nicole pagaria por aquele deslize. Não era justo,

principalmente porque ela estava sendo ótima comigo. Levantei de uma vez para encarar o chuveiro. Ainda me sentia flutuando com tanta novidade, principalmente a forma como eu reagia a meu chefe. A forma como ele me olhava, como me fazia sentir tocada.

Se, só com seu olhar eu ficava daquele jeito, imagine como me sentiria em seus braços? Meu corpo inteiro formigou. Não podia pensar nele daquela forma. O Sr. Carter era meu chefe. Meu lindo, sexy, charmoso e muito rico chefe. Precisava colocar a cabeça no lugar para conseguir chegar no horário.

Apesar de tudo o que aconteceu no dia anterior, ainda não entendia ou acreditava que um homem, como o Sr. Carter, pudesse sentir algum interesse por uma mulher como eu. Se é que ele realmente estava interessado em uma mulher como eu. Curiosidade? Talvez. Afinal o que eu tinha demais para atraí-lo?

Tudo bem que não sou feia, mas minha beleza é simples, completamente comum.

Um homem como ele com certeza poderia ter as mulheres mais bonitas da cidade ao alcance de suas mãos. Suspirei. Eu ainda teria que providenciar flores para Tanya e um presente para Olivia. Quem eram estas mulheres? Meu Deus! Eram tantas perguntas.

A última reunião havia demorado e também foi muito mais cansativa do que imaginava. Várias apresentações em slides e inúmeros documentos para serem distribuídos. Meus pés ainda doíam só com a lembrança. Saltos altos não eram mesmo a minha praia. Senti tanta saudade dos meus tênis velhos. Eles teriam que esperar até o fim de semana. Isso se o Sr. Carter não inventasse de marcar mais reuniões ou viagens de última hora.

Quando já estava quase terminando, ouvi o celular tocando em algum lugar. Saí do chuveiro, me enrolei rapidamente na toalha e corri para procurar pela bolsa. O som insistia em invadir o quarto me deixando a cada toque mais ansiosa, pois não me lembrava de onde a tinha deixado. Tirei as roupas usadas no dia anterior,

que estavam jogadas em cima da velha poltrona do quarto, e encontrei a bolsa embaixo de tudo. O celular ainda tocava insistentemente. Consegui atender antes que a ligação caísse.

- Melissa? – reconheci de imediato a voz de Nicole.

- Sim, Nicole?

- Onde você está? – ia responder, mas ela não me deixou falar. – Pelo amor de Deus, me diga que já chegou à empresa.

- Não. Ainda estou em casa, mas estarei aí no horário...

- Você está atrasada – Nicole parecia nervosa.

- Não. Combinei que chegaria uma hora mais cedo, ainda tenho vinte minutos – verifiquei o relógio sobre o meu criado-mudo.

- Melissa. Era para você estar aqui há dez minutos. Quando combinou com Robert uma hora mais cedo era uma hora mais cedo do que os trinta minutos que deveria chegar antes do seu horário. Ou seja, você está atrasada.

- Ai meu Deus, Nicole! Estou indo.

Corri até o guarda-roupa. Peguei uma calça preta de um antigo conjunto que ainda servia, joguei por cima uma camisa preta de botões na frente. Agradei por não ter lavado os cabelos, ou teria que sair com eles molhados, e o dia estava frio, preendi num rabo de cavalo, coloquei meu estojo de maquiagem na bolsa, calcei os mesmo saltos que eu deixara na porta do quarto na noite anterior, peguei a bolsa e corri para o carro. Demorei exatos cinco minutos para fazer tudo isso, então era muito provável que estivesse um desastre.

Dirigi o mais rápido possível, dentro dos limites estabelecidos para as ruas de Chicago, contudo só consegui chegar à empresa na hora que programara chegar antes do telefonema de Nicole. Era tão absurda aquela obsessão por horário. Sempre atrasada, sempre atrasada. Eu me sentia como se estivesse vivendo a vida de “Alice no País das Maravilhas” com o coelho e seu relógio, sempre agitado porque estava preocupado com o horário.

Desta vez, tive o cuidado de estacionar numa vaga para os mortais. Não foi muito difícil. Havia poucos carros estacionados, devido ao horário. Assim que cheguei ao quinto andar vi Nicole sentada à mesa da recepção. Seus olhos fixos no telefone a sua frente. Assim que me viu levantou de um salto começando a tagarelar.

- Melissa. Santo Deus! Que bom que chegou, eu já estava desesperada. Se Robert resolvesse ligar para conferir... Espera aí. O que é isso que está vestindo?

Olhei para mim tentando enxergar o que estava usando de tão absurdo. O que tinha de errado com minha roupa? Era uma calça e uma camisa social. Não estava deslumbrante, contudo também não estava desarrumada. Tudo bem que poderia ser algo mais glamoroso, porém não estava tão abaixo do padrão que a empresa exigia.

- Ah! Foi a primeira roupa que encontrei quando você me ligou. Ontem cheguei tão cansada que não separei nada para vestir. Achei que teria tempo. Vou me maquiar antes que todos cheguem – pela cara dela entendi que não seria

o suficiente. – Tudo bem, Nicole – suspirei derrotada. – Ficarei apenas no escritório. Hoje o Sr. Carter vai passar o dia analisando contratos e planilhas. Não temos reuniões nem compromissos externos.

Já estava prestes a chorar pela minha burrice na escolha das roupas. Pela cara de nojo dela, devia estar horrível mesmo.

- Não pode se apresentar ao Robert vestida assim. Venha comigo, acho que posso dar um jeito.

Pegou minha mão e saiu me puxando com passos rápidos através da mesma sala que no dia anterior estava cheia de funcionários me analisando. Porém, naquele momento, a sala estava vazia, o que facilitava que Nicole me levasse quase voando por entre as mesas até alcançarmos a sua porta sem maçaneta. Passamos por ela sem diminuir o ritmo dos passos. Assim que entramos, ela começou a puxar a minha camisa para cima.

- Livre-se disso. Rápido! – prontamente obedeci. – Tire a calça também. Acho que tenho

algo aqui que deve servir em você. Não usamos o mesmo número. Definitivamente – riu fazendo com que eu, imediatamente, me sentisse gorda.

Entrou no mesmo esconderijo em que estava quando a vi pela primeira vez, deixando-me no meio da sua sala vestindo apenas calcinha e sutiã. Morri de medo de ser flagrada seminua por qualquer pessoa desavisada que porventura chegasse mais cedo para resolver assuntos pendentes. Ainda bem que Nicole voltou logo segurando algo branco.

- Rápido, vista isso.

Jogou para mim o que tinha em mãos sem me olhar diretamente. Fiquei grata. Peguei já abrindo-o para analisar. Era um vestido com decote quadrado. Ficaria muito justo.

– Vamos conversando enquanto tento dar um jeito em você. Não é preciso muito para se sair bem aqui na empresa - Nicole caminhou até sua mesa voltando em seguida com diversos papéis nas mãos. – Vista-se logo, Melissa. Santo Deus! Se Robert entra aqui e pega você deste jeito nem posso imaginar a confusão que seria.

Joguei o vestido por entre os braços passando-o rapidamente pela cabeça. Como havia imaginado o vestido ficou colado demais, mas o comprimento ficou bom. Queria muito um espelho para saber o quão escandalosa estava. Não era muito normal eu vestir roupas que mostrassem tanto as minhas curvas.

- Está justo demais, Nicole.

Minha vontade era tirar aquele vestido para colocar de volta a minha calça. Pelo menos não seria constrangedor ver todos me encarando como, com certeza, ficariam se eu ousasse caminhar pelos setores com aquela roupa. Mas ela não estava prestando a menor atenção ao que eu dizia. Seus olhos imensos me analisavam, a mão direita estava no queixo enquanto seu dedo indicador roçava os lábios. A mesma mania do Sr. Carter.

- Sua pele é mais clara do que eu imaginava. Seu rosto vai ficar apagado. Vamos. Solte este cabelo – contrariada, obedeci. Puxei o elástico que prendia meus cabelos e os deixei cair por sobre os ombros. – Ótimo! Pele clara, ca-

belos escuros... Hum! – o dedo indicador dava pequenos toques nos lábios. – Acho que uma boa maquiagem vai complementar o visual. Não que sua beleza natural já não faça este trabalho, mas nada como uma maquiagem bem feita para deixar uma linda mulher ainda mais bonita.

- Nicole, eu não pretendo trabalhar desta forma, eu...

- Melissa, eu entendo disso melhor do que você – seu pé minúsculo batia no chão em reprimenda ao meu comentário. Achei graça. – A primeira regra é estar apresentável à altura da importância desta empresa, ou seja, nada de trabalhar vestida de qualquer maneira.

- Sério?

- Não. Na verdade esta regra é minha, mas parece que todo mundo aqui pensa como eu, então... – sorriu me fazendo admirá-la ainda mais. – Você trabalha para o mais importante de todos os cargos, é imprescindível que esteja sempre impecável, com boa aparência. Imagine se acontece um imprevisto, e Robert precise participar de uma reunião com algum figurão? Já pensou como

seria constrangedor você estar vestida de qualquer jeito? Um homem no cargo dele não pode ser acompanhado por uma pessoa que não demonstre esmero com a sua aparência.

- Eu não estava tão horrível assim – tentei convencer a mim mesma.

Se aquilo tudo fosse verdade eu estava completamente perdida. Minhas roupas não eram tão maravilhosas. Sempre preferi roupas soltas, sobretudo confortáveis. Até aquele momento nunca havia sido um problema.

- Ah, estava sim. Sinto muito! Sou mesmo muito crítica. Sua roupa de ontem estava aceitável, mas a de hoje... Hum, hum! – ela virou a cabeça de um lado para o outro em negativa.

- Venha. Vou maquiando você enquanto conversamos.

- Estou faminta, nervosa, precisando de um café ou então vou ter um colapso nervoso a qualquer momento.

- Café preto? – arqueou uma sobrancelha. Balancei a cabeça concordando com a sua sugestão. - Igual a Robert. Interessante – Nicole se

virou para puxar uma cadeira praticamente me jogando sobre ela. – Teremos tempo. Agora, vamos ver qual a melhor base para seu tipo de pele. Claro que sua pele é fantástica! Não precisa de mais do que lápis, rímel e batom, porém é sempre bom fazer o serviço completo – fechei os olhos desistindo de lutar contra. Ao que parecia nada conseguiria impedi-la de continuar. – É importante, Melissa...

- Pode me chamar de Mel.

- Mel, ótimo! Pode me chamar de Nick, Mel... Como eu ia dizendo, é importante que você conheça todos os setores da empresa, além de também, conhecer todos os diretores importantes. Hoje visitaremos cada um deles, porém, só depois que Robert sair para o almoço. Parece que ele e Tanya irão almoçar juntos, então teremos mais tempo – Tanya outra vez. Hum! Poderia ser uma namorada?

- Você sabe bastante da vida dele.

- Claro. Robert não é apenas meu chefe, é meu irmão – abri os olhos, espantada. Como não pensei nisso? – Achei que alguém já havia

lhe contado. As fofocas correm soltas por nossos corredores – ela ria livremente enquanto trabalhava no meu rosto. – Eu, Robert e Bruno, somos irmãos. Paul e Tanya são irmãos. Ah! Paul e eu somos noivos. Ninguém fez questão de contar a você os detalhes da vida da cúpula da C&H Medical Systems?

- Não propriamente.

- Não se preocupe. Robert pode ser irritante, mas é uma ótima pessoa.

- Não tivemos tempo...

- Bom... Adam Simpson é filho da esposa do pai de Tanya e Paul, porém eles não se consideram irmãos, e na verdade não são mesmo. Alexa é namorada de Bruno. Informação demais, não é?

- Isso faz parte das regras da empresa?

- Não. Você está certa, só fiz questão de comentar porque não se fala em outra coisa que não seja a sua chegada. Parece que Adam sucumbiu aos seus encantos. E, pelo que conheço do Robert, e ouvi de Paul, isso não vai dar certo. Até Bruno, que é louco pela Alexa, fez alguns comentários a seu respeito. Então devo alertá-la...

Fique longe de todos eles. Todos mesmo. Adam não namora ninguém. Além do mais, com certeza, não é a pessoa ideal para iniciar um relacionamento nesta empresa. Aliás, Robert é totalmente contra relacionamentos entre funcionários, só tolera o meu com Paul e o de Alexa com Bruno porque também somos acionistas, além de sermos extremamente discretos – parou para pensar alguns instantes. – Apesar de não acreditar que ele seja a pessoa mais correta para cobrar isso, mas... Enfim, voltando às regras... – meu rosto entregou o embaraço que estava sentindo.

Nicole estava deixando bem claro que o Sr. Carter era um conquistador incorrigível. Eu teria que ter cuidado. Ela continuava falando.

- Robert é obcecado por horário, já deve ter percebido, aqui nunca podem ocorrer atrasos. As pessoas chegam mais cedo para que seu trabalho não seja prejudicado pelo atraso do outro. Robert precisa de sua secretária como do ar para viver, pois tem muitas atribuições e é impossível lembrar-se de tudo ou resolver sozinho. Também é um pouco centralizador. Claro! Pirou muito de-

pois de... Depois que alguns incidentes aconteceram com a nossa família. O fato é que ele realmente exige muito, mas não é um ditador. Se você conseguir ser a profissional que ele precisa, vai tirar de letra.

Sorri lembrando-me do quanto era difícil ser “a profissional” que ele precisa. Eu era apenas humana. Sabia o quanto seria complicado trabalhar junto a ele, por outro lado, era satisfatório estar sob “suas ordens”. Mas meu chefe era um conquistador inveterado, o que me lembrava de que este ponto não deveria mais ser levado em consideração.

- Pronto. Está perfeito!

Ela me estendeu um espelho. Olhei e fiquei paralisada com a minha imagem. Meus lábios estavam maiores e vermelhos. Levei os dedos a eles.

- Vermelho!

- Perfeito, não é?

- Chamativo e escandaloso.

- Melissa... Mel. O vermelho fica perfeito.

Uma pele tão clara quanto a sua não torna a cor

vulgar. Muito pelo contrário, ficou fantástica. Está maravilhosa.

- Não para trabalhar.

- Claro que sim. Eu, que sou a responsável pelas regras, estou afirmando que sim – levou as mãos à cintura juntando as sobrancelhas. Dei risada.

- Isso não vai dar certo.

- Já deu. Vamos. Temos um delicioso café nos aguardando. Leve isso – entregou-me o batom que identifiquei como o que tinha usado em mim. – É para manter a cor viva durante o dia inteiro – guardei em minha bolsa, que passou a não combinar em nada com a nova roupa e segui Nicole.

Depois de um longo café da manhã e de muitas regras das quais fui informada que não poderia esquecer, jamais, Nicole me liberou para pegar o elevador, podendo assim chegar mais cedo à minha sala. Pelo menos teria tempo para conferir todas as atividades do dia.

Assim que cheguei descartei minha bolsa numa das gavetas, tirando antes o *iphone*. Abri

os *e-mails*, imprimir os documentos que deveriam ser entregues ao Sr. Carter e verifiquei a agenda do dia. Resolvi ser um pouco mais ousada e surpreendê-lo. Peguei meu celular e enviei-lhe uma mensagem.

“Bom dia, Sr. Carter. Hoje não há nenhuma reunião agendada, apenas análise de contratos e relatórios. Alguma providência antes da sua chegada? Melissa Simon.”

Dei risada sozinha imaginando o que gostaria que ele me pedisse para fazer.

- Foco, Mel. Ele é seu chefe. Nunca se esqueça desse detalhe importante.

Repeti em voz alta para que não fugisse dos meus pensamentos. Retomei minhas atividades. Quinze minutos depois, estava de pé, aguardando a impressão de um contrato, quando a porta do elevador abriu e o Sr. Carter surgiu.

Seus dois primeiros passos foram seguros e rápidos. Nossos olhos se encontraram quando, ele, de súbito, parou. Eu prendi a respiração. Com certeza toda aquela palhaçada de roupa justa e batom vermelho, tinha sido demais.

Percebi seu olhar descendo por meu corpo, fazendo depois o caminho de volta. Minha pele, como um todo, ficou arrepiada. Apenas aquele detalhe já era o suficiente para que eu me sentisse ansiosa por seu toque. Era quente, como deveriam ser as suas mãos e me invadia como se fosse o seu próprio sexo. Seus olhos estancaram em meus lábios. Sua boca abriu levemente, me fazendo desejar tocá-la. Era uma sensação muito forte. Tanto que precisei fazer um esforço absurdo para contê-la.

- Srta. Simon! – deu mais alguns passos em minha direção.

- Sr. Carter. Bom dia! – seus olhos ainda me analisavam. Eu sentia o rosto tão vermelho quanto meus lábios.

- Nick? – levantando uma sobrancelha. Senti vergonha. Eu devia estar patética.

- Ah! Sim – admiti timidamente.

- Como sempre. Ela nunca erra – um sorriso torto brincou em seus lábios. – O vermelho ficou muito bom, Srta. Simon! – andou um pouco mais em minha direção.

- Obrigada.

O Sr. Carter usava um terno cinza claro e uma camisa branca sem gravata, parecia estar vestido para um encontro casual e não para o trabalho. Era suave, além de reconfortante, olhá-lo. Entrou em sua sala. Eu o segui, com dois contratos nas mãos para lhe entregar.

- Ah! Sim – voltou-se para mim antes de deixar a pasta sobre a mesa. – Recebi sua mensagem – sua voz estava relaxada, então deduzi que foi uma boa ideia. – Muito eficiente, Srta. Simon.

Inclinou a cabeça um pouco para o lado, quase imperceptivelmente. Analisou-me profundamente, mais uma vez. De novo, era como se pudesse me enxergar sem roupas, o que conseguia me levar à loucura. A sensação era quase “orgástica”.

- Nada de reuniões hoje? – quebrou a brincadeira me deixando grata por isso. Se não o fizesse, eu logo estaria gemendo no meio da sua sala.

- Não, senhor.

- Ótimo! Preciso dedicar algumas horas a estes contratos. Por favor, Srta. Simon, não atenderei ninguém pela manhã. Entendeu? Ninguém. Nem mesmo a minha mãe.

Ele deu a volta em sua mesa indo até a cadeira e mais uma vez me olhou. Era fisicamente impossível lutar contra aquele olhar. Se ficássemos deste jeito o dia inteiro eu teria um orgasmo sem nem precisar ser estimulada.

Droga! Como ele pode me afetar desta forma? Isso não é nem um pouco normal. Acho que estou há muito tempo sem me encontrar com Dean. Sexo é importante para a minha sanidade mental, principalmente agora com esse novo emprego.

Saí da sala sentindo seus olhos em minhas costas.

Uma nova mensagem no celular desviou minha atenção. Um número desconhecido. “Podemos fazer compras hoje depois do expediente? Será um honra ajudá-la com o seu “novo” guarda-roupa”. Nick. Só ela seria capaz de me fazer um convite deste, enfatizando o “novo”.

Eu só a conhecia há dois dias e era como se fossemos grandes amigas. Aquilo era perigoso. Salvei o número na agenda para logo depois retornar às atividades.

Minha atenção estava totalmente voltada para as pastas guardadas nas gavetas e na necessidade de aprender cada vez mais sobre a empresa. Não era a minha obrigação, entretanto, como economista era natural querer aprender e me inteirar sobre todos os assuntos.

Ouvi o barulho de saltos chocando contra o piso. Virei em direção ao som e contemplei um par de pernas esguias. Subi os olhos alcançando um rosto perfeito. Uma mulher muito bem vestida, dona de um corpo fabuloso, esbanjando riqueza, luxo e superioridade. Levantei corrigindo a minha postura passando as mãos pelo corpo para arrumar o vestido.

- Bom dia! – procurei ser o mais educada possível.

Ela me olhou de cima embaixo. Não da mesma forma que Nicole e muito menos a do Sr. Carter. Seus olhos me percorreram com de-

saprovação. Senti-me vulgar. Como se tivesse cometido um erro imperdoável. Era inevitável a culpa por ter concordado com aquele vestido, assim como aquela maquiagem, principalmente o batom vermelho.

- Bom dia.

Seu tom era ríspido. A reprovação continuava estampada em seu olhar. A mulher a minha frente parecia me odiar. E o pior é que eu não tinha feito nada para merecer seu ódio.

Vi dirigir o olhar rápido para a sala logo atrás de mim, onde o Sr. Carter estava. Ela hesitou.

- Preciso falar com Robert, o Sr. Carter – percebi que ela destacou o “senhor”, como se quisesse deixar bem claro o limite entre nós dois, o que me levou a pensar novamente no quão vulgar eu estava parecendo. Na certa, aquele era o seu motivo.

- O Sr. Carter, pediu para não ser interrompido.

Insegura, olhei para onde o meu chefe estava e o encontrei de cabeça baixa. Totalmente concentrado no contrato que analisava. Era uma

situação constrangedora. Eu a estava impedindo de entrar, seja ela quem quer que fosse e, ao mesmo tempo, cumprindo ordens.

A mulher a minha frente esboçou um sorriso desafiador. Seus olhos brilharam e seus ombros se alinharam demonstrando superioridade.

- Não vou levar em consideração sua colocação, pois sei que é nova no cargo e, principalmente, porque já começou cometendo erros – vi um brilho perverso em seu olhar. – Agora, vamos começar de novo. Por favor, avise a Robert que Tanya está aqui.

Minhas mãos tremiam. O que eu deveria fazer? Retirei o telefone do gancho e apertei o botão da linha do Sr. Carter. Não olhei para trás. Estava com medo do que poderia encontrar.

- Sim – ele disse do outro lado.

- Sr. Carter, a Senhora...

- Srta. Simon, acredito tê-la informado que não deveria ser incomodado. Não foi?

- Sim senhor, mas...

- Eu deixei claro que não deveria ser incomodado por ninguém.

- Sim, mas, Sr Carter...

- Cumpra sempre as minhas ordens, Srta. Simon. Esta é a mais importante de todas as regras dentro desta empresa. Estamos entendidos?

Olhei para trás para verificar se ele sabia do que se tratava. A situação era extremamente embaraçosa. Por alguns segundos nossos olhares se encontraram. Ele não estava brincando.

- Perfeitamente, senhor – ouvi o telefone sendo desligado e respirei profundamente em busca de coragem para encarar a fera que estava a minha frente.

- Obrigada – ela disse com ar vitorioso.

- Ele... – Pigarreei limpando a garganta. – O Sr. Carter falou que não quer ser incomodado.

Muito constrangida vi sua boca abrir devagar. Seus olhos foram de mim para o Sr. Carter, que continuava sua leitura. E aí a Sra. Tanya enlouqueceu.

Sem olhar para mim novamente, virou-se em direção à porta da sala do Sr. Carter e entrou. Fiquei paralisada em meu lugar, sem saber ao certo o que fazer. Lógico que deveria ter tentado

impedi-la, porém seu nome estava na agenda de compromissos pessoais dele, o que significava que tinham algum tipo de relação. Puta merda! Meus pés não desgrudavam do chão enquanto ela passava pela porta indo na direção do meu chefe com o dedo em riste.

De onde estava podia assistir toda a cena, contudo não dava para escutar o que diziam. Como havia imaginado, a sala era a prova de som. Fiquei parada. Petrificada. Sem conseguir desviar meus olhos dos dois.

O Sr. Carter pareceu chocado com a intromissão dela e, pela forma como reagiu, era nítido que gritava. A Sra. Tanya também estava descontrolada. De repente, os dois se deram conta da minha presença que, mesmo sem ouvir o que diziam, assistia a tudo. Fiquei totalmente vermelha quando viraram para me encarar. Parei de respirar.

O Sr. Carter caminhou até à porta, abrindo-a e vindo em minha direção. Eu não sabia o que dizer. Minha única vontade era fugir correndo, mas ele não me deu chance.

- Srta. Simon, sinto muito por este inconveniente – sua mão correu para a testa demonstrando o quanto também estava constrangido com a situação.

- Por favor, procure Nicole e peça para que ela a acompanhe em um *tour* pela empresa. Acredito que este seja um bom momento para que conheça os outros setores.

- Claro. Desculpe-me, Sr. Carter.

- Não se desculpe – estava impaciente, o que me deixou ainda mais sem jeito.

- Ok! – peguei meu celular e voei em direção às escadas. Não havia clima para aguardar pelo elevador.

CAPÍTULO 6

Cheguei ao 5º andar ainda zonza pelos acontecimentos. Caminhei até a recepcionista que me observava com atenção. Claro, eu tinha saído das escadas ainda arfante. Tenho certeza que meu rosto pegava fogo. Ela me olhou de cima embaixo, depois me deu um sorriso genuíno. Pedi que me anunciasse a Nicole. Aguardei um pouco mais que dois minutos para que finalmente me mandasse entrar.

Caminhei pelas mesas desejando morrer. O vestido justo e os saltos faziam com que meus movimentos ganhassem maiores proporções. Todos os homens pararam suas conversas para me olhar. Também percebi alguns olhares femininos não muito amistosos. Agradei a Deus quando a porta da sala de Nicole, fechou atrás de mim.

- Mel. O que aconteceu? Ai meu Deus! Você fez alguma besteira? Robert a demitiu? Mel...

- Calma, Nicole. O Sr. Carter apenas sugeriu que me levasse para conhecer a empresa.

- Como assim? Por que ele não me ligou?

- Alguns imprevistos – mordi o lábio inferior evitando comentar o que não deveria. Nicole estreitou os olhos me analisando atentamente.

- O que aconteceu, Melissa? É melhor me contar ou eu mesma vou procurar saber – ela fez menção de que iria à procura dele, mas me apressei a impedi-la.

- Nicole... Nick... – respirei fundo. – O Sr. Carter está com uma pessoa neste momento... Uma mulher... Em uma situação um tanto quanto delicada – Nicole abriu a boca chocada.

- Eles não podem estar transando. Não. Eles nem...

- Ai, meu Deus! – tapei os ouvidos impedindo que, o que quer que ela revelasse, conseguisse me alcançar. – Eles estão brigando. Pronto – quase me joguei no chão e chorei ao pensar no quanto o Sr. Carter me odiaria quando descobrisse que contei a irmã dele o que vi. – Não diga a ele que eu contei. Por favor!

- Era de se imaginar. Era Tanya, não era? Eu tinha certeza. Quando Tanya vai entender que as coisas não se resolvem desse jeito?

- Nick, não estou interessada em saber mais nada sobre a vida pessoal do Sr. Carter. Apenas vamos circular pela empresa e ponto final – ela riu.

- Ok. É melhor mesmo. Vamos começar logo com isso.

Caminhamos por duas horas seguidas. Entrando e saindo dos setores. Apertando diversas mãos. Passando por situações constrangedoras. Aguentando várias investidas do Sr. Simpson. Até que o Sr. Carter ligou para o celular de Nicole solicitando a minha presença.

Esta foi a parte mais complicada. Encará-lo depois de tudo o que vi, era, no mínimo, estranho. Eu não sabia como agir. Mesmo assim entrei no elevador tentando minimizar o tremor em meu corpo. Imaginei o que ele me diria. Se pediria desculpas, se me explicaria o que aconteceu. Mas estava enganada.

Quando entrei na sala, o Sr. Carter estava ao telefone conversando calmamente com alguém sobre ações que estavam em baixa no mercado. Fiquei interessada, contudo era prudente não prestar mais atenção do que o necessário na sua conversa. Só Deus para conhecer o humor deste homem. Quando terminou apenas pediu a pasta de um cliente. Nenhuma palavra sobre o ocorrido. Nenhum sinal de constrangimento. Nada.

Dei continuidade ao meu trabalho me esforçando para não pensar no incidente. Meu maior medo era do ódio que aquela mulher com certeza iria direcionar a mim. Afinal de contas, quem era ela? Uma namorada? Uma ex-namorada?

Seria muito difícil contrabalancear as coisas tendo que evitar seu ódio.

Meu celular vibrou. Uma mensagem: “Quer sair? Posso pegá-la às 08:00h.

Era Dean. Nós não tínhamos nos falado nos últimos dias. Nosso último encontro foi meio estranho, apesar de ter terminado como eu queria.

Dean Bailey era meu “ficante”, mas era também meu amigo. Eu gostava dele, porém não o suficiente para casar e ter filhos. Gostava de tê-lo sempre próximo a mim, principalmente nas horas em que era necessário ter alguém mais perto. O mais perto possível.

Ele andava estranho, meloso. Falava algo sobre evoluirmos nosso relacionamento. Com certeza não era o que eu queria no momento. Respondi a mensagem.

“Tenho compromisso. Pode ser amanhã? Bjs, Mel.”

Nenhuma resposta. Pela empolgação de Nicole, furar com nossas compras seria o mesmo que dar um tiro no pé.

O Sr. Carter saiu na hora do almoço avisando que só voltaria no final do dia. Antes de sair, solicitou mais duas pastas e me pediu para deixar sobre sua mesa.

Almocei com Nicole e Alexa. Conversamos sobre tudo, menos sobre o acontecido. Alexa me contou que o Sr. Simpson tinha abordado o Sr. Bruno para conseguir mais informações a meu re-

speito. Como eu trabalhava com o Sr. Carter ele não teve coragem de me abordar na sala. Fiquei aliviada por não tê-lo feito.

No final da tarde, meu chefe ligou avisando que não voltaria mais, falou também que chegaria um relatório por e-mail que ele precisava que estivesse impresso, sobre a mesa dele, no dia seguinte, bem cedo. Anotei a informação em um bloco, reservando-o para providenciar depois, enquanto estudava uma planilha que ele recebera. Não era a minha função, mas, como uma boa economista, esta informação não passaria despercebida.

No horário combinado, Nick e Alexa apareceram para me apressar. Elas estavam adorando a ideia de fazer compras, enquanto eu estava assustada. Meu cartão de crédito tinha um limite pequeno em relação ao que deveria ser os delas e a minha poupança implorava para não ser dizimada.

Nunca andei nem gastei tanto quanto gastei com as duas. Nick achava que tudo ficava perfeito em mim, por isso praticamente me

obrigou a comprar todos os tipos de vestidos, saias e camisas que achou serem adequados para o trabalho. Eu, particularmente, achei tudo justo demais, transparente demais e curto demais.

Somente quando resolvemos parar para comer me lembrei da anotação que tinha esquecido completamente em minha mesa, sobre o relatório solicitado. O arquivo que receberia por e-mail, precisaria imprimir-lo e deixá-lo sobre a mesa do Sr. Carter, mas que por uma falha imperdoável, tinha esquecido completamente de fazer. “Santo Deus! Eu serei demitida por isso”.

Fiquei com medo de contar às meninas sobre o meu lapso, pois um equívoco como aquele, permitiria que elas me considerassem uma incompetente. Então inventei um encontro de última hora com Dean para conseguir deixá-las e voltar à empresa para cumprir com a minha obrigação.

O segurança achou estranho, porém acabou permitindo a minha entrada, depois que concordei não só em deixar o carro fora do estabelecimento como também em não levar a

bolsa. O que ele estava pensando? Que eu roubaria informações? Mas precisei concordar ou então não conseguiria corrigir meu erro. Conferi o horário ainda dentro do elevador. “Onze horas. Caramba! Nicole sabe como “gastar” o tempo”.

Senti meu corpo exausto, pois as sandálias altas pareciam incomodar ainda mais os meus pés. Entrei na sala focando a atenção no computador da minha mesa. Liguei-o, tamborilando os dedos enquanto ele fazia seu moroso trabalho de iniciar. Abri o *e-mail*, achei o arquivo e mandei imprimir, sentindo-me mais tranquila e com o corpo mais leve por ter conseguido.

Só notei a presença dele quando fui em direção à copa em busca de água.

Seus olhos cinza estavam cravados em mim. O Sr. Carter estava apoiado em sua mesa. Sem paletó e com a camisa para fora da calça. Em uma de suas mãos estava um copo, que deduzi ser de uísque.

Não sei o que foi mais forte, o desejo intenso que assolou o meu corpo ao vê-lo, mais uma vez me observando daquela forma perturb-

adora que só ele conseguia fazer, ou a vergonha por ser flagrada em mais uma incompetência. Tive medo das duas reações.

Ele levantou uma mão me convidando a ultrapassar a barreira que nos separava: a sua imensa porta.

Caminhei até ele, parando a uma distância confiável e confortável. Com a pouca luz que havia em sua sala era impossível ver o que ele fazia, no entanto dava para entender que não estava em seu estado normal. Cansado? Preocupado? Irritado?

- Melissa!

Sua voz saiu arrastada, um tanto quanto rouca, no entanto sensual o suficiente para me deixar úmida. Ele tinha me chamado pelo nome, não formalmente, como sempre fazia. Era demais para o meu equilíbrio. Precisei buscar desesperadamente por minha voz. Quando a encontrei, foi difícil fazer com que ela concordasse em falar o que deveria, visto que só queria dizer “me tome para você” acrescentando um “pelo amor de Deus” suplicante. Pigarreei.

- Sr. Carter, eu acabei... Eu... Me desculpe!
- não consegui admitir a minha falha.

Ele apenas me olhava e seus lábios exibiam um sorriso mais do que tentador. O olhar dele tinha um brilho nada ingênuo. Ele sabia que estava me enlouquecendo. Pior. Podia jurar que queria mesmo me enlouquecer.

- Tudo bem! – fiquei espantada com a compreensão que demonstrava. – Parece que nada deu certo hoje.

Minha mente, mesmo abalada, conseguiu registrar o breve segundo em que seus olhos perderam o foco. A tal mulher, Tanya, que tinha causado aquela situação tão embaraçadora. Só podia ser.

- Algum problema, Sr. Carter? Posso ajudar em alguma coisa?

Instintivamente a minha vontade de ajudá-lo falou mais alto. Porém seus olhos se modificaram outra vez. Assumiram um brilho mais intenso. Mais sedutor. Mais faminto. Eu sabia qual era a sua fome. E o pior de tudo era que eu queria saciá-la.

Ele avançou para me alcançar. Minha consciência praticamente me empurrou para trás. Ela gritava “Cuidado! Ele não é confiável.” Mas meu corpo vibrava enlouquecido, desesperado por contato. Como podia me sentir assim? Minha cabeça parecia estar girando.

No entanto continuei recuando até sentir o frio da parede de vidro às minhas costas. Eu não tinha mais como escapar. O Sr. Carter, consciente da minha situação, sorriu lindamente, colocando suas mãos espalmadas no vidro prendendo-me entre seus braços, mas sem me tocar.

- Sr. Carter... – tentei chamá-lo para a realidade.

- Cuidado quando me oferecer ajuda, Melissa – seu rosto estava bem próximo ao meu, lançando um hálito delicioso em minha pele. – Você corre um sério risco de me ver aceitar.

Aproximou-se um pouco mais, inebriando-me com o seu aroma másculo misturado ao perfume caro. Era afrodisíaco.

- Sr. Carter, não.

Consegui falar, sem acreditar no que estava dizendo. Ele sorriu abertamente deixando que a língua umedecesse seus lábios. Outra parte do meu corpo ficou totalmente úmida. Santo Deus! Eu não conseguiria resistir.

Ele deixou que sua boca chegasse bem perto a minha. A expectativa pareceu diminuir o ritmo do tempo, fazendo com que todas as suas ações fossem registradas em câmera lenta por meu cérebro, mas ele desviou quando pensei que iria experimentá-los. A ponta do seu nariz percorreu da minha bochecha até a orelha. Eu podia sentir seus lábios bem perto de minha pele. Minha respiração estava descontrolada e meu coração ameaçava explodir.

- Melissa! – sussurrou em meu ouvido. – Você já sentiu vontade de tocar em algo que sabe ser proibido? Já teve o desejo irresistível de experimentar alguma coisa que sabe não ser socialmente ou eticamente correto? Tão proibido e ao mesmo tempo tão desejável que poderia destruí-la? – voltou a me olhar nos olhos aguardando por uma resposta. O que eu deveria responder?

- Sim – estava hipnotizada pelos seus olhos. Como fui capaz de dizer uma coisa daquela? Ele deixou um risinho escapar por entre os lábios.

- Então... Melissa – minha pele ficou arrepiada com o pouco mais da proximidade do seu corpo ao meu. Dos seus lábios tão próximos. – É melhor você ir embora – parei chocada. – Ou então, eu serei tentado a aceitar a sua ajuda, mas do meu jeito.

Um dos seus braços saiu do meu lado dando passagem. Sem conseguir raciocinar direito, caminhei até o elevador. Não tive coragem de olhar para trás. Era tentador demais. Eu nunca tinha me visto de uma forma tão promíscua, luxuriosa, como me via naquele momento.

Sexo para mim era uma necessidade, contudo sem muitos recheios ou alegorias. Era sexo e pronto. Dependia mais de mim do que de qualquer outra pessoa. Mas vendo o Sr. Carter me olhar da forma como fazia, facilmente conseguia me enxergar em diversas situações. Eu desejava estas situações.

Entrei no elevador agradecendo a Deus pelo fato da minha excitação não ser ácida o suficiente para dissolver a minha calcinha. Se assim fosse, ela não existiria mais.

CAPITULO 7

Tanya tinha acabado com qualquer capacidade minha de manter o equilíbrio.

Tínhamos chegado a um ponto que era impossível recuar. Ou eu a destruía ou ela conseguiria me destruir. Eu não poderia ser fraco. Não podia permitir que ela conseguisse seu objetivo ou toda a minha família seria jogada na lama, junto comigo. “Como pude deixar as coisas chegarem a este ponto?”

Eu sabia que ela não toleraria qualquer deslize meu, apesar disso, mesmo sabendo dos riscos, Melissa não saía da minha cabeça. Ela, o seu vestido branco e batom vermelho, cortesia da minha irmã. Nicole não sabia o que estava fazendo. Melissa poderia destruir tudo o que eu tinha conseguido realizar até aquele momento, a custo de muito sofrimento.

Claro que não desejava nada além do que seu rosto rubro, sua pele úmida e seus seios ofegantes. Era sexo apenas, nada mais do que isso.

Mas, puta que pariu, era o sexo que eu mais desejava nos últimos, o que? Três anos? Dois? Não sei ao certo. O fato era que Melissa estava mexendo comigo de uma maneira que há muito não acontecia.

Não sei se era porque ela tentava controlar o desejo que sentia por mim, um fato raro, já que as mulheres normalmente diziam logo para o que vinham. Melissa era diferente. Olhava-me com desejo. Ofegava. Sentia a intensidade. Mas recuava. Sempre recuava. Algo dentro dela a alertava que era um erro. Um enorme, porém, delicioso erro.

Talvez fosse melhor aceitar logo um encontro com Mennie. Pelo menos eu teria uma tarde de prazer que me faria esquecer de muitas coisas, mesmo que temporariamente. Mannie era boa de cama, contudo era boa apenas nisso. “Não. Melhor descartar este possível reencontro”. Com certeza encontraria alguém em minha agenda que me ajudaria a descartar esta ideia absurda de Melissa em minha vida.

Tanya tinha causado o imenso inconveniente de aparecer quando eu menos queria vê-la. Depois de tudo, ela ainda achava que poderia fazer o que desse na sua cabeça. Acreditou que poderia invadir a minha sala me acusando de cercar a vida dela de sombras. É óbvio que eu precisava investigar. Teria que descobrir o que tinha acontecido realmente e não duvidava nada da sua participação naquela história. Eu ainda podia ouvir a sua ameaça.

“Você não vai conseguir nada, Robert. Eu tenho muito mais provas para destruí-lo do que conseguirá contra mim. Entendeu? Se você avançar um pouco mais, ponho tudo a perder. Sem piedade. E você perde.”

Era exatamente o que não podia permitir que acontecesse.

Depois de duas reuniões cansativas, uma com meu advogado e outra com um fornecedor de peças, decidi que seria melhor voltar para a empresa e analisar os contratos que havia solicitado a Srta. Simon. Encarar Tanya não era uma opção muito atraente, se bem que, do jeito como

a minha cabeça estava, não conseguiria mesmo fazer nada de maneira correta.

O elevador seguiu em seu ritmo lento até a minha sala. Estava tudo escuro, mas eu sabia que mesmo assim, meus passos seriam captados pelas câmeras devidamente posicionadas e espalhadas pelo ambiente. Apenas eu podia ativá-las, assim como somente a minha ordem as desativariam. Era a única forma de garantir a privacidade e a segurança dos meus negócios. Depois do que tinha acontecido, era minha obrigação estar sempre atento aos passos de todas as pessoas que se aproximavam da minha sala.

Preferi não acender as luzes. A penumbra da noite deixava uma claridade agradável no ambiente. Procurei pelos documentos que solicitei e não os encontrei. “Onde será que ela deixou?” Não me dei ao trabalho de sair procurando. Com certeza Melissa tinha esquecido, na verdade eu nem estava muito empolgado com a ideia de analisar contratos.

Servi-me um pouco de uísque e andei pela sala. Tirei o paletó, folguei a camisa, tudo

para me sentir um pouco mais leve. Eu nunca conseguiria. Minha alma era pesada demais para permitir esta sensação.

“Você causou tudo isso, Robert. Seu orgulho e egoísmo o transformaram no monstro que é hoje. Não se preocupe em tentar salvar a sua alma, ela já está perdida há muito tempo”.

As palavras de Tanya martelavam em minha cabeça, sem cessar. Minha alma já estava perdida. Com certeza já estava. No entanto, não era motivo para desistir. Ainda havia a obrigação de continuar seguindo em frente, até... Até sabe Deus quando.

Deitei um pouco no sofá, mas levantei logo. O desejo por álcool era mais forte do que o desejo de relaxar. Foi neste instante que ouvi o barulho do elevador. No dia a dia não era possível perceber quando alguém subia à minha sala, mas à noite, quando só havia silêncio, chamar o elevador era o mesmo que ligar um despertador. No mesmo instante fiquei tenso. Quem poderia ser?

Liguei rapidamente o computador e acionei as imagens das câmeras. Consegui iniciar

tudo antes que o elevador chegasse ao seu destino. Quando a câmera do elevador me deu a imagem de quem estava indo ao meu encontro fiquei sem reação. Melissa. Mas o que ela fazia ali? Desliguei a tela de maneira brusca, pois logo ela chegaria e a sua luz entregaria a minha presença.

Melissa entrou alheia a tudo ao seu redor. Se eu fosse um ladrão ou um assassino ela seria uma presa fácil. “Melissa, Melissa, o que faz aqui, a esta hora?”. Ela caminhou sem muita presa e ligou o computador. O que queria? Imediatamente fiquei em alerta. Melissa poderia facilmente ser uma espiã, ou mais, poderia ser alguém implantado por Tanya. Era melhor observar. Ligou a impressora e saiu em direção à copa. Foi quando me viu.

Seus olhos ficaram presos aos meus por segundos incontáveis. Não sei se foi pela surpresa ou pelo fato de ser eu, mas ela ficou nitidamente embaraçada. Eu teria que descobrir de que lado Melissa estava. Minha vida se resumia a isso, descobrir em quem podia e em quem não podia

confiar. Não sei por que não fiz isso antes, aliás, sei bem porque não fiz. Tanya sempre conseguia me desestabilizar, tirando o meu foco do que era importante.

Mas eu corrigiria aquele erro. Principalmente porque, com Abgail fora da jogada, precisava de alguém para exercer seu papel. Melissa poderia me ajudar, mas antes seria preciso saber exatamente de que lado da história ela estaria. Seu encantamento por mim me ajudaria muito naquele momento.

Fiz sinal para que ela entrasse. Era importante não demonstrar que eu estava desconfiado do motivo da sua presença ali. Como imaginei, Melissa obedeceu a ordem sem contestar e logo estava a minha frente. Analisei seu rosto procurando pelas informações que precisava para começar a agir.

- Melissa! — outra vez a vontade de confrontá-la estava presente.

Eu sentia um certo incomodo que se misturava com algo mais, até então desconhecido para mim. O fato era que a presença dela me

despertava sensações adormecidas. Seu rosto ingênuo e seus olhos assustados, seus lábios convidativos, seu corpo desconcertante. Mal percebi quando ela tentou balbuciar algumas palavras, se perdendo entre elas, para no fim, fazer o que eu mais detestava: me desculpe. Respirei profundamente mantendo o equilíbrio e sorri educadamente, mesmo sabendo que não era disso que ela precisava no momento e muito menos o que eu queria dar.

- Tudo bem. Parece que nada deu certo hoje.

Se conseguisse fazer com que ela me dissesse para o que veio seria mais fácil. Não poderia simplesmente confrontá-la ou pressioná-la. Melissa apenas aparentava ser ingênua, mas não o era, disso eu tinha certeza. Se ela fosse mesmo uma espiã de Tanya, o que eu poderia fazer? Claro que conseguiria mudar o jogo, era só... Isso. Era o que eu faria. Alguns dias ao seu lado, sem a interferência de mais ninguém, seria o suficiente para mudar o jogo a meu favor e então ela provaria um pouco do próprio veneno.

- Algum problema, Sr. Carter? Posso ajudar em alguma coisa?

“Ah Melissa! Você nem consegue imaginar de quanta utilidade seria a sua vontade de me ajudar”. Precisaria mudar apenas algumas coisas e tudo estaria resolvido. Seria simples como um beijo de mãe. Decidi que era melhor começar a agir.

Com dois passos diminuí a distância entre nós dois, mas ela recuou assustada. Por quê? Não era isso o que me pedia com os olhos o tempo todo? Entretanto sua reação apenas me deixou com mais vontade de me aprofundar naquele jogo. Se Melissa fosse alguém a serviço de Tanya, seria interessante colocá-la naquela relação. Do meu jeito, é claro!

Quando não tinha mais como continuar recuando, pois seu corpo já estava colado ao vidro da parede, aproveitei para encurralá-la. Assim ela não teria como fugir de mim e também seria mais divertido. Sorri de maneira involuntária. Estava sendo prazeroso mantê-la refém entre os meus braços.

- Sr. Carter...

“Não, Melissa. Este é o meu momento”.

Diminuí ainda mais a distância entre nós dois, praticamente colando meu corpo ao dela. Seu cheiro era bom. A garota me olhava com olhos arregalados. Medo? Isso eu iria descobrir rapidamente.

- Cuidado quando me oferecer ajuda, Melissa. Você corre um sério risco de me ver aceitando.

- Sr. Carter, não.

Como não? Se seus olhos suplicavam por isso. Ao que parece, o tiro de Tanya saíra pela culatra. Se é que eu já podia ter aquela certeza. De qualquer forma, Melissa era uma carta a meu favor e eu iria utilizá-la.

Seus lábios estavam entreabertos, aguardando pelos meus. Cheguei bem perto fazendo-a fechar os olhos, mas desviei no segundo antes, entretanto a tentação de poder tocá-la de maneira mais íntima me impediu de recuar. Até onde poderia ir sem correr o risco de ser derrotado?

Deixei que minha pele experimentasse a dela e senti o seu cheiro com mais vontade, puxando o ar pela boca. Seu aroma ficou registrado na ponta da minha língua. Melissa estava completamente entregue, mas este não era o meu objetivo. Pelo menos não naquele momento. Era preciso ir mais a fundo. Investigar suas intenções.

- Melissa! Você já sentiu vontade de tocar em algo que sabe ser proibido? Já teve o desejo irresistível de experimentar algo que sabe não ser socialmente ou eticamente correto? Algo tão proibido e ao mesmo tempo tão desejável que poderia te destruir?

Era exatamente assim que eu a via naquele momento. Não era apenas uma mulher ou uma peça do jogo. Era talvez a carta que poderia me derrubar ou me ajudar a derrubar Tanya.

- Sim.

Como imaginei, Melissa era minha. Se um dia Tanya pensou em utilizá-la nesta guerra, escolheu a pessoa errada.

- Então... Melissa. É melhor você ir embora, ou então serei tentado a aceitar a sua ajuda, só que do meu jeito.

Lógico que aquele não era o momento, além disso, eu precisava realmente que ela fosse embora para poder colocar em prática o meu plano. Aquele acontecimento serviu como combustível para os meus atos. Era necessário começar a arrumar o terreno para mais um golpe. Deixei que ela passasse por mim. Coitada! Tão assustada e desnorteada. Quase ri.

Assim que o elevador desceu, corri para meu computador, impaciente e ansioso por maiores informações, além de desejar saber como ela se comportaria após tudo o que passamos nos últimos minutos.

Para minha surpresa ela estava ao telefone. Será que falava com Tanya? Sua agitação era nítida. Ela estava incomodada com alguma coisa. Com certeza passava os últimos acontecimentos. Mas isso também poderia ser útil. Se Tanya acreditasse que meu único interesse em Melissa

era como amante seria ainda mais fácil. Sorri satisfeito.

Quando ela desligou estava ainda mais frustrada e confusa. Parecia também um pouco irritada. Perdi sua imagem tão logo a porta do elevador abriu deixando-a escapar de meus olhos. O que não me agradou em nada.

Peguei o telefone celular, pois não usava o telefone da empresa para assuntos pessoais, principalmente coisas como a que faria naquele momento, e aguardei.

- Deixe-me adivinhar, você precisa que eu investigue alguém – Tom atendeu com a voz cansada.

Tom Cornell é um investigador, mais precisamente, é o meu investigador pessoal. Seus últimos dois anos foram dedicados exclusivamente as minhas necessidades. Graças a ele e a sua equipe eu estava conseguido estar sempre há um passo à frente de Tanya.

- É um problema para você? – Tom bocejou ao me ouvir.

- Não. Seu dinheiro sempre é bem vindo –
riu sarcasticamente. – De quem estamos falando?

- Melissa Simon.

- Melissa Simon. OK. Quem é ela? – ele
ficou mais atento, assumindo o tom profissional.

- Isso é você quem vai me dizer.

- E de onde você tirou este nome?

- É a minha nova secretária.

- Ok! – Tom fez uma pausa, com certeza
para anotar a informação que eu tinha passado. –
Por que tenho a impressão que isso não tem nada
a ver com seus problemas?

- Tem tudo a ver com os meus problemas.

- Ah é? Acabei de achar uma foto dela na
internet. Rede social – riu. – Bonitinha, jeitosa...

- Já sei da sua aparência. Preciso saber
mais.

- Vai saber. Pode deixar comigo. Para
quando?

- Ontem.

- Robert, você está cansado de saber que as
coisas não funcionam desta forma. Estamos en-

trando na madrugada. Eu preciso dormir, sabia? Tenho família, filhos...

- Pare de reclamar como se fosse uma menininha. Preciso saber até que ponto a Srta. Simon está envolvida com Tanya. Cerque de todos os lados. Telefonemas, onde mora, com quem vive, quero saber tudo.

- Ok. Isso é mesmo sério, não é? Não registramos nenhum acontecimento fora do normal. O que você conseguiu pegar?

- Nada demais. Apenas quero me certificar de que ela não é mais uma das armadilhas de Tanya. A Srta. Simon apareceu aqui na empresa agora a pouco para imprimir um documento. Fiquei um pouco preocupado. Apenas isso.

Imediatamente me lembrei de que os papéis que Melissa tinha mandado imprimir ainda estavam na impressora. Ela foi embora sem levá-los. Descuido ou esquecimento?

- Levante todas as informações que conseguir. No computador de Nicole você vai encontrar várias informações sobre a Srta. Simon.

- Nick vai matá-lo se descobrir que anda xeretando o computador dela – revirei os olhos, impaciente.

- Ela não vai descobrir e, se isso acontecer, pode deixar que da minha irmã eu cuido. Voltando ao assunto... Se possível mande alguém até a casa dela para averiguar mais de perto.

- Isso é invasão de domicílio.

- Não será a primeira vez que você fará isso por mim – ele riu mais uma vez.

- Ok. Vou cobrar o dobro, já que teremos que trabalhar durante a madrugada.

- Vou demitir você logo após esta investigação.

- Até ontem, então.

- Até lá.

Desliguei já ficando de pé. Fui em busca dos documentos que ainda estavam na impressora. Se Melissa tinha feito algo de errado eu teria que ser mais enérgico com ela. Talvez assustá-la um pouco para que entregasse o que Tanya estava planejando. Mas para minha de-

cepção, ela tinha mandado imprimir os contratos que eu havia solicitado. Nada mais do que isso.

CAPÍTULO 8

Aquela foi a mais louca de todas as sensações que eu já havia experimentado na vida. Saí do prédio lutando contra meus pés que a todo custo tentavam voltar para a sala onde tudo tinha acontecido. Eu não iria ceder. Em um momento de extremo desespero peguei meu celular e liguei para Dean, que atendeu espantado pelo horário.

- Gatinha! Algum problema?

- Alguns – não queria entrar em detalhes.

Nossa relação não exigia nada, mas eu gostava de saber que de alguma forma tínhamos respeito um pelo outro. Porém aquela era uma situação diferente. Eu não o queria e quem eu queria desesperadamente, naquele momento, não podia ter. Então Dean teria que servir.

- Quero ver você, hoje – enfatizei.

- Hum! Não vai dar gatinha. Você falou que tinha compromisso, então combinei com os rapazes de assistirmos ao jogo juntos – droga! Como ele podia me negar ajuda naquela hora?

- Tá – respirei fundo, um banho gelado teria que resolver. – Amanhã então? – um dia dava para aguentar, mas dois era demais.

- Não posso, Mel – ficou sério. – Esqueceu que amanhã vou estar longe? Tenho uma reunião e um relatório enorme para entregar.

- Isso é um gelo, Dean? – estava irritada, frustrada, para ser mais exata.

- Não. Claro que não. Mas, bem que você merecia, no entanto, não tenho força suficiente para isso.

Revirei os olhos para a sua demonstração de amor. Minha vontade era mandá-lo pegar aquele sentimentalismo todo e enfiar... Em mim, mais precisamente. Porque era daquilo que eu precisava. Santo Deus! O que estava acontecendo comigo?

– Vejo você na sexta, certo?

Sexta? Eu entraria em combustão espontânea se não tivesse sexo o mais rápido possível. Se passasse mais um dia ao lado do Sr. Carter, sentindo seu olhar, da forma como ele vinha fazendo, com certeza, teria vários orgas-

mos apenas com pequenos movimentos, como levantar e sentar.

- Tá. Tudo bem. Vejo você depois então – desliguei antes que ele conseguisse dizer algo mais frustrante.

Naquela noite tomei um banho gelado, implorando para pegar uma pneumonia e ficar impossibilitada de trabalhar no dia seguinte. Pelo visto o meu pecado era tão grande que nenhum santo se deu ao trabalho de me ajudar. Acordei com toda saúde possível. Nem um espirro.

Droga! Nossa Senhora das mulheres sem sexo que me desse a mão.

Procurei por alguma coisa que me agradasse entre as diversas roupas que Nicole havia me obrigado a comprar. Fiquei surpresa quando terminei minha produção. Um vestido preto, tubinho, bem colado ao corpo. No busto havia uma renda vermelha revelando a parte elevada dos seios, apenas insinuando, sem mostrar muito. A renda completava o que deveria ser a alça grossa do vestido.

Era ousado, no entanto, clássico e correto para trabalhar na posição que eu ocupava. Meias cor da pele, scarpin preto e uma bolsa vermelha completavam o visual. Como o dia estava frio e tinha amanhecido com chuva, coloquei um casaco, também preto, que Nick tinha achado perfeito para mim. Era afivelado na cintura e possuía um capuz que protegeria meus cabelos, já que eu teria que descer na chuva.

Quando estava terminando a maquiagem, me dei conta que estava usando o mesmo batom do dia anterior. O que o Sr. Carter tinha elogiado, logo entendi que todo aquele cuidado com o que deveria vestir, era, na verdade, ansiedade em agradá-lo mais uma vez. Estava sendo muito cuidadosa e vaidosa. O que não era normal em mim. Algo deveria ser feito. Não poderia continuar agindo daquela forma.

Entrei em minha sala sem a menor vontade de olhar para a mesa dele. O que eu poderia fazer? Como ele reagiria ao que acontecera? Meus olhos me traíram e me dei conta que pro-

curava ansiosamente por meu chefe. Não o encontrei em nenhum lugar.

- Preto combina perfeitamente com o seu tom de pele, Srta. Simon.

Sua voz rouca e carregada invadiu meus ouvidos. O Sr. Carter estava logo atrás de mim. Como conseguiu? Só existia um elevador que subia até aquele andar. Eu havia conferido a sala toda, e ele não estava em lugar nenhum. Nada dele. Como se materializou? Tive medo de virar para olhar em seus olhos, mas não tinha como fugir, era a minha obrigação.

- Sr. Carter – minha voz saiu embargada ao vislumbrar o cinza dos seus olhos. Suas pupilas estavam dilatadas e a intensidade com que olhava meus lábios me queimava de dentro para fora. Puta merda! – Desculpe-me! Eu não o vi.

- Não se desculpe – parecia impaciente. – Já cheguei há algum tempo.

Analisei suas roupas procurando algum sinal de que tivesse passado a noite no escritório, no entanto, ele estava impecável. Cabelo devidamente arrumado, barba por fazer, porém ad-

equada. O terno grafite dava maior destaque aos seus olhos. Lutei para impedir que um suspiro escapasse dos meus lábios. Eram apenas 07:50 da manhã e eu já não estava em meu estado normal.

- Estranhei não ter recebido seu SMS esta manhã informando o que teríamos para hoje.

- Eu ia enviar agora mesmo.

Procurei pelo celular em minha bolsa, enquanto o Sr. Carter me analisava com um sorriso torto nos lábios. Fiquei imediatamente constrangida. Seu sorriso me intimidava.

Tirei o casaco, ciente de que seus olhos ainda estavam cravados em mim. Merda! O que eu estava fazendo? Aquele emprego era a grande oportunidade da minha carreira e eu estava prestes a estragar tudo simplesmente porque tinha criado uma obsessão pelo meu chefe. Se bem que isso não deveria ser um problema para ele, afinal de contas, ontem eu tinha tido uma demonstração perfeita e clara do que era obsessão, e o nome adequado para isso era: Tanya. A namorada, ou ex-namorada.

- Consultei as agendas. Não posso ficar aguardando a senhorita chegar – seu sorriso se desfez. – Preciso da pasta do CSM, por favor.

“O que eu fiz?” O Sr. Carter só pode ter algum tipo de transtorno. Eu não estava atrasada. Que mania de controlar o horário das pessoas. Só podia ser uma espécie de transtorno obsessivo compulsivo.

Ainda confusa fui em direção às gavetas para procurar pela pasta solicitada. Enquanto isso, o Sr. Carter foi para sua sala, tratando de dar seguimento as atividades. Suspirei resignadamente. Ele conseguia ser sexy e insuportável ao mesmo tempo. Era irritante.

Peguei a pasta e levei para o meu chefe, que nem levantou os olhos. Fiquei bastante aborrecida. Como ele conseguia ser tão frio depois de tudo que aconteceu na noite passada? Soltei o ar preso nos pulmões demonstrando minha frustração. Talvez fosse melhor assim.

- É só isso por enquanto, Srta. Simon – continuou absorto em seu computador. Virei-me em direção à porta. Que raiva senti por ser tratada

com tanta indiferença. Mas o que eu esperava? – Srta. Simon? – chamou-me no instante em que minha mão tocou a maçaneta. Respirei fundo antes de virar-me para contemplar seu rosto magnífico.

- Sim, Sr. Carter? – controlei minha frustração.

- Poderia me trazer um café? – não havia nenhuma insinuação em suas palavras. Era apenas um favor, ou uma forma educada de dar uma ordem. Droga!

- Claro, Sr. Carter.

Saí da sala indo imediatamente até a copa providenciar o café. Liguei a máquina, preparei os grãos, aguardando enquanto o cheiro inebriante preenchia o ar. Levei-o para meu chefe e, antes de sair, fui chamada mais uma vez.

- Srta. Simon? – fechei os olhos controlando a frustração antes de me virar e encarar toda a sua magnitude. – Como soube que gosto de café preto? – ah! Era isso? Sorri timidamente.

- Eu tenho as minhas fontes – ele sorriu em resposta quase me fazendo derreter de desejo. Seu sorriso era espetacular.

O restante do dia foi de apenas trabalho. Arrumei duas vezes a sala de reuniões. Uma para a reunião com o setor jurídico e outra com o setor de marketing. Providenciei seu almoço e o meu por tabela. Respondi todos os 55 *e-mails* recebidos das filiais, solicitando agendamento de compromissos com o Sr. Carter. Estudei um pouco mais das pastas. Imprimi, organizei, carimbei e grampeei diversos documentos. Atendi mais de 80 ligações. Ao final do dia estava literalmente acabada. Desejando, mais do que tudo, a minha cama e completamente arrependida pelo scarpin.

Quando o Sr. Carter passou por mim com sua pasta na mão respirei aliviada. Pelo menos ele não me pediria mais nada. Eu ainda teria que esperar um documento que estava terminando de imprimir para, finalmente, poder voltar para casa.

- Srta. Simon, eu estou saindo agora e só retorno amanhã – concordei balançando a cabeça. Ele caminhou até o elevador, porém voltou-se de

súbito para mim. – Poderia trazer minha agenda branca?

Peguei a agenda e andei rapidamente em sua direção. Quando ele a pegou, nossas mãos se tocaram. Eu podia jurar que um choque intenso atingiu o meu corpo. Não de uma forma dolorosa, mas como se ondas de prazer saíssem de seu corpo e passem para minhas veias. Fechei os olhos, pois não consegui reprimir o suspiro que saiu dos meus lábios, o que me deixou bastante envergonhada.

A sensação da sua pele na minha era avassaladora. O que era aquilo? Sem largar minha mão e, conseqüentemente a agenda, o Sr. Carter a puxou para mais perto, o que acabou me levando para junto dele. Deus! Por que tanta provação?

- Melissa – sussurrou. Era nítida a mudança de intensidade em suas palavras.

Foi como se aquele homem não fosse o meu chefe. O mesmo que passou o dia inteiro me ignorando, como se nada tivesse acontecido entre nós. Bom... Nada aconteceu, mas... Prendi a respiração aguardando o que ele diria, ou pediria.

- A que horas vai para a cama?

O que? Balancei a cabeça confusa com sua pergunta. O que ele pretendia?

A associação: eu, cama e Sr. Carter, juntos, já me deixava em brasa. Percebendo a confusão que se formava em meus pensamentos ele continuou.

- A que horas costuma se deitar, para... – um sorriso torto brincou em seus lábios me deixando maravilhada com a imagem da sua língua passeando levemente pelos mesmos, encerrando tudo com uma pequena mordida em um dos cantos de seu lábio inferior. – Dormir – completou.

Putá merda!

- Acho que... – puxei o ar para tentar organizar meus pensamentos. Sem conseguir, passei a mão pelos cabelos jogando-os para trás. Minha outra mão estava ainda presa à dele – Cedo.

- Cedo? – levantou uma sobrancelha.

- Estou exausta – sorri sem vontade. – Vou me deitar cedo hoje.

Eu posso. Não. Não posso. Merda! Mas eu quero. Preciso. Preciso muito. Não. Não posso querer.

Que inferno!

- Até lá então – as portas do elevador abriram. Ele entrou sem olhar para trás.

Como assim até lá?

- Sr. Carter... - mas a porta fechou e ele partiu me deixando sem resposta.

Dormir foi mais do que complicado. O que o Sr. Carter quis dizer com “até lá então”? Será que ele teria coragem de aparecer em meu apartamento? Ou será que ele percebeu a forma absurdamente idiota que me deixava quando resolvia tirar o meu juízo? Ou será que quis sugerir que eu sonhava com ele todas as noites? Droga de homem complicado, seguro e sexy.

O banho gelado foi mais do que providencial. Dean precisava voltar logo ou então a sexta-feira teria que chegar mais cedo. Talvez, muito

talvez, eu devesse levar em consideração a proposta do meu “ficante”. Se nós nos envolvêssemos um pouco mais, não haveria espaço para outras pessoas, mais precisamente, para o Sr. Carter e toda a sua ameaçadora presença.

- Agente firme, Mel. Falta pouco agora – repeti diversas vezes tentando me convencer de que seria fácil.

Abri o guarda-roupa tirando de lá meu velho moletom. Vesti o casaco, acompanhado da calça folgada e surrada sentindo-me extremamente confortável. Ele realmente tirava todo o glamour de uma mulher. Tudo bem! Eu ia dormir sozinha mesmo. O que nunca foi ruim, pois adorava ocupar todo o espaço da minha cama.

Dormir acompanhada sempre foi um problema para mim. Fazia com que eu me sentisse dividida ao meio, ou talvez, com apenas a metade da cama mesmo. Por isso sempre expulsava Dean.

Dean! Como eu precisava que ele voltasse logo.

Rolei na cama vendo as horas passarem. Ele tinha dito cedo e já era tarde, então por que nada acontecia? Ele só podia estar brincando. Brin-can-do. Eu me sentia um alvo fácil para as suas brincadeiras. Era estranho e prazeroso ao mesmo tempo. Mais prazeroso que estranho.

Um homem como o Sr. Carter, tão sexy e seguro de si. Tão repleto de enigmas e completamente desconhecido para mim, era o que eu precisava para surtar. Acho que posso mudar seu apelido de “Todo poderoso Carter” para “Todo delicioso Carter”. Tive que rir, mas tampei o rosto com o travesseiro me sentindo infantil demais.

Involuntariamente repassei em minha mente cada momento que tínhamos vivido juntos. A noite anterior ganhava destaque. Com seus lábios tão próximos aos meus. Era sensacional a ideia de me sentir tocada por ele, sem que, de fato, acontecesse. O Sr. Carter tinha esta capacidade. Ele conseguia me tocar da forma mais íntima possível apenas com o olhar. Deus! Como eu o queria. Nem que fosse por um pequeno instante. Mesmo que fosse apenas um pequeno deslize.

Eu seria perdoada se o aceitasse mesmo sabendo que ele era comprometido? Nunca fui muito religiosa como a minha mãe, no entanto, sempre tive medo das punições que receberia, caso ousasse desafiar as leis de Deus. E nelas estava bem claro: não cobiçarás a mulher do próximo. Será que valia para o homem do próximo também?

Mas eu nem sabia se Tanya era mesmo a namorada dele. Poderia enquadrá-la no grupo de ex-namoradas histéricas e inconformadas, com instinto assassino. Ela parecia mesmo uma psicopata falando da forma como falou. Que mulherzinha insuportável!

Meu telefone tocou fazendo-me estremecer. Peguei o aparelho, que mais uma vez se escondia, jogado embaixo das roupas que estavam sobre a poltrona do quarto, e voltei para a cama atendendo de imediato.

- Sim?

- Melissa? – meu coração disparou ao ouvir aquela voz. – Por que será que eu tinha a certeza de que você ainda estaria acordada?

Eu podia jurar que ele sorria e tinha certeza que estava esplêndido. Sacudi a cabeça para afastar os pensamentos que já me invadiam. Forcei-me a pensar que ele apenas queria esclarecer alguma dúvida sobre um compromisso ou contrato. Ou até mesmo para me avisar que no dia seguinte precisaria que eu chegasse mais cedo. Qualquer coisa não relacionada com os meus desejos secretos.

- Sr. Carter? – não consegui esconder a surpresa. Era difícil me controlar com tantos pensamentos distintos guerrilhando em minha cabeça.

- Robert – enfatizou. - Não estamos trabalhando – ai meu Deus! Ele estava me dando um pouco de intimidade?

- Desculpe... Robert – sussurrei seu nome me sentindo uma herege apenas por pronunciá-lo.

Nem em meus pensamentos mais perversos, eu o tratava com tamanha intimidade. Em todas as minhas fantasias ele era o Sr. Carter ou poderoso Carter, como o chamava secretamente. Senti meu rosto esquentando por chamá-lo assim.

- Não se desculpe, Melissa – a impaciência estava presente em sua voz.

- Por que o incomoda?

- O que?

- Que eu me desculpe. Você sempre se irrita – ele riu baixinho e minha pele se arrepiou.

- Sua voz fica maravilhosa quando está com sono – mudou de assunto de maneira inusitada, sem responder a minha pergunta. Minha língua involuntariamente umedeceu os lábios. Passei a mão pelos cabelos voltando à realidade.

- Sr. Carter, nós...

- Robert – repetiu.

- Robert – corriji ainda não me sentindo completamente a vontade com a palavra. – Nós não podemos...

- Podemos – ele foi claro e incisivo. – Jogue comigo, Melissa, jogue... - suplicou.

A voz rouca e baixa. Era como ouvir o próprio demônio me tentando. O pior é que eu queria ser tentada. Queria ceder aos seus apelos. Estávamos ao telefone e nada de ruim poderia acontecer.

Poderia?

Meu silêncio o incentivou.

- Onde você está agora?

- Em minha casa – não precisei pensar muito para responder. Ele voltou a rir baixinho.

- Em qual lugar da sua casa? – sua voz destacava as palavras de forma incisiva. Eu entendi o que ele queria saber.

- Em minha cama. Estava tentando dormir e...

- Ótimo! – preendi a respiração. Como assim ótimo?

- Onde o Senhor... Você está agora?

- Isso não vem ao caso – ele não se exaltou.

- Como...

- O que você está vestindo?

Não me deixou continuar. Olhei para mim analisando o moletom velho e gasto que vestia. Eu não poderia dizer a ele que estava usando aquilo. Imediatamente equilibrei o telefone entre o ombro e a orelha puxando as calças para baixo. Precisava que ela estivesse longe do meu corpo para conseguir sustentar a mentira.

- Isso é um pouco íntimo demais – me esforcei para não deixar que meus movimentos transparecerem em minha voz. Larguei o telefone e puxei rapidamente o blusão para cima, arrancando-o de mim. Peguei o telefone de volta e ainda consegui ouvir a sua risada rouca.

- Sim. Muito íntimo. É exatamente por isso eu quero saber – engoli em seco. Eu poderia dizer a ele que estava apenas de lingerie? – Jogue comigo, Melissa – a súplica em sua voz rouca de desejo me incentivou a falar. Era só uma palavra. Nenhum mal poderia ser feito por dizê-la.

- Lingerie – minha voz saiu sufocada. Eu estava totalmente vermelha. Graças a Deus, ele não estava lá para conferir. – E você? – ouvi, deliciada, o seu suspiro.

- Imagino como deve ser isso.

Fiquei incomodada com tantas fugas da parte dele.

- Qual a cor?

Olhei para mim mais uma vez e não tive coragem de revelar que usava um lingerie bege. Seria o meu fim, ou pior, o fim do nosso

joguinho. O que eu diria? Vermelho seria provocativo demais. Branco poderia parecer muito inocente. Preto. Ele dissera que o preto ficava muito bem em minha pele.

- Preta.

Afundi um pouco mais no travesseiro e, mais uma vez, ouvi seu suspiro para depois ficarmos um bom tempo em silêncio. Eu podia sentir a “atmosfera” que se formava entre nós dois. Meu corpo inteiro podia sentir.

- Melissa – sussurrou de maneira desconcertante. – Como as pessoas mais íntimas te chamam? – fiquei em silêncio. – Como posso chamá-la de maneira mais íntima? – puta merda! Aquilo estava mesmo acontecendo?

- Mel.

- Mel. Perfeito! Muito apropriado. Doce, pequeno, ingênuo e lindo, como você. É extremamente sensual sentir seu apelido “Mel” na ponta da minha língua.

Novamente sua voz saiu mais do que deliciosa. Arrastada. Como se ele venerasse o meu nome. Apertei minhas pernas uma na outra na

tentativa de conter o meu desejo. Céus! Eu não aguentaria muito tempo.

- Mel... Seu corpo esplêndido, sua pele clara, aveludada e macia, em uma lingerie preta... – soltou o ar. – O que você quer? – fiquei calada sem saber o que responder. Eu queria tantas coisas. – Diga o que quer, Melissa.

Eu podia sentir a força das suas palavras sobre mim. Sua ordem me impulsionava a continuar. Mas não tive coragem.

- Você me quer, Melissa? – aquilo estava indo longe demais. Eu não podia dizer a ele que o queria, nem o quanto.

- Robert, estamos indo longe demais.

- Responda – sua rispidez me deixou ainda mais excitada. Minha calcinha estava completamente molhada.

- Sim. Mas... – fui covarde para deixar que acontecesse.

- Você me quer em seu corpo?

Sua voz era um sussurro suave e delicioso. Eu podia jurar que ele estava tão excitado quanto eu. Só este pensamento me deixou ainda mais en-

louquecida para tê-lo. Nada mais importava. Eu o queria.

- Apenas responda que sim, Mel. É só o que eu preciso.

- Sim – meu sussurro acompanhou o dele.

- Mas estou longe, agora – o “agora” que ele falou me fez arquear o corpo em expectativa. Parecia uma promessa. – Então, Melissa...

Respirou profundamente me deixando ouvi-lo. Eu podia visualizá-lo passando as mãos nos cabelos. Secando-me com aqueles olhos cinza.

- Eu preciso que você faça algo por mim. Você vai fazer?

- Sim – não poderia mais voltar atrás. Estávamos jogando e eu iria até o final. “Putamerda! Que se dane a sociedade e as suas regras”.

- Preciso que passe a mão no pescoço, mas... Quero que imagine que é a minha mão lhe tocando.

- Não é a mesma coisa – e não era mesmo.

- Ah, é sim. Basta você imaginar que sou eu tocando a sua pele. Acredite Melissa. Tudo

o que eu mais queria agora, era poder tocá-la. Sentir sua pele macia em meus dedos. Ver seus olhos se fecharem de prazer pelo contato tão desejado por nós dois. Ouvir seus gemidos enlouquecidos de prazer. Ah, Melissa, como eu queria poder sentir o seu corpo agora.

Perdi totalmente a noção do que estava fazendo e minha mão percorreu meu pescoço. Era como se ele estivesse sobre mim, me tocando.

- Você está fazendo?

- Sim – gemi a palavra deliciada com a sensação.

- Pode me sentir?

- Sim – fechei os olhos e deixei que minhas mãos fizessem o trabalho que tanto sonhei que ele faria.

- Ah! Melissa – ele gemeu meu nome e fiz um esforço absurdo para não gemer também. – Desça a sua mão. Passe entre seus seios. Eu sonho em poder tocá-los. Tão perfeitos. Rígidos. Do tamanho ideal para minhas mãos – suspirou com força. - Você está fazendo? – automatica-

mente minhas mãos desceram em direção aos seios. A sensação era indescritível.

- Sim.

- Sim, Robert – deu o comando. – Diga o meu nome. Preciso imaginar seus lábios se abrindo para pronunciar o meu nome.

- Sim, Robert – obedeci.

- Assim, Melissa. É exatamente assim que eu a quero – ele me queria. Isso era o suficiente para mim. – Toque-os. Passe os dedos neles. Sinta como se fossem meus próprios dedos lhe tocando. Você consegue sentir?

- Sim, Robert – seu nome saiu de meus lábios de maneira melosa. Eu estava extasiada.

- Queria realmente estar com eles em minhas mãos – ouvi mais uma vez seu gemido. – Agora, quero que vá um pouco além. Eu imagino seus mamilos rosados à minha frente. Posso sentir o desejo de tocá-los com a língua, me consumindo. Ofereça-os para mim. Ofereça-os para mim, Mel. Toque-os. Aperte-os – obedeci sem contestar. Eu não queria terminar aquele jogo.

Fiz o que ele pedia. Não sentia a minha mão. Eu sentia as dele. Tocando-me. Excitando-me. Meus dedos pressionaram com firmeza meus mamilos e um gemido escapou. Robert ficou deliciado com esta reação.

- Assim, Melissa – ele ficou em silêncio por um breve tempo, deixando que eu aproveitasse um pouco mais o meu momento. – Precisamos fazer. Você quer?

- Quero.

- Ótimo! – mais alguns segundos em silêncio. - Agora desça suas mãos um pouco mais. Imagine que meus lábios estão fazendo esta parte. São meus lábios em você, Mel. Pode senti-los? – eu podia. Eu sentia. Era real e era perfeito.

- Sim, Robert – gemi seu nome.

- Não termine isso cedo demais. Não gema dessa forma. É forte. Eu não vou aguentar por muito tempo – sua respiração ficou pesada e depois se normalizou. – Desça sua mão. Passe pela calcinha e toque onde eu mais gostaria de tocar neste momento – entendi o que ele queria, eu

queria também e faria. Não dava para segurar por mais tempo.

Desci minha mão ultrapassando as barreiras da calcinha. Os dedos tocaram meu sexo levemente, mas foi o suficiente para que eu gemesse dengosa. Estava enlouquecida de desejo. Recuei, mas logo avancei conforme era para ser, e mais uma vez, um gemido felino saiu de meus lábios.

- Isso, Melissa! Faça. Faça por mim. Pense em mim. Sinta meu corpo em você.

Ficamos em silêncio novamente, quando ouvi o que nunca imaginei que ouviria um dia. Robert estava se masturbando também. Eu podia ouvir o barulho quase imperceptível de suas mãos percorrendo freneticamente seu membro. Como eu queria estar pessoalmente vislumbrando aquela cena. Imaginar Robert me desejando era uma coisa, mas imaginar meu chefe se masturbando por mim era simplesmente alucinante.

Meu ritmo acelerou. Eu queria acompanhá-lo. Queria mostrar-lhe que também estava pronta para ele. Toquei-me com mais

pressão. Gemi alto de propósito e ele gemeu de volta, revelando-me o que fazia.

- Dentro de você, Melissa – praticamente me implorou. Fiquei deliciada. – Me coloque dentro de você.

Imediatamente introduzi dois dedos em mim e no mesmo instante arfei enlouquecida. Robert ecoou meus gemidos. Seus movimentos ficaram mais intensos, era perceptível pelo barulho que fazia. Eu tinha sua imagem perfeitamente projetada em minha mente. Seu membro rígido e sua mão enorme trabalhando nele. Subindo e descendo, sem cessar.

- Eu posso sentir você, Mel. Quente... Molhada... Apertada... E eu completamente dentro do seu corpo. Você me quer? – eu estava por um fio.

- Quero. Eu quero você, Robert.

Enquanto o indicador e o médio adentravam em mim, desejosos dele, o polegar acariciava meu clitóris aumentando o prazer. Nunca havia sido desta forma antes, porém, era exatamente como eu queria que fosse pelo resto da vida.

- Eu estou em você, Melissa, como você está em mim – senti que estava muito próxima de gozar quando minha respiração acelerou e meu sexo pulsou em meus dedos.

- Robert! – gemi seu nome me entregando ao prazer.

- Melissa! – ele também se entregou. Juntos, chegamos ao orgasmo. Intenso, quente, extasiante e extremamente prazeroso.

Nossas respirações eram os únicos sons. Eu podia ouvi-lo e ele também me ouvia. Meu corpo, aos poucos, foi voltando ao normal. Ao mesmo tempo, comecei a entender o que aconteceu. Eu estava muito, muito ferrada mesmo.

- Melissa?

- Sim – ouvi seu risinho baixo e rouco, automaticamente, minha pele voltou a ficar arrepiada. Aquilo nunca teria um fim?

- Vejo você amanhã – e a ligação encerrou. Fiquei parada na cama. Sem esboçar nenhuma reação. Oh meu Deus, o que eu havia feito?

CAPITULO 9

O que eu havia feito? Esta pergunta não saía da minha cabeça. O Sr. Carter... Robert... Sei lá como deveria tratá-lo dali em diante... O fato era que ele conseguiu me fazer perder o pouco juízo que ainda restava e cometer aquela loucura. Sexo por telefone. Eu pensava que aquilo só existia em filmes ou em contos eróticos. Pelo visto sei muito pouco sobre a realidade sexual do mundo, ou pelo menos do meu mundo. O que ainda teria pela frente?

Não. Eu não devia esperar por mais nada. O que aconteceu foi um erro e um erro muito grave. Ele é comprometido... Ou não... Não importa. Ele é um conquistador. Eu sou apenas a secretária que o faz desejar um pouco de aventura, nada mais.

O que faria? Como iria encará-lo. Não conseguiria conversar normalmente com ele como se nada tivesse acontecido. Eu simplesmente não podia mais. Precisava e queria desaparecer. Gostaria que a cama afundasse comigo para nunca mais

precisar sair dela. Mas o despertador insistia em avisar que se não levantasse logo estaria ainda mais enrascada.

Levantei sem vontade. Tomei banho sem vontade. Sequei os cabelos sem vontade. Escolhi as roupas que deveria usar, totalmente sem vontade. Uma blusa branca com um decote generoso. Como meus seios são pequenos, dava para usá-la sem chamar tanta atenção e, principalmente, sem parecer vulgar.

Coloquei uma saia vermelha de couro, mais uma das escolhas de Nicole. Tudo ficava perfeito em mim, de acordo com os argumentos dela. Naquele momento eu estava até sem vontade da Nick.

A saia apesar de justa e comprida até os joelhos, não inibia meus movimentos. Estava aceitável. Eu queria prender meus cabelos num coque bem trabalhado, mas preferi deixá-los soltos. Estava sem o menor ânimo para cuidar deles. Forcei meu cérebro a trabalhar em uma boa maquiagem, com medo do que a irmã do meu chefe faria comigo caso não estivesse bem apresen-

tável. Deixei passar o café da manhã. Não tinha a menor vontade de comer.

Andei lentamente para fora do prédio, em busca do meu carro, que estava do outro lado da rua. Então o vi. Seu carro, perfeito para a sua posição, estava estacionado em frente ao prédio e ele parado do lado de fora. Vestia um paletó preto, uma camisa azul e gravata preta. Com os cabelos, ainda molhados, casualmente arrumados. Sem gel. Estava magnífico. Não pude enxergar seus olhos por detrás dos óculos escuros. As mãos estavam nos bolsos. A visão da área próxima às suas mãos quase me fez cair ao me lembrar do que elas fizeram na noite anterior e no quanto desejei poder vê-lo fazendo.

Santo Deus! Salve-me desta tentação.

Não conseguia me decidir se caminhava em sua direção ou fingia que ele não estava ali, o que seria ridículo e infantil. Então resolvi me obrigar a andar ao seu encontro. Seu sorriso em resposta foi escandaloso. Eu sentia meu rosto queimando de vergonha. Meu chefe se divertia.

Sim. Ele estava se divertindo às minhas custas e eu começava a me incomodar com aquilo.

- Bom dia, Srta. Simon – o sorriso ainda estava lá. Ele sabia ser detestável quando queria, o que me fazia temer a possibilidade dele passar o dia me fazendo sentir vergonha pelo que eu havia permitido acontecer. Como eu havia sido uma idiota.

- Bom dia, Sr. Carter – tentei parecer o mais tranquila possível. – Algum problema? – Fingi que não sabia o porquê do seu sorriso. Seria como se nada tivesse acontecido.

- Na verdade, apenas mudei um pouco a nossa agenda. Teremos novos compromissos.

Como se um botão tivesse sido acionado, ele assumiu a sua função de comando. Puxei o ar, inconformada pelo fato do meu chefe ignorar a noite anterior. Mas eu também estava fazendo a mesma coisa, então por que fiquei tão irritada?

- Resolvi visitar a nossa sede de pesquisas e desenvolvimento. Preciso verificar de perto tudo o que está acontecendo – concordei com a cabeça. – Achei que a senhorita não teria como

saber desta mudança, então vim buscá-la para irmos juntos. Mais tarde voltaremos à empresa. Algum problema? – ele percebeu que eu o olhava, aturdida.

Claro que havia um problema. “Nós tínhamos feito sexo por telefone, seu cretino”. Tive vontade de gritar. Além do mais, ele não poderia ter me telefonado para explicar as mudanças e combinado de me encontrar lá? Como eu conseguiria ficar, o tempo que fosse, trancafiada com ele no carro sem que as correntes elétricas flutassem carregando a atmosfera ao nosso redor? Respirei fundo.

- Não, Sr. Carter.

- Podemos ir?

Abriu a porta do carro me indicando com a mão o banco do carona. Fiquei congelada imaginando como seria, nós dois, sozinhos, dentro de um espaço tão reduzido. Imaginei ainda que não precisávamos de tanto espaço para o que quer que fosse. Empurrei o pensamento para bem longe de mim. Céus! “Eu consigo passar por mais esta provação?”

- Srta. Simon? – chamou-me de volta à realidade.

- Desculpe-me – as palavras saíram sem que eu precisasse pensar nelas. Ele suspirou e passou as mãos pelos cabelos.

- Não se desculpe, Srta. Simon.

Lembrei-me da nossa conversa na noite anterior e minha pele respondeu às lembranças. Entrei no carro sem contestar. Ele deu a volta e entrou assumindo o volante. Fiquei olhando em sua direção aguardando por algo mais, só que meu chefe não deu nenhum sinal de que conversaríamos sobre o assunto.

Fizemos o percurso de cinquenta minutos, falando apenas o estritamente necessário, que estava restrito a assuntos do trabalho. O Sr. Carter não me olhou em nenhum momento.

Chegamos à empresa, que era uma das divisões da imponente C&H Medical Systems. O Sr. Carter então assumiu uma postura ainda mais indiferente. Ele parecia precisar mostrar a todos que respirava, pensava e comia trabalho. Eu, me mantendo distante, tentava acompanhar o seu

ritmo, mas minha cabeça trabalhava de maneira inversa.

Quando se reportava a mim, ouvia o que ele dizia, porém meu cérebro registrava apenas que o movimento dos seus lábios era extremamente convidativo. Quando me pedia algo, eu demorava alguns segundos para entender que não era o que estava imaginando. Quando suas mãos gesticulavam em minha direção era ainda mais complicado, pois eu, imediatamente, me lembrava do barulho do movimento frenético delas do outro lado da linha na noite anterior. Cada segundo era uma enorme tortura.

A pior parte da manhã foi aguentar o Sr. Simpson. Ele não parecia ter o menor constrangimento em demonstrar seu interesse por meu decote. Também não escondia o seu empenho em coletar informações a meu respeito. O Sr. Carter percebia tudo, no entanto, se mantinha distante. Aquilo estava me irritando muito além do que deveria irritar. Por isso fiquei aliviada quando encerramos nossa visita e fomos embora.

No caminho fiquei calada. Absorvendo tudo o que aconteceu, pois precisava procurar respostas para todas as minhas dúvidas. Mesmo tendo certeza que ele nunca as responderia.

- Cansada?

- Não muito – fiz questão de fixar meus olhos da estrada. Não estava disposta a começar qualquer conversa desvinculada ao trabalho.

- Vou parar para almoçarmos em um restaurante que conheço. Fica próximo – eu não queria. Na verdade, nem tinha fome. Naquele momento meus pensamentos me alimentavam, porém não fiz nenhuma objeção.

Ele seguiu até um restaurante que eu também conhecia. Era fino e discreto. Típico lugar para se almoçar tranquilamente com a amante. Este pensamento me deixou frustrada. Não queria ser amante dele. Não queria ser amante de ninguém. Sempre fui livre para viver da maneira que queria. Definitivamente, ficar com alguém já comprometido nunca fez parte dos meus planos.

Ficamos em uma mesa ainda mais discreta do que todo o restaurante conseguia ser. A culpa

tumultuava minha mente. O que ele estava pensando? Que poderia chegar e bagunçar minha vida, me escolhendo como amante sem ao menos me perguntar se eu estava de acordo?

Calada, Melissa Simon. Primeiro você precisa saber se ele realmente tem uma namorada. Ok! Tanya era real, mas poderia ser uma ex-namorada mal resolvida. Tudo bem, você está novamente tentando se enganar. Arrumando subterfúgios para continuar vivendo esta loucura, mas vamos ser francas, se Tanya é ou não namorada, isso realmente importa? Claro que importa. Ela é uma psicopata em potencial.

- Algo errado, Srta. Simon? – o meu chefe ainda estava me tratando de maneira polida e profissional. Suspirei e peguei o cardápio

- Não, Sr. Carter. Nada – nem precisei olhá-lo para ter a certeza de que seu sorriso torto e perfeito estava presente.

Fizemos nossos pedidos e ficamos aguardando. Eu estava nitidamente nervosa. O que estava me deixando inquieta era a constatação de que, mesmo existindo um espaço seguro entre

nós dois, ainda dava para sentir o calor que o corpo dele irradiava em minha direção, me prendendo à cadeira e me tocando intimamente. Passei as mãos pelos cabelos querendo arrancar aquelas sensações de minha cabeça.

- Você parece nervosa.

Olhei em seus olhos sem acreditar como ele conseguia ser tão natural depois de tudo o que tinha acontecido. Meu constrangimento o divertia.

- Não dormiu bem esta noite? – fiquei calada, encarando-o. Era inacreditável.

Ficamos sozinhos no carro por muito tempo e nenhuma palavra foi dita sobre o assunto. Mas bastou estarmos em um lugar público para ele querer brincar com o acontecido.

- Sua cama não é confortável? – baixei os olhos balançando a minha cabeça em descrença. Não entraria no seu jogo. – Você parece não estar muito a fim de conversar comigo hoje, Melissa.

Estremeci ao ouvi-lo chamando meu nome e não mais da maneira distante e profissional,

como tinha feito o dia todo. Contudo, aquilo não deveria ser o suficiente para mim.

- Melissa? Perdoe-me Sr. Carter, mas acredito que o senhor sofre de distúrbio de personalidade.

Ele puxou o ar, surpreso com minha resposta. Eu estava indignada, revoltada e ansiosa. Esperava que me repreendesse, mas ele apenas sorriu, como se eu nada tivesse dito. O que me irritou ainda mais. Se eu queria brigar ele tinha que aceitar meu desafio. Deveria rebater os meus desaforos. Que droga!

- Dentre tantas coisas que poderia atribuir a mim, você escolhe justamente distúrbio de personalidade? – gargalhou. - Sou autoritário? Sim. Tenho obsessão por comando? Sim. Gosto que as coisas e as pessoas sejam e ajam da forma como eu quero? Com certeza. Sou controlador? Definitivamente. Gosto de um bom sexo? Completamente – seus olhos se demoraram em mim. - Principalmente quando acompanhado da mulher ideal – ele deixou que a língua umedecesse os lá-

bios onde um sorriso devasso se projetou. - Mas distúrbio de personalidade? Com certeza não.

Desviei meu olhar. Aquele não era o momento correto. Até porque estava completamente constrangida com a resposta que tinha ouvido. E como poderia falar tranquilamente sobre sexo quando estávamos em um restaurante?

- Pode responder a minha pergunta agora?

- Qual delas, Sr. Carter? – enfatizei o “Sr. Carter” para que ele entendesse que não queria nenhuma conversa mais íntima. Ele sorriu voltando a umedecer os lábios com a língua. Imediatamente meus pensamentos reagiram. Droga de homem!

- Sua cama, Melissa – ele enfatizou o meu nome deixando claro que minha vontade não valia de nada. Totalmente controlador. - É confortável? – apoiou os cotovelos na mesa e cruzou os dedos apoiando os lábios nele.

- Sr. Carter...

Coloquei os cotovelos sobre a mesa massageando as têmporas. Eu estava esgotada. O garçom chegou com nossos pedidos o que fez

com que meu chefe voltasse a sua posição inicial. Desisti de comer antes mesmo do prato ser colocado à minha frente, contudo a indisposição não pareceu tê-lo atingido.

O Sr. Carter começou a comer no mesmo instante, esquecendo-se completamente do que conversávamos. Só após a quinta ou sexta garfada percebeu que eu ainda não havia tocado em minha comida.

- Você não está precisando de dieta. Pelo que pude perceber, está tudo no seu devido lugar. Exatamente como deve ser – mais uma vez levou o garfo à boca me fazendo desejar aqueles movimentos, porém, de outra maneira.

- Sr. Carter, eu...

- Melissa você ainda não respondeu a minha pergunta. Odeio não ter as informações que preciso no momento em que necessito delas.

- Desde quando o conforto da minha cama é algo que você precise saber? – perdi completamente a paciência.

No mesmo instante me arrependi de utilizar “você” e não “senhor”. Tal fato derrubou

de vez a barreira existente entre nós. Ele sorriu, cruzando novamente os dedos, apoiando os lábios.

- Você prefere que eu mesmo vá verificar? – fiquei petrificada com suas palavras. Acho que meu rosto ficou tão vermelho que quase explodiu. – Acalme-se, Melissa – sorriu esplendidamente. – E coma alguma coisa. Não é saudável deixar de se alimentar nos horários corretos – voltou a se concentrar em sua comida.

Forcei-me a colocar algo na boca, mastigar e engolir de maneira mecânica enquanto ele me observava.

- E então? – uma de suas sobrancelhas estava arqueada aguardando pela minha resposta.

- Sim, Sr. Carter - fiquei irritada por estar mais uma vez obedecendo as suas ordens de cunho nada profissional.

Seus olhos brilharam com minha resposta. Eu não sabia se era pelo fato da minha cama ser ou não confortável, ou se era o seu instinto perverso de ser sempre o dono da situação.

- Mais alguma curiosidade a meu respeito?
– ele riu e se reclinou no encosto da cadeira.

- Muitas – seus olhos penetravam a minha alma. – Porém me considerarei satisfeito com mais duas. A primeira é simples: você está vermelha assim por ter que me contar que sua cama é confortável ou pelo que fez nela ontem a noite pensando em mim?

Cuspi toda a água que tinha acabado de colocar na boca. Ele era maluco ou o que? O Sr. Carter riu da minha reação enquanto me entregava o guardanapo que estava em seu colo. Aceitei, mesmo tendo o meu. Comecei a limpar a água que tinha caído sobre a mesa e na minha saia. Não era possível encará-lo naquele momento.

- Tudo bem. Vou pular esta pergunta... Por hora.

- Você é louco? Por que faz essas coisas? Por que...

- Robert – uma voz feminina as minhas costas fez com que minha voz sumisse.

A mulher saiu de trás de mim dando a volta e indo na direção do meu chefe. Era linda. Seu vestido, tão colado ao corpo que parecia uma segunda pele. Magra e alta, como uma modelo de passarela. Um rosto exótico, angelical, apesar da maquiagem pesada para o horário. Seus cabelos completavam o conjunto. Ruivo-avermelhado, parecendo uma tocha acesa. Aliás, tudo nela parecia aceso.

- Muita sorte encontrá-lo em horário comercial. Sempre tão ocupado.

- Mannie – levantou-se elegantemente para cumprimentá-la com familiaridade. Ela praticamente se derreteu em seus braços – Quanto tempo.

- Tempo demais para dizer a verdade – fez biquinho reivindicando mais tempo com ele. Tive vontade de gritar.

- Esta é Melissa Simon, minha secretária. Srta. Simon está é Mannie, uma... Amiga.

Eles se olharam nos olhos, confidentes. Então voltei a ser a Srta. Simon e a tal a minha frente era uma amiga? Provavelmente uma amiga

como eu fui no dia anterior. Ou pior, uma amiga que foi muito além do que fomos. Era isso? Forcei um sorriso profissional quando ela sorriu largamente para mim.

- Melissa, então acredito que devo pedir a você para agendar uma horinha para mim. Robert é tão ocupado que só assim conseguirei encontrá-lo – além de tudo, ainda teria que agendar os encontros dele também? Era só o que me faltava.

- Realmente ando muito ocupado, Mannie – chamou a sua atenção. Não sei se fiquei grata ou aborrecida. – Mas prometo que entrarei em contato. Agora preciso voltar à minha vida de correria. Tenho mais duas reuniões ainda hoje – ele acenou para o garçom que lhe trouxe a conta.

Saí do restaurante ainda tendo que aguentar toda aquela conversa fiada sobre se encontrarem em outro momento mais apropriado. Ele era um idiota, metido e arrogante que pensava que podia ter todas as mulheres.

Tive pena da namorada dele. E eu também era um dos motivos desta pena. Mas aquilo

nunca mais voltaria a acontecer. Eu não permitiria.

Voltamos para a empresa em silêncio. Por mais que estivesse convencida de que não viveríamos mais o que ele estava disposto a viver, uma coisa me incomodava e muito. Ele não tinha feito a segunda pergunta. A curiosidade estava me corroendo.

- Fale, Melissa. Eu sei que todo este esfregar de mãos é vontade de falar, então fale de uma vez – foi quando percebi que chegamos à garagem.

- Você não fez a segunda pergunta – a timidez quase me impediu de falar. Seu sorriso torto, escandalosamente sexy, surgiu me deixando sem ar.

- Eu farei, num momento mais apropriado. Agora, se a senhorita não se importar, precisamos trabalhar.

Fiquei ainda mais constrangida. Passou a ser eu quem confundia os momentos, sendo íntima quando não deveria. Ele realmente me fazia perder a noção das coisas.

Passamos o restante da tarde envolvidos com o trabalho. Quer dizer... Ele passou. Duas reuniões estavam agendadas onde eu apenas participei levando os documentos solicitados. A maior parte da minha tarde passei me martirizando por deixar que ele fizesse o que queria comigo e, principalmente, pelo fato dele ser tão canalha e sedutor.

Nick apareceu no final da tarde. Ela queria falar com o Sr. Carter, mas como ele estava em reunião, aproveitou para agendar algumas coisas comigo que deveriam ser repassadas a ele. Ficamos algum tempo conversando, eu estava bastante aérea e ela percebeu.

- Aconteceu alguma coisa, Mel? Você está tão distraída. Robert aprontou o que desta vez? Eu sempre peço para ele ter modos ao falar com as pessoas, porém esta mania de comando dele é terrível – sorri. Ele era realmente insuportável daquela maneira tão controladora.

- Nick... – eu precisava desabafar. – Você já fez... Quer dizer...

- Fala logo de uma vez. O que aconteceu que a está torturando tanto? Foi alguma briga com aquele seu paquera?

- Não – criei coragem. – Na verdade foi algo com uma amiga minha, Kary – improvisei. – Ela me contou ontem que aconteceu uma coisa estranha entre ela e um cara.

- Uma coisa estranha?

- Sim... Eles... – morde os lábios sem saber como continuar. – Eles fizeram sexo por telefone – ela tapou a boca rindo.

Era divertido porque não aconteceu com ela. Não acredito que acharia engraçado se soubesse que aconteceu entre o seu irmão e eu. Isso era como trair a confiança dela.

- O que há de errado? – ela ainda se divertia.

- O cara... O cara com quem ela esteve ontem por telefone... É um canalha. E... Mesmo não tendo certeza... Ela acredita que ele tem namorada, ou qualquer compromisso mais sério, mas não há nada que comprove a sua suspeita, só...

Que ele demonstra ter relações abertas. Entende?
– seu sorriso se desfez.

- Isso é grave – Nick ficou séria.

- Eu sei – baixei a cabeça deixando meus cabelos caírem no rosto para esconder meu rubor.

- Ele pode ser casado, já que ela não sabe muito a seu respeito – Nicole acrescentou. Pensei no assunto. Achei que não seria possível. Mas e se fosse?

- Você acha que este tipo de sexo conta como traição?

- Qualquer tipo de sexo é traição, Mel. O que você fez? – acusou-me sem subterfúgios. Levantei a cabeça e encontrei os seus olhos. Não tive coragem de admitir. – Não deixe Robert fazer isso com você, Mel. Eles podem estar com problemas, mas pelo visto nunca terá fim.

Ela não estava brigando. Era como se estivesse me alertando, como amiga e não como chefe. O que chamou a minha atenção foi que ela disse que eles podem estar tendo problemas, então existe mesmo a relação entre os dois. Droga! Droga! Droga!

- Melissa, eles...

- Você entendeu errado. Não estou falando de mim, Nicole.

Fui covarde demais para admitir ou me desculpar. Eu não queria que ela soubesse das minhas falhas e muito menos que aquilo se tornasse um problema entre nós duas. Fingi estar o mais indignada possível. Ela precisava acreditar em mim e tirar da cabeça a ideia de qualquer relação que eu pudesse estar tendo com o meu chefe.

- De verdade?

- Sim – tentei ser firme e forcei um sorriso.

– Agora preciso entrar, Nick. Vou levar alguns documentos antes que o Sr. Carter resolva me dar outra punição – ela sorriu aliviada.

- Ótimo! Vou fazer uma visita a Paul - nos despedimos e voltei à minha tortura interna.

No início da noite fui chamada a sala de reuniões onde o Sr. Carter, além de agendar mais algumas reuniões e visitas, me deu várias outras tarefas. Ficamos mais vinte minutos finalizando tudo enquanto ele se despedia das pessoas. Eu

estava desligando o computador e colocando as coisas em seu devido lugar quando ele se aproximou. Mais do que normalmente nos aproximávamos.

- Vamos?

- Vamos? – fiquei sem entender.

- Eu a trouxe e agora vou levá-la para casa – meus olhos se arregalaram, minhas pernas ficaram bambas e meu rosto chamoscou. – Calma, Melissa! – sorriu colocando a mão no bolso. – Não será hoje que irei conferir o conforto da sua cama – abri a boca para falar, mas nada saiu. Optei por me manter calada.

Fomos até seu carro e, assim que entramos, ele voltou a conversar.

- Ainda tenho direito a minha segunda pergunta. Não vou livrá-la disso.

Fechei os olhos aguardando pelo que viria. Pelo menos ele não iria se atrever a testar a minha cama. No entanto meu chefe nada falou. Ficamos em silêncio durante todo o percurso. Silêncio por fora e um barulho infernal dentro de mim. Todos os meus órgãos imploravam para que ele est-

ivesse mais perto, bem mais perto, e minha mente gritava para ele não se aproximar.

Paramos em frente ao meu prédio. Ele não falou nada. Soltei o cinto de segurança fazendo menção de sair do carro.

- Como você definiria a sua vida sexual? – mordi os lábios fechando os olhos.

Que porra de pergunta era aquela? Levei minha mão à maçaneta do carro.

- Você não me respondeu. Sabe quanto custa o meu tempo? – travou a porta impedindo-me de sair.

- Você é doente – senti meus olhos ficarem molhados.

- Por quê? Por que quero saber o que você define como um bom sexo? Por que me interessa pela sua vida sexual?

- Isso não tem a menor importância para o seu tempo nem para os seus negócios então, por que não me deixa em paz? – o enfrentei. Ele sorriu. Meu corpo inteiro reagiu. Eu estava excitada? Não era possível.

- Você fica muito desfrutável quando está nervosa, Melissa. É um perigo para qualquer homem.

O ar ficou preso nos meus pulmões. Ele se inclinou em minha direção. Eu podia sentir seu hálito. Os lábios muito próximos aos meus. Eu queria poder tocá-lo. Meus olhos dançavam entre os lábios e os olhos dele. Meu coração estava disparado.

- Não faça isso comigo – implorei sussurrando.

- Não farei. Só quando você pedir – a existência do seu sorriso torto e perfeito me fez querer afundar no banco do carro e quase me entregar ao orgasmo que insistia em querer acontecer. – E vou conseguir a resposta para a minha pergunta. Você não conseguirá escapar.

Ele levantou a mão para me tocar. Eu cheguei a suspirar com a possibilidade, mas, no meio do caminho, sua mão desviou e abriu a minha porta.

- Você precisa ir agora. Eu tenho um jantar importante esta noite. Nos veremos amanhã.

Desci do carro e fui embora sem olhar para trás. Precisava do meu chuveiro. Com urgência.

O dia seguinte simplesmente apagou de mim todas as expectativas. Logo cedo, o Sr. Carter ligou avisando que não iria comparecer. Solicitou que eu enviasse por e-mail a cópia de alguns contratos, todos da mesma empresa e me avisou que não sabia quando ou se chegaria. Tive que fazer algumas ligações desmarcando os compromissos daquela manhã.

Almocei com Nicole e Alexa, como fazia quando o Sr. Carter não estava. Nossa amizade estava crescendo, além disso, me sentia bem ao lado delas.

O Sr. Hanson chegou quase no final do nosso almoço e Nicole teve que nos deixar. Fiquei com Alexa conversando sobre as fofocas da empresa. O tempo todo eu tentava me animar por ser sexta-feira, ou seja, seria o meu encontro com Dean. Infelizmente, depois do o que aconteceu eu não conseguia mais me sentir tão empolgada. Ainda havia a nossa viagem, para a Grécia,

que aconteceria na segunda-feira. Eu estava ansiosa e angustiada, além de temerosa.

O Sr. Carter voltou no final do dia junto com a Sr^a Tanya. A namorada. Eles me cumprimentaram educadamente enquanto meu coração afundava com a lembrança do quanto eu era idiota e vulnerável. Nicole tinha razão. Eles estavam só vivendo uma fase ruim, e eu, era apenas um momento na vida dele.

Eu precisava de Dean para me trazer de volta a realidade.

Saí do escritório antes deles e fui correndo para casa me arrumar. Toda minha ansiedade em colocar a minha vida nos trilhos evaporou quando Dean ligou avisado que não tinha conseguido voltar. Meus planos foram por água abaixo. E minha noite estava perdida.

CAPÍTULO 10

Caminhei pela rua estreita molhada que me levava para o Aeroporto Internacional O'Hare. O táxi tinha me deixado um pouco distante da minha entrada devido ao trânsito lento. A chuva fina incomodava mais do que qualquer outro dia. Eu estava cansada. Dormir com a expectativa do dia seguinte foi uma merda. Precisava colocar a minha cabeça no lugar para fazer aquela primeira viagem ao lado dele ou então tudo estava perdido.

Minha angustia era tão grande que não parei nem para olhar as lojas ou a arquitetura do aeroporto que tanto me encantava. Caminhei apressadamente para embarcar logo. Era incrível e absurdo, mas eu estava praticamente atrasada e sabia que o Sr. Carter não me perdoaria.

Nunca antes tinha viajado em um avião particular, então me perdi em quase tudo que tinha para fazer, o que formalizou o meu atraso. Quando finalmente fui encaminhada para a aeronave, o Sr. Carter já me aguardava impaciente. Seu olhar re-

prorador foi o suficiente para me deixar constrangida e receosa.

- Bom dia – cumprimentei a comissária, que me ajudou com a bagagem me levando até uma das poltronas aconchegantes que compunha o local.

Era inacreditável que uma decoração como aquela coubesse dentro de um avião pequeno. Fiz questão de não ficar olhando para tudo. Tal atitude com certeza seria arquivada pelo Sr. Carter para depois ser usada contra mim.

- Bom dia, Sr. Carter – não olhei em sua direção. Estava com medo.

- Bom dia, Srta. Simon. Problemas com o despertador? – ele não tirou os olhos do jornal que lia.

A comissária sorriu e se retirou. Ela era muito bonita. Morena, cabelos curtos, rosto como uma pintura além de um corpo incrível. Não sei se era a postura típica das comissárias ou o uniforme, mas para mim ela parecia ser o tipo de mulher que os homens consideram sexy. E muito provavelmente Robert a considerava sexy. Deixei

de admirá-la me mantendo ocupada com a poltrona. Se fechasse os olhos poderia dormir até chegarmos lá

O avião taxiou e logo depois estávamos no ar. Durante a decolagem não conversamos ou olhamos um para o outro. O Sr. Carter continuava absorto em seu jornal. Fechei meus olhos me forçando a permanecer assim até chegarmos ao nosso destino. O que, claro, seria impossível.

Estava desenvolvendo uma relação quase doentia com o Sr. Carter. Eu não o queria, ou melhor, queria desesperadamente não querer. No entanto me incomodava profundamente quando ele demonstrava interesse. Confuso. O que estava acontecendo comigo? “Com certeza quando este estágio acabasse eu precisaria me tratar com um psicólogo”.

- Com sono? – sua voz me atingiu com tudo.

Não consegui evitar o sorriso que se formou em meus lábios. Era bom ter a atenção dele, mesmo sabendo o quanto aquilo era humilhante para mim.

- Não. Apenas não quero atrapalhá-lo – virei em sua direção e o encontrei sorrindo para mim.

- Como foi a sua noite? – ai, Deus! Não! Ele não iria começar com aquilo.

- Tranquila – fiquei atenta.

- Esta é a resposta a minha pergunta? – franzi o cenho. Como assim? – Sobre a sua vida sexual – puta merda! Não.

- Não vou lhe responder, Sr. Carter. Dê-se por satisfeito com o que já sabe – voltei a minha posição inicial e fechei os olhos.

- Eu acho que sim – riu debochado.

O que ele estava sugerindo? Que a minha vida sexual era tranquila? Que eu não tinha uma vida sexual atraente ou no mínimo interessante? Quem ele pensava que era? Meu queixo se projetou para cima, como sempre acontecia quando eu me sentia desafiada. Isso só o incentivou ainda mais. Ouvi seu riso e fiquei indignada. Porém a comissária voltou para lhe servir um copo de uísque.

- A Senhorita deseja algo? – olhei-a agora odiando o fato dela ser realmente sexy.

- Água. Obrigada!

Ela saiu, mas voltou rapidamente trazendo-me um copo com água.

Beberiquei aos poucos. O Sr. Carter não voltou a falar por um bom período. Fiquei curiosa e me virei para observá-lo. Ele estava com o computador ligado a sua frente, apoiado em uma mesa que estava presa aos braços da sua poltrona. Que prático!

Comecei a me sentir inútil, sentada em minha poltrona sem ter o que fazer. O Sr. Carter não tinha me pedido nada. Nenhuma documentação tinha sido levado e eu nem sabia o motivo da reunião, apenas que deveria estar lá. Também não tinha o direito de achar que era mais uma forma dele me prender em seu jogo, já que o compromisso estava agendada antes da minha chegada à empresa e seria Abby quem participaria dela.

Além do mais, ele tinha dito que se eu não estivesse à vontade para participar, Alexa poder-

ia me substituir. Com certeza eu não tinha o que temer, muito menos o que desejar.

Olhei pela pequena janela tendo como vista apenas as nuvens um pouco abaixo. Não sabia que tipo de negócios poderiam ser tratados na Grécia. Não para um grupo com o C&H Medical Systems, contudo o Sr. Carter tinha deixado claro que era uma reunião informal. Com certeza era algo que ele não gostaria que fosse divulgado ou descoberto.

Estremeci pensando em que tipo de negócios obscuros ele poderia estar metido. Fiquei surpresa ao constatar que aquele lado mau e perigoso dele me atraía mais do que o normal. Repreendi-me. Com certeza não era nada daquilo que eu estava pensando. A C&H Medical Systems era conhecida pela sua integridade e segurança. Também não achava que o Sr. Carter colocaria tudo a perder com negócios obscuros. Relaxe um pouco mais.

- Srta. Simon, assim que chegarmos ao nosso destino quero que entre em contato com Nicole e solicite uma lista completa dos nossos

funcionários. Ressalte que quero do grupo inteiro e que nenhum funcionário deve ficar de fora.

Concordei com a cabeça admirando a sua postura CEO, tão perfeita e intimidadora. Lembrei-me do quanto fiquei assustada no meu primeiro dia, quando ele descarregou em mim, com toda a força, a sua personalidade. Eu tive, logo nos meus primeiros dias, uma demonstração do que seria o Robert homem e o Robert CEO. Suspirei.

A viagem seria longa. Com uma diferença de 8 horas entre uma cidade e outra eu nem sabia como ficaríamos quando chegássemos. Apenas tinha conhecimento de que chegaríamos a Atenas. Estava muito ansiosa. Era fascinada pela história antiga e Atenas estava em minha *Top List*. A única informação que eu tinha era de que não ficaríamos em um hotel e sim em uma casa.

- Desculpe perguntar, Sr. Carter – ele me lançou um olhar inquisidor.

- Não se...

- Ok! – interrompi. – Não posso me desculpar – ele me deu um sorriso simples enquanto

aguardava por mim. – Que tipo de negócio o senhor fechará na Grécia? Eu não consigo imaginar como um lugar cujo ponto forte é o turismo pode ser significativo para um grupo que trabalha com produtos destinados a medicina – sorriu ainda mais.

- A senhorita é muito perspicaz – desviou os olhos dos meus. – Mas a Grécia faz parte da União Europeia, sua força de trabalho é bastante produtiva e mesmo enfrentando uma crise econômica podemos encontrar algo interessante nela.

- De que tipo?

- Não vamos fechar negócio com um grupo relacionado à Grécia, apenas escolhemos o local do encontro por se tratar de um assunto sigiloso – o silêncio se fez entre nós dois. Ele não disse mais nada, então perdi a coragem de perguntar mais alguma coisa. Não era um problema meu.

Seria complicado passarmos 10 horas em um voo sem conversarmos diretamente. Teoricamente desembarcaríamos em Atenas com o dia terminando em Chicago, mas com a diferença de

8 horas, chegaríamos ao nosso destino ainda durante a manhã. Seria desgastante.

- Fique tranquila, Srta. Simon. O seu papel não será muito significativo nesta reunião, já que a senhorita não poderá participar ativamente dela. Como já disse, o assunto é sigiloso. Também não ficará apenas como enfeite de sala, apesar de que seria um lindo enfeite – meu rosto ficou vermelho. Eu só não sabia se de constrangimento ou raiva. Odiava que minhas qualidades profissionais fossem ofuscadas pelo interesse sexual de pessoas como o Sr Carter.

- O senhor poderia fazer tudo sozinho então.

- Poderia. Mas não queria perder esta oportunidade – fiquei sem reação.

Ele estava assumindo que existia mesmo um interesse além do profissional em me incluir naquela viagem?

- Por outro lado... – continuou como se não tivesse dito nada. – Vou realmente precisar da senhorita durante estes dias.

- Poderia então me dizer o que devo fazer enquanto não chegamos a Atenas? São dez horas de voo, e sem saber de que forma posso colaborar vou acabar pirando aqui dentro.

Eu não deveria ter falado daquela forma, mas o Sr Carter estava realmente tentando me fazer perder a paciência. Confirmei este pensamento quando ele olhou para mim e riu. Droga! Ele só podia ser alguma espécie de psicopata que tinha decidido arruinar com a minha vida e principalmente com a minha saúde mental.

- Realmente. Será uma viagem longa. Mas posso arrumar uma forma de lhe entreter.

A maneira como seu sorriso se projetou e como os seus olhos queimaram em mim, não deixou que alguma dúvida existisse. Eu sabia exatamente do que ele estava falando.

Guerrilhei internamente entre ceder aos seus encantos, como eu tinha cedido na noite em que ele me telefonou, ou ignorá-lo, já que não poderia simplesmente abrir a porta e ir embora. Optei por ignorá-lo. Seria o mais correto a ser

feito. Coloquei a cabeça no encosto da poltrona voltando a fechar os olhos.

- Poderíamos retornar a nossa conversa – continuei ignorando-o. – Você ainda não me respondeu por que ficou tão envergonhada quando te perguntei sobre a sua cama – não respondi. – Eu já sei que sua cama é confortável e já sei como você reage quando está comigo sobre ela, mesmo que apenas em pensamentos ou ao telefone.

Arregalei os olhos encarando-o sem acreditar naquela conversa.

- Só não sei por que isso te deixa tão constrangida.

- Meu Deus! Sr. Carter, o que o senhor pretende com isso tudo? – fiquei indignada. – Não acho que...

- Melissa... – ele projetou o corpo para frente apoiando os cotovelos na pequena mesa portátil e me analisou com olhos estreitos. – Eu pretendo muitas coisas... Mas não vem ao caso agora.

- Isso não é normal – falei mais para mim mesma do que para ele.

- Claro que é normal. Um homem pode sentir desejo por uma mulher, principalmente quando esta mulher é completamente desejável – senti um imenso arrepio percorreu o meu corpo. Meu Deus! O que seria de mim?

- O senhor costuma sentir desejo pelas suas secretárias? Isso é o que? Uma espécie de fetiche? – ele riu alto, mas não me respondeu. Revirei os olhos para ele.

Pouco tempo depois a comissária voltou a entrar na cabine verificando se precisávamos de algo. Vi que o Sr. Carter pediu uma bebida, que, pela forma como falou, deduzi ser algum tipo de vinho ou champanhe, e duas taças. Fechei meus olhos sem querer acreditar que beberíamos durante a viagem.

Quando a comissária voltou com a bebida enfiada em um balde de gelo e duas taças para champanhe, fiquei ainda mais intrigada. O Sr. Carter dispensou seus serviços para abri-la. Assim que ela saiu ele colocou a mesa portátil de lado levantando-se para servir as bebidas. Observei admirada a leveza dos seus movimentos

para conseguir abrir a garrafa. Não era uma tarefa complicada, mas ele executou com tamanha maestria, que me deixou interessada.

- Beba – ordenou me entregando uma taça.
– Vai lhe deixar mais relaxada.

Ri sem vontade para a forma relaxada em que ele com certeza me faria ficar. Cruzei os braços no meu corpo me impedindo de pegar a bebida de sua mão.

- Melissa! – chamou a minha atenção como um pai. – Vamos passar dez horas trancados aqui e ainda vamos enfrentar todos os problemas com o fuso horário. Beber vai ajudá-la.

Mesmo relutante peguei a bebida de sua mão e o vi inclinar a taça em minha direção em um brinde sucinto. Virei a taça com cuidado para provar o que estava me sendo oferecido. Era bom. Na verdade, era muito bom. Bebi um gole um pouco maior do que o primeiro.

- Gosta? – continuou em pé a minha frente.

- Acho que sim – ele riu.

- Gosto do seu senso de humor – não sei aonde ele o encontrou. Eu estava sendo sádica

e não bem humorada. – Aproveite a bebida – o Sr. Carter virou a poltrona que estava em minha frente para a minha direção e sentou nela. – Já estive na Grécia antes?

- Não – bebi mais um pouco.

- Já estive fora do país antes?

- Sim – achei graça da sua curiosidade a meu respeito. Resolvi não revelar com tanta facilidade a minha vida para ele.

Meu chefe continuou aguardando pela minha resposta. Seus olhos não saiam de mim. Bebi mais uma vez o conteúdo da minha taça. O Sr. Carter levantou voltando com a garrafa para enchê-la novamente.

- Ah não, Sr. Carter! Eu estou bem assim – tentei impedi-lo, mas foi em vão.

- Estamos sozinhos, Melissa. Não precisa se preocupar com nada. Antes de chegarmos o efeito da bebida já terá passado – colocou a garrafa no balde. Virou-se para mim e depois hesitou. Voltou para o balde resolvendo trazê-lo para onde estávamos, colocando-o no chão, a frente da sua poltrona. Bebi mais um longo gole. Era

mesmo deliciosa a bebida e eu precisava de uma dose extra para não me sentir tão intimidada com a sua presença.

- Mesmo assim, não acho que seja conveniente – ele sorriu de maneira perfeita e encantadora.

- Ultimamente tenho sentido uma atração irresistível pelo que não é conveniente – anunciou.

- Deve ser alguma espécie de crise relacionada à idade – ele me olhou divertido. Tentei me manter séria, mas foi impossível. Ele tinha razão. A bebida servia para me deixar mais relaxada.

- Fale um pouco sobre você – ordenou. Não foi um pedido.

- Não.

- Não? – sua sobrancelha se arqueou e eu voltei a rir. – Acho que devo forçá-la a beber um pouco mais – não reagi quando o vi despejar mais um pouco de bebida em minha taça que não estava vazia. – Agora fale.

- O que pode ter de tão interessante em minha vida para que o senhor tenha tanta curiosidade?

- Dispensio as formalidades, Melissa. Agora fale – mais uma vez o seu tom CEO estava presente. Bebi um longo gole, logo me vi falando.

- Tenho 24 anos, moro sozinha. Vim para Chicago quando fui aprovada na Universidade e estou aqui desde então.

- Seus pais...

- São separados. Vivem na Califórnia.

- Por que se separaram?

- Essa é uma história que pertence a eles. Tenho autorização para falar apenas da minha vida – ele sorriu concordando com a cabeça.

- É justo.

- E você? – levantou para servir as nossas taças.

- Tenho 36 anos, sou CEO da C&H Medical Systems e estou neste momento conversado descontraidamente com a uma mulher encantadora – fiquei surpresa pela sua capacidade em fu-

gir de perguntas diretas. Por que tanto mistério a respeito da sua vida?

- Ok! – fiquei em silêncio bebericando, olhando o céu que se estendia além da minha minúscula janela.

- Então... O que gosta de fazer nas horas vagas? Além de sexo ao telefone com o seu chefe, é claro – quase engasguei com as palavras. Ele deu uma risada alta. – Desculpe, não resisti – continuou rindo.

- Não se desculpe – devolvi a ele a mesma ordem que tinha feito questão de me dar.

- Justo. Muito justo – limitou-se a responder.

- Isso é... Tão... – procurei a palavra adequada enquanto ele se divertia com o meu constrangimento. – Absurdo.

- É. É sim – concordou voltando a ficar sério. Mais mudança de humor. Ele era confuso demais para mim.

Peguei minha taça e bebi tudo de um só gole. O Sr. Carter ergueu a garrafa para me servir mais um pouco. Desta vez facilitei as coisas para

ele levando-a até metade do caminho. Era melhor dormir bêbada do que continuar com aquela conversa constrangedora.

- E então, o que faz nas horas vagas? – estreitei os olhos para ele e imediatamente o vi rir.

- Respiro – respondi secamente.

- Eu gostaria de poder fazer isso – foi a minha vez de ficar curiosa. Ele percebeu. – De respirar às vezes. É bom – esclareceu. Não sabia se ele falava com pesar ou desejo.

Este era o típico caso do homem misterioso e enigmático que qualquer mulher cairia de joelhos aos seus pés. Entendi de imediato que o Sr. Carter era um homem muito reservado, quando o assunto era ele, o que me deixava ainda mais curiosa a seu respeito. Havia algo além do que ele conseguia demonstrar, ou desejava demonstrar. Havia algo muito bem escondido dentro dele. Algo profundo, complexo, doloroso e assustador. Nossos olhos ficaram presos um no outro por tempo demais. Ele sabia que eu tentava enxergar além da cortina que encobria o seu verdadeiro eu. Isso o deixou inquieto.

- Acho que já bebemos o suficiente – levantou estendendo a mão para mim. – Vamos – ordenou mais uma vez e eu me vi, novamente, obedecendo sem protestar.

O Sr. Carter segurou com firmeza em minha mão. Senti que meu corpo inteiro recebia descargas elétricas intermináveis. Sua mão grande e quente envolvia a minha com tamanha segurança e certeza que eu não tive como me sentir desconfortável com a sensação. Iria com ele aonde quer que fosse desde que ele mantivesse suas mãos em mim.

Caminhamos pelas poltronas existentes naquela parte da aeronave passando por uma porta que até então estava fechada. Logo após havia um estreito corredor contendo cinco portas. Duas de cada lado e uma a frente. Ele me conduziu a passos firmes até aquela que estava à frente. Sem olhar para trás em nenhum momento, abriu a porta dando-me passagem.

Entrei em um quarto de casal completo. Havia uma cama, almofadas e travesseiros, uma pequena mesa de estudos com duas cadeiras de

escritório que pareciam confortáveis, um tapete ao pé da cama e cortinas encobrendo as pequenas janelas. Senti meu chão faltar. O que ele estava pretendendo quando me levou para lá? Respirei fundo. Fujo ou fico?

- Não se preocupe, é apenas um quarto e uma cama – ele estava logo atrás de mim. Sua voz rouca quase tocando a minha pele. Deus! Fico ou fujo? Puta merda! – Relaxe, Melissa.

Passou a minha frente já tirando o paletó, deixando-o em uma das cadeiras, depois desabotoou os botões do punho de sua camisa social.

Eu fiquei paralisada. Petrificada no mesmo lugar. Podia fugir, mas também podia ficar. Era possível sentir a pressão dos dois lados da minha cabeça. Deus! E agora, fujo ou fico?

- Melissa? – fui arrancada dos meus pensamentos.

Olhei para o Sr. Carter, sentado a beira da cama, descalço. A camisa com os primeiros botões abertos. Sabia que estava parecendo uma idiota e que ele poderia se divertir com isso depois, mas não tinha como evitar. O Sr. Carter...

Robert... Era perfeito. Lindo de todas as maneiras possíveis. Era a tentação encarnada. Ele deixou que sua cabeça pendesse um pouco para o lado e sorriu para mim. Tão perfeito!

- Vem aqui – chamou. Meus pés atenderam as suas ordens como se tivessem vontade própria.

Sentei ao seu lado na cama sem conseguir dizer uma palavra. Ele me olhou ainda sorrindo. Seus dedos passaram por meu rosto deixando um rastro de fogo no lugar. Fechei os olhos com um misto de medo e ansiedade.

- Vamos precisar descansar para suportar a diferença de horário entre uma cidade e outra. Por isso estamos aqui. Não precisa ter medo.

Sua voz doce e suave estava baixa, quase um sussurro, mas para mim soava como uma carícia. Alguma coisa na maneira como ele falou me fez sentir confiança fazendo com que todo o medo evaporasse.

- Não vou fazer nada que você não queria – um sorriso presunçoso se formou em seus lábios.

Este era exatamente o problema em questão. Ele não faria nada que eu não quisesse.

Porem... E se eu quisesse? E se eu permitisse que aquele jogo fosse um pouco além? Seria correto? Seria sensato? Não. Não seria. Seria um imenso risco. Ainda assim concordei. Apesar de cedo, mesmo já tendo passado algum tempo que estávamos no ar, eu me sentia esgotada. Deitar e relaxar um pouco seria ótimo.

- Vamos ficar no mesmo quarto? Foi por isso que pediu o champanhe?

- Sim.

- Para qual das duas perguntas?

- Ambas. Vamos ficar no mesmo quarto e na mesma cama – estremeci. – E pedi o champanhe para que você conseguisse relaxar e descansar um pouco. Apenas isso – concordei e ele pegou minhas pernas puxando-as para cima.

Quase me desequilibrei. Seus braços fortes me sustentaram. Estar com suas mãos em meu rosto era uma sensação agradável, mas senti-las quentes em minhas pernas, se prolongando em minha panturrilha e descendo sem hesitar até meus pés, era indescritível.

Sem me pedir permissão, o Sr. Carter desafivelou minhas sandálias e as deixou no chão. Suas mãos apertaram meus pés colocando a pressão exata neles. Era gostoso e relaxante. Quando me deixou, eu subi completamente na cama, tomando cuidado para ocupar apenas o meu lugar e não todo o espaço, como eu costumava fazer.

Deitei encarando o teto, ainda confusa se deveria estar aceitando tanta intimidade.

O Sr. Carter retirou a camisa o que chamou a minha atenção. Encarei suas costas confirmando ainda mais o meu conceito de divindade. Ele não fazia o estilo musculoso, porém seu corpo era muito bem definido e trabalhado. Suas costas eram largas.

Não tive como desviar o olhar, por isso, assim que ele virou para deitar também, nossos olhos se encontraram. Puta merda! Aquilo era real? Eu podia sentir de maneira quase palpável o desejo que exalava de um para o outro. O Sr. Carter se inclinou em minha direção e deitou-se

ficando de frente para mim. Fechei os olhos, e com medo, fiquei muito quieta.

- Vai dormir? – sua voz estava muito baixa.

- A ideia não era essa? – abri os olhos e o vi com a cabeça sustentada pela mão que estava apoiada na cama. Ele sorriu e mordeu o lábio inferior.

- Sim, era – voltei a fechar os olhos sem querer encarar seu peitoral.

Verificar a sua perfeição seria o mesmo que aceitar que algo mais poderia acontecer entre a gente. Eu ainda não estava preparada para mais do que já tínhamos tido.

- Você dorme assim? – voltei a abrir os olhos.

- Conversando? Não, é claro – ele sorriu esplendidamente e eu retribui.

- De costas.

- Normalmente não. Mas estou tão tensa por estar aqui com o senhor que não acredito que vou conseguir dormir – ele riu baixinho. Fiquei espantada ao perceber que gostava daquele riso.

- Fique tranquila. Eu já disse que só farei o que você quiser.

Não me contive e virei para ele ficando de frente pra o seu peito nu. O meu chefe tinha cabelos distribuídos pelo peitoral, mas eram poucos e bem baixinhos. Tive vontade de passar meus dedos ali. Seguir a trilha que descia pelo seu peito, passando pelo abdômen bem definido e me levando até onde meus olhos não podiam ver. De imediato a vergonha tomou conta de mim devido a minha ousadia. Encostei a cabeça no travesseiro, voltando a fechar os olhos.

- Qual é o problema? – revelou mais uma vez a rouquidão da sua voz.

Existia uma diferença sutil entre a forma doce e gentil, e a forma rouca e excitante com que ele falava comigo. Foi fácil perceber que sua voz indicava um momento mais íntimo. Mais ligada ao prazer sexual.

- O senhor me deixa confusa. O que deseja exatamente?

Meu corpo começava a relaxar. O colchão macio, a bebida deliciosa, a presença do Sr.

Carter tão próximo de mim, sua voz ora rouca ora suave e sempre baixa como um sussurro, o próprio barulho constante do avião, tudo contribuía para o meu estado de espírito. Eu sabia que logo estaria dormindo. Fechei os olhos e ouvi seu riso. Seu hálito em meu rosto. Era uma mistura de champanhe e menta.

- Eu vou dizer, mas não agora – ele se aproximou ainda mais de mim.

De olhos fechados, recebi seu toque em meus cabelos. Era apenas um toque, contudo suave, carinhoso, reconfortante. Eu já não sabia mais em que lugar estava. Carinho nos cabelos era a forma certa para me fazer adormecer. Eu adorava.

- Durma agora – sua ordem baixa foi incisiva.

CAPÍTULO 11

Acordei assustada com a penumbra do quarto. Demorei alguns segundos para entender onde estava e mais alguns para entender que havia dormido ao lado do Sr. Carter. Contudo, naquele momento eu estava sozinha na cama. Levantei olhando ao redor reconhecendo a cabine onde estávamos. “Quanto tempo eu tinha dormido?”

Cambaleei indo em direção a uma porta que imaginei ser de um banheiro. Acendi a luz e fiquei ainda mais atordoada com a claridade. Lavei o rosto com cuidado para não borrar muito a maquiagem e saí tentando voltar para o local onde ficavam as poltronas. Eu nem sabia o que havia acontecido, nem me lembrava de como tinha dormido. Recordava-me apenas de sua mão em meus cabelos. Fechei os olhos na tentativa de trazer o máximo das minhas lembranças.

Entrei na cabine em que ele estava e nossos olhos se encontraram. De súbito fiquei constrangida. No entanto se fosse analisar friamente, o

que aconteceu foi bem menos que o sexo por telefone. Fiquei ainda mais envergonhada.

- Boa tarde, Srta. Simon – tarde? Senti meu estômago roncar. Quanto tempo tinha passado?

- Boa tarde – ainda me sentia confusa.

A comissária que estava debruçada em sua direção, servindo algo que parecia ser uma coca-cola, se endireitou. Fiquei intrigada. O que eles estariam fazendo antes da minha chegada? A atitude deles parecia suspeita? Ah não, Pai! O que eu estava fazendo? A vida dele não me interessava. Não podia agir como a namorada insegura. Eu era apenas a sua secretária.

- A senhorita deseja o seu almoço agora? – percebi a sua má vontade em me servir. Olhei para o Sr. Carter e depois para ela.

- Não, obrigada – minha fome desapareceu.

- Você deveria comer, Melissa – era uma exigência, dava para notar pelo tom de sua voz.

- Carne ou frango? – a comissária voltou a me encarar impaciente.

- Frango. Obrigada! – não estava interessada em saber qual era o prato, apenas queria comer logo de uma vez. Assim as atenções não recairiam sobre mim.

A comissária se afastou rebolando. Sentei na poltrona que havia ocupado antes de ser levada para o quarto. Olhei pela janela e o sol não parecia ter se movido nem um centímetro. Fuso horário.

- Sem fome? – ouvi aquela pergunta pela segunda vez desde que nos conhecemos.

- Acho que dormi demais – disfarcei a minha resposta.

Não queria admitir que o que eu pensei estar acontecendo entre ele e a comissária conseguiu expulsar a minha fome.

- Verdade. Mas isso é bom. Chegaremos ainda cedo em Atenas – ele voltou a olhar o seu computador. – Se bem que ainda faremos uma pequena viagem até Míconos.

- Míconos?

- Uma ilha. Lá será mais seguro – o encarei demoradamente, mas ele desviou a atenção para a tela do computador.

Droga! No que eu estava me metendo?

A comissária entrou com meu almoço. Pela cara dela tive até medo de saber o que me aguardava. Com certeza a mulher tinha cuspidido em minha comida ou deixado algum presente indesejável. Ela sorriu educadamente ao retirar a tampa. O cheiro de frango preencheu a cabine. Meu estômago imediatamente respondeu ao estímulo.

- Quanto tempo ainda até lá? – coloquei a primeira garfada na boca. O Sr. Carter me olhou interessado.

- Até Míconos?

- Atenas – esclareci com a boca cheia e ele riu me deixando envergonhada.

- Mais duas horas.

Coloquei mais um pouco de comida na boca, ciente de que ele me observava. Mastiguei lentamente tentando ocupar o meu tempo. Havia algo a mais naquela viagem. Algum segredo que

o Sr. Carter não queria que eu descobrisse. Não deveria estar tão cismada, afinal de contas, ele era o CEO, e eu apenas a secretária. Porém alguma coisa me intrigava e muito em relação a aquela história.

Passamos as duas horas restantes conversando amenidades. O Sr. Carter trabalhou bastante em seu computador, enquanto eu apenas o observava. Nenhuma dica do que aconteceria naquela reunião foi passada para mim. Duas horas depois, ou um pouco mais, estávamos desembarcando no Aeroporto Internacional de Atenas.

Apesar de estarmos em uma posição um tanto quanto confortável, fiquei assustada na hora do desembarque, devido à movimentação. Ainda mais quando saímos do aeroporto. Uma infinidade de táxis aguardava por passageiros e outra se aglomerava na rua tornando o tráfego lento e confuso.

- Minha nossa, se não fosse pela paisagem eu acreditaria que estávamos em Nova York. Que confusão.

O Sr. Carter deu um pequeno riso antes de cumprimentar um rapaz baixinho, barrigudo, com cabelos demais nas laterais e de menos na parte de cima.

Nossas malas foram colocadas em um carro de luxo, logo em seguida fomos conduzidos para o seu interior. Notei que o Sr. Carter estava muito atencioso em seus gestos comigo. Isso me levou a imaginar qual seria o motivo daquela atitude. Não consegui chegar a nenhuma resposta diferente de transtorno bipolar.

- A senhorita fala grego?

Respirei fundo. Foi uma pergunta como aquela que nos levou a discutir no meu primeiro dia na empresa. Eu esperava que, ao menos naquela vez, ele não achasse que eu deveria saber grego para acompanhá-lo na viagem. Seria pedir demais.

O Sr. Carter percebeu a minha indecisão em responder e riu alto. Ele também lembrava.

- Não, Sr. Carter – respondi por fim.

- Só checando, Melissa. Só checando.

Ele riu da nossa piada particular e depois voltou a sua atenção para o caos que se instalava lá fora. Conferiu o horário em seu relógio de pulso e logo depois ajustou as horas.

- Desta forma vamos acabar nos atrasando para pegar a lancha.

- Lancha? Vamos fazer uma parte da viagem pelo mar?

- Sim. Isso é ruim? – ficou intrigado com a minha reação.

Eu não tinha nada contra barcos nem mar, no entanto costumava enjoar todas as vezes que entrava em um. Ficar enjoada na frente do meu chefe seria o fim da picada.

- Não. Pensei que seria de uma forma mais fácil, apenas isso – ai, meu Deus! Eu ia ficar enjoada, tinha certeza.

- Vamos pelo Mar Egeu. Será uma linda viagem. Você vai gostar.

Seus dedos tocaram meus cabelos brincando com uma mecha, segurando em sua ponta e enrolando-a em seu dedo. Por que ele estava me dizendo aquelas coisas? Não estávamos em uma

viagem de lua de mel e sim à negócios para uma reunião sigilosa que nem eu poderia saber o seu conteúdo.

Além do mais não éramos um casal.

À medida que avançávamos e nos livrávamos do trânsito caótico, conseguíamos nos aproximar do centro de Atenas. A ideia que eu tinha de uma cidade rica em história e beleza se confirmava a cada instante. As cores claras de seus prédios baixos, o traçado das ruas, tudo era um espetáculo à parte. Eu estava fascinada. O Sr. Carter me observava sem nada dizer, contudo havia um brilho em seus olhos que me deixava ora constrangida ora acalentada.

Avançamos para o litoral e a viagem foi ficando ainda mais interessante. As casas brancas, que pareciam sair de dentro das montanhas, chamavam a minha atenção. Era tudo de uma beleza única, extraordinária. Depois o mar. Lindo e soberano, se impondo aos pés da cidade. Tudo era digno de admiração.

Paramos no cais e nossas malas foram levadas pelo motorista do carro e o rapaz que

nos recebeu no aeroporto. Notei que ambos falavam inglês, mesmo mantendo o sotaque carregado, mas facilitaria e muito.

Descemos em uma lancha grande. O Sr. Carter deixou que nossas malas fossem levadas para o compartimento inferior, enquanto me conduzia para a proa. O sol da manhã inundava a praia fazendo-me sentir uma imensa necessidade de permitir que **a**aquecesse a minha pele. Retirei o casaco que tinha utilizado durante a viagem e o deposei em um dos bancos que circundavam a embarcação.

- Lindo, não é? – Sr. Carter estava muito próximo. Não consegui decidir se ficava irritada pela proximidade toda ou se me deliciava com ela.

- É sim. Já estive aqui antes? – não sei por que fiz a pergunta, uma vez que para mim era óbvio. Ele pareceu ficar um pouco constrangido.

- Algumas vezes. Mas sempre me surpreendo.

O rapaz baixinho se aproximou fazendo com que o Sr. Carter saísse do meu lado. Con-

versaram um pouco no cais e logo depois o meu chefe voltou à lancha. Fiquei surpresa ao perceber que faríamos aquela viagem sozinhos.

- Seremos somente nós dois? – estava muito espantada para acreditar naquilo.

- Sim. Achei que seria melhor assim – ele foi em direção à cabine para pilotar a embarcação. Fiquei apavorada.

- E o senhor sabe pilotar? – caminhei atrás dele. O Sr. Carter se virou rapidamente me surpreendendo. Sorriu e depois, sem dizer nada, continuou a andar.

- Você se surpreenderia com a quantidade de coisas que sei fazer, Melissa.

Putá merda! Foi como um choque de 5000 watts. Eu já conseguia imaginar diversas coisas que ele poderia fazer. Mordi os lábios em reprimenda.

Sentei ao seu lado na cabine e logo estávamos deslizando sobre as águas do Mar Egeu. Mesmo com medo de estar sendo conduzida pelo Sr. Carter e com medo do que poderia acontecer, eu estava deslumbrada com tudo.

- Sinto muito pela encenação – falou mais alto para conseguir ser ouvido.

- O que? – Não entendi do que ele falava.

- Na verdade, Melissa, estar aqui acompanhado de uma mulher era essencial para nossas pretensões. Esta reunião é completamente sigilosa e por isso precisamos fingir que estamos em uma viagem romântica. É claro que não precisamos de demonstração pública de afeto – ele riu. – Mas é necessário que as pessoas que me viram aqui com você, imaginem que estou apenas à procura de um lugar discreto. Entendeu?

Meu rosto pegou fogo. Aliás, não apenas o rosto. Minha vergonha era tanta que quase optei por me atirar ao mar ao invés de continuar ao seu lado. O que ele estava pensando que eu era?

- Você me trouxe até aqui apenas para que eu fingisse ser a sua amante? – fiquei indignada.

- Amante? – ele riu. – É uma boa escolha de palavra.

Percebi sua língua umedecendo os lábios. Naquele momento eu não queria aquilo. Não

queria ficar deslumbrada e esquecer o que ele estava fazendo comigo.

- Sr. Carter, eu... Que droga! O senhor é tão frustrante – explodi fazendo com que ele me olhasse surpreso.

- Melissa, eu não te trouxe aqui para ser a minha amante, tá legal? Realmente preciso de seus serviços como secretária para este encontro, apenas deixei que uma coisa se encaixasse na outra. Preciso manter o conteúdo desta viagem em segredo. Ninguém em Atenas vai se preocupar com o fato de você estar ou não transando comigo.

- Essa história não está me cheirando bem. Que droga de reunião é esta cujo objetivo é tão secreto e sigiloso? Em que tipo de negócio obscuro o senhor está me envolvendo?

Ele riu fazendo com eu me sentisse ridícula dando aquele ataque. Era a minha primeira semana trabalhando ao seu lado e eu já tinha demonstrado diversos traços da minha personalidade que não deveriam estar aparecendo.

O Sr. Carter apertou alguns botões, levantou uma alavanca para depois soltar o leme e se virar para mim dedicando-me sua total atenção. Suas mãos seguraram meu rosto me prendendo no cinza do seu olhar. Quase tive que ser lembrada de que precisava respirar. Seu rosto estava muito próximo ao meu.

- Melissa – ele sussurrou. – Confie em mim – minhas pernas tremeram. – Eu nunca a envolveria em algo que pudesse prejudicá-la.

Ficamos nos encarando até que a atmosfera entre nós dois foi se modificando. Com as mãos ainda segurando meu rosto, seus olhos desceram até meus lábios. Ele poderia tomá-los ali mesmo, naquele instante, porque eu já estava entregue. Completamente.

Fechei os olhos aguardando pelo que viria, mas ele não fez o que eu ansiava que fizesse. Ao contrário, o Sr. Carter se aproximou ainda mais de mim e apenas roçou os lábios em minha pele. Depois se afastou com uma pressa desnecessária, voltando a sua atenção para o mar a nossa frente.

- Seja boazinha e relaxe – e voltou as suas atividades.

Saí da cabine. Não existia ar suficiente para nós dois lá dentro. Eu estava frustrada comigo mesma, com minhas reações, e com ele, pela ausência de reação. Era tudo uma tortura, mas que se tornava deliciosamente necessária quando ele estava comigo. Suspirei.

O balançar da lancha, mesmo com o vento batendo em meu rosto, estava me deixando enjoada. Durante muito tempo fiquei admirando as casas que pareciam sair das encostas como se fossem esculpidas pela própria natureza, mas, depois de quase uma hora, esta paisagem já não era mais tão interessante.

O Sr. Carter não tinha deixado a cabine em nenhum momento e também não tinha me chamado para nada. Obriguei-me a continuar onde estava. Como ele podia ser tão indiferente? Como podia fingir tanta atenção, cuidado e depois revelar que tudo não passava de encenação, de uma maneira natural, como se estivesse revelando que prefere azul ao branco? Droga!

Eu estava absorta em pensamentos e não percebi o exato momento em que as casinhas brancas foram ficando cada vez mais espaçadas e tudo o que indicava a presença de uma civilização foi gradativamente sendo substituído pela vegetação local. Até a água do mar começou a ficar mais azul. Era um azul perfeito. A verdadeira imagem do paraíso.

Levantei, ficando em pé na proa, para observar a lancha cortar o mar. Era revigorante. A embarcação fez uma curva sinuosa ao adentrar num semicírculo quase perfeito. A água azul morria na areia branca, onde uma imensa casa se destacava majestosamente em meio a paisagem. Ela era fiel à arquitetura local, porém também havia nela muitos traços modernos que se misturavam em perfeita harmonia.

A lancha, aos poucos, perdia velocidade à medida que se aproximava de um pequeno cais. Um barco rústico ocupava um espaço ali. Atracamos. Aguardei sem saber o que deveria fazer. A água, extremamente azul, lambia a areia branca em uma carícia mais do que sensual.

- Perfeito! – ele estava bem atrás de mim.

Ouvir sua voz, depois de quase duas horas escutando apenas o barulho da lancha e do mar, foi como ser arremessada de volta a realidade. Uma gostosa, no entanto dura realidade.

- Vamos?

Olhei para a casa e vi duas figuras vindo em direção ao cais. Um homem e uma mulher, pelo que deu para enxergar devido a distancia em que nos encontrávamos. Seriam participantes da reunião?

- São os empregados. Vão cuidar das malas.

O Sr. Carter passou a minha frente descendo duas malas e voltando logo em seguida para pegar a que restava.

- Acho que vamos precisar fingir um pouco com eles também. Não sabem quem eu sou, então fica mais fácil - meu coração acelerou. Eu não queria fingir nada. - Colabore comigo, Melissa. Por favor – acrescentou ao perceber a minha cara de má vontade.

- Eles falam inglês?

- Fui informado de que sim, mas...
- Perfeito! – suspirei.
- Precisa de ajuda para descer?

Olhei para a altura em que estávamos verificando se conseguiria ou não descer sozinha. Não. Então procurei por uma escada ou uma rampa que me ajudasse a chegar até o cais. Meus saltos não ajudavam muito. Quando os escolhi, pela manhã, não tinha imaginado que ficaríamos hospedados numa praia. Tirei os sapatos e observei o Sr. Carter pular para depois me oferecer à mão. Fiquei agradecida pelo cuidado, mesmo sabendo que aquilo tudo era apenas para manter a aparência.

- Bom dia – o homem, que aparentava ter mais ou menos quarenta e cinco anos, com os traços típicos de um grego e a pele bronzeada pelo sol, nos cumprimentou com seu sotaque carregado. Os cabelos castanhos e lisos desciam até os ombros fortes. – Sou Abadir.

- Bom dia – o Sr. Carter apertou a mão do homem. – Robert.

Usou apenas seu primeiro nome, o que despertou imediatamente a minha atenção. Por que estava sendo tão informal? Por que não estava utilizando a sua versão “CEO”, como sempre fazia?

- Esta é Melissa – Abadir apertou a minha mão também. Notei o quanto a dele era grossa e calejada em contraste com a minha macia e bem cuidada.

- Esta é Macaria, minha esposa. Fomos informados da chegada de vocês. Estamos à disposição.

Abadir pegou as malas e partiu em direção a casa. Caminhei a passos lentos logo atrás da comitiva. Macaria, de tempos em tempos, virava para me observar. Ela tinha uma pele clara, cabelos longos e castanhos, enrolados em uma trança que formava um coque. Aparentava ser jovem, uns vinte e cinco anos no máximo e seu corpo magro era bonito. Sorri para ela que sorriu de volta.

- Eles não vão ficar. Virão sempre pela manhã para manter tudo limpo e organizado –

o Sr. Carter sussurrou em meu ouvido me enlaçando pela cintura. - Não se preocupe. Não precisará ficar em meu quarto – aproximou-se ainda mais e seus lábios tocaram meu ouvido causando-me arrepios. – A não ser que você queira – puta merda! Minhas pernas quase cederam. – Com calma, Melissa. Com calma.

Merda! Ele sabia que eu estava completamente vulnerável aos seus encantos. Eu era uma marionete em suas mãos. E meu chefe não estava hesitando em manejar da forma que achasse necessário. Sem o menor constrangimento.

- Vamos receber visitas hoje à tarde – meu chefe falou se adiantando um pouco mais em direção ao casal.

- Fomos informados. Deixamos tudo pronto. Partiremos tão logo estejam alojados e voltaremos amanhã pela manhã. Caso precisem de alguma coisa, podemos trazer do centro, mas acredito que queiram passar esta primeira noite aqui. Amanhã poderemos combinar um passeio pelas regiões antigas, se for do interesse de vocês.

- Vamos aguardar para decidir como será – mais uma vez fui puxada para seus braços, pela cintura, o que me deixou indecisa se deveria colaborar com aquela farsa e aproveitar um pouco do seu corpo fantástico ou se me enfurecia e o repelia.

Havia muita confiança em suas palavras, como se realmente pretendesse esperar pelo que aconteceria entre nós dois, para depois decidir o que fazer. A expectativa era angustiante. Dei um passo à frente para me desvencilhar de seus braços. Ele permitiu que eu me afastasse.

Enquanto meu chefe resolvia as questões burocráticas, consegui me afastar um pouco de tudo e apenas contemplar o paraíso a nossa frente. A areia branca, que parecia tão fina de longe, era na verdade um grosso cascalho que machucava os meus pés, não de maneira agressiva, apenas um incômodo ao qual eu acreditava que me adaptaria facilmente.

A casa se misturava a areia, onde um muro baixo com vidros quase que imperceptíveis, a cercava. Do lado de dentro, pedras cobriam o

chão formando uma passarela rústica que contornava uma imensa piscina azul escuro, sem bordas, que parecia brotar do chão. Uma extensão do mar. Linda e convidativa.

Também se projetava pelos lados e ao fundo da piscina, que parecia ser o cenário central, e se estendia até o seu interior onde era abrigada por uma parte coberta da casa.

Do seu lado direito havia um jardim com a vegetação local que combinava perfeitamente com o ambiente e algumas espreguiçadeiras que mais pareciam camas de casal, devido ao seu tamanho. As almofadas brancas estavam posicionadas em direção ao sol, num convite claro para o relaxamento.

Havia três mesas de madeira clara, com tampo de vidro, que estavam intercaladas entre cadeiras de braços, acolchoadas também com tecido branco. Vi que ao redor da piscina existiam luminárias que estavam apagadas e imaginei como elas ficariam ao anoitecer.

Tudo na casa era uma promessa de amor intenso. O romantismo que ela transmitia

chegava ser contagiante. Surpreendi-me imaginando as coisas maravilhosas que poderiam ser vividas por um casal apaixonado naquele ambiente sedutor.

Santo Deus! Ajude-me a não ultrapassar os limites permitidos entre um chefe e a sua secretária.

Do lado esquerdo tinha uma varanda extensa recoberta por madeira e cortinas brancas presas em suas bases, o que, imaginei, permitia aos seus ocupantes, maior privacidade quando necessário. Como estavam recolhidas, revelavam o seu interior, exibindo a existência de um ambiente reservado.

Pude visualizar mais luminárias e almofadas brancas e azuis, porém, o que me chamou mais atenção foi o móvel sobre o qual se encontravam todas estas coisas.

Não era uma cama, até porque nele caberiam cinco pessoas confortavelmente. Também não era um sofá. Parecia um ninho. Um imenso ninho redondo, inteiramente formado por tiras de madeira entrelaçadas e trabalhadas magnifica-

mente que adornavam não apenas o suporte, para o que parecia ser um grosso colchão de espuma macia. Contudo este subia pelas laterais do móvel, como dois braços que protegiam seus ocupantes. Eles se encontravam logo acima se entrecruzando. Era lindo e tipicamente romântico.

Bem próximo a este ambiente estava uma pequena projeção da piscina, separada por bordas visíveis, também com algumas luminárias, só que menores, que davam ao local, uma aparência mais reservada. Era uma hidromassagem.

- Melissa? – ele conseguiu romper a minha bolha. – Não vai entrar?

Depois de tudo o que tinha visto naquele lugar onde parecia que o amor e o prazer habitavam em uma perfeita convivência harmônica, ouvir a sua voz para logo depois encarar seus olhos tão perfeitamente cinzas e penetrantes era quase como um convite a perdição eterna.

- Macaria acompanhará a senhorita até o quarto – Abadir indicou o caminho com a mão.

Minha única reação foi seguir Macaria até o local onde seria o meu quarto. A casa inteira

seguia o mesmo padrão de luxo que havia do lado de fora. Sem contar que era ampla e clara. Os quartos ficavam no segundo andar. O que eu ocuparia tinha uma varanda imensa com vista para o mar e conseqüentemente, para a área da piscina.

O quarto era muito grande e os móveis brancos com detalhes em azul não me deixariam esquecer que estava na Grécia. No paraíso e ao lado do meu chefe. Seriam quatro dias difíceis. Ao menos para mim.

CAPÍTULO 12

Macaria ainda estava lá quando Abadir entrou trazendo minhas malas, mas o Sr. Carter não estava em lugar algum. Segui Abadir até o local onde deixou minhas coisas, um *closet* grande onde eu poderia morar sem me incomodar nem um pouco. Assim que eles saíram, reforçando o fato de estarem a minha disposição, aproveitei para separar roupas mais leves e apropriadas para a reunião que aconteceria em breve.

Tomei um banho rápido, deixando para curtir a banheira em outro momento. Coloquei um vestido azul, comprido até os joelhos e justo ao corpo apenas até a cintura, onde a saia abria em leque. Tinha decote quadrado e alças largas. Ao olhar no espelho me senti uma peça da casa.

Era exatamente aquele o meu papel naquele teatro. Tive ímpeto de matar o Sr. Carter por me envolver naquele jogo estranho, porém me acalmei decidindo esperar até que pudéssemos ter uma

conversa mais esclarecedora. Calcei as sapatilhas, penteei os cabelos e saí do quarto.

Não sabia onde poderia encontrá-lo, já que a casa era muito grande e eu não fazia ideia de onde ficava o seu quarto, por isso descí até a sala e sentei aguardando pelas suas primeiras ordens. Ele não apareceu.

Impaciente, comecei a caminhar pela casa observando cada detalhe azul e branco que havia nela. Com certeza em menos de duas horas não conseguiria mais aguentar estas cores e quando dormisse teria pesadelo onde existiria apenas um mundo azul e branco. Por que eu estava tão irritada?

Decidi que seria melhor trocar de roupa e colocar um pouco mais de cor em meus pensamentos, mas assim que cheguei a escada o encontrei. O Sr. Carter usava uma camisa de linho azul e calça jeans. Não estava casual, mas também não estava vestido para uma reunião. E aquela cor... Parecia brincadeira. Ele parou no degrau em que estava e me olhou sem perder nen-

hum detalhe, depois sorriu aquele mesmo sorriso que me desmontava completamente.

- Alguma ordem? – era melhor começarmos a deixar o clima mais profissional ou então... Só Deus poderia saber o que seríamos capazes de fazer.

- Já enviou o e-mail que pedi? – merda!

- Estava indo agora mesmo buscar meu computador, Sr. Carter – rezei para que minha mentira passasse despercebida.

- Faça isso, mas traga-o aqui. Quero que a mensagem saia do meu e-mail.

Concordei sem questionar. Subi correndo as escadas, amaldiçoando o fato de não mais poder trocar de roupa. Peguei meu computador e desci para encontrá-lo. O Sr. Carter falava ao telefone na mesma sala onde eu estava há pouco tempo, Já ia saindo quando ele olhou para mim e fez um gesto com a mão para que me aproximasse.

- Se você faz tanta questão, Tanya.

Continuou falando sem se importar com a minha presença. O nome chamou a minha

atenção. Tanya. A namorada ou ex-namorada psicopata. Ele conversava de maneira civilizada, o que me levou a imaginar que tinham se reconciliado. Não tive nem tempo de identificar o motivo da minha apatia, pois o Sr. Carter fez um gesto para que eu abrisse o computador.

- Só chegarei daqui a quatro dias. Lembre-se que tenho outras viagens programadas.

Ele virou o computador, que estava em meu colo, em sua direção e digitou alguma coisa. Depois o devolveu. Notei a tela do seu e-mail abrindo. Claro que meus olhos correram as mensagens existentes que ainda não tinham sido abertas. É óbvio que as da Mannie chamaram a minha atenção. Não existia apenas uma mensagem dela e sim seis.

- Ah sim! Estarei em reunião com o pessoal do México em poucos minutos – fez mais um gesto com as mãos para que eu digitasse o e-mail.

Comecei imediatamente. Ele se afastou continuando a falar ao telefone.

- Você sabe como é o México. Quente, com pessoas falando o tempo todo e ao mesmo tempo – riu sem graça.

Fiquei vermelha ao constatar que ele mentia descaradamente para ela, dizendo que estava no México. Só esperava que este barco não virasse para o meu lado. Com a namorada que ele tinha era melhor não brincar.

- Falo com você amanhã.

Desligou no exato momento em que eu enviava o e-mail para Nicole. Não tive coragem de questioná-lo. Se ele queria enganar a namorada, era um problema dele. Eu só não queria ser o motivo.

- Melissa... – sentou-se ao meu lado com a voz carregada de cautela. – Esta reunião, teoricamente, não está acontecendo. Entendeu? – concordei com a cabeça mordendo os lábios, receosa com o que poderia estar fazendo ali. – Preciso que você confirme que estamos no México. Abigail deixou tudo organizado e neste momento duas pessoas, fingindo sermos nós dois estão em um hotel de luxo no México. Por isso usamos o

avião particular, pois precisava que pessoas confirmassem que o Sr. Carter e a Srta. Simon embarcaram. Sei que é demais, mas preciso que confie em mim.

- Não estamos fazendo nada de ilegal, certo? – ele sorriu sendo convincente.

- Não. Apenas preciso que ninguém descubra até que esteja tudo pronto. São segredos administrativos que não podem vazar antes da hora. O nosso grupo é grande e as informações circulam com muita facilidade. Estou apenas tentando manter nossos negócios em segurança.

Não tive tanta certeza de que ele estava mesmo falando a verdade, mas concordei em ficar calada, desde que não fosse envolvida diretamente no que estava para acontecer.

- As pessoas... Funcionários geralmente se assustam com bobagens e muitas vezes as fofocas causam pânico e desespero. Quero evitar um surto geral.

- Está falando sobre demissões?

- Não haverá demissões. Porém atitudes como as de hoje, podem levar a este entendi-

mento. Será apenas para evitar maiores problemas. Agora preciso que você providencie tudo para a reunião. Logo nossos convidados chegarão. As secretárias não virão com eles e você também não poderá ficar. Mas esteja por perto para o caso de eu precisar de alguma coisa. Providencie tudo e me avise.

Não precisei fazer muita coisa. Macaria tinha deixado tudo como Abby faria. Apenas levei as coisas para a sala onde aconteceria a reunião e avisei ao Sr. Carter que estava pronto. Ele estava ao telefone novamente. Não aguardei para ouvir mais nada. Eu já sabia demais e era mais saudável saber de menos.

Subi para o meu quarto de onde podia ouvir a movimentação da casa. Coloquei os fones, peguei meu livro velho e deitei na cama macia. Passei o restante do dia assim. Como já tinha comido no avião, não tive fome.

Dormi um pouco sem entender como tinha tanto sono. Quando o dia já estava terminando, ele apareceu em meu quarto.

Uma batida leve o anunciou. O Sr. Carter ainda estava vestido com a mesma roupa e seu rosto parecia cansado. Ele olhou ao redor do quarto e depois para mim, que vestia apenas um short jeans curto e uma camiseta. Estava quente. Esquentou ainda mais com a presença dele.

- Vamos sair agora. Não sei que horas voltarei por isso não espere por mim. Macaria deixou o nosso jantar pronto, pode ficar a vontade, vou comer alguma coisa na rua. Deixe a casa trancada e qualquer coisa me ligue. Vou levar a lancha – ótimo! Eu era uma prisioneira naquele paraíso desconhecido. O que faria ali sem ele?

- Tudo bem – não tive coragem de falar mais nada, pois o Sr. Carter fez questão de analisar cada detalhe do meu corpo.

- Você vai ficar bem?

- Sim. Se a televisão funcionar estarei ótima – sorri um pouco e ele retribuiu o meu sorriso com outro espetacular.

- Então... Até amanhã – deu um passo inseguro para trás, mas rapidamente recuperou a sua segurança habitual e foi embora.

Fiquei na mesma posição por algum tempo. O Sr. Carter estava me dizendo, de maneira sutil, que não passaria a noite em casa? O que ele iria fazer? Encontrar a sua amante grega? Ou outra pessoa tinha ido ao seu encontro? Droga! Eu estava tão confusa! Ele acreditava que podia agir comigo como se eu fosse a mais desejada de todas as mulheres e em seguida sair para passar a noite com outra? Como pode me levar para aquele lugar esquecido pelo mundo para me deixar sozinha?

Decidi que era hora de começar a ocupar a minha mente ou então surtaria. Seria uma longa noite. Troquei de roupa, coloquei um biquíni e um vestido leve, curto e solto, na cor rosa. Peguei uma toalha, mesmo tendo consciência de que em breve anoiteceria, mas mesmo assim, não poderia perder a oportunidade de aproveitar aquele espetáculo de piscina sem precisar sentir um pouco mais do poder que o Sr. Carter exercia sobre mim.

Desci para a área de lazer já começando a me sentir feliz por estar só. Talvez fosse melhor daquela forma. Ele não era mesmo o homem

certo para mim, ou, quem sabe, eu não fosse mulher certa para ele. Este pensamento me deixou deprimida.

Parei em frente à piscina, que não me parecia mais tão atraente. Sua amplitude, fazendo com que me lembrasse de que estava sozinha naquele paraíso, me desestimulou a entrar. Coloquei as pontas dos dedos na água fria desistindo de uma vez de dar um mergulho. O vento fresco levava o ar salgado da praia para dentro de casa. Logo minha pele estava pegajosa.

Chequei meus *e-mails* pelo celular. O *wi-fi* da casa era bom, o que me deixou um pouco mais animada. Dean tinha me enviado duas mensagens, uma dizendo que estava com saudades, foi impossível ficar indiferente ao seu carinho, acho que a solidão estava acabando comigo, a outra dizia que tão logo eu voltasse nos encontraríamos. Fiquei mais contente. Um pouco de agito em minha vida não seria ruim.

Nicole tinha enviado um e-mail dizendo que a solicitação do Sr. Carter estava muito confusa, mas que já enviara tudo o que ele pediu.

Como o meu chefe não havia respondido, ela ficou em dúvida se ele tinha recebido. Neste caso eu nada podia fazer. Era inaceitável inventar que também não tinha entendido assim como desconhecia o fato dele ter recebido o *e-mail*, visto que não tinha acesso a sua conta. Decidi que deveria ignorar aquela mensagem temporariamente até saber o que dizer.

O dia nem tinha terminado e eu já estava entediada. Minha vida social era um fracasso total. Que saco

Fiquei zapeando nos canais de TV, canais fechados com matérias em minha língua, e não achei nada de interessante para assistir. Decidi que poderia aguentar a reprise de um filme que já havia visto umas dez vezes e que em todas eu acabava chorando. Seria melhor do que ficar olhando para o mar e me lembrando de que ele estava em algum lugar com uma garota qualquer enquanto eu estava abandonada naquela casa.

Assisti ao filme e quando acabou fui comer alguma coisa. Peguei o necessário para um sanduíche, comi e voltei a ficar entediada. Com cer-

teza teria dificuldade para dormir. Meu estoque de sono estava esgotado. A noite já dominava o céu e a casa tornou-se imensa demais para mim. O silêncio era quebrado apenas pelo barulho das ondas.

Fiquei com medo, mas para espantá-lo escolhi um vinho tinto, que estava sobre a mesa, como companhia. Peguei a garrafa e a taça e fui para a área da piscina. Era como eu imaginava. À noite, com as luminárias acesas, era um espetáculo. Digno de filme romântico, só faltava o par. Até Dean combinaria bem com aquele ambiente.

Com a taça na mão liguei a hidro e mergulhei na água quente. Como era natural, durante noite a temperatura baixava por causa da proximidade do mar, mas não frio o suficiente para me fazer desistir de desfrutar das regalias que aquela casa me oferecia. Também não se comparava ao frio de Chicago. Prendi o cabelo, sem querer lavá-los à noite e deitei deixando as bolhas explorarem meu corpo.

Quase uma garrafa de vinho depois, eu estava leve, minha cabeça tranquila e em meu peito havia uma mistura de ansiedade e felicidade. Tudo o que o álcool conseguia proporcionar a uma jovem solitária. A casa não era mais assustadora, muito pelo contrário, era reconfortante e acolhedora. Levantei os pés e observei que estes estavam começando a ficar enrugados. Dei risada achando graça do frio que senti ao colocá-los para fora. Fechei os olhos relaxando ainda mais.

Foi neste momento que ouvi passos atrás de mim. Não passos de alguém de saltos ou correndo, eram calmos e seguros, como apenas ele conseguia caminhar. Meu coração acelerou e minha boca ficou seca, mesmo assim virei em direção ao som. Ele estava lá. Lindo, como sempre e com aquele sorriso que... Ah, aquele sorriso.

Fiquei envergonhada e desviei meu olhar. Tive certeza de que ele gostou da minha reação. O Sr. Carter gostava de se sentir o dono da situação. Era como combustível para as suas investidas. Voltei a olhá-lo, contudo furiosa comigo por

ser tão vulnerável aos seus encantos. Ele não estava mais com as roupas de antes, vestia bermuda, camisa sem manga, e chinelos. Mesmo tão informal, continuava sendo o homem mais bonito e sexy que já tinha conhecido em minha humilde vida.

- Aproveitando a noite? – demorei a responder. Álcool e Sr. Carter era uma mistura forte demais para meu pobre cérebro. – Vejo que encontrou o vinho – Merda! Por que ele sempre encontrava as palavras certas para estragar o meu momento? Fiquei ainda mais constrangida por ter bebido o vinho que nem me pertencia.

- Ah... Desculpe... Quer dizer... Não me desculpe... Eu... Oh, Droga! Sinto muito – ele riu alto.

- Não sinta tanto assim. Posso entrar?

O que? Ele iria dividir aquele espaço comigo? Quer dizer... Ele tinha este direito, não tinha? Mas era o Sr. Carter e eu estava de biquíni, então... Encostei um pouco mais para o canto enquanto ele tirava a camisa, deixando-a dobrada na espreguiçadeira próxima de onde estávamos.

Deixou sobre ela também a bermuda e os chinelos, ficando apenas de sunga.

Seu corpo era absurdamente perfeito. Tudo exatamente onde deveria estar. Nada sobrando ou faltando. Era simplesmente como deveria ser. Precisei desviar o olhar quando ele se virou em minha direção. Era isso ou tentaria me afogar de tanta vergonha.

O Sr. Carter entrou na hidromassagem, pegou a taça que estava ao meu lado, serviu um pouco do que restava do vinho e o bebeu. Todos os seus gestos foram acompanhados de perto pelos meus olhos ágeis. Cada músculo e, a maneira como eles auxiliavam os seus movimentos, me deixaram maravilhada. Ele era homem demais para mim. Definitivamente.

- O vinho é bom – entregou-me a taça. Tive que redescobrir como falar. Foi embaraçoso.

- Não... Ah... Acho que já bebi demais... Sr. Carter.

- Bobagem. Só estamos nós dois aqui. Ninguém ficará sabendo deste pequeno deslize.

Seus olhos eram uma promessa e o corpo uma tentação. Como conseguiria escapar?

- Não preciso cometer este deslize – afastei o copo de mim.

- Não? – ele sorriu e aquilo queria dizer muito mais do que deixava transparecer.

- Não.

Seu sorriso se alargou.

- Eu acho... – aproximou-se de mim como um predador pronto para dar o bote. – Que você necessita deste deslize.

Putá merda! O que era aquilo tudo?

- Sr. Carter...

- Melissa, olhe ao seu redor – mesmo confusa obedeci, olhando tudo a nossa volta.

Pouco conseguia ver devido a escuridão. Parecia existir apenas a casa em que estávamos. E a lua cheia iluminava uma pequena parte da praia.

- O que quer que eu veja?

- Você... Eu... Nós dois.

Ele não avançou, mas seu olhar me invadiu com tamanha força que precisei de toda a con-

centração para não me afogar, ou para não continuar olhando-o daquela forma tão idiota.

O Sr. Carter não fazia muito o estilo galanteador. Ele era seguro demais para ser tão forçado. Ao contrário. Tudo o que dizia parecia tão natural e lógico que qualquer mulher pararia para refletir onde faltava a lógica de suas palavras. A maneira como ele falou me fez acreditar que ele, eu e nós dois, cabíamos perfeitamente na mesma frase, ou em nossas vidas.

- O que fez durante todo o dia? – pisquei diversas vezes para me situar na mudança de rumo da nossa conversa.

- Li, assisti televisão...

- Não saiu?

- Não. O Sr. disse para eu ficar por perto.

- A ilha é linda.

- Mas é isolada – ele riu.

- Na verdade, não. Apenas sugere isso. Se você sair da casa poderá pegar uma pequena trilha e encontrará a cidade.

Abri a boca sem entender aquela geografia. Até então achava que estávamos completamente

isolados. Droga! Passei uma boa parte do meu dia entediada quando poderia estar passeando e conhecendo aquele território tão rico em história.

- Como foi a reunião? – desviei mais uma vez o assunto.

- Acredito que devo considerá-la um sucesso – seu sorriso foi legítimo.

- Então posso saber agora do que se trata? – ele desfez o sorriso.

- Não.

- Mas...

O Sr. Carter aproveitou a minha agitação para se aproximar ainda mais. Estávamos frente a frente. Ele ajoelhado me encarando, seu peitoral parcialmente fora da água, o que roubava completamente a minha atenção. Eu estava com as costas na beirada da hidromassagem, encurralada por ele. Foi difícil reencontrar o ar.

- Tudo no seu devido tempo Melissa – ele estendeu a mão e acariciou meu rosto. Estava ventando e frio, porém meu corpo parecia pegar fogo. – Agora vamos conversar sobre você.

- Sobre mim?

- Sim. Preciso de algumas respostas.

- Respostas? – eu era a própria idiota repetindo as suas palavras. O Sr. Carter me intimidava e eu não conseguia agir de outra maneira.

Ele avançou um pouco mais. Centímetros separavam nossos corpos. Seus olhos me queimavam e os lábios me convidavam a prová-los.

- Aquela noite... Quando liguei para você... – ai, não! Não poderia ficar ali ouvindo-o falar sobre aquela noite.

- Sr. Carter... – tentei me afastar, mas seu corpo me impediu.

- Fique calma, Melissa. Não farei nada sem o seu consentimento – droga! Droga! Droga! Eu queria, será que era tão difícil dele entender?

- Mas...

- Não sem o seu consentimento – repetiu. – Porém eu quero muito que você permita.

O ar ficou preso em meus pulmões. Ele ainda aguardava meu consentimento. Próximo demais. Eu sentia o calor do seu corpo ferver a água. O desejo latejava ferozmente em mim.

Nunca antes tinha sentido algo parecido. Os poucos centímetros que separavam nossos lábios pareciam quilômetros, tamanha era a minha necessidade daquele beijo.

- Apenas diga “sim” – sussurrou em suplica. Meu Deus! Eu queria tanto.

Fechei os olhos e virei o rosto impedindo-o de me alcançar. Eu não podia permitir que ele me dominasse tão completamente. Era apenas o nosso primeiro dia e já estávamos agindo daquele jeito. O que seriam dos próximos três?

- Preciso sair. Minha pele está ficando enrugada – as palavras quase não saíram pelos meus lábios.

O Sr. Carter permitiu que eu passasse por ele. Não parecia aborrecido, nem decepcionado. Ele exibia sua habitual segurança e o mesmo sorriso arrebatador. Era ruim perceber aquilo, pois sabíamos que era apenas questão de tempo.

Fui para o meu quarto ficando lá até o dia amanhecer. O sono só chegou quando o sol já clareava o céu. Em nenhum momento meus pensamentos me mantiveram afastada dele.

Ainda podia sentir o calor do seu toque em meu rosto e a sensação anestesiante das suas palavras me invadia a todo o instante.

CAPÍTULO 13

O som da água banhando a areia da praia me despertou. Não sabia que horas eram, só que ainda era dia. Minha cabeça doía, minha boca estava seca e meu estômago embrulhado. Foi muito difícil levantar, bem como encontrar ânimo para mais um dia de tortura. Ele continuava dominando meus pensamentos.

Não sabia ao certo porque o Sr. Carter havia resolvido que deveria viver aquilo tudo justo comigo. Eram tantas as suas mulheres: Tanya, a namorada grega, e a tal da Olivia que eu nem sabia ainda quem era. Por que então achou de cismar logo para o meu lado?

Coloquei um vestido branco, comprido e com alças finas. Fui obrigada a me render ao branco, mesmo achando que aquilo apenas confirmava que eu seria uma peça adequada para enfeitar a sala. Não encontrei o Sr. Carter, mas Marcia estava lá, cuidando da casa. Cumprimentou-me educadamente e me mostrou a mesa com algu-

mas comidas. Só naquele momento olhei no relógio. Já passava do meio dia.

O cheiro delicioso, devido às especiarias utilizadas, deduzi, preenchia a sala onde o almoço seria servido. Identifiquei o aroma de hortelã e canela, contudo ainda havia alguns outros que não consegui identificar, mas que contribuíam para o meu interesse pela comida.

- E Robert? – tive o cuidado de não chamá-lo de Sr. Carter, já que o mesmo tinha se apresentado apenas pelo primeiro nome.

- Na lancha com Abadir. Já avisei que o almoço está servido. A senhora precisa de alguma coisa em especial?

- Na verdade preciso saber o que é isso tudo – a mesa estava repleta de comida, de todas as cores e formatos. Identifiquei algumas verduras, mas o restante era totalmente estranho para mim. Macaria riu.

- Para nós gregos comer é uma cultura. Gostamos de mesa farta. Venha vou apresentá-la ao que temos para hoje.

Sentei em uma das cadeiras que ficava na mesa grande demais para apenas duas pessoas. Macaria recomeçou a falar. Parecia orgulhosa da sua culinária. Fiquei feliz por deixá-la tão animada.

- Sr. Robert nos informou que gostava dos frutos do mar, então os priorizei. Aqui temos *Lavráki*, *Astakós* e *Garides* – apontou para um refratário contendo peixes, lagostas e camarões. Parecia realmente muito bom. Meu estômago roncou. – Aqui é o que chamamos de *mezédes* – ela me apresentou um prato repleto de “coisinhas”. – Servem para aperitivos também. Como o Sr. Carter avisou que vocês vão sair para uma visita à cidade, optei por comidas mais leves – apontou para o próximo prato. - *Melitzanosalata*, patê, como vocês chamam, de berinjela. Temos também tomates e pimentões recheados, *Keftedes* de polvo, *Dolmadakia* com *avgolémono* além da *Xoriátika*.

Identifiquei os charutos de folha de uva e uma salada com azeitonas, tomate, cebola, pimentão e mais algumas coisas misturadas a ela.

O restante não consegui descobrir o que era, mas teria que provar um pouco de tudo se quisesse agradar Macaria.

- Tudo bem então – a voz dele tomou toda a sala em que estávamos fazendo com que Macaria recuasse um pouco. Sorri ao pensar no quanto o Sr. Carter conseguia ser ameaçador, mesmo quando não queria ser. – Estarei de volta em dois dias, Tanya e resolveremos isso – parou notando a minha presença e sorriu com o telefone ainda no ouvido. – Claro! Não se preocupe com nada. Resolvo tudo quando chegar – seus olhos ainda estavam em mim.

- Melissa! Pensei que não a veria acordada tão cedo – como assim?

Ele não teria como saber que só consegui dormir quando o dia já estava claro. Então por que tinha dito aquilo? Entendi quando percebi o constrangimento de Macaria. Era a maldita farsa. Com certeza todos acreditavam que compartilhávamos o quarto e que nossa primeira noite na Grécia tinha sido repleta de aventuras sexuais.

- Vai sair hoje? – desviei a conversa. Não sei quem estava mais sem graça, eu ou Macaria.

- Vamos – não contestei. – Macaria, pode levar o meu prato. Não posso estar na Grécia e não usufruir dos seus costumes – fiquei ainda mais intrigada. O que ele queria dizer? – Aqui os casais costumam dividir o mesmo prato. É uma tradição – Oh droga! Ele não desistiria de tentar demonstrar que éramos amantes.

- E comemos como? Com as mãos? Dando um na boca do outro? – estava mesmo desconfortável com a ideia. Ele riu e segurou um garfo para me mostrar como faríamos. – Mas cada um com o seu. É assim que funciona.

- Só que nas refeições principais não utilizamos este costume – Macaria ficou bastante satisfeita em poder, mais uma vez, contribuir com um pouco da sua sabedoria local.

Estreitei os olhos para o Sr. Carter. Então toda aquela encenação não era necessária? Ele riu ao ser pego.

- Macaria, não estrague o meu prazer.

Foi estranho, porém delicioso, ver o Sr. Carter tão à vontade. Normalmente deixava bem claro a distância entre ele e os empregados, mas ali, parecia despido de toda a vaidade ou arrogância. Meu sorriso em resposta foi verdadeiro.

O Sr. Carter sentou ao meu lado, enquanto Macaria trazia para nós dois um prato com um pouco de tudo que havia na mesa. Ele rapidamente pegou um bolinho colocando-o na boca. Eu adorava vê-lo comendo. As fantasias floresciam em minha mente.

- Hum! Muito bom! Você precisa provar – pegou outro bolinho levando-o à minha boca. Foi um gesto simples, no entanto meu coração acelerou e minhas mãos ficaram suadas.

- Muito bom! – Macaria ficou satisfeita e logo se retirou da sala nos deixando mais à vontade.

- Dormiu bem? – tentei avaliar seus olhos para saber se aquele Robert tinha desaparecido, mas ele ainda estava lá. Atencioso, cuidadoso e romântico.

- Sim. Obrigada por perguntar.

Mais uma vez ele colocou alguma coisa em minha boca. O sabor forte das especiarias não diminuía o meu interesse pela comida. Ela passou a ter um tempero especial. Comemos em silêncio por um tempo, eu saboreando o alimento, um pouco afetada pelo seu olhar atento a tudo o que eu fazia. E ele apenas me olhando sem prestar muita atenção ao que colocava na boca. Pelo visto a comida grega já era uma velha conhecida do Sr. Carter.

- Não sei se comer e passear de lancha é uma combinação muito boa – ele colocou um pouco do peixe na minha boca me deixando deliciada com o sabor.

- Não vamos exagerar na comida, nem na bebida. Precisamos estar inteiros e dispostos para tudo o que iremos fazer durante o dia.

A forma como ele disse “tudo o que iremos fazer” não me deixou muito confortável, ao mesmo tempo, o familiar formigamento, que me acompanhava em todos os momentos ao lado do meu chefe, se apresentou. O perigo era mesmo um estimulante para mim.

- Além do vinho, existe alguma bebida que seja da sua preferência? Pedi para Macaria e Abadir carregarem a lancha com alguns petiscos e bebidas.

- Não. Na verdade não pretendo beber, Sr. Carter. Se o senhor precisa manter esta farsa, por mim tudo bem, entretanto quando estivermos longe dos olhos dos empregados, farei questão de deixar todas as barreiras erguidas entre nós dois.

- Podemos conversar sobre isso quando já estivermos na lancha? O dia está lindo e pretendo aproveitá-lo.

Cruzei os braços à minha frente me sentindo totalmente infantil. Mas teria que ser forte o suficiente para não deixá-lo me intimidar. O Sr. Carter me lançou toda a potência daquele seu olhar que parecia me despir. Fiquei arrepiada. Como estávamos próximos, ele podia me tocar com muita facilidade e foi o que fez.

Seus dedos tocaram meus lábios e acariciaram meu rosto. Fui vencida aos poucos. Ele tinha mesmo domínio sobre mim, o que me assustava, mas também me prendia, me excitava.

- Vamos. Pegue tudo o que precisa e me encontre na lancha. Não demore ou serei obrigado a invadir o seu quarto e tirá-la de lá a força.

A mudança em seu tom de voz, somada a forma autoritária como falou, enviou ondas de calor ao meu corpo. Fiquei confusa. Desde quando eu gostava de receber ordens? Mesmo assim, obedeci. Peguei uma bolsa grande, coloquei minha carteira, biquíni, toalha, protetor solar, chapéu para me proteger do sol forte, e desci para encontrá-lo.

Logo estávamos de volta ao mar. O Sr. Carter conduzia com muita eficiência a lancha, enquanto eu apenas observava o Mar Egeu sendo cortado por ela. O sol estava muito forte, porém era agradável senti-lo juntamente com o vento que vinha de encontro a mim, refrescando a minha pele. Passamos por algumas ilhas que seguiam o mesmo padrão de casinhas brancas que pareciam ter saído de dentro das pedras.

Paramos ainda afastados de uma das praias. O Sr. Carter simplesmente deixou a lancha parada e foi ficar ao meu lado. Seu sorriso era

esplêndido. Só naquele momento percebi o que ele vestia. Bermuda branca e uma camisa de algodão e mangas curtas, verde bem claro. Ela permitia que seus músculos ficassem expostos. Nos pés, calçava tênis. Parecia tão jovem vestido daquela forma.

- O que prefere fazer, um passeio como turista ou apenas avistar alguns lugares e conhecer umas praias?

- Quem seria o nosso guia? – ele sorriu amplamente e abriu os braços. – Esquece.

- Devia confiar mais em mim, Melissa. Posso levá-la a lugares nunca antes imaginados – novamente a duplicidade existente em suas palavras me deixou desconcertada.

- Adoraria conhecer os lugares históricos, Sr. Carter. Mas não acredito que este seja o seu plano.

- Tem razão. No entanto posso fazer um pequeno esforço para agradá-la – revirei os olhos voltando a minha atenção a praia à minha frente. Parecia tão plana que imediatamente despertou a minha atenção. Era diferente das demais ilhas. –

Estamos em frente a ilha de Delos, se quer um pouco de história grega, este é o local perfeito para descer.

- Não vou forçá-lo a este sacrifício – ele riu e se aproximou ainda mais de mim.

- Eu conheço a ilha. É quente, desértica e rochosa. Se descermos, vamos enfrentar algumas horas de sol na pele, o tempo todo. É isso o que deseja?

Pensei um pouco. Eu amava a história grega e adoraria conhecer qualquer coisa relacionada a ela, mas será que ser tostada ao sol estava mesmo em meus planos? Não. Definitivamente ficaria para outra oportunidade.

- Não. O que sugere?

- Podemos visitar algumas ilhas, comer em um bom restaurante, fazer compras ou apenas ficar aqui, curtindo um ao outro.

Olhei para ele buscando no seu rosto algo que mostrasse que estava brincando, porém ele falava sério. Puta merda!

- Fico com as compras – o Sr. Carter suspirou pesadamente passando a mão pelos cabelos

que estavam em uma bagunça organizada, deixando-o ainda mais bonito.

- Não entendo por que resiste tanto, Melissa. Não existe nada de errado em passarmos algum tempo juntos.

Balancei a cabeça desgostosa com o rumo da nossa conversa.

- Sou sua secretária – ele me avaliou com olhos curiosos, como se não acreditasse no que eu estava dizendo. Depois sorriu divertido para mim.

- É só isso que a impede? – mais uma vez percebi que havia algo a mais naquela pergunta. Como se faltasse uma peça para completar o quebra-cabeça.

- Tirando o fato do senhor ser um metido, arrogante e convencido, além de ser também insuportável em alguns momentos... Não. Apenas isso.

- Incrível! Mas vou desconsiderar esta última parte, para o seu próprio bem. É sério, Melissa? Apenas o fato de ser a minha secretária a impede de ficar comigo?

- Sr. Carter...

- Está demitida. Resolvido o problema – arqueou uma sobrancelha me desafiando.

- O que? Não pode me demitir...

- Você acabou de falar que este era o único empecilho para ficarmos juntos. Eu quero muito ficar com você, então estou derrubando o obstáculo e pegando o que tanto desejo.

- Que absurdo! Não posso acreditar que...

- Melissa. Eu quero você e sei que você me quer. Podemos fazer isso da maneira mais fácil ou da mais difícil. Decida como faremos.

- Não pode me demitir apenas porque não quero ficar com você.

- Não estou te demitindo por este motivo, mas sim porque você quer ficar comigo. São situações diferentes.

Fiquei tão aturdida que perdi as palavras. Minha cabeça era uma bagunça total. Meu chefe se aproximou de mim, nossos lábios a poucos centímetros um do outro. Meus seios roçavam o seu peitoral devido ao balanço da lancha. Seus braços me impediam de fugir. E eu queria fugir?

- Quero meu emprego de volta – pronunciei as palavras me sentindo embriagada pela presença dele.

- Quando voltarmos aos Estados Unidos, eu o devolvo a você. Agora quero que seja apenas Mel e que derrube de uma vez por todas esta barreira que nos separa.

Seu corpo grudou ao meu sem deixar nenhum espaço entre nós dois. Sua mão segurou meu rosto e seus dedos acariciavam de leve a minha pele. Ah, Deus! Eu o queria. Seria só uma vez, certo? Só aquele momento e fim. Quando voltássemos, eu seria outra vez a sua secretária, ele o meu chefe e poderíamos nos esquecer de tudo o que acontecesse ali.

Fechei os olhos aguardando por ele, completamente rendida. Mas o Sr. Carter não me beijou. Fiquei confusa. O que aguardava? Abri os olhos e o contemplei. Seus olhos famintos me consumiam. Estávamos muito próximos, porém Robert não avançava.

- Diga que sim e eu farei o que for preciso para dar a você o que tanto deseja. Não posso fazer sem a sua permissão.

- Por quê? – em minha cabeça estava uma enorme confusão e respirar tornou-se uma ação complicada e difícil. Eu não conseguia pensar em nada além dos seus lábios tão próximos aos meus.

- Por quê? – a dúvida estava clara em suas palavras.

- Por que eu? Por que faz isso comigo? – ele riu encarando minha boca. Visualizei sua língua umedecer os lábios e fiquei extasiada. Mas o Sr. Carter se afastou um pouco. Quase avancei para impedi-lo.

- Não sei – ele passou as mãos pelos cabelos e por um segundo pude ver confusão em seu olhar. – Eu deveria me manter longe, mas não posso resistir ao seu rubor. Você é um mistério, Melissa – novamente assumiu a postura segura e confiante. O desejo tomou as rédeas das suas ações. - Tão inocente e insegura, mas ao mesmo tempo tão forte e decidida – voltou a se aproximar me deixando sem ar. – Quando a vejo cor-

ar desta forma... – seus dedos acariciaram meu rosto. - Imagino todas as coisas que gostaria de fazer com você só para vê-la assim, e acredite, eu faria muitas coisas.

Putá merda! Minha calcinha ficou encharcada com estas últimas palavras. Um alerta começou a piscar no meu subconsciente acendendo mensagens urgentes que diziam que aquele era o momento. Não precisava de mais nada. Eu o queria e queria loucamente todas as coisas que ele faria para me ver corando. Eu queria tudo e ponto final.

- Diga que sim...

- Sim.

Antes de conseguir terminar de falar, os lábios dele já estavam nos meus. Eram macios, doces, suaves e ao mesmo tempo, eram exigentes, fortes e ambiciosos. O Sr. Carter conseguia ser o pecado em forma de homem. Seu beijo não era apenas um beijo, era uma composição. Uma orquestra completa, afinada e harmônica.

Tudo nele participava daquele momento. O movimento do seu corpo, de suas mãos e de

sua língua, exigindo passagem e se apossando de mim. Era inacreditável, mas eu podia ter um orgasmo apenas com aquele beijo. Já me sentia completamente preparada para isso.

Enquanto seus lábios estavam grudados aos meus, em movimentos alternadamente leves e urgentes, sua língua explorava cada pedaço da minha boca, mas não era agressivo, era delicioso. Suas mãos dançavam em meu corpo, subindo e descendo pelas minhas costas, ora me prendendo pela base da coluna, ora segurando-me pela nuca, fazendo-me obedecer a cada exigência do seu corpo. Minha única vontade era: obedecer a todos os seus comandos.

Satisfazê-lo.

Eu podia sentir a sua ereção pressionado meu ventre. Nossas roupas permitiam este contato e eu estava agradecida por isso. Demorei muito tempo lutando contra este sentimento que me corroía. O que havia de errado em desejar um homem como o meu chefe? Ele era o que existia de melhor no mercado masculino. Qual mulher teria resistido tanto tempo quanto eu?

E o melhor de tudo, era que ele estava a disposição, por isso, mesmo conhecendo a louca da ex-namorada, ou namorada, ainda não tinha certeza do que se tratava, mesmo assim, seria impossível não aceitar a sua proposta.

Continuamos nos beijando longamente, permitindo e entendendo cada necessidade dos nossos corpos. Queríamos nos entregar ao máximo. Aquele era o nosso momento. Ele sabia perfeitamente disso, por este motivo, a pressa era o último de seus sentimentos.

Suas mãos corriam minhas costas, meus braços e minha nuca, mas não passava disso. O que existia de mais ousado, era o fato de sentir a sua ereção além da sua língua incansável que me explorava cada vez com mais desejo. Se em minha boca ela já conseguia fazer com que meu corpo reagisse daquela forma, imagine o que faria quando percorresse outras partes.

Fui atingida por um calafrio avassalador, e foi neste momento que ele interrompeu o beijo.

- Vamos entrar – as mãos dele continuavam as carícias em meus braços. Sua voz es-

tava doce e rouca, a mistura exata do tesão. — Sua pele é muito clara e já está ficando vermelha.

Concordei e imediatamente ele me levou pela mão até a parte coberta da lancha. Era ampla e luxuosa, cercada de lado a lado por um sofá branco e largo, de almofadas macias. Na ponta havia uma extensão que permitia aos ocupantes uma posição mais confortável. No centro da mesa de vidro, que ficava logo a frente do sofá, estava um balde com gelo e champanhe, além de uma bandeja com frutas frescas e convidativas. Ele tinha pensado em tudo.

Sentamos na parte onde havia a extensão do sofá e logo nos beijávamos outra vez. Como estávamos praticamente deitados, as carícias avançaram um pouco mais. Ele se inclinou sobre mim e suas mãos não apenas acariciavam, mas apalpavam meu corpo com mais vontade.

Meu vestido era comprido, no entanto logo estava enrolado um pouco acima dos joelhos. Estes ganharam a atenção do Sr. Carter que imediatamente dedicou algum tempo de suas carícias na região.

Quando finalmente avançou um pouco mais, subindo as mãos até minha coxa, seus dedos fazendo carinhos com movimentos circulares enquanto beijava meu pescoço, resolveu que deveríamos fazer uma nova pausa.

Putá merda!

Sacanagem!

Meu corpo sentia, minha pele arrepiava, porém todas as sensações se acumulavam em uma única região: no centro entre as minhas pernas. Eu estava em chamas.

Meu chefe levantou para abrir o champanhe, em seguida me entregou uma taça e sentou ao meu lado levando uvas e morangos. Experimentei um pouco da maravilhosa bebida e comi o morango que ele colocou entre os meus lábios. O sabor era único. Mesmo tendo a sensação de que champanhe e morangos era o tipo de cantada mais barata existente entre todos os cafajestes milionários, eu estava adorando.

Comemos, bebemos e alternamos nosso momento entre beijinhos carinhosos e beijos apimentados, ousados, como o que deu na região

entre os meus seios. Seus lábios tocaram a minha pele, se demorando ali, como se estivesse saboreando uma fruta. Quase me rendi ao orgasmo que a todo o tempo tentava me dominar.

Mais uma vez ele se afastou. Bebeu um pouco do champanhe, brincou com meu cabelo, elogiou minhas pernas, meus braços, meu cheiro e meu gosto, para só depois voltar a me beijar. O Sr. Carter sabia como enlouquecer uma mulher.

- Quero você – estas palavras sussurradas em meu ouvido, acompanhadas da sua respiração um pouco mais acelerada do que o normal, atiçaram ainda mais o meu desejo. Se me queria por que então não me tomava para si?

Acaricieei o seu rosto. Era a primeira vez que me permitia tocá-lo. Até então, tinha apenas aceitado as suas carícias, como se meu corpo estivesse entorpecido pelos seus encantos. Deixei que meus dedos se entrelaçassem nos cabelos dele e experimentei apertá-los com um pouco mais de força. Meu chefe me deu um beijo estalado, rápido demais, para depois deixar que

seus olhos acompanhassem o rumo que suas mãos tomavam.

Eu estava deitada nas almofadas confortáveis do sofá e ele, apoiando o peso no cotovelo de um dos braços, me admirava. Fechei os olhos quando senti seus beijos descendo da minha orelha até o meu queixo. A respiração do Sr. Carter... Robert... Em minha pele, era um atrativo a mais.

Os dedos hábeis roçavam carinhosamente minha pele do pescoço, descendo de maneira lenta até tocar no volume dos meus seios que se destacava no decote do vestido. Ofeguei satisfeita por finalmente receber o que tanto ansiava.

Sem contato visual não podia prever o que ele pretendia, no entanto, seus dedos acariciaram suavemente as curvas dos meus seios e desceram até minha barriga ainda por cima do vestido. Era uma longa e deliciosa tortura. Apesar do meu corpo estar queimando de desejo, eu não queria abreviar a nossa brincadeira. Era demasiadamente gostoso ficarmos naquele jogo.

Deixei que meus dedos também corressem pelo peito dele. Era másculo, firme, exatamente do jeito como eu gostava. Permiti-me perder alguns segundos apenas sentindo a deliciosa sensação de ter seus músculos em minhas mãos, mesmo por cima da roupa. Eu queria ultrapassar as barreiras do tecido que me impedia de tocá-lo de verdade.

Arrisquei-me a abrir os dois primeiros botões. Ele não me impediu, por isso passei minha mão para dentro e toquei a sua pele clara. Não nos olhamos, mas suas mãos apertaram minha cintura como resposta a minha ousadia.

- Tão linda! – seus lábios foram para os montes volumosos dos meus seios onde ele saboreou a minha pele.

A língua roçava o contorno do decote exigindo por mais. Eu queria mais. Voltei uma das mãos até os seus cabelos, sentindo-os em meus dedos. Tão sedosos e macios!

- Sr. Carter...

- Robert – dei risada.

- Robert... Não é arriscado demais ficarmos aqui? Quer dizer... O local é aberto. Qualquer pessoa pode passar por nós e...

Ele me silenciou com um beijo. Seus lábios quentes ocuparam todos os meus pensamentos. As mãos e os toques tornaram-se mais urgentes e finalmente pude senti-lo.

Com gestos seguros, Robert abriu os botões do vestido deixando meus seios livres. Logo em seguida, suas mãos se apossaram deles. Gemi alto me entregando ao prazer. O calor do seu toque parecia atravessar minha pele. Seus lábios completavam o serviço. Quase enlouqueci quando estes substituíram o que seus dedos faziam.

O momento em que seus lábios se fecharam no bico intumescido do meu seio foi sentido por mim com tanto prazer que minhas costas arquearam. Um gemido de êxtase escapou de meus lábios e foi ecoado pelos gemidos dele. Sua língua me tocou mais uma vez, fazendo com que ondas de calor se espalhassem pelo meu corpo a uma velocidade inacreditável. A esta al-

tura, eu não conseguia distinguir mais o que era certo ou errado, apenas queria que ele não parasse de me dar prazer.

Ele continuava em cima do meu corpo apoiado no cotovelo. Sua mão livre segurava meu seio puxando-o para que pudesse abocanhá-lo melhor, enquanto sua boca trabalhava incansavelmente em beijos, mordidas, lambidas, e tudo o que fosse necessário para me deixar em brasa. Quando terminou em um, recomeçou no outro seio fazendo o mesmo. Eu me sentia como uma bomba prestes a explodir. Tudo em mim vibrava.

Mas, foi no momento em que sua mão voltou as minhas coxas, primeiro descendo do joelho até a região interna, limítrofe com a calcinha, deixando ali carícias leves e quentes, contudo sem me tocar de maneira mais íntima, que fui derrotada.

Seus lábios continuavam beijando meus seios, mas a mão subiu um pouco mais, acompanhando a borda da pequena lingerie e seus dedos fizeram movimentos circulares no pé da minha

barriga ameaçando, por vezes, avançar um pouco mais.

Somente a ideia de ser tocada naquela região já estava me tirando o fôlego, mas ele não o fazia, o que aumentava ainda mais a minha ansiedade. Como se soubesse o que tanto eu desejava, e disposto a prolongar ainda mais o meu sofrimento, Robert subiu a mão pela outra coxa. Aplicou as mesmas carícias torturantes, parando em meu joelho. Eu já não aguentava a pressão que se formava em meu ventre, forçando a explosão.

Fechei os olhos perdendo completamente o controle sobre o meu corpo no exato momento em que ele me tocou. Um toque tão leve e inofensivo que a primeira vista não causaria dano nenhum, mas em mim foi como acender um fósforo em um barril de pólvora.

Eu explodi.

Foi apenas um toque naquela região tão íntima e sensível, para meu corpo incendiar. Todos os meus poros se renderam ao prazer fulminante

e avassalador que me invadiu. E eu gozei como nunca tinha gozado antes.

CAPÍTULO 14

Enquanto meu corpo tentava se recuperar, me fazendo voltar à realidade, Robert afundou a cabeça em meu pescoço dando um risinho abafado. Acredito que, assim como nunca tive um orgasmo como aquele antes, também nunca me senti tão envergonhada. Puta merda! Meu primeiro momento íntimo com aquele homem incrível e eu tinha perdido totalmente o controle, gozando apenas com um toque leve no meio das minhas pernas.

Puxei o ar com força, soltando-o logo em seguida. Robert voltou a rir me apertando com as mãos firmes em meus quadris. Fechei os olhos desejando nunca ter aceitado aquele jogo. O silêncio era embaraçoso. Quando voltei a olhá-lo, ele me encarava. Seria possível ficar ainda mais constrangida?

- Desculpe, eu...

- Não se desculpe – não havia impaciência em sua relutância por desculpas, muito pelo contrário, ele parecia vaidoso e cínico ao mesmo

tempo. Era perceptível que lutava contra o riso. – Estragou a brincadeira, Srta. Simon – oh, merda! Porque o barco não afundava?

- Não tive a intenção...

- Ah, teve sim – riu levantando-se um pouco para me observar melhor. – Precisamos fazer algo em relação a isso.

Robert levantou, deixando-me sozinha no sofá, mas voltou logo em seguida com a garrafa de champanhe. Encheu nossas taças e bebeu um pouco. Eu não tinha animo para beber. Fechei o decote do vestido, passei as mãos pelos cabelos e voltei a ficar sentada. Sentia-me uma completa idiota.

- Você nem imagina as coisas que passam pela minha mente quando você cora deste jeito... – seus lábios foram ao meu ouvido. – Mel.

Putá merda! Como aquele homem conseguia trazer de volta o familiar formigamento em meu ventre logo após um orgasmo tão explosivo quanto o que eu acabara de ter? Como minha pele ainda conseguia ter aquela reação tão intensa?

- Beba – quase no mesmo segundo a taça já estava em meus lábios. Sorvi a bebida até a última gota. Ele pareceu gostar. – Ótimo! – tirou-a de minha mão deixando-a de lado. – Agora... Só você, Mel.

Nossos lábios voltaram a se encontrar. Outra vez minhas veias foram bombardeadas por ondas de choque que percorriam meu corpo inteiro. Eu me sentia viva, além de mais ávida e ansiosa por prazer. Senti suas mãos em minha nuca e na base da minha coluna, levantando-me em sua direção, me prendendo a ele.

O Sr. Carter... Robert...

Era irresistível!

A mudança estava na maneira como ele agia. Seus toques faziam pressão em meus braços, barriga, coxas e não eram tímidos, vacilantes, eram firmes, decididos. Voltar a abrir o decote do vestido foi fácil para ele, assim como brincar outra vez com meus seios, me deixando delirante, contudo Robert queria mais.

Deitamos no sofá com ele sobre o meu corpo, entre as minhas pernas, se movimentando

de maneira a me fazer quase perder a batalha de novo, mas meu chefe não deixaria que fosse assim tão fácil para mim.

Robert levantou apenas para arrancar do corpo a camisa de algodão. Seu peitoral definido, a pele branca, os pelos claros que desciam como um convite até... Até lá. Fiquei admirando-o. Era perfeição demais para uma única pessoa.

Ele sorriu destruindo o que restava do meu juízo.

- Agora. Precisamos nos livrar disso – suas mãos correram minhas coxas indo até a beirada da calcinha que eu vestia. Seus dedos se enroscaram em cada lado para em seguida começar a removê-la. – Não core, Melissa. Ou não vou resistir à tentação e vou comê-la de acordo com a minha fome.

Meu Deus do céu! O que era que aquele homem fazia comigo quando falava coisas daquele tipo?

Enquanto retirava a minha calcinha, lentamente, seus dedos se arrastavam em minhas

coisas, como se quisesse me lembrar do tanto de coisas que ainda iria acontecer.

Quando finalmente a lingerie sumiu do meu corpo, Robert recomeçou o caminho com beijos e mordidas, causando-me arrepios de prazer. Não podia permitir que ele continuasse, por isso levantei rapidamente chamando a sua atenção. Meu companheiro me encarou curioso e surpreso com a minha reação.

- Vamos fazer isso aqui? Não é muito explícito? – aquele sorriso que era ao mesmo tempo encantador e imoral apareceu me fazendo arfar.

- Vamos fazer isso aqui, Mel – deu certo. Ele voltou a se interessar por meus lábios, meu pescoço, meus seios. Puta merda! Ele era fantástico. Uma perfeita máquina de dar prazer. Logo esqueci de onde estávamos. – Mas vamos fazer da forma certa.

Espantei-me com a força com que ele me puxou, deixando-me sentada em seu colo com tanta facilidade e rapidez que me senti uma boneca em seu poder. Frente a frente, recomeçamos as carícias. Passei as unhas em seu

peito. Aquilo o estimulou. Suas mãos me seguraram com força pela cintura enquanto meu sexo molhado roçava a sua bermuda, mais precisamente a sua ereção.

- Perfeita, Mel! Maravilhosa!

Ele me conduzia sem me deixar perder o ritmo que ditava. Robert me tocava, me provava, me dominava. Meus seios estavam ora em seus lábios, ora em suas mãos. O toque forte e urgente que me excitava mais do que eu imaginei ser capaz um dia. Ele correu as mãos em minhas costas, uma me apoiando e mantendo o nosso movimento enquanto a outra escorregou até minha bunda, apalpando-a. Gemi alto deixando completamente para trás a Mel tranquila e pacata no sexo.

- Tire este vestido. Quero você nua – foi a ordem mais gostosa que já tive prazer de atender. Levantei os braços para que ele pudesse arrancar de mim as roupas ficando completamente à vontade em seus braços.

Robert mantinha suas mãos em mim. Sua atitude me mostrava o poder que ele tinha de

fazer o que quisesse comigo. E eu estava disposta a tudo para dar a ele o que fosse necessário, além de tirar o máximo proveito possível do que me era ofertado.

Meu chefe forçou nossos corpos para frente, pegando algo sobre a mesa, conseguindo, com isso, prender o bico do meu seio em seus lábios, e rapidamente voltou a posição que estávamos. O que ele procurava foi deixado ao nosso lado. Um preservativo. Robert tinha mesmo pensado em tudo.

- Vem cá, linda!

Muito rápido seu membro já estava entre as minhas pernas. Longo, grosso e rosado. Combinava bem com a imagem do Sr. Carter. Não era qualquer pênis. Era um pênis digno dele. Uma perfeita demonstração de como era meu chefe. Forte, decidido e imponente.

Suas mãos hábeis conseguiram colocar o preservativo em tempo recorde. Robert me levantou para que pudesse me ajustar ao seu corpo. Encaixamo-nos e a vida parou para aquele momento.

Senti meu corpo sendo invadido e preenchido de maneira única. Foi um movimento solitário, que forçou caminho até não encontrar mais espaço em mim. Gemi um misto de prazer e protesto, mas suas mãos firmes me seguravam pelos quadris impedindo que eu fizesse de qualquer outra forma.

Ele mordeu os lábios e fechou os olhos, jogando a cabeça para trás, saboreando o prazer em estar, finalmente, dentro de mim. Deixei que minhas mãos se apoiassem em seu peitoral, sentindo seu coração acelerado. Quando Robert abriu os olhos, estes estavam escuros, repletos de um desejo até então desconhecido para mim. Era escandalosa e absurdamente excitante.

- Assim, Melissa! – gemeu deixando as palavras escaparem por entre os dentes. – É assim que eu quero. Você toda em mim e eu todo em você.

Meu coração disparou e o sangue correu a toda velocidade em minhas veias. A fome que refletia nos olhos dele, me alcançou. Nossos lábios se devoraram e imediatamente iniciamos os mo-

vimentos. Robert me estimulava com as mãos ou-
sadas e quentes que se mantinham firmes em mim
forçando as investidas conforme a sua necessid-
ade, que não era nada diferente da minha.

Deixei a insanidade, que beirava a minha
mente, me dominar, permitindo-me fazer tudo o
que meu corpo pedia, ou que o corpo dele exigia
de mim. Não demorou muito e eu estava na
mesma expectativa anterior, sendo que, desta vez,
ele estava dentro em mim. Roçando as minhas
paredes e não deixando nenhum espaço em meu
ventre. Tudo nesta região formigava, queimava
e pulsava. Quando dei por mim, estava entregue
a um novo orgasmo, ainda mais intenso e satis-
fatório do que o primeiro.

Robert se entregou ao dele tão logo assistiu
ao meu. Ele tinha se deliciado com a minha per-
formance. Juntos, presos aos braços um do outro,
com o peito ofegante, ficamos sobre o sofá
aguardando o que poderia vir depois.

Meu chefe me manteve forte em seus
braços, acariciando de leve as minhas costas.
Uma gostosa sensação de conforto e segurança

me dominava, apesar dele ainda ser um sujeito estranho e misterioso. No fundo, sabia que era um risco muito grande me envolver daquela forma com ele. No entanto, mesmo tendo plena consciência do erro que havia cometido, era impossível não desejar mais.

Aos 24 anos, mesmo sem ter uma gloriosa vida sexual, contudo com alguma bagagem, nunca tinha experimentado algo tão espetacular. Robert tinha um jeito de pegar, beijar, conduzir, que me deixava sem reação. Eu sentia como se fosse, e realmente era, uma menina, inocente e inexperiente, em suas mãos.

O mais interessante de tudo, era que nunca antes o meu corpo tinha reagido daquela forma, tão vulnerável a carícias e tão entregue. Principalmente, me deixando tão constrangida. Era bom. Aliás, era mais do que bom, era sensacional estar em seus braços.

Ele agia como se existisse intimidade entre a gente. Suas mãos continuaram as carícias e, vez ou outra, seus lábios tocavam meus cabelos. Aos poucos fui ficando incomodada em estar sem

roupa em um local aberto. Não tinha nada além do meu vestido, largado em um canto, que pudesse me cobrir. Quando fiz menção de levantar, Robert me segurou com mais força impedindo a minha saída.

- Já vai fugir de mim?

- Sinto muito, mas você não é tão ameaçador quanto acredita. Vou colocar o vestido. Alguém pode aparecer e nos pegar...

- Quem apareceria?

- Não sei. A guarda costeira, ou Netuno – sorri largamente. – Existe guarda costeira aqui? – ele me soltou e colocou os braços atrás da cabeça. Tão relaxado e lindo!

- Não sei. Imagino que sim. Por que não existiria?

- É, por que não?

- Mas você tem razão. Se Netuno resolvesse espionar as nossas humildes vidas e se deparasse com você assim, completamente nua, eu teria que travar uma batalha para impedi-lo de levá-la para o fundo do mar.

Revirei os olhos, mas gostei da brincadeira.

- Com tantas sereias estonteantes ao seu redor, ele ficaria fascinado logo por mim, tão magra e sem atrativos?

- Você está longe de ser sem atrativos, Melissa. E para o seu conhecimento, é uma falsa magra.

- Falsa magra? E o que isso significa? – levantei sobre o seu olhar atento, peguei o meu vestido e o deixei cair pelo corpo. Durante todo o tempo ele ficou deitado me analisando.

- Falsa magra. Definitivamente – e riu de alguma piada interna.

- Qual é a graça?

Seus braços se abriram em um convite impossível de ser recusado. Deitei ao seu lado e Robert rapidamente iniciou uma sessão de beijos e carinhos.

- Você é uma magrinha muito gostosa. Não... Deliciosa seria o mais apropriado - corei completamente. – E corando assim... – ele suspirou teatralmente. – Não me force a fazer todas

as coisas que venho pensando em fazer com você, Melissa.

- Não tenho controle sobre as reações do meu corpo, sinto muito.

- É. Eu sei que não tem – seus lábios fizeram um biquinho em uma tentativa fajuta de esconder o riso. Mas uma vez meu chefe brincava com o episódio do orgasmo descontrolado. Droga!

- Preciso de água – tentei fugir da situação.

- Vamos dar um passeio em terra firme? – gostei da sugestão, mas pensei que o plano seria passarmos o dia inteiro apenas um com o outro. Não consegui esconder a decepção. – Se você quiser, Mel. Eu posso passar o resto do dia aqui. Basta dizer o que quer.

- Quero ficar mais um pouco.

- Tudo bem. Vou buscar água.

Procurei por minha calcinha em todos os lugares e não encontrei. Tirei as almofadas, olhei pela beirada do sofá. Havia desaparecido. O que eu faria sem ela?

- O que foi? – me entregou o copo com água. Bebi tudo de uma vez. – O que está procurando?

Tentei encontrar em seu rosto qualquer vestígio de culpa, porém ele me olhava tranquilo, então decidi que não poderia fazer nada. Também não tive coragem de contar sobre o desaparecimento da calcinha. Eu podia imaginar as piadas que faria ou o duplo sentido que usaria em nossas conversas causando situações bastante constrangedoras.

- O que gostaria de fazer, Srta. Simon?

- Quais são as minhas opções? – seu sorriso foi revelador. Eu sabia exatamente quais seriam e ansiava por elas.

Robert não me respondeu, mas diminuiu drasticamente a distância entre nós dois. Seu corpo quase colado ao meu. Senti suas mãos tirar-me meus cabelos de cima dos ombros, deixando-os caindo para trás. Apossou-se do meu pescoço. Eu já sabia o quanto era sensível nesta região, mas a forma como ele fazia, ultrapassava todos os

meus limites. Era suave e possessivo ao mesmo tempo.

Não necessitamos de muito para estarmos outra vez entregues a luxúria que era quando transávamos, pois Robert tinha o dom de não precisar se esforçar para me deixar pronta e quase desesperada para recebê-lo. Mais uma vez fui lançada aos céus e depois arremessada de volta a terra. Será que em algum momento seria diferente?

Ele não pareceu ter percebido a ausência da minha calcinha, e se notou preferiu não comentar, ou, gostou do que viu, por isso não fez nenhuma objeção. Ficamos deitados no sofá sentindo o mar balançar a lancha. Rapidamente o tempo passou me fazendo sentir fome. Resolvemos que seria um bom momento para voltar. Robert queria visitar um restaurante e caminhar um pouco por Míconos. Um passeio de turista.

Durante o percurso trocamos carícias, beijos, ficamos abraçados como dois namorados, mas quando chegamos e descemos para a terra, Robert mudou completamente. Apesar de ainda

estar muito gentil, não agia mais como se estivéssemos juntos. Eu não esperava por aquela reação, contudo não o questionei, apenas passei a agir da mesma forma.

Caminhamos lado a lado pelas ruas de paralelepípedos e exóticas casinhas brancas com detalhes em azul, como tudo ali. Ele falava sobre a cultura, a história, os lugares que já conhecia, o que gostava e o que não gostava. Seus olhos ainda eram quentes, mas suas ações pareciam mais com as do CEO do que com as do homem com quem eu tinha passado a tarde.

Escolhemos jantar em um restaurante, não muito sofisticado, que ficava de frente para o mar. Na verdade, um muro feito de imensas pedras pintadas de branco, impedia que o mar chegasse até nós. As mesas, com cadeiras simples de madeira, tinham um charme todo especial devido a uma luminária, similar a um lampião, que deixava o clima propício para romance.

Como já estava anoitecendo, tivemos um pouco de privacidade. Sentamos de frente um para o outro. Robert pediu vinho e permaneceu

calado enquanto nossa bebida não chegava. Ele estava em silêncio, mas eu podia ver em seus olhos que sua mente trabalhava fervorosamente. Existia um sério impasse que meu chefe não sabia como resolver. Seria eu a responsável por aquela reação?

- Fale-me de você – pediu tão logo nossas taças foram cheias.

- Não tenho muito sobre o que falar, além do que você já sabe – não sei se aquela foi a resposta correta, pois ele reagiu de maneira estranha, como se por um segundo perdesse algum detalhe.

- Eu não sei quase nada sobre você. Só a sua formação acadêmica, as boas notas, que trabalha para mim... E que fica linda quando envergonhada – sorriu, porém não parecia sincero.

- Tenho 24 anos, moro sozinha, não tenho muitos amigos, pelo menos não muitos que não sejam virtuais...

- Onde seus pais moram?

- Por que tanto interesse? – ele arqueou uma sobrancelha.

- Nós transamos. Qualquer mulher ficaria feliz em saber que o homem com quem acabou de ir para a cama se interessa por sua vida.

- Teoricamente, não fomos para a cama – ele riu e desta vez foi um riso verdadeiro.

- Você não parece ser a pessoa curiosa que eu imaginei.

- Mas sou. Para as coisas certas – ficou um pouco perdido em pensamentos. – Vamos pedir?

- O que quer comer? – pareceu não sentir muito interesse. Algo estava lhe desagradando.

- Não sei. Carne?

- Frutos do mar – chamou o garçom e pediu o que desejava comer. Revirei os olhos. Por que tinha me perguntado, se comeríamos o que ele decidisse?

- Você não perde a oportunidade de manter o controle.

- Sou o CEO, se acostume – ri desgostosa.

- Por que pensou que não sou curiosa?

- Você não perguntou mais nada sobre a reunião. Achei que faria questão de descobrir mais

alguma coisa, no entanto até agora nada. Nenhuma pergunta.

- Fui demitida, lembra?

- É verdade. Não tinha me atentado a este detalhe – rimos e me senti melhor vendo-o mais relaxado.

- Na verdade, Robert, você tem o grande dom de me fazer esquecer de tudo ao meu redor – mordeu os lábios e balançou a cabeça satisfeito. - E me diga, perdeu o interesse em como classifico a minha vida sexual? – fez uma careta cínica.

- Não, mas já obtive a resposta – seu sorriso não foi nada agradável. Como assim já tinha uma resposta?

- E como conseguiu?

Ele me olhou divertido e arqueou uma sobrancelha. Oh merda! Não seria nada bom entrarmos naquela conversa. Tive medo da pergunta, mas precisava fazê-la:

- Que conclusão chegou?

- Que você perdeu muito tempo com amadores.

Putá merda! Como ele era sacana. Minha boca abriu enquanto eu tentava achar alguma coisa para dizer. Não conseguia encontrar nada. Seu sorriso era absurdamente escroto.

- Caramba! – baixe a cabeça envergonhada. – Obrigada!

- O quê?

- Você... Acabou de deixar bem claro o meu fraco desempenho. Isso é realmente algo muito bom de ouvir, principalmente depois de ter passado a tarde transando com o chefe – senti que algumas lágrimas começaram a se formar. Era uma mistura de raiva e constrangimento.

- Ah não, Mel! Não estou falando desta forma. Está entendendo errado. Você é ótima! Fabulosa!

- Claro! – já estava completamente desanimada.

O garçom chegou com uma chapa e alguns potes com frutos do mar crus. Também levou molhos, pães e dois tipos de salada. De novo muita comida. Eu havia perdido o apetite.

- Mel? – chamou a minha atenção. – Não estou mentindo. Não tenho motivos para isso. Apenas acho que uma mulher como você merece mais do que teve até agora. A forma amadora com que lhe trataram causou a sua reação hoje mais cedo, quando ficamos juntos – ah, não! Por favor, não este assunto!

- Isso é... Realmente constrangedor – não sabia o que fazer com as mãos, nem com os cabelos, muito menos com a cara. Queria afundar no mar e só levantar quando ele não estivesse mais ali.

- Eu posso te dar mais, Melissa. Posso tornar a sua vida muito mais interessante – tive que olhá-lo nos olhos para conseguir compreender a intensidade em sua voz. Ele falava como se estivéssemos negociando um contrato, e não falando de sexo. – Você disse sim, mas apenas para este momento. Deixe-me entrar em sua vida. Permita que eu possa fazer com você todas as coisas que tenho vontade. Com certeza você não vai se arrepender.

Fiquei outra vez sem ação. Não sabia como responder, simplesmente porque nunca consegui pensar em minha vida sexual daquela forma. Não conseguia ver tudo como uma negociação. Por que não podíamos dar um passo de cada vez como todo mundo? Eu nem sabia que tipo de promessa era aquela que estava me fazendo. Era tudo muito confuso.

- Tem alguma coisa que a impeça? – pensei na mesma hora em Dean. Ele me impediria de viver aquela situação? Eu aceitaria viver daquela forma?

- Estou com fome – foi o melhor que pude fazer.

Robert colocou algumas peças sobre a chapa que chiou e deixou um cheiro maravilhoso no ar. O assunto perdeu força naquele momento. Comemos outra vez dividindo o mesmo prato, com ele colocando comida em minha boca e fazendo piadinhas românticas.

Bebemos mais uma garrafa de vinho e resolvi que seria bom andar um pouco antes de voltarmos para casa. Estava bastante frio, eu es-

tava com um vestido de alças finas, sem calcinha. Estremeci. Robert passou os braços em meus ombros, tentando me aquecer. Havia lojinhas interessantes onde eu poderia encontrar algumas lembranças. Minha mãe me mataria se eu não levasse nada para ela. Aproveitei para comprar um casaco.

Entrei na loja e Robert ficou do lado de fora. Demorei um pouco mais do que imaginava escolhendo o que precisava. O caixa era bem próximo a porta e de lá podia vê-lo. Duas pessoas conversavam com meu chefe, um homem e uma mulher. Aparentemente era um casal romântico.

Robert estava de costas para mim, mas eu podia perceber o quanto ele parecia desconfortável. O tempo todo olhava para os lados e algumas vezes para trás. Ansioso demais. Eu era a sua causa? Desta vez tive certeza que sim. Meu chefe viajava a trabalho, porem estava parado na porta de uma lojinha, em um horário não muito convencional, aguardando sua secretária fazer compras. Não estava certo.

Aproveitei quando um casal entrou e saí da loja indo na direção contrária a que ele estava. Não conseguia saber ao certo o que faria, então caminhei pelas ruas movimentadas procurando a direção do mar. Era fácil encontrar o barco. Cheguei primeiro que ele. Aguardei um tempo, contudo Robert demorava demais. Resolvi ligar. Procurei pelo celular na bolsa e... Droga! Sem bateria. Droga!

- Qual o problema?

- Robert!

Fiquei assustada com a presença dele, apesar de estar aliviada. Eu não tinha percebido que ele havia chegado.

- Assustada? – seus olhos procuravam algo. Era como se me acusassem. – Para quem estava ligando? Por que fugiu?

- Eu... Não vi que você tinha chegado – ele caminhou em minha direção me levando para o interior da lancha. Sua expressão não era nada amigável. – Estava tentando te ligar para avisá-lo que estava aqui.

- Por que não me esperou?

- Achei que você ficaria melhor se eu não aparecesse... Quer dizer... Aquelas pessoas estavam lá e... – ele me encurralou na parede sem deixar espaço para escapar.

- Melissa... Quem é você?

- Eu?

- Você.

- Robert...

- Como ficou sabendo que existia uma vaga para trabalhar diretamente comigo?

- O que está acontecendo? Por que estas perguntas?

- Responda – não estava exaltado, muito pelo contrário. Estava tranquilo e ameaçador ao mesmo tempo. Muito sexy.

- Abgail tinha me pedido um currículo há mais ou menos cinco meses, nunca imaginei que seria chamada nesta circunstância.

- Abgail?

- Sim. Conversamos e contei a ela que estava saindo do estágio então ela...

- Qual a sua ligação com Abgail?

- Somos amigas. Fizemos faculdade juntas... – ele pareceu não prestar atenção e ficou um tempo me sondando com o olhar. Depois relaxou de vez.

- Vamos voltar. É melhor sentar, pois vou a toda velocidade – obedeci prontamente.

- O que aconteceu? Por que este interrogatório?

- Estou com pressa.

- Por que? – já estávamos cortando as águas a uma velocidade tremenda. Precisei gritar para que ele me ouvisse. Mas Robert apenas sorriu e continuou levando a lancha de volta para a casa.

Quando chegamos, eu estava praticamente colada no banco ao seu lado. Fiquei horrorizada com a velocidade da lancha. Tinha sido um pesadelo. Robert agiu com naturalidade, desligando tudo e me pegando pelas mãos. Fiquei parada em choque.

- Não vem?

- Por que as perguntas? Por que está com tanta pressa?

Robert me puxou para seus braços e beijou meus lábios. Minhas pernas tremeram.

- São muitas perguntas, mas estou com pressa porque preciso corrigir um erro – olhei-o sem entender. – Não fomos propriamente para a cama, lembra? Preciso levá-la agora mesmo e corrigir isso.

Putá merda! Ele estava excitado e eu também.

CAPÍTULO 15

Pela manhã minha cama estava vazia, porém Robert teve o cuidado de deixar uma rosa sobre o travesseiro com um bilhete informando que precisou resolver algumas coisas, mas que voltaria em breve. Deitei outra vez deixando que os pensamentos me levassem de volta a noite anterior.

Tinha sido ainda melhor do que nossos outros momentos. Ele me cercou de cuidados e carinhos, fazendo com que eu me sentisse a mais poderosa de todas as mulheres. Acho que foi uma forma de me recompensar pelo comentário inconveniente durante o nosso jantar. Para mim estava ótimo. Só não sabia o que esperar daquilo tudo.

Levantei sem muita vontade. Queria ficar na cama até ele voltar, no entanto não era o correto a ser feito. Não podia permitir que Robert percebesse o quanto já estava entregue aos seus encantos, se bem que, para mim, ele já tinha esta certeza.

Tomei banho e finalmente pude colocar uma calcinha. Não sei porque, mas a sensação de con-

forto e segurança não veio, como eu tinha imaginado que aconteceria. Desci e encontrei Marcia arrumando algumas coisas na sala.

- Bom dia!

- Bom dia, apesar de ser quase tarde – riu sem me censurar. Pelo visto ela já estava acostumada com os casais que aproveitavam o clima romântico da Grécia para ficarem trancados no quarto. – Quer seu café da manhã agora? Posso servir na piscina.

- Por mim tudo bem.

Tentei comer um pouco. Havia muitas frutas, sucos, pães, queijo branco e geleia. Tomei um pouco de café preto, pois não queria ter dor de cabeça no meio do dia, como sempre acontecia quando não ingeria cafeína.

Robert não apareceu.

Cansei de ficar esperando e resolvi descer à praia e caminhar um pouco. Logo me arrependi. Os cascalhos que pensei não incomodar no meu primeiro dia, agora acabavam com os meus pés. Estava ensolarado, mas não o suficiente para me fazer sentir vontade de entrar na água, que estava

gelada. Suspirei. Tudo perdia a graça sem ele por perto. Logo me censurei. Não era correto me permitir pensar desta forma. Achei melhor voltar para casa.

Para minha surpresa, Robert tinha voltado. Ele estava parado na entrada da área da piscina, me observando caminhar de volta para casa. Lindo! Vestindo bermuda e camisa azul, mas as peças se diferiam no tom. Boné e óculos escuros completavam o seu visual. Falava ao telefone com alguém, mesmo assim me lançou um sorriso encantador.

Quando finalmente, depois de caminhar com todo o cuidado para não terminar de destruir os meus pés, consegui alcançá-lo. Não nos tocamos, porém, ao levantar os óculos, nossos olhos se encontraram. O contato visual, que nos prendeu foi incrível. Eu ainda não conseguia entender como funcionava o transe em que ficava todas as vezes que ele me olhava daquela forma. O fato era que Robert conseguia me despir e possuir, sem ao menos me tocar.

- Aproveitando o dia, Srta. Simon?

- A ideia era essa, mas o cascalho não me deixou ir muito além – ele olhou para meus pés e sorriu.

- Deixei um par de sapatos adequados para esta finalidade, ao lado da cama. Não achou? – pensei um pouco e concluí que não tinha visto nada de diferente em meu quarto, que foi onde dormimos a noite passada.

- Não.

- São de borracha e por isso, mais adequados para as areias da Grécia.

- Obrigada! – o cuidado com que ele me cercava era estimulante.

Ele não me tocou nem demonstrou que o faria. Apenas me olhava daquela maneira única. Estava intrigada. Se deveríamos fingir um relacionamento para tirar o foco da reunião, porque ele agia de maneira tão indiferente?

- Tenho uma reunião hoje – me analisou por um tempo, como não disse nada, continuou. – Preciso que você não esteja na casa.

Fiquei surpresa, mas tentei não demonstrar. Ele não me mandou fazer nada relativo ao

meu trabalho. Eu simplesmente teria que sair e deixá-lo sozinho. O que estava acontecendo? Cruzei os braços em frente ao peito. Estava insegura.

- O assunto será sigiloso, por isso acho melhor que não esteja aqui. Mas já providenciei tudo. Abadir vai levá-la para conhecer as praias. Pedi que alugasse um ATV. Você vai adorar! – tentou parecer animado, contudo era forçado demais. Alguma coisa estava errada. – Confie em mim. Será melhor fazermos desta forma.

Meu coração ficou apertado com suas últimas palavras.

- O que eu realmente vim fazer aqui, Sr. Carter? – ele suspirou e passou as mãos nos cabelos demonstrando impaciência. – Porque este é o nosso terceiro dia e tudo o que fiz foi arrumar uma sala e passar um e-mail... Ah! Claro! Também fiquei um bom tempo transando com o meu chefe – joguei as palavras na cara dele e saí sem conseguir conter as lágrimas. Robert logo me alcançou.

- Não seja infantil – segurou em meu braço me puxando para encará-lo.

- Quer saber uma novidade? Você não precisava gastar o dinheiro da sua empresa, bancando uma viagem como esta, só para conseguir transar comigo – assim que terminei de falar me arrependi amargamente. Eu estava com raiva, mas tinha acabado de dizer a ele que teríamos transado independente da situação. Aquilo elevou seu ego às alturas e por outro lado, acabou com o meu. Robert deu um sorriso torto. Fabuloso!

- Sei disso.

Minha raiva aumentou. Ele era um cretino, convencido, ordinário, canalha... Mas fui surpreendida por um beijo apaixonante e aos poucos meu chefe foi se transformando em maravilhoso, carinhoso, gostoso, sexy... Odiava me sentir daquela forma. Minhas pernas tremeram e todo o meu corpo foi dominado pela vontade de ceder.

Suas mãos seguraram firmes em minhas costas e pescoço impedindo-me de fugir. E quem disse que eu fugiria? Não havia nenhuma possibilidade disso acontecer. Quando seus dedos lon-

gos começaram a cariciar minhas costas, buscando contato com a pele, ultrapassando facilmente as barreiras da camisa e se apossando completamente do meu corpo, ondas elétricas percorreram minhas veias. Eu não conseguia formar nenhum pensamento coerente.

- Quero você, Mel – sussurrou derrubando de vez as barreiras que ainda restavam. – Quero você!

Se antes eu não conseguia achar forças para me livrar de seus braços, depois daquilo eu não tinha a menor vontade de encontrá-las. Aquele homem maravilhoso estava dizendo que me queria e eu o queria muito mais. Seria impossível impedir que me tomasse para ele.

Subimos as escadas aos tropeços, embalados pela nossa excitação. A camisa dele ficou jogada nos degraus, a minha no corredor e minha saia impediu que fechássemos a porta, deixando-a entreaberta. A bermuda de Robert estava no chão antes de nos jogarmos na cama.

Meu chefe estava intenso, selvagem, ansioso, enquanto eu estava apenas entregue,

seguindo exatamente tudo o que ele exigia de mim. Sua boca hora dominava a minha, ora explorava meu rosto, pescoço, seios. A cada toque, cada beijo, meu corpo reagia com mais força. Aos poucos seus lábios já não conseguiam mais ser suficientes. Suas mãos se fechavam em meu corpo, apertando e ditando os movimentos conforme a sua necessidade, porém eu queria muito mais. Eu o queria, completa e totalmente dentro de mim.

Mesmo com os pensamentos tão confusos, pude perceber uma camisinha próxima a nós dois. Robert estava sempre preparado.

Com a mesma intensidade dos nossos movimentos e dos seus toques, ele me penetrou, sem nenhum aviso ou chance de preparação. Gemi um protesto manhoso ao ser invadida daquela forma. Mas ele me preenchia, com força, como se tivesse sido feito especialmente para mim.

- Oh, Mel! Tão apertada! – seu gemido fez com que meu corpo recebesse choques. Que mulher não seria desta forma para um homem como ele? – Maravilhosa!

O orgasmo não demorou a nos dominar e logo estávamos ofegantes, largados no colchão. Ele manteve o padrão de acariciar as minhas costas enquanto reorganizava as ideias. Eu, mesmo sem querer, recebia de volta todo o conflito que tinha se formado antes em minha cabeça. Senti raiva por ter sido tão fraca e permitido que as coisas se resolvessem daquela maneira. Contudo não estava disposta a fazer outra cena.

Robert percebeu a minha indiferença.

- Vai continuar aborrecida?

- Não. Vou descer e iniciar meu dia de turista.

Não conseguia agir naturalmente. Levantei, sentei na cama, olhando para os lados em busca das minhas roupas. Lembrava que algumas peças ficaram soltas do lado de fora do quarto. Decidi que se ia conhecer as praias seria melhor colocar um biquíni.

- Mel? Melissa...

- É melhor eu me apressar, antes que seus convidados cheguem.

- Você é sempre tão geniosa?

- Só quando sou usada como fachada para esconder negócios obscuros – saí em disparada, direto para o banheiro.

Liguei o chuveiro e finalmente deixei que algumas lágrimas caíssem. Não tive envergonha por chorar, nem receio dele me surpreender naquele estado. Pouco me importava o que Robert acharia. No entanto meu chefe não me procurou e quando saí do banho ele já não estava mais no quarto.

Não sei dizer se isso me deixou mais tranquila ou mais revoltada. Era melhor não tê-lo por perto enquanto estivesse me sentindo tão péssima por ter concordado com tudo o que estava acontecendo. Por outro lado, pensava que ele poderia estar comigo, demonstrando no mínimo se importar com meus sentimentos. Mas o que poderia esperar? Nós tínhamos apenas transado e não assumido um relacionamento.

Desci resignada. Ainda teria um dia inteiro antes de voltarmos para Chicago então era melhor ocupá-lo para que passasse rápido. Não o en-

contrei pela casa, mas Abadir já me aguardava para o nosso “*tour*” pelas praias.

Um ATV era uma espécie de triciclo motorizado para adultos. Era mais lento do que uma motocicleta, contudo, mais veloz do que uma bicicleta, sem contar que eu teria que aprender a dirigi-lo. Abadir me disse que era similar a uma moto elétrica de criança e que não havia risco de me acidentar. Mesmo assim fiquei com medo.

Depois de quase uma hora rodando pela praia em frente a casa, para me certificar que seria capaz de me aventurar a lugares mais distantes, partimos em direção as outras praias. No final das contas, era mesmo divertido pilotar um ATV.

Fomos a diversas praias, cujos nomes eu não me recordo. Seria exigir demais decorar nomes tão exóticos e diferentes da minha língua natal, mas todas eram lindas demais. Algumas mais sofisticadas e movimentadas do que outras, com festas e DJs tocando as músicas do momento.

Paramos varias vezes, porém não tive ânimo para entrar no mar, muito menos para curtir a

feita. Minha apatia, mesmo eu lutando contra ela, ainda era presente e a todo o momento fazia com que me lembrasse do que estava acontecendo.

Apesar de tudo, ficar aquele tempo longe de Robert foi uma espécie de terapia. Abadir era muito educado e cuidadoso, além de ser de muita utilidade, pois eu não conseguiria fazer nada sem falar grego. Consegui experimentar comidas, comprar coisas, não muitas, pois além da confusão que era ouvir tantos comerciantes anunciando seus produtos nas portas dos estabelecimentos, poucas coisas despertavam o meu interesse. As que o faziam, normalmente eram joias que custavam quase todo o meu salário. Olhei roupas, bolsas e sapatos, mas Nicole tinha conseguido entupir meu guarda-roupa.

A cidade era muito festiva e as pessoas animadas. No final da tarde, ou o que seria final da tarde em Chicago, paramos em um restaurante que Abadir conhecia e comemos um pouco mais. Por sinal eu descobria gostar cada vez mais da culinária grega.

Conversamos um pouco sobre este assunto e ele me informou que por ter sempre como base algumas especiarias e o azeite, a culinária grega era considerada uma das mais saudáveis do mundo, o que me deixou ainda mais a vontade para continuar comendo.

O tempo passou e diversas vezes me peguei pensando no que Robert estaria fazendo. Mesmo curiosa e magoada, não fiz a menor questão de retornar. Se era para me manter distante, então ficaria o máximo possível. Por este motivo coloquei o celular no silencioso e aproveitei para tomar uma taça de vinho, mas apenas uma, afinal, estava dirigindo.

Só quando a noite realmente caiu decidi que era hora de voltar. Abadir não fez nenhuma objeção e fizemos o caminho de volta em silêncio. Quando estacionei ao lado da casa me lembrei do celular e o peguei para conferir. Robert tinha ligado cinco vezes. Sorri satisfeita. Uma ligação de Nicole e outra, para minha surpresa, de Dean.

Retornei a ligação de Dean.

- Gatinha! – atendeu carinhoso. Fiquei reconfortada com o seu acalento. Pelo menos Dean era mais fácil de lidar.

- Oi! – tentei parecer animada.

- Divertindo-se muito ou trabalhando muito? – puta merda! Ele tocou bem na ferida.

- Um pouco de cada. Aqui é bem animado – passei pela piscina indo em direção à casa.

- Amanhã terei você de volta. Vamos fazer alguma coisa? – Robert estava na sala. Esparramado no sofá, bebendo vinho e assistindo TV. Nossos olhos se encontraram.

- Pode ser, mas acredito que vou cair dura na cama. Fuso horário – caminhei até a escada. Robert levantou vindo em minha direção com passos decididos e firmes.

- É verdade. Então vamos marcar para depois de amanhã, o que acha? – seria bom ter um pouco da minha vida de volta, já que ela tinha saído completamente do eixo.

- Acho ótimo! – Robert se aproximou, observando minhas atitudes.

- Ok. Ligo amanhã para combinarmos.

- Tudo bem – não conseguia mais desviar o olhar. Ele me encarava.

- Saudades – Dean era mesmo meloso e naquele momento eu achei ótimo.

- Eu também.

Desliguei o telefone ainda presa ao olhar de Robert. Ele sorriu amigavelmente.

- Como foi o seu dia? Vejo que fez compras.

- Preciso de um banho. Com licença...

Ele bloqueou a passagem, parando na minha frente. Havia um sorriso irônico estampado em seus lábios.

- Seu banho pode esperar – tirou as poucas sacolas de minhas mãos e, segurando em meu braço, me levou para fora da casa, deixando minhas coisas sobre uma espreguiçadeira que estava no caminho.

- O que está fazendo? – tentei me soltar, mas ele segurou com força fazendo-me olhar em seus olhos.

- Com quem estava falando? – a mudança nítida em sua voz me fez recuar. Ele estava intimidador.

- Com um amigo.

- Que amigo?

- Não é da sua conta – tentei, outra vez sem sucesso, me libertar de suas mãos.

- É claro que é da minha conta.

- Por que seria? Minha vida não lhe diz respeito, Robert.

- Não tente medir forças comigo, Melissa – ele estava mesmo feroz o que me fez sentir muito medo.

Sustentamos o olhar. Eu aterrorizada e ele completamente selvagem. Porém, aos poucos foi relaxando, enquanto analisava minha expressão.

- Um amigo apenas, Robert. Nada demais – tentei amenizar o clima. Ele concordou com a cabeça.

- Você me confunde, Melissa. Ainda não consegui descobrir quem é você de verdade.

Eu gostaria me sentir bem e feliz em saber que ele se importava se eu tinha ou não outra

peessoa. No entanto, a forma como Robert reagiu e como estava falando, não condizia com um romance, e sim, parecia que estava tentando se proteger de mim. Foi angustiante constatar tal fato.

- Você já sabe tudo sobre a minha vida...

- Nem tudo, mas pode apostar que vou descobrir – era uma ameaça nítida, eu só não conseguia identificar o porquê dela.

- Posso tomar banho agora?

- Vamos tomar banho – segurou em minha mão me levando até a praia. Fiquei muito confusa, mas já tinha tido uma amostra significativa do seu gênio para tentar protestar.

Robert me conduziu até a beira do mar e voltou-se para mim. Seus olhos estavam mais amenos e seus gestos mais tranquilos. Ele só podia ser bipolar.

Muito carinhosamente buscou pelos meus lábios. Não tentei desviar, pois estava temerosa demais. Seu beijo foi lento e gentil e o toque quente e suave. Logo estava correspondendo na mesma intensidade. Os dedos dele brincaram com as alças do meu vestido deixando que estas

caíssem pelos meus ombros e com isso minha roupa deslizou pelo corpo até cair na areia. Ainda bem que estava de biquíni.

Robert me olhou, observando cada detalhe, o que era bastante embaraçoso, mas estava escuro, por isso fiquei um pouco mais a vontade.

- Vamos entrar no mar? Ainda não aproveitamos a praia e a água está quente – sua voz estava outra vez doce.

Apenas sinalizei que sim. Ele retirou a camisa e a bermuda deixando-as na areia, ficando apenas de *boxer*. Seu corpo era lindo mesmo no escuro e ele já estava excitado. Tal realidade fez com que as milhares de borboletas que habitavam em meu estômago, levantassem voo, todas de uma só vez.

Robert me puxou para um beijo romântico, leve e carinhoso, que ferveu meu sangue. Ele me levou até a água, que estava mesmo quente. Paramos quando o mar alcançava a sua cintura, e ficamos abraçados, nos beijando longamente. Ele me mantinha firme em seus braços, porém suas mãos estavam espalmadas em minha pele,

cercando-me como um todo e fazendo movimentos circulares que tinham o poder de confundir a minha mente.

Meus pés foram retirados do chão nivelando os nossos corpos. Instintivamente cruzei as pernas na sua cintura me prendendo a ele, fiz o mesmo passando os braços em torno do seu pescoço ganhando mais firmeza. Imediatamente as mãos de Robert correram livres pelo meu corpo, se prolongando em minhas pernas e bunda. A posição em que nos encontrávamos permitia maior contato entre nossos sexos. Era demasiadamente excitante.

Ele não tinha pressa e aquilo me atordoava, porque eu estava no limite e não queria correr o risco de passar pela mesma situação do outro dia, quando o orgasmo chegou no momento errado. Robert percebeu a minha apreensão.

- Com calma, Mel – sua voz estava rouca, cheia de tesão, e quase me fez vibrar em resposta.

Afastei-me deixando que meu corpo voltasse a temperatura normal. Robert respeitou o meu momento, mas não por muito tempo. Pouco

depois estava outra vez grudada a ele, sentindo todas as emoções anteriores. Nossa briga inicial tinha ficado no passado, mesmo sabendo que aquela estabilidade era temporária.

Apesar de estar completamente perdida em seus toques e beijos, pude perceber que nos movimentávamos em direção a areia. Meus pés não tocavam o chão, Robert não deixou, nem mesmo quando saímos da água e caminhamos pelo cascalho.

Pensei que iríamos para casa, porque não seria nada confortável deitarmos sobre a areia cortante, contudo pegamos outra direção. Meus olhos demoraram a entender o que faríamos. A escuridão só era amenizada pela luz da lua, mesmo assim era complicado tentar enxergar qualquer coisa além de um metro de nós dois, por isso só vi o que ele tinha preparado quando já estávamos muito perto.

Em meio ao negrume havia algo grande que se movimentava de acordo com o vento frio, e só tomou forma quando já estávamos quase lá. Na praia, uma enorme cama de dossel, ou

algo muito parecido com isso, aguardava por nós. Tudo branco e parecia brilhar sob a luz do luar.

Robert caminhou até lá e me colocou sobre a cama, com muito cuidado. Foi como se eu estivesse em um conto de fadas, sendo carregada pelo meu príncipe encantado. Ele acendeu cada vela precisamente colocada dentro de buracos feitos na areia, que as protegia do vento, e retirou o champanhe do balde que estava posicionado ao lado da cama, servindo nossas taças.

Era para eu estar sentindo frio. Ventava. No entanto meu corpo estava completamente aquecido. Ele ainda fechou cada uma das cortinas antes de se juntar a mim, tornando o nosso momento ainda mais privado. Bebemos admirando o sabor da bebida e a nós mesmos. O contato visual era tão intenso quanto seria o toque.

Sem voltar a me beijar, Robert, desprovido de pressa, tirou a parte de cima do meu biquíni, apreciando a imagem por algum tempo, depois tocou meus seios, como se fosse a primeira vez. Ele me olhava como se estivesse me contem-

plando. Sob aquele olhar me senti sexy, forte e poderosa, uma verdadeira deusa.

O toque era calmo, mas seu olhar era quente. Uma verdadeira labareda de fogo. Colocando-me de joelhos sobre a cama, desfez o laço do meu biquíni, deixando-o cair por entre as minhas pernas. Mais uma vez, demorou um tempo me contemplando antes de me tocar verdadeiramente. Pensei que me derreteria quando seus dedos quentes penetraram da maneira mais íntima. Foi no exato momento em que seus lábios encostaram nos meus.

Entreguei-me ao prazer proporcionado pelas suas carícias. Sua língua invadia minha boca enquanto os dedos me exploravam completamente. Era angustiante e estonteante. Ele dizia coisas em meu ouvido, contudo eu nada conseguia entender, apenas sabia que não tinha mais escapatória. Era tudo perfeito demais para ser errado ou impróprio.

Robert levantou, livrando-se da cueca. As camisinhas estavam estrategicamente postas próxima ao balde de champanhe. Ele não perdia

nenhum detalhe. Deitamos e logo estava dentro de mim, me possuindo de uma maneira única. Seu corpo me exigia a tal ponto que eu sentia como se não pudesse ser de outra forma. Estávamos completamente perdidos um no outro.

Esta não foi a única vez que nos entregamos ao prazer naquela noite, muito pelo contrário. Robert me exigiu inúmeras vezes e, mesmo sem acreditar que éramos capazes de tanto, sempre me rendia aos seus apelos. Lógico que também bebemos, comemos e conversamos muito durante a noite. Tenho certeza de que dormi em algum momento, mas logo fui despertada pela sua necessidade de me ter mais uma vez.

A verdade é que, durante a noite inteira, ficamos entregues um ao outro. Robert me mostrava outro lado do sexo, ou a forma ímpar como ele sabia proporcionar prazer a uma mulher e finalmente entendi o que ele tinha dito sobre eu ter perdido meu tempo com amadores. Nada se comparava ao meu chefe quando o assunto era sexo.

- Abra os olhos – percebi naquele momento, que tinha cochilado durante mais uma de nossas conversas sussurradas ao pé do ouvido. – Você não pode perder a melhor parte do dia.

Robert, com um único movimento, me colocou de joelhos na cama. Meu corpo lutava para se entregar à letargia, mas meu amante me colocou entre as suas pernas. Ele estava sentado sobre os calcanhares e me deixou na mesma posição. Seu peitoral forte estava colado as minhas costas e minha bunda encostada em seu membro. Lutei contra a força do sono tentando entender o que ele queria.

- O sol está nascendo – sussurrou em meu ouvido. – Abra os olhos.

Suas mãos seguravam meu corpo contra o dele. Forcei a vista e vi pequenos raios se projetando no céu escuro, deixando-o rosado em poucos pontos. Com a cortina aberta a nossa frente podíamos ver a praia, além de ouvir o som das ondas que nos embalaram durante toda a nossa noite.

- Está vendo? – seus lábios tocaram meu pescoço causando choques em minha pele.

Putá merda! Como eu ainda conseguia reagir a ele?

- Sim. É lindo demais. Único! – os raios aos poucos se projetavam no céu a nossa frente.

- Não, Mel. Linda e única é você.

Ele me puxou um pouco mais para o seu corpo e... Puta que pariu! Como podia estar outra vez excitado? Como Robert conseguia estar dentro de mim quase a noite toda e ainda demonstrar mais disposição?

- Já fez amor assistindo ao nascer do sol? – seus lábios tocaram minha orelha deixando minha pele arrepiada e meu sexo úmido.

- Não.

- Imaginei – não tive forças para me desvencilhar dele pela ironia, pois suas mãos já percorriam meu corpo como cobras se apossando da presa.

Os toques eram firmes e lentos, saboreando meu corpo nu. O sol invadia o céu e Robert deixava que seus dedos me invadissem

no mesmo ritmo. Involuntariamente comecei a me movimentar de maneira a permitir que ele se apossasse ainda mais de mim.

Robert se esfregava em meu corpo com a ereção, deixando claro aonde chegaríamos, e seus dedos me possuíam com fervor. Sua mão livre tocava meu corpo acompanhando o nosso ritmo, ora apalpando meus seios, ora puxando meus quadris ao seu encontro. A outra mão não se desvencilhou um único segundo do seu objetivo.

Quando o familiar formigamento iniciou no meu ventre, eu sabia que não suportaria por muito mais tempo. Precisava dele dentro de mim.

- Robert...

- Eu sei, linda. Posso sentir seu sexo pulsando em meus dedos. Continue.

Seus movimentos se intensificaram. Não podia acreditar que faríamos daquela forma, mesmo com o nosso consentimento, mas mesmo assim deixei que meu corpo encontrasse alívio. Gemi alto aceitando que ele conseguisse o que quisesse de mim.

Mal comecei a me recuperar, dolorida pela extensa sessão de sexo, quando Robert colocou uma camisinha e me curvou para frente. Levantou meu corpo e, de uma vez só, me penetrou. Puta merda! Eu não estava preparada para mais sexo. De onde vinha tanta virilidade?

Ele se movimentou forçando-me a acompanhá-lo. Estranhamente, eu sentia necessidade de segui-lo. Queria dar prazer ao meu amante, que tinha dedicado uma noite inteira a mim. Eu queria agradá-lo. Queria ser perfeita para Robert como ele estava sendo para mim. Queria ser a melhor. E foi assim que, sem saber de onde tirar disposição, me movimenteí da melhor maneira possível, rebolando e mexendo enquanto ele entrava e saía de mim.

Foi com imensa satisfação que percebi que minhas atitudes levaram Robert ao êxtase. Nunca antes, o fato de saber que conseguia satisfazer plenamente um homem tinha mexido tanto comigo como naquela hora. Robert se entregou ao nosso momento como se o restante do mundo tivesse deixado de existir, e, apesar de acreditar

que era impossível, meu corpo outra vez formigou, pulsou e esquentou, liberando mais um orgasmo quase ao mesmo tempo em que meu chefe se entregava ao dele.

Depois disso não consigo lembrar perfeitamente bem dos fatos. Sei que fui carregada para a casa. Como se estivesse ligada no automático, tomei banho, vesti uma roupa que Robert escolheu. Não tenho nem ideia de como consegui fechar minhas malas, então, conduzida por ele, caminhei trôpega até a lancha.

Dormi o percurso todo, até ser acordada para entrar no táxi. Dormi outra vez, encostada em seu peito. Acordei no aeroporto e me obriguei a caminhar até o avião. Sentei na poltrona, deixando Robert prender meu cinto e adormeci. Percebi quando ele me tirou da poltrona e me deitou na cama. Depois disso, mais nada.

CAPÍTULO 16

Melissa Simon. Quem é você?

Tudo o que eu sabia era apenas que ela não tinha nenhum tipo de ligação com Tanya. Tom vasculhou todas as formas de encontrar algo que pudesse ligar as duas, e nada. A única informação que tínhamos de possível relação entre Melissa e alguém dentro da empresa, era com Abgail.

Não tinha motivos para desconfiar da antiga secretária. Ela também já tinha passado por uma investigação meticulosa. Além disso, era uma grande aliada em minha luta contra Tanya. A amizade entre Melissa e Abgail era apenas uma coincidência. Nada que merecesse ser levado em consideração.

Mas Melissa era normal demais para ser verdade e a forma como ela havia mexido comigo era mesmo para se desconfiar. Era muito perfeita. Como se tivesse sido escolhida a dedo e colocada naquela posição para desviar minha atenção do que deveria realmente estar atento. Algo nela fazia

com que meu detector de ameaças disparasse descontrolado.

No dia seguinte após pedir a Tom, mais dados sobre a minha nova secretária, recebi em mãos um relatório com poucas folhas, onde apenas constavam as escarças informações da vida dela. Nada de anormal. Viveu com a mãe e o padrasto até entrar para a faculdade. O pai a visitava sempre que podia. Moravam na Califórnia. Não sabia qual o motivo para ter escolhido Chicago como nova moradia, mas não podia vincular esta decisão a qualquer fato que ligasse a mim.

Melissa morava sozinha em um cubículo que acreditava ser habitável, em um bairro de classe média. O apartamento era alugado e os pais ainda ajudavam financeiramente. Bom... Eu esperava mais dela. Possuía um parceiro, já que encontros esporádicos não podiam ser considerados um relacionamento sério. Seus finais de semana se resumiam em lavar roupa, arrumar a casa, visitar uma vez ou outra uma amiga, Abigail por exemplo.

Fiquei totalmente frustrado. Tinha que haver algo mais. Eu podia sentir.

Peguei o telefone e liguei para Tom.

- Estava pensando em você agora mesmo.

- Isso é ótimo. Significa que está trabalhando e que eu não estou jogando o meu dinheiro fora.

- É óbvio que não está jogando o seu dinheiro fora. Nós fazemos até mesmo o impossível para conseguir todas as informações que você, gentilmente, solicita.

- Não achei nada de interessante na investigação sobre Melissa Simon.

- Simplesmente porque não existe nada de interessante na vida dela. Nem amigos significativos ela tem. Se não fosse o tal do Dean para dar uma sacudida na rotina, não sei o que seria dessa garota.

- É. Mais estou com a sensação de que estamos deixando algo para trás. Você entrou na casa dela?

- Não foi necessário, Robert. A garota está limpa. Pode acreditar.

- Quero que entre na casa dela e descubra tudo o que conseguir.

- Ok. Não precisa pedir outra vez. Faremos isso amanhã mesmo.

- Ficarei aguardando. E o que você quis dizer com estar pensando em mim?

- Ah sim! Acabamos de descobrir que Tanya vai fazer uma viagem para se encontrar com o pessoal do Fórum Social Mundial. Pelo que consegui pegar da conversa, ela está tentando utilizar isso como uma arma contra você.

- Puta que pariu! Tenho que descobrir o que ela está tramando. Provavelmente algo contra a nossa participação no Fórum de Davos. Tanya não pode ser tão cretina. Não vê que com isso prejudica o seu próprio patrimônio?

- Sinceramente, não acredito que ela se importe tanto assim com o patrimônio. Esta disputa entre vocês já virou uma obsessão.

- Virou, mas vou dar um jeito de acabar de uma vez por todas com essa merda. Continue atento a Tanya e mantenha-me informado.

- Como sempre, chefe.

Fiquei com aquele problema martelando em minha cabeça. Tanya precisava ser desarmada e eu não sabia como fazer. Olhei para Melissa, do lado de fora da sala, e tentei encontrar uma forma de virar aquele jogo. Eu sabia exatamente como proceder para conseguir e com certeza ela cederia, mas até onde poderíamos ir sem colocar em risco o meu acordo com Tanya.

Se Melissa fosse realmente uma isca, o que eu iria fazer seria o mesmo que dar um tiro no pé, a não ser que a envolvesse de forma tamanha que eliminaria de vez a influencia de Tanya, ou de qualquer outra pessoa envolvida neste jogo, sobre ela. Mas quem poderia estar fazendo a conexão entre as duas? Liguei outra vez para Tom.

- Duas vezes ao dia e em menos de dez minutos, é realmente surpreendente.

- Chega de gracinhas, Tom.

- Tudo bem. O que deseja agora?

- Quero que investigue o namorado dela.

- O Dean?

- Isso.

- Ok. Mando tudo para você amanhã.

Tinha que dar certo. Eu teria que agir e não poderia esperar mais.

O plano surgiu no momento em que estava indo embora. Melissa me olhava como se implorasse para que eu a tocassem. “Bom, Melissa Simon. Seu pedido é uma ordem”.

Utilizei todas as minhas armas para envolvê-la. Não acreditei que minha secretária cederia tão facilmente, contudo bastou um telefonema e ela já estava em minhas mãos. Devo confessar que foi muito gratificante e o fato dela ter sido tão fácil não me desanimou nem um pouco. Eu ainda a queria, e muito. Então, por que não?

Se Melissa aceitasse ser minha amante, se estivesse tão envolvida que não pudesse mais lutar contra mim, Tanya, ou quem quer que fosse, não conseguiria me atingir através dela. Seria até mais fácil, pois a depender do seu nível de envolvimento, eu poderia descobrir o que “minha esposa” estava tramando e assim, viraria o jogo. Perfeito!

Mas Melissa não foi tão fácil quanto eu imaginei que seria. Muito pelo contrário. Após ceder na noite anterior, ela se mostrou resistente. Incomodada por ter permitido que acontecesse. Eu teria que ser mais firme. Mais incisivo. Deixei que ela fosse se acostumando gradativamente com o que estava sentindo sem interferir muito, mas de vez em quando ressaltava o meu interesse pelo que poderíamos viver.

Recebi o relatório sobre o rapaz com quem ela estava se relacionando. Era no mínimo suspeito, mas Tom não encontrou nenhum tipo de ligação dele com Tanya, nem com nada relacionado a empresa. No entanto Dean era uma espécie de gênio no ramo de segurança da informação e trabalhava para uma das maiores empresas de segurança dos Estados Unidos. Simples coincidência ou poderia ser ele o infiltrado?

Eu teria que ir muito além para descobrir onde tudo começava e de que forma deveria terminar. No entanto, a viagem a Grécia facilitaria para o meu lado, afinal de contas, Melissa iria comigo e seria muito mais fácil acompanhar os

seus passos, além de avançar mais um pouco em minhas investidas.

Tom conseguiu entrar no apartamento da minha secretária, como tinha me dito que faria, porém nada encontrou que pudesse comprometê-la. Apenas confirmou as minhas suspeitas. Melissa vivia somente com necessário, sem esbanjar em nada. Com certeza se ela estivesse em alguma armação de Tanya, tinha dinheiro envolvido.

Minha esposa sabia a forma certa de corromper as pessoas, além de ter uma conta bancária favorável. O problema era que Melissa não se encaixava no perfil de mulher que prioriza dinheiro a sua própria dignidade. Estava tudo muito turvo ainda.

Droga, Melissa Simon! Quem é você?

Mesmo assim, pedi para que Tom me enviasse a cópia da chave da casa dela. Quando tivesse oportunidade eu mesmo checaria as informações. Deixei para fazer isso quando voltássemos de viagem. Após conseguir diretamente da fonte o que precisava saber.

Não perdi tempo. No avião mesmo comecei a questioná-la. Melissa não se perdia nas informações, apesar de ser bastante reservada. O fato era que o que tinha conseguido arrancar dela, era exatamente o que Tom tinha me informado, nenhuma novidade a mais. Ela não mentia.

Fiquei confuso, pois aquela garota ainda era uma incógnita, mas Melissa agia com muita naturalidade. Com tantos anos convivendo com uma profissional na arte de enganar, ludibriar e mentir, tornei-me uma fera em reconhecer algumas expressões. Melissa não escorregou em um único detalhe. Só percebi que ficou inquieta ou desconfortável, quando toquei no assunto do telefonema.

Putá que pariu! A forma como ela corava me deixava realmente fora de mim.

Na Grécia tive que manter Melissa afastada do que realmente aconteceria. Se Abigail estivesse comigo naquele momento, com certeza participaria mais efetivamente. Ela sabia de tudo e concordava com as minhas decisões, sem contar que era muito confiável. Mas a minha nova

secretária era algo fora de questão. Não poderia envolvê-la a este ponto sem saber se ela correria na primeira oportunidade para contar a Tanya o que eu estava fazendo. Seria arriscar demais.

No entanto deixei que algumas informações escapassem. contei a Melissa que as pessoas acreditavam que estávamos no México e deixei claro o quanto era importante que ninguém soubesse do que tratávamos ali. Também abri a minha conta de e-mail em sua frente e deixei que ela escrevesse uma mensagem para Nicole. Se minha secretária estivesse mesmo à procura de alguma informação, com certeza vasculharia a minha caixa de entrada.

Aguardei para saber em quanto tempo aquela informação chegaria até Tanya. Mas não chegou. Tom estava atento a todos os detalhes e tinha disponibilizado uma pessoa para escutar e gravar as ligações realizadas do celular de Melissa, além de monitorar os e-mails que chegariam ou sairiam da sua caixa de mensagem.

Tom tinha ido mais além e conseguiu, no dia em que invadiu a casa dela, colocar um pro-

graminha em seu notebook que permitia que ele a espionasse e soubesse de todas as suas ações.

Pedi também que ela não participasse da reunião. Era arriscado demais. Melissa ficou surpresa e apreensiva. Deixou claro que estava incomodada com o motivo da sua participação na viagem, levando tudo para o lado profissional. A reação dela me deixou preocupado. Por que tanta necessidade de saber qual a pauta daquela reunião?

Mesmo contrariada saiu resignada um pouco antes de Michael, Nathan e Vincent chegarem. Era o nosso primeiro encontro e todos estavam na mesma situação que eu. Precisávamos unir forças para manter os nossos patrimônios a salvo. Nossas empresas buscavam levantar barreiras para impedir qualquer ameaça.

Ficamos em reunião por um tempo consideravelmente longo e ao final estávamos com tudo acertado. Todos aceitaram colaborar. Liguei para Tom, e este me disse que Melissa tinha acessado a internet e recebido alguns e-mails, mas nada que merecesse maior atenção. Fui informado de

que Nicole havia mandado uma mensagem para minha secretária perguntando o motivo do relatório que eu tinha pedido. Liguei na mesma hora para minha irmã.

- Nicole, fez o que pedi?

- Oi Robert, eu estou ótima! Obrigada por perguntar – caralho! Minha irmã sabia ser irritante quando queria.

- Fez ou não o que pedi?

- Não checkou seu e-mail?

- Ainda não. Devo deduzir que sim?

- Lógico! Deus me livre de não cumprir alguma ordem sua.

- Ótimo!

- Ah, que é isso! Não precisa agradecer.

- Nicole, quero que preste bastante atenção ao que vou falar. Algumas decisões importantes foram tomadas e quando eu chegar, teremos uma conversa muito séria. Por ora preciso apenas que mantenha esta informação e que o meu pedido seja mantido em segredo.

- Entendi – imediatamente ela assumiu um tom profissional.

Nicole podia perder tempo com bobagens, mas quando o assunto era trabalho, não havia o que questionar.

Melissa ainda estava recolhida em seu quarto. Como nada acontecia, dei a ela um tempo sozinha, inventando que precisaria sair. Esperava que com isso a possível infiltrada sentisse segurança para fazer qualquer coisa que pudesse me dar motivos para não confiar nela.

Nada de anormal foi detectado.

De que forma ela estava ligada a tudo o que desconfiávamos?

Voltei para casa só após receber a ligação de Tom avisando que nada havia saído do padrão. Melissa continuava limpa. Eu precisava agir com mais energia. Teria que ser mais direto, torná-la vulnerável a mim para então conseguir todas as informações que necessitava. Se ela sucumbisse eu teria mais motivos para suspeitar.

Quando a encontrei, de biquíni, saboreando um vinho que eu havia reservado para o momento certo de embebedá-la e des-

frutando da hidromassagem, perdi totalmente o foco. Melissa era esplêndida.

Não deixei a oportunidade escapar e logo estávamos juntos, mas ela fugiu de mim, o que me encheu de dúvidas. Se o objetivo era que a garota desviasse a minha atenção, então deveria ser fácil levá-la para cama. Havia a possibilidade dela fazer jogo duro, pois este detalhe também é um atrativo para mim. Gosto do que não posso ter e Tanya me conhece o suficiente para ensiná-la a arriscar desta forma. Mas se fosse para ser assim, por que Melissa cedeu no dia em que liguei para ela?

Tive que bolar outra estratégia. Melissa não era romântica, até onde pude saber. O tal do Dean queria algo mais sério e era o típico namorado apaixonado que quer constituir família e passar a vida ao lado da mesma mulher. Quanta babaquice! Mal sabe ele o que isso significa. Ao que parecia, estes não eram os planos da minha secretária.

No dia seguinte armei tudo com Abadia e consegui levá-la para um passeio no Mar Egeu.

Tive que fazer da forma certa. Fui incisivo. Deixei claro que não poderia ser diferente do que eu queria.

E eu queria mesmo.

Muito!

Seria juntar à fome a vontade de comer.

Como imaginei, Melissa era maravilhosa. O seu corpo espetacular era exatamente o que o meu precisava. O melhor de tudo não foi o ato sexual, mas a forma como ela reagia ao que eu fazia. Cada toque ou cada investida maior que eu dava, deixava-a tão ensandecida que parecia lutar contra o prazer que sentia, como se este pudesse explodir em seu corpo a qualquer momento.

Fiquei ainda mais curioso a respeito da sua vida sexual. Ela não era virgem. Claro que não. Mas era um misto de ingenuidade, inexperiência, ousadia e sensualidade que confundia os meus pensamentos o tempo inteiro.

Afinal de contas, quem é você, Melissa?

Finalmente estávamos juntos, mas ainda havia mistério no ar. Ela tinha cedido, porém, sinceramente, eu estava sendo bastante persistente

e Melissa não conseguiria se esquivar por muito mais tempo. O que me incomodava era o fato de ter certeza que a mulher com que estava me relacionando não combinava em nada com o papel de amante.

Uma garota como ela, sempre tão certinha, notas ótimas na faculdade, nenhuma conduta que a desabonasse, nenhum porre homérico, nada de escandaloso, não poderia simplesmente concordar em transar com um homem casado sem questionar um único instante os meus motivos para agir desta maneira.

Eu entendia que ela até aceitasse ficar comigo, pois estava mesmo muito envolvida para conseguir escapar. Contudo, o mais aceitável era que ela me recusasse, ou argumentasse que eu era casado e não que era o seu chefe. A mesma sensação, alarme do sensor de perigo, me incomodou durante o dia inteiro. Tudo bem que não me impediu de fazer nada, mas estava lá, sempre presente.

Liguei para Tom assim que Melissa entrou em mais uma loja. Precisava me certificar de que

continuava com a investigação. Ela tinha que deixar alguma brecha.

- Tenho novidades. Tanya se encontrou hoje com Isaac Hudson, no Willows Hotel no Parque Lincoln.

- Puta que pariu! Como não ficamos sabendo desse encontro antes? – Tanya não iria se encontrar com o representante norte americano do Fórum Social Mundial apenas para apertar a sua mão. Alguma coisa errada estava acontecendo. – Porra, Tom! Como vocês perderam esta informação?

- Não perdemos. Ela não ligou para ninguém combinando este encontro, não enviou ou recebeu e-mail... Nada. Tanya está agindo de alguma forma que não estamos conseguindo detectar. Não sei ainda qual, mas já disponibilizei uma equipe para descobrir como ela está conseguindo receber informações sem nosso conhecimento.

- É inacreditável! Pago uma fortuna para saber todos os passos da Tanya e vocês deixam passar uma informação como esta?

- Calma, Robert! Conseguimos agir a tempo. Infiltramos uma pessoa como camareira. Ela ficou atenta e no primeiro momento instalou um gravador de voz no quarto. Não ficou perfeito, mas pudemos saber o que eles conversaram.

- Graças a Deus! Agora me diga tudo – fiquei mais aliviado, porém ainda não estava seguro.

- Acredite, ela tentou conseguir o apoio das pessoas envolvidas com o Fórum. Seus argumentos foram ótimos. Está tentando fazer com que a próxima reunião do Fórum de Davos não tenha tanto peso para a imagem do grupo.

- Não acredito nela.

- É estranho mesmo, mas não consegui captar nada que levantasse suspeitas.

- Quero esta gravação.

- Já está a sua disposição.

- Quando eu voltar, Tom, em minha casa.

- Claro. Alguma novidade sobre a secretária?

- Não. Até agora nada.

- Já te disse, Robert, a garota está limpa.

- Não sei se devo acreditar nisso. Falo com você depois.

Desliguei rapidamente, pois Nathan, um dos participantes da reunião, se aproximava de mim, acompanhado da sua secretária. Imaginei se era sempre assim, os chefes executivos tendo casos com as suas funcionárias. Pelo menos eu estava envolvido com a minha.

Conversamos algumas banalidades, assuntos sem muita profundidade e ambos estávamos constrangidos pela situação. Assim que nos despedimos percebi que Melissa demorava demais e resolvi entrar na loja para apressá-la. Quão foi a minha surpresa quando entendi que ela tinha desaparecido. Nem sabia o que pensar, mas a primeira emoção foi a de raiva. Se Melissa pensava que poderia me enganar estava muito errada.

Dei tempo a ela. Tom estava atento e se minha secretária queria meter os pés pelas mãos, aquela era a sua oportunidade. Desci as ruas da ilha sem muita pressa. No fundo desejava que

Melissa me desse um motivo para desarmá-la, além de querer mais uma arma contra Tanya.

Não foi possível evitar a decepção. Ela se misturava a todos os outros sentimentos e atava as minhas mãos me impedindo de agir como deveria. Eu tinha realmente gostado da nossa tarde, e poderia ser tão a mais do que foi... Poderia mesmo mostrar a Melissa coisas que nunca imaginou. E a calcinha dela ainda estava em meu bolso.

Consegui encontrá-la na lancha. Estava com o celular na mão e parecia assustada. Droga! Para quem ela estava ligando? O que havia conseguido descobrir? O que tinha passado? Eu precisava ganhar tempo. Precisava que Tom me ligasse ou mandasse uma mensagem avisando o que tinha captado daquela ligação. Não tive como evitar a chuva de perguntas. Tom estava demorando demais.

- Assustada? Para quem estava ligando? Por que fugiu?

Ela gaguejou. Estava com medo. Droga, Melissa!

- Por que não me esperou? – sem perceber acabei levando-a para a cabine da lancha.

- Achei que você ficaria melhor se eu não aparecesse... Quer dizer... Aquelas pessoas estavam lá e...

- Melissa... Quem é você? – ela parecia dizer a verdade e ao mesmo tempo estava nervosa demais. Qual motivo teria para estar daquela forma?

- Eu?

- Você – ela não me contaria com tanta facilidade.

- Robert...

- Como ficou sabendo que existia a vaga para trabalhar diretamente comigo? – era esta a questão inicial? Como não pensei nisso? Do nada, Melissa Simon foi jogada em minha sala e ocupou um cargo vago que ninguém ficou sabendo que existia.

- O que está acontecendo? Por que estas perguntas?

- Responda – estava a ponto de explodir, mas precisava manter a calma. Se eu apertasse

demais poderia por tudo a perder. Melissa explicou algo sobre um currículo e Abgail.

- Abgail? Qual a sua ligação com Abgail? – prestei mais atenção ao que ela dizia.

Se Abgail de alguma forma ajudou a colocar Melissa em seu lugar, eu poderia confiar na minha secretária? E por que porra, Tom não ligava para dizer o que tinha acontecido? Precisava ganhar tempo.

- Vamos voltar. É melhor sentar, pois vou a toda velocidade – o melhor a era passar este tempo da única forma em que poderíamos fazer.

- O que aconteceu? Por que este interrogatório? – chega de perguntas, Melissa. Agora quero apenas cuidar de você. Do meu jeito.

- Estou com pressa – liguei a lancha e rumei em direção a casa. Toda aquela descarga de adrenalina estava se manifestando em mim de outra forma. Tesão.

Naquela noite dei a Melissa o que ela precisava. Romance e prazer. Se ela era uma espiã, eu a faria mudar de lado, se não era, pelo menos nos divertiríamos.

Como Tom não ligava, resolvi que deveria procurá-lo. Para a minha surpresa ele disse que não houve nenhuma ligação realizada do celular de Melissa. Mas eu a tinha visto com o celular e ela tinha ficado nervosa demais. O que estava errado nesta história?

Pensei muito sobre o que deveria fazer. Qual a melhor forma de encontrar o que eu precisava? Talvez Melissa tivesse um segundo celular. Talvez todos nós estivéssemos sendo enganados por Tanya. E se a própria Tanya tivesse um segundo celular? Claro. Ela tinha conseguido agendar o encontro sem que uma equipe inteira de vigilância percebesse. Droga! Tinha que tirar Melissa da casa e procurar por qualquer prova.

Não foi difícil providenciar tudo. Chamei Abadir e pedi que ele a levasse para conhecer as praias. Sem levantar suspeitas, o instruí a passar o máximo do tempo fora, para que eu conseguisse vasculhar tudo, já que iríamos embora no dia seguinte.

O mais complicado foi com a própria Melissa. Ela ficou muito irritada por ter que sair

e principalmente por não poder, outra vez, participar da reunião que inventei para conseguir tirá-la de casa. Só Deus sabia o quanto eu gostava de vê-la daquela forma.

Melissa, quando confrontada, conseguia sempre surpreender. Ficava ainda mais bonita e dizia o que vinha a cabeça. Enlouquecia-me, mas da maneira certa. Era praticamente impossível resistir ao seu encanto. Ela era mesmo desfrutável. Por isso a arrastei para a cama e transamos de maneira inacreditável.

Estava começando a gostar mais do que deveria daquela intimidade com a minha secretária. Melissa tinha um jeito todo especial de se entregar a mim. Na verdade, era um jeito único. Cada gemido, cada palavra trocada, cada carícia, possuía um sabor diferente. E eu gostava de tê-la em meus braços e de estar totalmente dentro dela. O que não era uma tarefa muito fácil, já que a garota era inacreditavelmente apertada. Gostava de olhar seu rosto enquanto lhe dava prazer. Era esplendido! Mas gostava, sobretudo,

da forma como ela gozava. Era um espetáculo a parte.

Depois que ela saiu, corri para seu quarto e vasculhei cada pedaço dele. Não havia forma dela esconder nada de mim ali dentro. Tomei o cuidado de deixar tudo exatamente como estava. Depois de mais de três horas revirando, meticulosamente, cada centímetro do quarto, cada mala, agenda, embalagem, tudo o que havia dela, me convenci de que não existia nada para ser utilizado contra Melissa Simon. Mas então o que?

Sentei derrotado no sofá da sala e me lembrei da conversa que tivemos no dia anterior. Ela era amiga de Abgail. Claro! Por que não ir diretamente a fonte?

- Alô, Sr. Carter? – Abgail ficou surpresa com a minha ligação. Ela sabia que eu estava na Grécia. Era uma das poucas pessoas que sabia de tudo.

- Abgail, como vai?

- Melhorando. Aconteceu alguma coisa?

- Não. Não. Na verdade estou ligando porque preciso mais uma vez de sua ajuda.

- Esta ligação é segura?

- Sim. Pode ficar tranquila.

- Do que precisa, Robert? – quando estávamos em segurança dispensávamos as formalidades. Talvez esta tenha sido a sua desgraça.

- Melissa Simon.

- O que tem a Mel? Ela fez alguma coisa errada? Não quis passar muitos detalhes porque não sabia se você...

- Ela não fez nada de errado. Apenas... Preciso saber até que ponto posso confiar nela? – Abigail ficou um tempo em silêncio.

- Mel é uma pessoa incrível. Nunca tive motivos para desconfiar.

- Você de alguma forma interferiu na escolha dela para este cargo?

- Não.

- E como ela conseguiu?

- Levei um currículo para o RH da empresa. Não imaginava que fosse chamada justamente para me substituir. O que está acontecendo?

- Não sei. Tenho a sensação de que Tanya a encontrou e deu uma forma de colocá-la em meu caminho – ela riu baixinho. Abgail era esperta demais para deixar passar este comentário. Ela, com certeza, já sabia o que estava acontecendo entre nós dois.

- Não sei qual o motivo para você pensar desta forma, mas duvido muito que Melissa aceite qualquer proposta indecente. Ela não aceitaria nunca dinheiro ou qualquer outra coisa do tipo, para ferrar alguém.

- Mas está aceitando ir para a cama comigo, mesmo sabendo que sou casado.

- É verdade. Este é um fato novo.

- Não sei o que pensar.

- Encontrou alguma ligação entre as duas?

- Não.

- De qualquer forma, não acredito que ela esteja envolvida.

- Obrigado, Abgail.

- Pode continuar contando comigo, Robert.

- Eu sei – ela tinha muitos motivos para continuar me apoiando.

Fiquei mais aliviado depois daquela conversa. Chamei Macaria e pedi que ela me ajudasse a colocar outro plano em prática. Mandeï instalarem uma tenda no meio da praia com tudo o que eu precisaria para proporcionar a Melissa uma noite inesquecível. Seria a minha última cartada.

Se depois daquela noite ela não estivesse completamente em minhas mãos, a ponto de revelar qualquer segredo, eu não saberia mais o que fazer.

Transamos de maneira fabulosa. Foi maravilhoso! Era incrível como Melissa conseguia me manter tão interessado. Não podia ficar longe e sempre queria mais. Sempre muito além do que já tinha alcançado. Melissa me estimulava e excitava de uma forma muito diferente de tudo o que já tinha experimentado. Não era apenas a vontade que eu sentia de estar dentro dela, ou de satisfazer meu desejo, mas era também uma necessidade anormal de completá-la, de vê-la extasiada com tudo o que eu a proporcionava.

Depois daquela noite eu não conseguia decidir se Melissa estava em minhas mãos ou se era eu que estava nas dela.

CAPÍTULO 17

- Mel – ouvi sua voz e sorri. Meu sonho estava perfeito. Apenas nós dois em uma praia deserta, fazendo amor como se fosse a única coisa de que precisávamos. – Mel? Linda! Você precisa comer alguma coisa.

- Hum! – gemi, ganhando consciência de que estava muito próxima da realidade. Ouvi seu risinho abafado.

- Não pode dormir tanto assim.

- Estou acabada – forcei meus olhos a permanecerem fechados. – Não sobrou nada da Melissa – ele riu mais uma vez.

- Vamos. Eu ajudo você – retirou o lençol que me cobria. Abri os olhos ao perceber que estava apenas de calcinha.

- Eu entrei no aeroporto assim? – mais uma vez ele riu. Seu humor estava excelente.

- Não. Coloquei você dentro da mala. Pensei que seria mais confortável do que ficar carregando

um corpo para todos os lados. Você mal conseguia ficar de pé.

Levantei um pouco e minha cabeça girou. Fechei os olhos novamente.

- Com calma, Mel. Você já está dormindo há muito tempo. Eu ajudo – ele caminhou até a mesa e voltou logo em seguida. – Levante os braços.

Obedeci. Um tecido leve escorreu pelo meu corpo. Abri os olhos e reconheci o vestido floral. Seus braços passaram pelos meus joelhos e logo me levantaram. Fui levada até a mesa, onde um prato com um cheiro incrível me aguardava. Percebi que estava mesmo com fome.

- Pedi seu almoço. Espero que goste.

Não aguardei que ele sentasse para degustar a sua refeição, muito menos para descobrir o que era aquilo que estava a minha frente. Comi como se não fizesse isso há dias. O sabor era maravilhoso. Só depois, quando minha fome estava parcialmente saciada, tive vontade de conversar. Robert comia sem se importar com o meu silêncio.

- Falta muito para chegarmos?

- Com pressa? – ele parou de comer para me analisar.

- Teoricamente receberei o meu emprego de volta, e levando-se em consideração que preciso pagar minhas contas... Sim.

- O emprego já era seu, Melissa. Eu nunca a demitiria por uma bobagem dessas.

- Não foi o que disse.

- Não acredite em tudo o que eu digo – fiquei calada tentando entender o verdadeiro sentido daquelas palavras. – Uma hora – respondeu a minha pergunta e voltou a comer.

- Há! – levei um tempo absorvendo a nossa realidade. Ele notou a minha apatia. – Enfim... De volta à vida.

- Não se pode viver apenas de sexo – riu sem se importar com o efeito que suas palavras causavam em mim. – A Grécia é linda, mas precisamos trabalhar.

- É. Claro! Precisamos voltar à realidade. Deixar a vida voltar ao seu curso e retomar de onde paramos – ele me observou com mais

atenção e então entendeu o verdadeiro sentido das minhas palavras.

- Não precisa ser desta forma.

- Foi assim que combinamos – rebati.

- Não. Não foi.

- Eu tenho certeza que sim – estava ficando um pouco divertido. Principalmente pelo fato dele estar demonstrando interesse em darmos continuidade à nossa história. – Você deixou bem claro que seria assim.

- Eu não disse nada sobre isso.

- Disse – nos encaramos guerrilhando com o olhar. Robert sorriu de maneira esplendida.

- Como eu falei... Não deve acreditar em tudo o que digo.

Sorri sentindo um grande alívio.

Após o almoço, troquei de roupa e voltamos para as poltronas. Robert já estava pronto, vestindo um terno escuro e com os cabelos perfeitamente arrumados. Tinha voltado a ser o CEO para quem eu trabalhava e já estava com seu computador aberto. Também me vesti

de forma a estar pronta para trabalhar tão logo chegássemos.

Meu chefe havia se ocupado em escolher a minha roupa, visto que eu não estava em condições de fazer isso. Separou um par de botas de cano alto, que não sei como, conseguiu colocá-las em mim enquanto ainda estava naquele modo sonolento.

A roupa que eu deveria usar para acompanhá-lo até a empresa fora escolhida a dedo. Um vestido longo, na cor azul, com decote discreto e preso a cintura por um cinto largo. O azul do vestido só pode ter sido uma brincadeira, ou uma maneira de me fazer lembrar, durante todo o dia, dos nossos momentos durante a viagem.

A única coisa que me incomodava era o fato dele não ter tocado em mim desde a hora em que terminamos o almoço, pelo menos não da forma como eu queria. No princípio achei que era porque nosso caso tinha mesmo chegado ao fim, devido a volta a Chicago, mas depois que conversamos, e dele ter deixado claro que queria que continuássemos juntos, relaxei para este ponto,

no entanto fiquei frustrada por não saber o motivo da distância que ele estava colocando entre nós dois.

Claro que não achava que iríamos sair do avião de mãos dadas, muito menos que chegaríamos na empresa anunciando que nos casaríamos, contudo esperava por algo mais. Talvez as suas paqueras safadas, ou as nossas conversas com duplo sentido.

Desembarcamos e logo fui atingida pela diferença do ar. A Grécia era quente e o ar mais leve. Não sei se era realmente isso ou se meu estado de espírito tornava o ar mais carregado. Chicago estava fria, chuvosa e com aspecto cinza. Fiquei desanimada. Aquele era o momento ideal para sentir um pouco mais de calor humano.

- Vamos direto para a empresa – anunciou.

- E nossas malas? – ele inclinou um pouco a cabeça, pensativo.

- Deixamos suas malas em casa e voltamos para trabalhar. Fica bom assim?

- Sim – sorri largamente em resposta. Iríamos para a minha casa.

- Tire estes pensamentos desta linda cabecinha, Srta. Simon. Temos muito trabalho a fazer. Vou precisar de vários relatórios e revisar diversos contratos.

Suspirei derrotada. Robert sabia ser o amante perfeito, mas quando assumia a sua função CEO, ninguém conseguia persuadi-lo a fazer diferente.

Fizemos exatamente como ele sugeriu. Paramos em frente ao meu prédio, desci com as malas. Ele preferiu aguardar por mim no carro, subi correndo e em quinze minutos estávamos seguindo para a empresa. A nossa conversa, como não podia deixar de ser, foi apenas sobre trabalho.

Passei o resto da manhã imprimindo planilhas, fazendo relatórios, corrigindo-os, levando contratos e respondendo a *e-mails*. Nicole ligou um pouco aborrecida por eu não ter retornado sua ligação nem respondido a sua mensagem. Inventei a mentira mais absurda de todas: “não tinha recebido mensagem e nem havia registro de ligações perdidas em meu ce-

lular. Com certeza meu telefone estava com algum problema. Essas porcarias sempre deixavam a gente na mão quando mais precisávamos”.

Ela pareceu ficar satisfeita com a minha desculpa e me avisou que sairia para almoçar com Paul. A noite tinha um encontro com Robert, então não teríamos tempo para conversar. Achei melhor assim. Quem sabe o que Nick seria capaz de arrancar de mim?

Robert trabalhou o tempo inteiro atendendo ligações importantes e analisando documentos. Não conversamos, nem tivemos nenhum tipo de contato que não fosse profissional. Para mim o aquário dele nunca foi tão impenetrável como foi durante aquelas horas. Parecia que algo muito além da nossa postura profissional nos separava.

Era estranho e me inquietava. Por este motivo fiz questão de trabalhar com mais determinação. Qualquer coisa que tivéssemos que discutir, com certeza não seria ali e muito menos naquele momento.

Na hora do almoço fiquei sem saber que fazer. Robert não tinha dado sinal de que pararia e eu não estava com fome. Meu estômago estava embrulhado devido ao excesso de dúvidas. Arrisquei telefonar para saber se ele queria que pedisse o seu almoço e fiquei surpresa quando respondeu que já tinha encomendado o “nosso almoço” em um restaurante japonês mais do que chique, onde eu nunca me arrisquei colocar os pés. Finalmente senti alívio. Se ele teve aquele cuidado era porque as coisas não estavam tão estranhas quanto eu imaginava.

Vinte minutos depois a comida chegou. Recebi o entregador, que não me cobrou um centavo, o que me fez imaginar que deveria ser uma rotina entre os figurões de Chicago. A conta com certeza seria cobrada, porém não de maneira tão direta. Arrumei tudo e levei a sala do meu chefe. Ele imediatamente parou o que fazia para podermos almoçar.

- Sinto muito, Srta. Simon, mas não teremos nenhuma bebida alcoólica para nos acompanhar. A senhorita está trabalhando e não

posso lhe favorecer – brincou com um lindo sorriso nos lábios.

- Juro que pensei que seria beneficiada de alguma forma por dormir com o chefe. Parece que meu golpe não deu certo – provoquei em resposta, mas ele me olhou de maneira estranha, mesmo tentando disfarçar ao continuar sorrindo.

- Não quero problemas com os meus funcionários. Seus benefícios terão quer ser restritos aos ambientes fora da empresa, em minha cama de preferência.

- Me parece justo – finalmente, o sorriso que se estampou pela minha resposta foi verdadeiro.

Comemos enquanto conversávamos sobre um pouco de tudo. Eu lamentei não ter conseguido me despedir de Macaria e Abadir, que foram ótimos comigo, e ele disse que eu havia feito isso, mesmo parecendo uma bêbada. Rimos juntos, pois não me lembrava deste detalhe. Suas brincadeiras de duplo sentido recomeçaram, principalmente quando eu disse do cansaço que es-

tava sentindo, apesar das horas dormidas durante a viagem de volta.

Foi no final, quando apenas riamos das besteiras que falávamos, que ela apareceu.

- Desculpe interromper – ouvi uma voz doce e feminina atrás de mim. Nem precisei me virar para saber de quem se tratava. – Não encontrei ninguém do lado de fora e, como a porta estava aberta, entrei. Espero não estar atrapalhando, Robert – claro que ela sabia que atrapalhava. Quem não conseguiria nos enxergar dentro do aquário?

Fiquei constrangida de imediato. Era como se estivéssemos cometendo algum delito. Por isso levantei para olhá-la. Tanya estava ainda mais bonita, o que me deixou arrasada. Loira, alta, magra e linda, parada a alguns metros de onde estávamos. Os saltos altos davam a ela a postura de uma modelo. Os cabelos lisos caíam pesadamente à altura do queixo, com uma ponta projetada para frente. Os olhos eram de um azul celestial. O rosto claro estava divinamente maquiado.

Foi impossível não notar que seu nariz fino, e do tamanho correto para o rosto dela, parecia ser perfeito para os lábios que formavam a sua boca. Tanya usava algumas joias que conseguiam realçar ainda mais sua beleza e trajava um vestido justo ao corpo revelando suas medidas incontestavelmente adequadas. Em uma das mãos segurava uma bolsa marrom, que com certeza custava mais do que o meu salário, e na outra seus óculos escuros de grife.

- Tanya – Robert não parecia surpreso e muito menos aborrecido com a presença dela. Era perceptível o motivo.

Meu estômago embrulhou. Nunca fui insegura antes. Lógico que tampouco fui um exemplo de segurança feminina, mas jamais me senti tão intimidada. Tanya era a mulher perfeita para estar ao lado de alguém como ele.

- Robert – ela o cumprimentou no mesmo tom de voz amistoso, e um breve sorriso se formou em seus lábios.

- Pensei que estivesse viajando – Robert também estava de pé. Eu estava nervosa e ele re-

laxado. Caminhou até ela e lhe deu um leve beijo no rosto. Senti vergonha por mim e pelos últimos acontecimentos. Principalmente os dos últimos dias.

- Resolvi voltar mais cedo. Tenho boas notícias – a conversa fluía tranquilamente entre eles. Era estranho vê-los daquela forma depois de uma cena tão marcante como foi a dela invadindo a sala dele.

- Sério? – Robert parecia interessado.

- Sim – ela me olhou novamente e tive vontade de pular da janela. Que merda era aquela que estava acontecendo?

- Tanya, acredito que já conhece a Srta. Simon. Ela está substituindo Abigail – Robert me indicou com a mão e a mulher se adiantou estendendo a sua para mim.

Tive vontade de revirar os olhos. Claro que ela me conhecia. Quantas vezes já tínhamos nos encontrado? Algumas? Ela sabia exatamente quem eu era e o que fazia ali. Mas tinha certeza de que Robert tentava amenizar a minha tensão, ou a desconfiança dela.

Céus! Era tão difícil!

- Melissa Simon. Sinto muito pelo incidente do outro dia. Não tivemos um bom começo, não foi? Lamento por isso e devo-lhe desculpas, mas trabalhar com o marido sempre provoca este tipo de acontecimento – piscou algumas vezes de maneira ingênua. Seu rosto de boneca era encantador.

Como assim trabalhar com o marido? Eu não conseguia entender, ou não conseguia acreditar no que meu subconsciente gritava.

- Sou a Sra. Carter, esposa do Sr. Carter. Muito prazer – o sorriso era amistoso, mas os olhos ameaçadores. Eu entendi o recado. Entendi tudo.

Puta merda! Puta merda! Puta merda!

PUTA MERDA!

Ele era casado. Não apenas casado, mas casado com a loira psicopata com rosto de boneca de porcelana. Merda! Merda! Merda!

Nós tínhamos transado, aliás, nós tínhamos transado muitas vezes e transas da melhor qualidade possível, diga-se de passagem. Merda! Como

ele pode fazer aquilo comigo? Como pode me enganar daquele jeito. Como?

- Algum problema, Srta. Simon? – sorriu docemente. – A senhorita me parece confusa.

O que eu poderia dizer? “Claro que estou confusa. Estava agora mesmo fazendo planos para a trepada fenomenal que pretendia dar com o seu marido esta noite”. Oh droga! Como fui me meter naquela enrascada? Como pude me deixar enganar? Como não consegui enxergar se estava o tempo todo ali, na minha cara, escrito nas entrelinhas?

Meu rosto estava tão quente que poderia pegar fogo a qualquer momento. Não sabia até quando conseguiria conter as lágrimas que já se acumulavam em meus olhos. A vergonha era enorme e piorava muito com o fato de ter aquela reação na frente dos dois. Não tive coragem de encará-lo, mas também não desviei o olhar dela.

- Não quero atrapalhar o almoço de vocês, por favor, continuem – Tanya estava se divertindo ou era apenas impressão minha?

- Na verdade... Combinei com Alexa de nos encontramos logo após o almoço. Ela deve estar me esperando – fiquei atordoada e me atrapalhei com os pratos. – Com licença.

Deixei tudo na copa e corri pelas escadas. Corri sem saber ao certo para onde deveria ir. Apenas desci cada degrau como se estes estivessem tentando me impedir de chegar. Eu tremia e as lágrimas caíam dos meus olhos. Parei sem fôlego quando percebi que tinha chegado à recepção do prédio. Entrei como uma bala no banheiro feminino e me tranquei na primeira cabine a disposição.

Chorei copiosamente. Da maneira mais infantil e absurda possível.

Sentia-me culpada. Eu havia transado com um homem casado que só poderia ser um doente por estar traindo uma mulher como a que tinha. Tudo bem que ela era psicótica, mas era linda. Maravilhosa! E eu não passava da secretária que tinha caído no papo do chefe que não conseguia manter o pinto dentro da cueca. Que idiota!

Bati com a cabeça diversas vezes no azulejo do banheiro em uma tentativa débil de esquecer tudo o que tinha permitido que acontecesse. Eu era uma imbecil, e ele um cretino que tinha abusado da minha confiança e boa vontade. Robert era o culpado e não eu. Não eu. NÃO EU.

Fiquei, incontáveis minutos, que passaram sem que eu percebesse, trancada na cabine do banheiro. Quando resolvi que era hora de secar as lágrimas e guardar o restante para a minha cama, todo o meu corpo gritou em protesto. Tinha ficado tempo demais sentada na posição fetal e acabei enferrujando.

Mas se Robert, aliás, Robert o caralho! O Sr. Carter, que era o que ele deveria ser para mim a partir daquele momento, achava que me derrotaria, estava muito enganado. Eu lhe mostraria que não era tão idiota como ele acreditava.

Mas como? Droga! Meus olhos já estavam outra vez cheios de lágrimas. Tinha sido bom. Não. Tinha sido excelente. Merda!

Não me importei com os olhos e a ponta do nariz, vermelhos. Que se danasse qualquer pessoa que achasse estranho. Pensando bem, não deveria ser estranho ver a secretária do CEO, chorar. Da forma como ele agia deixando que todos acreditassem que era detestável, e verdadeiramente o era, deveria ser normal e rotineiro para o setor.

Quando consegui voltar à sala, toda a minha coragem se esvaiu. Ele estava lá, porém Tanya, ou a Sra. Carter, como eu deveria tratá-la, não estava mais. Rob... Sr. Carter estava ao telefone e apenas me olhou rapidamente dando seguimento ao que fazia. Parei para analisá-lo. Merda! Ele era tão lindo e perfeito! Por que tinha que ser tão sacana?

Trabalhar foi praticamente impossível, mas eu me forcei, de maneira doentia, a permanecer lá. As palavras estavam presas em minha garganta e nem água descia. Sabia que teria que colocá-las para fora, só não sabia como nem quando, ou mesmo se teria coragem para fazê-lo.

Como ele não me procurou, nem me pediu nada, ficamos a tarde inteira assim. Eu, como idi-

ota que era, ia de tempos em tempos ao banheiro chorar um pouco mais. Estava ferida, machucada, magoada e com meus sonhos de princesas e castelos despedaçados. O Sr. Carter jogou todo o meu encanto por ele no chão e pisou em cima, esmagando-os como se esmaga um inseto.

Depois de mais ou menos umas dez idas ao banheiro, e como o dia já estava terminando, pelo menos para os funcionários da C&D Medical System, não tive coragem de pegar minhas coisas e ir embora. Permaneci sentada olhando fixamente a tela do computador. O fundo azul com a logomarca da empresa girava vagarosamente, passava infinitas vezes sem que eu conseguisse desviar o olhar.

O telefone tocou. Atendi quase que automaticamente.

- Sala do Sr. Carter – não me dei ao trabalho de olhar para o aparelho para saber de quem se tratava, no entanto seu risinho me tirou do transe. A raiva quase me sufocou.

- Não quer voltar para casa hoje ou ainda temos muito trabalho a fazer?

Como ele podia ser tão cínico? Tinha me levado para a cama, feito o que quis comigo, mesmo sendo um filho da puta casado, e agora me ligava com a maior cara de pau fazendo piada da minha situação?

- Você é casado? – meus dentes não se abriram para facilitar a saída das palavras. A raiva não permitia. Desta vez ele não riu.

- Melissa... – tentou falar após uma pausa.

- VOCÊ É CASADO, SEU FILHO DA PUTA! – gritei sem conseguir me conter.

Em menos de dois segundos ele já estava ao meu lado. Nem tive tempo de desligar o telefone. Ficamos nos olhando. Eu com o telefone ainda na mão, colado à orelha e ele com as mãos nos bolso da calça. Parecia surpreso com a minha reação. Nem preciso dizer que as malditas lágrimas já despencavam pelo meu rosto.

- Melissa, eu...

- Cale a boca, Robert. Cale esta maldita boca ou não serei responsável por meus atos.

Ok. Tenho que admitir que sempre fui mais parecida com um bichinho medroso e acuado,

mas verdade seja dita, quando algo sai do meu controle, realmente sai do controle. Como o meu gênio, por exemplo, que demorava a se apresentar, porém quando eu o deixava escapulir, já era. Alguma merda seria feita.

- Você é casado. Casado! Como pôde?

- Eu pensei que você soubesse...

- Pensou o que? – ele se afastou de mim incomodado com a nossa briga, mas não pareceu intimidado.

- Você está falando sério? – levantou uma sobrancelha, ainda em dúvida a respeito da minha reação.

- Acha mesmo que eu iria para a cama com um homem casado? CASADO! – o pânico começava se revelar em minha voz. Nossa senhora das amantes desavisadas que segurasse em minha mão.

Robert respirou profundamente e passou as mãos pelos cabelos. Depois me olhou ainda desconcertado.

- Como poderia adivinhar que você não sabia de nada? Toda a empresa sabe. Nicole...

- Sabe há quanto tempo eu trabalho aqui?
– ficou confuso e passou as mãos pelos cabelos outra vez.

- Duas semanas?

- Nem isso. Nem isso, seu miserável. Passei uma semana conhecendo a empresa e depois quatro dias viajando com você. Como poderia imaginar?

- Ah Melissa! Eu... O que posso dizer? Sinto muito? Eu pensei que...

- Claro. Sente muito. Você sente muito, seu maldito, cretino, idiota, arrogante, filho de uma puta e o caralho...

- Nossa! Que boca suja – eu deveria acertá-lo com um soco. Com certeza assim estaríamos quites!

- O que você pensa que é? Sua obsessão por controle não permite que respeite as pessoas e os seus sentimentos? Acha mesmo que pode fazer o que bem quer? Que pode foder as suas secretárias quando bem quiser e que nunca terá problemas por causa disso?

- Por que? Você pretende ser um problema para mim? – assumiu uma postura de defesa e a ameaça ficou clara em seu olhar.

- Não, “Sr. Carter”. Não sou como você. Pode ficar tranquilo quanto a manter o seu lindo casamento. A idiota aqui está saindo de cena.

- Como assim? – no mesmo instante a sua postura defensiva se desfez. – Você vai se demitir? – como não respondi ele deduziu tudo sozinho. – Eu deveria imaginar. Muito frágil, vulnerável, a bonequinha quebrável. Parece que me enganei a seu respeito, Melissa.

- Ótimo! Fico mais aliviada, já que também me enganei ao seu.

- Para a sua informação, eu não saio por aí transando com as minhas secretárias. Isso nunca tinha acontecido antes.

- Pelo amor de Deus! Não venha com esta conversa absurda de que “foi a primeira vez que traiu a esposa”, “o casamento não anda bem”, “vocês pensam no divórcio”, “é só uma questão de tempo” e “existe algo especial entre a gente”. Não seja tão cretino a este ponto.

Ele ficou em silêncio por um tempo. Minha respiração estava acelerada e meu nariz escorria devido ao choro constante. Não tive coragem de sair e ele também não deixou transparecer que faria isso. Definitivamente, não tinha a menor ideia do que queria naquele momento.

- Melissa... Mel... Por que não saímos daqui para conversarmos melhor em um lugar mais apropriado?

Minha raiva ficou ainda mais evidente. O que ele estava pensando? Que conseguiria me levar para cama outra vez com aquele papinho? Na certa acreditava que se me promettesse o mundo eu cederia. Não seria tão fácil assim.

Ri desgostosa.

- Não, Sr. Carter - como sempre aconteceu em minha vida, o que tentava me destruir, me fortalecia, por isso me vi decidida. – Nunca mais deixarei que encoste um dedo sequer em mim outra vez. Entendeu? Nunca mais. Não vou pedir demissão, pois ao contrário do que pensa, não sou tão frágil assim e, afinal de contas, são apenas quatro meses, depois estarei livre de você, além

do mais esse trabalho terá um grande peso no meu currículo. Enquanto isso, eu o proíbo de me olhar maliciosamente, ou de falar comigo algo que não seja de cunho profissional. Nunca mais almoçaremos ou faremos qualquer outra coisa juntos que não seja relacionada ao nosso trabalho. E isso inclui trepadas fenomenais, sejam elas em Chicago, Grécia, Brasil ou em qualquer outro lugar do mundo. Agora com licença porque meu horário já terminou e não pense o senhor, que não cobrarei hora extra.

Peguei minha bolsa e fui embora sem acreditar que havia conseguido sair com tanta dignidade. Contudo, assim que entrei no táxi, o choro voltou com força total. O motorista ficou preocupado e perguntou se poderia me ajudar de alguma forma. Quase perguntei se ele tinha uma máquina do tempo acoplada ao seu carro, para que pudéssemos voltar ao passado e evitar que tudo tivesse acontecido.

Em casa, tomei um banho rápido, vesti meu moletom velho, mais como um afronta ao Sr. Carter do que ao desejo de ficar confortável, e me

atirei na cama. Chorei por muito mais tempo do que jamais imaginei ser capaz de chorar.

Meu celular tocou e eu o ignorei. Lá no fundo desejei que fosse ele e que o fato de não atender a ligação o ferisse tanto quanto tinha conseguido me ferir. Era lastimável, mas, apesar de tudo eu ainda queria que ele se importasse. Queria ser capaz de desprezá-lo, de destruir a sua autoconfiança, de desestabilizar a sua vida. Queria que ele me quisesse. Tal constatação me deixou chocada. Ele era casado, o que eu estava desejando?

CAPÍTULO 18

O dia seguinte apagou de mim todas as expectativas. Assim que acordei corri para verificar as ligações e fiquei muito decepcionada ao descobrir que todas as oito foram de Nicole e Dean, assim como as duas mensagens, que tinham sido enviadas pelo meu “ficante”. Uma perguntando se eu tinha chegado bem e a outra para confirmar o nosso encontro.

Nem precisei pensar muito para retornar a sua ligação. Ele me atendeu com a mesma voz melosa de sempre. Curiosamente, me agarrei a este detalhe como se precisasse dele para sobreviver. Dean podia não ser o homem dos meus sonhos, porém não era casado, o que deveria contar como dez pontos a seu favor, além de querer realmente estar comigo, de verdade, e não apenas para curtição.

- Confirmado para hoje? – ele estava animado. Eu tentei ficar.

- Claro! Vou deixar a noite por sua conta, então me surpreenda – não havia nenhuma chance de eu conseguir programar um encontro. Minha cabeça ainda estava uma loucura.

- Não se preocupe gatinha. Vou fazer o meu melhor.

Quase surtei quando um pensamento invadiu minha mente: por mais que Dean se esforçasse para fazer o melhor, ele nunca seria um Robert. Puta merda!

Dirigir para o trabalho foi outro grande sacrifício. Eu não queria ir, mas não daria a ele o gostinho de confirmar a minha covardia. Era só uma questão de tempo, mais algumas saídas com Dean e tudo iria fazer parte do passado. Tentei me enganar.

Contudo eu não sabia que a situação só pioraria para mim. Pela manhã o Sr. Carter ligou avisando que não poderia comparecer a empresa. Sem demonstrar qualquer emoção e principalmente sem me dar atenção, solicitou que enviasse por e-mail a cópia de alguns contratos e me avisou que não sabia a hora que chegaria. Desligou

de maneira convencional. Ele tinha voltado a erguer o muro entre a gente. Mas não era isso mesmo que eu queria? Então por que sua atitude estava me incomodando tanto?

Tive que fazer algumas ligações desmarcando os compromissos daquela manhã. Almocei com Nick e Alexa, como sempre acontecia quando o Sr. Carter não estava. Nossa amizade estava crescendo e eu me sentia bem ao lado delas, mesmo sabendo que tinha cometido um crime terrível, afinal de contas, se o Sr. Carter é irmão de Nicole e marido de Tanya, elas eram duplamente cunhadas. Eu estava mesmo em uma enrascada. Nunca poderia deixá-las saber o que havia acontecido.

O Sr. Hanson chegou quase no final do nosso almoço e Nicole teve que nos abandonar. Eu fiquei com Alexa, conversando sobre as fofocas da empresa. Exatamente a conversa que deveríamos ter tido antes da viagem a Grécia. Eu não apenas havia sido informada que eles eram casados, como também que a Sra. Carter era a segunda maior acionista do grupo. Era um “puta

merda” com todas as letras. A louca poderia inclusive me demitir.

Ela não perdeu tempo em me contar que o casamento deles andava abalado, porém a família acreditava que era apenas uma fase ruim, e ressaltou que os últimos acontecimentos tinham sido fortes demais para o casal. Alexa omitiu a informação sobre o que de fato tinha ocorrido, no entanto ela previa uma reconciliação se aproximando. Também fez questão de tornar perceptível a sua insatisfação com esta possibilidade, apesar de não informar os seus motivos.

O tempo todo eu tentava me sentir entusiasmada por ser sexta-feira e pelo meu encontro com Dean, mas depois de tudo o que aconteceu era impossível me sentir empolgada o suficiente, mesmo sabendo o quanto era necessário. Voltei, a contragosto, para a minha sala, no final do horário de almoço. Não queria encontrá-lo ainda, pois nem tinha ideia de como seria. Mas a sala estava vazia. Não consegui disfarçar a minha decepção.

O Sr. Carter voltou ao final do dia com a Sra. Carter a tiracolo. Pensei que meu corpo não suportaria, contudo, minha reação foi razoavelmente tranquila e consegui conter a raiva por ser tão imbecil. Os dois me cumprimentaram educadamente e meu coração afundou com a lembrança do quanto eu era idiota e vulnerável.

Alexa tinha razão. Eles estavam vivendo uma fase difícil e eu era só um momento na vida dele. Precisava de Dean para me trazer de volta à realidade. Mesmo que isso significasse um relacionamento sério, como ele tanto queria. O importante era tirar o Sr. Carter da minha cabeça.

Fiz questão de sair do escritório antes dele e corri para casa iniciando os preparos para a minha noite. Preferi me encontrar com Dean na boate que ele havia escolhido. Seria ótimo ouvir som alto e deixar que a batida da música me poupasse de pensar ou conversar assuntos mais profundos.

Eu sabia que precisava de tempo para ordenar meus pensamentos, e de mais tempo ainda para conseguir me sentir bem em sua presença.

Ver o Sr. Carter de maneira tão natural com a esposa aquela tarde, me fez mergulhar num mar de ressentimento e culpa. Dean era a minha realidade e agora eu precisava dele mais do que tudo.

- Para frente é que se anda, Melissa. Desta vez faça a coisa certa.

Falei me encarando no espelho. Meu rosto estava abatido e exibia olhos fundos. A falta de ânimo era visível. No entanto eu precisava oferecer o melhor de mim para merecer o melhor do Dean. Por este motivo, sequei os cabelos até que ficassem totalmente lisos, escolhi uma saia preta, curta e justa ao corpo, com detalhes em renda que brilhavam, coloquei uma camisa branca com decote generoso. Casaco marrom claro cintado, com alguns botões dourados que apenas serviam de enfeite, para completar o visual.

Calcei uma bota preta de cano longo e com saltos enormes que com certeza me fariam pensar mais neles do que qualquer outra coisa naquela noite. A maquiagem foi feita para arrasar. Não tive medo do batom vermelho.

Assim que cheguei a boate, que por sinal estava lotada e com fila na porta, o que não me impediu de passar, já que Dean havia conseguido as entradas com um amigo, fui recebida por ele com um abraço quente e um beijo apaixonado. Correspondi tentando me sentir da mesma forma. Infelizmente fracassei. Era praticamente impossível fingir desejo quando tudo o que ele fazia me obrigava a comparar.

O peitoral do Sr. Carter era mais definido. Os braços do Sr. Carter eram mais quentes e seguros. Os lábios do Sr. Carter eram incomparáveis. A língua do Sr. Carter... O toque do Sr. Carter... A voz do Sr. Carter... Ah merda! Não era para ser assim.

- Você está maravilhosa, gatinha – olhou minhas curvas naquela roupa apertada e curta. Ao menos isso me agradou.

Queria me sentir atraente, sexy e desejada, mesmo que não fosse pelo Sr. Carter. Ao menos terminaria a minha noite na cama com Dean. Seria excelente para esfriar um pouco o meu ânimo.

Só esperava que as comparações não continuassem.

- Quer dançar ou beber alguma coisa? – ele estava super animado.

- Beber – fomos juntos ao bar onde ele pediu as bebidas. O álcool me ajudaria a relaxar.

Conversamos sobre nossa semana. Dean estava muito curioso a respeito do meu novo emprego. Queria saber se tinha feito amigos e se meu chefe era razoável. Mal sabia ele que o assunto “meu chefe” era proibido para aquela noite. Disfarcei o máximo que pude, contudo fiquei incomodada quando ele começou a perguntar sobre a Grécia. Meu telefone vibrou me fazendo agradecer pela interrupção. Dei minha desculpa e fui para um canto atender e conseguir ouvir melhor. Era Nicole. O que ela queria?

- Oi Nick! – tampei um ouvido com o dedo e gritei um pouco.

- Mel, onde você está? – sua voz chorosa chamou a minha atenção.

- Estou na Queen's, por quê?

- Preciso conversar com você. Seria muito ruim se eu aparecesse? – virei-me para Dean que continuava no bar me olhando com atenção e ponderei. Será que ele ficaria aborrecido?

- Claro que não. Estarei esperando – desliguei o telefone já imaginando como contar a novidade.

- E aí? – Dean me puxou para seus braços e beijou meu pescoço. Eu gostava daquilo.

- Era Nicole. Ela também é minha chefe, e quer conversar comigo. Pediu para vir aqui, algum problema? – uma interrogação se fez em seu rosto e percebi que ele não havia gostado nada.

- Tudo bem. Vamos aproveitar enquanto ela não chega.

Ele me puxou para mais um beijo apaixonado, daqueles que antigamente me faziam perder o juízo e que naquele momento não tinham tanto efeito em mim. Mesmo assim correspondi. Seria bom, para o fim da nossa noite, se eu me empolgasse mais. Ficamos nos beijando, até meu telefone voltar a vibrar. Era Nicole avisando que

estava lá. Fui ao seu encontro, pois não sabia se ela conseguiria entrar, mas a encontrei já do lado de dentro, sem ter aguardado por nada nem ninguém. O dinheiro faz maravilhas, não?

- Oi – nos abraçamos como velhas amigas.
– O que houve? – fiquei curiosa com a sua cara de poucos amigos.

- Paul – fez biquinho como uma criança mimada. – Desculpe-me por estragar sua noite. É o seu paquera? – ela notou Dean encostado no bar nos observando. Ele acenou e ela correspondeu. Dean era sempre muito agradável, seja com quem quer que fosse. Que diferença imensa do... Deixa para lá. Era melhor esquecer as comparações.

- Sim. Mas tudo bem. Dean não se incomodou. Agora me conte, o que Paul fez?

- Você acredita que ele teve a cara de pau de sugerir que eu marcasse uma noitada com você para que o Adam fosse junto? – pisquei várias vezes sem entender. – Adam está na cola dele. Disse que nós ficamos amigas e seria uma ótima oportunidade para conseguir se aproximar. É inacreditável que ele tenha feito esta proposta – eu

entendia o lado dela e estava até grata por minha amiga não cogitar aquela possibilidade.

- Tudo bem, Nick. Basta eu dizer ao Sr. Simpson que tenho namorado e ele sai do meu pé – tentei animá-la um pouco, mesmo tendo a certeza de que não seria assim tão fácil.

- Como se fosse suficiente – revirou os olhos. Ficava linda assim. Sorri. – Fiquei indignada com ele. Paul sabe que eu evito ligar a minha vida pessoal ao Adam, apesar de tudo. Eles são como irmãos, não são? Mesmo assim, eu não gosto dele. Jamais incentivaria um relacionamento com uma amiga minha. Sei muito bem do que o Adam é capaz. Abgail que o diga.

- O que tem Abgail?

- Nada. Deixa esta conversa para lá. Estou atrapalhando sua noite. Volte para seu paquera, ele não para de nos olhar. Vá dançar um pouco. Eu fico aqui esperando.

Olhei para Dean que parecia mesmo impaciente. Levei Nicole até ele fazendo as devidas apresentações. Enquanto ela aguardava pela be-

bida que pediu, sugeri ao Dean que fôssemos dançar. Ele aceitou na hora.

Com os braços em volta da minha cintura mantinha meu corpo muito próximo ao dele. A música era lenta e sensual. Nossos movimentos eram sugestivos. Ele acariciava minhas costas enquanto beijava meu pescoço. Sorri incentivando-o a continuar. Era bom que me esforçasse para que pudéssemos retornar ao nosso relacionamento. Dean era carinhoso e cuidadoso comigo. Exatamente o que eu precisava naquele momento.

Poderia ficar assim por um bom tempo, se meus olhos não avistassem algo perturbador.

Um par de olhos cinza. Penetrantes. Tocando-me e invadindo-me mais do que Dean era capaz de fazer. Fiquei tensa. O Sr. Carter estava lá. Encostado no bar. Braços cruzados no peito. Usava calça jeans escura e uma camisa de manga curta, um pouco justa ao corpo. Ele estava maravilhoso! Tão à vontade e confortável quanto a minha cama.

Dean apertou minha cintura com as mãos e me puxou para mais perto. Fiquei incomodada. Meus olhos não conseguiam desviar dos do Sr. Carter. Era como se estivesse hipnotizada. Ele me observava de maneira feroz. Extremamente sedutor. Extasiante.

Dean se movimentava e eu o seguia, roçando meu corpo ao dele, mas na verdade, estava desejando estar nos braços do Sr. Carter. Porém não poderia fazer isso. Subi as mãos pelas costas de Dean até alcançar seus cabelos, agarrando-os. Queria, de alguma forma, incentivá-lo a quebrar o transe em que me encontrava.

Ele suspirou. Seu rosto se virou na direção do meu e, no breve segundo em que senti que me beijaria, vi a cabeça do Sr. Carter se movimentando, lentamente, dizendo “não”. Puta merda! Eu estava amaldiçoada pelo resto da minha vida, pois naquele momento não poderia desobedecer uma ordem dele.

Fechei os olhos e desviei meus lábios dos do meu ficante. Como eu era idiota. Não era Dean

quem eu queria naquele momento. Não dava para me enganar. Eu era estúpida, irresponsável, vulnerável e fraca. Tudo isso era a mais pura verdade. Como era verdade que o meu corpo inteiro vibrava implorando por Robert, pelos seus toques, seus beijos. Não. Por favor, não!

Do ângulo em que estava, pude ver Nicole, emburrada conversando com quem identifiquei ser o Sr. Hanson. Ela estava de costas para mim, porém era perceptível que discutiam. Ele tinha ido atrás dela, mas o que o Sr. Carter estava fazendo lá? Será que nunca conseguiria me livrar dele?

- Espere aqui. Tenho que atender a uma ligação.

Nem percebi que Dean havia parado para pegar o seu celular. Gesticulei com a cabeça dizendo que entendera o que ele tinha dito e o deixei sair abrindo espaço entre as pessoas que dançavam. Foi muito rápido.

Não sei quanto tempo ele levou para cruzar a pista, me agarrar pela cintura, me levar até a parede dos fundos e me imprensar nela com se eu

fizesse parte do papel de parede. Seu corpo estava completamente colado ao meu. Uma das mãos estava em meu cabelo, segurando com força. A outra em minha bunda, me puxando para mais perto. Ele forçou uma perna abrindo espaço entre as minhas e se posicionou entre elas. Eu sentia sua excitação se misturando a minha. Podia senti-lo. Foi rápido demais não deixando margens para que eu reagisse.

- O que está fazendo, Melissa? – seus lábios estavam em minha orelha. Eu ofeguei fechando os olhos e me entregando à deliciosa sensação deles em minha pele. Era inebriante. – Não – ordenou. – Não o quero perto de você – sua boca chegou a minha, tocando-me de leve. – Você é minha – disse ferozmente e me puxou com força para um beijo selvagem.

Quase caí com a sensação de tê-lo outra vez tão perto. Seus lábios eram deliciosos. Invadiam-me, tocavam-me e consumiam-me. Deixei que os meus os recebessem sem nenhum impedimento. Eu o queria. Mesmo sabendo que

aquela era a decisão mais estúpida que já havia tomado em toda a minha vida.

Sua língua adentrou em minha boca e tive um momento quase “orgástico” ao senti-la tão profundamente. Beijamo-nos enquanto nossos corpos se esfregavam um no outro em uma excitação animal e selvagem. Suas mãos se mantinham firmes no meu corpo, forçando-me a seguir seus movimentos. Faltava muito pouco para transarmos. Então me dei conta de que estávamos em público.

- Não – empurrei-o com força.

Abri os olhos para verificar se Nicole estava nos vendo, mas não a encontrei. E Dean? Ele não podia me encontrar assim. Além do mais, o Sr. Carter... Robert... Era um cretino casado.

- Sr. Carter...

- Robert – deu a ordem e desceu os lábios em meu pescoço chegando ao limite do meu decote onde brincou com a língua.

- Robert – ofeguei. – Pare, não podemos...

- Podemos – repetiu. – Você é minha.

Ele me puxou para um corredor que nos levava a uma área mais reservada e ainda mais escura. Eu me sentia uma boneca em suas mãos. Totalmente sem reação.

Encostando-me a parede, como tinha feito antes, se posicionou, novamente entre minhas pernas, mas desta vez foi mais ousado, pegando minha coxa com vontade e levantando uma das minhas pernas para melhor se encaixar no meio delas.

- Oh, Deus! – gemi sem conseguir evitar. – Robert, não – implorei gemendo. Minhas mãos estavam espalmadas em seu peito forte, porém eu não encontrava forças para afastá-lo.

- Você quer, Melissa. Eu quero – sua mão percorreu a minha coxa, que estava em sua cintura e os dedos longos quase tocaram meu sexo enquanto exploravam minha bunda. Gemi mais alto e a mão que estava em meus cabelos desceu para tocar meus seios. Não conseguiria me conter por muito mais tempo. – Diga, Melissa.

- O que? – era impossível juntar os pensamentos para formar algo coerente para dizer.

- Diga se aquele “merdinha” a toca desta forma – seus dedos entraram pela minha calcinha. Eu poderia chorar de tanto prazer, no entanto ele apenas acariciou levemente meu sexo. - Céus! Como você fica gostosa! – gemeu. – Diga! – repetiu com raiva e autoridade em sua voz.

- Não.

- Não o que? – mais uma vez ele me tocou daquela forma.

- Não, Robert – riu em meu pescoço.

- Isso. Diga meu nome. Sou o seu dono, Melissa – dois dedos roçaram levemente o meio das minhas pernas me explorando por trás. - Ele faz você se sentir assim? – seus lábios avançaram nos meus em um beijo avassalador, para me liberar meio segundo depois.

- Não, Robert – ele se esfregou ainda mais em mim fazendo com que sua ereção me tocasse. Seus movimentos eram fantásticos. A cada in-

vestida eu tinha a sensação de que me invadiria a qualquer momento. E como eu queria aquilo.

- É ele quem você quer? – apertou meus seios com a mão macia.

- Não, Robert – respondi obediente sem querer contestar mais nada.

- É a mim quem você quer?

- Sim. Eu quero. Eu quero, Robert – implorei. Não suportaria. Eu estava explodindo de tesão.

Sem prolongar a tortura, senti seus dedos invadirem meu sexo por trás enquanto sua ereção se esfregava em mim pela frente. Era delicioso!

- Então goze, Melissa. Goze para mim.

Ele sabia que eu não aguentaria mais. Eu sabia que não seria capaz de conter. Mas meu chefe não estava em mim, apenas sugeria estar. Mesmo assim eu me sentia ensandecida. Robert se prendeu ainda mais em meu corpo e não tive como segurar o orgasmo feroz que me dominou. Cravei minhas unhas em suas costas por cima da sua camisa e me deixei levar, gozando em seus dedos.

Fiquei ofegante em seus braços sentindo meu corpo trêmulo pelas sensações. A culpa voltou com muita força. O que ele estava fazendo comigo? Por que eu não conseguia simplesmente mandá-lo embora? Seus lábios me abandonaram e suas mãos não faziam mais a pressão anterior. Ele me olhou com intensidade. Ainda existia desejo nos olhos dele, mas eu sabia que nada mais aconteceria. Era aquele o joguinho que Robert fazia.

- Eu não quero que ele volte a tocar em você, entendeu? – não estava brincando.

- Você não pode decidir sobre isso – fiquei irritada com a forma como ele conseguia me subjugar.

- Posso e estou decidindo – falou com raiva. – Você. É. Minha. Ninguém. Vai. Tirá-la de mim – meu coração acelerou. Senti medo, raiva e orgulho. A excitação voltava ao meu corpo. Como podia? – Entendeu? – fiz que sim com a cabeça. Estava derrotada e confusa demais para argumentar.

- Vá para casa agora.

- O que? Não posso sair sem dizer nada a Dean. E você não pode simplesmente chagar e estragar a minha noite...

- Diga que quer ir para casa. Sozinha. Estarei de olho em você.

Ele saiu e me deixou na escuridão. Respirei fundo diversas vezes para acalmar meu corpo. Só depois fui ao banheiro para recuperar minha aparência. Agradei pela escuridão. Ela esconderia o brilho em meus olhos e minhas bochechas rosadas. Puta merda!

Quando voltei, Dean estava procurando por mim. Coitado! Não sabia o que dizer a ele, nem se deveria dizer alguma coisa. Olhei ao redor e Robert não estava mais lá. Assim como Nicole e Paul.

- Onde estavam?

Dean não parecia muito satisfeito com o meu sumiço. Peguei a bebida em sua mão e virei o conteúdo todo em um só gole. Precisava daquilo para criar coragem. Ele me olhou surpreso, mas não fez nenhum comentário.

- No banheiro – iniciei a minha mentira. Era horrível mentir para ele. – Não estou me sentindo bem, acho que vou embora.

- Estou vendo – ele me analisou como se estivesse em dúvida da minha sanidade mental. No entanto desistiu de tentar encontrar respostas e voltou a ser o meu Dean de sempre. Companheiro e amável. – Calma, Mel – abraçou-me pela cintura. – Vou com você.

- Não – acabei falando um pouco alto demais – Não. Eu só vou tomar um banho, um remédio para dor de cabeça e depois dormir. Fique aqui e curta a sua noite. Acho que ainda não me recuperei da viagem.

- E nós? – perguntou sugestivo, com carinha de saudade.

Não podia fazer aquilo. Não depois de tudo o que tinha acabado de acontecer. E ainda tinha Robert, que poderia aprontar alguma coisa caso eu resolvesse desobedecê-lo.

- Ligo para você amanhã.

Saí da boate o mais rápido possível para não deixar que me seguisse ou tentasse impedir

a minha saída. Mas Dean não faria isso. Ele respeitava o meu espaço. Deus! Eles eram tão diferentes.

Meus olhos percorriam a rua procurando por Robert. Nada. Entrei no carro e dirigi em direção a minha casa. Minha mente trabalhava sem parar. Quando estacionei, vi seu carro passar por mim. Não parou, nem fez nenhum sinal. Apenas passou para verificar. Merda de homem controlador, psicótico e obsessivo! Ele me seguira para ter certeza de que eu faria o que mandou. Droga!

Entreí em casa e fui para o chuveiro. Quando saí meu celular tinha recebido uma mensagem.

“Boa garota! R.”.

Putá merda!

CAPÍTULO 19

Era sábado e não tinha nada planejado, já que o plano de dormir com Dean tinha ido por água abaixo. Minha vida havia virado um inferno desde que comecei a trabalhar naquela empresa. Nunca poderia imaginar o que me aguardava quando acreditei que aquela oportunidade mudaria toda minha perspectiva profissional.

Não conseguia entender. O que ele queria comigo? Por que aquela obsessão? Eu tinha muitas dúvidas e nenhuma resposta. Era difícil conseguilas quando ele só aparecia para me levar ao limite. Robert era uma incógnita.

Separei minhas roupas da semana para levá-las à lavanderia. Arrumei a casa, coloquei o lixo para fora e estava preparando um frango para começar a cozinhar quando meu telefone tocou. Fiquei muito tentada a ignorá-lo. Se fosse Dean eu não poderia continuar mentindo.

Não queria estragar tudo, mas era impossível conseguir agir normalmente depois de tudo

que vivi na boate. Se fosse Robert, e esta opção mexia comigo, eu não poderia atender. Mesmo depois do que fizemos, e de tudo que ele disse, não poderia continuar agindo como se não existisse uma imensa barreira entre nós dois. Talvez fosse melhor pedir demissão.

A insistência do toque me obrigou a atender.

- Mel, oi! – Nicole me cumprimentou empolgada como sempre.

- Oi, Nicole! – era natural ficar animada ouvindo a sua voz. – Tudo resolvido entre você e o Paul?

- Sim. É exatamente por isso que estou ligando. Devo-lhe desculpas por ter estragado a sua noite.

- Não estragou nada – revirei os olhos. Ela nem podia imaginar quem tinha feito aquele papel.

- Mas você foi embora. Encontrei com Dean e ele falou que você tinha desaparecido.

- Ah! Tive dor de cabeça. O som estava me deixando cada vez pior. E juntando com a bebida

acabei colocando tudo para fora no banheiro, por isso fui embora – contei para ela a minha versão mentirosa. A mesma que Dean teve que engolir. – Fico feliz por você e Paul - desviei o assunto.

- Eu também. Paul é durão e as vezes acredita que é o dono da situação – deu uma risadinha. – Coitado! Não sei o que seria dele sem mim – rimos juntas. – Então... Estou ligando para convidá-la para almoçar aqui em casa – almoçar? Na casa dos Carter? Nem morta!

- Não vai dar Nick... – iniciei a minha tentativa de fuga.

- Sem desculpas, Mel. Olivia precisa conhecê-la. Já falamos tanto sobre você para ela que não dá mais para adiar. Alexa vai estar aqui também, claro. Ela e Bruno são inseparáveis. Acho até que o casamento dela sai primeiro do que o meu – passei a mão nos cabelos. Eu precisava conseguir escapar dela – Paul vai estar ocupado o dia inteiro, Robert me fez este imenso favor, então você está convocada para me ajudar com alguns detalhes da nossa festa de confraternização.

Olivia? Imediatamente me lembrei daquele nome anotado na agenda de compromissos pessoais do meu chefe. Então saberia quem era ela? Qual o seu envolvimento com Nick? Poderia ser uma irmã mais velha, ou uma tia. Quem sabe?

- Não entendo nada de festas. Nunca comemorei nem o meu aniversário, Nick. Acho melhor você encontrar alguém mais capacitado para ajudar. Além disso, preciso levar minhas roupas para a lavanderia ou então vou trabalhar na segunda só de calcinha e sutiã.

- Hum! Adam com certeza ficaria muito feliz – voltamos a rir.

- Ele é um idiota – mais uma vez mudei o assunto. – Você acredita que...

- Conte-me pessoalmente, Mel – ela me cortou. – Passe na lavanderia, deixe suas roupas e venha para cá. Na volta você as pega e tudo fica resolvido.

- Não acho que o Sr. Carter vá gostar de me ver enfurnada em sua casa. É melhor não misturarmos as coisas – usei meus últimos argumentos.

- Robert não mora aqui – pareceu indignada. - Além do mais ele não tem o direito de decidir quem eu posso ou não convidar para me visitar. Mas pode ficar tranquila quanto a isso, ele não vai estar presente – não sei se fiquei feliz ou triste com a informação. – Ele e Paul vão passar o dia inteiro num almoço beneficente. Agora que não tem mais desculpas, anota o meu endereço. Não se esqueça de trazer o biquíni. Temos sol, então vamos aproveitar a piscina.

Ótimo! Eu, na piscina dos Carter. Seria uma tarde constrangedora. Pior ainda será quando eles descobrirem que sou uma traidora. Que me enfurnei em sua empresa para destruir o casamento do seu querido primogênito. Eu era uma usurpadora.

Mesmo com tantas dúvidas e objeções, arrumei algumas coisas e coloquei numa grande bolsa, sem esquecer o biquíni, como Nicole pediu. Peguei minhas roupas sujas e as deixei na lavanderia depois segui para o endereço indicado. Eu sabia que era um bairro nobre, mas não esperava pelo que vi.

Os Carter moravam em um prédio de alto luxo, incluindo tudo que a palavra luxo é capaz de alcançar. Nicole havia dito que era a cobertura, mas pelo que pude perceber, mesmo sendo incrível, não era o suficiente para eles que ocupavam também os dois últimos andares, formando um perfeito triplex. Até heliporto existia no apartamento.

Nicole me esperou na porta, mesmo havendo diversos funcionários que poderiam facilmente fazer aquilo por ela. Assim que o elevador abriu as portas ela me puxou já falando pelos cotovelos.

- Ainda bem que chegou. Eu e minha mãe não conseguimos chegar a um consenso sobre a cor para a festa, o que você acha: branco e oliva ou branco e champanhe?

- Deixe-me fora destas decisões. Sou a pessoa menos qualificada para opinar sobre esse assunto.

- Acho que branco, oliva e lilás, tudo em pequena quantidade, dando prioridade ao branco,

pode ser a escolha ideal – ficou pensativa. – Muitas flores neste tom vão tornar tudo perfeito.

- Ela muda de opinião a cada dois minutos – entramos em uma sala enorme e a mulher que se encontrava no centro começou a falar. – Mel? Seja bem vinda! Eu sou Olivia, a mãe de Robert, Bruno e Nick – meu coração ficou acelerado. Eu me sentia uma intrusa, uma falsa.

Ela era doce, meiga e sorria para mim de forma tão encantadora com sua covinha perfeita, que logo me ganhou. Sua pequena estatura me fazia questionar o porquê do tamanho do Robert. Ele era alto. Uns 1,90m, talvez um pouco mais. Na certa seu pai era alto.

Também não havia nada dele nas feições dela, que tinha os cabelos castanhos, lisos e, o rosto, ao invés de ser pontiagudo, como o de Robert e Nicole, era oval. Também não havia nada de Bruno, com a exceção das covinhas. Os olhos eram castanhos. Apertei sua mão e retribuí o sorriso.

- Fico feliz que tenha aceitado nosso convite.

- Obrigada – retribui o carinho, desajeitadamente. Sentia-me deslocada. Nada ali me era familiar, mas ao mesmo tempo, estava morrendo de vontade de descobrir um pouco mais sobre eles.

- Vou levá-la até o quarto de hóspedes e depois poderemos passar algum tempo na piscina. O que acha? – Nicole perguntou, acredito, apenas por educação, pois, sem esperar pela minha resposta, pegou minha mão praticamente me arrastando pela casa.

Era imensa e muito bonita. A decoração era incrível onde branco imperava, mesclando com o marrom escuro das madeiras utilizadas em muitos dos móveis. Diversos jarros de flores estavam espalhados pelo ambiente. Cada um era mais bonito que o outro.

- Pronto. Este será o quarto que você vai ocupar. Pode deixar sua bolsa aqui. Aproveite o banheiro para se trocar. Vamos almoçar na piscina. Olivia detesta, porém abriu uma exceção hoje para me agradar. Quero aproveitar que Paul

não está para colocar minha cor em dia. Estou quase transparente.

- Vocês não se parecem com ela? – deixei que minha curiosidade fosse maior que a educação.

- Ah! Isso? Olivia não é nossa mãe. Ela casou com meu pai quando eu tinha apenas seis anos. Nossa mãe morreu um pouco antes. Olivia nos aceitou como filhos e nós a aceitamos da mesma forma, contudo Robert e Bruno já eram mais velhos e demoraram a se acostumar a chamá-la de mãe. Eu acabei imitando-os, mas a chamo quase sempre.

Não sabia se deveria ou não me desculpar por ter me intrometido na história deles.

- Não se preocupe, Mel. Todos sabem disso, não é nenhum segredo – sorri aliviada.

- E Alexa? Por que não está aqui ainda? – peguei o biquíni e fui para o banheiro.

- Ela vai aparecer e desaparecer muitas vezes durante o dia. É muito difícil tirá-la do quarto quando Bruno está em casa – riu e eu correi.

Coloquei meu biquíni vermelho, que comprei para a última visita aos meus pais, na Califórnia, e nunca mais usei, um short jeans curto e uma regata branca. Da mesma forma como Nicole estava vestida. Peguei uma toalha, um pente, meus óculos escuros e fomos em direção à piscina.

Subimos os dois andares que nos levariam até lá. Ela ficava em um dos lados da cobertura, do outro ficava o heliporto. Nicole não parava de falar sobre a festa de confraternização e também no quanto estava feliz por ter feito as pazes com Paul.

Como eu tinha desconfiado na noite anterior ele fora atrás dela na boate instigado por Robert, que havia ligado pouco antes para saber onde ela estava. Foi assim que ele descobriu o meu paradeiro e tudo acabou acontecendo.

Alexa chegou quando eu já não aguentava mais ouvir Nicole falar da tal festa. Ela estava sozinha e me senti grata. Bruno estava no quarto assistindo um jogo de basquete. Não que eu não o quisesse por perto, nem tinha este direito, já

que era sua casa, porém estar de biquíni na frente de um dos diretores da empresa era bastante embaraçoso. Se bem que Alexa também estava e aquilo ofuscava qualquer outra garota que estivesse presente.

Almoçamos juntas, com Olivia nos fazendo companhia, depois ficamos nas espreguiçadeiras aproveitando o sol. No meio da tarde, Bruno apareceu para se juntar ao nosso grupo. Como imaginei, ele não tinha olhos para mais ninguém além de Alexa. Praticamente nem me notou, apesar de ter me tratado muito bem e com mais intimidade do que na empresa, me chamando de Mel, como as garotas estavam fazendo.

No meio da tarde comecei a pensar em uma desculpa para ir embora. Todos estavam muito animados e a conversa parecia que nunca iria ter fim. Foi quando um barulho ensurdecedor, vindo de cima, tomou conta do local. Olhamos todos em direção a um helicóptero preto que sobrevoou a área da piscina indo pousar do outro lado.

Por impulso peguei a toalha e protegi meu corpo. Nick, Olivia, Bruno e Alexa acompanhavam meu olhar, elas não estavam assustadas como eu. Apenas observavam com muita naturalidade. Então... Meu coração disparou quando vi do que se tratava. Puta merda! Eu tinha que sair rapidamente dali.

Alguns minutos depois, Paul apareceu, com passos rápidos, usando terno cinza e já desfazendo o nó da gravata. Ele sorria para Nick como um namorado apaixonado. Atrás dele Adam Simpson, vestido de maneira similar, e um pouco depois, estava o meu maior pesadelo: Robert.

Estava vestido como todos os dias, de paletó e gravata. Ambos na cor azul petróleo. Seu cabelo loiro acobreado brilhava sob o sol e balançava com o vento. Os óculos escuros impediam que eu soubesse se estava surpreso, ou não, em me ver junto a sua família. Para meu desespero, logo atrás dele, muito próxima, estava Tanya, sua esposa, vestida num lindo e discreto vestido branco.

Ela deu dois passos rápidos e segurou na mão do meu chefe, que apenas virou um pouco o rosto para ela e depois continuou sua caminhada, de mãos dadas a sua esposa, em direção ao nosso grupo. Meu pulmão não conseguia funcionar direito e, respirar, passou a ser uma batalha. Eu não devia estar ali. Que merda! Onde estava com a cabeça?

- Pequena princesa – Paul disse ao abraçar Nicole e distribuir beijos pelo seu rosto. Ela ria feliz como uma criança.

Eu tentava focar meus olhos nos dois evitando olhar para Robert. Depois que eles terminaram o gracioso encontro, Paul cumprimentou a todos, se surpreendendo com a minha presença.

- Melissa Simon! Que imensa surpresa – riu e olhou para Adam.

Nick ficou séria e o encarou imediatamente deixando clara a sua insatisfação. Ela continuava não querendo permitir que Adam se aproximasse de mim. Fiquei muito grata.

- Melissa! – Adam falou com satisfação.
– Que forma esplêndida de terminar o dia. Com a maravilhosa visão sua de biquíni – meu rosto pegou fogo. Levantei um pouco mais a toalha e implorei para que algo acontecesse para que eu deixasse de ser o centro das atenções.

- Adam! – Olivia resmungou. – Respeite a garota - ele riu e beijou seu rosto com carinho.

- Olivia! Linda e maravilhosa, como sempre.

- Mais respeito com a Srta. Simon, Adam.

A voz grave e forte de Robert preencheu o ambiente. Lembrei-me daquele som em meu ouvido na noite passada, na boate, e da ordem que ele deu me fazendo quase desfalecer em seus braços. “Goze Melissa, goze para mim” as palavras ecoavam em minha mente, ativando todo o meu sistema nervoso. A umidade que começou a se instalar em meio as minhas pernas não foi tão bem vinda. Eu estava me sentindo péssima por ainda permitir que meu corpo reagisse tão rapidamente à voz dele. Era muito errado.

- Já pedi para manter distância das minhas secretárias.

Olhei para ele e, percebi de imediato, que sua mão continuava na de Tanya mesmo ela estando de lado, abraçando Olivia com carinho. Eu me sentia tão idiota por achar que poderia frequentar aquele ambiente. Não pela diferença financeira, que era mesmo gritante, mas, principalmente, pela besteira que tinha feito.

- Ao que parece ela agora faz parte da família. Por que não juntar o útil ao agradável?

Adam discutia a minha vida como se eu não estivesse ali ou não tivesse direito de decidir nem questionar, o que me fez sentir ridícula, porque, mesmo não querendo enxergar que era daquela forma, Robert fazia exatamente a mesma coisa comigo. Ele decidia e agia. Eu apenas acabava cedendo.

- Porque não – meu chefe respondeu com raiva chamando a atenção de todos.

- Robert, você precisa deixar de ser tão possessivo – Tanya correu a outra mão pelos seus braços. Uma atitude clara de quem queria demon-

strar intimidade e que ele tinha dona. – Melissa é maior de idade e pode tomar as suas próprias decisões - percebi uma veia na testa do meu chefe se alterando.

- Sabemos muito bem aonde isso pode chegar – e parou aí. Deixou a questão no ar sem acrescentar mais nada. Contudo, Tanya e Adam se olharam e depois deixaram aquela questão morrer. Oh Droga! O que estava acontecendo?

- Na verdade, – comecei a falar – Já estava de saída, tenho compromisso.

- Não, Mel! – Nicole contestou. – Seu compromisso com a lavanderia pode esperar mais um pouco. Não deixe Robert nem Adam intimidá-la – ela se apossou do meu braço me impedindo de sair.

- Compromisso? – Adam ficou interessado. – Tipo um encontro com um namorado? – Eu já estava vermelha pelo calor e pela vergonha, então uma mentira não estragaria mais nada.

- Ah! Na verdade, sim.

- Que maldade, Melissa! – Tanya falou ao lado de Robert.

Olhar para Tanya fez com que eu percebesse a mão livre de Robert fechada em punho. O que ele queria que eu fizesse? Que ficasse lá assistindo ao seu casamento feliz enquanto as lembranças da noite anterior, ou até mesmo da nossa viagem fantástica, me assolava e chicoteava apenas para comprovar o quanto eu era imbecil e absurda?

- Você acaba de despedaçar o coração de Adam – algumas pessoas deram risada. Adam fez cara de dor e apertou o peito, como se seu coração estivesse mesmo em pedaços.

- Sinto muito – juntei minhas coisas para sair dali o mais rápido possível.

Despedi-me de todos com um tímido “até mais” e fui embora sem nem olhar de volta para eles. Nick me acompanhou até o quarto onde minhas coisas estavam e me aguardou enquanto eu vestia algo decente para sair.

- Você inventou esta desculpa por que ficou incomodada com o Adam ou por que ficou

intimidada com a presença do Robert? – ela estava visivelmente irritada por eu estar indo embora.

- Um pouco de cada – fui sincera. Pelo menos até onde poderia ser. – Mas Dean enviou uma mensagem avisando que vai passar lá em casa às 18:00h e, como ainda tenho que ir a lavanderia, o tempo acabou ficando curto. Preciso mesmo ir. Além do mais, Paul chegou, e você está morrendo de saudades dele. Aproveite – tentei sorrir confiante, entretanto estava arrasada por dentro.

- Tudo bem – abraçou-me com carinho. – Você terá que se acostumar com os dois se quiser continuar sendo minha amiga – revirou os olhos. – Fazer o que, se tenho eles em minha família? – eu ri e ela me acompanhou.

Ri, porém por dentro estava despedaçada. Nick era uma boa amiga, sem contar que também gostava de Alexa e Olivia. Como ela mesma tinha dito, eu teria que me acostumar com a presença de Robert e as investidas de Adam, se quisesse

continuar a nossa amizade. Eu queria, mas as duas condições eram terríveis para mim.

Ainda no elevador mandei uma mensagem para Dean, rezando para que ele estivesse muito aborrecido comigo e me ignorasse. Não estava em clima de romance. “Em minha casa às 18:00h?” Enviei e aguardei ansiosa pela resposta. Ao invés de enviar um SMS, ele me ligou.

- Oi! – sua voz estava arrastada. – Pensei que tinha se esquecido de mim.

- Como poderia? – ri da forma como ele falou tentando me animar um pouco.

- Não sei. Você anda esquisita – suspirei. Ele tinha percebido.

- Vou recompensá-lo. Posso te esperar?

- Por que você não vem para minha casa?

- Minha casa, Dean – aquela conversa era redonda. Sempre era a mesma coisa.

- Tudo bem – ele concordou rápido demais, me deixando surpresa.

- Caramba!

- Estou com saudades – admitiu fazendo com que eu me sentisse péssima – Na sua casa ou

na minha, não vai fazer diferença hoje – agradecei por isso.

Peguei as roupas na lavanderia e passei rapidamente no mercado. Minha geladeira precisava ser reabastecida. Eu até queria cozinhar algo para Dean, mas estava cansada, então comprei um vinho e avisei para ele levar pizza.

Cheguei em casa e corri para o chuveiro. Um banho seria uma excelente maneira de começar os preparativos para o que viria depois. Dean me ajudaria a esquecer das loucuras que me permiti viver nos últimos dias. Suspirei arrasada. Todas aquelas loucuras me levavam a compreender que tudo o que Robert fazia era muito melhor do que o qualquer coisa que eu teria com Dean. Era muito humilhante.

Não que fosse ruim. Não era. Por outro lado era muito, muito diferente da forma como Robert conseguia fazer eu me sentir. A frustração era tão real, principalmente porque as palavras do meu chefe ecoavam em minha cabeça “Você perdeu tempo demais com amadores”. Como ele podia ser tão arrogante e seguro de si?

Abri o guarda-roupa e tirei de lá um vestido solto e curto, com decote e preso aos seios. Era um pouco infantil, mas excelente para dar ao Dean passagem livre para o meu corpo. Seria um bom início. As 18:00h em ponto, ele bateu à minha porta.

Assim que abri, me agarrou, beijando-me com vontade. Seu corpo já demonstrava o quanto estava excitado. Uma pena! Eu ainda não estava no mesmo ritmo. Por isso resolvi interromper o clima e abrir o vinho. Quem sabe conseguiria me animar um pouco após algumas taças.

- Você está mais bronzeada – de costas para ele tive medo de revelar o que eu estivera fazendo. Apesar de não ser obrigada a dar satisfações, já que nosso relacionamento se resumia em encontros esporádicos, mas era melhor não abusar.

- Dia de lavanderia. Fiquei esperando na pracinha em frente. Aproveitei um pouco o sol – ele riu e pegou sua taça da minha mão. Brindamos e bebemos.

- Está melhor? – passou a mão em meus cabelos jogando-os para trás e deixando meu pescoço livre para seus lábios.

- Sim. Muito melhor – carinho no pescoço era a forma certa de me fazer pegar o embalo, eu realmente adorava. Infelizmente nada mais era como antes.

- Ótimo!

Senti seus dedos descendo pelas minhas costas. Dean envolveu-me em seus braços puxando-me para o sofá. Sentou e colocou-me em seu colo. Suas mãos percorreram minhas pernas enquanto nos beijávamos. Quando, finalmente conseguiu passá-la para dentro do meu vestido, a campainha tocou. Não sei se fiquei aliviada ou irritada.

Levantei de seu colo e fui atender à porta. Para meu desespero, ele estava lá. Robert. Com o mesmo paletó, sem a gravata e com a camisa com os dois primeiros botões abertos. Seus braços estavam apoiados um em cada lado. A expressão que exibia era assassina. Os olhos vasculharam a sala e encontraram Dean, sentado no sofá.

Quando voltaram para mim, seu personagem já estava composto e ele se endireitou assumindo a habitual postura de comando.

Putá merda! Robert CEO estava em minha casa.

CAPÍTULO 20

- Boa noite, Srta. Simon – foi cortês e sucinto.

- Sr. Carter! – ainda estava chocada com a sua presença. – Aconteceu alguma coisa?

- Sim – sorriu torto e me perdi em seu sorriso. – Preciso de um contrato e não consigo encontrá-lo. Posso entrar? – abri a boca, mas não consegui responder. Minha voz não saía. Ele se aproximou, forçando-me a saí da sua frente dando-lhe passagem. Robert e Dean se olharam atentamente. Dean se adiantou.

- Dean Bailey – levantou a mão e Robert a apertou educadamente.

Assistir ao dois, ali, na minha pequena sala, foi sufocante e estranho demais para mim.

- Robert Carter.

- Ah! O chefe da Mel – Dean demonstrou um pouco de surpresa, mas manteve-se seguro, mesmo deixando transparecer, ao menos para mim, o quanto ficou incomodado.

- Isso mesmo – apesar da educação com que se tratavam, era perceptível a tensão no ar e não só por minha causa. Dean parecia compreender que ali estava um concorrente e por isso assumiu a postura de namorado, apesar de não ser.

- Em que posso ajudá-lo, Sr. Carter? – interferi na conversa com medo do que Robert seria capaz de fazer. Ela já tinha me dado provas do tamanho da sua obsessão por mim.

- Quero que vá comigo até a empresa, Srta. Simon.

Ele não me disse “se você puder” ou “se não for atrapalhar”, apenas disse “quero que vá”, como uma ordem. Meu sangue ferveu. A palhaçada toda da boate, ele de mãos dadas com a esposa, e, naquele momento interferindo em minha vida pessoal mais uma vez. Aquilo precisava acabar.

- Eu posso dizer onde está o contrato, Sr. Carter. Não preciso ir até a empresa para encontrá-lo – seus olhos brilharam. Ele parecia se divertir. Que ódio!

- Eu tenho outras coisas a fazer e não posso perder tempo procurando o contrato – ah não! Ele não me venceria.

- Desculpe-me, Sr. Carter, hoje é sábado. Estou com visita em casa e não posso sair – os olhos dele se estreitaram. – Quem sabe na segunda-feira...

- Agora, Srta. Simon – sua voz saiu ríspida, no entanto ele sabia que não podia me tratar assim na presença de Dean, então aliviou. – É uma negociação importante e não posso esperar até a segunda-feira.

- Mel? – Dean chamou a minha atenção. – Tudo bem! – suas mãos acariciaram meus braços e os olhos de Robert acompanharam o gesto. Eu podia jurar que, se pudesse, meu chefe mataria meu “ficante”. – Vá procurar o contrato e volte. Eu fico esperando – sorriu para mim deixando claro suas intenções. Robert mordeu os lábios. Quase, mas quase mesmo, fiquei feliz pela sua reação.

- Desculpe-me, mas acredito que vamos demorar – olhei para ele e meu queixo pratica-

mente caiu. Que cara de pau! – Preciso que ela redija alguns textos, que tire cópias do contrato e o envie por fax além de protocolar e arquivar. Acho que vamos varar a noite no escritório.

- Não vamos, não – ambos me olharam admirados pela minha revolta. – Não vou a lugar nenhum. Vou ficar aqui e aproveitar o meu sábado – cruzei os braços no peito e o encarei como uma criança que desafia os pais pela primeira vez. Meu coração estava acelerado e meu rosto vermelho.

- Srta. Simon. No seu contrato existe uma cláusula que deixa claro...

- Mel – Dean me advertiu. – Você precisa ir, amor – “idiota”. Tive vontade de gritar isso para ele. “Não vê que ele vai fazer comigo o que você estava intencionando fazer?”.

- Viu? Até Dean sabe o que é correto – Robert foi sarcástico. Tive vontade de esbofeteá-lo

- Tudo bem, vou e volto o mais rápido possível. Espere-me aqui, Dean. Prometo que volto

logo – sorriu achando que eu defendia o meu direito de estar com ele. Que tolo!

- Eu vou para minha casa e quando acabar você me encontra lá, combinado?

Suspirei derrotada. Dean estava me entregando de bandeja para Robert. Só faltava um bilhete escrito “cuide bem da minha bonequinha”.

Peguei minha bolsa e saí pisando duro. Dean ficou para ajeitar as coisas e depois iria embora. Ele tinha intimidade o suficiente para fazer isso, já Robert... Era um intruso, imbecil, arrogante... Que raiva! Ele sempre conseguia o que queria e aquilo estava me irritando muito. O sorriso em seu rosto era de vitória. Se fosse possível eu gostaria de arrancá-lo. Caminhei em direção ao meu carro, mas ele me puxou pela bolsa.

- Posso encontrar o caminho da empresa sozinha – estava muito irritada.

- Vamos em meu carro - ordenou. Obedeci, não adiantaria argumentar. Além do mais, perderíamos mais tempo se eu insistisse em usar o meu veículo.

Fizemos todo o caminho em silêncio. Eu injuriada no meu canto e ele com raiva no dele. Entramos na empresa. O segurança reconheceu o carro de longe e deu passagem. Saímos no estacionamento vazio e entramos no elevador. Pensei que ele faria algo, porém as câmeras de segurança nos vigiavam limitando seu campo de ação. Entramos na sala e Robert imediatamente seguiu para a sua. Não o acompanhei. Ele não me venceria.

- De qual contrato o senhor precisa? – continuei tratando-o com formalidade.

- Nenhum – admitiu entrando em sua sala.

- O que? –Podia sentir a raiva se apossando do meu corpo.

Que merda! Queria muito gritar em alto e bom som para ele desaparecer da minha vida. O que Robert pensava que eu era? Como aquele cretino achava que podia aparecer em minha casa e me arrancar dos braços do Dean sem ter nenhuma justificativa para isso?

- Você ouviu – respondeu rispidamente, tirando o paletó e dobrando as mangas da sua cam-

isa. De frente para mim ele se apoiou em sua mesa, cruzando os braços.

- O que você estava fazendo? – que idiota!

- Não é da sua conta.

- É da minha conta.

Ele se projetou em minha direção e descruzou os braços. Suas mãos agarraram a mesa em que se apoiava.

- Eu disse que o queria longe da sua vida – dei risada. Aliás, gargalhei.

- Você não manda em mim. Dê ordens a sua esposa.

- Ah! Entendi – passou as mãos nos cabelos e puxou o ar. Ele também estava com raiva. – Tanya é minha esposa Melissa...

- E eu não sou a sua amante - gritei em resposta. – Quem pensa que é? Com que poder acha que pode entrar em minha vida? Que direito acha que tem para se intrometer nela? Quem o autorizou a virá-la de cabeça para baixo? Eu não permito. Não permito que entre em minha casa e me tire dos braços de Dean, entendeu? Eu não permito.

Robert avançou em minha direção me agarrando com força segurando meus braços para trás com apenas uma das mãos. Com a outra segurou meu rosto junto ao dele. Sua expressão era feroz, ainda assim, continuava sendo a pessoa mais bonita que já tinha visto, além de ser também a mais sexy.

- Shiiiiiii – a surpresa não me deixava reagir. – Sei muito bem como acabar com essa sua valentia, Melissa. Eu sei do que precisa – e imediatamente me calou com seus lábios.

Eu lutei contra, entretanto ele era mais forte, não apenas em força física, mas em meus sentimentos. Era absurda a forma como meu corpo traía a minha vontade quando o assunto era Robert. Seu toque me deixava entregue. Seu beijo me desarmava. Puta merda! Eu estava outra vez cedendo quando o correto seria expulsá-lo definitivamente da minha vida.

Estava com raiva, no entanto, também estava muito excitada pela expectativa do que poderia acontecer. A mão que antes estava em meu rosto, desceu com vontade até os meus seios e

ali ficou, explorando-os. Pensei que explodiria de prazer. Eu queria mais e sentia raiva por querer. Quando liberou meus lábios, um gemido escapou de mim o estimulando ainda mais a continuar.

- Melissa – meu nome saiu arrastado daquela maneira única que só ele sabia falar. Era simplesmente o comando para que tudo deixasse de fazer sentido.

Eu sentia sua barba por fazer arranhando meu pescoço indo em direção aos meus seios. Sua mão livre me puxou para mais perto e eu finalmente senti o que tanto queria. Rígido. Pulsante. Mesmo por dentro da calça eu podia senti-lo.

- Solte-me, Robert.

- Seja boazinha – falou ao liberá-los. Sinalizei que sim, mas a raiva que sentia por não conseguir evitar que ele me dominasse foi mais forte do que o desejo.

Aproveitei a liberdade e deixei que o ódio que estava sentindo mais uma vez me dominasse. Eu não seria subjugada. Não por ele e, definitivamente, não nestas circunstâncias.

No momento em que ia me beijava, juntei toda a minha força e o empurrei. Surpreso com a recusa, ele recuou abrindo espaço entre nós dois. Sem pensar, levantei o braço e o atingi com um tapa forte no rosto.

Robert fechou os olhos acariciando o local onde foi atingido. Quando voltou a me encarar, eu soube que havia cometido o maior erro da minha vida. Os olhos eram diabólicos, assim como o sorriso que se formou em seus lábios.

Em um movimento rápido e brusco, segurou-me com força pelos braços, girando-me, fiquei de costas para ele com meus braços presos às minhas costas. Ele pegou alguma coisa e amarrou minhas mãos uma na outra, depois me puxou para frente, fazendo meu corpo arquear. Gemi de dor. Robert, que estava atrás de mim, segurou-me rente ao seu corpo. Sua mão mantinha meu rosto para cima, liberando o pescoço para seu bel prazer.

- Melissa! – até sua voz exibia um tom diferente, como se não fosse ele ali comigo. - Que menina malvada! Minha sorte é que sei como

punir garotas raivas e desobedientes, como você.

Ele mordeu minha orelha. Não doeu. Era apenas uma leve pressão que fez com que minha pele se arrepiasse. Eu estava vulnerável e em suas mãos. A situação era perigosa e ao mesmo tempo excitante. Meu corpo estava todo entregue a ele. Sadicamente senti minha calcinha ficando úmida. Era inacreditável que eu estivesse gostando tanto do que ele estava fazendo.

- Você gosta não é? – seu hálito aquecia minha pele. – Responda.

- Me deixe em paz, Robert – gritei.

Eu não queria me dar por vencida. Pior. Não queria admitir que sentia tesão em estar sendo tratada daquela forma. Concordar que ele tinha tanto poder sobre mim era o mesmo que dizer que não me importava com o fato dele ser casado. Este ponto jamais deixaria de ser um entrave entre nós dois.

- Shiiiiiii – murmurou em meu ouvido. – Não me force a amordaçá-la. Prefiro ouvir os seus gemidos.

Movimentou-se em minhas costas para que eu pudesse sentir a sua ereção. Fechei os olhos lutando contra mim mesma. Naquele momento entendi que meu inimigo não era o meu chefe e muito menos a sua esposa. Meu inimigo era eu mesma e todo o desejo que sentia por ele. Não era normal, por este motivo teria que ser forte.

- Agora, Melissa... – suas mãos desceram em minhas pernas até o limite do meu vestido. – Preste muita atenção – elas começaram a subir lentamente. – Quando eu digo que você é minha... – subiram mais, quase alcançando a minha calcinha. – O que você diz?

- Vá à merda! – fui rebelde, tentando conter a explosão de excitação que começava a se apossar de mim.

- Boca suja – sua voz revelava que estava sorrindo. – Mas vou ser paciente. Você responde “Sim, Robert”, entendeu? – Senti seus dedos no limite da minha calcinha. – Mais uma vez. Quando eu digo que você é minha...

Adentrou minha calcinha quase tocando o meu sexo. Ele me segurava pelos quadris e, en-

quanto praticava a tortura, brincando em minha pele, me matando de expectativa, roçava sua ereção em minha bunda. Com isso, fazia com que eu tivesse consciência de que ele estava lá, bem pertinho de mim, louco para me consumir.

- O que você diz, Melissa? – dois dedos invadiram meu sexo me fazendo arfar, de surpresa e prazer.

- Puta que pariu! – rosnei louca de desejo.

- Isso é bom de ouvir. Mas ainda não é o que eu quero.

Mais uma vez seus dedos me estocaram e eu arfei jogando meu corpo para trás. Sua ereção ficou ainda mais firme. “Merda de homem que sabe me fazer perder a noção das coisas”. Com as mãos, ele saía e entrava em mim, acariciando-me num movimento triangular. Fechei os olhos. Nada mais importava, apenas a forma como ele me tocava.

- Vamos lá, Melissa. Quando eu digo que você é minha, você diz? – sua outra mão começou a participar da brincadeira enquanto a que já me enlouquecia estimulava meu clitóris.

- Deus! – gemi ensandecida. – Sim, Robert! – quase gritei. Ele soltou um risinho rouco e satisfeito.

- Boa menina – seus dedos foram mais fundo. – E, quando eu digo para se livrar daquele idiota, você diz?

- Seu louco. Doente – travei os dentes para evitar que ele conseguisse arrancar de mim as palavras.

- Não – deixou que suas mãos me abandonassem, mas uma delas subiu pelo meu corpo alcançando meus seios.

A força que utilizou para tal ato fez com que o vestido cedesse revelando meus seios. Imediatamente sua mão os cobriu, massageando e brincando com o bico intumescido. Mais uma vez eu gemi, completamente derrotada. Robert sabia como me deixar louca. A outra mão continuava me acariciando por baixo da calcinha. Os lábios lambiam meu pescoço. Eu ia morrer daquela forma.

- Responda, Melissa.

- Não – minha voz estava embargada.

Seus dedos afundaram mais uma vez em meu sexo e ele forçou minhas costas a inclinarem para frente, me segurando para trás. Seu membro continuava rígido roçando em minha bunda enquanto ainda se aventurava dentro de mim.

- Você gosta disso, não é? Seu corpo responde por você, Mel. Mas quer saber?

Suas mãos me abandonaram e ele me segurou apenas pelos quadris. Eu estava completamente vulnerável com os braços presos para trás e o rosto quase sobre a sua mesa.

- Você não terá o que necessita enquanto não me responder.

Robert se movimentava atrás de mim e eu ouvi o barulho vindo de suas calças. O que ele estava fazendo?

- Gosta de jogar, Melissa? Vou lhe mostrar como eu jogo – levantou meu vestido e minha calcinha foi puxada um pouco para baixo.

A expectativa e a ansiedade prendiam o ar em meus pulmões. Ele iria me possuir. Puta merda! Eu queria muito que fizesse aquilo. Sentia meu sexo pulsar, ansioso e minha excitação

escorrendo entre minhas pernas. Suas mãos me acariciaram com leveza e eu o senti. Quase implorei por aquilo.

Robert apenas roçou seu membro em mim. Passando pela minha bunda até alcançar meu íntimo. Ele roçou seu sexo no meu, acariciando e sugerindo uma possível penetração. Ouvi o gemido abafado que emitiiu e a sua respiração acelerada.

- Gostosa! – gemeu fazendo pressão em meus quadris. – Incrível, Mel! Não quero ficar sem você e sei que fugir não é a sua vontade. Pare de lutar contra o que já está determinado. Você é minha e quer continuar sendo.

- Robert! – gemi sentindo-o entre minhas pernas, mas sem me penetrar.

A cada segundo eu ficava mais molhada. Ele brincava comigo. Uma de suas mãos voltou aos meus seios me puxando para trás, prendendo seu membro entre minhas coxas. Gemeu abertamente.

- Diga, Melissa. Quando eu digo para você se livrar daquele idiota, você diz? – outra vez

seu membro roçou a minha entrada e quase enlouqueci. A mão grande e forte apertou meu seio e ele se movimentou com vontade insinuando o ato sexual.

- Por favor, Robert! – implorei.

- Diga.

- Sim, Robert. Sim. Por favor!

- Você me quer dentro de você? - para que continuar com o jogo? Eu já estava entregue, implorando.

- Quero. Robert, por favor!

- É delicioso ouvi-la me pedir, Melissa. Mas não – afastou-se e sua ereção sumiu do meio de minhas pernas. Eu ofeguei. – Esta é a sua punição por ter se comportado tão mal hoje.

- Seu filho da puta! – me debati em suas mãos sentindo as lágrimas alcançarem meus olhos. – Eu odeio você.

- Shiiiiiiiiiiii – mais uma vez nossos corpos estavam colados. Sua ereção de volta às calças, o que me deixava ainda mais frustrada. Eu o queria. Meu sexo pulsava enlouquecido implorando pelo contato. – Seja boazinha e se conforme com o

que pode ter hoje – seus dedos me invadiram com vontade. A surpresa me fez arfar. Uma das mãos trabalhava em meu sexo enquanto a outra estimulava meus seios. Eu gemi deliciada com sua agilidade. Ele beijava meu pescoço.

- Não, Robert. Eu quero você.

- Você terá. No momento certo.

E seus dedos me penetraram com firmeza arrancando de mim um orgasmo alucinante e avassalador, tirando-me a capacidade de continuar de pé. Minhas pernas tremeram e vacilaram. Robert me apoiou com uma das mãos me segurando pela cintura. Meu rosto estava colado a mesa.

Ele aguardou que me acalmasse e desamarrou minhas mãos. Livre, eu apenas me apoiei na mesa. Minhas pernas não correspondiam e eu respirava com dificuldade. Ele, ainda às minhas costas, beijava meu pescoço e acariciava minha barriga, seios e braços. Tinha deixado de ser rude e voltado a ser carinhoso. Era confuso!

Sinceramente? Mesmo sentindo toda a humilhação do momento, não conseguia decidir de qual maneira gostava mais. Claro que o Robert carinhoso era ótimo para qualquer situação, mas o Robert furioso era puro tesão.

De volta à realidade, eu já conseguia raciocinar novamente. Ele foi se afastando aos poucos enquanto acariciava meus braços. Algumas lágrimas caíram e deixei que meus cabelos encobrissem minha vergonha. Robert me virou de frente e me abraçou deixando que eu chorasse em seu peito. Quando, finalmente consegui me controlar outra vez, levantou meu rosto e acariciou meus cabelos olhando-me nos olhos.

- Vou levá-la para casa se prometer que não vai aprontar mais nada.

Eu entendi. Nada de Dean. Mas quem queria Dean depois do que eu tinha vivenciado naquele instante? Nada do que meu “ficante” pudesse fazer chegaria perto do que Robert, mesmo furioso e autoritário, era capaz de me proporcionar. Constatar este fato doía muito mais do que qualquer mal que meu chefe fosse capaz

de me fazer. Compreender que, independente de qual fosse o motivo que deveria me impedir de estar em seus braços, não eram fortes o suficiente para me manter firme nesta decisão, arrasava comigo.

Concordei com a cabeça e ele se afastou para que eu pudesse arrumar minhas roupas. Robert não saiu do meu lado e nem deixou de me tocar. Antes de irmos embora, ele abriu uma das gavetas e tirou de lá um contrato qualquer, sem se preocupar em saber de qual se tratava. Era a desculpa dele para Tanya. Fiquei péssima.

Caminhamos até o elevador num silêncio constrangedor, ao menos para mim, e continuamos assim até chegar a minha casa. Robert parecia atormentado com algo, ou era só a minha desculpa para a indiferença dele?

Não conseguir evitar a sensação terrível e amarga que provavelmente era o que todas as amantes deviam sentir. Ser levada a um “caso”, sim, porque eu estava sendo arrastada pelo meu chefe para aquela situação que não fazia parte de nenhum plano que tivesse traçado em minha vida.

E era apenas sexo. Tudo aquilo por sexo. Que tanto eu quanto ele poderíamos obter de qualquer pessoa, mas mesmo assim nos arriscávamos e nos envolvíamos nas situações mais terríveis e constrangedoras, simplesmente porque não conseguíamos fazer de outra forma. Eu estava destruída por dentro quando ele estacionou na frente do meu prédio.

Antes que eu descesse do carro ele segurou em minha mão impedindo a minha saída.

- Lembre-se do que eu disse, Melissa. Você é minha e de mais ninguém – calafrios percorreram meu corpo.

Seria a situação mais perfeita do mundo saber que ele lutava por mim, independente dos seus motivos, e deixasse claro, como estava fazendo, a sua necessidade de posse. Eu adorava esta parte dos nossos encontros. Excitava-me saber que era tão desejada a tal ponto, no entanto a realidade era outra.

Robert me puxou para um beijo delicioso e cheio de desejo. Desta vez não lutei contra, nem tinha como fazê-lo. Deixei que as coisas

acontecessem como deveriam e me entreguei ao nosso momento. Ele passou suas mãos hábeis pelas minhas pernas e, lenta e levemente, deixou que seus dedos, como se não quisessem nada, tocassem em mim, entre as minhas coxas, exatamente como tinha feito quando estávamos na Grécia. Minha calcinha ficou ainda mais molhada. Ele percebeu a minha excitação.

- Gosto de te sentir tão quente assim, Melissa. Adoraria passar mais tempo com você, mas não posso ficar. Extrapolei todos os limites esta noite.

Claro! Ele era casado. Tinha família, provavelmente filhos, programação para um final de semana familiar, um lar aconchegante para onde sentia vontade de voltar todas as vezes que comia a secretária no final do expediente. Puta merda! Como eu gostaria de conseguir ficar fora daquela merda toda.

- Tanya? – desviei os olhos para que ele não percebesse a minha decepção. Basta de problemas para aquele dia.

- É. Tanya. Preciso ir para casa – mas sua voz não demonstrava felicidade. Senti raiva por me permitir tamanha ilusão. - Não me faça voltar aqui no meio da noite, Melissa. Não apronte nada.

Fiquei ainda mais fodida. Ele voltaria para casa, para sua esposa, família, enquanto eu teria que ficar sozinha, aguardando pela sua próxima ordem.

- Volte para sua esposa, Robert.

Desci do carro, batendo forte a porta, uma amostra da minha indignação, e corri para casa deixando as lágrimas rolares. Estava péssima, humilhada, sem querer contato com o mundo. Só pensava em desaparecer e nunca mais voltar a ter que viver qualquer coisa similar a tudo o que estava vivendo.

Entrei no quarto e me joguei sobre a cama. Deixei que o choro me consolasse.

CAPITULO 21

Ele estava me beijando e era simplesmente fantástico. Os lábios mais doces e gostosos que já experimentara. Suas mãos dançavam em meu corpo. Pareciam feitas especialmente para mim. Para as minhas necessidades. Seus gemidos ecoavam em meu ouvido. Sua língua me explorava. Quando achei que não poderia mais aguentar de prazer... Acordei. Merda! Era só um sonho? Abri os olhos e encarei o teto do meu quarto. Droga!

Mesmo com todo o choro que me consumiu até que o sono me abraçasse, meus lábios ainda podiam sentir o calor dos dele. Meu corpo ainda podia sentir a pressão exata de suas mãos. Ainda sofria com as experiências da noite passada. Que noite!

Aquele homem conseguia me deixar daquela forma só me beijando e tocando. Era um verdadeiro furacão, principalmente quando estava dentro de mim de verdade. Levei as mãos à cabeça

e sorri largamente. Era tudo uma grande e deliciosa loucura.

- Sonho bom? – sua voz preencheu o espaço do meu quarto.

Sentei na cama automaticamente disposta a gritar. Meu coração ficou acelerado. Ele estava lá. Em meu quarto. Sentado na poltrona em frente à cama. Os cotovelos estavam apoiados nos joelhos e as mãos sustentavam seu rosto. Estava escuro, mas eu sabia que ele estava divino assim.

- O que?... Como?... Ai meu Deus! – gemi me atirando para trás. – Isso só pode ser um pesadelo.

- Não parecia um pesadelo quando você estava dormindo e gemendo meu nome.

- O que? Eu não fiz isso – meu rosto pegou fogo. Era bem provável que eu tivesse feito mesmo. O sonho parecia tão real, tão intenso... Gemer seu nome era o menos constrangedor que eu poderia ter feito.

- Ah, fez sim! E foi fascinante – podia sentir seus olhos me queimando. Voltei a sentar na

cama encarando-o com raiva. Sua diversão predileta era tentar me enlouquecer?

- Como você conseguiu entrar?

- Sempre consigo o que quero – era provável que aquele seu sorrisinho cínico estivesse em seus lábios. Eu era mais uma de suas conquistas e tal constatação me ofendia, e muito.

- Saia daqui. Você não tem direito de entrar na minha casa. Como entrou? Arrombou a porta?

- Não. Abri com a minha chave.

Assim, naturalmente, ele me comunicou que tinha uma cópia da chave da minha casa. Puta merda! Aquilo estava ficando cada vez mais absurdo.

- Você não está falando a verdade – minha voz vacilou em desespero. Que espécie de psicopata ele era?

- Eu não minto, Melissa – me advertiu.

- E o que está fazendo com a sua esposa? Não é uma mentira? E comigo?

- Bom... Ao menos não sem ter um motivo justo para isso – podia visualizar aquele sorriso miseravelmente sedutor em seus lábios.

- Você é um cretino, filho da puta, cínico.

Ele respirou fundo e levantou andando até a janela. Puxou a cortina para deixar a claridade entrar. Coloquei meu braço à frente ao rosto impedindo que a luz me ofuscasse. Virou de volta para me observar. Quase morri de vergonha. Meu cabelo estava um lixo e eu estava usando meu velho moletom surrado. Meu rosto estava inchado devido ao choro. Sem contar o conjunto de lingerie que eu escolhera para passar a noite.

Deus! Ele não podia estar ali, naquele momento, gloriosamente lindo e eu aqui, tão horrível.

- Esta, com certeza, não foi a descrição que você me deu, na noite em que telefonei - apontou para meu moletom velho. Fiquei ainda mais sem graça. Passei as mãos nervosamente pelos cabelos tentando arrumar a bagunça. - Mentiu para mim, Melissa? Menina malvada – podia sentir a ironia em seu tom de voz. Puxei o lençol cobrindo parcialmente o que eu vestia.

- Saia do meu quarto – ordenei.

- Não.

- Meu Deus, Robert! O que você quer? – ele sorriu torto para mim. Eu sabia o que ele queria.

- Várias coisas, Melissa, e quase todas estão ligadas a você.

- Você é inacreditável. Não pode ter uma cópia da chave da minha casa, isso é crime, sabia?

- Quer prestar queixa? – insuportável. Era isso o que ele era. Insuportável e delicioso. Merda!

- Quero você fora da minha casa – atirei um travesseiro nele com raiva e ele riu.

- Precisamos conversar – seu tom de voz mudou e eu senti frio. Era medo do que ele iria dizer. Eu sabia que finalmente teríamos aquela conversa tão necessária. – Mas antes... - caminhou até o meu guarda-roupa e o abriu.

- O que está fazendo?

- Tornando a nossa conversa mais agradável. Não posso conversar com você usando este moletom velho e folgado. Vista algo mais

interessante. Uma mulher como você deve estar sempre apresentável. Mesmo quando acorda.

Parecia Nicole falando. Quase dei risada. Eu daria, se não estivesse tão tensa vendo-o mexer em minha gaveta de calcinhas.

- Acho que encontrei algo ideal para este momento – jogou para mim um conjunto de calcinha e sutiã rosa claro e uma camisola branca. Era a única decente que eu tinha. Comprei para a minha primeira noite com Dean. Eu não podia dormir com ele usando meu moletom velho.

- Não vou vestir isso – fui rebelde.

- Vai sim.

- Por quê?

- Porque estou mandando. E é melhor obedecer ou eu mesmo vou tirar este moletom de você. Não acho que vá gostar da experiência. Sei ser rude quando quero. Acredito que a pequena amostra de ontem foi o suficiente – minha boca abriu, porém nenhuma voz saiu. Levantei o queixo e fui em direção ao banheiro. – Você tem dez minutos. Não se atrase.

Bati a porta do banheiro com raiva. Quem ele pensava que era para me dar ordens em minha própria casa? Liguei o chuveiro e entrei nele rapidamente. Não seria como ele queria. Eu não o deixaria me convencer a fazer nada. Não importava o quão maravilhoso ele fosse. Eu não iria ceder. Não mesmo.

Vesti as peças que ele escolheu, mas resolvi que não colocaria a camisola. Era assim? Ele entra em minha casa sem ser convidado, mexe em minha gaveta de calcinhas e me diz o que devo vestir? Não. Eu iria vestir um short velho e uma camiseta e conversaríamos na sala.

Saí do banheiro enrolada na toalha e com a camisola na mão. Procurei por ele e o encontrei deitado em minha cama. Aquele corpo másculo estava sobre o meu colchão. Meu sonho voltou com toda força possível. Ele estava lá. Na minha cama. Deus! Robert estava divino com as pernas cruzadas e os braços jogados para trás da cabeça em uma posição relaxada. Mas perdeu toda a divindade quando tirou um braço e olhou no relógio.

- Boa menina. O tempo exato.

- Vá à merda! – fiquei ainda mais irritada com toda aquela obsessão por tempo.

- Cuidado, Melissa! – me alertou e eu senti um frio na espinha. Ele parecia realmente perigoso. – Por que ainda não vestiu a camisola?

- Não vou vestir. Já estou perfeitamente acordada. Não preciso voltar para a cama.

- Precisa e deve – seu tom autoritário era uma ameaça real.

- Não vou vestir – suspendi uma sobrancelha desafiando-o com raiva.

- Posso fazer bem pior do que tenho feito esses dias. A escolha é toda sua – o encarei com raiva e notei o desejo em seu olhar. Puta merda! Eu o desejava loucamente. Só aquela pequena ameaça já me deixava úmida. Peguei a camisola que eu havia jogado sobre a cama e ia voltar ao banheiro, mas ele me impediu.

- Vista-a aqui... Para mim – a voz rouca e carregada de tesão fez minha pele arrepiar. Era um erro. Por que meu corpo não entendia?

- Você é estranho, Robert. A maioria dos homens pede para a mulher se despir e você está pedindo para eu me vestir – dei risada.

- Tudo no seu devido tempo, Melissa – ele me olhou atentamente e passou a língua em seu lábio inferior. Os olhos brilhavam. - Por ora, preciso de você vestida – fiquei sem graça, mas a forma como ele me pediu, fez nascer em meu corpo uma imensa vontade de atendê-lo.

Soltei a toalha e com movimentos lentos, para que ele tivesse tempo de admirar o meu corpo, vesti a camisola. Seu olhar se tornou selvagem. Fiquei parada, em pé, esperando seu comando. Ele estendeu uma mão e me chamou. Caminhei para o seu lado da cama e continuei de pé

Robert sentou a minha frente puxando-me para si. Eu, de pé entre as suas pernas e, ele sentado com as mãos subindo pela parte de trás das minhas pernas em direção a minha bunda. Podia sentir o vulcão prestes a explodir dentro de mim. Era apenas questão de tempo. De muito pouco tempo.

Seus lábios beijaram o espaço existente entre os meus seios. E depois, num movimento muito rápido, ele me jogou na cama deixando seu corpo sobre o meu. Podia sentir a sua ereção. Eu sabia que aconteceria e estava ansiosa por aquilo.

- Relaxe – ele notou a minha ansiedade. – Já toquei seu corpo tantas vezes antes, e de tantas maneiras diferentes... – seus lábios roçaram meu pescoço. Fechei os olhos tentando me acalmar. Eu queria. Não queria? – Qual é o problema, Melissa? – abri os olhos para encarar os dele.

Eu estava louca para transar com meu chefe outra vez. Sabia exatamente o que queria e como queria, mas existia um entrave que não me deixava prosseguir. Um muro tão grande e sólido que se formou entre nós dois que me impedia de dá qualquer passo. Não de livre e espontânea vontade. Sentia-me suja, desonesta... Era estranho saber o que eu sabia e mesmo assim desejar estar com ele.

- Não consigo encarar com naturalidade – admiti.

- O que? – suspirou pacientemente. Eu podia até sentir ternura em sua voz.

- Você é casado. Nunca vou conseguir me acostumar – desviei meus olhos dos seus.

- Ah! Isso? – afastou-se de mim e levantou da cama. – Então acho que precisamos realmente ter esta conversa.

Robert passou as mãos pelos cabelos e caminhou pelo pequeno quarto. Deixei que meu coração voltasse ao normal e levantei, sentando-me na cama. Ele sentou ao meu lado, me olhou nos olhos e respirou profundamente.

- Você sabe que este é um caminho perigoso, não sabe? – após alguns segundos balancei minha cabeça indicando que sim. – Por diversos motivos, Melissa, não apenas por eu ser casado – fez uma pausa me observando. - Quanto a este fato você pode ficar tranquila, não estamos fazendo nada de errado. Eu e Tanya estamos em processo de divórcio. Ela concorda com a nossa separação. Apenas não podemos torná-la oficial ainda.

Mordi meus lábios reprimindo um sorriso. Era muito confuso para ser festejado. Ele segurou o meu queixo e levantou o meu rosto fazendo-me encará-lo. Havia muito mais naquela história. O medo foi instantâneo.

- Não festeje. Não sei quanto tempo vai durar essa merda, apesar de desejar que acabe logo. Como disse antes: é um caminho perigoso. Mas não posso entrar em detalhes com você.

- Por que não?

- Porque não é o momento, ou porque você não precisa saber, ou porque não quero. O motivo não importa.

- Importa para mim.

- Mas é só o que saberá – ele foi bem firme em suas palavras. Foi difícil controlar minha raiva, mas o que ele fez ontem por causa do meu ataque de fúria tinha me custado muito caro, era melhor ser mais cautelosa.

- O que você quer, Robert? Que eu me torne sua amante? – a amargura das palavras estava em minha boca.

- Não sei se amante é o termo correto. Eu não vivo carnalmente com Tanya. Dividimos a mesma casa, por uma questão de conveniência e satisfação à sociedade. Ela faz o que quer da sua vida e eu da minha, desde que seja em segredo. Essa é uma exigência dela, não minha. Pelo menos enquanto não conseguimos resolver as coisas - puta merda! Eu não sabia o que dizer.

Era o suficiente para mim? Não. Não era.

- Acho que amante é o termo correto para esta situação – tentei levantar e Robert me deteve. Eu sentia raiva pela conversa fiada que ele tentava jogar para cima de mim. – O que você quer? Sexo fácil enquanto passa esta fase ruim com a sua esposa? – ele riu me segurando com força.

- Sexo fácil? Acho que não faz ideia do que é isso. Conheceu a Mennie, não foi? Não acha que com ela o sexo seria muito mais fácil do que tem sido com você?

- Você é sádico? Quer me enlouquecer? Não vou aceitar o que está me propondo.

- Não fiz nenhuma proposta – eu parecia uma imbecil. Meus olhos ficaram molhados. – Não há nada para propor, Melissa. O que existe são apenas fatos. Não estamos negociando nada e você não é uma mercadoria – me soltou. Suas palavras fizeram com que eu me sentisse humilhada. Robert respirou fundo e fechou os olhos. – Vou repetir mais uma vez, Melissa. Você. É. Minha. – meu coração voltou a acelerar e minha pele ficou arrepiada. – E você não tem como lutar contra isso. Nenhum idiota, como aquele com quem você estava se esfregando na boate, pode lhe dar o que precisa, ou quer. Ele não é capaz de satisfazê-la como mulher. Eu consigo até mesmo por telefone – queria poder esbofeteá-lo. – Já fiz isso até mesmo com o olhar. Foi você quem escolheu. Quando perdeu o compasso da respiração ao me ver. Quando sentia que eu a tocava mesmo quando estava longe. Foi você quem iniciou isso, não eu.

Fui atingida de forma fulminante por aquelas palavras porque eu sabia que era verdade. Enquanto fosse algo só meu, eu podia suportar,

mas ele sabia de tudo o tempo todo. Sabia a forma certa de me alcançar. Eu lhe dei todas as cartas, todas as oportunidades. Fui fácil.

- Você não sabe nada sobre mim – esforcei-me para conseguir continuar segura.

Ele riu e eu pude ver o brilho em seus olhos. Robert avançou me jogando para trás e voltando a ficar em cima de mim. Tentei lutar, afastá-lo, mas ele segurou minhas duas mãos sobre minha cabeça com apenas uma mão e com a outra acariciou meu rosto, roçando o polegar em meus lábios.

- Eu sei tudo sobre você. Não se engane. Não pense que aceitaria qualquer pessoa em minha empresa, com livre acesso a minha vida pessoal e profissional. Não sou um idiota, Melissa. Sei tudo sobre você. Até o tamanho ideal das suas calcinhas. Eu sei de tudo.

Senti medo. Robert era capaz de saber de tudo mesmo. Claro! Até a cópia da chave do meu apartamento ele tinha. Como eu fui me meter naquela situação?

- Agora seja boazinha e colabore comigo. Meu tempo hoje é muito curto, não quero perdê-lo com bobagens.

Robert beijou meus lábios com doçura. Eu queria resistir, mas ele estava entre as minhas pernas e sua mão explorava meus seios com carinhos leves. Era absurdamente delicioso.

- Uma mulher como você não merece o sexo fraco e casual uma vez por semana, que aquele imbecil vinha lhe dando. Eu sei exatamente do que precisa – seus lábios roçavam meu pescoço enquanto falava. Eu estava ao mesmo tempo com medo e com um desejo avassalador. – Mas preciso que concorde com alguns pontos – soltou-me e saiu outra vez de cima de mim. Fiquei perdida, solta no espaço. – Não quero que ele volte a tocá-la. Nem ele nem ninguém – seu olhar era assassino.

- Não tem o direito de exigir isso. Que espécie de louco é você?

- Eu posso. Ou será só minha ou nunca mais será minha. Você escolhe. Posso garantir que comigo nunca será como era com ele. Aliás,

você sabe muito bem disso – que inferno de proposta maluca era aquela? – Agora que já me escolheu... – ele voltou a falar após um breve silêncio e eu ri de sua conclusão. Só podia ser uma piada. – Eu sei que me escolheu – falou rindo e eu achei encantador vê-lo tão relaxado. Sem mandar ou exigir nada. Era natural. Era apenas Robert.

- Não tenho muita escolha. Você tem a chave da minha casa. Sabe o tamanho das minhas calcinhas. Fica me cercando de todos os lados. Está me enlouquecendo.

- Eu sei ser bastante persuasivo quando quero alguma coisa.

Voltou a se deitar sobre mim e a beijar minha boca. Perdi o fôlego. Estávamos em minha cama. Ele me beijava com sofreguidão. Suas mãos estavam dentro da minha camisola, acariciando meus seios. Seu sexo roçava com vontade no meu e, mesmo com a barreira da sua calça jeans, era muito gostoso. Eu não pude resistir mais. Puxei seu corpo para o meu com vontade e o estimulei a continuar. Então ele parou.

- Maravilhosa, Melissa! Simplesmente maravilhosa! – seus olhos chamuscavam. – Infelizmente temos que terminar esta conversa. Ainda não cheguei aonde quero chegar – mais conversa? Ai minha Nossa Senhora das mulheres fofosas, me salve!

- Pare de me olhar como se estivesse me implorando e, definitivamente, evite este rubor. É difícil demais ver isso sem poder ir além.

- Então continue – fechei meus olhos me sentindo derrotada e entregue.

- Não posso – sua voz estava baixinha, como se quisesse convencer a si mesmo que não podia continuar. – Tenho um compromisso que não posso cancelar.

- Nem por mim? – tentei persuadi-lo. Aquela situação era uma tortura para o meu corpo e ainda pior para a minha mente.

- Por ninguém – voltou a se levantar da cama. Meu coração afundou no peito.

- Se você e Tanya estão se separando, por que fingem um relacionamento perfeito? Por que

você acha que deve alguma coisa a sociedade?
Eu... Eu não entendo.

- Eu não devo nada à sociedade, Melissa. Estou pouco me lixando para o que eles vão pensar. O meu problema é... – olhou-me intensamente avaliando até onde poderia me contar. – Eu devo isso a ela. A Tanya – mais uma vez, coçou a cabeça e caminhou pelo quarto. – Não sei até onde você vai compreender sem saber de toda a história. O mais importante é que saiba que eu e Tanya não vivemos como marido e mulher.

Repensei todas as informações que ele me deu. Então não era um erro. Pelo menos não um erro absurdo. E eu não era a culpada pela separação deles. Eu poderia suportar? Não tinha tanta certeza.

- Você disse que existiam mais motivos para continuar neste casamento.

- Sim. Mas você não vai saber quais são – mordi meu lábio inferior. Por que tantos mistérios? E se aquilo tudo não passasse de uma imensa mentira?

- Não sei se confio em você – revelei. Ele deu risada.

- Seria mais fácil se compreendesse que, mesmo sem saber de nada, você cedeu a mim, várias vezes. É muito melhor acreditar que não está cometendo nenhum erro – corei com a sua sinceridade.

- Tanya sabe que você procura por amantes?

- Não procuro amantes – me olhou sem paciência. – E sim. Tanya sabe que saio com outras mulheres. Faz parte do nosso acordo – meus olhos ficaram arregalados. Ela sabia que ele tinha outras mulheres. “Outras mulheres” não apenas eu. – Qual é o espanto, Melissa?

- Tudo o que está me contando.

- Especifique.

- Um acordo entre vocês dois que prevê a existência de outra pessoa, ou melhor: outras pessoas.

- Se existe uma coisa que não deixo de querer em minha vida, é sexo. E sexo de qualidade. Tanya sabe disso e sabe também que eu não

ficaria tanto tempo sem uma mulher, mesmo que só para esta finalidade – mais uma vez meu coração afundou com as suas revelações. – Se estamos nos separando, tenho o direito de conhecer outras pessoas, desde que esteja dentro de nossas regras.

- Regras? – minha cabeça girava.

- Sim. Algumas. E você já me fez quebrar uma delas – olhei atentamente para ele. – Não posso me envolver com funcionárias. Tanya faz parte do conselho administrativo, é uma das principais acionistas, então, teoricamente, estou proibido de me envolver com você – que ironia! Dentre tantas mulheres dispostas a estar com ele, eu, que sou funcionária, fui a escolhida, obrigando-o a infringir as regras.

- E as outras?

- As outras regras? – fiz que sim. – Não posso passar a noite fora de casa, salvo em casos em que não esteja na cidade. Não posso ser visto com outras mulheres, expondo-a assim ao ridículo. Tenho que estar em casa todos os sábados à noite – sorriu torto daquela maneira cínica

que só nele conseguia ficar sexy. – É o dia em que ela recebe convidados e preciso representar o papel de marido perfeito.

Soltei o ar preso em meus pulmões. Eram regras demais. Absurdas demais. Minha cabeça parecia que ia dar um nó. Que forma estranha era aquela de viver? Como eles aceitavam aquela situação? Formavam um perfeito casal de psicopatas.

- Não parece que estão se separando. Tem que passar todas as noites em casa.

- Envolve mais do que você pode saber agora. O fato é que as regras valem para os dois e não posso nem quero quebrá-las, mais do que já quebrei. Existe muito em risco. Por isso preciso que você se comporte.

Eram tantas informações que não conseguia me prender aos detalhes. Poucas coisas de cada revelação que ele fazia, ficavam armazenadas em minha mente. Por ora eu apenas tentava encontrar as perguntas que me conduziram as respostas certas para aliviar a sensação de culpa e medo.

- Vocês dormem juntos?

- Não – passou os dedos nos lábios, pensativo.

- Vocês já... Ficaram juntos depois destas regras?

- Sim. Algumas vezes – puta merda! Eu não podia concordar. Ele ainda sentia tesão por ela, como eu poderia confiar? Passei as mãos nos cabelos e baixe os olhos. – Melissa, Tanya é quase tão persuasiva quanto eu. Mas isso não acontece há muito tempo. No geral eu a evito.

- Por que ainda gosta dela?

- Não. Porque em algumas situações não me sinto a vontade para recusá-la. É... Complicado. É um jogo, Melissa, e se eu não souber jogar, acabo perdendo mais do que você pode imaginar.

- Não posso concordar com isso.

- E vai fazer o que? Continuar tendo os encontros furtivos que estamos tendo? Ou vai continuar aceitando aquele imbecil em sua cama? Para que? Para gozar chamando meu nome? – meu orgulho ficou ferido. Levantei meu rosto desafiando-o.

- Não preciso de você em minha vida. Eu e Dean sempre nos demos muito bem na cama – pensei que ficaria irritado, mas ele apenas deu risada.

- Isso só comprova a minha teoria de que você não conhece nada de sexo. Pelo menos não de sexo de verdade. Com qualidade. Com segurança e prazer indescritível.

- E isso só o “Poderoso Carter” pode me dar? – dei uma risada sarcástica. – Muito engraçado, Robert.

- Você já teve algumas amostras. Posso fazer bem melhor.

Seu olhar penetrou em mim e meu corpo reagiu imediatamente. Puta que pariu! Ele realmente sabia me dar o que eu queria. O que meu corpo necessitava.

- Aposto que sua calcinha já está toda molhada – baixe os olhos confirmando o que ele dizia. Estava envergonhada. - Você é uma loucura quando está excitada, Melissa – puxei o ar. Ele era absurdamente delicioso.

- Você contou a sua história, Robert. Falou das regras que terei que aceitar. Eu tenho que compreender que nunca, nenhuma vez, terei você comigo por uma noite inteira. Não teremos uma vida social. Não posso conhecer outros caras, nem sair com os antigos. Sou exclusivamente sua – balançou a cabeça concordando. – E não terei nada de você que não seja sexo de qualidade.

- Terá o que quiser de mim, Melissa, desde que esteja dentro das regras.

- Certo. Desde que esteja dentro das regras – soltei um riso abafado e balancei a cabeça negando a minha vontade de aceitá-lo. De qualquer forma, eu apenas o queria. – Tenho minhas regras também, Robert – arqueou uma sobrancelha. Por esta ele não esperava. – Quero ser a única – seus olhos se estreitaram. – Não quero que você volte a transar com Tanya, ou com nenhuma das outras mulheres com quem tem saído. Nem mulheres novas. Nada. Serei sua. Exclusivamente sua, se for exclusivamente meu – ele ficou calado me observando. Pensando e ponderando o que eu disse.

- Tudo bem. Fechamos um acordo – “um acordo”. Estávamos negociando? Eu me sentia uma mercadoria barata.

- Se descobrir que você transou com alguma mulher, além de mim, desisto de tudo. E você não conseguirá me convencer a voltar atrás. Não gosto da ideia de ser a amante, nem de dividir minhas coisas. Se vamos ficar juntos será nestes termos – ele deu seu sorriso perfeito e meu corpo inteiro esquentou.

- Muito persuasiva. Estou de acordo. Você me basta. Sei o que quero e está quase tudo resumido a você. Tem sido enlouquecedor não poder estar dentro de você – droga! Meu sexo agora pulsava desejoso dele.

- Mas você pode agora – Robert, sentado, com os cotovelos apoiados nos joelhos, e as mãos cruzadas em frente a sua boca, sorriu levianamente e mordeu o seu polegar. Seus olhos eram puro desejo.

- Não. Não posso. Eu já disse: tenho um compromisso que não posso adiar – deixei que meu corpo caísse sobre a cama. Eu estava desor-

ientada. Por que não? Não gastaríamos tanto tempo. – Mel, eu já falei. Você não é uma mulher para uma rapidinha. Não quero estragar o nosso momento, transando rapidamente para conseguir chegar na hora certa ao meu compromisso. Quero você com tempo de sobra. Além do mais... – caminhou em minha direção e passou seus dedos longos em meus cabelos, descendo pelo ombro e tocando suavemente as curvas dos meus seios. – Você está me devendo alguns orgasmos. Não vou ficar satisfeito com apenas um – meu corpo estava no limite. Abaixou, e segurando meu rosto, me beijou com vontade.

- Agora, preciso ir – ele me abandonou rápido demais. – Controle seu libido, Melissa.

Oh, Droga! Como controlar? Ele chegava, dava ordens, estabelecia limites, me excitava e partia. Puta merda! Não podia ser assim. Ainda tinha tantas coisas para dizer, tantas perguntas para fazer, tantos limites para estabelecer. Eu queria que ele ficasse até que tudo estivesse esclarecido, porém quando abri a boca não consegui dizer nada do que queria.

- Você volta?
- Hoje não – fechei os olhos, desolada.
- Mas nos veremos amanhã.
- Sim. Claro. No trabalho – seu sorriso escondia algo.

- Tenho que ir. Seja boazinha e se comporte – concordei. Poderia ser diferente? – Nos veremos amanhã.

Robert foi embora e logo em seguida me senti péssima. Era muito difícil pensar em tudo o que ele me disse com naturalidade quando seus olhos não estavam em mim. Estava trilhando um caminho onde só poderia haver desilusão. Mas eu tinha concordado e não queria voltar atrás.

O domingo passou lentamente. A todo o instante eu me maltratava pensando no porquê de ter aceitado. Porém meu corpo não resistia a ele e seria desgastante demais continuar deixando as coisas acontecerem da forma como estavam acontecendo. Ele concordou com as minhas regras. Pelo menos eu podia me sentir melhor por este detalhe.

Fui para a cama cedo e fiquei rolando nela pensando em olhos cinza me queimando por dentro e me tocando mais fundo do que seus dedos foram capazes de alcançar.

No dia seguinte acordei outra vez sem vontade de sair da cama, mas, pela primeira vez, encontraria com Robert no trabalho aceitando a minha situação de amante. Queria saber como seria, como nós nos comportaríamos. Minhas atitudes nos últimos dias eram irreconhecíveis para mim, por isso eu não conseguia saber como reagiria.

Escolhi um vestido azul, com decote em “V”, não muito profundo, mas com as costas nuas. Ele era justo até a minha cintura, porém soltava em ondas abaixo dela, causando um efeito dançante. Como não sabia o que Robert quis dizer com aquele olhar quando mencionei que nos encontraríamos no trabalho, escolhi uma calcinha de renda, pequena e também azul.

Sequei meus longos fios castanhos deixando-os mais lisos. Coloquei saltos altos e

maquiagem. Gostei do resultado. Eu estava bonita e me sentia estranhamente bem.

Saí do prédio e dei de cara com o improvável. Robert Carter, parado em frente ao seu carro e me olhando com olhos selvagens. Ele usava um terno grafite e estava perfeito nele, como sempre. Meu chefe abriu a porta para mim.

- Bom dia, Srta. Simon.

- Bom dia, Sr. Carter – entrei no carro sem cobrar maiores informações. Ele assumiu a direção e deu partida.

- Quer a sua agenda de hoje, agora ou vai aguardar chegarmos à empresa? – estava insegura do que deveríamos conversar.

- Não precisa. Eu sei perfeitamente bem o que temos agendado para hoje – uau! Aquilo era novidade para mim. – Posso garantir que nada relacionado à empresa esta agendado para nós dois – minha boca se abriu e eu fiquei sem reação.

- Como assim? – olhei para fora e vi que estávamos na direção contrária.

- Eu falei, Melissa. Preciso de um dia inteiro com você. Estou providenciando isso – sua

voz foi nostálgica. Meu corpo inteiro formigou. “Seria hoje? Agora? Logo?” – concentre-se, Mel! – novamente espasmos tentaram atingir meu corpo apenas pelo fato dele ter me chamado pelo apelido. Era tão íntimo.

- E os compromissos?

- Desmarquei todos. Teremos um dia cheio amanhã. E a senhorita estará bem cansada – sorriu de canto. Meu coração acelerou. Robert ligou o som do carro e ficamos apenas com a música, algo sobre alguém estar em chamas, e nossos pensamentos.

Chegamos cinquenta minutos depois a uma imensa casa, perdida no meio do nada. Aliás, no meio de uma imensa floresta que eu nem sabia existir em Chicago. O silêncio profundo era assustador. Ele parou o carro na entrada e desligou o motor voltando a sua atenção para mim.

Apenas me deu seu sorriso perfeito e desceu, voltando para o meu lado oferecendo-me a sua mão. Eu a segurei e ele apertou meus dedos transmitindo segurança. Subimos juntos os de-

graus da casa. Meu chefe abriu a porta com muita naturalidade.

- Que casa é essa?

- Minha casa – vacilei. Ele percebeu e me olhou entendendo a minha apreensão. - Apenas minha.

- Muito grande para ser apenas sua – ele deu uma risada triste e analisou a casa por fora.

- É. Muito grande – puxou-me para dentro com sutileza.

Por dentro parecia ainda maior. Os móveis eram rústicos e, mais uma vez, o padrão branco com madeira escura reinava soberano. Ele me levou até o meio da enorme sala. Quadros decoravam as paredes. Pareciam caros, mas eu conhecia muito pouco de arte. Ao fundo havia uma porta de correr, muito grande, de madeira. O vidro que intercalava, revelava a imensa piscina do lado de fora. Era uma visão perfeita.

- E agora, Melissa Simon... – sussurrou em meu ouvido. – Somos somente nós dois.

Seus olhos deixavam bem claro o que aconteceria.

Ofeguei.

CAPITULO 22

Era lógico que eu sabia o que aconteceria. Eu e Robert, sozinhos o dia inteiro, sem nada nem ninguém para nos interromper ou atrapalhar. Nossa Senhora das pernas bambas que me ajudasse. Meu chefe já me dera doses homeopáticas da sua capacidade e, posso garantir, não era nada parecido com o que eu estava acostumada.

Porém, com o meu consentimento e liberados para termos uma relação completa, onde eu aceitava ser sua amante, não tinha a menor noção do que fazer. Pisquei várias vezes para me concentrar nas ações dele porque as minhas não existiam. Eu estava completamente estática e em expectativa.

Robert, sempre muito gracioso e felino, uma mistura louca e real, olhava-me nos olhos de maneira selvagem, o que não aliviava nem um pouco a pressão existente dentro de mim. Mordi meu lábio inferior e ele ao ver-me fazendo isso

passou a língua levemente pelos lábios, deliciado. Puta merda! Eu estava aterrorizada e excitada.

O formigamento no pé da barriga estava me deixando louca. Um misto de alegria, desejo, ansiedade, tensão e medo brincavam em meu corpo e eu lutava contra a minha vontade de fugir, ou de atacá-lo. Ele levantou a mão e acariciou delicadamente meu braço. Subiu os dedos sem pressa pela minha pele, cada centímetro era marcado por um rastro de fogo. Céus! Ele me enlouqueceria antes mesmo de me tocar de verdade.

Seus dedos subiram. A pele fria na minha muito quente, quase em combustão, chegando até meus ombros. Subiu um pouco mais e acariciou a minha bochecha que, com certeza, estava totalmente ruborizada. Eu tentava em vão controlar a respiração, contudo era uma luta perdida.

Seus olhos desceram para meus lábios e se concentraram ali. Podia sentir seu desejo, mas Robert era controlado. Muito controlado. Ele não agiria sem me fazer perder o juízo antes. Desceu o polegar até meus lábios abrindo-os minimamente, enquanto sua mão livre roçava os dedos

em minha pele, até alcançar o limite do meu decote.

- Não consigo escolher qual a cor ideal para você, Melissa, todas ficam lindas em sua pele.

Minha única reação foi sorrir timidamente. “Se ele pensa assim, imagino o que sentirá quando vir o conjunto de lingerie que estou usando. Ai meu Deus! Nossa! Ai não! Agora eu o imagino me vendo sem nada”. Tive medo de gritar.

Respirei várias vezes para recuperar o equilíbrio. “Calma, Melissa! Esta não é a sua primeira vez. Aliás, não é nem a primeira vez que vai transar com o todo poderoso Carter” Céus! Eu precisava de uma bebida.

- Por que está tão nervosa? – ele sorriu torto. Seus olhos cinza e a barba por fazer, propositalmente bem arrumada, os lábios rosados e atrevidos. Esqueci-me de como respirar. – Foco, Mel! – tudo nele continuava calmo e suave. – Você ainda tem dúvidas? Não sabe se fez a escolha certa? – meu coração acelerou. Se ele

apenas imaginasse quais eram as minhas dúvidas, terminaríamos em alguns minutos, ali mesmo no chão da sala.

- É como escolher entre pular ou não de um avião, sem paraquedas – sua sobrancelha arqueou. – Sei que enquanto estiver suspensa no ar, será lento e extremamente prazeroso, mas quando chegar o momento do choque... – olhei atentamente para ele. – A dor será real e é provável que eu não sobreviva.

Estava sendo sincera, apesar de saber que eu pularia, de uma forma ou de outra. Não existia possibilidade de voltar atrás.

- Eu acho que o medo e o risco são meus melhores estímulos – continuou sorrindo, como se minhas palavras não tivessem tido nenhum impacto sobre ele – E, principalmente... Foram os sentimentos que me trouxeram os meus melhores negócios.

- Eu imagino que pense assim – foi frustrante ouvi-lo me tratar como uma bela aquisição.

- Francamente, Melissa, acho que todos os relacionamentos correm este risco. É como in-

vestir na bolsa de valores. Pode ser que tudo dê certo e você fique milionária da noite para o dia, mas você sabe, tanto quanto eu, que o mercado é instável e que existe um risco alto demais, e da mesma forma, você pode dormir rico e acordar falido – seus olhos continuavam doces. – Venha.

Puxou-me pela mão conduzindo-me ao sofá marrom, que harmonizava com o restante da sala. No chão, um imenso tapete branco e à frente dele a porta que dava acesso à piscina. Depois dela, apenas a floresta.

- Sente-se – era como se eu voltasse a ser uma criança recebendo ordens. Fiquei aborrecida, mas obedeci. – Já conversamos sobre isso – concordei nervosamente. – Não vamos conversar mais. Entendeu? – olhei-o confusa. Por que não? – Ao menos não hoje – suavizou. – Melissa, eu esperei longos dias por você. Não quero perder nenhum minuto discutindo, qualquer que seja o assunto – mais uma vez seus dedos percorreram meu rosto e eu podia jurar que meu corpo estava em chamas. – Eu quero você. Toda! – enfatizou. Pensei que meu corpo se partiria de tão excitada.

Como ele conseguia fazer aquilo comigo? – Agora relaxe.

Levantou e saiu da sala. Fiquei analisando o local enquanto imaginava como seria, embora tivesse a certeza de que seria bom. Muito bom! Se fosse ao menos tanto quanto foi na Grécia já estava de excelente tamanho.

Robert voltou trazendo duas taças numa das mãos e na outra uma garrafa de vinho. Abriu-a e deixou que o líquido derramasse nas taças. Vinho branco. Colocando-o em uma pequena mesa de apoio, ele voltou para o meu lado e me entregou a bebida. Esta foi muito bem vinda. Eu estava mesmo precisando.

- Beba. Vai ajudá-la a relaxar – bebeu um longo gole e eu o acompanhei. – Por Deus, Mel! Estou me sentindo como o usurpador da sua virgindade e esta não é a nossa primeira vez, nem a segunda. Já fizemos isso tantas vezes que não vejo motivos para tanto nervosismo – riu da piada. Eu continuei séria.

- Para mim é como se fosse a primeira vez. Antes eu não tinha contra o que lutar, além o fato

de acreditar que você era um depravado que curtia a vida varando noite com um monte de mulheres. Eu... Nunca imaginei...

- Tudo bem – colocou a taça no chão e se virou para mim. – Beba – levei a bebida aos lábios. – Tudo – ordenou. Ele queria me embebedar? Obedeci. – Ótimo! Boa menina!

Retirou a taça de minha mão e, lentamente, beijou-me os lábios. Senti algo se embrulhar por dentro, como mil borboletas dançando balé, rodopiando sem parar. Robert era perfeito na arte de seduzir e um mestre na arte de beijar. Seu beijo deixava claro que ele me saboreava, como quem se delicia com uma fruta doce.

Meu corpo inteiro reagia a ele e tornava-se insuportável imaginar qualquer distância entre nós dois quando aquilo acontecia. Era o efeito do vinho ou seus beijos que causavam aquela incapacidade total de ter pensamentos coerentes? E, tão lentamente quanto começou, terminou. Inclinei meu rosto em sua direção pedindo por mais. Ele deixou seu sorriso perfeito me encantar.

- Do que você gosta? – hein? Como assim? Eu gosto de estar com ele, não importa como. Olhei-o sem saber o que responder. – Como gosta de ser tocada? De que forma prefere que eu faça? – continuou a falar e eu permaneci perdida.

Como vou saber do que gosto? Eu gostava de sexo, porém o que ele fez comigo não se parecia em nada com qualquer coisa que já tenha feito em minha vida. Para mim o sexo foi definitivamente dividido em duas fases: antes de Robert e depois de Robert. E eu não fazia mais a menor ideia do que gostava ou não. O que responder? Mordi meu lábio inferior em resposta.

- Quanta inocência, Melissa! – ele estava se deliciando com a minha insegurança. – Vamos ver até quando agirá assim – seus olhos brilharam. O que ele aprontaria desta vez?

- Então não me pergunte. Faça. Não foi assim até agora? Apenas as suas vontades, Sr Carter – eu o desafiei e ele sorriu. Fiquei mais tensa ainda imaginando o que ele seria capaz de fazer comigo.

- Como a senhorita quiser.

Robert se inclinou em minha direção, mas parou a alguns centímetros. Novamente levantou uma de suas mãos para me tocar. Depois a outra. Elas caminhavam em meu pescoço disparando choques em todas as terminações nervosas. Céus! Ele só estava tocando em meu pescoço e mesmo assim eu já podia sentir a minha feminilidade em alerta. Doidinha para participar da festa.

Seus dedos não me tocavam, apenas roçavam minha pele, muito de leve.

- Gosta?

Fechei os olhos e confirmei com a cabeça. Porém suas mãos sumiram do meu corpo, me fazendo olhá-lo. Robert voltou a me tocar no mesmo local, no entanto utilizou os lábios. A sensação foi muito boa. Muito mais até do que boa. Involuntariamente meus olhos cerraram-se, enquanto eu sentia os lábios quentes do meu chefe, pressionarem com cuidado minha pele. Instantes depois, a língua e os dentes, refizeram o caminho me deixando arrepiada. Sentia seu hálito em meu pescoço. Meu amante estava controlado

enquanto eu já estava quase que implorando por um orgasmo.

- Assim é bom?

- Sim, Robert. Muito bom.

- Viu? Não é tão difícil.

- Por que gosta de fazer com que eu me sinta uma criança em suas mãos?

- Deus me livre, Melissa! – riu em meu pescoço. – Apenas quero saber a melhor forma de te dar prazer.

- Você conhece todas as formas de me dar prazer, Robert – eu quase não conseguia mais me concentrar em nossa conversa, pois seus lábios roçavam meu pescoço. Era complicado pensar em qualquer outra coisa.

Ele voltou a me tocar com os dedos e a beijar, lambe e morder a mesma área. Tudo junto e ao mesmo tempo. Era uma perfeita demonstração de como pretendia me enlouquecer.

Deixei que meu corpo fosse deitado nas almofadas que compunham o sofá e ele ficou logo acima. Seu corpo não tocava o meu. Arrisquei-me a tocá-lo. Primeiro nos braços que o mantin-

ham elevado sobre o meu corpo e depois seu peito. Forte. Másculo. Definido. Deliciosamente em minhas mãos.

Ele gemeu em meu pescoço. Robert levantou desfazendo outra vez nosso contato e tirou o paletó. Eu nem havia percebido que ele ainda o usava. Deixou a peça cuidadosamente dobrada sobre outro sofá menor, próximo ao que estávamos. Depois retirou o relógio, a carteira e o celular, porém antes de deixar este sobre a mesinha, ele teve o cuidado de desligá-lo. Pode parece estranho, mas eu fiquei glorificada com aquilo. Não teríamos Tanya, nem ninguém, entre nós dois.

Sentei no sofá para melhor observá-lo. Robert veio até mim e, parado à minha frente, passou as mãos em meus cabelos, acariciando-os.

- Tão linda, Melissa! – seus olhos eram ternos e não havia mais dúvidas, nem medos.

Ele voltou a me deitar no sofá e percebi que seus sapatos ficaram no chão enquanto ele subia mais uma vez sobre mim. Seus dedos voltaram a dançar em minha pele, agora na área do meu busto, no limite do meu decote e às vezes

avançando um pouco mais. Depois seus lábios assumiram o lugar dos dedos e com eles, a língua e os dentes.

Eu fiquei ofegante ao senti-los tão perto dos meus seios. Eu o queria ali. Robert gentilmente afastou um pouco o vestido revelando meu sutiã também azul, acariciando-me, circulando aquela região tão sensível com os dedos. Aqueles movimentos me fizeram arfar.

Ele levantou o corpo um pouco. Suas pernas prendendo as minhas e, com as duas mãos, agarrou as alças do vestido descendo-o até a minha cintura. Eu sabia que estava corando. Não podia evitar.

Desceu as mãos acariciando-me através do sutiã, chegando ao meu umbigo. Então fez o movimento contrário, subindo-as rapidamente para debaixo do sutiã, tocando-me diretamente. Eu arqueei o corpo com o contato inesperado. Meus seios cabiam perfeitamente em suas mãos. Apertou-os levemente, apenas me proporcionando prazer. Inclinou-se ao meu encontro em um beijo quente, urgente e rápido.

Com as mãos ainda por dentro do meu sutiã, suas carícias se tornaram puxões deliciosos, logo após, usando a ponta dos dedos, e mantendo os bicos entumecidos entre eles, iniciou uma série de movimentos circulares, esfregando-os. Minha boca se abriu num gemido manhoso. Ele me tocava como ninguém.

- Não faz isso comigo, Melissa – suplicou.
– Não gema deste jeito – olhei-o e o que vi foi um homem consumido pelo prazer.

Uma de suas mãos me liberou indo ao meu pescoço. Enquanto estimulava o bico do meu seio com as pontas dos dedos, sua mão espalmada tocava meu pescoço com vontade. Voltei a gemer e ele se deixou cair sobre mim com um gemido gutural.

- Linda! Maravilhosa! Perfeita!

Roçou os dentes em meu busto. Seus lábios desceram trabalhando com a língua em minha pele e passaram por entre meus seios. Agarrei seus cabelos aguardando pelo contato de sua boca e, para minha surpresa, ele passou direto, beijando e mordiscando a minha barriga.

A língua tocou meu umbigo no mesmo instante que a mão alcançou minha coxa puxando-a para cima. Senti sua palma quente e decidida percorrendo a parte interna da minha perna. Ele continuou descendo, indo em direção a...

- Não! – arfei contrariada. – Não, Robert! – ofeguei segurando em seu rosto. – Eu não quero assim – seus olhos me fitaram curiosos. - Eu não quero assim – repeti sondando se ele havia entendido. Meu chefe levantou voltando para meu pescoço.

- Por que não? – deitou-se sobre mim, deixando, finalmente, que o seu corpo colasse ao meu. Ele roçava lentamente a ereção em meu sexo através do vestido ainda preso na cintura. Minha tensão pelo momento anterior foi aliviando enquanto o desejo voltava a me dominar.

- Por que não – fechei os olhos, entregue ao prazer.

- Responda, Melissa – ameaçou levantando um pouco para me observar.. Pisquei buscando em minha mente alguma resposta aceitável.

- Simplesmente porque não gosto – toquei seu rosto encorajando-o a continuar de onde paramos. Seu sorriso em resposta era absurdo. Um misto de deboche, desafio e ironia. – Nem todo mundo gosta, Robert. Não me olhe como se eu fosse anormal.

- Não gosta de fazer ou de receber? – seus olhos me sondavam. Claro que ele deveria ficar preocupado. Homens!

- De receber, Robert. Pode ficar tranquilo – meu sangue foi esfriando nas veias. Ele estava conseguindo quebrar o clima.

- Não estou tranquilo – seu semblante era divertido. Tá legal! Virei motivo de piada porque não gostava de sexo oral. Como se não bastasse todo o constrangimento pelo episódio do orgasmo prematuro. – Por que não gosta exatamente? – levei a mão à testa tentando dispersar minha irritação.

- Pensei que não conversaríamos sobre nenhum assunto hoje.

- Este é um assunto pertinente – revirei os olhos.

- Eu só não gosto – respondi irritada. Ele arqueou uma sobrancelha. – Não acho que seja uma coisa prazerosa. Acredito mesmo que muitas mulheres fingem gostar só para agradar os parceiros. O que não é o meu caso. Prefiro ser honesta – foi a minha vez de arquear a sobrancelha. Cruzei os braços e o encarei. Será que ele preferia a mentira?

- Amadores – riu passando a mão nos cabelos. – Eu falei que você nunca havia experimentado sexo de verdade e realmente estava certo – levantou e olhou para mim parecendo estar perdido em pensamentos. Coçou o queixo e espalhou os cabelos. – Não estava contando com isso... Não agora, mas... – um sorriso ameaçador se formou em seus lábios e tive receio do que ele faria. – Fique aqui, Melissa. Mas permaneça bem quieta. Eu já volto.

Robert saiu rapidamente da sala. Aliás, da casa. O que ele foi fazer? Tive vontade de ir atrás para saber o que iria aprontar, mas o medo de descobrir foi maior. Voltou alguns minutos depois com algo, que não consegui descobrir o que era,

no bolso da calça. Sem dizer nada tornou a me beijar, porém não foi qualquer beijo. Foi urgente, faminto, fazendo tudo ao nosso redor desaparecer. Existia apenas ele e seus beijos.

Meu corpo se aqueceu com o contato tão caloroso e urgente. Suas mãos correram meus seios, massageando-os, para em seguida cobri-los de beijos e carícias, descendo pelos meus braços, um de cada vez. Sem que eu esperasse, ele os lançou para cima prendendo-os com uma das mãos apenas e voltou a me beijar. Meu coração ficou acelerado. Eu me lembrava da sensação de ser presa por ele.

Robert tirou o que escondia de mim, do bolso de sua calça, era reluzente e, muito tarde, percebi se tratar de algemas. Sem pestanejar prendeu-as nos meus pulsos e depois os prendeu em algo que havia atrás do sofá. Fiquei imobilizada. Puta merda!

- Robert, o que você está fazendo? – fiquei apavorada.

- Não posso perder a chance de lhe mostrar o quanto é prazeroso. Relaxe e, pelo amor de

Deus, goze – ele sorria se divertindo enquanto eu estava em pânico. Não, não, não, não... Não!

- Não, Robert! – fui dura, mas ele sorriu ainda mais, como se minha atitude o estimulasse. – Robert, estou falando sério. Eu não quero. Não pode me forçar...

- Shiiiiiiiiiiiiiii! – colocou um dedo em meus lábios. – Devo amordaçá-la? – sua voz era suave, mas dava para sentir a ameaça existente nela. Meus olhos se fixaram nele. Não havia nenhum sinal de que fosse ceder aos meus apelos.

- Agora relaxe - ordenou com olhos severos e voltou a me beijar.

Não quis corresponder. Ele estava me forçando a fazer algo que eu não queria. Dava para ser mais absurdo? Robert sempre agia assim, sua vontade sempre prevalecia nunca a minha.

Mas ele não pareceu se importar com a minha recusa e, como não encontrou sabor em meus lábios fechados, desceu para o pescoço, reiniciando todo o trabalho. Droga! Não dava para manter a pose com ele sendo tão persuasivo.

Apesar de irritada, estava também muito excitada com suas carícias. Era absurdo admitir, mas minha posição vulnerável dava um toque a mais ao nosso momento. Não tinha como impedir seus toques e até aquilo me deixava ainda mais estimulada.

Sua língua traçou o caminho até um dos meus seios e, afastando o sutiã, serpenteou a mesma no bico já totalmente intumescido. Mordi meus lábios evitando um gemido. Seria demonstrar fraqueza demais gemer deliciada, sabendo que ele estava passando por cima da minha vontade. Se bem que, era muito complicado saber qual era exatamente a minha vontade quando ele fazia daquela forma comigo.

No entanto, eu não permitiria que ele tivesse isso assim tão fácil. Após pressionar os dentes em meus seios, fazendo uma leve pressão que quase me enlouqueceu de tesão, Robert deixou que sua boca voltasse a descer o caminho proibido. Que droga! Por que ele precisava fazer o que queria?

Sua barba roçando em minha pele nua fez com que meu corpo ganhasse vontade própria. Lutei contra os gemidos que se acumulavam em minha garganta. Apesar de saber que não suportaria por muito mais tempo. Robert, antes de me tocar da forma como queria, olhou em meus olhos e entendeu que mesmo irritada eu aguardava ansiosa.

Seus dedos, em cada lado da minha calcinha, eram a prévia para o que aconteceria. Por alguns segundo, esqueci como se respirava. Ele iria me despir e eu nada poderia fazer.

Robert já me tocara antes e havia sido extremamente prazeroso. Contudo, nunca antes ficamos daquela forma, tão próximos, mesmo com toda a intimidade dos nossos outros momentos, e imaginá-lo cara a cara com... Era constrangedor demais.

Meu rosto estava pegando fogo e esta não era a única parte do meu corpo que estava assim. Eu podia nunca ter gostado de sexo oral, mas... Puta merda! Robert era fantástico em tudo, então por que eu não relaxava e aceitava que seria tão

incrível quanto tudo que já tínhamos feito? Simplesmente porque eu dissera não e ele não aceitara a minha negativa. Então, estava irritada. Enfurecida, algemada e muito, muito excitada. Nossa Senhora da expectativa pré-coito que me acalmasse.

Ele, ainda segurando as barras da minha calcinha, sem movê-la nenhum centímetro, beijou, como se saboreasse, minha coxa esquerda, na sua parte interna, muito próximo do meu sexo. Puxei o ar com o contato. Sua língua brincou entre as fronteiras da lingerie e eu fiz um esforço absurdo para permanecer quieta e não mexer os quadris, como estava louca para fazer. A ansiedade era uma tortura.

Então, seu polegar adentrou a minha calcinha, tocando com delicadeza o meu clitóris já extremamente sensível. Eu ofeguei. Puta merda! Eu tinha ofegado e ele, com certeza, estava fazendo a dancinha da vitória todo satisfeito. Oh droga!

Mais uma vez seu polegar pressionou a região e eu joguei a cabeça para trás contorcendo-me de prazer.

Minha pequena lingerie, lentamente foi removida e eu estava praticamente implorando para que ele acabasse logo. No entanto, Robert sabia da minha aflição e o tempo gasto para a retirada da calcinha demorou mais do que ir a pé de onde estávamos até a China.

Eu estava tão ofegante e excitada, que, se ele não estivesse entre minhas pernas, com certeza estaria esfregando uma na outra.

Observei que Robert, ainda seguindo o seu ritmo lento, se abaixou e, antes de sentir o contato dos seus lábios em meu sexo, senti seu hálito quente, que provocou em mim um incêndio completo. Puta merda! Eu estava pegando fogo.

Então... Finalmente, seus lábios.

Ah! Seus lábios. Quentes, leves e deliciosos.

Ele não precisava fazer mais nada. Se apenas permanecesse ali, daquela forma, já seria suficiente para que eu mudasse de ideia e con-

cordasse que era bom. Mas Robert era... Robert. E nunca se contentaria com apenas um beijo, mesmo que bem dado.

Meu clitóris foi envolvido por seus lábios, fazendo uma pequena pressão no momento em que o sugou. Foi impossível impedir o gemido que escapou. E se antes eu não consegui evitar o orgasmo que me assolou em nossa primeira vez, naquele momento eu guerrilhava contra o meu corpo para segurá-lo. Podia sentir seus lábios sorrindo e fiquei ainda mais irritada e excitada.

Ele, como se quisesse me enlouquecer de vez, passou a língua num movimento triangular. Desta vez eu quase gritei. Céus! Por que Dean não conseguia fazer igual? Por que só Robert?

O movimento foi repetido diversas vezes e em intensidades diferentes. Algo no meu interior começou a dar sinal de que iria se partir em pedaços. Sabia que iria ter um orgasmo e que seria um dos melhores e maiores da minha vida. Entretanto Robert não estava disposto a me dar alívio tão cedo.

Retirando a língua, meu chefe se afastou um pouco para depois se aproximar ainda mais. Senti seus lábios em mim com mais força. Não mais em meu clitóris, ao menos não apenas nele, mas em meu sexo como um todo. Enquanto ele me beijava, sua língua adentrava, explorando a região, causando efeitos inimagináveis, onde eu podia vislumbrar um céu estrelado muito próximo. Ao alcance das minhas mãos.

A esta altura eu gemia, gritava e falava coisas desconexas. Robert me abandonou no segundo antes do meu orgasmo. Era uma sensação alucinante e frustrante. Num segundo eu tinha tudo e no outro nada.

- Mudou de opinião? – voltou a ficar acima de mim. Seus olhos cinza eram puro desejo.

- Sim - seu sorriso perfeito se apresentou. Fiquei deslumbrada.

- Devo continuar? – seus lábios já faziam o caminho de volta.

- Sim - gemi por antecipação.

- Sim? Só isso? – puta merda! Robert CEO modo mandão.

- Sim, Robert, por favor! Pelo amor de Deus! O que mais você quer que eu diga para que continue? – ele tinha me vencido. Joguei a toalha.

- Ah! Doce Melissa. Tão inocente.

Seus lábios já estavam em mim quando disse estas palavras. Os dentes se fecharam em meu pequeno botão de prazer e eu arqueei o corpo gemendo seu nome. O que mais poderia fazer? Ele estava estabelecendo uma tortura deliciosa, que me queimava de dentro para fora e destruindo todo o meu autocontrole. Mordeu e chupou até que eu não conseguia mais me segurar. Sentia que me desintegrava e a sensação era simplesmente indescritível.

- Liberte a mulher que eu sei que existe em você, Melissa. Goze para mim.

Não precisou falar duas vezes. O orgasmo chegou fazendo-me trepidar e em poucos segundos pude sentir que me desfazia em seus lábios. Eu estava em estado de liquefação. Tudo em mim se desfazia, derretia e se espalhava ao redor dele. Foram segundos, mas parecia uma eternidade de puro prazer e gozo.

Robert voltou a pairar sobre meu corpo acalmando-me e chamando-me de volta. Não sei em que ponto ou como conseguiu se livrar das calças, mas quando abri os olhos e o senti próximo, estava só de cueca. Os lábios exploravam meu pescoço, suavemente, enquanto eu me recuperava do prazer fulminante. Os dedos acariciavam meus cabelos e ele encarava meus olhos, atentamente. Eu sabia do que meu chefe precisava e estava disposta a atendê-lo.

- Eu quero você.

- Eu sei. E ninguém neste mundo quer mais você do que eu.

- Solte-me. Preciso tocá-lo – era essencial confirmar para mim mesma que ele realmente existia e que estava ali.

- Seja uma boa menina – advertiu-me igual como tinha feito antes, em sua sala. Mas eram situações diferentes. Eu havia aceitado ser dele e não voltaria atrás.

Ele libertou meus pulsos. A dor era leve e eu a reverenciava, pois a lembrança era fantástica. Passei os dedos nos cabelos dele e

reivindiquei seus lábios. Sentia o meu próprio sabor neles e era muito excitante. De maneira avassaladora, e como costumava ser quando estávamos juntos, voltei a sentir outra vez a necessidade de tê-lo em meu corpo. Robert segurou minha mão e gentilmente a levou até o meio de suas pernas.

- Sinta.

Ele fez com que minha mão corresse seu membro totalmente ereto. A extensão era algo que realmente chamava atenção e me fez desejá-lo ainda mais. Eu sabia exatamente o que aquela parcela significativa do Robert fazia quando estava dentro de mim. Um misto de prazer e medo se formava dando voltas em meu estômago. Robert emitia uma risada curta e abafada.

- Vou estar dentro de você, Mel, e vai ser a maior e a melhor de todas as minhas realizações.

Fechei os olhos de prazer com as suas palavras. Robert se ajoelhou entre minhas pernas e pegou, em uma pequena mesa ao meu lado, uma camisinha. Quanto tirou a cueca pude vislumbrar o motivo do meu medo. Não que nunca tivesse

prestado atenção. Claro que sempre dava um jeito de observá-lo. Mas nunca era demais quando se tratava de Robert e tudo o que ele tinha para me oferecer.

Era lindo! Lindo! Grande, robusto, torneado e me fez salivar. O que aquele homem estava fazendo comigo? Assisti a Robert correndo a camisinha por toda a sua extensão. Eu nunca nem tinha imaginado que existia camisinha para algo tão... Tão. Mas existia e ele a estava desenrolando em minha frente. Foi o suficiente para me deixar totalmente acesa.

- Melissa! – pronunciou meu nome com delicadeza. Seus braços se posicionaram ao lado do meu rosto. Ele me olhou e havia ternura e devoção em seu olhar. – Doce e inocente, Melissa – beijou o cantinho dos meus lábios. – Como desejo este momento – e então eu o senti.

Apenas tocava a minha entrada. Ele movimentava o corpo e seu membro me experimentava e sumia. Eu gemi instintivamente. Eram apenas gemidos manhosos, deliciados pela expectativa. Ficamos assim por alguns segundos.

Testando, saboreando e retardando o momento. Uma deliciosa tortura.

Quando novamente ele brincou de investir, tentando apenas encostar, como estava fazendo, movimenteí os meus quadris fazendo-o a entrar em mim. Robert gemeu alto. Gutural. E o senti me invadindo, mesmo que não completamente. Foi glorioso!

- Não faça isso comigo, Melissa – Robert controlava a situação, mas perdeu a linha quando eu agi de maneira não inesperada. Adorei a ideia de enlouquecê-lo. Era algo novo para mim e eu desejava continuar.

Meu amante não aguentou por muito tempo e finalmente me penetrou com vontade, com toda a sua extensão, sem prévias nem cuidado. A leve dor familiar anunciou o que eu já sabia. Ele era grande demais e era... Delicioso! Meu parceiro gemeu e se inclinou mais uma vez. Eu repeti o gesto e mexi os quadris recebendo-o por inteiro.

- Tão apertada! – gemeu por entre os dentes trincados, de maneira delirante – Tão quente e tão molhada.

Robert estava em seu próprio paraíso e eu o assistia, deslumbrada. Mais e mais vezes investindo e a cada uma, podia senti-lo mais e mais fundo. Um furacão tomou conta do meu corpo e sentimentos. O orgasmo, aos poucos, se apoderava de mim. Gemi e repeti seu nome várias vezes entrando completamente no ritmo.

- Comigo, Melissa. Goze comigo – e eu gozei.

Derreti-me em seus braços sentindo-o se desfazer em mim. Seus gemidos, afagos e suspiros eram estimulantes. Ficamos ofegantes, largados um nos braços do outro. Deitado como ele estava eu podia sentir seu coração acelerado.

Eu não tinha nenhuma ideia do tempo, apenas sabia que estávamos juntos e que ele, mesmo depois de ter gozado, continuava dentro de mim, não dando nenhum sinal de que tínhamos acabado. Aquilo era normal? Talvez não para mim, ou para qualquer coisa que já tenha

vivido antes. Contudo, desde o início, Robert deixou claro que nunca seríamos como os outros. Eu não conseguia imaginar como seria possível, ao menos não até estar com ele pela primeira vez, quando finalmente eu entendi que nada mais seria como antes.

Robert se movimentou lentamente, saindo um pouco e entrando outra vez. Céus! Ele iria continuar? Repetiu o movimento. Levantando seu corpo sem sair de mim, procurou por meus olhos. Ficamos nos olhando por um espaço indescritível de tempo. Ele sorriu derretendo todas as minhas dúvidas. Como ficava lindo sorrindo!

- Não tenho vontade de sair daqui - revelou.

- Então não saia – praticamente implorei.

Com certeza a Nossa Senhora dos orgasmos incansáveis estava me apoiando, porque comecei a sentir como se milhares de formigas estivessem caminhando por meu corpo, do meu sexo ao meu útero. Com certeza eu não conseguiria sair andando daquela travessura. Robert fechou os olhos em êxtase e recomeçou seus mo-

vimentos. Lentamente, entrando e saindo, por bastante tempo.

Ficamos naquela brincadeira até que realmente nossos corpos cedessem ao desejo que voltou com tudo assumindo seu lugar por direito. Deus! Ele era insaciável. E eu o queria. Quantas vezes fossem possível.

Não me reconhecia em seus braços. Normalmente, após o prazer, perdia o interesse em meu parceiro, desejando apenas descansar. Já que eu lutava tanto em busca do orgasmo, me preocupando comigo, como aprendera a fazer, quando acabava, estava muito cansada. Mas com Robert era tudo tão natural que não precisava procurar por nada, o gozo estava ali à minha frente, bastava fechar os olhos e esperar. Leve e simples como sempre deveria ser.

Dominado pela intensidade do apetite sexual, Robert abocanhava meus seios com avidez me fazendo gemer alto com o contato. Estava totalmente sensível naquela região, aliás, meu corpo inteiro estava na mesma situação. Seus dentes prenderam o bico entre eles e a língua

massageou-os. Eu podia sentir claramente seu movimento indo e vindo em mim, como se todo o meu sexo estivesse fechado, trancado, em volta dele. Meus braços dormentes não me deixavam acreditar que conseguiria chegar ao final. Mas lá estava eu, lutando contra o meu corpo e proporcionando a ele mais prazer do que achei que seria capaz.

Seus movimentos ficaram mais intensos e então, ele me abandonou. Eu pude perceber o imenso vazio que se formava com sua ausência.

- Preciso trocar de camisinha – havia um sorriso tão natural em seu rosto que acreditei ter encontrado o paraíso.

Retirou a camisinha já cheia e deu um nó na ponta, descartando-a no chão. Depois pegou outra e vi que havia muito mais. Meu Deus! O que ele esperava daquele dia? Robert a deslizou com maestria pelo pênis e voltou para mim tão rápido quanto saiu.

Tomou-me num beijo escandaloso. As línguas bailavam em nossas bocas. Não foi uma batalha, uma vez que dançávamos numa perfeita

sincronia. Meu amante, de maneira inacreditável e encantadora, além de excitante, conseguia sincronizar a forma como sua língua investia, com a do seu membro ágil mais abaixo.

Nossos movimentos tornaram-se mais e mais intensos. Robert, em uma tortura lenta, chegava ao meu limite, forçando-me para depois voltar até quase estar fora. Empurrando-me, a cada investida, para o lugar obscuro, irreal, até mesmo utópico, mas ao mesmo tempo genuíno, habitual, e confortável. Minha sanidade mental estava por uma linha tênue da loucura total.

Eu o sentia e o queria amplamente. Robert se esmagava dentro de mim, lutando para chegar mais fundo, ciente de que não havia espaço suficiente para tanto desejo, no entanto não aceitávamos e continuávamos em busca de mais. Eu queria mais. Muito mais.

Robert levantou parcialmente o corpo, segurando-me firme pela cintura, puxando-me contra ele num movimento selvagem, conseguiu escorregar para dentro de mim com mais facilidade.

ade, atingindo o meu limite. Uau! Era... Incrivelmente gostoso.

Eu tentava corresponder à altura. Rebolando e gemendo de uma maneira até desconhecida para mim. De onde saiu tudo aquilo? O formigamento foi subindo e de repente já tomava conta de todo o meu corpo.

- Deus, Melissa! Você é maravilhosa! D-E-L-I-C-I-O-S-A – gemeu me levando junto em mais um orgasmo alucinante.

Com um gemido ele se deixou cair sobre meu corpo. Ofegávamos. Era quase possível voltar a compassar nossas respirações. Robert me puxou um pouco para o lado e saindo rapidamente, caiu sobre o sofá olhando para o teto. Ficamos em silêncio por um tempo.

- Eu sempre soube que seria bom, desde o primeiro encontro, no seu primeiro dia de trabalho, mas nunca imaginei que seria com esta intensidade – sua mão procurou pela minha e deixei que entrelaçasse os dedos aos meus. – E ainda nem terminamos o dia - completou.

O que mais seríamos capazes de fazer depois de três orgasmos que quase me partiram ao meio? A nossa última noite na Grécia tinha me dado uma vaga ideia do que seria passar horas a fio transando com meu chefe. Quase tinha tirado todas as minhas forças. Fiquei nocauteada por um dia inteiro. E foi apenas uma noite.

O que me aconteceria se deixasse que ele fizesse o mesmo, porém por 24 horas? Não conseguia chegar a uma conclusão. Na verdade não conseguia nem acreditar que fosse possível. Bem... Não. Não era... Era?

Robert ficou ao meu lado com seus dedos acariciando minha pele, depois se sentou me levando com ele. Eu não queria levantar. Não queria andar, muito menos falar. Eu queria deitar e deixar meu corpo se entregar ao mundo desconhecido, aonde todas as mulheres arrebatadas por tantas sensações deliciosas tinham o direito de descansar. Era o paraíso. Eu não queria sair de lá.

Ele riu do meu estado e saiu do sofá me deixando sozinha. Eu queria dormir, mas também queria saber onde ele estava. Não sei quanto

tempo fiquei naquela situação, lutando entre dois mundos, mas despertei completamente quando ele voltou e me pegou no colo como se embalasse uma criança.

- O que está fazendo? – não sabia se o que sentia era real.

- Levando você para um banho - e o meu formigamento voltou.

CAPÍTULO 23

A ideia de um banho com ele me deixou ansiosa e envergonhada. Encontrava-me parcialmente vestida. Bom... Meu vestido, mesmo enrolado, permanecia preso na cintura, o sutiã desajeitado deixava meus seios livres, as sandálias mantinham-se intactas e minha calcinha estava perdida em algum lugar da sala, então eu podia me sentir constrangida. Não podia?

Robert me carregava no colo, com isso pude descansar o rosto em seu tórax perfeito. A pele era macia e o cheiro muito bom, um misto de suor pós-sexo e perfume masculino. Nunca me acostumaria a ele. Não como normalmente nos acostumamos a um ser humano comum. Aliás, meu chefe nunca poderia ser relacionado à palavra “comum”.

Ainda não conseguia assimilar a sensação de estar em seus braços com nada que eu já tenha sentido antes. Era irreal. Como se a qualquer momento eu pudesse abrir os olhos e descobrir que

estava de volta a minha vida pacata, onde tudo não passava de um sonho perfeito e maravilhoso.

- Não durma agora, Mel – sua voz suave era melodia para meus ouvidos. Sorri ainda de olhos fechados.

- Não sei o que está planejando, mas não sobrou muito de mim.

- Sobrou o bastante para um dia inteiro. Já passamos por momentos piores – riu zombeteiro. Abri meus olhos assustada. Ele estava falando sério?

- Você não é humano. Que espécie de animal sobrenatural você é? – ele sorriu animadamente para mim.

- A espécie certa para você e a que vai bagunçar, revirar e adoçar a sua vida sexual – senti o formigamento familiar invadir o meu íntimo. Eu queria aquilo? Ou melhor... Eu aguentaria?

Chegamos ao banheiro onde fui colocada cuidadosamente no chão. Testei minhas pernas, elas ainda eram utilizáveis, confirmei com satisfação. Firmei-as e arrumei o vestido, ainda um pouco constrangida. Olhei para Robert que já es-

tava totalmente despido. Ele não notou meus olhos gulosos em seu corpo. Aproveitei o momento em que conferia a água para averiguar o material completo. E, que material!

Robert era simplesmente admirável. Possuía um corpo totalmente harmônico, onde cada peça se encaixava perfeitamente a outra. E sua bunda... Realmente ele tinha uma linda bunda! Algo para se apreciar. Seus olhos encontraram os meus. Uma sobrancelha estava arqueada, como se me questionasse algo. Ele sorriu e eu corei.

- É um banho, Melissa. Precisamos estar sem roupas – apontou para meu vestido já composto. Desviei os olhos e encarei minha mão. Caramba! Eu estava mesmo constrangida. Tenho certeza que ele gostou de me ver daquela maneira. – Vamos dar um jeito nisso.

Robert, vindo em minha direção, me alcançou com poucos passos e depositou em meus lábios um beijo casto, delicado e rápido. Abaixou-se a minha frente, segurou meu calcanhar, tirou uma sandália e depois a outra. Tudo com bastante destreza, me fazendo ficar muito quieta apenas

admirando suas ações. Propositamente acariciou minhas panturrilhas, alternando entre leveza e pressão. Oh, céus! Ele conseguia me dar prazer até mesmo com algo tão simples.

Depois de livrar-me das sandálias, subiu as mãos quentes pelas minhas pernas, mantendo um ritmo lento e sensual, adentrando por meu vestido e levando-o com elas. Levantei os braços, obedientemente, para que Robert pudesse terminar de me despir. Por fim beijou-me com mais vontade enquanto tirava o meu sutiã. Fiquei totalmente nua. Ele se afastou dois passos e me observou. Era impossível estar mais vermelha e envergonhada.

- Linda! – correu as mãos pelos cabelos, mas entendeu que estava me deixando embaraçada. – Entre.

Segurou em minha mão com firmeza me conduzindo para a banheira enorme, o que me levou a pensar no quanto tudo na vida do meu chefe era assim. Um grupo enorme, ego enorme, segurança em si enorme, casa enorme, banheira enorme, e um... Bem, enorme também. Voltando

a banheira, o fato era que dava para fazer uma festa nela.

Robert entrou, ficando às minhas costas.

- Sente-se – parecia se divertir.

Desci em meus joelhos enquanto ele se ajeitava numa posição confortável. Puxou-me para sentar no meio de suas pernas e tão logo eu fiz, me abraçou com carinho. A sensação era gostosa, quase romântica. Fechei os olhos deixando que minha cabeça descansasse em seu peito. Robert brincou um pouco, pegando a água morna entre as mãos e deixando-a cair sobre mim, causando arrepios.

- Gosta de óleo de banho? – abri os olhos sem coragem suficiente para encará-lo.

- Sim, são ótimos – Robert pegou um frasco e deixou que um líquido viscoso caísse em suas mãos.

- Rosas?

Era uma boa pedida. Fiz que sim e ele, automaticamente, passou o óleo em meus seios e braços. O prazer foi imediato. Óleo de banho, cheiro de rosas e as mãos de Robert em meus

seios era simplesmente uma mistura divina. Voltei a fechar os olhos permitindo que a sensação me envolvesse.

- Muito cansada? – sua voz me despertou do devaneio em que me encontrava. Seus dedos pressionaram com firmeza o bico dos meus seios. Arfei, deliciada. Era um bom lugar para ele trabalhar as mãos. – Levante um pouco sua perna – obedeci e ele agilmente passou as mãos dos meus joelhos até o limite das minhas coxas. Gemi baixinho quando o senti quase alcançar o meu limite máximo, o meio das minhas pernas. – Gosta? – escutá-lo era o mesmo que ouvir a uma melodia doce, rouca e sensual. Aos poucos foi outra vez levada para o já tão familiar ponto obscuro. Eu podia sentir a sua excitação através do contato do seu membro rígido e pulsante em minhas costas. Como ele conseguia?

- Você toma remédio? – não consegui evitar a pergunta, no entanto fiquei completamente constrangida após fazê-la.

- Remédio?

- Essas coisas... Para... Você sabe – Robert riu do meu embaraço. Precisava dar um jeito de impedir que os pensamentos escapassem pelos meus lábios.

- Não. Mas respondendo a sua pergunta, gosto de estar com você, no entanto, Melissa, cada segundo parece ser o último – apertei os lábios sem me sentir confortável com suas palavras. - Não consigo controlar a minha vontade de aproveitar o máximo possível. Além do que... Normalmente tenho muita disposição.

- Ah! – merda!

Ele começava bem, me fazendo acreditar ser a única mulher do planeta para logo em seguida deixar claro de que era uma reação para todas, o que me devolvia a fila de pessoas insignificantes que formavam a sua extensa lista. Era frustrante.

- Agora me responda, gosta que eu te toque deste jeito? – fez uma breve demonstração do que falava, roçando as mãos em minhas coxas até quase tocar no meu ponto fraco.

- Gosto muito – gemi me entregando aos seus toques. Estava ciente de que trilhava um caminho inseguro, porém não dava para evitar a vontade de mais uma vez atendê-lo.

- Depois eu que sou um monstro insaciável - riu em meu pescoço.

Suas mãos me abandonaram para retirar o cabelo molhado que grudava em minhas costas, jogando-o acima do meu ombro. Então depositou ali diversos beijos e mordidas leves.

- Gosto quando fica excitada - sussurrou em meu ouvido. – Este é o maior de todos os estimulantes para mim, Melissa. Saber que sua respiração está descompassada, o coração acelerado, olhos desfocados, pensamentos desconexos, totalmente úmida, e, principalmente, o rosto ruborizado. O que mais seria necessário para fazer um homem perder o controle? Você me enlouquece, Mel.

Ah! Como eu adorava a sua voz sussurrando palavras quentes em meu ouvido.

Robert me levantou com facilidade deixando-me de joelhos na banheira. De costas

para ele não tinha ideia do que estava aprontando. Mas ansiava para que continuasse.

- Passe suas pernas deixando as minhas ao meio – prontamente obedeci, tendo conhecimento de que, com minhas pernas abertas, como ele me pedia, deixava para ele uma visão muito ampla de mim. – Isso, Melissa! – suspirou lascivamente.

A forma como ele reagiu continha algo de um animal feroz que só se apresentava quando meu parceiro não conseguia mais conter o desejo, deixando-o fluir em todos os seus atos, inclusive na voz, que ficava mais grave, carregada e sussurrada. Novamente senti como se meu corpo inteiro estivesse sofrendo pequenos choques.

- Agora sente-se.

Segurando em meus quadris, Robert me guiou, fazendo-me sentar sobre o seu membro rígido. Ele alcançou a porta da minha feminilidade, forçando-a e percebi que estava completamente pronta. Sempre estaria.

Com as mãos firmes me puxou, possuindo-me lentamente. Seu pênis me invadindo im-

placavelmente, abrindo espaço dentro de mim e me dominando completamente, indo até o final. Gemi de dor e prazer. Uma sensação um tanto quanto angustiante e ao mesmo tempo maravilhosa.

Com as mãos espalmadas, Robert massageava minha bunda com os polegares e me impulsionava lentamente para cima. Eu apenas obedecia, como uma boa menina. Nosso ritmo foi aumentando gradativamente e ele, aos poucos, iniciou uma sequência de gemidos que aqueceu meu sangue me estimulando ainda mais.

Ele me conduzia e me apertava de maneira eloquente. Tendo consciência de que poderia fazer melhor do que estava fazendo iniciei meu próprio ritmo, movimentando-me para frente e para trás enquanto meu parceiro me guiava para cima e para baixo. Robert gemeu com força me incentivando a continuar. Uma de suas mãos subiu até meu seio me apertando enquanto investia com mais intensidade. Fiquei a beira da loucura. Meu corpo inteiro correspondia a suas estocadas, com volúpia, quando meu sexo pulsou

avisando que mais um maravilhoso orgasmo estava chegando.

- Mel! – com os dentes trincados, Robert gemeu chamando por mim.

Explodi gritando alto e me entregando ao prazer. Ele ainda me invadiu por mais duas vezes, para então se entregar ao orgasmo.

Após a mistura de sensações que nos desconectava do mundo ao nosso redor, ficamos sentados, ainda abraçados, deixando que tudo voltasse ao seu devido eixo. Como se fosse possível. Encostei minha cabeça em seu ombro permitindo que meu corpo descansasse dos momentos tão extasiantes.

Todos os meus músculos doíam e a sonolência voltou a me dominar. Robert, com os braços firmes em minha cintura, impedia que eu o abandonasse. Ele mantinha o rosto enterrado em meu pescoço e eu me perguntava por que estávamos demorando tanto naquela mesma posição. Por que não saíamos ou conversávamos? Comecei a ficar inquieta.

- Você usa anticoncepcional? – finalmente. Demorou, mas a bomba foi lançada.

Fechei os olhos com força entendendo o recado. Eu não podia engravidar. Ele não podia ter um filho com a amante. Não podia desmoralizar a esposa. Meu coração acelerou. O que eu estava fazendo? Por que tinha me permitido ir tão longe?

- Nós transamos sem camisinha. Não era o que eu pretendia, mas... Não consigo raciocinar coerentemente quando estamos juntos.

- Não se preocupe. Não vou engravidar – afastei-me um pouco dele.

- O que foi? – puxou-me de volta para seus braços.

- Nada!

- Melissa... - advertiu.

- Você – suas sobranceiras se juntaram numa confusão nítida. – Faz com que me sinta péssima por ter concordado – seus lábios formaram uma linha fina.

- Não seria justo com Tanya se você engravidasse, não acha? – claro que não. Não era

justo nem o fato de nós estarmos transando. Suspirei pesadamente, mas acabei concordando com a cabeça e desviando o meu olhar. – Mel! – chamou-me com doçura. – Não pense nisso.

- Não pensarei. Sinto-me tão cansada que não consigo pensar em nada – dei o assunto por encerrado.

Robert me presenteou com seu sorriso torto perfeito. Tenho certeza que meus olhos ganharam um brilho extra. Onde diabos eu estava me metendo?

Levantamos e ele foi direto para o chuveiro. Eu não tive a mesma disposição. Alcancei um roupão que estava dobrado sobre a pia, certa de que fora deixado ali para mim, e o envolvi em meu corpo. Servia perfeitamente. Se ele tinha roupões daquele tamanho e, levando-se em consideração que Robert era muito mais alto e encorpado do que eu, só pude deduzir que outras mulheres já estiveram naquela casa. Minha vontade era de jogá-lo no lixo, entretanto eu não podia agir desta forma, então me forcei a expulsar este

pensamento. Nada poderia cobrar dele, pois já havia aceitado.

Deitei na enorme cama, me permitindo achar graça da ironia, e meu corpo agradeceu pelo colchão tão confortável e pelos travesseiros perfeitos. Acho que dormi na mesma hora.

Senti algo quente em meus lábios e a sensação era muito gostosa. Depois o vazio. Mais uma vez algo quente e depois o vazio. Ainda sonolenta percebi que dedos percorriam meu couro cabeludo com carinho. Aninhei-me ainda mais ao travesseiro. A mesma sensação quente e macia se prolongou em meu rosto e depois em minha orelha.

- Vai dormir o dia inteiro? – Robert invadiu meus pensamentos. Eu ainda sonhava? – Acorde, Mel! – mexi minhas pernas e um pequeno incômodo indicava que eu estava dolorida. Gemi baixinho. Sua mão se prolongou em meus cabelos. – Acorde, meu bem. Precisa se alimentar.

A gentileza em sua voz me incentivou a envolvê-lo com meus braços. Ele riu baixinho. O

calor que sentia vinha dos seus lábios. Tive uma vontade incontrollável de beijá-lo novamente. Busquei por ele que correspondeu com a mesma vontade. Um beijo doce e calmo. Depois se afastou e riu. Abri os olhos devagar e a claridade preencheu minha visão.

- Ainda sou o monstro que vai bagunçar, revirar e adoçar a sua vida. Cuidado! – brincou me fazendo sorrir.

- Devo realmente tomar cuidado. Você é um excelente monstro. Muito competente no que faz – Robert voltou a me beijar e o envolvi com minhas pernas. Um leve puxão no ventre lembrou-me que não poderia abusar muito de meu corpo.

- Você precisa comer alguma coisa.

- Que horas são?

- Quatro da tarde – meus olhos se arregalaram. Eu dormi tanto assim? Merda! Tinha perdido a tarde toda dormindo e precisaríamos ir embora. – Por que está tão aflita?

- Temos que ir embora.

Falei baixinho com medo de quebrar o encanto. Eu não queria ir. Queria mais dele, porém não devia sufocá-lo com cobranças, não em nosso primeiro dia oficial. Ele havia deixado claro que passava todas as noites em casa, com a esposa.

- Não temos. Providenciei tudo – procurei por algum traço que indicasse a sua brincadeira, mas não encontrei nada. Era verdade. Passaríamos a noite juntos. Meu sorriso foi revelador. – Estarei em reunião à noite e vou dormir num hotel por causa da distância. Já fiz isso algumas vezes. Não foi muito difícil convencê-la.

Outra vez me senti péssima. A sensação de culpa latejava em meu cérebro. Eu estava sendo a ladra, a usurpadora, a destruidora de lares. Tudo bem que eles não eram casados como deveriam ser, porém ainda estavam juntos, mesmo que apenas na aparência. E, pela preocupação que ele tinha em esconder, só conseguia pensar que talvez não fosse bem assim.

- Outra vez pensando neste assunto? – ele ainda era doce.

- Preciso comer – fiz menção de levantar e Robert me impediu.

- Mel, por favor! Esqueça. Não é como você pensa. É apenas... Complicado. É tudo muito complexo demais para que eu permita que você se envolva – não deveria me envolver. Recado dado e entendido. Não haveria espaço para sentimentos em nosso relacionamento.

- Tudo bem, Robert. Só preciso tomar um banho e me alimentar – seus olhos me analisavam como se tentassem encontrar algo em mim. Levantei indo ao banheiro para tomar um banho demorado e relaxante. Sem a influência do meu chefe.

Quando saí, ele não estava mais lá. Procurei pelas minhas roupas, mas encontrei apenas uma camisola vermelha, com detalhes em renda transparentes e costas nuas. Ao lado um robe de seda fina, também vermelho. A calcinha acompanhava o conjunto. Peguei-a entre os dedos e fiquei constrangida só de olhar. Era toda de renda. Tão pequena e delicada que poderia ser rasgada com os dentes.

O pensamento causou um nó no pé da minha barriga. Eu queria que ele fizesse aquilo. A frente e o fundo da calcinha eram do mesmo tamanho, diferenciados apenas porque a parte do fundo possuía um laço que eu previ ser a única parte que apareceria quando a colocasse.

Robert, mais uma vez, tinha pensado em tudo. Ele me queria com aquelas roupas. Vestida apenas para o seu prazer. Era frustrante e extasiante ao mesmo tempo. Meu corpo era um campo onde o certo e o errado guerrilhavam.

Vestida, como ele havia deixado claro que desejava, saí do quarto. Encontrei-o no corredor, usando apenas uma calça larga e chinelos. Seu peito nu chamou a minha atenção. Eu queria tocá-lo. A calcinha com certeza não resistiria, pois já estava completamente molhada. Santo Deus! Como ele podia ter aquele efeito tão devastador sobre mim sem nem ao menos me tocar?

- Estava indo buscá-la. Pensei que tinha dormido no chuveiro ou se afogado na banheira – seu sorriso era debochado e eu fiquei sem graça, como sempre acontecia.

- Desculpe-me por ter dormido tanto.
- Não se desculpe – alcançou a minha cintura. – Vejo que meu presente coube perfeitamente bem em você.
- Você ainda não viu tudo - o desafiei.
- Vou ver. Assim que você colocar algo no estômago – Robert me colocou de costas para si e me abraçando conduziu-me até a cozinha. – Espero que goste de comida chinesa.
- Você cozinhou? – fiquei admirada.
- Não, pedi comida pronta - revelou coçando a cabeça e estreitando os olhos. Eu ri.
- Imaginei.
- Eu sei cozinhar. Você ficaria surpresa com a minha técnica perfeita para fritar um ovo.
- Ah! Seria realmente surpreendente – sentei-me na cadeira que ele gentilmente puxou para mim.

Robert me serviu com um pouco da comida que tinha comprado. O cheiro era muito bom. Ele se serviu também e ligou a TV. Caralho! Outro ponto imenso pertencente a ele que somente me levava a lembrar de outra coisa. Qual

era o problema do meu chefe com o tamanho das suas propriedades? Balancei a cabeça e dei risada sozinha. Será que esta era a intenção dele? Fazer com que as mulheres, enquanto estivessem em seu universo, fossem o tempo inteiro lembradas do quanto ele era... Grande?

Atenta a tela vi que ele sintonizara num canal de notícias, a maioria voltada para o mercado financeiro econômico, novidades e negócios. Eu adorava aquele canal. Robert começou a comer com os olhos vidrados na tela. Olhei para o meu prato e depois para o sofá. Peguei tudo e parti para sentar-me nele, ficando de frente para a TV. Depois de alguns segundos, meu chefe estava ao meu lado, com o prato na mão e a atenção voltada para o noticiário também.

Comemos em silêncio até acabarmos. Era tão fácil e prazeroso ficar daquele jeito com ele. Dean nunca me deixava ouvir nada de interessante do noticiário. Ficava fazendo comentários enquanto a matéria ainda era exibida. Robert não. Ele tinha interesse, assim como eu, em acompanhar o que acontecia no mundo.

- Bom, Srta. Economista, o que tem a me dizer sobre tudo o que assistimos? – provocou.

- Você sabe tão bem quanto eu que já pré-
viamos estes acontecimentos. O mercado con-
tinua aquecido, o que me leva a acreditar que suas
empresas estão no caminho certo – ele sorriu lar-
gamente. Com um gesto de mão, me incentivou
a continuar. - Achei interessante aquele grupo
de estudantes cientistas, pena que não exista re-
curso suficiente para o projeto deles. Creio que
se tivessem investimento adequado, com certeza
obteriam um sucesso astronômico. Seria uma
grande vitória para a empresa que resolvesse in-
vestir neles.

Olhei-o de soslaio. Se ele pensava que me
sentia insegura na profissão que escolhi, estava
muito enganado. Robert suspirou e balançou a
cabeça concordando com meu discurso. Depois
retirou o prato de minhas mãos e levantou para
levá-los até a cozinha. Quando voltou estava
diferente. Muito mais parecido com o Sr. Carter,
com o qual eu trabalhava, do que com o Robert
que estava na cama comigo há algumas horas.

- Seus olhos não são apenas bonitos, mas são astutos também – iniciou nossa conversa. – E sua linda cabecinha não serve apenas para pensar em besteira – estreitei os olhos fazendo-o sorrir. – Na sexta-feira liberei o recurso necessário para o desenvolvimento do projeto deles. Teoricamente trabalham para mim agora e sou o dono exclusivo do progresso do projeto. Parabéns, Srta. Simon! Foi uma excelente análise – meu coração acelerou. Ele estava me elogiando? Não pelos meus dotes físicos ou sexuais, mas pela minha capacidade profissional. Uau!

- Foi um bom negócio, Sr. Carter – ele apenas concordou com a cabeça.

Ficamos algum tempo em silêncio. Robert parecia estar num conflito interno, com o corpo projetado para frente e os cotovelos apoiados nos joelhos. Os dedos cruzados e apoiando seu queixo, olhava para o vazio. Não me movi e evitei respirar, pois não havia forma de saber o que passava pela sua cabeça. Depois de um tempo pensando em, sabe-se lá o que, me olhou. Seus olhos haviam mudados outra vez express-

ando desejo e admiração. Minha pele formigou com aquela nova postura.

- Vem cá.

Chamou segurando minha mão e puxando-me para o seu colo. Eu fiquei sentada de frente para ele e sobre os seus joelhos. Robert se encostou ao sofá e suas mãos percorreram meu robe. O toque de seus dedos junto com a seda em minha pele era simplesmente inebriante. Perfeito! Rapidamente pude sentir o quanto ele me queria e meu corpo logo deu sinal verde para ele.

- Melissa! – sussurrou com desejo. Robert pronunciava meu nome como quem saboreia um doce. – Você é completamente afrodisíaca – puxou meu rosto com suas mãos para um beijo sedento.

O que eu tinha feito para que reagisse assim, não fazia a mínima ideia, entretanto estava adorando ser completamente afrodisíaca para ele. Era como ter super poderes e me deliciar com eles. A ideia de tê-lo em minhas mãos era alucinante.

Toquei seu peito nu, sustentando nosso beijo e deixei que minhas mãos chegassem aonde queriam. Mesmo por cima da calça Robert era incrível. Meus dedos correram todo o seu comprimento. O contato fez com que ele jogasse a cabeça para trás gemendo. Era demasiadamente gostoso assisti-lo sentindo prazer, principalmente, quando era proporcionado por mim.

Apertei a palma da mão em seu membro deixando-o sentir o quanto o queria e ele gemeu mais alto. Robert desamarrou o nó do meu robe me admirando com olhos famintos. Retirou a peça do meu corpo beijando meus ombros e alisando minhas costas de forma a levantar um pouco a camisola. Suas mãos desceram até minha bunda e ele a segurou e apertou com um cuidado extremamente sensual. Os lábios iam do meu pescoço ao ombro, mas seus olhos estavam em algum lugar atrás de mim. Olhei para trás curiosa e vi o que tanto chamava a sua atenção.

- Sr. Safado Carter.

Ele riu em meu pescoço, pois eu tinha acabado de surpreendê-lo olhando para o nosso

reflexo na TV atrás de nós. Como estava desligada, nossa imagem era refletida com perfeição. Ele havia levantado a camisola para vislumbrar a minha bunda. Achei engraçado e ao mesmo tempo quente. Muito quente.

Robert retirou a minha camisola, deixando-me apenas de calcinha, sentada sobre suas pernas. A pequena e frágil peça, que ele havia comprado para mim apenas para o seu próprio deleite. E que era tão minúscula no fundo que apenas seu laço podia ser visto. Eu me sentia fantástica.

Movimentei-me sobre a sua ereção no exato momento em que ele abocanhou um dos meus seios. Foi a minha vez de gemer. Robert brincava, lambendo, chupando e mordendo o bico já intumescido. Eu estava adorando.

Segurei seu membro e o tirei de dentro da calça, massageando-o em movimentos leves e com um pouco de pressão, enquanto minha mão subia e descia. Quando eu chegava à extremidade, fazia um movimento delicado e circular para que meus dedos acariciassem a ponta e depois

descia mais uma vez lubrificando toda a sua extensão. Ele gemia e se movimentava. Com garras fortes arrancou a minha calcinha, partindo-a em pedaços com apenas um puxão. O olhei assustada. Bem lá no fundo eu estava admirada e extasiada. Tinha sido sexy.

Não sei de onde tirou uma camisinha, porém, em poucos segundos, ela estava em seu pênis e em menos tempo ainda, Robert já estava me puxando, sentando-me com força sobre seu membro rígido e se afundando em mim. Gememos juntos. Eu sabia que meu órgão já reclamava pelo excesso, ao mesmo tempo em que eu podia senti-lo reclamar por mais contato.

Foi o conflito mais gostoso que já vivi. Porque a cada subida o alívio se apresentava, porém a cada descida podia apreciar um misto extraordinário de dor e prazer. Como na banheira, meu corpo ganhou vida própria e me vi num movimento sensual e seguro enquanto o cavalgava.

Robert urrava de prazer quando eu o deixava quase fora de mim para depois rebolar trazendo-o de volta. Nunca fui tão ousada, en-

tretanto com ele, eu não apenas queria, mas precisava fazer, como quem carecia de ar, ou de água. Necessitava desesperadamente dele dentro de mim assim como ansiava por ouvir seus apelos e delírios.

Suas mãos percorriam meu corpo não permanecendo muito tempo em lugar algum. Ora ele acariciava e apertava a minha bunda, ora explorava meus seios, ora me conduzia pela cintura e ora me puxava pelos cabelos buscando a minha boca. Não sabia dizer do que gostava mais. Eu apenas gostava.

Nosso ritmo aumentou me deixando delirante. Deduzi, pela forma como reagia, que meu corpo anunciava uma explosão interna, talvez a maior de todas. Meus braços procuraram o sofá como apoio deixando Robert entre eles e rebolei com mais afínco recebendo-o cada vez mais profundo. Logo depois a sensação entorpecente me dominou.

Com a diferença de poucos segundos ele também se entregou. Houve uma distinção desta para todas as outras vezes que aconteceram no

decorrer daquele dia, ou de todas as vezes que transamos. Nós nos entregamos ao prazer olhando-nos nos olhos, assistindo um ao outro. Foi mágico e perfeito. Muito melhor que todas as outras vezes da minha vida.

Com a volúpia presente, e sustentando o nosso olhar, Robert acariciou o meu rosto. O seu, refletido pela pouca iluminação, que já anunciava a noite, parecia o rosto de um anjo. Eu não me cansava de olhá-lo. Só então percebi que nosso olhar era de reconhecimento. Ele me olhava como se estivesse me reconhecendo, de algum ponto do passado. Claro que era impossível. A nossa diferença de idade comprovava esta impossibilidade. No entanto o meu coração me alertava com a mesma sensação e compreendi que, na verdade, eu reconhecia que estava apaixonada.

Robert era tudo o que eu sempre busquei, mesmo sem saber. Era o que me completava, eliminava o vazio que há tanto tempo eu tentava preencher. Mas como? Seus olhos me diziam a mesma coisa, porém eu não podia acreditar. Tínhamos um acordo e nele não existia espaço para

amor. Ele era casado e não pretendia se separar, não naquele momento. Então por que me olhava daquela forma? Por que seus olhos me diziam que ele também tinha me reconhecido, que eu também era o que faltava para completar a sua vida? E porque me sentia como se estive enxergando a mim mesma, como em um espelho?

Desviei os olhos e agradei pela pouca luminosidade. Ele não podia perceber que eu estava prestes a chorar. Lentamente levantei e sentei ao seu lado no sofá, deixando a minha cabeça descansar no encosto. Era um turbilhão de pensamentos que não queriam me abandonar.

O barulho da chuva, batendo na porta de acesso a piscina, chamou a minha atenção. Inclinei-me para olhar em sua direção e Robert estava me olhando. Parecia tão assustado quanto eu. O que estava acontecendo? Sustentei seu olhar o máximo que pude, e então ele o desviou.

- Acho que preciso de um banho.

Saiu da sala sem mais uma palavra. Sem me perguntar se eu o acompanharia ou ao menos me dar um beijo. Simplesmente levantou e saiu.

Meu coração martelava e as lágrimas escaparam. Mordi os lábios reprimindo um soluço. Eu estava apaixonada por ele. O maior de todos os erros que poderia cometer. Deveria ser apenas sexo, nada mais do que isso. Mas eu me apaixonara.

Puta merda!

Depois do banho e, de uma imensa espera, Robert voltou totalmente recuperado do nosso choque. Eu já estava recomposta, usando minha camisola com o robe por cima, sem a calcinha, que jazia no sofá. Ele me abraçou forte e beijo meus lábios com ternura. Era como se nada tivesse acontecido.

Frio, distante, impassível e completamente frustrante. Puta merda!

Eu também havia tido tempo suficiente para recompor a minha máscara e resolvi jogar o mesmo jogo que ele. Conversamos besteiras e assistimos a mais alguns noticiários, com Robert sempre me fazendo perguntas a respeito do que achava interessante. Eu respondia a todas, mas, por dentro, a minha cabeça apenas agia mecan-

icamente, evitando que os pensamentos degradantes de outrora me invadissem mais uma vez.

Ele conversava normalmente comigo, contudo, não voltou a me tocar, o que me deixava ainda mais deprimida. A expectativa me corroía por dentro a cada movimento de suas mãos ou a cada olhar. Mas ele nada fazia. Antes das dez horas finalmente resolveu que deveríamos dormir. Segurou em minha mão e me conduziu até a cama, desfazendo-a. Quando deitamos, ele me beijou carinhosamente, depois com um simples “boa noite”, fechou os olhos e dormiu abraçado comigo. Em poucos minutos estava entregue ao sono.

Durante toda a noite travei uma batalha interna. O que havia descoberto não me deixava ter paz, principalmente com ele agarrado ao meu corpo, sua respiração aquecendo a minha pele e seu lindo rosto entregue ao mundo dos sonhos de maneira tão plena que, nenhuma espécie de problema ou confusão conseguia transparecer. Parecia um anjo dormindo. Eu queria tocá-lo, mas ele,

com certeza, acordaria, e eu não estava preparada para encará-lo.

Era quase uma da manhã eu não conseguia mais ficar deitada ao seu lado. Tentei ser cuidadosa o suficiente para me livrar de seus braços e desci da cama sem fazer barulho. Caminhei pela casa como um fantasma assolado por causas não resolvidas.

Não queria pensar. Muito menos discutir comigo mesma sobre o que permitira acontecer. Apenas tentava encontrar uma forma de calar a minha mente, deixá-la vazia para que o nada me trouxesse um pouco de paz.

A chuva insistia em castigar a noite. Caminhei até a porta de acesso a piscina, olhei pelo vidro deixando o tempo passar enquanto observava o vazio a minha frente. Era como se fossem minhas próprias lágrimas sendo derramadas.

Confusa e desamparada, comecei a sentir raiva de mim mesma. Não podia ser tão fraca. Tínhamos um acordo e este previa apenas momentos intensos onde ambos buscávamos apenas a nossa satisfação sexual. Como fui tola! A quem

eu queria enganar? Robert dominou meus pensamentos desde o nosso primeiro encontro.

- Mel? – ouvi Robert chamar por mim e me virei para encontrá-lo parado no alto da escada que levava até os quartos. Agradei a Deus por não estar chorando. Eu não queria que ele me visse desta forma. – Algum problema?

- Robert – contemplei a sua beleza estonteante enquanto ele descia em minha direção. Ele ficava maravilhoso só com a calça do pijama. – Não. Nada. Apenas não consigo dormir. Acho que já descansei demais à tarde e agora perdi o sono – ele pareceu não notar a minha apreensão.

- Você não estava na cama. Pensei que alguma coisa tivesse acontecido.

Alcançou-me para um beijo que permitia o encontro de nossos corpos. Era incrível como conseguia fazer com que todos os meus pensamentos e inseguranças evaporassem quando me segurava daquela forma, tão protetora e ao mesmo tempo dominadora e, acima de tudo, sexy.

- Não está cansada? – neguei apoiando minha testa em seu queixo. – Senti sua falta – um calafrio percorreu minha espinha.

Eu também estava sentindo a falta dele. A forma como suas mãos se abriram e me abraçaram apertado, me envolvendo completamente, deixou claro, o quanto e de que forma, ele sentia. Não precisei pensar para reagir.

Minhas mãos voaram para seus cabelos e envolvi seus lábios nos meus saboreando as delícias do seu beijo. Podia passar a eternidade beijando-o. Robert me levantou e eu preendi minhas pernas em sua cintura. Encostamo-nos a parede, onde ele me imprensou com gosto, passando as mãos pelas minhas coxas e levando-as até a minha bunda. Eu estava sem calcinha e isso o deixou ainda mais excitado.

Rapidamente estava dentro de mim. Todo o vazio da sua ausência foi preenchido imediatamente. Quando estávamos daquela forma, Robert fazia com que me sentisse como uma parte dele e não como um ser individual. Éramos uma única criatura e tal constatação me magoava. Fazia

minha alma sangrar, pois eu sabia que não podia esperar nada dele.

Meu amante arremetia com força, forçando-me a expulsar todo e qualquer pensamento que não fosse o que estava acontecendo. Ele me possuía e eu gemia entregue ao momento. Como o queria. Como gostava de estar com ele. Fugir? Desistir? Não tinha como. Eu já pertencia a ele.

Nossos corpos se moviam no mesmo ritmo. Eu sentia o frio da parede nas minhas costas e o calor de Robert a minha frente. Ele ia cada vez mais fundo, alcançando um ponto ainda mais distante do que já havia conseguido alcançar. Fechei os olhos não me permitindo pensar mais em nada, apenas nele e no quanto era prazeroso tê-lo totalmente dentro de mim.

Suas mãos, boca, dentes, língua e sexo dançavam em mim num balé perfeitamente ensaiado. Era um conjunto harmonioso e poderoso. Que me dominava sem deixar chances de fuga. Como se houvesse chance disso acontecer.

- Eu quero você, Mel. Quero unicamente para mim – gemia e espalhava beijos pelo meu rosto.

- Você já me tem. Eu. Sou. Só. Sua. De mais ninguém – implorei, naquele momento, para que ele fosse só meu também. Mas sabia que era uma batalha perdida.

- Sou louco por você, garota – rosnou enquanto me invadia com vontade.

Eu não conseguia ouvir mais nada. A felicidade se espalhava pelas minhas veias numa corrida alucinante. Meu coração acelerava enquanto o corpo sinalizava não conseguir mais conter o prazer eminente.

- Se entregue – a voz rouca desencadeou um turbilhão de sensações. Robert gozou imediatamente. Eu gemi alto, deixando que o orgasmo me consumisse.

Ainda ofegantes pelo esforço da nossa posição em que nos encontrávamos, escorremos pela parede até alcançarmos o chão e ficamos abraçados. Robert, muito lentamente, distribuía bei-

jos em meu rosto acariciando meus cabelos e costas.

- Precisamos tomar mais cuidado com nossas emoções – seu peito ainda acelerado pulsava em minha mão. – Você não me deixa raciocinar, Melissa. Transamos mais uma vez sem camisinha.

As palavras me atingiram com força, principalmente por eu saber o motivo da sua preocupação. Mas ele continuava com os braços firmes a minha volta e me aninhava em seu peito. Como conter a confusão que se formava em meus pensamentos que já ameaçava transbordar através dos meus olhos?

Precisava fugir da culpa que tentava me assolar. Ela podia ficar para mais tarde, quando eu estivesse sozinha e sem ninguém para me ver chorar.

- A culpa é sua. Nunca conheci ninguém com tanta disposição – ele riu.

- Vamos voltar para a cama. Teremos um dia cheio e precisamos descansar.

A tristeza pelo fim do nosso dia era grande. Eu não conseguiria apenas deitar ao seu lado e aguardar pelo fim. Por isso resolvi tomar um banho antes de me juntar a ele, e, quando finalmente fui para a cama, Robert já dormia como um anjo. O meu anjo.

CAPITULO 24

Eu podia vê-lo. Podia enxergar cada pedacinho dele. Robert estava parado, usando um dos seus paletós perfeitos que ficavam gloriosos nele. Os cabelos estavam arrumados com toda a sua formalidade. Ele estava encostado à mesa da sua sala, segurando-a, com as mãos em cada lado do seu corpo. Os olhos cinza tinham desaparecido deixando no lugar olhos negros, frios e implacáveis. Sentia medo da forma como ele me olhava, mesmo assim queria muito tocá-lo. Estar ao seu lado, dizer a ele que eu estava lá.

Avancei em sua direção, porém algo me manteve no lugar. Tentei mais uma vez e nada aconteceu. Eu sentia que avançava e algo me segurava, impedindo-me de alcançá-lo. Robert não se movia. Apenas me olhava analisando a situação.

O desespero tomou conta de mim. Eu não o queria daquela forma. Aquele não era o meu Robert, era apenas o Sr. Carter articulando uma ne-

gociação em que ele precisava ter cautela para não perder.

Esforcei-me, novamente, para alcançá-lo e algo me puxou com mais força. Robert me olhou com mais atenção inclinando seu corpo em minha direção como se para observar melhor o que havia além de mim. Foi quando olhei para trás e vi o que me puxava.

Tanya.

Linda com seu rosto perfeito, cabelo maravilhoso e traje adequado para uma mulher em sua posição. Ela me segurava pelos braços e seus olhos eram letais. Sua boca estava curvada num ângulo bestial. Iria me matar. Eu tinha certeza.

Tentei me desvencilhar e ela, sem muito esforço, me manteve no lugar. Puxei meus braços sucessivas vezes e nada. Olhei para Robert que continuava parado. Então entendi. Eu nunca o alcançaria. Tanya não permitiria. Senti que enfraquecia e as lágrimas me dominaram enquanto meu corpo afundava.

- Mel? – a voz dele me chamava, mas sua boca não se mexia. – Acorde! Acorde, Mel! – Estava mais urgente. – Acorde.

Abri os olhos e a claridade me avisava que já era dia. Como? Eu não havia adormecido há muito tempo. Lembro-me de ter ficado na cama observando Robert dormir até os primeiros raios de sol surgirem no horizonte.

- Está acordada? – só então o percebi inclinado sobre mim. Sua expressão confusa. – Você estava tendo um pesadelo? – parecia atordoadado. – Estava chorando.

Procurei pela minha voz e ela não estava lá. Seus dedos correram por meu rosto úmido. Levantei um pouco tentando me adaptar à realidade e tive uma visão mais ampla do meu amante.

- Você está vestido – minha voz saiu rouca e falha. Arranhava em minha garganta. Robert estava sentado ao meu lado, usando um paletó, como em meu sonho. Fiquei com o coração acelerado. Seus olhos me sondavam.

- Sim. Estava vindo acordá-la e a encontrei assim. Já é dia, precisamos voltar.

Oh, droga! Precisávamos voltar. Tanya. Ela nunca me deixaria alcançá-lo. Balancei a cabeça concordando e coloquei minhas pernas para fora da cama. Eu estava péssima. Trêmula. Com certeza não tinha dormido mais do que meia hora e ainda por cima o pesadelo... Suspirei.

- Você está bem? – Robert ainda estava preocupado.

- Sim. Só preciso de mais alguns minutos e estarei pronta – ele concordou e, após me olhar atentamente conferindo se realmente estava tudo bem, saiu do quarto.

Fui até o banheiro e encontrei uma escova nova ao lado da que imaginei ser a dele. “Sempre pensando em tudo”. Suspirei. Seria perfeito se não fosse tão errado. Robert era o príncipe que virou sapo.

Escovei os dentes, penteei os cabelos e voltei ao quarto. Precisava procurar pelas minhas roupas. Eram as únicas que eu tinha, principalmente a calcinha. Mas fui surpreendida.

Em cima da cama estava um vestido verde, com decote quadrado, próprio para quem vai ao

trabalho e não a uma boate e, um conjunto de lingerie branco. Mais um ponto para Robert. Talvez ele não tivesse se transformado totalmente em sapo. Quem sabe não fosse eu a “sapa”, esperançosa e iludida, acreditando que um beijo do príncipe encantado seria o suficiente para mudar toda a minha vida. Vesti-me e utilizei a maquiagem básica que graças a Deus tinha na bolsa. Nicole não deixaria passar.

Fui até a sala, onde o encontrei com uma torrada numa mão e uma xícara de café na outra. Robert estava de pé, assistindo o noticiário local. Passei direto indo até a mesa e peguei apenas uma xícara de café preto. Sentei de costas para ele tomando pequenos goles enquanto olhava para fora da casa.

A porta de acesso a piscina estava aberta. Do lado de fora, era tão lindo quanto dentro. Fiquei encantada, no entanto o sonho havia terminado. Estávamos de volta para a nossa realidade e, nela, Tanya atuava no papel principal.

- Não está com fome? – Robert chamou a minha atenção sentando a minha frente.

- Não. Estou muito cansada para pensar em comida – ele sorriu levemente.

- Nem interessada no noticiário – percebeu a minha apatia.

- Alguma coisa interessante? – tentei manter uma conversa normal.

- Ah! Acho que nenhuma novidade. O avanço das pesquisas com a energia nuclear e as maravilhas que se pode alcançar com ela. Mas isso nós podemos ouvir e ler quase todos os dias – balancei a cabeça concordando e depois ficamos em silêncio.

- Precisamos ir – falou baixinho, como se este fato o incomodasse também.

Levantei os olhos e o vi de cabeça baixa, olhos fixos no conteúdo da xícara. A maneira como estava agindo me dizia que algo mais o preocupava. Algo que poderia tirar a sua paz. O fato de eu usar ou não anticoncepcional. Claro!

- Ah! Tá. Preciso de apenas dois minutos – voltou a me olhar. – Preciso tomar minha pílula.

O informei como se fosse uma banalidade. Peguei minha bolsa e tirei de lá a pílula voltando

à mesa e pegando um copo de suco para ingeri-la. Ele me olhava atentamente.

- Anticoncepcional?

- Sim – seus ombros ficaram visivelmente mais relaxados e meu coração afundou no peito. Droga!

- Bom – desviou o olhar. Ainda havia outra coisa. Mas o que poderia ser? Ele nada falou.

De volta ao carro, Robert pouco conversou. Seu semblante me dizia que ainda havia um problema e eu estava quase convencida de que era eu. No entanto eu não queria ser. Se era isso, ele poderia ficar despreocupado. Eu nunca tentaria me impor em sua vida, como ele fizera comigo. Sabia exatamente qual era o meu lugar e não era ao seu lado, como ele estava deixando bem claro.

- Não vai me contar o que sonhou?

- Não sou muito boa nisso – ele me olhou rapidamente e depois voltou a sua atenção para a estrada. Ficou em silêncio aguardando. – Não costumo me lembrar dos meus sonhos – menti.

Ele balançou a cabeça como se concordasse com o que eu tinha dito.

- Eu gostaria muito de não me lembrar.

Era como se estivesse se confessando, pois consegui perceber a sombra de tristeza que pairou em seu rosto. Robert não fazia o estilo “lamentar a vida”, talvez por isso tenha conseguido se recompor rapidamente. Não demorou muito e estacionávamos em frente ao meu prédio. Eu nem havia percebido que ele estava indo naquela direção.

- É melhor que você vá em seu próprio carro – concordei e peguei minha bolsa. Robert me segurou pelo braço. – Melissa? – seus olhos estavam baixos. – Eu não sei como lidar com o que está acontecendo entre a gente – seus lábios se abriram e ele engasgou com suas próprias palavras. Fiquei observando-o lutar contra si mesmo tentando me dizer o que tanto desejava. – Eu gostaria de poder ser mais para você, infelizmente não posso. O que tenho para lhe oferecer agora é apenas isso e sei que não é o suficiente – meu coração disparou, ele ia me dar um fora?

- Acho que sou madura o suficiente para entender, além de ser responsável pelas minhas escolhas – lutei contra meu próprio peito que apanhava desesperadamente do meu coração. Minha vontade era segurar em meus joelhos e envolvê-los em meu corpo impedindo que ele se esvaia completamente.

- Sim. Você é. Eu tenho certeza.

Robert largou meu braço e voltou suas mãos para o volante. Era o meu momento de partir. Abri a porta e escorreguei para fora. Caminhei cambaleante em direção ao meu carro, parado no mesmo local que deixei no dia anterior, quando ele me levou para viver o dia mais fantástico da minha vida.

- Mel?! – me virei para observá-lo.

Robert estava fora do carro, vindo em minha direção. Alcançando-me muito rapidamente. Nervoso e felino. Uma combinação mais do que afrodisíaca. Meu coração parecia uma escola de samba.

- Não assim. Não desse jeito.

E me tomou em seus braços, beijando-me apaixonadamente. Nossos corpos reagiam a despedida. Eu podia sentir na ponta da língua o sabor do nosso desespero. No entanto ele me largou cedo demais. Precisei me apoiar no carro para recuperar o equilíbrio. Robert se afastou lentamente. Mesmo longe, ainda pude ouvi-lo.

- Estarei logo atrás de você.

Putá merda! Que homem era aquele?

Entrei no carro sem saber se teria condições de dirigir. Minhas pernas tremiam. Precisei de um longo minuto, com as mãos no volante, respirando forte para me recuperar. O que foi aquilo? O que ele queria me dizer? Era tudo tão antagônico.

Olhei pelo retrovisor e percebi que ele ainda me aguardava. Afastei os pensamentos e me concentrei em dar a partida, levando o carro na direção da empresa. Robert permaneceu atrás de mim o tempo todo, a uma distância segura, para não chamar atenção. Meus olhos corriam da estrada para o retrovisor e do retrovisor para a estrada a todo o momento.

Ele seguiu para o estacionamento dos deuses enquanto eu continuei procurando por uma vaga no estacionamento dos mortais. Quando consegui chegar ao elevador tinha perdido quinze minutos. Ele com certeza já havia subido. Aproveitei para reordenar meus pensamentos. Estava muito cansada e teria um longo dia pela frente.

Quando as portas se abriram e dei os primeiros passos, antes mesmo de chegar a minha mesa, pude vê-la. Tanya. Sentada à frente de Robert que a olhava sem expressão enquanto ela dizia alguma coisa. Pensei que não suportaria. O peso da culpa me atingiu por completo. Eu era a amante e há pouco tempo estava beijando o marido dela. Transando com o marido dela. Eu. A usurpadora, fingida, traíra... A amante.

Minha respiração ficou acelerada, e minhas mãos suadas, porém eu precisava me apresentar da melhor maneira possível ou então ela desconfiaria e isso não era desejado nem por mim, pois seria vergonhoso me ver nesta posição,

nem por Robert, que, segundo ele, tinha muito a perder.

Tirei meu *Iphone* da bolsa guardando-o numa das gavetas. Acessei minha lista de tarefas verificando as diversas reuniões do dia. Peguei o telefone e liguei para a sala dele. Meu coração saindo pela boca. Robert atendeu no viva voz de maneira metódica. Voltamos às formalidades. Que ironia!

- Sr. Carter, bom dia – sentia-me ridícula em agir desta forma.

- Bom dia, Srta. Simon – ele não demonstrava nenhum embaraço. – A senhorita está atrasada.

Bufei! “Que se dane o horário, merda!”. Tentei manter a calma.

- Tive alguns problemas no trajeto até aqui, e também com o estacionamento, senhor. Desculpe-me!

- Não se desculpe – respirei profundamente. Por que ele estava sendo tão idiota? “Ah tá! Ele sempre é assim”. Revirei os olhos. - Pre-

cisamos alinhar as agendas. Venha até a minha sala, por favor.

Meu sangue gelou nas veias. Eu não podia encarar Tanya como se não tivesse transado com o marido dela a noite inteira. Puta merda! Puta merda!

Calma, Melissa, você consegue. Você tem que conseguir, merda! Quem mandou aceitá-lo em sua vida? Por que não fugiu quando ainda era tempo? Ai meu Deus! Eu tive esta opção? Não.

Forcei minhas pernas a obedecerem ao comando. Valentia não era um dos aspectos fortes da minha personalidade. Não normalmente. Eu era uma covarde nata. Entrei em sua sala com o olhar especulativo. Como seria? Robert me olhou sem me transmitir nada. Era apenas o meu chefe mais uma vez.

- Sente-se, Srta. Simon – ordenou e eu obedeci sentando-me ao lado de Tanya.

- Bom dia, Sr^a Carter – evitei que meus olhos se prolongassem muito tempo nela.

- Bom dia, Melissa – ela me olhou nos olhos e eu desviei. – Você está com um aspecto péssimo. Noite muito agitada?

Oh, merda!

Sua voz era suave e um tanto quanto educada. Mas para mim foi como uma acusação. Um tapa na cara. Meu rosto ruborizou e minha boca ficou seca. Olhei covardemente para Robert, no entanto, ele olhava atentamente para o seu computador.

Meu chefe era um profissional na arte de dissimular. Agia de maneira tão natural que ninguém conseguiria acusá-lo das coisas que eu sabia que ele fazia. Como conseguia? Eu mal controlava a respiração descompassada e o suor que ensopava minhas mãos. Sofri ao constatar que ele estava acostumado a situações como aquela. Quantas vezes? Com quantas mulheres diferentes?

- Insônia – respondi brevemente ao perceber que demorei mais tempo do que o convencional para responder a uma pergunta simples e direta. – Sr. Carter... – Voltei minha atenção para

Robert. – Teremos reuniões durante todo o dia com diversos setores e também com clientes e fornecedores.

- Sim – fez algumas anotações em sua agenda. – Os documentos estão prontos?

- Para as duas primeiras reuniões, sim, senhor. Os demais, providenciarei no decorrer do dia - concordou com a cabeça.

- Preciso das planilhas e dos gráficos.

- Enviarei para o seu *e-mail* imediatamente, senhor – enviei através do meu celular, o que o deixou visivelmente satisfeito.

- Obrigado, Srta. Simon. Isso é tudo.

Levantei, agradecida por poder sair da presença dos dois, e voltei a minha mesa esforçando-me ao máximo para ficar de costas para eles. Imprimi todos os documentos solicitados. Depois providenciei o que era necessário para a sala de reuniões. Quando saí, o primeiro grupo chegou.

Robert e Tanya foram para a sala de reuniões e lá ficaram por quase duas horas. Estranhei a participação dela, mas ele tinha dito que a

esposa era uma grande acionista, então era justificável.

O processo se repetiu por mais duas vezes durante a manhã. Eu participei parcialmente das duas reuniões, a pedido dele, para anotar ou fornecer algumas informações, pois conhecia os contratos muito bem, devido a minha imensa curiosidade. Quando terminou a terceira reunião, Robert saiu com Tanya para almoçar, de mãos dadas, como se nada tivesse acontecido entre nós dois. Eles eram casados e pareciam felizes. Foi muito difícil tal constatação.

Almocei com Nicole. Alexa saíra para almoçar com Robert, Tanya e Bruno, como uma família feliz. Nick não quis ir e não me disse o motivo. Ficamos juntas remoendo nossas angústias. Pelo que entendi minha amiga parecia ter algum tipo de problema com Tanya, mas nem sempre foi assim.

- Éramos as melhores amigas. Inseparáveis, porém nossa família foi abalada por uma sequência de acontecimentos terríveis e Tanya não reagiu muito bem. Eu entendo o lado dela e re-

speito a distância que impôs. No início foi complicado, mas hoje, consigo ser indiferente. O que passamos, e o que eles passaram, deveria nos aproximar, no entanto, ao invés de nos fortalecer, nos enfraqueceu em diversos aspectos. Veja o relacionamento deles... – ela fez um movimento com as mãos como se estivessem diante de nós. – Todas as estruturas ficaram abaladas. Robert sempre venerou Tanya, mas depois de tudo... Não sei mais o que pensar.

Nick se calou e eu fiquei com sua última colocação na cabeça. “Ele venerava Tanya”. Uma mágoa. Talvez este sentimento o impedisse de externar o amor que ainda sentia pela esposa. Se ele a amou de verdade, com certeza esse sentimento ainda estava lá dentro dele. Como eu era tola!

- O que aconteceu? – enchi-me de coragem para perguntar, mesmo sabendo que apenas me magoaria mais.

- Desculpe, Mel, acho que Robert não iria gostar se eu contasse – pela sua careta tive certeza de que dela eu nada arrancaria sobre aquela história. Suspirei resignada.

- Tudo bem Nicole. E Paul? – mudei de assunto para o meu próprio bem.

- Maravilhoso, como sempre. Hoje está todo animado, por causa das reuniões com o conselho. Você sabe que ele faz parte, não é? - fiz que sim fingindo interesse pela minha comida.

- Tanya também, e é por isso que ficará por aqui esses dias.

Entendi que meu sofrimento se estenderia por mais algum tempo. Droga! Por que aceitei ficar com ele? Talvez fosse melhor esquecer tudo e colocar um ponto final antes que as coisas piorassem. Mas como poderia? Meu coração afundava e se partia só de imaginar não poder mais estar em seus braços.

- Por que você participará da reunião da tarde?

- Por que sou acionista, assim como Bruno, Robert, Tanya e Paul, sem contar Esme, mas Robert cuida das ações dela. Precisaremos estar presentes para acompanhar o destino das nossas empresas. Será uma reunião longa e chata. Eu já tinha dito a Robert que meu interesse é do mesmo

tamanho das minhas ações, mínimo – riu. – Não me sinto a vontade para participar. Ainda bem que meu irmão está lá por nós, apesar das circunstâncias – deixou o assunto encerrar. Mais enigmas. Aquele mistério todo estava tirando o meu juízo.

- Preciso voltar agora, Nick. Acho que nos veremos mais tarde – ela piscou para mim.

- Cineminha depois do expediente?

- Não. Preciso dormir – “preciso esquecer também”, quase acrescentei, mas preferi ficar calada.

- Ok.

A reunião da tarde foi claustrofóbica. Assisti a família inteira reunida, dentre eles Tanya a esposa, para analisar as melhores decisões e, todos ao meu lado, me tratando bem sem saberem o monstro que eu estava sendo. Respirar parecia insuportável. Era como se estivesse roubando isso deles também. O próprio ar.

Quando tudo acabou, agradei a Deus por poder voltar para casa. Meu corpo inteiro pedia cama, apesar dos mais de vinte cafezinhos que

havia tomado para conseguir manter a concentração durante o dia inteiro.

Fui dispensada por Robert sem nenhuma objeção, nenhum olhar cúmplice e, principalmente, sem nenhuma promessa de um até mais. Muito pelo contrário. Quando saí, ele e Tanya estavam numa conversa bastante animada. Eles ri-
am.

Tomei meu banho e me deitei esperando pelo sono. Contudo a expectativa era muito grande para me deixar dormir. Robert viria me ver? Ele se atreveria a aparecer? Eu queria que viesse? Talvez sim, para que pudéssemos conversar e terminar tudo. Estava cheia de coragem.

Muito provavelmente pediria demissão também. Não poderíamos estar juntos no mesmo lugar. Não depois do que acontecera entre nós. Puta merda! A mínima menção aos acontecimentos fazia com que meu corpo começasse a reagir. Eu não estava pronta para dizer adeus e esta fragilidade me destruía.

Era meia noite e ele não havia aparecido. Nenhuma mensagem, nem telefonema. Fui forte

o suficiente para não chorar. Infelizmente, não para me obrigar a dormir. Mais uma noite em claro e, com certeza, eu não resistiria.

No outro dia eu estava um lixo. Investi pesado na maquiagem e na quantidade de café. Meus olhos ardiam e minha capacidade intelectual estava completamente comprometida. Rezei para que ninguém me fizesse nenhuma pergunta difícil, como o local exato de algum contrato, por exemplo.

Mais uma vez fiquei abalada pela presença de Tanya, mesmo sabendo que a encontraria. Ela estava linda, como sempre, majestosa, enquanto eu a cada dia me sentia pior.

Trabalhei mecanicamente, apesar de diversas vezes me pegar olhando-o esperançosa de receber de volta um olhar tranquilizador, mas nada. Tanya se apossava de todos os seus minutos, sempre ao seu lado, se posicionando de maneira inteligente durante as reuniões. Robert tinha razão quando disse que ela sabia ser tão persuasiva quanto ele. Eles formavam uma grande dupla.

Outra tarde cansativa e tensa regada a muito café. Vários. Em espaços curtos de tempo. A todo o momento eu sentia que poderia me partir ao meio. Minhas forças estavam chegando ao fim. Trabalhei até mais tarde. No outro dia teríamos reunião no primeiro horário e eu precisava deixar toda a documentação organizada.

Por causa disso fui obrigada a ver Robert e Tanya saírem para jantar, acompanhados de alguns empresários que participaram da última reunião. Eles pareciam em perfeita sintonia. Mordi os lábios engolindo a amargura que tentava alcançar minha língua. Eu podia senti-la em meu estômago.

Voltei para casa para contemplar as paredes do meu quarto. Dois dias sem nenhum sinal dele. Nada que me levasse a crer que um dia estivemos juntos. Tudo parecia ter sido apenas uma ilusão, nada além de uma aventura. Mas, apesar de toda tristeza, eu tinha consciência de que o que vivia era exatamente o que eu merecia. Era no que dava se envolver com um homem casado.

Minha mãe sempre dizia que homem casado era a mesma coisa que natal sem Papai Noel, Ação de Graças sem peru, Dia dos Namorados sem beijo. Ele nunca estaria disponível mais do que algumas horas, porque a esposa sempre seria sua prioridade. Como fui burra!

Dean era muito mais seguro. Tudo bem que ele não era nenhum Robert, mas era o meu Dean, meu amigo e companheiro, que me entendia e me acalentava. Era presente, até mais do que eu desejava. Eu nunca ficaria sozinha numa cama fria. Não. Ele não permitiria. Meu coração apertou. Não. Eu não choraria.

Dormi por no máximo duas horas e meu sono foi presenteado com o mesmo pesadelo da noite em que passamos juntos. Tanya me segurando, impedindo-me de alcançá-lo, só que desta vez, lutei desesperadamente. Precisava ir ao seu encontro como se minha vida dependesse disso. Acordei ofegante e molhada de suor. Achei por bem não voltar a dormir.

Meu rosto recebeu uma cobertura maior de maquiagem e meu corpo uma quantidade superi-

or de café. Eu precisava ao menos conseguir me manter de pé. Vesti uma saia preta prensada e uma camisa, na mesma cor, de manga e gola alta. Soltei os cabelos para disfarçar um pouco mais a minha aparência abatida.

Cheguei, praticamente ao mesmo tempo que o “casal feliz”. Robert me olhou apenas o suficiente para me cumprimentar e Tanya se demorou um pouco mais me avaliando. Saí da sala para preparar mais café. Precisaria dele injetado na veia se quisesse sobreviver a mais um dia de tortura. Teria que me demitir. Não poderia demorar muito a fazê-lo.

Pensei em Nicole e no seu jeito meigo de ser amiga. Será que algum dia ela me perdoaria pelo que eu estava fazendo? Ou tinha feito? Era bem provável que nossa amizade ficasse estreme-cida.

Com o café em mãos fui à sala de reuniões depois de ter passado para o *e-mail* do meu chefe toda a agenda do dia, e dei início aos procedimentos, para que tudo corresse dentro do previsto.

- Toc, toc – ouvi uma voz familiar e me virei imediatamente.

Adam Simpson estava parado na porta da sala de reuniões. O terno aberto, deixando visível sua camisa cinza e uma linda gravata preta com traços grafite além de, claro, como sempre gostava de fazer, seus músculos bem definidos. Nada parecido com Robert, mas era bonito. Olhei para seu rosto infantil e ele sorria como se fôssemos grandes amigos.

- Sr. Simpson, bom dia – apressei-me a cumprimentá-lo.

- Melissa... Mel – corrigiu-se como se fosse um erro me chamar pelo nome. Normalmente detestava que alguém ultrapassasse a barreira do meu espaço pessoal e isso incluía tudo o que fosse íntimo demais, como meu apelido. Mas eu estava tão lenta e carente que sorri de volta. – Pode me chamar de Adam, eu prefiro – apenas concordei.

- Posso ajudá-lo em alguma coisa, Adam?
– seu sorriso foi escandaloso.

- Não. Só estou aguardando os outros participantes da reunião – continuou encostado à porta, seguindo-me com os olhos, como um cãozinho. Quase ri.

- Posso lhe servir alguma coisa? Um café, uma água?

- Não precisa se preocupar, mas se for me acompanhar, aceito um café.

Era uma excelente pedida. Café tinha se tornado a minha droga. Fomos juntos para a copa e nos servi. Ficamos por ali bebericando e conversando bobagens. Era fácil rir quando alguém queria tanto lhe agradar. Meu telefone tocou e fui apressadamente atender. Era o Sr. Carter, ou Robert, eu não conseguia mais raciocinar direito.

- Pois não, Sr. Carter? – meu tom de voz era desafiador. Não entendi o porquê.

- Srta. Simon, poderia me trazer as planilhas para que possa analisar antes de todos chegarem? – Ah! Era apenas aquilo? O que eu havia imaginado?

- Claro. Em dois segundos – as palavras saíram devagar. Meu raciocínio estava muito lento.

- Em um, Srta. Simon.

Havia raiva na voz dele ou era minha imaginação? Peguei a pilha de papéis que estava na sala de reuniões, já que os havia levado para lá, e fui para a sua sala. Minhas pernas tremiam e minha cabeça insistia em desistir. Abri a porta e caminhei em sua direção.

Robert me olhou, pela primeira vez em três dias e foi daquela forma, como se quisesse me consumir viva. O calor que se apoderou do meu corpo foi implacável e, quando percebi, já estava no chão. Tinha caído, em frente a eles e todos os papéis estavam espalhados pela sala. Não conseguia acreditar no que aconteceu. Eu não me dava muito bem com minha coordenação motora, mas estava conseguindo grandes progressos com os saltos então, como consegui cair?

Levantei o rosto e Robert me olhava aturdido, sua boca ligeiramente aberta. Tanya estava com uma sobrelheira arqueada, como se es-

tivesse olhando para um monte de lixo jogado ao chão. Levantei, tentando ser rápida, o que era quase impossível devido à minha letargia, consegui pegar os papéis e arrumá-los para entregar a ele.

- Você está bem? – perguntou esquecendo a formalidade.

- Perfeitamente – desviei o olhar, envergonhada da minha belíssima entrada. Meu queixo estava projetado para frente, como para enfrentá-lo. Era minha única defesa.

- Você não me parece muito bem, Melissa – Tanya acrescentou. – Notei que tem consumido bastante café. Está muito abatida. Dá para perceber, apesar da maquiagem, além de estar um pouco dispersa. Algum problema?

Pensei no que poderia dizer. Talvez eu dissesse: “Não. Apenas transei por um dia inteiro com o seu marido e, foi a melhor transa que já tive na vida. Só que, agora me descobri apaixonada e, para piorar a minha situação, ele vem me ignorando completamente por três dias.” No

entanto, infelizmente, não poderia dizer nada daquilo.

- Continuo com problemas para dormir, Sr^a Carter – baixeí a cabeça ciente de que Robert nos observava.

- Precisa procurar um especialista – sugeri.

- Acredito que não. Na verdade, acho que o problema está em minha cama – falei mais para mim do que para ela.

- O que há de errado com sua cama? – perguntou curiosa. Tive vontade de responder “está vazia demais”.

- Acho que deixou de ser confortável.

Robert olhou-me tão rapidamente que fiquei confusa e comecei a me questionar se o sorriso que se projetava em seus lábios era mesmo real.

O restante do dia se arrastou. Eu piscava a todo instante tentando me manter acordada. Meu limite estava muito próximo. Quando tudo terminou corri para pegar minha bolsa e saí correndo, porém Adam, de repente, apareceu à

minha frente. Estava acompanhado de Robert e Tanya.

- Mel. Que tal um jantarzinho para comemorar a boa fase?

Tive medo de olhar para Robert e descobrir que ele não se importava mais se outro homem me paquerasse. Seria demais para mim. Não suportaria. Não depois de três noites praticamente em claro e um dia exaustivo.

- Desculpe-me, Adam, mas preciso urgentemente recuperar meu sono.

- Noites agitadas? – seus olhos brilhavam. Tive que sorrir para ele. Que inocente.

- Não. Noites de insônia - admiti fugindo em direção ao elevador.

- Talvez seja melhor trocar de cama, Melissa.

Olhei para trás e Tanya estava sorrindo. Ela usara o duplo sentido para sugerir que eu deveria estar na cama do Adam. Que horror! Olhei para Robert um pouco assustada com a diretíssima que a sua esposa me enviou, contudo, ele apenas olhava para o lado.

Cheguei em casa e não tive ânimo nem de acender a luz, entrei diretamente no chuveiro, tomei um banho quente, rezando para que me ajudasse a relaxar o suficiente para dormir. Coloquei o roupão, sem me importar com as roupas íntimas. Ninguém apareceria para verificar se estava usando ou não. Fui até a cozinha, bebi um copo com água e voltei ao meu quarto.

Foi quando notei que tinha alguma coisa estranha.

Havia algo imenso e monstruoso lá. À espreita, tentando ser invisível na escuridão, mas eu conseguia ver. Acendi a luz e pude enxergar com nitidez. Minha velha cama havia desaparecido, em seu lugar estava uma imensa cama *King Size*, que não tinha a menor ideia de como conseguiu entrar num espaço tão pequeno. A roupa de cama cheirava a nova e fazia um perfeito conjunto com os travesseiros convidativos, todos os seis. Seis? Para que tantos? Em cima da cama flores e um envelope. Rosas brancas. Peguei com medo de descobrir de onde partiu tão brilhante ideia.

“Você tinha razão. Sua cama não era tão confortável. Espero que com estas suas noites sejam melhores. R.”

Meus olhos se encheram de lágrimas. Como ele pôde fazer aquilo comigo? Com que direito entrava em minha casa e trocava a minha cama por aquele monstro confortável. O que pensava que eu era? Porque tinha transado comigo se achava no direito de trocar a minha cama? Para que? Se nem ao menos vinha me visitar?

A campainha tocou me fazendo quase pular com o susto. Será que ele teria coragem? Eu bateria nele com as flores. Limpei as lágrimas que conseguiram escapar, deixei as flores sobre a cama e me arrastei até a porta. Meus pés estavam completamente pesados. Abri e, para minha surpresa, era Dean. Ele segurava um vinho numa das mãos e a outra estava apoiada na porta. Poderia ser perfeito, no entanto, para mim era desesperador.

- Mel? Você está péssima. O que houve? – ficou preocupado assim que me viu.

- Insônia – respondi sem a menor paciência. Ele me observou por meio segundo e depois concordou.

- Já faz um tempinho que não a vejo – levantou a garrafa, sorrindo. – Vim até a montanha – riu e eu tentei sorrir. Era informação demais.

- Desculpe, Dean, preciso mesmo dormir. Vou cair dura a qualquer instante – seus olhos se derreteram. Era tão difícil não querer agradá-lo.

- Nem uma taça? – respirei fundo. Tudo bem. Eu poderia aguentar um pouquinho mais. Abri a porta e o deixei entrar.

- Uma taça. E depois disso você vai embora, certo?

- Claro.

Foi direto para a cozinha. Dean conhecia muito bem o minúsculo apartamento e já estava familiarizado com tudo. Por este motivo, quando voltou, estancou em frente à porta do quarto.

- Uau! O que aconteceu com a velha cama? – abri meus olhos, um pouco assustada, sem saber o que responder. Não poderia dizer “meu amante, que também é meu chefe, resolveu me

presentear pelo dia de sexo selvagem e alucinante que dei a ele”.

- Ah! Resolvi trocar – ele me entregou uma taça e eu dei um longo gole. Puta merda! Por que não poderia apenas dormir e não acordar mais?

- Trocou com estilo. Isso é que chamo de investir pesado no sono. Agora será quase impossível a insônia perturbá-la – sorriu e não consegui retribuir. – Você está mesmo péssima.

- Minha cama não era tão confortável quanto eu imaginava – ri sozinha pela ironia. Bebi mais um gole enquanto Dean sentava ao meu lado. Deitei minha cabeça em seu ombro e, pela primeira vez em três dias, senti o sono chegando. Não percebi que tinha dormido de verdade.

- Tudo bem – ele disse me despertando. – Acho que devo colocá-la na cama – olhei-o surpresa. – Você cochilou em meu ombro enquanto eu a colocava a par da minha semana. Acho que está na hora de dormir.

- Não quero. Vou ficar no sofá – não me deitaria naquele monstro. No dia seguinte faria

um escândalo exigindo a minha antiga cama de volta.

- No sofá? – fiz que sim já de olhos fechados, sentindo o sono me abraçar. – Tudo bem – apaguei.

CAPITULO 25

Senti mãos fortes me levantarem e que algo escorria de mim, talvez um cobertor, abandonando meu corpo. Estava tão cansada! Meus olhos se negavam a abrir. Ele me apertou em seu peito enquanto me segurava como uma criança. Entendi que Dean me levava para cama. Não para a minha cama, mas para aquele monstro que Robert teve a ousadia de deixar em meu quarto. Reuni minhas forças e me debati em seus braços.

- Não. Deixe-me no sofá – meus movimentos eram lentos.

- Algum problema com a cama? – a voz grossa, rouca e doce de Robert invadiu meus ouvidos como uma perfeita melodia. Meu coração acelerou. – Pensei ter comprado a melhor e você a despreza? – deitou-me sobre a cama. Eu não conseguia raciocinar direito. O que eu tinha mesmo para dizer a ele além da imensa saudade que sentia?

- Robert! – chorosa, envolvi meus braços em seu pescoço. Ele riu baixinho. As lágrimas caíram sem minha permissão.

Até aquele momento eu não tinha percebido o motivo da minha tristeza. Sabia que me arrependia por ter deixado que tudo acontecesse e que havia cometido um grande erro ao me apaixonar por ele, só não imaginava que, todas as lágrimas derramadas de indignação ou humilhação, eram também lágrimas de saudade. A ausência de Robert era um imenso vazio em meu peito. Um buraco gigantesco e doloroso que só fechava ou parava de sangrar quando estávamos juntos. Eu estava perdida.

- Eu... Eu senti... Eu pensei... Eu...

Não conseguia encontrar palavras para dizer como estava me sentindo, simplesmente porque não havia palavras que pudessem esclarecer o que realmente se passava dentro de mim. Era tão confuso e ao mesmo tempo tão claro para mim.

Ainda assim, mesmo sabendo perfeitamente o que sentia, não podia contá-lo. Eu

sempre fui uma péssima jogadora, não seria daquela vez que faria diferente, mas Robert tinha deixado claro que o amor era a única carta proibida naquele jogo.

- Eu sei, Mel. Eu também – murmurou em meu ouvido. Então nada mais tinha importância.

Nenhuma raiva, nada do que eu tinha jurado fazer ou dizer. A única coisa que importava era que ele estava ali, em meus braços, de volta para mim, dizendo que foi ruim para ele também. Não consegui conter os soluços.

- Shiiiiiiii, Mel. Não chore! – ele passava as mãos em meu rosto limpando as lágrimas que caíam sem conseguir impedir que as novas descessem. – Mel! Não faça isso. Não me condene também, eu... – puxou forte o ar. – Não imaginava que poderia ser assim. Por favor! Acalme-se – eu me sentia uma criança chorando pelo brinquedo quebrado e estava muito vergonhada da minha reação.

- Você...

Engoli as palavras. Não tive coragem para dizer o que estava pensando. Eu queria acusá-lo

de ter me ignorado, de não se importar comigo ou com o que tínhamos vivido, mas o que podia cobrar dele? Sempre soube como seria. Robert foi bem claro quando definimos as nossas regras. Era tudo um jogo.

- Eu sei. Não tive escolha. Tanya ficou desconfiada e aproveitou as reuniões para pegar no meu pé. Não podia colocar tudo a perder, não agora que estou quase conseguindo.

- Conseguindo o que? – analisei seu rosto que, mesmo no escuro do quarto, era perfeito. Robert desviou o olhar indeciso sobre o que deveria me contar. Sua boca formou uma linha fina.

- É difícil, Mel. Não quero você envolvida com os meus problemas. É triste, doloroso e sujo demais para que possa entender - não contestei, ele estava lá e era o que importava no momento. Robert se voltou para mim e com seu rosto muito próximo ao meu hesitou sobre o beijo. – Como senti a sua falta!

Sua voz estava baixa e fraca, quase um sussurro. Imaginei se ele, assim como eu, tinha

medo de que qualquer barulho nos acordasse daquele sonho. Sim, um sonho. Porque era difícil demais acreditar que estávamos juntos outra vez.

- Foi tão difícil olhar para você todos os dias e não poder tocá-la – seus dedos acariciaram meu rosto. Senti-me em chamas. Meu corpo cobrava os momentos que perdêramos.

- Eu não estava preparada – não deixei que nossos olhos quebrassem o contato permitido pela pouca luminosidade do ambiente.

- Eu sei. Eu também não.

Afastou-se um pouco, quebrando a expectativa do beijo. Tive vontade de voltar a chorar. Depois de três dias sendo alimentada apenas por lembranças, ter os seus lábios era o mínimo que eu poderia desejar.

- Você está cansada, acho melhor dormir. Conversaremos mais tarde.

- Não. Já dormi o suficiente – não queria perdê-lo tão rápido. Não queria amargar mais, sabe-se lá quantos dias, até que ele resolvesse aparecer outra vez.

- Mel, eu não vou aguentar mais um dia assistindo você como um zumbi. Descanse!

- Não quero dormir – estava entrando em desespero novamente.

- Não vou a lugar nenhum, ficarei aqui com você.

- Mas...

- Tanya viajou. Foi resolver algumas coisas ligadas à empresa. Acabei de deixá-la no aeroporto. Posso respirar aliviado agora.

Não sei se meu corpo relaxou completamente com a informação que tinha acabado de receber, ou se o próprio Robert sentiu que o peso saía de suas costas e por isso o clima mudou completamente. De repente eu sentia mais medo, nem arrependimento, como se a distância de Tanya diminuísse a nossa sensação de erro.

Ele levantou, tirou a camisa e os sapatos.

- Não gostou da cama? – consegui sorrir de verdade pela primeira vez em três dias.

- Ela não está de acordo com os meus princípios – meus olhos gulosos analisavam seu corpo.

- Por que está dormindo de roupão? – fiquei corada, não estava vestindo nada por baixo.

- Peguei no sono, não tive tempo para tirá-lo – agradei a Deus por Dean não ter tentado me deixar mais confortável.

- Acho que essa é uma boa hora para fazer isso.

Naturalmente, e completamente à vontade, ele tirou as calças. Tenho que ressaltar que meu chefe era um escândalo quando vestido. Seus ternos caros, alinhados e um físico tão perfeito, faziam com que ele impressionasse qualquer mulher, apesar disso, eu ainda achava que vê-lo despir-se era infinitamente mais impactante.

Pensei duas vezes no que deveria fazer, mas era Robert ali e nada neste mundo me impediria de tê-lo outra vez. Lentamente tirei o roupão revelando a minha nudez. Ele suspirou e passou as mãos pelos cabelos. Era nítido que eu havia conseguido mexer com seu autocontrole. Puxei o edredom e passei por cima de mim. Ele

hesitou, mas acabou cedendo e se deitando ao meu lado. Só de cueca.

Eu estava insegura, não sabia como agir, mas considerei que era um absurdo me sentir daquela forma. Não éramos estranhos. Ele passou um braço pelas minhas costas e me puxou ao seu encontro. Sua pele quente tocando a minha era realmente um incentivo. Deitei meu rosto em seu peito e deixei que minhas mãos repousassem nele. Meus seios roçavam sua pele.

- Pare de me provocar, Melissa – a mudança em sua voz era indiscutível. Ele me desejava. Subi minha perna passando pelo seu membro verificando o quanto já estava pronto e parei em sua cintura.

- Senti sua falta – arrisquei-me a dizer. Robert correu as mãos em minha cintura e girou o corpo se posicionando sobre mim.

- E eu senti a sua imensamente.

Putá merda!

Finalmente pude sentir seus lábios. Uma faísca percorreu minhas veias enquanto ele movimentava sua boca na minha. A língua pediu

passagem de maneira gentil e eu cedi deliciada com a sensação de experimentá-la mais uma vez. Robert me explorava com os lábios. Nosso beijo era como se o mais puro mel estivesse sendo degustado.

Movidos pelo instinto, iniciamos a nossa dança nos movendo conforme o desejo. Ele roçava as mãos em meu corpo nu, deixando que seus dedos demonstrassem a falta que sentia de mim. O calor de seus lábios abandonou minha boca, mas imediatamente aqueceu meu corpo, pois a língua deslizou em minha pele, despertando as borboletas adormecidas em meu estômago, até alcançar meu pescoço. Era maravilhoso. Não tive escolha a não ser dar-lhe livre acesso.

Ao mesmo tempo em que explorava meu pescoço, ora passando lentamente a ponta da língua, ora mordiscando e chupando de maneira selvagem, sua mão correu até a minha coxa puxando-a para cima. Robert então se posicionou em no meu centro, pronto para me possuir. Como eu o queria.

Entretanto meu amante não era homem de encurtar a conversa. Eu já devia estar acostumada a sua forma de transar, se é que era possível se acostumar a algo que não se comparava a nada. Quando todas as expectativas estavam suspensas no ar, aguardando pelo momento em que eu seria preenchida, ele não me penetrou.

Ainda com o ar preso nos pulmões, fiquei entorpecida com a sensação dos seus lábios abandonando meu pescoço e alcançando meus seios. Robert os sugou avidamente. Puta merda! Meu gemido foi quase um urro.

Sentir Robert outra vez em meu corpo era como voltar a respirar, como se tudo estivesse voltando ao seu devido lugar. Era perfeito, harmonioso, correto e adequado.

Ele arrancou a cueca, deitou-se sobre mim, me penetrando quase que no mesmo instante. Meu chefe também tinha urgência. Foi revigorante. A dor incômoda se misturou o prazer de recebê-lo. Movimentei-me ainda mais faminta dele, fazendo-o gemer.

- Com calma, meu bem. Da última vez ficamos machucados – o risinho que ele deixou escapar, um pouco deliciado, um pouco convencido, lançou seu hálito quente em meu pescoço. Fechei os olhos, delirante de desejo.

Robert se movimentava lentamente, ganhando cada vez mais espaço no meu interior. Agarrei seus cabelos. Imediatamente comecei a imitar seus movimentos lentos e sensuais. Ele aprovou a minha atitude, e como recompensa, fui presenteada com seus gemidos, que aumentavam e se intensificavam a cada investida. Eu sorvia seus gemidos como um estimulante.

- Céus, Mel. Nunca vou me acostumar a você – era exatamente como eu me sentia em relação a ele.

Seus movimentos ganharam mais força e eu podia senti-lo cada vez mais fundo. Minhas pernas, que pareciam possuir vontade própria, se abriram mais um pouco para recebê-lo. Com mais espaço, Robert conseguiu se encaixar melhor e, com isso, chegar mais fundo. Arfei deliciada.

- Isso meu bem.

Com o corpo parcialmente levantado acima do meu, sustentado pelos braços. Robert conseguia se mover em mim, e me observar recebê-lo, ao mesmo tempo. Era demasiadamente gostoso estar sobre o seu olhar. Então, dominado pela intensidade do nosso momento, ele fechou os olhos e gemeu. Foi um gemido repleto de prazer. Pude vê-lo estremecer e morder os lábios buscando por controle.

Lentamente entrava e saía de mim. Saboreando cada contado, cada avanço. Sentindo o meu corpo perfeitamente encaixado em seu membro. Eu o acompanhava. Dançava conforme seus passos e buscava todas as formas de satisfazê-lo. Minhas mãos exploravam o seu corpo, matando saudade da sua pele e dos seus músculos rígidos e bem definidos.

Robert emitiu um gemido mais urgente e seus movimentos aceleraram. Pensei que logo estaríamos em nosso ponto comum. Aquele lugar onde éramos arremessados quando o prazer não cabia mais em nossos corpos e explodia em forma de orgasmo, no entanto, logo em seguida ele saiu

levantando os quadris e se apoiando sobre os braços.

- Não. Ainda não – seus lábios se comprimiram em uma linha fina e os olhos ficaram fechados. Controlando-se para continuarmos.

- Por que não? – não entendia o motivo da sua recusa. Estávamos tão perto!

- Porque quero prolongar este momento. Confie em mim – abriu os olhos e me encarou. Ainda felino, selvagem, porém completamente controlado. Puta merda! Como conseguia? O sorriso torto estava lá e quase dei piruetas de alegria por poder visualizá-lo mais uma vez. Concordei aceitando suas condições. Todas as vezes que Robert me pediu para confiar nele o resultado foi maravilhoso, então por que não?

Ele se abaixou, roçando levemente seu sexo entre minhas coxas enquanto os lábios distribuíam beijos em meu rosto, orelhas, pescoço até alcançar meus seios já extremamente sensíveis. Com os dentes, pressionou um bico e o puxou para cima com cuidado para não me

machucar, mas com força suficiente para me fazer gemer de prazer.

Sua boca em meus seios e seu pênis roçando minha entrada era quase alucinante. Fazia com que eu ficasse ainda mais molhada. A expectativa estava me deixando latejante e meu sexo realmente pulsava.

Uma de suas mãos desceu até o centro de minhas pernas e me acariciou. Estas se abriram como se tivessem sido acionadas. Arqueei o corpo de tanto prazer. Deus! Eu ia gozar a qualquer momento e ele ainda brincava?

Seus lábios voltaram aos meus, mas não houve o contato, Robert estava acima, quase tocando, contudo sem concretizar o beijo. Ansiosa e delirante de prazer, levantei o rosto buscando por ele. Algo me dizia que esta era a ligação que faltava para que meu corpo inteiro se desintegrasse, consumido pelo choque do toque tão almejado. Robert sorriu e mordeu meu lábio inferior, puxando-o com cuidado. Gemi alto.

- Calma! Ainda não, Mel – sua mão me abandonou. Senti-me vazia imediatamente.

- Robert! – choraminguei implorando.

- O que? – propositalmente ele deixou que uma fração mínima de seu membro rígido adentrasse em mim. Puxei o ar com a expectativa, mas ele apenas brincou e me deixou outra vez.

- Não faça isso. Não aguento mais.

- Vou brincar com você, meu bem – sua voz era divertida e repleta de desejo. - Mas da maneira mais gostosa possível.

Fui puxada com vontade e acabei ficando de joelhos sobre a cama. Devo reconhecer que se estivéssemos em minha antiga cama, teríamos caído. A nova estava sendo muito útil, o que me fazia lembrar que teria que agradecer pelo presente.

- De costas para mim, Mel.

Sua voz ganhou um tom autoritário fazendo com que toda a minha pele se arrepiasse. Ah Deus! Eu me espedaçava sob o seu comando, pois sabia muito bem como a nossa transa ficava quando ele agia daquela forma: insuportavelmente deliciosa.

Obedeci.

- Isso! – tão logo me posicionei ele assumiu seu lugar atrás de mim. As mãos escorreram em minhas costas parando em meus quadris. – Agora apoie as mãos na cabeceira, você vai precisar.

O aviso era verdadeiro. Não consegui identificar qual era o sentimento dominante no meu íntimo. Expectativa e ansiedade, ou medo? Mais uma vez obedeci. Robert me segurou pelos quadris e meu corpo ficou inclinado. Eu podia sentir minha excitação prestes a escorrer pelas pernas.

- Agora, minha doce Mel, diga o que você quer.

Robert encostou seu corpo ao meu para que pudesse sentir seu membro roçando em minha bunda enquanto descia uma das mãos até o centro de minhas pernas tocando meu clitóris com uma leve pressão. Foi o suficiente para me fazer ofegar.

- Você, Robert.

Não tinha autocontrole suficiente para fazer o seu joguinho. Responderia tudo corretamente e com a máxima urgência possível. Não

suportaria que ele continuasse a sua brincadeira naquela região. Se o fizesse eu me partiria em um milhão de pedaços, Porém seus movimentos suavizaram não permitindo meu alívio.

- Eu sei, meu bem. De que forma?

Seu membro penetrou em meu corpo, não totalmente, mas o suficiente para me fazer fechar os olhos com o prazer. No ângulo em que estava era possível senti-lo preenchendo cada parte das minhas paredes já sensíveis e latejantes.

- Dentro de mim, Robert, por favor! – eu estava quase chorando implorando para que me deixasse gozar. Seus dedos brincavam com meu corpo enquanto lentamente me adentrava.

- Você tem sido uma boa menina, Mel, merece mais do que isso. Merece ter duplo prazer – cada célula do meu corpo reagiu a suas palavras e eu queria acreditar que elas fossem verdadeiras. Ansiava pelo duplo prazer que ele me prometia.

- Por favor, Robert! – implorei novamente.

- Seu desejo é uma ordem.

Entrou completamente e gemeu alto quando sentiu o meu limite. Seus dedos pres-

sionavam com vontade meu clitóris em movimentos que imitavam um triângulo de cabeça para baixo. A sensação era indescritível. Eu podia senti-lo das duas formas e, aos poucos, o impacto fulminante do orgasmo foi me atingindo.

Robert intensificou o movimento das suas mãos diminuindo os movimentos dos seus quadris. O orgasmo chegou me rasgando de dentro para fora e eu gritei em êxtase enquanto ele me puxava com a outra mão mantendo seu membro totalmente dentro de mim.

- Isso, Mel. Assim, meu bem – sua voz carregada de prazer causou calafrios em minha pele.
– Agora, outra vez.

- O que?

Eu mal havia me recuperado da emoção alucinante do orgasmo quando ele reiniciou suas estocadas. No princípio apenas entrava e saía me fazendo ganhar o seu movimento, mas rapidamente alcançamos o ritmo necessário. Eu sentia toda a minha parede latejando enquanto Robert entrava e saía me tocando por todos os lados.

A sensação absurda de prazer foi me dominando e não tinha se passado nem um minuto do meu orgasmo anterior. Ele me segurou com força pelos quadris e arremeteu com vontade, e eu, inesperadamente, fui fulminada pelo segundo orgasmo, enquanto Robert gemia meu nome e se entregava ao dele.

Minha respiração estava acelerada. Meu amante ainda me segurava junto a ele sem sair de dentro de mim. Lentamente, fomos nos recuperando. Ele me liberou para que eu pudesse me deitar, totalmente esgotada. Minha mente escorregava para o sono. Estava exausta. Robert me virou para si. Meu corpo agia como se não tivesse vida. Sentia-me uma boneca nas mãos dele.

- Durma agora, Mel. Teremos um longo dia pela frente – apenas consegui sentir seu calor ao meu lado e depois a inconsciência total.

A claridade da manhã preencheu meu quarto. Foi tudo um sonho? Não. Eu sentia Robert colado em minhas costas. Sorri satisfeita. Ele estava comigo. Mais uma noite juntos. Mais uma regra quebrada. Virei-me procurando pelo

seu rosto e o encontrei acordado. O cinza de seus olhos era perfeito à luz da manhã e seus cabelos desgrehados completavam o quadro como uma linda pintura. Ele me observou e depois sorriu.

- Bom dia – meu sorriso de satisfação foi imenso.

- Bom dia – me aconcheguei a seu corpo que demonstrava reagir a proximidade do meu.

- Não devo abusar muito de você – beijou meus lábios e se afastou um pouco. Gemi em protesto. – Mel, eu passaria todo o meu tempo dentro de você, mas este não é o melhor momento. Você está com déficit de sono. Não quero vê-la se entupir de café durante o dia inteiro – beijou-me com carinho e me abraçou com força. – Haverá outros dias.

- Hoje é sexta – reclamei.

- E qual o problema? – levantou sentando-se na cama, mas virou-se para me olhar.

- Amanhã você tem que ficar em casa e domingo desaparece para seus segredos – não consegui evitar o biquinho infantil que se formou em meus lábios. Ele riu.

- Neste caso, acho que preciso dar-lhe algo a mais para que possa aguentar até segunda – carregou-me nos braços, me fazendo soltar um gritinho pela surpresa. – Espero que seu banheiro seja grande o suficiente para nós dois. Não tenho como trocá-lo – gargalhei sentindo meu ventre formigar de ansiedade.

Nosso banho, apesar de rápido foi intenso. A mistura de sabonete, espuma, óleo de banho e das mãos de Robert em meu corpo me fizeram chegar ao ápice rapidamente levando-o junto comigo. Ele tinha mãos fortes e conseguiu me manter erguida, presa ao seu corpo, enquanto nos beijávamos e me penetrava com vontade. O chuveiro derramando água quente em nossas peles contribuiu muito para o nosso prazer.

Saí do banho um pouco antes do meu chefe, envolvendo uma toalha nos cabelos para conseguir secá-los mais rápido enquanto escolhia uma roupa. O tempo era curto. Optei por uma calça branca e uma camisa vermelha de mangas com um laço solto caindo ao lado do meu pescoço. Sequei os cabelos enquanto Robert se

vestia e me maquiei sem muita preocupação. Minha pele corada e o brilho dos olhos demonstravam o quanto a minha felicidade era real.

Entrei na sala e ele estava com a TV ligada assistindo ao noticiário. Fiquei alguns segundos admirando-o. Robert não era nada adequado à minha casa simples e pequena, mas ao mesmo tempo parecia pertencer a ela. Fui para a cozinha e providenciei café e torradas com geleia. Tirei o queijo da geladeira e o deixei sobre a bancada da cozinha americana. Esta era a única maneira de uma cozinha caber dentro de um apartamento tão apertado. Meu chefe, atento à TV, caminhou até o banco próximo a ele e se sentou me aguardando.

- Não temos muito tempo para panquecas, então se dê por satisfeito com torradas e queijo.

- Eu estou satisfeito – serviu um pouco de café para nós dois.

Aproveitei para assistir ao noticiário também, como tínhamos feito no nosso primeiro dia. Quando acabou, desligou a TV e voltou sua atenção para mim. Olhei-o admirada com a sua capacidade de comandar tudo em minha vida, até

mesmo o meu controle remoto. Mas preferi deixar passar.

- É estranho – disse rindo da sua piada interna.

- O que é estranho?

- Tomar café da manhã com alguém. Há muito tempo não faço isso, salvo quando estou em reunião e esta exige, normalmente faço primeira refeição do dia, sozinho.

- Você e Tanya não tomam café da manhã, juntos? – eu não tinha intenção de saber da vida dele com a esposa, mas era curioso que ela fizesse marcação tão cerrada e não estivesse presente durante os cafés da manhã.

- Não. Tanya detesta acordar cedo. Normalmente saio de casa enquanto ela continua dormindo. Quando precisa acordar mais cedo, como aconteceu nestes últimos dias, o café da manhã é desprezado – suspirei sem saber o que dizer. – Sempre foi assim – sempre?

- Há quanto tempo estão casados? – ele me olhou atentamente antes de decidir falar. Este também era um assunto proibido?

- Há muito tempo – mais um pouco de indecisão. Quase desisti de saber. - Começamos a namorar quando ela era ainda uma adolescente e nos casamos quando terminou a faculdade – cruzou os braços no peito aguardando por mais perguntas.

- Você a amava? – puta merda! Eu era sádica? Meu peito se apertou aguardando a resposta.

- Sim. Eu não me casaria sem amor – continuava me olhando aguardando por mais. Sentia um bolo se formando em minha garganta.

- Vocês têm filhos? – esta era outra resposta que não estava pronta para ouvir. Os olhos dele se abriram e sua boca se tornou uma linha. Respirou com mais intensidade. Era um problema para ele?

- Não – limitou-se a dizer.

- O que aconteceu? – deixei que meus olhos caíssem para minhas mãos.

- Como assim? – sua voz ficou mais áspera. Um pouco recriminatória. Eu o estava incomodando com tantas perguntas.

- Se você a amava, o que aconteceu para que decidissem se separar? – Robert passou as mãos pelos cabelos e respirou fundo, depois olhou para seu relógio.

- Precisamos sair agora ou vamos nos atrasar – assunto encerrado.

Ele levantou retirando nossos pratos da mesa e foi em direção à cozinha. Ajudei levando o que restava. Robert parou subitamente observando algo. Eu estava atrás e não sabia do que se tratava. Provavelmente alguma coisa que o fez sentir vontade de trocar também. Estava ficando insuportável aquela mania de interferir em minha vida. Eu já estava armada de argumentos quando ele virou para mim com os olhos estreitos.

- Recebeu visitas ontem? – minha boca abriu e fechou. Dean. Droga! Já nem me lembrava mais daquele detalhe. Ele tinha deixado o vinho e as taças sobre a pia.

- Ah! Dean esteve aqui ontem – admiti timidamente. Robert colocou os pratos dentro da pia e segurou forte em suas laterais.

- Fico sem aparecer alguns dias e você coloca outro em sua cama? – acusou-me. Fiquei com muita raiva das suas palavras. Quem ele pensava que eu era?

- Primeiro que eu não coloquei ninguém na minha cama – deixei o que tinha na mão sobre a pia e peguei a esponja para começar a lavar. Precisava ocupar minha mente para não fazer nenhuma besteira. – Segundo, devo lembrá-lo que esta casa ainda é minha, apesar de você ter se apropriado da chave e se sentido no direito de trocar a minha cama. Portanto, recebo quem eu quiser – ele passou as mãos nos cabelos e caminhou pela minha minúscula cozinha. Estava com raiva. – Dean esteve aqui ontem e trouxe o vinho, mas eu estava muito cansada. Apenas tomamos uma taça e ele foi embora – omiti o fato de eu ter dormido antes dele ir.

- Ele trouxe o vinho? E você acha certo? – tentava conter a raiva na voz.

- Robert – olhei fixamente para ele. – Não tive tempo de conversar com ele ainda, ok? Por

enquanto, ele continua acreditando que temos um relacionamento.

- Acredita que pode transar com você – acusou.

- É. Acredita que pode transar comigo. Que mal há nisso? Não é assim que você pensa também?

- Você é absurda, Melissa! – explodiu. – Não o quero perto de você. Não quero Adam Simpson perto de você. Não quero que nenhum outro homem se aproxime de você.

- Precisaria ser muito mais presente para conseguir impedir – o desafiei. – Você passou três dias se exibindo com sua esposa e não tive direito de cobrar nada. Agora aparece querendo colocar ordem no pedaço? Faça-me um favor, Robert! Depois eu que sou absurda – voltei minha atenção para os pratos.

- Nós temos um acordo.

- E eu estou cumprindo. Mas estamos em desigualdade neste quesito.

Ele ia falar, mas se conteve. Ao invés disso, caminhou em minha direção de maneira

feroz e me agarrou com força. Senti medo da intensidade dos seus olhos e da força das suas mãos.

- Escute bem e grave o que vou dizer, Melissa – falou por entre os dentes. – A próxima vez que ele aparecer aqui, vou prendê-la naquela cama por dois dias inteiros, entendeu? VOCÊ. É. MINHA. Não vou permitir que nenhum outro homem toque no que é meu.

Eu queria rebater, mas achei melhor me calar para não piorar a situação. Seria mais fácil do que continuar brigando. Além do mais, se permanecesse desafiando-o daquela forma, ele poderia resolver aplicar o castigo no mesmo momento. Seria no mínimo complicado.

- Não acho ruim passar dois dias presa a cama, desde que você esteja comigo, é claro! – seus olhos suavizaram e uma pequena chama se acendeu neles. – Se você me garantir que vai cumprir sua promessa ligo para Dean agora mesmo pedindo para vir aqui – Robert me beijou de maneira selvagem e minhas pernas ficaram bambas.

- Não brinque comigo, Melissa. Você não sabe do que sou capaz – ele ainda me mantinha presa ao seu corpo.

- Vou brincar com você, meu bem. Mas da maneira mais gostosa possível – repeti suas palavras, provocando-o.

- Vamos embora antes que eu não resista e a leve para a cama novamente.

O dia foi tranquilo. Eu estava satisfeita. Robert aproveitou que não havia nenhuma reunião marcada, e a ausência de Tanya, para mexer comigo durante o dia inteiro. Achei até que estava se arriscando demais, alisando a minha cintura quando eu passava por ele ou almoçando comigo e rindo despreocupadamente.

No final do dia, ele me chamou a sua sala. Obedeci me sentindo leve. Nenhum vestígio do sofrimento dos dias anteriores. Sorri, devolvendo o sorriso encantador que ele me enviava. Robert me acompanhou com os olhos até que eu parei de frente a sua mesa.

- Mel, você está lembrada da nossa viagem na segunda-feira, não é? – seu olhar era enigmático.

- Nossa viagem? – ele revirou os olhos.

- Dubai, Mel.

- Eu sei. Só não entendi o “nossa” – gesticulei demonstrando nós dois. Robert abriu um lindo sorriso.

Eu sabia que teria que acompanhá-lo, mas não levava em consideração esta hipótese, já que as coisas tinham mudado e ele temia que Tanya descobrisse. Seria muito mais seguro se eu ficasse.

- É lógico que não vou a Dubai sem a minha secretária.

Fiquei parada sem saber o que dizer. Não podia me recusar a ir, nem queria, e também não podia dar piruetas por vê-lo cometendo este ato indiscreto.

- Qual o problema? Abgail me acompanhou em quase todas as viagens e você já sabia que teríamos este compromisso – meus olhos se estreitaram. Abgail? Não fiquei muito satisfeita

com a forma como ele falou sobre companhia da minha amiga em suas viagens. – Antes que você formule mil perguntas, não. Eu nunca tive nenhum relacionamento com Abgail além do profissional.

- Mas você a chama pelo primeiro nome.

- Isso também é normal. Abgail trabalha para mim há alguns anos. Estávamos sempre juntos. Além do mais, eu chamo você de Srta. Simon simplesmente porque acho extremamente sexy transar com a minha secretária – seu sorriso torto iluminou o ambiente. – E também, sendo você quem é, foi necessário para não chamar a atenção de Tanya – meu sorriso se desfez. Sempre Tanya. Ela nunca me deixaria alcançá-lo, como no sonho.

- Então será um risco muito grande viajarmos juntos – cruzei os braços e levantei uma sobrancelha em desafio. Muita infantilidade, eu sei.

- Não. Tanya sabe que você deve me acompanhar e não tem argumentos contra isso. Além do mais Paul, Frank, nosso diretor jurídico, e Adam Simpson também irão. Tive o cuidado de

modificar algumas coisas. Abigail tinha deixado tudo resolvido, mas considerando a nossa situação, liguei para Dubai e solicitei as mudanças dos quartos. O seu ficará próximo ao meu e haverá uma passagem interna entre eles.

- Quartos conjugados? – eu analisava a situação ansiosa e temerosa ao mesmo tempo.

- Mais ou menos.

- Bom... Você é meu chefe. Não tenho como me negar a acompanhá-lo.

- Não está satisfeita?

- Estou, mas também com medo – seu sorriso foi diminuindo até ficar quase apagado. Robert acomodou os cotovelos sobre a mesa e cruzou as mãos.

- Não encostarei um dedo em você, Mel, se esta for a sua escolha – falou sério voltando a ser o CEO. Foi a minha vez de revirar os olhos desfazendo aquele clima tenso entre nós dois. Robert voltou a sorrir com vontade.

- Você está ciente de que Paul é irmão de Tanya? – ele concordou com a cabeça, debochado. – E que Adam é como se fosse irmão

deles também? – seu sorriso se desfez, assim como o seu deboche.

- Vamos conversar sobre esta repentina aproximação entre você e o Sr. Simpson – enfatizou o “Sr. Simpson”. Meu sorriso foi diabólico.

- Adam? – seus olhos se estreitaram – Ele me pediu para chamá-lo assim, além do mais, sua esposa parece estar torcendo para que eu troque realmente de cama, porém pela do “irmão dela”.

- Não se preocupe, darei um jeito nisso – ameaçou. Senti medo pelo que ele poderia fazer. – Agora preciso ir. Vejo você na segunda? – uma pontada de tristeza alfinetou meu coração. Era o fim de semana e não teria nada dele. – Mel? – Robert me chamou notando a minha apatia.

- Sim. Claro! – tentei ser simpática.

- Não se preocupe com o fim de semana. Tenho um trabalho extra para você. Acredito que terá dois dias bem divertidos.

- Sério? – fingi estar animada e ele entendeu minha farsa.

- A pasta com toda a documentação relacionada às nossas reuniões está aí? – assenti com a cabeça. – Ótimo! Nela estão as pesquisas mais recentes sobre o mercado de Dubai e o que estamos procurando, além de todos os detalhes sobre as empresas com as quais vamos nos reunir e sobre a fusão. Quero que a leve para casa e faça um relatório com a sua opinião sobre as negociações.

Meus olhos ficaram imensos. Ele queria uma análise minha? Estava me pedindo para fazer um relatório? Aquilo era demais! Meu coração dava cambalhotas. No entanto, logo em seguida lembrei-me que aquilo era só mais uma maneira dele ocupar o meu tempo enquanto não podíamos estar juntos. Talvez até de me impedir de encontrar com Dean ou qualquer outra pessoa, enquanto ele não estava por perto para me controlar.

- Uma bela maneira de passar o fim de semana – constatei desanimada. Eu queria muito fazer o relatório para ele. Queria que valorizasse a minha opinião. Queria principalmente me

destacar no meio em que tanto desejava me inserir. Mas não daquela forma.

- Sua cabeça é uma caixinha de minhocas, Melissa. Não estou fazendo isso para controlar e muito menos enganar você. Realmente quero saber a sua opinião – fiquei sem reação.

- Você ouve os pensamentos das pessoas? – fingi espanto. Ele riu.

- Tanya volta hoje mesmo, o que me força a ficar dois dias sem ver você e isso vai ser ruim para mim também, por outro lado, teremos quatro dias juntos em Dubai.

- Claro! Quatro dias românticos e felizes em Dubai. Eu, você, Paul, Adam, Frank e todos os outros que estarão ao nosso lado durante... Deixe-me ver... – bati com o dedo indicador nos lábios fingindo pensar. – Todas as horas do nosso dia? – ele riu.

- Quando ninguém estiver olhando, vou comer você como nunca comi antes. Dubai será inesquecível – seus olhos viraram chamas e meu corpo se acendeu nelas. Eu esperaria ansiosamente pela nossa viagem.

CAPITULO 26

O sábado foi cansativo. Talvez mais cansativo do que todos os outros dias da semana, porque era o dia em que eu tinha que ficar com Tanya. Não obrigatoriamente com Tanya, mas tinha que cumprir com a farsa do “casamento perfeito”. Mais uma das loucuras impostas pela “minha esposa”. Não sabia o que ela pretendia com aquela palhaçada, já que nosso acordo tinha data certa para chegar ao fim, mas não podia deixar de cumprir enquanto ele ainda estivesse valendo. Eu tinha muito a perder.

Como sempre acontecia, passei a manhã fazendo atividades físicas com meu *personal trainer* na academia instalada em meu apartamento, mais uma forma de manter o controle sobre tudo. Após almoçarmos, porque ao menos aos sábados almoçávamos juntos, mesmo que em silêncio, fiquei horas trancado em meu escritório. Era o único lugar seguro dentro da minha própria residência.

Tanya havia mandado instalar câmeras pela casa inteira, inclusive no meu quarto, numa tentativa frustrada de conseguir provas contra mim e com isso me derrotar no jogo, além de monitorar a minha busca pelo que tanto almejavamos: a senha.

Como sou tão obstinado quanto ela, sempre estou um passo a frente, instalei câmeras imperceptíveis antes que Tanya pensasse em fazer a mesma coisa e por causa disso descobri quando e como ela agiria. Consegui manter o escritório limpo, infelizmente não tive a mesma sorte com meu quarto. Ainda bem que ela teve a decência de poupar o banheiro.

Não tranquei a porta para não chamar atenção, mas assim que entrei enviei uma mensagem para Tom solicitando as novidades a respeito de Melissa e Dean. Só de pensar nos dois na mesma frase me fazia ficar com raiva. Melissa estava destruindo todas as minhas defesas. Eu a queria para mim, apesar de saber o quanto era arriscado. Além de ter a certeza de que ela não suportaria tudo o que precisaria passar para con-

tinuar ao meu lado. Então porque não conseguia me livrar daquela fixação?

“Já estou no escritório. Aguardo relatório”.

Tom estava incomodado com tantas exigências a respeito da minha secretária e o seu ex... Qualquer coisa. Eu ansiava por mais, porém estava ficando fora de controle aquela minha... Obsessão por Melissa. Há muito tinha deixado de ser medo de uma possível armação de Tanya.

Foi uma enorme surpresa constatar que ela realmente não sabia que eu era casado. Santo Deus! Como eu poderia imaginar? Todos na empresa viviam comentando sobre os relacionamentos que envolvem a família Carter, como eu iria saber que decidiram ser discretos justamente com a minha secretária? Era muito improvável que isso acontecesse. Bem que eu imaginei que era muito estranho ela ter se rendido com tanta facilidade na Grécia.

Tom tinha me enviado mais um relatório informando que tanto Melissa quando Dean não possuíam nenhuma ligação com Tanya. Não poderiam estar envolvidos com alguma armação

dela. Os agentes de Tom passaram dias seguindo o rapaz, enquanto a vida da minha secretária era virada ao avesso. Nada foi encontrado.

Mesmo assim, não consegui desviar a minha atenção dela. Melissa era encantadora, além de muito gostosa na cama. Mas isso não deveria ser o suficiente para gerar em mim aquele sentimento de posse que não me dava paz. Ela havia deixado de ser um perigo para se tornar um grande risco. Porque, teoricamente, não deveria estar me relacionando com uma funcionária do grupo, o que poderia facilmente dá a Tanya a carta necessária para finalizar de vez com o jogo.

Contudo tornou-se impossível deixá-la sair da minha vida. Era sexo? Diversão? Facilidade de acesso? Eu não sei. A única coisa de que tinha consciência era de que a queria para mim. Por isso incumbi ao Tom, no mesmo instante em que Melissa saiu do meu escritório ofendida pelo fato de eu ser casado, de continuar seguindo-a e monitorando as suas ligações.

Foi assim que descobri e consegui impedir todos os seus encontros com aquele... Aquele

rapaz. Eu já o odiava antes mesmo de conhecê-lo. Não podia deixar que continuasse colocando as mãos no que era meu. A situação poderia ser resolvida de uma maneira mais fácil. Era só piscar os olhos e ele estaria longe da minha vida, principalmente da dela, no entanto, precisa ter certeza de que Melissa não se incomodaria se ele fosse transferido para a Turquia, por exemplo.

Melissa era ainda mais complicada do que imaginei. Era forte e decidida quando queria. Recusou diversas vezes a ideia de que não poderia ficar longe de mim, assim como eu não queria ficar dela. Foi difícil, mas com jeito consegui fazê-la entender que não havia mais saída. No final das contas estávamos juntos, mesmo com toda a culpa que ela insistia em carregar por ter aceitado ficar comigo.

Pensei que seria mais fácil, porém não foi. Melissa não suportou a pressão da presença de Tanya, que não facilitava em nada. Na verdade não tivemos tempo suficiente para que eu pudesse prepará-la para o que era o meu jogo com

a minha esposa. Eu fingia muito bem e Tanya era ainda melhor do que eu.

Todos acreditavam que o nosso “casamento” ainda existia. Para os negócios era uma grande arma, pois Tanya era uma ótima executiva, cuidava da nossa questão social e fazia um trabalho incrível como esposa determinada e preocupada com as consequências das decisões do seu marido. Ela era uma bomba ambulante.

Quando finalmente colocarmos um ponto final neste casamento de mentira não sei como conseguirei conter a explosão que será do seu afastamento. Sim. Porque eu precisava colocar Tanya longe de mim para o resto de nossas vidas.

“Já pensou em procurar um psicólogo? A garota continua sendo uma santa, enquanto o rapaz continua tentando recuperar a namorada. Você já tem tudo o que quer”.

Suspirei. Tom nunca entenderia.

“Continue atento”.

Era uma questão de honra. Melissa era minha. Somente minha. Não suportaria a ideia de outro homem tocando no que era meu.

Depois de vê-la tão abatida, lutando contra o próprio corpo para suportar a humilhação de estar no papel de amante, como ela mesma já tinha deixado claro que sentia, fiquei completamente fora de mim. Mel era frágil e constatar isso deveria me afastar completamente, no entanto, ao invés de recuar, me vi comprando uma cama incrível para ela, pela internet, e pedindo a Tom que remanejasse alguém para receber e alojar o meu presente, além de se desfazer da antiga cama da minha secretária.

Ansiei pelo momento em que poderíamos desfrutar do meu presente. Melissa era o tipo de mulher que me fazia fantasiar o dia inteiro. Principalmente quando agia de maneira tão profissional e corava quando eu ultrapassava qualquer limite. “Melissa! Eu posso lhe fazer enrubescer de tantas maneiras. Existem tantas coisas que ainda quero experimentar com você”. Minha secretária era uma promessa, o que me deixava ainda mais fascinado.

“Hoje é sábado e deveríamos estar atentos a Tanya. Tive que deslocar pessoal para seguir

sua secretária e o namorado, tudo por causa da sua obsessão. Tanya está agindo.”

Merda!

“Contrate novos agentes. Quero todos sendo vigiados, vinte e quatro horas por dia. Não aceito nada menos do que isso.”

Melissa estava insegura. Tudo bem que tínhamos fechado um acordo e ela estava cumprindo com tudo o que eu determinei, mas ainda não tinha despachado o idiota que acreditava que ainda podia levá-la para a cama. O que estava me enlouquecendo. Este era o ponto. Melissa não o tinha afastado e eu não conseguia estar presente por tempo suficiente, como ela desejava.

Para piorar a minha situação, Adam estava obstinado em conquistar a minha secretária e Tanya, não sei ao certo o porquê, parecia concordar com seu interesse. Este foi um dos motivos para que eu começasse a acreditar que as duas não eram cúmplices, pois, algumas vezes, acreditei que minha esposa via o interesse do

“irmão” como uma forma de afastar Melissa das minhas garras.

Claro que Melissa não correspondia, mas eu estava tão ligado aos meus problemas e tão cheios de cuidados e receios que facilmente ela poderia se sentir carente, ou magoada suficiente para ceder às investidas dele, ou de qualquer outro. Precisava resolver logo a nossa situação.

Tanya parecia perceber que algo havia mudado. Eu estava diferente. Lógico que ela notaria. Há muito não estava tão preocupado em fingir para agradá-la. Quase enlouqueci de ansiedade quando ela precisou viajar me deixando livre para finalmente poder tomar Melissa em meus braços. Era uma viagem arriscada para mim. Precisei enviar um dos meus para acompanhá-la.

O encontro de Tanya com Isaac Hudson para conversarem sobre o Fórum de Davos estava me deixando com um pé atrás. A primeira conversa entre eles foi tranquila, mas a nova, fora do estado, era estranho demais para deixar que pas-

sasse despercebida. No entanto fiquei mais relaxado. Tanya longe, Melissa perto.

Insisti que deveria levá-la ao aeroporto. Dei a desculpa de ser madrugada. Tanya não demonstrou se importar, mas eu sabia que aquilo a deixaria mais alerta. Corri para a casa de Melissa, ansioso demais para verificar como ela estava e para estrear a cama também. Queria saber como tudo estava.

Estacionei o carro de frente ao prédio sem me importar com a segurança. Sabia que em algum lugar por ali, dois homens estariam atentos a todo o movimento existente no local. Abri a porta usando a minha chave. Tudo estava tranquilo e escuro. Mas Melissa estava no sofá e não na cama nova. O que havia de errado? Caminhei até ela e a observei. Estava mais magra e abatida, porém dormia como um anjo. Olhei a cama. Era mesmo muito bonita, restava saber se era confortável. A equipe de Tom tinha feito um ótimo trabalho.

Por que Melissa estava deitada no sofá? Precisava corrigir o equívoco. Parei ao seu lado sem saber ao certo como fazer. Mel pela primeira

vez em dias dormia tranquilamente. Pelo relatório que tinha recebido, a casa tinha estado em atividade durante toda a madrugada nos últimos três dias. Receei acordá-la. Olhei para cama um pouco sem saber como fazer, mas optei em carregá-la e deixá-la dormir logo em seguida.

Ela acordou. Como pude acreditar que seria diferente? Não esperava pela sua reação. Mel chorou. Não de raiva como já tinha sido antes, mas de tristeza. O que eu estava fazendo? Não podia mantê-la naquela merda de história. Tanya a destruiria com muita facilidade. Entretanto não consegui afastá-la, muito pelo contrário. Melissa fragilizada era ainda mais desejável. Eu a queria em meus braços. Em minha cama. Em minha vida.

- Eu sei, Mel. Eu também – tentei acalmá-la. Melissa parecia estar destruída. - Shiiiiiii, Mel. Não chore!

Preferia que ela me afrontasse, que me dissesse o quanto estava sendo um canalha e até que ameaçasse terminar tudo entre nós dois. Seria muito mais fácil reverter a situação tendo que lid-

ar com a raiva dela do que com a tristeza. Era algo que me desarmava. Já existia tantos motivos para me sentir culpado pelo sofrimento das pessoas que me cercavam, não queria incluir Melissa nesta lista. O peso já era sufocante demais.

– Mel! Não faça isso. Não me condene também, eu... Não imaginava que poderia ser assim. Por favor! Fique calma.

Ela não reagia, apenas chorava e tentava articular algumas palavras. Expliquei a ela que precisava tomar cuidado com Tanya, no entanto não poderia, em hipótese alguma, deixar que Melissa entrasse mais fundo no poço de lama que era a minha história com a minha esposa. Não sabia até que ponto ela entenderia que tudo não passava de um teatro. O problema era que Tanya interpretava muito bem e eu lutava para não errar o meu papel.

Tentei fazer com que ela mudasse o foco e a única forma de conseguir com que minha secretária, e agora amante, parasse de fuçar o que realmente acontecia em meu casamento, era deixando claro para ela como me sentia em re-

lação a nós dois. Melissa estava envolvida demais para não se sensibilizar com demonstrações de carinho.

- Foi tão difícil olhar para você todos os dias e não poder tocá-la – acariciei seu rosto percebendo que realmente a falta era maior do que eu imaginava. Gostava da pele dela, do cheiro, do rubor em seu rosto... Puta que pariu! Eu gostava demais da garota.

- Eu não estava preparada.

Ah, Melissa! Você nem imagina o quanto esta situação é delicada. O que estou permitindo que viva é apenas a ponta de um iceberg.

Fiquei muito inseguro com o que estava acontecendo. Pela primeira vez em anos, não sabia se o que estava fazendo era justo. Depois que descobri... Depois de tudo o que aconteceu... Eu tinha deixado de ser uma pessoa com sentimentos amorosos. Infelizmente esta era a mais pura verdade. Tinha uma meta, um objetivo e relacionamentos amorosos só atrapalhariam, porém Melissa mudou tudo. Talvez o melhor fosse afastá-la, quem sabe um dia...

- Você está cansada, acho melhor dormir.
Conversamos mais tarde.

- Não. Já dormi o suficiente – não poderia ser diferente.

Apenas a sua voz, tentando ser forte e decidida, mas deixando claro que encobria o medo em me deixar partir, foi o suficiente para me fazer mudar de ideia. Ela me olhava suplicante e aquela reação mexia comigo como não acontecia há tempos.

- Por que está dormindo de roupão? – Melissa ficou deliciosamente constrangida com a minha pergunta. Oh Deus! Eu tinha certeza de que não havia nada por baixo daquele roupão, apenas sua pele maravilhosa e seu corpo esplêndido. Como não ficar excitado?

- Peguei no sono, não tive nem tempo de tirá-lo.

- Acho que essa é uma boa hora para fazer isso – e outras coisas mais.

Tirei a roupa percebendo seus olhos gulosos em mim. Melissa tinha um jeito todo especial de demonstrar seu interesse sexual. As out-

ras mulheres eram mais atiradas, diziam logo o que queriam, mas a garota a minha frente me olhava com olhos suplicantes, cheios de desejo, ao mesmo tempo em que desviava o olhar, envergonhada por tal cobiça, corando deliciosamente. A reação silenciosa do seu corpo era o que mais me excitava. Seus lábios se abriam um pouco, os seios subiam e desciam como se ela ofegasse e a pele...

Ah, a pele! Melissa costumava ficar inteiramente arrepiada quando estava excitada.

Ela tirou o roupão, de maneira ousada, e deixou que seu corpo nu ficasse a minha disposição. Eu a queria inteiramente para mim. Queria poder estar nela de todas as maneiras possíveis. Não dava para ignorar aquele desejo absurdo.

Aos poucos fomos nos entregando. Deixei que meu corpo se acostumasse ao dela, matando a saudade do seu cheiro e toque, mas logo controlar-me tornou-se algo impossível. Percorri seu corpo com as mãos sentindo e admirando cada pedacinho, enquanto saboreava seus lábios

incríveis. Apalpar o seu corpo e beijar seus lábios não era tudo o que eu desejava naquele momento.

Deitei sobre ela deixando que nos encontrássemos de maneira mais íntima. Poderia encurtar a conversa e possuí-la imediatamente, na verdade, eu ansiava para estar dentro dela, porém Melissa merecia muito mais do que uma trepada rápida. Acalmei a ansiedade dissipando a minha atenção em beijos distribuídos pelo seu corpo, dando maior atenção aos seios. E que seios!

Eu adorava aquela parte dela. Adorava poder senti-la na ponta da minha língua ou completamente em minha boca. Adorava a forma como Melissa arqueava o corpo quando eu colocava meus lábios em seus seios. Adorava a forma como ela fechava os olhos tão perdida em seu prazer e como seus lábios entreabriam deixando escapar gemidos incríveis. Começava a acreditar que adorava tudo nela.

Fiquei em êxtase.

Enlouquecido.

Não dava para controlar a minha vontade de possuí-la. Tentei, mas foi em vão. Melissa ar-

fou dengosa quando adentrei o seu corpo sem nenhum aviso prévio. Apesar da vontade incontável eu precisava ir com calma. Nossos últimos momentos juntos tinham deixado consequências um pouco dolorosas. Melissa era um tesão ambulante e me deixava fora de controle.

- Com calma, meu bem. Da última vez ficamos machucados – diminui o ritmo forçando-a a me acompanhar. Minha vontade era invadi-la com tudo e sentir sua carne lutando contra a minha, mas Melissa estava fragilizada e precisava de muito mais do que eu pensava em oferecer a ela. - Céus, Mel. Nunca vou me acostumar a você – pelo menos não com a forma como ela agia na cama ou como o seu interior pulsava ao redor do meu pênis.

Eu podia sentir suas paredes apertadas se contraindo ao me receber e relaxando quando eu saía dela. Melissa era a luxúria em forma de mulher, principalmente quando gemia entregue ao prazer que eu a proporcionava além da maneira como rebojava buscando se adequar melhor a mim. Por Deus, eu não aguentaria muito tempo.

- Não. Ainda não.

Melissa protestou, mas eu queria prolongar o nosso momento, senti-la um pouco mais. No dia seguinte Tanya estaria de volta e não teríamos mais tanto tempo. Queria encontrar uma forma de eternizá-la em mim, assim como me eternizar nela, para que os próximos dias não fossem tão sacrificantes ou sofridos.

Para mantê-la ainda empolgada e não estragar tudo antecipando o meu prazer, preferi tocá-la ao invés de possuí-la. Melissa adorava quando eu a acariciava. Suas pernas se abriam aceitando as minhas mãos e seu corpo se movimentava para melhor receber o contato. Puta que pariu! Até daquela forma ela conseguia arrancar de mim os desejos mais intensos.

- Calma! Ainda não, Mel – ela choramingou implorando por mais. “Por Deus, Melissa! Eu posso fazer o diabo apenas com as suas suplicas”. Tinha vontade de... Ah! Eu tinha tantas vontades!

- Vou brincar com você, meu bem. Mas da maneira mais gostosa possível.

Não conseguir evitar que meu desejo ditasse as regras. Eu queria ver Melissa entregue, aturdida de tanto prazer. Vê-la implorar por mais. Que ela desejasse estar apenas comigo, por que apenas eu poderia atender aos seus mais profundos desejos.

Sem pensar fiz com que ela ficasse de joelhos sobre a cama e ordenei que virasse de costas. Melissa sabia a hora exata de obedecer e recuar. Seus atos, todos eles, me excitavam, até mesmo quando ela me desafiava. Naquele momento, eu a queria submissa e neste quesito, a minha amante era mestra.

- Isso. Agora apoie as mãos na cabeceira, você vai precisar - “Porque eu vou tão fundo em você, Melissa, que não sei as consequências dos meus atos”. Pensei sem conseguir controlar a vontade de estar outra vez dentro dela. Seria do meu jeito.

- Agora, minha doce Mel, diga o que você quer – “Vamos Melissa, me dê o que eu quero”. Rocei meu pênis em sua deliciosa bunda, que um dia, em um momento mais adequado, também

seria minha e coloquei meus dedos no meio de suas pernas fazendo-a ofegar.

- Você, Robert – caralho! Como a sua voz dizendo o meu nome e o quanto me queria conseguia arrancar de mim o mais forte de todos os tesões.

- Eu sei, meu bem. De que forma? – sendo mais forte do que eu, a vontade de dominá-la, acabei me deixando levar um pouco mais além, com isso a penetrei voltado a sentir a deliciosa sensação que era estar em um meio tão quente. Ela pulsava de maneira intensa. Rapidamente chegaríamos ao fim.

- Dentro de mim, Robert, por favor! – foi o suficiente para acabar com o resto do meu equilíbrio.

Transamos de maneira absurdamente deliciosa. Fiz Melissa gozar em meus dedos para logo em seguida me acompanhar em outro orgasmo. Ela ficava surpresa com esta minha capacidade, só não sabia que na verdade dependia mais dela do que de mim. Era ela quem permitia

que aquilo acontecesse, eu apenas a conduzia pelo melhor caminho.

Melissa era inocente demais para entender o poder que tinha sobre mim, e infelizmente, sobre muitos outros homens, nem sequer imaginava a deusa que era na cama. Ao menos comigo ela era, com os outros... Nem queria imaginar.

- Durma agora, Mel. Teremos um longo dia.

“Sua linha está limpa. Vou te ligar”.

Tom quebrou o meu devaneio tirando-me das lembranças. Tranquei a sala e fui ao banheiro. Quanto mais distante estivesse dos ouvidos de Tanya, mais fácil seria conversar com meu investigador.

- Robert, é o seguinte: Melissa Simon passou o dia inteiro em casa, salvo o momento na lavanderia. Ligou para a mãe e o pai e recebeu uma ligação de Dean Bailey, que queria encontrá-la, mas ela recusou e deu a desculpa do relatório que precisava preparar. O rapaz não está muito

satisfeito, mas concordou com a imposição dela. Até o momento nada mudou. Os dois continuam sob controle.

- Ótimo! Continue de olho neles.

- Cara! A garota não é uma espiã e o namorado dela, muito menos. Por que ainda estamos perdendo tempo com eles? Você já tem o que quer dela, o que está faltando?

- Isso não é da sua conta, Tom.

- Robert, somos amigo, trabalho para você, mas me sinto na obrigação de trazê-lo de volta à realidade. Vocês já estão transando, o que reduz bastante suas chances de passar à frente de Tanya. Estamos perdendo o foco. Pelo amor de Deus! Dá um tempo. Melissa está em suas mãos. Não faz nada diferente do que você manda. Recusa o namorado, ou ex-namorado, o que quer que ele seja dela. Não é o bastante?

- Tom...

- Tanya esta armando, alguma coisa, Robert. Depois não me culpe se ela conseguir o que quer.

- Tanya está sob controle.

- Não está. O que você pensa? Acha mesmo que vai conseguir fazê-la recuar sempre que levá-la para cama? Olha cara, isso é doentio. Não sei onde vocês dois vão conseguir chegar, mas Tanya quer muito mais do que passar algumas horas transando com o marido. Já parou para pensar que quando ela fica à disposição pode estar na verdade tentando conseguir alguma coisa de você?

- Sim. Já te expliquei, não vou para cama com Tanya porque sinto tesão pela minha esposa. Faço isso por obrigação e também porque sei que é uma maneira de avaliá-la mais de perto. Sempre consigo o que quero quando terminamos em sexo.

- E a senha?

- Ela não tem a senha.

- Mas acha que você tem.

- Deixe continuar achando. É melhor assim. Quanto a Melissa...

- Por Deus, Robert! Foco, cara.

- Tom. Preciso de Melissa sendo vigiada por todos os segundos.

- Para que? Ela já é sua.

- Adam anda rodeando a área. Você sabe tanto quanto eu que ele pertence ao outro lado. Não posso correr este risco.

- Adam quer apenas transar com ela – fechei os olhos sentindo o gosto amargo daquela realidade.

- E eu não quero que ele consiga – Tom riu.

- Ok. Vamos fazer o seguinte: vou continuar com a vigilância sob Melissa, mas vou parar com a do Dean. Não vejo motivos para continuar seguindo-o quando o seu objetivo é apenas impedir que alguém coma a garota.

- Faça como achar melhor, Tom. Quero Melissa cercada de todos os lados. Mantenha-me informado.

- Não vai perguntar o que descobrimos? – respirei fundo. Minha cabeça estava tão ligada em Melissa que tinha me esquecido de todo o resto. Talvez Tom estivesse certo. Eu estava perdendo o foco.

- O que vocês descobriram?

- Tanya fez algumas ligações hoje. Parece que ela desconfia que você tenha uma amante, mas não captamos nada relacionado à nova secretária. Ela planeja vasculhar a casa inteira nos dias em que você estiver distante. Parece que existe um documento, ou *e-mail* que precisa encontrar. Conseguimos impedi-la de vasculhar seu HD, mas ainda não sabemos qual a estratégias dela. Sua esposa está bem desconfiada e fala em códigos agora.

- Com quem ela planeja agir?

- Os de sempre. A sua sorte é que Adam e Frank vão estar com você o tempo todo, quer dizer... Pode ser que vire azar, caso resolva que Dubai é um bom lugar para transar com a secretária. Lembre que eles são aliados de Tanya e que Paul, apesar de não se meter em seus problemas com a irmã dele, não vai concordar. Coloque a cabeça no lugar, Robert.

- Minha cabeça já está no lugar – ouvi batidas leves na porta. – Tenho que desligar. Avise-me se alguma coisa mudar.

- Ok.

Fui até a porta já sabendo que era Tanya do outro lado. Ela sempre dava um jeito de tentar descobrir o que eu fazia. Respirei fundo e tirei do meu rosto qualquer expressão que me acusasse. Com minha esposa era sempre melhor parecer amigável.

- Vai passar a tarde toda trancado no escritório?

Ela passou por mim sem pedir permissão para entrar. Pude ver seus olhos vasculhando o local e depois um sorriso falso em seus lábios.

- Não. Estava apenas revisando os documentos antes da viagem.

- Ah, sim, claro. Amanhã você não terá tempo.

Mais uma vez ela olhou pelo escritório a procura de algo. Seus olhos demoraram um pouco mais em um quadro que mantinha pendurado na parede ao lado da entrada do banheiro. Era uma pintura simples de uma artista de rua, que eu tinha comprado em uma das minhas visitas ao México. Tanya não estava interessada no quadro,

mas sim no que havia escondido atrás dele. O cofre.

- Seus compromissos dominicais sem fim – havia deboche em sua voz. Engoli em seco a dor que as suas palavras me infringiam.

- A que horas os convidados chegam? – ela sorriu sentindo prazer com o meu sofrimento.

- Ainda é um sacrifício para você estar com a sua família?

- Não – merda! Eu sabia perfeitamente bem aonde ela queria chegar.

- O que te incomoda, Robert? O fato de precisar fingir um casamento feliz ou ser o culpado pela infelicidade de todos?

Desviei o olhar e fui até a minha mesa recolher os documentos que estavam sobre ela. Tanya tentava me desestabilizar. Só não conseguia saber qual o motivo. Só trocávamos alfinetadas quando estávamos em um impasse, no entanto aquele não era o caso. Em breve a minha família estaria conosco e tudo o que menos precisávamos era de motivos para impedir que tudo transcorressem perfeitamente bem.

- Vou para o meu quarto. Quando minha mãe chegar mande alguém me avisar.

O jantar foi insuportável. Tanya tentava a todo custo me desafiar na frente da minha família. Era ridículo como ela fazia questão de se fazer de vítima. O pior era que minha família, mesmo sabendo dos nossos problemas, ou de parte deles, acreditava que minha esposa era mesmo mais uma de minhas vítimas. Patético! E eu nada podia fazer para inverter a situação. Era delicado demais.

Minha mãe, Olívia, tentava arrumar uma maneira de consertar o meu casamento.

Ela era uma aliada incondicional de Tanya. Oh, Deus! Se ela soubesse a víbora que arrumei como esposa. Mas nada poderia ser revelado naquela hora. Eu precisava continuar fingindo que Tanya tinha alguma chance contra mim, quando chegasse o momento certo, a esmagaria, sem dó nem piedade.

Mas enfim a noite passou, como sempre passava, mesmo que Tanya tentasse prolongá-la o

máximo possível, o domingo chegou. A dor que eu sentia logo ao acordar e dar início às minhas atividades dominicais, nunca seria um sentimento com que eu me acostumaria. Era uma dor real, cortante, profunda e que nunca me abandonaria.

- Tão ansioso – Tanya me abordou antes que eu conseguisse sair de casa. Era mesmo um milagre encontrá-la acordada. Continuei caminhando decidido a ignorá-la. – Não tem penitência que absorva a sua alma, Robert – a ironia em sua voz me irritou.

- Se você tivesse uma, também sofreria pelos horrores que são as consequências dos seus atos – ela ficou surpresa com minhas palavras.

- Meus atos não causaram... – Tanya recuou com a mão no peito, em dor. – Eu odeio você, Robert.

Sai de casa sem aguardar por mais um dos seus espetáculos. Era um dia difícil para mim. Não poderia perder tempo com Tanya.

Após longas horas de tortura sem fim onde eu apenas deixava que todo o peso das minhas escolhas caísse sobre meus ombros, resolvi que

seria melhor não voltar para casa. Rodei pela cidade sem cabeça para trabalhar ou até mesmo para conversar com os amigos. Naquele momento eu queria apenas sumir, infelizmente não podia fazer isso.

Ao menos um fato novo trazia um pouco de calor ao meu peito: Melissa. Todas as ameaças que sua presença impunha em minha vida não eram o suficiente para me intimidar. Uma pontinha de orgulho invadiu meu coração sofrido pelo dia complicado, ao me lembrar de como ela ficava quando estava em meus braços. Melissa era a tentação em forma de mulher.

Meu celular apitou indicando a chegada de uma mensagem.

“Melissa Simon está com Alexa e Nicole na Verus. Dean encontra-se no mesmo local. Tem agentes nossos posicionados. Alguma ordem? Tom”.

- Puta que pariu!

CAPÍTULO 27

Como uma boa garota, como ele mesmo dizia, obedeci a Robert ficando em casa cercada de papéis por todos os lados. Consegui preparar um relatório impecável. Só coloquei a cara para fora quando fui levar as roupas na lavanderia. Depois, mais papéis.

Dean me ligou no final da tarde de sábado querendo me encontrar, expliquei sobre o relatório e ele aparentemente entendeu, inclusive se ofereceu para me ajudar, o que recusei com veemência, é claro.

Ele concordou, mas ressaltou que meu chefe exigia muito de mim sem respeitar ao menos os meus finais de semana. Preferi não contar sobre a viagem e decidi que assim que voltasse resolveria a situação com ele. Seria o melhor a fazer e o quanto antes. Dean não merecia ser enganado.

No final do domingo não aguentava mais de tanta ansiedade. Minha mala já estava pronta desde sábado e eu estava gastando o chão do meu

pequeno apartamento de tanto que andava de um lado para o outro procurando o que fazer. Quando enfim decidi que estava na hora de dormir, o celular tocou. Meu coração ficou imediatamente acelerado. Robert? Corri para atender. Não era Robert e sim Nicole. Fiquei feliz. Gostava da minha nova amiga.

- Oi Nicole.

- Mel! – parecia um pouco alegre demais.
– Domingo das amigas, chegaremos aí em 15 minutos – o som alto misturado com a voz dela me confundiu.

- O que?

- 15 minutos, Mel. Tchau! – desligou. O que ela queria mesmo?

Voltei para meu quarto e quinze minutos depois alguém batia à minha porta. E não da maneira convencional. Praticamente arrombava a porta e tentava assassinar a campainha. Tive até medo de chegar à sala, entretanto, precisava acabar com o tumulto antes que os vizinhos reclamassem.

Dei de cara com Nicole e Alexa. Impecavelmente arrumadas. Nicole usava um vestido prateado brilhante, muito curto e com um decote generoso. Alexa, um vestido justo, rosa, tão curto quanto o de Nicole, sem brilho, porém destacava o quanto seu corpo era majestoso.

As duas riam empolgadas, contudo o sorriso de Nicole se desfez imediatamente quando viu meus cabelos presos numa trança e meu corpo envolto em uma camisola. Eu não usava mais o moletom velho. Robert tinha uma cópia da chave e podia aparecer de surpresa, então era bom não arriscar.

- Você ainda não está pronta? – praticamente gritou de desespero.

- Pronta para o que? Hoje é domingo e vamos trabalhar amanhã. Aliás, eu tenho uma viagem programada – Nicole olhou-me sem entender.

- Você vai viajar com Robert outra vez? – sua pergunta foi quase uma acusação, porém respondi com naturalidade. Nicole não sabia de nada.

- Sim. Seu irmão não me livrou desta – minhas palavras saíram quase como se estivesse revoltada. Graças a Deus fui capaz de mentir. Eu não gostava, mas era melhor assim.

- Bom. Robert é terrível. Não o deixe intimidá-la – revirei os olhos. Ela nem fazia ideia do quanto ele já havia me intimidado. – Agora se apresse. Precisamos sair – Nicole praticamente me empurrou para dentro do apartamento e já foi me levando para o quarto, que não era muito difícil descobrir onde ficava, com um apartamento tão pequeno quanto o meu, com apenas quarto, sala e cozinha americana.

- Nicole, não posso sair.

- Desista, Mel – Alexa falou com os braços cruzados e apoiada à porta do quarto. – Ela fez o mesmo comigo.

- Você precisa respirar um pouco, Alexa. Passar a semana enfurnada na empresa e os dias de folga no quarto do Bruno não faz bem a sua saúde. Além do mais, Paul está um porre e eu preciso das minhas amigas esta noite.

Seus olhos piscavam encantando quem os olhasse. Eu sorri totalmente entregue àquela bruxinha. Nicole abriu meu guarda roupas e procurou por algo que sabia que existia. Tirou de lá um vestido vermelho que ela mesma me forcara a comprar, e que eu havia jurado que nunca usaria, e o jogou para mim.

- Vista-se. Rápido.

Ela era idêntica ao irmão quando resolvia dar ordens. Sem contestar, fui ao banheiro e coloquei o vestido absurdamente colado ao corpo, com as costas nuas e um decote profundo revelando praticamente tudo até o limite da minha bunda. Meu rosto ficou quase da mesma cor do vestido.

- Não posso sair usando isto - protestei.

- Mas ficou maravilhoso! – olhou para Alexa em busca de apoio.

- Você está linda, Mel! – Alexa colaborou.

- Ficou extremamente indecente.

- E é exatamente disso que precisamos – fui empurrada para a poltrona do quarto. – Fique

quieta enquanto faço alguma mágica com o seu cabelo.

Ela conseguiu achar a prancha de cabelo, que eu quase nunca usava. Imediatamente, desfez minhas tranças, pegando cada gomo para dividi-los em três partes e iniciou o processo de alisar meus cabelos. Como não tínhamos muito tempo, preferiu fazer cachos nas pontas. Foi prático, rápido e o resultado fabuloso.

- Agora uma maquiagem para dar um jeito neste rosto sonolento.

Fechei os olhos e aguardei. Em menos de dez minutos completou a maquiagem e novamente o batom vermelho em meus lábios chamava a atenção. Lembrei-me de Robert no dia em que deixei Nicole brincar de Barbie comigo. Foi impossível não sorrir.

- Que bom que está satisfeita.

Calcei as sandálias que ela havia separado e fomos embora.

- Para onde vamos? – estava muito confortável no banco de trás do carro de Nick. Ela

tinha me proibido de dirigir o meu próprio carro. Tão parecida com o irmão.

- Para a Verus.

Verus! A boate mais badalada no momento em Chicago. Também a mais cara. Eu precisava frear um pouco Nicole nos gastos. Ela era rica e eu não. Agradei pelo meu cartão de crédito na bolsa.

- Fique tranquila, Mel. Nicole é uma das sócias da boate. Não vamos gastar nada – Alexa entendeu meu desânimo momentâneo e tratou de amenizá-lo enquanto conferia sua maquiagem.

- Ah! – foi só o que consegui dizer. Nicole era sócia da boate mais importante de Chicago? Onde eu iria parar com aquelas amigas?

Chegamos e um manobrista assumiu o controle do carro enquanto passávamos pela multidão que aguardava para entrar. O porteiro recebeu Nicole com cordialidade e o segurança nos guiou até a porta. Nunca me senti tão em evidência. Meu vestido passaria despercebido se nossa entrada não fosse tão triunfal. Eu tinha certeza

que todos no local estavam com os olhos voltados para nós três.

Passamos rapidamente pelo andar de baixo e fomos até as escadas que nos levariam para um espaço vip. O segurança liberou nossa entrada antes mesmo de chegarmos. No primeiro degrau um garçom nos serviu champanhe. Alexa parecia completamente à vontade, mas eu estava perdida e constrangida.

O som era alto, o que fazia com que todos tentassem conversar por cima da música, era praticamente impossível se concentrar. Nick foi até um biombo, exclusivo para ela, onde havia um sofá preto em formato de “c” e uma pequena mesa.

Sentamos e logo algumas pessoas chegaram para conversar com minhas amigas. Eu apenas sorria confusa com todo o barulho. Concentrei-me em minha bebida. Alexa ria e conversava animadamente com duas mulheres lindas que se aproximaram. Elas pareciam modelos e deviam ser, pela forma como se comportavam.

Era inacreditável, mas as duas perdiam em beleza para Alexa.

Nicole estava abaixada sobre seu corpo com uma mão no ouvido e a outra segurando o celular. Ela parecia gritar, provavelmente porque o som não estava deixando a pessoa ouvir o que ela dizia. Nick fez uma cara estranha, o que me levou a acreditar que deveria ser Paul do outro lado da linha. Ela parecia não estar gostando muito da conversa. Suspirei. “Parece que todo mundo tem problemas de relacionamento”. Eu não era a única.

Levantei um pouco e fui observar o movimento no andar de baixo. As pessoas dançavam embaladas pela música alucinante. Depois de algum tempo meus ouvidos se acostumavam e tonava-se até gostoso ouvir. Parecia que entrava pelo nosso corpo forçando-o a seguir suas batidas. Acho que o champanhe estava cumprindo sua função e ajudando bastante. Quanto eu já bebera?

Mesmo com tantas luzes piscando e penumbra cercando o local, consegui identificar uma

figura familiar olhando-me fixamente do andar de baixo. Fixei os olhos para confirmar. Era Dean. Ele estava na boate. Puta merda! Era ele mesmo. Parado no balcão do bar me encarando.

Sorri um pouco constrangida, além de temerosa. Tinha me negado a encontrá-lo somente porque precisava manter a minha parte do acordo com Robert. Mas eu gostava de Dean, éramos amigos e ele era um cara super legal, apesar de ainda achar que estávamos juntos. Suspirei pesadamente.

Que culpa ele tinha? Robert entrou em minha vida como um furacão avassalador me deixando ilhada. Não havia espaço para mais ninguém. Pensei com amargura. Dean merecia alguém legal, que o amasse. Alguém que lhe desse mais do que eu seria capaz. Ele gesticulou com a mão me saudando com um brinde. Precisava falar com ele. Criei coragem e desci. Meu “ex-ficante” pareceu satisfeito.

- Mel! – sorriu calorosamente. Dean era desta forma: tranquilo e leve. Não tornava nenhum momento pesado para nós dois e não me

cercava de cobranças. – Não pensei que pudesse encontrá-la aqui.

- Pois é, nem eu. Fui praticamente obrigada – ele levantou uma sobrancelha interrogativamente. – Nicole – esclareci e ele sorriu entendendo.

- Parece que Nicole e a família Carter merecem mais consideração de você do que eu .

Quis contestar, porém Dean foi mais rápido e me puxou para um abraço tentando alcançar meus lábios. Droga! O que eu deveria fazer? Ele percebeu a minha angustia e me beijou de forma rápida e delicada. Sorri sem graça. Ele desfez a pressão dos seus braços ao meu redor e manteve uma das mãos em minha cintura.

- Qual é o problema? – buscou pelos meus olhos. Não tive coragem de encará-lo.

- Alguns problemas, Dean. Não dá para explicar agora.

Ficamos em silêncio. Ele levou alguns segundos me olhando fixamente, depois segurou em meu queixo e delicadamente levantou meu rosto exigindo por meus olhos. Pareceu entender.

Seu braço abandonou minha cintura, porém mantivemos o contato visual.

- Tudo bem.

Desviou o olhar. Dava para sentir a sua tristeza, nada que eu dissesse iria amenizá-la. Eu sabia que em algum momento chegaríamos a aquele ponto. Infelizmente aquela era a hora. Tudo ao redor pareceu sumir e minha mente conseguia apenas se concentrar em Dean, meu amigo e companheiro, e em todo o seu sofrimento contido. Gostaria de poder confortá-lo.

E então ouvimos um barulho que se sobrepunha ao do som alto. Pessoas gritavam, corriam, e podíamos ouvir coisas sendo jogadas ao chão. Os seguranças correram para o andar de cima. Imediatamente minha mente mudou de foco deixando meu coração acelerado. Nick e Alexa estavam lá. Eu precisava subir.

Sem pensar corri para as escadas lutando contra as pessoas que desciam ou que estavam estacionadas nos degraus tentando descobrir o que estava acontecendo. Quando cheguei ao topo vi o que deveria ser mais do que improvável. Dois

seguranças continham Robert, e mais dois seguravam outra pessoa, um homem, visivelmente machucado no rosto. Céus! O que Robert tinha feito? O que ele estava fazendo ali?

Nicole e Alexa estavam encostadas num canto protegidas por um segurança e não pareciam machucadas, apenas assustadas. Não tive coragem de ir até elas. Os seguranças com o rapaz começaram a descer enquanto os dois que seguravam Robert o levavam mais para o fundo do local em que estávamos.

Ele parecia mais calmo e passava as mãos pelos cabelos enquanto aceitava ser conduzido. Nossos olhos se encontraram. Eu tive certeza de que, se fosse possível, seria fulminada naquela hora. Só então percebi que Dean estava às minhas costas, muito próximo de mim, em posição de defesa. Ele também parecia olhar para Robert, com raiva. Deus! Eu apenas queria ir embora.

- Mel! – Nicole gritou por mim. – Aqui – indicou que eu a seguisse enquanto o segurança as conduzia para o mesmo local em que Robert estava. Droga!

Eu não podia me negar a segui-las. Robert iria me matar. Olhei para Dean, desculpando-me com a mão. Ele entendeu e se afastou. Caminhei ciente de que estava indo para o meu fim.

Ao chegar perto de Nicole, fomos levadas para uma sala discreta que havia ao final do espaço vip. Robert estava lá. Parecia uma fera enjaulada andando de um lado para o outro. A covardia fez com que meus joelhos tremessem. Ele me olhou deixando claro que eu não sairia viva de lá. Seus lábios eram uma fina linha e os olhos puro fogo.

- O que você estava fazendo? – perguntou me encarando.

- Você é um idiota! – Nicole tomou a frente. Entendi que ele falava para ela com a intenção de me atingir.

- Idiota? Se eu não chegasse a tempo, aquele imbecil teria conseguido expor vocês duas. O que estavam pensando? – Alexa se encolheu temerosa. Meu coração estava super acelerado, prontinho para explodir.

- Ele só estava sendo gentil – Nicole gritou.

- Vamos procurar saber o que Paul acha de toda esta gentileza. E Bruno também, Alexa – minha amiga abriu a boca para contestar, mas Nicole foi mais rápida outra vez.

- Nós não estávamos fazendo nada. Você está pegando o seu dia de fúria para descontar nas pessoas. Aliás, o que está fazendo aqui? Tanya sabe onde você está? É isso o que faz quando some aos domingos?

- Minha vida não tem nada a ver com o que acabou de acontecer aqui, Nicole – ele gritava de volta para ela. Robert estava descontrolado e eu internamente rezava para que não estragasse tudo. Meus olhos estavam fixos nos dois.

- Como não? Chega, Robert! Todo mundo está tentando ser paciente com você, mas para mim, já deu. Eu compreendo os seus motivos, mas não o porquê das pessoas serem punidas. Essa história já deu o que tinha que dar. Enterre logo o que aconteceu de uma vez por todas – a voz dela foi perdendo a força à medida que rev-

elava o drama de Robert e a raiva foi cedendo à compaixão. – Você não pode assumir tudo sozinho. É peso demais.

- Você não sabe o que está falando – Robert falou com a raiva cedendo lugar para a tristeza.

- Eu sei o suficiente. Está na hora de acabar. Você não merece. Tanya não merece – Nicole levantou o braço na direção do irmão e ele, ainda mais atormentado ao ouvi-la interceder por Tanya, se afastou furioso.

- Mantenha-se fora disso, Nicole – suas palavras saíram entrecortadas pela raiva que voltara a brilhar em seus olhos. Meu chefe saiu em direção à porta, mas parou na frente de Alexa. – Espero que tenha uma boa desculpa para Bruno – ameaçou.

Os olhos de Alexa se estreitaram, no entanto, ela foi incapaz de responder, embora eu tenha certeza de que se segurou muito para não fazê-lo. A pior parte foi quando ele se aproximou de mim enquanto caminhava para a saída. Seus

olhos deixavam claro que eu teria a minha dose também.

- Srta. Simon – parecia que ele me xingava quando pronunciou meu nome. Tive vontade de sumir. – Espero que esteja inteira e bem disposta amanhã, pois não a pouparei. Tenho certeza que a senhorita ainda não conhece o conceito do verbo “sofrer”. Até mais – deu as costas e saiu. Puta merda! Onde eu poderia me esconder?

Relaxamos visivelmente, as três juntas, quando ele bateu a porta e sumiu.

- Merda! – Nicole soltou o ar dos pulmões de maneira teatral. – Robert realmente consegue ser insuportável quando quer.

- Por que ele disse aquilo para você, Mel?

Alexa estava atenta. Eu sabia que ela era astuta o suficiente para perceber qualquer deslize nosso. Eu passei a ter um problema duplo. Robert tinha me jogado na fogueira e me deixado lá para queimar.

- Não sei. Acho que ele me usou como válvula de escape. O que aconteceu? – desviei a atenção delas.

- Um carinha chegou para conversar. Ele estava tomando muita liberdade e eu já tinha sinalizado para os seguranças pedindo que o retirassem de lá. Robert surgiu do nada e o atacou – Nick explicava enquanto pegava o celular e buscava um número. – Preciso me explicar com Paul antes que Robert consiga encher a cabeça dele e infernizar meu relacionamento. Você não vai fazer o mesmo, Alexa? – esta me olhava atentamente.

- Não. Bruno tem que confiar em mim, ou então nem precisamos continuar juntos – paramos as duas admiradas com a atitude dela então Paul atendeu a ligação e Nicole se perdeu em justificativas.

Alexa continuou com os olhos fixos em mim. Sentei no sofá desviando o olhar. Seria ótimo se Robert voltasse para socar mais alguém, assim Alexa se esqueceria de mim um pouco.

- O que está acontecendo, Melissa? – ela perguntou baixo, sem chamar a atenção de Nicole para nós. Levantei a cabeça fingindo não entender. – Não se faça de tola. O que está aconte-

cendo entre você e Robert? – tenho certeza que meus olhos ficaram imensos e meu rosto mais vermelho do que meu vestido.

- Alexa, eu...

- Não finja que não sabe do que estou falando – ela parecia aborrecida. – Você sabe o que está fazendo? – não tive coragem de responder. – Você não é a primeira amante que ele arranja, aliás, já perdi as contas de quantas já teve e sabe no que deu? Nada. Ele nunca deixou Tanya, por nenhuma delas. Não será diferente agora – meus olhos se encheram de lágrimas e o sangue que antes corava meu rosto simplesmente desapareceu. Eu estava pálida de medo do que ouvia. – Mel – suavizou o tom de voz. – Eu gosto de você. Nicole te adora. Por favor, não faça besteira. Não é só por causa dele, mas por você principalmente. Não vê que quando Robert cansar você será a única que vai sofrer? Esse impasse dele com Tanya já dura há anos e eles nunca chegaram a um consenso. É muito mais do que sentimentos, Mel. Se Robert nunca recuou, nem desistiu

até hoje, não será agora que o fará. Estou falando como amiga.

- Do que vocês estão falando? – Nicole interrompeu.

- Mel está um pouco insegura por causa da ameaça do Robert – agradei internamente por Alexa ter me preservado. Ela tinha entendido tudo.

- Calma, Mel! Robert agiu como um idiota, mas você não teve culpa nenhuma. Ele vai ponderar quando esfriar a cabeça.

- Duvido muito – disse mais para mim do que para ela. A conversa com Alexa estava martelando em minha mente. – Quero ir para casa.

Imediatamente me arrependi. Robert poderia estar me aguardando, ou, até mesmo, aparecer no meio da noite. Eu nem queria pensar no que ele faria comigo. Com certeza não seria nada agradável.

- Tudo bem. Eu preciso ir também. Paul ficou bastante aborrecido. Vou para o apartamento dele, antes deixo você lá em casa Alexa, acredito que vá querer terminar sua noite com

Bruno, não é? – Alexa sorriu para ela confirmando suas intenções. Quase implorei para que uma das duas ficasse comigo, porém não tive coragem. Eu precisava enfrentar meus problemas de frente.

O silêncio no carro foi terrível. Alexa tinha dito palavras duras, porém necessárias. Ela estava com toda a razão. Eu era apenas mais uma amante de Robert e, ao final de tudo, apenas eu sofreria. Ele nunca se divorciaria de Tanya. Robert foi muito claro quando falou que nunca se casaria sem amor. Alexa também, quando falou que o problema deles envolvia muito mais do que sentimentos e que Robert não recuaria. Ele não queria se separar, essa era a verdade.

Não importava o quanto fossemos perfeitos juntos ou quanto tesão ele sentisse por mim. Ele não se separaria. Era apenas sexo.

Esperei cinco minutos do lado de fora do meu prédio. Queria ter certeza de que ele não estava escondido com seu carro em algum lugar me aguardando. Eu era mesmo uma covarde. Mas bem sabia que, se ele quisesse, daria um jeito de

estar lá sem chamar a atenção das pessoas para si. Por isso demorei mais dez minutos na porta do meu apartamento atenta aos sons do lado de dentro. Era a única maneira de tentar confirmar se ele estava lá ou não.

Quando não aguentava mais de ansiedade, abri a porta e me deparei com a sala escura e vazia. Ele não estava. Não sei se fiquei aliviada ou decepcionada.

Entrei em casa e vasculhei cada canto para me certificar de que estava realmente sozinha. “*A senhorita não conhece o conceito de “sofrer”. Até mais.*” Suas palavras ecoavam em minha mente. Que merda! Eu não havia feito nada demais, só conversado um pouco com o cara que foi meu parceiro durante um bom tempo. Robert precisava entender.

Eu era forçada a aceitá-lo desfilando com a esposa pela empresa como o casal perfeito e ele não podia aceitar uma conversa entre amigos sem que para isso tivesse que socar alguém?

Ah, merda! O beijo! Com certeza ele viu o beijo que Dean me deu. Merda! Merda! Merda!

Eu precisaria ser forte. Muito forte. Dentro de algumas horas estaríamos em Dubai e, com certeza, eu iria penar nas mãos dele. Puta merda! Eu estava mesmo fodida!

Precisava ser forte e tomar uma decisão. Teria que tirá-lo da minha vida ou cobrar dele uma posição. Não, isso não daria certo. Ele me convenceria que iria resolver tudo e eu me tornaria a amante esperançosa e enganada. Precisava dar um fim a tudo. Mas como? Só de pensar em afastá-lo de mim a dor já era insuportável. O que eu faria?

As dúvidas eram tantas e o medo dele aparecer no meio da noite foi tão grande que, mais uma vez, não consegui dormir. Desisti da cama e fiquei sentada no sofá, com uma xícara de café nas mãos, aguardando a hora da viagem. Como ele faria? Me mataria antes que eu chegasse ao avião ou dentro dele? Que horas apareceria para extravasar a sua raiva?

A angustia crescia à medida que se aproximava o horário de ir para o aeroporto. Não precisaria ficar preocupada com a exposição. Nós

iríamos no jato particular da empresa, Por outro lado, eu estaria num ambiente menor e fechado, facilitando a ação dele. O que me deixava um pouco menos tensa era a presença de pessoas ligadas à Tanya. Se ele tivesse um pouco de juízo não faria nada na frente deles. O pior é que ele não tinha juízo, não depois do que havia acontecido na boate.

Saí de casa no limite do meu horário e fui de táxi para o aeroporto. Ao contrário do que havia imaginado, Robert não estava do lado de fora do meu prédio esperando para me trucidar. Talvez sua raiva tivesse se dispersado, ou não estivesse realmente com raiva de mim. Ou quem sabe, estivesse somente irritado com o rapaz que havia importunado Nicole e Alexa.

Minha esperança foi por água abaixo quando fui levada à sala de espera. Todos já me aguardavam. Robert estava parado, na janela olhando para a pista de decolagem. Parecia perdido em pensamentos. Quando se virou para verificar quem tinha aberto a porta, e seu olhar cruzou com

o meu, tive a certeza de que toda a sua fúria ainda me aguardava.

CAPÍTULO 28

- Mel! – Adam Simpson demonstrou bastante empolgação ao me ver parada na porta da sala de espera. Robert fechou os olhos e puxou fortemente o ar tentando conter sua raiva. – Não sabia que esta viagem seria tão agradável – caminhou em minha direção com os braços abertos. Pedi mentalmente a Deus para que ele não me abraçasse. Eu já tinha um problema imenso e não precisava agravá-lo. Ainda mais depois da minha decisão.

- Adam – estava constrangida e Robert ficou muito irritado com o nosso possível abraço. – Oi! – Estendi a mão para apertar a dele impondo distância.

- Mel – Paul me cumprimentou com educação, porém um pouco distante. – Acredito que você ainda não conheça Frank Jonas, nosso advogado.

Indicou o rapaz loiro que estava ao seu lado. Ele era muito bonito. Os olhos verdes, cabelos

cortados rente ao couro cabeludo e um cavanhaque bem cuidado. Fazia o tipo “gostosão irresistível” apesar de nem passar perto do Robert em beleza. Frank sorriu e apertou minha mão.

- Mel é a nova secretária do Robert – olhamos os três ao mesmo tempo em sua direção e ele nos olhava com intensidade. – Espero que você esteja preparada. Ele está com o humor do diabo hoje – confidenciou. Tremi de medo.

- Srta. Simon? – Robert me chamou. – Por favor! – Quase chorei de desespero ao perceber que meu massacre começaria imediatamente. “Nossa Senhora das amantes desastradas que tenha piedade de mim nessa hora”.

- Claro – fui até ele sem manter nosso olhar. Podia ver apenas sua mão fechada em punho. Eu deveria sair correndo? – Pois não, Sr Carter – olhei para os lados e para trás para me certificar se estava sendo observada pelos nossos companheiros de viagem.

- O relatório. Você fez? – sua voz era contida e seca.

Eu sabia que poderia gritar ou me ameaçar a qualquer momento, mas jamais na frente de quem poderia colocar tudo a perder. Ele também teve o cuidado de observar se alguém estava prestando atenção em nós.

- Sim, senhor – peguei o relatório, que estava devidamente armazenado em minha pasta de couro preto e entreguei a ele. – Aqui está – olhei-o rapidamente e ele olhava para o que havia atrás de mim. Para o nosso pequeno grupo. Pelo visto ainda não éramos alvo da atenção deles.

- Com medo, Melissa? – perguntou baixinho enquanto fingia analisar o meu relatório. Se ele queria me deixar em pânico estava conseguindo, entretanto eu não facilitaria as coisas para ele. Ainda mais depois de tudo o que Alexa me disse.

- Não tenho motivos para temer, Sr Carter – não sei de onde a coragem surgiu, mas o encarei sem desviar meus olhos em nenhum momento, mesmo ele estando com aquele olhar assassino sobre mim. Robert deixou escapar uma risada rápida e rouca. Sarcástica.

- Espero que esteja lembrada da ameaça que lhe fiz da última vez – ameaça?

Ah! A ameaça. Deixar-me amarrada na cama por dois dias. Grande coisa! Eu esperava por algo pior. Deixei que a minha risada sarcástica escapasse e tive o cuidado de verificar se estávamos ou não chamando a atenção dos outros.

- Não conte com isso, Sr. Carter – levantei uma sobrancelha desafiando-o. Seus olhos se estreitaram.

- Você quebrou o nosso acordo. Estou disposto a cobrar com juros a raiva que me fez passar ontem à noite. Não seja tão corajosa, Melissa. Não sabe o que a aguarda – meus olhos vacilaram e ele sorriu satisfeito. Puta Merda! Como ele conseguia? Eu precisava de mais do que força para afastá-lo.

- Senhores? – uma comissária de bordo surgiu. – Acompanhem-me, por favor. – Peguei minha bagagem de mão e Adam se adiantou para me ajudar.

- Permita-me – fez uma encenação barata de galã de filme romântico. Sorri largamente para ele. Se meu amante queria jogar eu também jogaria.

- Obrigada, Adam! – saí da sala ao seu lado. Adam parecia um cachorrinho, que tinha acabado de receber um agrado do dono, de tão feliz.

Entramos no jatinho e duas comissárias nos aguardavam, além do piloto e do copiloto. Todos nos cumprimentaram, dando atenção especial a Robert. Não era a minha primeira vez, mesmo assim não poderia deixar de me surpreender com o que via. O jato era grande o suficiente para nos alojar com o maior luxo e conforto, além de nos dar privacidade. Muito, mas muito mesmo, maior do que o meu apartamento. Aquilo era um abuso de ostentação.

As oito poltronas pareciam estar totalmente equipadas para o bem estar de seus ocupantes. Eu lembrava perfeitamente bem do quanto eram confortáveis.

Desta vez Robert não ficou em uma delas. Ele caminhou até a entrada das cabines e desapareceu por trás da porta. Todos os outros se acomodaram nas poltronas à frente. Eu fiz o mesmo.

Rapidamente uma comissária se ofereceu para guardar minha bagagem de mão. Notei que não era a mesma da última vez. Retirei da bolsa meu *notebook*, mesmo sabendo que não poderia usá-lo para acessar a internet. Precisava reler meu relatório no caso de Robert ter alguma dúvida. Também retirei meu *Iphone* para, mais uma vez, verificar tudo o que estava agendado. Todos pareciam absortos em seus afazeres.

Acomodamo-nos e o avião logo deslizou na pista ganhando altura. Conferi nosso horário de partida. Ainda não era oito da manhã. Tentei ficar mais confortável. Seria complicado, uma viagem de praticamente quatorze horas e meia, apenas sentada em uma poltrona. Da última vez tive a liberdade de deitar um pouco, mas duvidava que Robert tivesse esta coragem.

Fiz as contas: quando chegássemos a Dubai seria praticamente meia noite em Chicago.

Levando-se em conta que tínhamos cinco horas de diferença no fuso horário, chegaríamos ao nosso destino no final do dia. Ótimo! Não teríamos como trabalhar, em compensação, Robert conseguiria me achar com mais facilidade. Quartos conjugados. Suspirei. Ele me mataria.

Olhei pela janela e deixei minha mente se perder em pensamentos. Alexa me dissera o suficiente para me fazer desistir, então por que eu não desistia? Por que não conseguia aceitar que Robert não era a pessoa certa para mim e que, por mais que o desejasse, nunca poderia tê-lo?

Era tão frustrante relembrar nossos momentos, a forma como ele me olhava, que, às vezes, parecia tão apaixonado quanto eu e, de repente me dar conta de que não era nada do que eu pensava. Alexa me disse que ele não recuaria e eu sabia que ele não o faria, mas por quê? O que o levava a agir assim? Nunca conversava sobre o assunto não me dava a menor pista.

Todas as constatações não me ajudavam a confiar nele. Que inferno! Merda! O que tinha

acontecido afinal de contas? O que Nicole quis dizer com aquelas acusações? Eu nunca saberia.

A porta abriu e Robert passou por ela. Sua fisionomia revelava o quanto estava irritado. Ele sentou em uma das poltronas e imediatamente todos viraram as suas na direção dele. Acabei fazendo o mesmo.

- E então? – Paul falou.

- E então o que? – ele devolveu a pergunta impaciente e Paul rolou os olhos.

- Vejo que seu mau humor continua – não havia as formalidades que tínhamos na empresa. – Tudo porque Nicole e Alexa resolveram sair ontem à noite. Esqueça isso Robert! – graças a Deus ele não estava aborrecido com Nick. Eu não me perdoaria se soubesse que, por minha causa, os dois não estavam bem.

- Eu lhe fiz um favor – Robert pareceu ofendido.

- Ah, Robert! Obrigado cara – Paul apenas tentava amenizar o clima. – Nick disse que não precisava de tanto.

- Nicole é uma tonta – meu chefe rebateu com raiva.

- Melissa estava lá – Paul continuou parecendo cansado do assunto. Ao que parece eles já haviam conversado a respeito. – Diga, Melissa. O que você pensa do que aconteceu? – quase afundei na poltrona de tanta vergonha. Era exatamente o que Robert queria. Uma explicação. Eu não sabia o que dizer.

- Eu... – todos me olhavam aguardando pelo que eu diria. Engoli com dificuldade. – Eu não estava presente no momento em que aconteceu – admiti timidamente.

- A Srta. Simon estava ocupada – Robert pareceu ainda mais irritado.

- Ocupada? – Adam instantaneamente se interessou por aquela parte da conversa.

- Pelo visto ela teve uma distração ontem à noite – completou.

- Uma distração tipo: namorado? – Frank se intrometeu na conversa. Meu rosto já estava pegando fogo.

- Isso – Robert me encarou com raiva.

- Namorado? Eu pensei que era uma invenção – Adam brincou de estar desiludido e Paul riu dele.

- Eu não tenho namorado – minha voz era quase um murmúrio. A resposta era mais para Robert do que para qualquer outro.

- Não? – Adam se animou e Robert fechou os olhos impaciente. Droga! Eu só conseguia piorar as coisas ainda mais.

- Mas está aceitando currículos? – brincou. – Quais as exigências como pré-requisito? – Frank também prestou atenção aguardando minha resposta. Achei graça com a ironia da situação.

- Ela já tem namorado – Robert falou visivelmente incomodado com o rumo da conversa.

- Ela disse que não – Adam rebateu se divertindo com a situação. Ele parecia querer irritar Robert ainda mais. – E então, Mel, o que acha importante num homem para que você lhe dê uma chance? – pensei no que poderia dizer. Robert me olhava atentamente.

- Apenas... – parei sem coragem de desafiá-lo.

- Vamos lá, Mel! Uma dica – Adam instigou. Robert se segurou na poltrona colocando força nas mãos.

- Ela já tem namorado, Adam – respondeu já a ponto de explodir.

- Qual o seu problema Robert? Deixe que garota responda por si mesma – Frank brincou. Robert suspirou derrotado e me encarou aguardando. – Afinal de contas você tem ou não namorado, Mel?

- Não - eu poderia rir da cara de Robert se o medo do que aconteceria depois não me mantivesse tão cautelosa.

- Então... Como um homem deve ser para ganhar o seu coração? – Adam estava sendo meloso demais para o meu gosto.

- A julgar pelo que pude ver ontem... – Robert estava com um sorriso e um olhar diabólico no rosto. – Não é necessário muito – apertei meus lábios com força, um pouco desiludida com as suas palavras escolhidas por ele.

- Sério? – Adam falou entusiasmado.

- Na verdade... – comecei a falar, totalmente disposta a afrontá-lo. – Como disse o Sr. Carter, não é necessário muito. Minha única exigência é que não seja casado – olhei-o desafiadoramente. Seus olhos viraram brasa, mas todos os outros deram risadas. – Existem alguns outros pontos importantes, como por exemplo: não ser mau-caráter, mentiroso, ou oportunista. Não se achar no direito de entrar na minha vida modificando tudo que já existia e, principalmente, não achar que pode me dar ordens, pois para isso eu já tenho o meu chefe – eu podia sentir o doce sabor da vingança em minha língua. Robert estava mortificado.

- É uma lista muito grande para quem não exige muita coisa – Frank ressaltou voltando a atenção aos papéis em sua mão. Meus olhos continuavam presos a Robert que mordida a ponta do dedão me encarando com olhos vingativos. Eu era uma mulher morta, tinha certeza.

- Esta história já ganhou mais importância do que deveria. Vamos começar a trabalhar –

Robert levantou indo embora para a cabine. Todos voltaram às suas atividades e eu fiquei perdida em meus pensamentos. Ele me cobraria em triplo.

Eu o tinha atacado diretamente. O que estava pensando para desafiá-lo daquela forma? Só podia estar maluca. No que ele estava pensando quando falou aquela merda? Eu estava abalada, constrangida, com muita raiva e, ainda por cima, precisava fingir que estava tudo bem e que ele não tinha poder algum sobre mim.

Sentia-me tão confusa e mentalmente desgastada que era impossível pensar com coerência e chegar a uma conclusão sensata. Meu corpo cobrava a noite mal dormida e minha mente implorava por um pouco de paz e tranquilidade.

- Senhorita? – a comissária chamou minha atenção, apontando para um carrinho que continha revistas e jornais na parte de baixo e algumas coisas para comer na parte de cima. – Suco, café, água? – Olhei para o carrinho e meu estômago ficou embrulhado. Eu não conseguiria

colocar nada para dentro enquanto não tivesse digerido toda aquela confusão.

- Você teria coca-cola? – ela me olhou surpresa, mas aceitou sem me fazer perguntas.

- Certamente. Um momento, por favor – saiu e eu observei que os outros continuavam perdidos em suas atividades.

Paul estava com um jornal em mãos, Adam olhava algo na TV e Frank analisava um documento, com certeza algum contrato. Enquanto eu o observava ele levantou os olhos encontrando os meus e então sorriu. Foi embaraçoso. Dei um sorriso amarelo e voltei a observar as outras pessoas, muito constrangida por ter sido pega em flagrante.

A outra comissária passou apressada, com um imenso sorriso no rosto e foi até a porta que nos separava de Robert. Ela entrou sem olhar para trás. Que merda era aquela? O que ele pretendia? Acreditava que poderia transar com aquela loira absurdamente peituda, enquanto eu aguardava do outro lado? Podia sentir as lágrimas se formando e pensei em diversas formas de pro-

vocar a queda do avião. Ao menos assim ele não conseguiria o que tanto queria dela.

Aquele filho da puta miserável! Não seria tão fácil assim. Não mesmo.

- Senhora? – a outra comissária se aproximou com o meu refrigerante. – Deseja algo mais? – sim. Desejo aquela filha da mãe peituda longe do meu... Do meu... Sei lá o que, mas era meu.

- Não. Obrigada! – minha voz não disfarçava a raiva. Bebi um gole e deixei que o líquido escorresse queimando a minha garganta.

- Srta. Simon? – a comissária loira e peituda se aproximou sem que eu notasse a sua presença. Olhei-a disposta a matá-la. – O Sr. Carter a aguarda – ela parecia um tanto quanto decepcionada e não pude esconder minha imensa satisfação.

Ok. Ele é meu.

Levantei e segui a miss silicone até o outro lado. Ela me guiou para outra porta e a abriu. Eu conhecia muito bem o caminho e sabia como encontrar o meu chefe sem a ajuda dela, mas como

precisava manter a cabeça tranquila, principalmente porque ficaria a sós com Robert, deixei que a mulher irritante me conduzisse.

O cômodo onde Robert estava era o mesmo em que ficamos quando fomos à Grécia. Era difícil me acostumar com a ideia de que dentro de um jato poderia existir um quarto tão grande quanto aquele. Olhei para a cama e fiquei um pouco assustada. Robert prometera me amarrar numa cama se eu quebrasse o acordo. Será que ele teria coragem, se arriscaria?

O que Robert poderia querer ali comigo. O que os outros iriam pensar? Deus! Minhas pernas tremiam e minha calcinha começou a ficar molhada. Era absurdo, eu sabia, mas era impossível não me excitar ao pensar em meu chefe, eu e uma cama no mesmo espaço. Tinha experiências para saber o quanto de prazer estas três palavras poderiam me proporcionar. No entanto, não podia permitir que nada acontecesse.

Robert estava do outro lado do cômodo, sentado numa poltrona confortável, sem o paletó e a manga da camisa dobrada revelando seu

antebraço. À frente dele havia uma mesa contendo alguns papéis e outra poltrona. Ele não me olhou. Eu entrei e a comissária se retirou. Só depois ele levantou os olhos e me encarou. Foi como se eu estivesse queimando de dentro para fora. Estava fodidamente excitada. Era tão injusto!

- Melissa – arrastou a voz ao pronunciar meu nome. Sua língua passou pelos lábios umedecendo-os. Minha imaginação foi muito fértil naquele momento e meus olhos não conseguiam se concentrar noutra coisa. – Sente-se – indicou a poltrona a sua frente. Engoli em seco e obedeci. Robert apenas me observava.

- Sr. Carter... – comecei, mas ele levantou a mão me impedindo.

- O que você está fazendo? Que medir forças comigo? – seus olhos se estreitaram e meu coração acelerou.

- Não sei do que o senhor está falando.

- Dean, Adam Simpson... – abri e fechei a boca sem saber o que dizer. – Acho que ainda não fui claro o suficiente quanto ao meu conceito de

invasão de propriedade – ok. A raiva começava a explodir em mim. Era um caminho perigoso para se trilhar.

- Propriedade? – o interrompi com a voz baixa sentindo-me insultada.

Minha mente trabalhava a todo vapor lançando partes da conversa que tivera com Alexa ao mesmo tempo em que imagens dele com Tanya de mãos dadas apareciam em flashes. O ar ficou tão pesado que respirar tornou-se uma batalha. Ele ainda falava, mas sua voz parecia distante. Eu ouvia parcialmente o que dizia.

- Vou precisar mantê-la trancada em casa para que você entenda...

- Pare com isso agora, Robert – fechei os olhos com raiva tentando conter minha voz. Não queria que os outros ouvissem. – Eu. Não. Sou. Sua. Propriedade – as lágrimas escorreram em meus olhos, porém não me intimidou.

- Não do jeito como está pensando – ele recuou, contudo já era tarde demais.

- Para o inferno você e todas as suas teorias – ficou espantado com a minha reação. - Cansei.

Cansei deste jogo. Cansei de toda esta sua loucura. Pode ter dado certo com todas as outras mulheres com quem brincou, não comigo. Cansei. Estou fora. Pode me demitir se quiser. Pode me mandar de volta no próximo voo ou pode me jogar para fora deste mesmo, mas, eu estou fora – fodeu! A raiva me dominava. Eu não podia permitir que ele me tratasse como um objeto.

Robert puxou o ar com força e passou a mão pela cabeça, mas logo recuperou a segurança.

- Não tente virar o jogo contra mim, Melissa. Não era eu quem estava me agarrando com outra mulher ontem na boate. Foi você quem quebrou o nosso acordo e me deu este direito.

- Acordo? – eu ri sarcástica enxugando as lágrimas que inundavam meu rosto. – Não temos mais acordo. Não vou me deixar ser enganada porque você não consegue resolver seus problemas com sua esposa. Não vou ficar mais nenhum final de semana em casa impedida de ver meus amigos, de sair com quem eu quiser, da forma que quiser e, na hora que eu quiser. Você

não é meu dono – esta última frase saiu com mais força e, portanto mais alto.

- Chega, Melissa! – gritou. Fiquei espantada. Robert levantou e andou pelo quarto passando as mãos nos cabelos. Ele exalava raiva. Eu estava com muita raiva. – Não vou admitir, entendeu? – disse com o dedo apontado para mim. Parecia meu pai quando me dava bronca. Seria cômico se não fosse tão trágico.

- Você não tem este direito, Robert. Vá dar ordens para sua esposa.

Levantei batendo os pés como uma criança mimada, decidida a sair dali e deixá-lo falando sozinho. Que todo o resto se danasse. Não me importava mais se as pessoas do lado de fora descobririam ou não sobre o nosso caso, ou se eu seria demitida. Não me importava com mais nada. Queria apenas ficar o mais distante possível dele.

Porém, Robert não tinha os mesmos planos. Ele me alcançou antes que eu conseguisse chegar à porta. Não tive tempo de reagir, pois, com uma força exagerada, me jogou na cama se

posicionando acima de mim. Sua mão segurava as minhas acima da minha cabeça e a outra tapava a minha boca. Eu estava assustada e tensa.

- Não grite – alertou-me. – O que vai fazer? Vai embora? Correr para os braços daquele... Daquele imbecil? – debati-me embaixo dele.

Robert me segurou com força e abriu espaço entre as minhas pernas posicionando-se entre elas. Minha saia resistiu dificultando a sua manobra. Meu chefe sorriu, demoníaco, deliciado com a minha recusa. Puta merda! Era uma luta desigual, muito acima da minha capacidade.

- Ele nunca será para você nem metade do que eu sou, Melissa – sacudi o rosto para livrar-me da sua mão. Ele atendeu ao meu apelo e liberou minha boca. Seus dedos longos roçaram meus lábios entreabrindo-os. Fechei os olhos tentando reagrupar os pensamentos e os abri quando ele descia sua boca em minha direção.

- Deixe-me em paz. Eu não quero – desviei o rosto impedindo que ele me beijasse, no entanto sabia que se aquela fosse a sua vontade nada o impediria.

- É claro que você quer – sem desistir, ele beijou meu rosto e desceu distribuindo beijos pelo pescoço, chegando muito próximo aos seios. Um misto de emoções se misturava em minha cabeça. Raiva, ódio, vergonha e tesão. Robert sempre conseguia despertar o que existia de melhor e de pior em mim.

- Ceder aos seus apelos sexuais não vai me manter ao seu lado, Robert. Você vai conseguir o que quer. Sempre consegue. Não posso evitar. Mas juro que depois disso eu vou embora. Desapareço de sua vida... – os soluços me impediram de continuar, mas foi o suficiente para fazê-lo parar. Nossos olhos se encontraram.

Ele me analisou por breves segundos. Seus olhos demonstravam sofrimento, mas este sentimento guerrilhava com a fúria. Era encantador e assustador ao mesmo tempo. Eu estava com medo do que ele seria capaz de fazer. Robert estava em um impasse. Pela primeira vez vi desespero em seu olhar, então ele deixou que sua testa descesse até meu pescoço. Eu solucei deixando

o choro me dominar. Como podia ser tão conflitante?

- O que quer de mim, Melissa? Não me teste tanto desta forma, não sei do que sou capaz – ele ofegava com o rosto enterrado em meu pescoço. Sua mão continuava prendendo as minhas.

- Deixe-me ir, Robert. Você não pode me dar o que quero. O que preciso – não podia acreditar que estava dizendo aquilo. De onde tirei coragem?

- E quem pode? Dean? – levantou a cabeça me olhando com olhos enlameados. – Ou Adam Simpson? – cuspiu as palavras, enojado. Fechei meus olhos.

Não queria piorar ainda mais a nossa situação. Precisava apenas que ele aceitasse que não poderíamos mais continuar juntos e essa era a parte mais fácil. Difícil seria me convencer que era a decisão certa.

- Eu não sou diferente em nada das muitas mulheres que já passaram em sua vida – ele riu sarcasticamente. Sua mão livre correu pelos seus

cabelos desgrenhados, porém Robert recuperou rapidamente a segurança e falou sem deixar transparecer o medo de antes.

- Você não sabe do que está falando. Quem colocou essa merda em sua cabeça? Com quem andou conversando? – seus olhos se estreitaram como se quisesse saber muito mais do que foi capaz de me perguntar.

- Isso importa? Vai negar que outras mulheres já representaram o mesmo papel que eu?

- Nenhuma outra mulher representou este papel, Melissa. Não assim e definitivamente não tiveram nem um terço do que eu dou você. Mas que Droga! – ele me soltou e sentou na beira da cama. Levantei lentamente com medo de que tivesse outra reação absurda. – É isso mesmo o que você acha? Acredita que outro homem é capaz de atender as suas expectativas? O que você quer, Melissa? Responda!

Ele não gritou, pois tinha consciência do perigo que era chamar a atenção dos outros para nós dois, contudo sua voz saiu alta e autoritária. Robert oscilava entre o CEO seguro de si e arrog-

ante, que não pedia, ordenava, e o homem doce e gentil que muitas vezes se apresentava, me seduzia e fazia amor comigo. Fiquei confusa e não consegui responder.

- Dean? É ele quem você quer?

- Não – minha resposta foi rápida e segura. Deveria ser o suficiente para ele, porém Robert não ficou satisfeito, demonstrando o tamanho da sua insegurança.

- Adam Simpson? – eu ri sem graça. Como ele podia pensar que eu e Adam...

- Não, Robert.

- Quem? – ficou cansado e assumiu uma postura de derrota. – Quem, Melissa? Que droga! Diga-me quem está fazendo você recuar?

- Ninguém – Robert me encarou parecendo não acreditar em mim.

Ele estava acabado. Era estranho e hilário, assisti-lo. O Robert tão cheio de confiança, que me aterrorizava com suas ameaças, estava naquele momento à minha frente, tão frágil e perdido.

- Mel, eu... – ele não sabia como dizer o que queria. Entretanto eu sabia o que ele poderia me prometer e tinha certeza de que não queria aquelas promessas.

- Eu sei, Robert. É exatamente por isso. Você não pode se separar agora. Quer que eu entenda, mas não me diz toda a verdade. Não quero isso – por incrível que pareça, eu estava bem mais calma.

- E o que você quer? Não posso romper meu acordo com Tanya. Entenda! Só posso garantir que está muito perto de acabar.

- Você sempre vai me dizer a mesma coisa. Sempre será desse jeito, até que se canse de mim, só que até lá, serão muitas lágrimas, muitas noites insones e muita solidão... – meu choro se negava a parar de cair. Ainda era difícil constatar tal fato.

- Que absurdo, Mel. Pare com isso. Pare com isso agora, Melissa. Você não vê? – seus olhos me imploravam. Eu estava tão confusa.

- Estou tão cansada. São tantos conflitos, tantas confusões e tudo que queria era poder assistir ao noticiário da noite ao seu lado, cozinhar

para você, me derreter de prazer em seus braços e adormecer sem medo do que poderá acontecer no dia seguinte. Sem temer o que podemos perder. Eu quero você para mim, e sei que nunca terei – ele me olhou com ternura e se aproximou mais, encostando seu rosto ao meu.

- Se me quer tanto por que não confia em mim? Por que não faz o que eu peço? – ele não pedia, mandava, mas não cabia falar sobre isso neste momento.

- Porque não quero a vida de amante. Eu quero ser mais. Não posso acreditar que terei tão pouco de você quando estou oferecendo tudo o que sou. Não existe nada em mim que não lhe pertença.

- Mel – Robert puxou o ar com força e colou sua testa a minha. - Você não é minha amante – acariciou meus cabelos e buscou por meus olhos. - Você é a minha mulher. Eu sou louco por você, Melissa.

Eu não estava preparada. Ele me desarmou completamente. Como eu poderia dizer adeus a aquele homem depois daquelas palavras? Puta

merda! Nossa Senhora dos corações fragilizados que me ajudasse e consolasse.

- Robert... – ele me beijou. Um beijo doce que foi ganhando força aos poucos, me fazendo ceder aos seus encantos.

Beijava-me de maneira fracionada. Seus lábios se juntavam aos meus e depois se afastavam, voltavam para mim outra vez e então partia. Eram doses homeopáticas que ao invés de curar a ansiedade que sentia, acelerava tudo em mim. Seus dedos acariciavam minha nuca me fazendo relaxar. Com cuidado, ele me deitou na cama.

- Não, Robert – murmurei com a voz fraca. – Não aqui – mas ele me beijava ainda e suas mãos acariciavam meu corpo por cima da roupa. Carícias firmes e leves. Eu ansiava por mais.

- Eu quero você, Mel! Não apenas hoje, nem da forma como você acredita, eu só... – Ele hesitou sem poder dizer o que pretendia. O tom de sua voz em minha pele me deixou totalmente arrepiada e ofegante. – Quero você toda para mim.

Como dizer não quando seus lábios estavam em minha pele descendo rapidamente pelo meu busto enquanto sua mão desabotoava os botões da minha camisa? Robert cercou meu seio com sua mão capturando-o, sua boca se apossou dele e seus dentes pressionaram o bico com a pressão na medida certa. Impedi que um gemido de prazer escapasse.

- Não, Robert – repeti tentando impedi-lo de fazer aquela loucura, contudo, minha voz não tinha força suficiente para detê-lo. – Eles podem desconfiar. Robert... Ah meu Deus!

Ele deslizou sua mão por dentro da minha saia chegando a minha calcinha, ultrapassando a barreira e tocando-me com bastante intimidade. Eu já estava completamente entregue. Seus dedos acariciaram meu sexo espalhando a umidade e se deliciando nela. O toque era sensual e torturante. Eu o queria dentro de mim. Com urgência.

- Oh Deus! – gemi um pouco mais alto quando senti seus dedos em minha entrada.

- Shiiiiii! Se fizer silêncio eles não vão perceber nada.

Ele afundou ainda mais seus dedos e eu apertei os lábios para não gemer alto. No entanto Robert não deixaria de me castigar um pouco mais e logo seus dedos estavam fora, apenas acariciando a parte externa da minha feminilidade. Respirei fundo recuperando o fôlego.

- É perigoso - murmurei num gemido lento.

Meu chefe, é claro, não levou em consideração o meu protesto, se bem que pareciam mais incentivos do que qualquer outra coisa. Rapidamente terminou de levantar a minha saia e se posicionou entre as minhas pernas, puxando-me de encontro a ele pelos quadris.

- Não posso esperar. Preciso estar dentro de você, Mel. Preciso te comer e vê-la gozar. E preciso fazer isso agora.

No mesmo instante seu membro me invadiu abrindo espaço dentro de mim. Robert entrou da forma como ele era, sem pedir permissão e preenchendo-me completamente. Rapidamente todo o meu corpo já lhe pertencia. Eu estava

incondicionalmente dominada. Gememos juntos tentando conter a intensidade do nosso desejo.

Lentamente ele começou sua dança sensual, saindo de mim para logo em seguida investir com mais força. Este seria o nosso ritmo. Eu estava adorando. Forcei meu corpo contra o dele para que pudesse se aprofundar cada vez mais e rebolei luxuriosamente. Ele mordeu meu ombro numa tentativa frustrada para conter seus gemidos.

Suas mãos desceram explorando cada pedaço do meu corpo e quando chegaram a minhas coxas puxaram minhas pernas para que ficassem presas em seu quadril. Cruzei-as em sua cintura dando-lhe maior mobilidade. Ele avançou como um selvagem deixando-me a sua mercê, completamente exposta aos seus desejos, reivindicando-me cada vez mais.

Nossos movimentos foram ficando mais intensos. Uma parte pela urgência, pois podíamos ser surpreendidos, e a outra, pelo prazer que nos dava saber que estávamos numa situação de risco

e, apesar disso, era o que mais queríamos naquele momento.

Transando como dois insanos, não sei a quantos pés de altura, cortando o oceano e com outras pessoas nos aguardando do lado de fora. Era uma loucura extremamente excitante. Beijamo-nos num desejo avassalador enquanto nossos corpos se enroscavam e se apertavam freneticamente.

Minha saia estava presa a cintura e meu amante permanecia totalmente vestido, apenas com as calças abertas para liberar seu membro e, este, lutava contra a minha calcinha, que foi apenas afastada para o lado, para lhe dar passagem. Era a fantasia de qualquer mulher, e eu estava enlouquecida por poder realizá-la.

Robert me puxava pelos quadris enquanto entrava com mais força e eu rebojava forçando-o a roçar ainda mais as minhas paredes. Estávamos chegando lá e podia senti-lo tentando controlar o seu momento.

- Agora, Mel, goze para mim, linda! – ordenou, e, como sempre acontecia, algo dentro de

mim disparou me proporcionando um prazer inenarrável.

Segurei-me a ele com força trincando meus dentes para que o grito de prazer preso em minha garganta não escapasse. Robert sufocou o seu em meu pescoço e em meus cabelos deixando seu corpo tremendo sobre o meu. Fiquei agarrada a ele mantendo nossos corpos juntos o máximo de tempo possível.

Quando começou a relaxar levantou-se um pouco se apoiando no cotovelo e me beijou nos lábios com doçura. Foi o beijo mais doce e gentil que ele já havia me dado. Meu coração derreteu.

- Eu adoro você! – afastou-se um pouco, arrumando as próprias roupas. – Mas ainda quero aquele cara longe. E não vou desistir de puni-la – revirei os olhos. Meu chefe era absurdo com todo aquele ciúme. Como foi mesmo que me convenceu a deixá-lo permanecer em minha vida?

- Robert, eu apenas estava...

- Beijando ele – acrescentou com raiva. Eu ainda estava extasiada com o prazer de segundos atrás e não queria recomeçar nossa briga.

- Eu não estava beijando.

- Eu vi, Melissa. Eu... – levantou com raiva. - Como pode? Pensou mesmo que eu não descobriria? – nem quis perguntar como ele conseguiu descobrir. Já tinha esgotado minha cota de confusão.

- Robert! – falei mais alto chamando a sua atenção. – Eu estava tentando colocar um ponto final na minha situação com Dean – depois de alguns segundo ele pareceu mais tranquilo, porém não o suficiente.

- E selou o fim da história de vocês com um beijo de despedida?

- Não, ele tentou me beijar, foi por isso que o assunto surgiu, e ele entendeu. E você deveria ter me escutado primeiro ao invés de sair distribuindo socos – riu.

- O cara mereceu. E foi melhor assim. Se não fosse nele seria em seu... Amigo – estremeci imaginando os dois brigando. – Você consegue me enlouquecer, Melissa. Quando vai entender que quando eu disser para se afastar de alguém é porque realmente preciso que me obedeça?

- Quando você vai entender que não pode decidir sobre a minha vida? – Robert se deixou cair na cama de costas para o colchão.

- Mel. Eu preciso ter certeza que posso confiar em você. Preciso disso para conseguir fazer todo o restante com tranquilidade. É muito importante para mim.

- Pode confiar.

- Então você vai se afastar dele?

- Não – Robert puxou o ar com impaciência. – Nosso acordo era que eu não teria outra pessoa e nem você, mas não pode me impedir de ter amigos, ou de sair com eles.

- Colabore, Melissa, por favor!

- Eu preciso ter uma vida, Robert. Não posso ficar trancada em casa enquanto você brinca de casinha com a sua esposa.

- Eu estou me desdobrando para atender as suas necessidades – era isso o que ele pensava?

- Sexo não está no topo das minhas prioridades. Você precisa se esforçar mais – mordeu os lábios impedindo um sorriso. Robert se apoiou no cotovelo para me olhar melhor.

- Eu posso ficar em sua casa até às onze três vezes na semana. Depois disso preciso voltar para casa – só isso?

- É pouco.

- Pouco?

- Claro que é. Eu preciso de mais. O que vou fazer com você em minha casa três vezes por semana até as onze – ele levantou uma sobrancelha e riu. - Eu adoro transar com você, mas isso não é tudo na vida – sua cara revelava que ele sabia a verdade. – Tá legal! Transar com você é quase tudo – riu satisfeito. – Mesmo assim. Preciso de mais – desviou os olhos de mim e encarou o nada mordendo o lábio inferior. – Você precisa fazer mais do que isso, Robert.

- Sábado à tarde? – eu sabia que aquele era seu limite, mas ainda era pouco para mim.

- Pouco.

- Convenço Nick a te fazer companhia duas noites por semana, pago uma academia para que você coloque um pouco da energia para fora, te matriculo em um curso de... Qualquer curso. É só escolher. Pronto. Ocupei todo o seu tempo

livre, nem vai sentir a minha falta – foi a minha vez de levantar uma sobrançelha debochando da sua proposta. – Argh! O que posso fazer por você, Melissa? Três orgasmos por dia quando estivermos juntos e não se fala mais nisso – olhei-o admirada. Claro que ele estava brincando, mesmo assim... Tudo se resumia a sexo.

- Três orgasmos? – fingi estar analisando.

- Não me diga que é pouco. O tempo é muito curto e nós não vamos fazer outra coisa que não seja transar. Você deveria estar mais do que satisfeita.

- Por hora, sim.

- Por hora? – demonstrou estar indignado.

- Aceito três orgasmos por dia. Como você ainda precisa de um tempo para resolver seu impasse com sua esposa, posso me contentar com esta oferta. Só não posso garantir por quanto tempo – ele riu cansado da conversa. – Agora sério, Robert, não quero nada do que me prometeu. Apenas que consiga resolver seus problemas logo.

- Eu tenho tanto interesse nisso quanto você, Melissa.

- Assim espero – cruzei os braços olhando para ele. Robert segurou meu rosto entre as suas mãos.

- Eu sei que você quer mais. Eu também quero. Adoraria poder lhe dar tudo o que merece, mas infelizmente não posso. Ainda não. A única coisa que consigo garantir é que estou com você, apenas você. Para mim é o suficiente e, é o que realmente quero – ele parou um pouco confuso com alguma coisa. – E acredito que você também pensa assim, não é? Continuamos com nosso acordo?

- Desde que cumpra com a sua parte, sim – Robert sorriu me deixando mais encantada.

- Esta semana você terá os seus quatro dias – levantou da cama e foi até a mesa.

- Não abro mão do meu sábado – também levantei arrumando minha roupa e meus cabelos.

- Combinamos quatro dias – falou divertido. A tensão tinha deixado de existir.

- É só você ficar distante por um dia – provoquei.

- Você não vai conseguir isso de mim – pareceu bastante decidido. – Não abro mão de comer você, de todas as formas possíveis, nem por um dia durante esta viagem - minhas pernas ficaram bambas só de imaginar o que faríamos.

CAPITULO 29

Ficamos o restante da viagem, sentados um de frente para o outro. Eu fazia anotações e lia alguns documentos que Robert passava para mim. Não que esta fosse a minha função, mas ele parecia confiar em minha opinião. A todo o momento alguém entrava e era meio embaraçoso. Aparentemente nada indicava que havíamos transado naquela cama, mesmo assim, eu ficava vermelha com possibilidade de alguém pensar em algo parecido.

Frank foi quem permaneceu mais tempo conosco. Ele conversava sobre os acordos e contratos e, como as leis dos dois lados poderiam assegurar as empresas. Garantia que nada ficaria obscuro e que Robert poderia confiar em sua capacidade jurídica. Entendi que eles se conheciam de longa data, entretanto não eram propriamente amigos, apenas muito próximos.

Apesar da seriedade da sua postura, Frank era tranquilo e alegre. Conseguiu conversar sobre

temas cansativos de forma corriqueira e interessante. Muitas vezes me vi envolvida numa longa conversa com ele, sobre tudo o que poderíamos esperar. Robert, apesar de nada dizer, parecia se sentir um pouco incomodado, mas estava acompanhando tudo e sabia que nada além do profissional estava sendo dito, então por que não relaxava?

Adam também ficou um pouco ao nosso lado. Ele é o tipo de pessoa que precisa falar o tempo todo para se sentir vivo. Eu e Robert éramos diferentes, aproveitávamos o silêncio. Adam misturava as conversas, ora falava sobre algo interessante para os negócios, com colocações inteligentes, ora brincava com o sentido dúbio das palavras, me fazendo corar. Também era direto em seus convites para sairmos. Robert parecia querer esganá-lo, no entanto, limitou-se a pedir que Adam saísse e chamasse Paul.

Paul, apesar de ser muito amigo de Robert parecia travado com a minha presença. Ele conversou bastante sobre as negociações e pouco

sobre a vida pessoal. Quase não falou comigo, apesar de ser sempre agradável. Na certa ainda estava irritado com a história da briga. Prefери me manter distante.

Quando o piloto avisou que estávamos nos aproximando do Aeroporto Internacional de Dubai, pedi licença aos dois, fui até minha poltrona e peguei a minha bagagem de mão, indo até uma das cabines. Era pequena e possuía apenas outra poltrona, ampla, reclinável e confortável, uma mesa com um televisor acima. Coloquei minha pequena bagagem sobre a poltrona e tirei de lá uma echarpe branca grande o suficiente para cobrir meus cabelos, pescoço, ombros e braços, além de uma boa parte do meu rosto. Era o mais sensato a ser feito.

Mesmo sendo estrangeira eu deveria seguir as normas culturais para vestimentas tão claras na região. Troquei minha saia por uma mais comprida, apesar de tão justa quanto a outra e mantive a camisa de botões que pouco revelava. Saí da cabine e todos me observavam.

- Andou pesquisando? – Paul perguntou com um sorriso nos lábios que me fez corar.

- Se vou ser a única mulher neste grupo devo me comportar de acordo com os costumes. Será o melhor para que as negociações sigam o rumo desejado. Não seria nada agradável se algo desse errado apenas porque vocês resolveram trazer uma mulher que escandaliza nas reuniões – Adam riu concordando e Frank me encarou por um tempo. Robert expressava sua admiração com os olhos, fiquei feliz por ter marcado um ponto positivo com ele.

- O lenço não é necessário. As estrangeiras não precisam seguir tão a risca as normas – os olhos do meu chefe não saiam de mim.

- Com certeza, mas como vamos estar em contato com um grupo de empresários Árabes não posso correr o risco de afrontar a todos – ele concordou com a cabeça e desviou a atenção.

- Gosto de seus cabelos, Melissa – Adam não desistiria. – E gosto dos seus olhos. Ainda não decidi se prefiro o véu tornando-a tão enig-

mática ou com os cabelos soltos que a deixam mais selvagem.

Apenas sorri timidamente. Adam não sabia o tamanho do problema que estava arrumando. Se eu queria evitar complicações naquela viagem, era melhor manter distância dele.

Ficamos devidamente acomodados em nossas poltronas enquanto o avião se preparava para aterrissar e só voltamos a conversar quando estávamos em terra firme. Paul se apressou a descer, seguido de Adam e Frank. Desta vez Robert me ajudou com a bagagem, aproveitando o momento para cochichar em meu ouvido.

- É extremamente excitante vê-la tão submissa, Melissa. Você me encheu de ideias – meu rosto pegou fogo e devo acrescentar que minha calcinha também. Mais submissa do que eu já fora em seus braços, impossível.

- Sr. Carter, o senhor está obstruindo a minha passagem – ele deu um sorriso tão lindo que minhas pernas fraquejaram.

- Não pense que desisti da minha vingança – olhei-o espantada. – Apenas decidi mudar a

maneira como irei conduzi-la. Esteja preparada, Srta. Submissa Completamente Desejável Simon.

A comissária peituda se aproximou de nós dois. Ciente do que ela pretendia sendo tão solícita baixei os olhos puxando o véu sobre meus cabelos me preparando para abrir passagem entre eles e sair do avião. Eu podia sentir o sorriso de Robert se alargando por me ver com o véu.

- Posso ajudá-los? – ela se ofereceu diretamente a Robert.

- Não. Obrigado, Grace – meus olhos se estreitaram. Ele a chamava pelo nome? Passei à frente dele e ouvi seu riso baixo e rouco. Céus! Ele era deliciosamente detestável.

Descemos as escadas do jato e imediatamente me arrependi de não ter trocado a camisa por uma mais fina e sem mangas. O calor do deserto era insuportável, ainda mais com aquele véu cobrindo meu rosto. Eu estava sufocando. Todo meu corpo estava fervendo e, desta vez, não era culpa do meu chefe.

Agradei a todos os santos quando entramos na imensa limusine preta que nos aguardava.

dava. O ar condicionado foi mais do que bem vindo, mesmo que significasse contribuir com a degradação do meio ambiente. Pelo menos eu não morreria tostada e desidratada no meio do deserto. Tirei o véu e consegui uma presilha em minha bolsa para prender meu cabelo num coque.

- Agora você me deixou ainda mais confuso, Mel – não entendi o que Adam estava aprontando e o olhei interrogando a sua colocação. – Eu disse que gosto dos seus cabelos soltos. Você fica mesmo incrível com eles descendo pelo rosto e caindo sobre os ombros, mas vendo-a prendê-los desta forma não tenho mais certeza a respeito da minha preferência. Gosto da ideia do seu pescoço descoberto e do seu rosto livre.

Não sabia o que dizer. Adam era inconveniente e chegava a ser desagradável com tanta demonstração de interesse por mim, mas ele fazia tudo com muita leveza, como se não quisesse me ofender e sim, como se fosse impossível não expressar a sua admiração. Seus olhos brilhavam

quando ele falava, já os de Robert chamuscavam. O silêncio foi constrangedor.

- Nossa! Nunca vou me acostumar a todo este calor – Frank fez o grande favor de retornar a conversa passando um lenço na testa. – Ainda bem que todos os ambientes são climatizados.

Meu chefe me lançou um olhar assassino. Puta merda! Eu nada tinha feito para merecer tal atitude. Por que ele não se resolvia com Adam ao invés de tentar me intimidar?

- Eu gosto do calor – sorriu demonstrando estar com o humor recuperado. – As pessoas usam menos roupas – Adam riu e Paul balançou a cabeça. Esta era uma face desconhecida de Robert para mim até então.

- Não em Dubai, meu amigo – Paul sorriu amistosamente. – As mulheres daqui se escondem completamente. Com exceção das estrangeiras.

- Com certeza. Enquanto estão nas ruas. Mas entre quatro paredes, nem tanto – Frank piscou para Paul e eles riram. Eu não gostei nem um pouco desta parte da conversa. Pelo visto teria

que fazer um trabalho duplo. Fiscalizar Robert e também Paul. Era um favor para a minha amiga Nicole.

- Não podemos nos esquecer das dançarinas – Paul acrescentou e todos eles concordaram. Homens!

- Temos que tomar cuidado com Mel – Adam voltou a chamar a atenção para mim. Precisei me esforçar para não revirar os olhos. – Você fica lindamente excêntrica ao cobrir o rosto deixando seus olhos enigmáticos de fora. E mesmo com esta saia um pouco mais comprida dá para perceber a beleza do seu corpo. Alguém pode planejar sequestrá-la para algum harém – ele riu e eu fiquei ainda mais vermelha do que já estava por causa do calor. De onde tirou aquela besteira de harém?

- Podemos negociar com alguma casta a venda dela como esposa. Quanto será que conseguiríamos? – meus olhos se arregalaram. Robert estava brincando sobre me vender para alguém? Todos gargalharam da minha cara e eu fiquei aborrecida.

- Pode ser que eu aceite, só que é a mulher quem dá o dote, quem sabe vocês queiram assumir o papel – olhei diretamente para ele. – Talvez consiga um bom marido. Um que queira realmente ficar comigo e me trate como mereço.

Adam fez biquinho me reprovando, Paul sorriu de forma misteriosa e olhou de lado para Robert. Fiquei tensa. Será que ele também desconfiava de algo?

- Você sabia que aqui um homem pode ter quantas mulheres puder sustentar? Ou seja, um homem casado pode tomar outras mulheres como esposa, desde que possa sustentá-las – quase sufoquei com o ar nos pulmões. Robert parecia conversar normalmente, mas eu sabia o que estava tentando me dizer. Era repugnante. E toda a conversa que tivemos no avião?

- Existem regras para que ocorra a bigamia, Sr. Carter. Para mim, a mais importante delas é que a mulher não é obrigada a aceitar um marido já casado e a esposa tem que estar de acordo com o segundo casamento. Também existe o fato de que para que um homem despose

outra mulher, sendo ele já casado, tem que ter um motivo justo.

- Sim, claro. Como falta de interesse no primeiro casamento e tendo ele consciência de que a mulher divorciada não é bem vista e não estando disposto ou não havendo motivos para repudiá-la, ele pode assumir uma segunda esposa, ou terceira, a depender do tamanho de sua fortuna – merda!

Ele estava se divertindo com a nossa penosa situação. Era ridículo pensar que poderia me convencer a continuar sendo sua amante com toda aquela conversa fiada.

- Não pode haver diferença entre as esposas. Todas devem ser tratadas da mesma forma, Sr. Carter. O que uma tem, todas as outras devem ter – ele sorriu para mim e seu olhar tornou-se diabólico. Ah não! De forma alguma, Carter.

- Isso não seria problema para alguém como eu – Paul se mexeu desconfortável em seu lugar.

- Bigamia não faz parte das leis e costumes americanos. O senhor é americano – desviei o ol-

har para fora do veículo querendo encerrar aquela conversa.

- Basta me converter – olhei incrédula em sua direção. - Ah, isso acontece aqui também – riu irônico e eu fiquei com muito mais raiva.

- Bem, Sr. Carter, pode ter certeza que não acontecerá comigo – ele riu novamente. O clima estava muito tenso dentro da limusine que se tornou pequena demais para nós dois.

- Ainda bem que sou contra essas coisas. Sou homem de uma mulher só. Viu, Mel? Sou o homem ideal para você – minha cara de antipatia foi o suficiente para que Adam desistisse de continuar. Eu não estava para conversa depois do que Robert disse.

Fiquei olhando a tarde que parecia não querer ir embora, mesmo com o adiantado da hora. Foi uma viagem longa e cansativa. Dubai era tão cheia de neblina que a sensação claustrofóbica não me abandonava. Imaginei se conseguiria respirar se ficasse do lado de fora, sem ar condicionado e em meio a aquela parede esfumada que aparentava solidez.

“Acalme-se, Mel. É só a sensação de ser posta contra a parede. Maldito Carter”.

A chegada ao *Burj Al Arab*, o magnífico hotel em que ficaríamos hospedados pelos próximos quatro dias, foi deslumbrante. O hotel por si só já seria o suficiente para me deixar completamente estupefata, mas estar tão perto da água, em meio ao deserto, mesmo sabendo que era artificial, tornava tudo ainda mais majestoso.

Minhas sensações foram maximizadas quando passamos, através de uma ponte, por cima do mar, cuja a praia não deixava nada a desejar para uma de verdade, para alcançarmos o hotel. Era algo completamente fora da realidade.

A arquitetura do local onde ficaríamos hospedados era incrível. Em formato de vela de barco, ele conseguia se destacar naquela paisagem. Meus olhos ficaram presos ao que encontrava pela frente. Labaredas de fogo eram lançadas no ar saudando os hóspedes que chegavam contemplando o final do dia. Imaginei como deveria ser dentro. Será que alguma coisa venceria ou ofuscaria a sua beleza externa?

Do lado de dentro era tão perfeito quanto de fora. Sua imensidão dourada fazia com que sentíssemos como um Deus, como se tivéssemos entrado no céu e pudéssemos usufruir o que de melhor existia nele. Meus ouvidos logo captaram o barulho de água sendo lançada em um ritmo constante e bem programado.

Um homem com uma barba longa e negra nos recebeu com incrível elegância, vestia uma roupa longa e branca com uma túnica vermelha jogada aos ombros. Havia um crachá indicando o seu nome, mas meu chefe já era aguardado, o que dispensou qualquer processo burocrático.

Robert estava tão à vontade que me fez enxergar claramente o quanto nossos mundos eram diferentes. Tanya com certeza não se sentiria como eu se o acompanhasse naquela viagem. Ela era tão adequada ao ambiente.

- O nome significa Torre das Arábias – Robert falou logo atrás de mim. – É de tirar o fôlego, não é? – foi impossível conseguir desviar o meu olhar para ele. Era tudo lindo e grandioso que me sentia incapaz de tirar meus olhos. –

Nunca consigo pensar em outro lugar para ficar em Dubai. Este hotel tem tudo para transformar suas fantasias em realidade – desta vez meus olhos foram rapidamente para ele.

Estávamos falando em realizar fantasias na frente de outras pessoas? Robert estava parado admirando a estrutura, assim como eu e os outros. Sua expressão em nada o entregava. Fiquei mais tranquila.

- Você vai ficar ainda mais admirada quando vir os andares de baixo – Adam se aproximou sorrindo, com um entusiasmo único. Fiquei muito curiosa. – Tem também os bares e restaurantes, cada um com seu charme especial. Precisa aproveitar tudo o que eles oferecem aqui, Mel. Com certeza será o local mais apropriado se quiser beber algo que contenha álcool. Mas claro que Dubai é completamente encantador, então vai precisar sair para conhecer lugares incríveis – tive que sorrir para todo o seu ânimo.

- Ela vai conhecer tudo, Adam, pare de rodeá-la como um cachorrinho – meu chefe ficou visivelmente irritado.

- Você é muito protetor. Mel é sua secretária, não sua propriedade – Adam rebateu.
– Ela terá tempo livre para bancar a turista e eu farei questão de ser o seu guia – sorriu para mim.
Adam ou era muito idiota ou queria mesmo irritar Robert e levá-lo ao seu limite.

- Ela não é minha propriedade, mas está numa viagem de trabalho, ou seja, eu sou o chefe, eu mando – o tom de voz do meu amante era totalmente ameaçador e fiquei com medo do que seria capaz de fazer com o coitado do Adam.

- Ah, tudo bem! - na tentativa de evitar um confronto maior entre os dois, ou uma exposição maior de Robert acabei dando mais liberdade a Adam e mais aborrecimento ao meu chefe.
– Acho que preciso de um banho com urgência – passei a mão pelo pescoço constatando o quanto minha pele pegajosa implorava por água.

- Dentro do hotel você não vai precisar do véu. Aqui quase todos são estrangeiros e as diferenças são devidamente respeitadas. Não que não sejam do lado de fora, porém aqui você pode ser simplesmente Melissa – Frank me alertou dis-

traindo todos da conversa tensa. Ele me ajudou com o véu, mesmo sendo a coisa mais simples do mundo o que deixou Robert ainda mais irritado. Fiquei sem graça com sua a atenção. – Claro que lá fora você só usará o véu se quiser. Ninguém vai obrigá-la a fazer isso.

- Tudo bem.

- Vamos? – Robert chamou impaciente e seguimos o homem que nos aguardava sem se importar com a nossa demora.

Caminhamos pelo saguão que ostentava ouro para todos os lados. Passamos pelos enormes sofás vermelhos e pelas bandejas muito bem posicionadas, com champanhe para os hóspedes. Tapetes coloridos enfeitavam o chão e onde não havia esta decoração, um brilho incomum era refletido de cima para baixo. Todo o hotel parecia uma joia.

Uma linda fonte jorrava água do andar de cima para o de baixo em um baile perfeitamente ensaiado. Muitos turistas disparavam suas máquinas tentando registrar o máximo que podiam daquele lugar tão espetacular. E era apenas o

saguão. Passamos por algumas lojas de roupas e joias que demonstravam claramente que vendiam para quem podia pagar. Nenhum dos rapazes parecia interessado nestes detalhes, mas meus olhos captavam cada cantinho por onde passávamos.

Paul e Adam conversavam tranquilamente e Robert caminhava à frente, com passos seguros, totalmente familiarizado com o local. Passamos por salas e colunas com predominância do dourado, depois entramos em outra repleta de janelas que permitiam uma visão panorâmica da praia. Era lindo!

Todos continuaram andando até que Frank fechou uma porta espelhada atrás de mim. Em nenhum momento tinha percebido que estávamos em um elevador. Incrível! Era tão veloz que assustava. Robert percebeu minha apreensão e sorriu. Não tive coragem de me aproximar do vidro para ver a imagem de fora do hotel, como todos fizeram. Era demais para mim. Fechei os olhos e aguardei até que o frio na barriga anunciou

que tínhamos chegado ao nosso andar. Não queria nem imaginar como seria descer.

Aguardei para saber o que meu chefe aprontara em relação aos nossos quartos. Como teríamos comunicação sem chamar a atenção dos outros? Chegamos ao nosso andar e eu desci sem saber ao certo que direção seguir. As imensas portas duplas davam ao local a ideia de privacidade. Perfeito para alguém como Robert. Paramos alguns minutos na recepção, uma para cada andar, depois continuamos seguindo o homem de barba negra que nos indicava o caminho.

- Sr. Hanson – o rapaz falou com o sotaque carregado. Pelo menos ele falava inglês. – Seu quarto, senhor – entregou o cartão de acesso para Paul que imediatamente indicou suas malas para o outro rapaz que nos acompanhava com o carrinho de bagagens.

O homem seguiu em frente parando a cada porta que ficavam devidamente distantes uma da outra. Eu não teria como fugir. Mesmo com toda aquela conversa de duas esposas, ainda me sentia ansiosa pelos nossos momentos, ainda que fosse

para reforçar a minha posição a respeito de Tanya.

O meu quarto foi o penúltimo, entre o de Robert e o de Adam e de frente ao de Frank. Que irônico. Peguei meu cartão de acesso e entrei dando espaço para que o rapaz levasse minha mala. Fiquei petrificada. O quarto era algo incomum. Deslumbrante!

Para começar, amei a decoração onde prevalecia o azul. Tudo bem, eu tinha ficado traumatizada com a quantidade de azul da Grécia, mas parecia que depois de Robert as coisas seriam daquela forma. Começava a me acostumar com a cor, como se ela fosse capaz de me remeter as melhores lembranças que eu poderia ter.

No entanto, tudo era um mínimo perto do que havia lá. Toda a parede era de vidro, porém não só a parede de frente a porta, mas, ao que parecia, todas as paredes, o que davam uma visão panorâmica de Dubai, pois estávamos no alto e a vista era de tirar o fôlego. Podíamos ver a praia de frente e o céu se fundindo em azul com ela. Era magnífico, impressionante.

Minhas malas foram deixadas ao lado, próxima a uma escada estreita e em frente a uma porta quase que escondida. Um pequeno lavabo a direita, predominando azul e dourado era o primeiro cômodo da suíte. Logo após havia um ambiente reservado para escritório, com tudo o que um executivo precisaria. Caminhei para lá tocando tudo o que minhas mãos pudessem alcançar. Um telefone e um notebook estavam sobre a mesa. Abri os armários e encontrei um compartimento contendo cafeteira, ingredientes para chá e algumas guloseimas. Um minibar completava o ambiente com um frigobar repleto. Robert iria gostar daquilo.

Uma pequena tela chamou a minha atenção. Toquei nela e a imagem do controle de tudo relacionado ao quarto apareceu. Cliquei aleatoriamente e as cortinas começaram a se fechar. Dei um gritinho infantil de felicidade, batendo palmas. Se Robert estivesse ali se divertiria com a minha reação. Cliquei mais uma vez fazendo com que as cortinas voltassem a sua

posição inicial. Queria continuar com a visão de Dubai aos meus pés.

Os móveis elegantes e luxuosos não deixavam a paisagem poluída e sim davam a ela o equilíbrio perfeito. Duas poltronas em diversos tons de azul ficavam viradas para a parede de vidro, mais à frente um imenso sofá em “L” com uma tonalidade cinza esverdeado e, sobre ele um xale branco e almofadas em diversos tons de azul. Nas poucas paredes existentes que não eram de vidro havia espelhos com armações de ouro, era ouro de verdade, além de algumas obras de arte.

Dei alguns passos e vi uma pequena sala separada por colunas gregas num tom dourado e branco. Era a sala de jantar. Do outro lado uma pequena sala contendo um divã com almofadas azuis marinho e, de frente para ele, numa parede contrária à de vidro, uma enorme TV de plasma. Voltei para o meu ponto de partida e olhei para a escada ao lado da porta principal. Peguei a caixinha de doces que estava sobre a mesa da sala de estar, passei pelo divã convidativo e subi.

Quando meus dedos tocaram no sensor de luz que ficava ao lado da escada, mais uma vez soltei um gritinho, espantada, pois todo o quarto ficou escuro. Ri sobressaltada e passei os dedos outra vez trazendo a claridade de volta. Subi as escadas e parei no último degrau sorrindo como uma criança. Na parede que ficava de frente a escada havia a projeção de um relógio. Fiquei deslumbrada com algo tão simples, mas que me encantou tanto quanto o sabor dos doces que comecei a devorar quase que imediatamente.

Entrei no quarto e parei admirada. A cama em estilo “Contos das Mil e uma Noites” fez com que eu me sentisse a verdadeira Sherazade. Meu sorriso foi imenso. O quarto seguia o mesmo padrão da sala, com a parede de vidro de frente para a cama, e esta imediatamente me fez pensar em Robert e em tudo que poderíamos fazer nela.

Mais duas portas: um closet e o banheiro. O closet era fantástico. Coloquei minha mala de mão nele, retirando dela algumas coisinhas que iriam para o banheiro, este era deslumbrante. Uma banheira, que mais parecia uma piscina,

ficava de frente para a janela de vidro. À noite a imagem devia ser o máximo. Mais afastado, separado por uma divisória de vidro, dois imensos chuveiros, um de cada lado. O restante era indescritível.

Desabotoei alguns botões da minha camisa desejando um banho com urgência. Minha pele estava pegajosa. Tirei as sandálias altas e deixei que meus pés aproveitassem o chão. Olhei-me no espelho e pensei envergonhada no motivo da minha euforia. Robert estava brincando comigo e eu não conseguiria fugir.

- Toc, toc – ele disse da porta do banheiro. Assustei-me com sua imagem refletida no espelho que ficava sobre as pias duplas.

- Robert... Como...

- Passagem secreta. Nossos quartos foram projetados assim.

- Para homens casados se encontrarem com suas amantes? – tentei esconder a minha irritação.

- Acho que sim – respondeu casualmente e, sem se importar comigo, cercou-me com seus

braços e buscou meus lábios. Eu desviei. Ele riu e mordeu o lábio inferior.

- Foi uma brincadeira, Mel.

- Quando?

- No carro. A história dos quartos é verdade.

- Não vou ser sua amante – minha raiva estava de volta.

- Já conversamos tanto sobre isso – ele, sabiamente, ainda enlaçado ao meu corpo, massageava minhas costas com suas mãos mágicas subindo o meu pescoço e me prendendo ainda mais. – Relaxe – beijou o canto da minha boca. – Aproveite – beijou o outro canto. – E goze.

Seus lábios tomaram os meus com desejo ávido. Puta Merda! Eu o queria. Ali. Naquele momento. Com urgência. Mas não podia.

- Pare, Robert – consegui afastá-lo. – Preciso de um banho. Este calor todo está brincando comigo – soltei meus cabelos e olhei para meu chefe sugestivamente em um pedido silencioso por um momento de privacidade.

- Acho que você vai gostar de uma coisinha – seu olhar era divertido. – Venha.

Robert segurou em minha mão e levou-me de volta ao quarto passando pela sua entrada, descendo a escada, fomos direto até a sala de jantar e, ao seu lado, havia um pequeno e quase imperceptível corredor, entramos nele e nos deparamos com uma porta. Ela estava aberta e era a passagem para o quarto do meu chefe.

Seu quarto era três vezes maior que o meu e cinco vezes mais luxuoso. Toda a estrutura me dava a impressão de estar no Olimpo e de mãos dadas a um Deus. Tudo ali combinava com ele e o deixava ainda mais divino. Robert caminhou pelas suas três salas sem se importar com elas.

Passamos pela porta que nos levava ao seu quarto. A cama dele era maior do que a minha. Era gigantesca, como ele. Corei com meu pensamento. Ele me levou através de portas duplas e fiquei parada sem reação ao que me mostrava.

No quarto havia uma piscina particular. Alias, não era uma piscina, parecia mais com um

lago artificial. Alguns degraus faziam o caminho até suas águas convidativas. As paredes azuis contribuía para a perfeição do ambiente e a parede de vidro realmente continha água. Era simplesmente... Tudo.

- Perfeito, não? – falou em meu ouvido. Eu nada respondi – Podemos aproveitar o calor e... – Não terminou a frase, mas minha imaginação não só terminou como recomeçou e recomeçou e recomeçou.

Robert, posicionado às minhas costas, desabotoou os botões restantes da minha camisa deixando-a caída ao chão. Suas mãos aproveitaram a minha falta de reação e fizeram com que minha saia também caísse fazendo companhia à blusa. Depois se afastou um pouco e vi suas roupas no chão. Então ele voltou, completamente nu. Eu sentia sua ereção em meu corpo.

Desprende meu sutiã, acariciando levemente meus seios. Umedeci meus lábios diante da sensação prazerosa. Robert acariciou minha barriga e minha cintura prendendo seus dedos nas

laterais da minha calcinha abaixando-a por completo.

- Venha – segurou em minha cintura e me conduziu a água.

A temperatura combinava com a minha necessidade. Meu corpo inteiro ficou grato. Robert, ainda me prendendo a ele, pegou um pouco de água e deixou cair pelo meu pescoço. Ela escorreu pelos meus seios fazendo com que ficassem rijos. Era refrescante e excitante. Ele me virou e tomou meus lábios com paixão.

Nossos corpos se apertavam ansiosos. Minhas mãos sentiam seu corpo e as dele me exploravam. Acaricieei sua barriga e toquei-o deixando que meus dedos percorressem toda a sua extensão. Robert gemeu saboreando meus movimentos. Deixei que minha mão pressionasse seu membro simulando a penetração e ele me agarrou com mais força.

Meu chefe tomou-me nos braços levantando-me e levando-me para a borda. Seu telefone tocou no bolso da calça, que estava jogada ao chão, chamando a nossa atenção. Ele

olhou para o local de onde vinha o som e decidiu ignorar a chamada, dedicando-se inteiramente a mim.

Voltamos a nos beijar e um braço dele me segurava com força presa a sua cintura e o outro apertava meu seio me fazendo gemer em seus lábios. Alguns minutos depois ouvimos o som estridente informando que alguém estava na porta do quarto. Merda! Afastei-me assustada com a possibilidade de sermos descobertos.

- Droga! – Robert ficou enfurecido. Ele passou as mãos molhadas pelos cabelos e começou a andar de volta aos degraus. – Fique aqui, Mel. Vou ver quem é, despachar e voltar para te comer como você nunca foi comida antes – meu ventre se contorceu e eu engoli em seco.

Ele saiu da piscina e pegou um roupão. Será que conseguiria disfarçar uma ereção daquele tamanho com um simples roupão de algodão?

Tremi na água que de repente ficou gelada. E se fosse Tanya? Eu não teria como sair dali sem que ela me visse. Seria mais do que con-

strangedor e humilhante. Não queria ser descoberta. Não queria ser a amante. Céus! Eu ia ter um colapso nervoso dentro daquela piscina.

Robert voltou visivelmente contrariado. Retirou o roupão e entrou outra vez na piscina, me fazendo relaxar.

- Sinto muito. Ocorreu um imprevisto e precisarei sair agora – beijou-me com carinho. – Vamos ter que deixar nosso banho para depois – oh merda! Como meu corpo entenderia aquilo?

- Quem era? – precisava desesperadamente distrair minha mente.

- Paul. Nós fomos convidados para um jantar com os chefes do grupo com quem viemos fechar negócio. Você não poderá participar – dei de ombros.

Eu não queria ir mesmo. Queria ficar e ser comida como nunca fui antes, como ele mesmo tinha me prometido. Mas Robert era um homem de negócios e não perderia aquele momento por nada. Suspirei conformada.

- Tudo bem. Vou aproveitar para descansar um pouco.

- Você está tensa.

- Assustada. Pensei num monte de besteiras quando você saiu – ele acariciou meus cabelos com um olhar atento. – Não quero ser flagrada com você. Não quero que as pessoas descubram que sou sua amante – as palavras saíram sussurradas, demonstrando todo o meu pânico. Meu amante respirou fundo e deu um passo para trás.

- Eu entendo. Também não quero. Você não merece passar por esta humilhação – pela primeira vez Robert falou sobre aquele assunto se preocupando em como seria para mim. Meu coração acelerou. – E eu não vou permitir que isso aconteça. Confie em mim – aproximou-se com cuidado, me beijou, e eu correspondi. – Vai ficar aqui me esperando?

- Se você não fugir com uma dançarina – ele riu e me levou para fora.

- Nenhuma mulher me daria o que eu quero, da mesma forma que você me dá.

- O senhor só pensa em sexo, Sr. Carter? – ele me passou um roupão sem se importar com a reprimenda em minha voz.

- Não estou falando de sexo. Estou falando de atenção, carinho e paz. Você só pensa em sexo, Srta. Simon? – meu sorriso foi imenso. Robert sabia encantar qualquer mulher.

- Com você? Sim. Principalmente quando penso em meus três orgasmos diários.

- Foi uma brincadeira, Melissa – revirou os olhos teatralmente. – Foi apenas para conter o seu ataque – riu. – Eu quero te dar muito mais, mas agora preciso ir. Estão me aguardando na recepção. Por favor, peça seu jantar no quarto. Não fique por aí sozinha – olhou sério para mim fazendo com que me sentisse de volta aos doze anos.

- Sim, senhor.

- Boa menina! – Robert começou a vestir um terno que estava separado sobre uma de suas malas e eu fiquei apenas observando-o. Adorava o seu corpo. Era tão harmônico e perfeito.

Ele se vestiu sem se incomodar com meu olhar guloso. Eu o queria. Muito. Cada pedacinho e de todas as formas possíveis. Venerava aquele homem e estava completamente dominada por

ele. Sem nenhuma reserva. Quando acabou com a produção, voltou-se para mim e depositou em meus lábios um beijo suave.

- Descanse. Quero você totalmente recuperada para quando eu voltar – minhas pernas ficaram bambas.

CAPÍTULO 30

Ele saiu e meia hora depois eu já estava entediada. Voltei para o meu quarto e terminei o banho. Depois liguei a TV e fiquei jogada no divã tentando encontrar algo de interessante para ver. Nenhum noticiário que eu pudesse assistir, ou seja, que fosse falado na minha língua. Deixei-a ligada num canal de fofocas. O mundo inteiro alarmado com algumas bobagens do meio artístico. Eu não tinha paciência para aquilo. Desliguei a TV, para começar a leitura de um livro que comprei para ser meu companheiro de viagem “O Deputado”. Parecia ser um romance incrível e fiquei tão interessada que não resisti e tive que comprá-lo.

Mal li as primeiras páginas me perdi em pensamentos. Pensei no quão sugestivo era tudo aquilo. O canal de fofocas e o livro. Robert era um empresário importantíssimo, conhecido no mundo inteiro. Uma figura pública. Lógico que se qualquer “vacilo” nosso seria um prato cheio para alguém infernizar as nossas vidas. Aliás, poderiam

até mesmo inventar ou “fabricar” algo, só para vender algumas revistas.

Ai meu Deus! Eu estava em apuros. Imagine se um dia acordo com uma foto minha estampada na capa de uma revista ou tabloide de quinta, me acusando de ter um caso com um homem casado! Isso seria o meu fim. Como justificaria? O que diria a minha mãe? E meu pai? Puta merda! E Nicole? Não. Era melhor não pensar em nada daquilo naquele momento.

Caminhei até a minha parede de vidro já completamente em pânico. Nem a maravilhosa imagem de Dubai aos meus pés me fazia relaxar. Eu e Robert estávamos nos arriscando demais. Ele, por não poder se desfazer do casamento, sabe-se lá o porquê, e eu, por não querer admitir para o mundo que me apaixonei por um homem casado. Pode até ser uma fraqueza ou infantilidade, mas encarar as pessoas e assumir que não respeitei um casamento, ainda era algo bastante complicado para mim.

Eu não devia ter assistido a aquele canal de fofocas. O livro seria uma opção muito mais

saudável. O som estridente da campainha me fez saltar. Quem seria? Quem poderia ser?

Fui até a porta e deparei com Adam Simpson. O que ele queria? Robert não iria gostar nada, por outro lado, pensando bem, seria ótimo para despistar os curiosos de plantão. Eu só podia estar ficando maluca com aquelas ideias. Abri a porta e ele sorriu para mim.

- Adam! – segurei a porta para que ele não entrasse.

- Mel! – estava animado demais. – Pensei que já estava dormindo. Vim só conferir – sorriu sem graça.

- E eu pensei que você estivesse com os outros no jantar proibido para mulheres – ele me olhou com uma interrogação estampada no rosto. Então não era proibido para mulheres? Por que Robert disse que eu não poderia ir?

- Eu estava muito cansado. Prefери ficar e recuperar minhas energias para amanhã. Teremos um longo dia – pelo menos das reuniões eu participaria. Robert não me impediria.

Olhei para o corredor onde nossos quartos ficavam. Logo após o do meu chefe havia uma de sala de estar que seguia o padrão dos quartos, ostentando a parede de vidro e a mesma visão de Dubai. Pensei em irmos para lá se o papo se prolongasse muito.

– Estou indo jantar. Não queria ficar no quarto e me lembrei de que você não tinha acompanhado os outros, então vim verificar se não gostaria de conhecer o restaurante do subsolo. Ele é maravilhoso. Parece eu estamos em um aquário. Acredito que vá gostar muito – seus olhos brilhavam como os de um adolescente.

Analisei a situação. Eu estava com fome? Não muita. Por outro lado estava entediada e quase paranoica trancada no quarto? Sim, claro. Seria bom conversar sobre algo que não fosse meu caso com meu chefe? Seria maravilhoso. Adam era engraçado, conseguia ser agradável e até divertido. Robert com certeza ficaria naquele jantar até altas horas. Decidi que poderia ser uma boa ideia.

- Preciso de dez minutos – de repente eu estava muito animada.

- Tudo bem – Adam hesitou à porta e coçou a cabeça. Eu não o mandaria entrar, seria demais. – Ficarei aguardando por você na salinha ali da frente.

Corri para dentro do quarto e procurei por um vestido de seda que eu levara para ocasiões como aquela. Era floral, bem discreto, destacando apenas sua tonalidade principal: rosa. Não precisei me preocupar com a questão da vestimenta adequada para a cultura. Estávamos no hotel, onde todos eram turistas. Dava para me sentir normal, ao menos um pouco. Soltei meus cabelos e passei uma maquiagem básica. Muito rápido fiquei pronta e me vi completamente animada para aquele jantar. Por que seria?

Adam arregalou os olhos ao me ver. Tive medo de ter errado em alguma coisa.

- Uau! Você está... Esplêndida. Muito bonita mesmo – sorri satisfeita com o elogio.

O restaurante era algo admirável. Sentar à mesa, sabendo que estávamos abaixo do mar,

onde a água era contida apenas pela tradicional parede de vidro, admirar o lindo coral artificial, e os peixes nadando como se não estivéssemos ali, era algo indescritível. Adam acertou em cheio. Ganhou vários pontos comigo. Bem... Não da forma que ele gostaria, mas como um bom amigo.

- Conhece a cozinha árabe? – pegou o cardápio, analisando-o.

- Apenas o básico, como kibe cru – ele riu.

- Vou pedir um bom vinho, você me acompanha? – concordei, afinal, não faria mal a ninguém.

Vinho seria perfeito em um ambiente como aquele. Eu não conseguia parar de olhar. Adam fez o pedido e aguardou enquanto eu me deslumbrava com tudo ao nosso redor.

- Você fica divina quando está tão encantada – recuei um pouco com a investida dele. – Normalmente fica tensa, principalmente na presença de Robert, e não a culpo, ele realmente é intimidador, principalmente quando o assunto é trabalho – fiquei sem saber o que dizer. Não queria entrar no assunto “Robert”, especialmente

porque Adam nunca entenderia o motivo da minha tensão.

- Não fico tensa, fico alerta – sorri forçadamente para ele. O garçom chegou e serviu o nosso vinho. Bebemos em silêncio.

- Fico feliz em saber que Robert não tem esse poder sobre você – como assim? Acho que meu olhar foi o suficiente para incentivá-lo a continuar falando. – Ele tenta manter todo mundo afastado, no entanto você está aqui, comigo. Isso é bom.

- Adam, acho que você não... – eu já estava completamente ruborizada.

- Ah Mel, não desta forma. Por favor, me desculpe se a fiz acreditar que Robert tem esta postura por outros motivos – ele parecia sincero. – Ele é sempre assim. Gosta de ter o controle sobre as coisas e pessoas. Não é algo pessoal, desculpe se me expressei mal – relaxei.

- É. O Sr. Carter tem mania de controle – bebemos um pouco e Adam logo começou a falar de outros assuntos.

Ele fez os pedidos. Eu confiei no que indicava e no final acabou dando tudo certo. O jantar foi agradável e Adam não ficou o tempo todo me paquerando como pensei que ficaria. Conversou sobre a arquitetura de Dubai e comparou com a de Chicago. Fez várias colocações interessantes sobre a economia do país e a importância dos contratos que fomos fechar.

Ele era uma pessoa interessante. Sempre preocupado em agradar. Seria o cara ideal para qualquer mulher, mas não para mim. Pensei no que Nicole disse sobre ele não ser uma boa pessoa. Aquilo era estranho.

Continuamos bebendo o vinho depois do jantar e ele permaneceu procurando assuntos interessantes para prender a minha atenção. Quando percebi as horas tinham corrido. Droga! Robert iria ficar furioso quando descobrisse que estive sozinha com Adam Simpson por tanto tempo.

Aleguei que estava com muito sono e que o vinho havia contribuído para isso e Adam concordou que fossemos embora. Enquanto

aguardávamos o elevador cada segundo parecia uma eternidade. Comecei a bater meu pé no chão, contrariada com a demora.

- Nervosa? – ele percebeu.

- Um pouco. Já está tarde. Eu não dormi muito bem na noite passada e preciso recuperar o sono para trabalhar adequadamente amanhã – dei a ele minhas desculpas. O elevador chegou e entramos. Eu fiquei mais relaxada. Em segundos estaríamos em nossos quartos.

O elevador parou dois andares acima e não acreditei no que vi. Só podia ser uma piada do destino. Robert aguardava para subir. Conversava com Paul e Frank animadamente e não notou a minha presença. Não a princípio. Mas assim que virou para entrar, nossos olhares se encontraram. Puta merda! Eu estava morta. Robert me olhou com olhos estreitos, verificando minha roupa. Olhou para Adam com olhar feroz.

- Srta. Simon? – eu podia sentir a ironia em suas palavras – Adam?

- Robert, que coincidência. Eu e Mel estávamos jantando e acabamos perdendo a hora – Adam sorriu inocentemente.

Robert, calado, de costas para nós dois, permaneceu em silêncio durante os eternos segundos da nossa viagem dentro do elevador. Quando paramos ele saiu nos dando passagem. Uma postura educada, no entanto eu sabia exatamente o real motivo daquela atitude. Queria desesperadamente correr e me trancar, porém chamaria muita atenção.

- Vamos beber algo na saleta do fundo? – Frank convidou, Paul e Adam concordaram.

- Estou muito cansada – apressei-me em dizer. Alcancei minha porta e entrei correndo para o quarto. – Boa noite!

Ele vai me matar. Definitivamente ele vai.

Corri por dentro do aposento e alcancei a passagem que dava acesso ao quarto dele no mesmo instante em que o ouvi fechar a principal. Bati a porta e a tranquei por dentro. Eu adiaria o confronto. Nem que fosse por um dia. Ouvi seus passos em minha direção e depois vi a movimen-

tação da maçaneta. Estava trancada. Ele tentou mais duas vezes e depois a empurrou. Meu coração acelerou.

- Melissa, sei que está aí – meu lado covarde estremeceu. – Melissa? – Chamou contendo a voz. – Abra – permaneci calada. – Droga, Melissa! Abra logo esta merda - ele forçou a porta me deixando mais assustada. – Sei que está aí, não adianta fingir.

- Robert, por favor! – implorei e ele forçou ainda mais a porta. Estava furioso.

- Abra – ordenou com a voz baixa e autoritária.

- Não – ao menos eu estava segura do outro lado.

- Você sabe ser corajosa quando quer. Por que não abre logo esta merda e me enfrenta?

- Porque você está nervoso e eu estou com medo.

- É bom que tenha medo mesmo. Pela primeira vez está sendo sensata. Porque, quando eu colocar minhas mãos em você, não vai sobrar

nenhum pedacinho de Melissa Simon para Adam Simpson.

- Não seja absurdo, Robert. Nós apenas fizemos companhia um para o outro no jantar. Não aconteceu nada demais para este desespero todo – implorava mentalmente para que ele entendesse.

- Então porque trancou a porta? Se não aconteceu nada demais pode me dizer isso diretamente, olhando em meus olhos, não é?

- Não. Não posso. Você está me aterrorizando, Robert. Que droga! Vive me pedindo para confiar em você, para acreditar na sua história com Tanya, fazendo-me ir contra todos os meus princípios para viver o que nós vivemos e é assim que me retribuí? – eu podia sentir meu gênio ruim se apoderando das minhas atitudes. – Todas as vezes que alguém se aproxima você age como se eu fosse a pior das mulheres. Se não confia em mim então me deixe livre, Robert.

Era muito fácil falar estando protegida por uma porta. Ele ficou em silêncio por tanto tempo que pensei que tinha desistido e ido embora.

- Você tem razão – falou baixinho. – Não desconfio de você, apenas não confio neles e, só de imaginar aqueles párias tentando te comer, Mel, eu fico... Eu fico louco de ciúmes. Não consigo me controlar. Fico muito furioso, mas não deveria descarregar minha raiva em você. Por favor, me perdoe! – meu coração amoleceu com aquelas palavras. Robert era encantador quando queria.

- Você não está mais irritado? – eu já estava com a mão na maçaneta para destrancar a porta.

- Estou, mas não com você. Neste momento só quero abraçá-la e sentir seu cheiro. Beijar sua pele, seus lábios. Tocar seu corpo e ter a certeza de que é minha e que nunca deixará de ser. Abra a porta – pediu com a voz rouca de desejo. – Vamos continuar de onde paramos.

Putá merda!

Minha mão teve vontade própria e destravou a porta. A chave passou direto. Tentei mais uma vez. Nada. A infeliz continuava trancada e a chave não surtia nenhum efeito. Forcei um pouco

procurando por alguma falha, mas ela continuou trancada.

- Qual é o problema? – Robert estava ansioso.

- A porta não abre – eu já começava a entrar em desespero.

- Como assim não abre? Tenta outra vez – tentei e nada.

- Não abre.

- Droga, Mel! Por que trancou a porta?

- Por que você ia me matar.

- Vou matar você agora. Como vou conseguir entrar?

- Não sei, Robert, não faça pergunta difícil, tá? Já estou no meu limite.

- Ótimo. Vou arrombar.

- Não – quase gritei. – Está louco? Vai chamar a atenção de todos.

- E o que eu faço então? – ele gritava do outro lado. Eu estava abusando da sua paciência.

- Tente vir por fora.

- Por fora não dá. O pessoal está na salinha aqui da frente – lembrou. – Merda, Mel. Eu pre-

ciso de você. Estou extremamente excitado. Queria uma noite fantástica e fomos impedidos porque você amarelou.

- Eu amarelei?

- Sim. Ficou com medo de mim e correu para trancar a porta. Parece uma criança com medo do pai.

- Desculpe se você às vezes parece mesmo o meu pai – revirei os olhos. Ele agia como um louco todas as vezes que algum homem encostava em mim e eu estava errada em sentir medo?

- Eu vou arrombar esta droga de porta – começou a se afastar.

- Não, Robert, por favor! – implorei.

- Mel, eu preciso de sexo e preciso de sexo com você. Não vou conseguir dormir sabendo que a única coisa que me impede de tocá-la é uma merda de uma porta.

- Vamos esperar.

- Esperar o que?

- Esperar que eles decidam dormir, aí você vem – tive medo de onde aquilo iria dar.

- Você vem para cá – utilizou o seu melhor modo mandão.

- Robert! – implorei.

- Ok. Ok. Eu vou. Droga! E o que vamos fazer enquanto esperamos?

- Ligue para mim – sugeri lembrando-me do nosso primeiro contato sexual. Robert riu do outro lado.

- Eu tinha certeza que você havia gostado – sua voz indicava que estávamos chegando a uma solução.

- Eu gosto de tudo desde que seja com você – fiquei bem pertinho da porta sussurrando para ele.

- Ok. Pro quarto, Melissa. Vou ligar para você.

Corri para o quarto e me joguei na cama rindo como uma adolescente excitada com seu primeiro namoradinho. O telefone tocou me deixando mais do que desejosa da nossa brincadeira. Robert era fantástico até por telefone.

CAPITULO 31

O telefone tocou e atendi já me preparando para o que viria, mas não fazia ideia do que me esperava. Com a pressa e a certeza de que Robert estaria do outro lado da linha, nem me dei ao trabalho de confirmar o número no identificador de chamadas.

- Oi – falei toda melosa aguardando pelo prazer que ele me proporcionaria.

- Oi, Mel! – Nicole respondeu eufórica do outro lado da linha.

- Nicole? – quase gritei em resposta.

Dentre tantos acontecimentos que poderia esperar naquela viagem, jamais imaginei que teria a minha noite com Robert interrompida por tantos imprevistos. Este era o mais improvável de todos.

- Sim. Estava esperando por alguém? Pelo seu tom de voz, acredito que alguém como Dean ficou de ligar – Dean? Ela estava tão longe da realidade.

- Não – apressei-me a responder – Na verdade eu estava assistindo a um filme, aí atendi ainda no clima – ela riu do outro lado.

- Como estão as coisas por aí?

- Quentes – muito quentes na realidade e sem nenhuma previsão para amenizar o calor que eu estava sentindo.

- Quentes de calor ou quentes de sucesso?

- Quentes de calor. Ainda não tivemos nenhuma reunião, apenas um jantar que eu não pude participar – revirei os olhos lembrando-me da expressão do Adam quando falei sobre o fato.

- Por que não?

- Não sei, Nicole. Ainda não sei. Você conhece seu irmão – eu realmente não queria me aprofundar naquela história.

- Conheço? Às vezes penso que não mais.

- Acredito que não posso ajudá-la neste assunto – tentei cortar a conversa antes que ela começasse a me encher ainda mais com todo o mistério da história de Robert e Tanya.

Eu ainda não conseguira digerir a conversa deles naquela noite na boate e, muito menos, a

conversa que tivera com Alexa. Na verdade eu nem queria continuar conversando com Nicole. Queria mesmo era desligar e atender a ligação do Robert que, com certeza, já estava quicando de ansiedade e nervosismo. Aquela viagem estava sendo sexualmente frustrante.

- Verdade. Também não quero você envolvida com essa confusão. Mas conte-me, como Paul está se comportando? Ele falou alguma coisa sobre o que aconteceu na boate?

Eu sabia que Nicole não pararia de falar e que nossa conversa seria longa, por isso deixei que minha expectativa para o final de noite fosse enterrada. Talvez era o melhor a ser feito. No dia seguinte ele daria um jeito na porta e nós teríamos o nosso momento sem aquela bagunça toda.

Comentei com Nicole sobre não perceber nenhum problema da parte de Paul a respeito do incidente na boate. Contei a conversa que tivemos no avião, omitindo alguns detalhes, é claro. Nicole começou a falar sobre os detalhes da festa de confraternização e eu, como uma boa amiga, me propus a ouvir, mas, antes de dar qualquer

opinião, ouvi uma batida fraca e imediatamente percebi que Robert estava na porta dos amantes, como eu passei a chamar o acesso entre nossos quartos.

- Nicole. Vou desligar a TV. Espere um pouco – deixei o telefone sobre a mesa e corri até a porta me certificando de que as batidas vinham realmente de lá. – Oi – falei apressadamente.

- Seu telefone só dá ocupado – ele estava nitidamente impaciente.

- Eu sei. Nicole foi mais rápida do que você.

- Nicole? O que ela quer?

- Conversar.

- Diga que está com sono e desligue.

- Não posso, Robert. Ela está me ligando de outro continente para conversar, não posso simplesmente dizer que estou com sono e ignorar as necessidades da minha amiga – ele riu do outro lado.

- E as minhas necessidades? Não importam? – minha pele ficou arrepiada imaginando as necessidades dele. As minhas eram imensas.

- Eu adoraria atendê-las, infelizmente teremos que deixar para amanhã – provoqueei.

- Mel... – ficou com raiva, porém hesitou.
– Tudo bem. Mas isso vai lhe render algumas palmadas amanhã, Srta. Prestativa.

- Palmadas? Isso eu quero ver de perto – dei risada provocando-o.

- Vou sair e beber com os rapazes.

- O que? Robert... – foi a minha vez de ficar com raiva.

- Não posso ficar aqui sozinho imaginando o que poderia estar fazendo, Mel. Preciso esfriar a cabeça, conversar besteiras e, definitivamente, não pensar em você.

-Isso é ultrajante.

- Ainda existe a possibilidade de eu arrombar a porta e finalmente podermos ficar juntos.

- Vá para seus amigos, Robert. E eu vou pensar se o receberei em meu quarto amanhã – claro que ele não podia me ver, mesmo assim gesticulei e levantei o queixo desafiando-o.

- Até amanhã, doce Melissa – falou com a voz mansa e sedutora. Depois silêncio total. Ret-

ornei ao quarto batendo os pés no chão. Merda de porta estúpida.

Voltei para Nicole e a ouvi conversar sobre fitas, cores, bolas e tudo o mais que poderia existir em uma festa de confraternização. Tentei demonstrar interesse, porém minha cabeça fervilhava com imagens de dançarinas mexendo o ventre numa dança sensual, fazendo com que Robert focasse toda sua atenção nelas. Comecei a ficar inquieta. Depois de quase duas horas, Nicole não se importava em gastar dinheiro com ligações internacionais, finalmente desligamos. Deitei tentando dormir. Era praticamente impossível.

Acordei com o telefone tocando arrancando-me de um sonho maravilhoso, onde Robert me olhava atentamente enquanto eu dançava, usando roupas excêntricas e cheias de penduricalhos. Seus olhos eram famintos e eu sentia em meu corpo todo o desejo por ele. Céus! Meu chefe era o cara que podia me fazer ter um orgasmo apenas com o olhar. Mas o telefone es-

tava tocando e fui obrigada a atendê-lo, lutando para não abrir os olhos.

- Alô – atendi com mau humor.

- Bom dia – Robert estava do outro lado da linha. Aquela voz. Meu corpo totalmente excitado pelo sonho. A cama macia e aconchegante. Eu queria mais.

- Robert – choraminguei manhosa.

- Pensei que estaria furiosa comigo – lembrei-me dos motivos para estar e ponderei com os motivos para não estar.

- Posso perdoá-lo. Só vai depender do que irá me oferecer em troca – ele puxou o ar de maneira audível.

- Posso oferecer muito mais do que sexo por telefone – Robert relutava e dava para sentir sua excitação.

- Colabore comigo, Robert. Este calor infernal está me matando – era a primeira vez eu era tão ousada. Ele deu um riso rouco e baixo.

- Gostaria muito de colaborar, mas temos uma reunião e você ainda está deitada, não que isso seja ruim para a minha imaginação. Posso

perfeitamente visualizá-la sem roupas, envolta no lençol, ocupando quase nada desta cama gigantesca. Posso ver seu lindo rosto ainda marcado pelo sono e sei, com precisão, o quanto seu corpo manhoso implora pelo meu. Mas...

- Isso é maldade – fingi aborrecimento.

- Sim. É. A mesma maldade que você fez comigo ontem à noite, o que não me impede de desejar passar a língua em você todinha, experimentando esta pele deliciosa. Seu sabor é indescritível, Melissa.

Putá merda! Eu já estava completamente molhada.

- Vem pra cá – implorei.

- Primeiro preciso tirar Adam Simpson da sua porta. Ele está aí há meia hora esperando o momento em que você vai sair, na esperança de convidá-la para o café da manhã.

- Droga! – Robert riu.

- Eu falei para não deixá-lo se aproximar.

- Eu quero você – meu corpo implorava por ele.

- E eu quero você – sua voz ficou suave, quase emotiva.

- Arrombe a porta – falei decidida.

- Assim que resolver sair e levar Adam com você – o que? Ele queria que eu saísse com Adam? – Tire-o daqui. Paul e Frank já desceram, quando vocês saírem vou arrombar a porta sem que ninguém perceba. Também darei um jeito de você nunca mais conseguir trancá-la, para evitar outra noite mal dormida. Então à noite seremos apenas nós dois – esta última parte me deixou completamente disposta a aguentar o Adam mais um pouco.

- À noite?

- Você consegue achar alguma brecha em nossa agenda antes? – repassei todos os nossos compromissos em minha cabeça e realmente não havia nenhuma.

- Não. Teremos mesmo que esperar – fiquei frustrada.

- Encontro você no restaurante em meia hora. Pode ser? – fazer o que, se não havia alternativa?

- Pode. Vou me arrumar com muito esmero para o Adam.

- Menos, Melissa. Menos – dei uma risada irônica e desliguei.

Tomei uma ducha fria para acalmar minha pele e meus ânimos. Lavei meu corpo com hidratante e escolhi um vestido vinho, comprido, de mangas curtas, justo do busto até a cintura e solto logo abaixo. Peguei a mesma echarpe branca do dia anterior e separei junto a minha pasta e o computador. Penteei os cabelos molhados para trás e achei por bem deixá-los molhados mesmo.

Fiz uma maquiagem impecável, realçando os olhos e corri para a porta pronta para fingir surpresa quando encontrasse Adam. Ele realmente estava lá. Era o próprio cachorrinho de madame.

- Mel! – ele também fingiu estar surpreso.
– Indo tomar café da manhã?

- Ah! Oi Adam – fiz o meu melhor teatro.
– Sim. Estou faminta.

- Ótimo! Iremos juntos. Acho que os outros já foram.

Descemos e encontramos Frank e Paul. Sentamos e tomamos nosso café no melhor estilo árabe. Era divertido. Robert chegou alguns minutos depois. Pela sua cara deu pra perceber que tinha dado certo e meu corpo imediatamente reagiu à ideia de que nada iria nos atrapalhar.

Gostaria de poder fazer o dia passar mais rápido.

Robert chegou animado e conversou bastante. Eles falavam abertamente sobre o jantar e nada que pudesse chamar a minha atenção foi dito, não sei se evitaram ou se nada de interessante aconteceu mesmo, resolvi relaxar e me concentrar no que faríamos mais tarde.

Saímos juntos para a primeira reunião do dia. Assim que o carro chegou ao nosso destino levantei o meu véu. Encontramo-nos com o primeiro grupo numa sala de reuniões dentro da própria empresa com a qual tentávamos a fusão. Era de tecnologia da informação e estavam con-

seguindo avanços importantes para a C&H Medical Systems.

Pelo que entendi aquela seria a parte mais fácil, pois estávamos nos acertos finais da negociação e apenas deveríamos fechar o negócio. Robert estava muito seguro e tranquilo. Ele caminhava com aquele ar que poucos conseguem, sempre imponente. Olhando-o era impossível não pensar num Deus. Tão seguro, decidido e determinado.

Eu sinceramente não sabia como ele conseguia se manter naquele terno completo e totalmente fechado, sem que escorresse uma gota de suor. O calor era infernal, no sentido real da palavra. Era ruim até para respirar.

Todos os executivos apertaram as mãos e fui apresentada à distância como a secretária responsável pela parte burocrática. Achei tão atrasada aquela ideia que eles faziam das mulheres, entretanto não queria escandalizá-los, então permaneci calada e obediente. Também não me rechaçaram, apenas tentavam ignorar a minha presença. Era muito chato ser um fantasma em

meio a uma reunião tão interessante. Principalmente depois do relatório que eu havia feito.

A primeira reunião correu da forma prevista. Ao meio dia fomos almoçar novamente a comida árabe, eu já estava completamente ansiosa por um *Mc Donald's*, mas como uma boa submissa, sentei e comi em silêncio. Fiquei até feliz por participar do almoço. Eu realmente esperava ser mandada para a cozinha o que, para a minha surpresa, não aconteceu.

À tarde fomos levados para um *tour* e conhecemos as instalações e a forma de trabalho da empresa. Era realmente uma empresa promissora e Robert estava, mais uma vez, dando um passo importante para seus negócios. Ao final da tarde, os papéis foram assinados, encerrando a negociação com um brinde e algumas fotos.

Durante todo o dia, Robert só conversou comigo o estritamente necessário, ou seja, assuntos profissionais. Adam, por sua vez, fez questão de tornar a minha tarde mais agradável, conversando comigo nas horas vagas e comentando tudo o que achava ser do meu interesse.

Entretanto, a melhor parte do meu dia foi proporcionada por Frank. Ele se reportou diretamente a mim durante a reunião, salientando o meu relatório e me definindo como uma excelente ponte para o entendimento entre as duas partes. Tratou-me como a profissional que eu era e não apenas como uma simples mulher no meio de um monte de homens de negócios. Voltei para o hotel, cansada, porém satisfeita.

Paul e Adam queriam ir direto a um dos restaurantes para aproveitar o restante da noite e beber algo. Robert alegou que precisava fazer algumas ligações, que estava cansado e com calor, ou seja, iria ficar no quarto. Frank me surpreendeu convidando-me para um passeio pela cidade. Tive realmente muita vontade de aceitar, apesar de estar precisando de um banho e também da minha ansiedade pela noite com Robert.

O fato é que Frank merecia algo, mesmo que fosse um passeio pela cidade. No entanto neguei assim que percebi Robert encarando o elevador com as mãos fechadas em punho. Era melhor não abusar.

Entrei em meu quarto sem trocar uma palavra com ele e corri para o banheiro. Deixei a porta aberta, pois meu chefe poderia aparecer a qualquer momento. Robert não apareceu. Demorei tempo suficiente para que viesse atrás de mim e nada.

Saí do banho, coloquei um roupão e resolvi procurá-lo. Alcancei o pequeno corredor e, a porta que havia emperrado, estava aberta e com uma pequena fissura demonstrando que ele realmente a arrombara. Tive que rir ao imaginá-lo fazendo aquilo.

Andei pelas três salas e nenhum sinal dele. Entrei no quarto e também não estava lá, nem no banheiro, nem no closet. Fui em direção à piscina e o encontrei na borda, braços abertos se apoiando. Cabeça para trás e olhos fechados. Ao seu lado havia um balde com champanhe e duas taças, a dele, já continha o líquido borbulhante.

- Pensei que não viria mais – falou ainda de olhos fechados. – Por um instante quase acreditei que o convite do Frank foi tão tentador que resolveu aceitar – fiquei com preocupada. Será que

estava furioso comigo? Robert abriu os olhos e me encarou. – Não vai entrar? – sua voz estava calma e até um pouco doce.

Criei coragem e tirei o roupão revelando a minha nudez. Caminhei lentamente em sua direção. Parei a dois passos dele. Seus olhos me acompanharam o tempo todo e estes estavam quentes. Robert serviu minha taça e me entregou. Aceitei atenta aos seus movimentos. Ele deu os passos que restavam entre nós e se aproximou. A água na sua cintura registrando seus movimentos.

Estendeu a mão e com as pontas dos dedos tocou em meu rosto. Depois, como se pedisse a minha autorização, se aproximou ainda mais e beijou meus lábios, com carinho, porém foi rápido demais.

- Tudo bem com você? – seu tom era carinhoso. Diferente. Eu não o reconhecia. No entanto, devo admitir que era muito melhor do que a forma como ele me intimidava.

- Sim - bebi um pouco do champanhe mantendo nosso contato visual. Ele apenas sorriu. Foi sensual.

Estava relaxado e tranquilo, o que me deixou um pouco insegura. Eu estava eufórica. Imaginava que ele fosse me jogar na cama e acabar comigo, mas Robert estava à minha frente, desfrutando a sua bebida e deixando o tempo passar.

- Você está muito bem – ressaltei.

- Estou. Gosto de fazer um bom negócio – estreitou os olhos me analisando. – Já você parece estar muito ansiosa – deu um sorriso deliciosamente maléfico.

- Acho que temos alguns assuntos não resolvidos – o desafiei. Não estava acostumada a vê-lo tão calmo.

- Com certeza – concordou. – Não me esqueci deste detalhe – colocou a mão livre por cima dos meus ombros me puxou para perto beijando meus lábios. – Nem das palmadas que prometi.

- Não mereço palmadas – busquei seus lábios e os encontrei sem resistência. Passei meus braços em seu pescoço estreitando o espaço entre nós.

- Merece – Robert colocou sua bebida na borda e aguardou pela minha taça. Virei todo o líquido e a entreguei a ele. – Tenho algumas surpresas, então relaxe que nossa noite está apenas começando.

Imediatamente senti a corrente elétrica percorrendo meu corpo. Minha ansiedade duplicou e, se não estivesse na água, estaria completamente molhada por outros motivos.

Robert beijou-me com ternura. Seus lábios buscavam os meus e depois os abandonavam, suas mãos acariciavam minhas costas numa dança lenta e sensual. De repente a água estava incrivelmente quente, ou seria a temperatura da minha pele que estava aumentando drasticamente? Eu precisava de mais.

Queria que ele me prendesse em seus braços, que me explorasse com seus dedos e me penetrasse até que eu explodisse de prazer, mas meu chefe continuava me queimando aos poucos, deixando-me na expectativa. Desci minhas mãos em seu peito nu e fui em busca do objeto de meu

desejo. Robert segurou minhas mãos antes que eu o alcançasse.

- Por que a pressa? – sua voz estava rouca de tesão.

- Tenho pressa – ele deu aquele seu sorriso torto perfeito.

- Você é linda! – seus olhos brilharam de admiração. – Dentre tantas mulheres que já conheci, nunca nenhuma conseguiu ser tão perfeita – Robert estava sendo romântico? Aquilo era realmente estranho. Ele passou as mãos pelos cabelos e me tomou em seus braços. Aquele era o meu Robert.

Suas mãos desceram para minha bunda e, com uma em cada lado, me trouxe para sua ereção. Ele estava exatamente como eu o queria. Fechei os olhos saboreando a sensação de estar tão perto do meu objeto de desejo. Eu quis tocá-lo e novamente Robert me deteve.

- Hoje não – falou determinado. – Hoje você vai apenas pagar pelo que tem me feito passar – sua voz era firme e tranquila. Não senti medo, somente um tesão arrebatador. – Doce e

inocente Melissa – beijou minha testa e meus cabelos molhados. Deus! Robert poderia me fazer delirar de prazer só sussurrando aquelas coisas em meu ouvido. – Vamos para o quarto.

Saímos da piscina e fomos diretamente para o quarto desprezando nossos roupões. Levou consigo apenas a garrafa de champanhe deixando as taças na borda. Caminhamos trocando carícias e beijos apaixonados até eu me sentir caindo de costas na cama. Robert me acompanhou deitando sobre mim e segurando minhas mãos sobre minha cabeça. Seus lábios devoravam os meus e a língua invadia a minha boca. Suas pernas forçaram para que as minhas se abrissem e eu prontamente obedeci.

- Confia em mim? – que pergunta! Ri.

- Claro que confio – eu diria qualquer coisa que ele me pedisse naquele momento.

- Boa garota. Pronta?

Ofegante, me preparei para senti-lo entrando em mim, entretanto Robert se afastou e só então percebi, que prendia minhas mãos com uma algema. Olhei para cima e vi que meus braços es-

tavam presos numa parte mais fina da cabeceira da cama.

- Agora você é minha prisioneira – ele sorriu e desceu o rosto até meus seios sugando-os, alternando entre eles com apertos, beijos e mordidas. Eu gemia alto, sem pudor. Se aquilo era uma punição eu inventaria um problema todos os dias para que continuasse sendo punida. – Espere um pouco.

Robert levantou da cama. Caminhou até uma pequena caixa e tirou de lá uma venda e minha echarpe branca. Como ele conseguira pegá-la? Iria me vender? Para que?

- Fique bem quietinha. Vou vender você – passou a venda sobre meus olhos e eu não podia mais enxergá-lo.

- Por que isso? – não gostei da ideia de não poder vê-lo.

- Estou punindo-a por me privar de você ontem – respondeu como um professor quando educa uma criança. – E por ter preferido Nicole a mim – sua voz era debochada. Eu até tentei evitar, mas acabei rindo. – Apenas eu terei o prazer de

vê-la, aliás, hoje você será minha escrava. Faremos tudo pelo meu prazer. Entendeu?

Sinalizei que sim, mordendo os lábios e me contorcendo embaixo dele. Puta merda! Eu estava extraordinariamente excitada.

- Agora vou colocar seu véu, doce e submissa Melissa – passou o véu pelos meus cabelos.

- Como você conseguiu pegá-lo?

- Fui ao seu quarto, enquanto tomava banho, à procura de algo que pudesse apimentar nossa noite – revelou em tom de brincadeira.

Mordi meu lábio inferior num misto de excitação e vergonha. Eu devia estar ridícula usando aquele véu e com os olhos vendados. Robert levantou outra vez e voltou alguns segundos depois.

- Beba – ordenou e derramou o champanhe em minha boca. Aquilo estava ficando cada vez mais interessante. Jogou um pouco do champanhe entre meus seios. Arqueei com a surpresa. Depois reiniciou sua sessão de tortura deliciosamente prazerosa. Após sugar todo o líquido que tinha deixado em minha pele, derramou um

pouco em meu umbigo e passou a língua e os lábios me fazendo arrepiar.

Então começou a descer um pouco mais.

As lembranças eram fantásticas.

- Devo parar? – perguntou irônico.

- Não. Continue, por favor!

Robert não perdeu a chance de me mostrar que estava certo quando me forçou a aceitá-lo daquela forma. Sentir seus lábios me beijando e explorando era mais do que delicioso, era realizador.

Eu era completa sendo dele daquela maneira. Sua língua me invadiu preparando-me para recebê-lo. Robert passava seus lábios em meu sexo, chupando e mordendo como se estivesse degustando uma fruta. A ponta da língua acariciou meu clitóris em movimentos circulares para logo depois seus dentes fazerem uma leve e deliciosa pressão no mesmo local já tão sensível.

Meus gemidos indicavam quanto prazer ele estava me proporcionando. Não fui poupada de sua deliciosa tortura. Sem conseguir me controlar, e aproveitando o fato das minhas pernas

estarem soltas, comecei e fazer movimentos lentos com meus quadris, rebolando em sua língua. Robert gemeu, deliciado.

Quando pensei que não suportaria mais, ele parou. Protestei, mas meu chefe, ou seria melhor chamá-lo de meu dono? Não se importou com meus resmungos. Saiu da cama novamente e voltou logo em seguida. De repente, deslizou seus dedos em minha barriga e estes estavam gelados. Puxei o ar com força ao ser pega de surpresa.

Com certeza usava gelo para me proporcionar aquela sensação. Era fantástico! Sua pele gelada na minha em chamas. De vez em quando reforçava o gelo em suas mãos e acariciava meus seios, fazendo círculos nos bicos e, por fim, colocou dois dedos gelados, dentro de mim.

- Ah, Robert! – gemi desesperada em meu mundo sem imagens. Ele me invadia e depois reforçava o gelo. Era uma delícia!

- Você gosta? – suspirei alto sem conseguir formular alguma resposta coerente.

Robert pegou algo que estava perto dele. Pensei que fosse mais um reforço no gelo, mas, de repente, sua boca estava em mim. Quente. Alguma coisa quente esquentava seus lábios e, com cuidado, deixava que o calor passasse pela minha pele arrepiada pelo gelo. Refez todo o caminho, roçando seus lábios e língua quentes pelos meus seios, pela minha barriga e, por fim, reforçando o calor, repousaram no centro entre minhas pernas.

Pensei que explodiria naquele momento. Eu sentia sua boca aquecida em meu sexo deixando-o incrivelmente molhado e latejante. O orgasmo se aproximava fazendo com que todo o meu ventre se contorcesse. Robert conseguiu me deter a tempo. Outra vez reivindiquei o meu direito a ter mais dele em mim.

Minha respiração estava acelerada, meu corpo impaciente e meu sexo pulsava ansioso para deixar acontecer o prazer tão desejado.

Sem me avisar ou dar algum indicio do que faria, Robert arremeteu em mim. Senti seu longo e grosso membro me invadindo, reivindicando seu espaço e se acomodando por completo.

Ele parou quando estava totalmente dentro e não se mexeu. Quase implorei para que continuasse. Eu podia ouvir e sentir sua respiração ofegante em meu pescoço. Lentamente foi saindo.

Oh, merda!

Um imenso prazer se estabelecia em mim com o seu corpo roçando as minhas paredes ao se retirar. Ele parou a centímetros do fim e mais uma vez arremeteu sem que eu esperasse. Gritei alucinada de prazer e ele soltou um grunhido revelando o quanto também estava louco de desejo. Adorei ouvi-lo.

Totalmente dentro outra vez eu não podia deixá-lo sair de novo. Envolvi minhas pernas em sua cintura forçando-o a continuar e rebolei deixando seu membro abusar um pouco mais de mim, penetrando mais profundamente. Ele caiu sobre o meu corpo gemendo pela minha manobra inesperada.

- Melissa, não estrague minha brincadeira – advertiu. – Isso ainda deve demorar um pouco mais – levantou recuperado da minha investida e, sem que eu pudesse impedir, seu membro entrou

e saiu por mais três vezes, muito lentamente, de dentro de mim. – Você quer isso não quer? – suas palavras saíam por entre os dentes. Eu ia gritar, mas a campainha do quarto me silenciou. Robert parou e eu fiquei em alerta.

- Droga! Não acredito. Quem pode ser a uma hora dessas? – ele estava tão surpreso quanto eu. – Fique quietinha.

Ainda atento ao som, mas, ao mesmo tempo, muito lentamente, me invadia até estar todo dentro de mim e depois saía. Filho da puta! Eu não podia nem gemer enquanto ele se deliciava em sua tortura. Seus lábios desceram até meus seios e a boca imitou o movimento de seus quadris. Outra vez a campainha tocou, por duas vezes seguidas.

- Merda! – esbravejou. – Fique bem quietinha. Vou ver quem é e volto logo.

- Não, Robert – sussurrei em desespero. Ele riu.

- Eu volto. Não saia daí – como eu sairia? Estava presa a cama numa posição totalmente vulnerável.

Ouvi a voz de Paul. Ele parecia um pouco alterado. Eles falaram meu nome e meu sangue gelou. Robert também falava, só que em um tom mais baixo. Depois os dois fizeram silêncio. Não consegui identificar nenhum barulho por um tempo que mais pareceu uma eternidade.

- Mel – falou ao meu ouvido. Eu quase gritei. – Pelo amor de Deus, não grite – ele estava um pouco exaltado, mas ainda sussurrava. – Paul está lá fora. Preciso tirá-lo daqui. Volto em alguns minutos.

- Solte minhas mãos – sussurrei quase inaudível.

- Não vou correr este risco novamente – riu. – Volto rapidinho para continuar de onde paramos.

- Não, Robert – eu queria gritar em protesto, mas pelo silêncio no quarto ele já saía.

Merda! O que eu faria? Não podia ficar nua, presa à cama e com os olhos vendados aguardando que ele retornasse. Que droga! Eu o mataria quando voltasse.

Esperei, esperei e esperei e ele não voltou. Meus braços começaram a ficar dormentes. Comecei a sentir medo. Quanto tempo se passara desde que saiu? Eu não tinha a menor ideia. Quando não aguentava mais o desespero tomou conta de mim. Lembrei que apenas uma madeira fina prendia as algemas, então comecei a forçá-la.

Os ferimentos, que se formavam em meus pulsos, pinicavam, mas continuei puxando cada vez mais forte, sem me importar com o barulho. Usei mais força e, de repente, a madeira quebrou. Meus braços caíram exaustos. Forcei um pouco mais conseguindo alcançar as vendas. Tirei-as e verifiquei o estrago que tinha causado na cama. Robert que resolvesse aquilo depois. Era problema dele.

Procurei a chave das algemas. “Onde ele pode ter colocado esta merda?” Encontrei-a solta na poltrona, onde Robert deixara a pequena caixa com mais alguns acessórios que seriam usados na nossa noite.

E que noite!

Deveria ter sido sensacional e, mais uma vez, fomos impedidos de terminá-la. Foi frustrante. Simplesmente frustrante. Podia ser absurdo o que eu pensava, entretanto, parecia mesmo que Tanya havia feito algum tipo de feitiço para impedir que Robert conseguisse transar em paz com qualquer mulher durante aquela viagem.

Céus! O que uma foda inacabada não fazia com a mente de uma mulher excitada. Peguei a chave e, apesar dos pulsos machucados, consegui achar um ângulo bom para abrir as algemas. O alívio foi imediato.

Peguei um pouco do gelo que restava e que Robert havia deixado no chão ao lado da cama e passei nos pulsos. Tirei o véu dos meus cabelos para envolvê-lo nas feridas. Ardia. Decidi voltar para o meu quarto. Eu estava cansada, machucada e com muita raiva. Ele não tinha voltado. O que poderia ter acontecido? Por que me deixou presa?

Era coisa demais para se pensar. Entrei em meu quarto e tranquei a porta. “Basta de Robert por hoje”.

CAPITULO 32

Viajar com Melissa para Dubai foi uma revelação para mim. Primeiro porque eu pensei que a minha raiva por tê-la visto beijando Dean, conseguiria suprimir qualquer vontade de tocá-la. Estava enganado. A mínima ameaça, e eu já estava assustado com a possibilidade de perdê-la. De onde vinha aquele medo? Como ela tinha conseguido me cercar daquela forma?

Minutos antes, eu tinha conversado com Tom sobre as investidas de Tanya. Nós estávamos bastante cismados com seus os avanços. Nos últimos tempos minha esposa estava conseguindo nos surpreender. De alguma forma ela vinha burlando a nossa vigilância. Graças a Deus nada de significativo tinha sido feito ainda, no entanto era melhor não vacilar nem arriscar.

Ela pensava que me confundia com a história de que precisava se encontrar com um grupo que arrecadava fundos para ajudar aos países que estavam abaixo da linha da pobreza.

Eu sabia muito bem o que Tanya estava fazendo. Seu pai tinha estado na Suíça pouco antes de morrer. Que cretina! Será que ela não desconfiava que eu tinha ido pessoalmente verificar a existência de uma possível conta? As vezes eu me surpreendia com a inocência dela.

As investigações sobre a relação de Melissa com Tanya tinham parado. Eu já estava convencido de que ela não era uma espiã. Principalmente porque Tom havia me alertado que minha esposa estava desconfiada de um possível interesse meu pela minha secretária. Ela tinha deixado escapar em uma de suas conversas com Nicole, outra coitada.

Tanya era uma cobra que buscava a todo custo, envolver as pessoas que eu mais amava, em suas teias. Nicole era mais uma de suas vítimas. Pensaria naquilo depois. A conversa com minha irmã, sobre minhas atitudes sigilosas, tinha sido bem complicada. Ela realmente acreditava que eu punia Tanya por... Por ela ter desgraçado a minha vida.

Ninguém nunca entenderia.

Melissa também era um ponto difícil. Ela forçava a barra para que eu definisse um lado. Não podia culpá-la. Desde o início eu sabia que ela não se submeteria ao papel de amante.

Amante.

Seria muito difícil fazê-la acreditar que eu não a via daquela forma. Melissa era muito mais do que uma boa foda. Ela era minha amiga e companheira. Nos últimos tempos era simplesmente a minha força. E eu precisava, a todo custo, mantê-la a salvo daquela loucura que era a minha vida. O sexo era apenas uma maneira de distraí-la, impedindo assim, que conseguisse se aprofundar naquela lama.

Dubai pelo menos me traria alguns momentos de paz. Mais uma vez, eu estava enganado. Fui preparado para as investidas de Adam e os olhos atentos de Frank, porém, nunca imaginei que Paul seria o meu maior problema. Éramos amigos, sempre fomos, mas pelo visto, até isso Tanya conseguia destruir em minha vida.

Mel estava perfeita em meus braços. Tínhamos iniciado mais um de nossos momentos

fantásticos, quando Paul apareceu. A princípio pensei que ele queria mesmo apenas me avisar do jantar com o presidente do grupo com quem iríamos negociar. Não contava com o convite, mas era minha obrigação comparecer.

- Estou tentando avisar a Melissa, mas não estou conseguindo fazer contato com ela. Já liguei e toquei a campainha do seu quarto, porém ela não atendeu – não tinha motivos para desconfiar do seu olhar em torno do meu quarto, mas agora posso muito bem associar aquele episódio ao que logo depois ele demonstrou estar acontecendo.

- A Srta. Simon deve estar dormindo. É melhor não a levarmos. Quem sabe o que esses caras estão programando para este jantar – forcei um sorriso para disfarçar a minha apreensão. Se Paul insistisse pela presença de Melissa acabaria sabendo que ela não estava no quarto, o que seria no mínimo suspeito.

- Certo. Adam não irá e Frank já está nos aguardando próximo à fonte da recepção. Ele

disse que tinha uma ligação importante para fazer.

- Preciso de quinze minutos. Encontro com vocês lá embaixo.

Melissa não ficou muito feliz com a interrupção do nosso momento. Omitir o fato de que a decisão de não levá-la tinha sido minha. Eu preferia que ela passasse alguns minutos acreditando que teríamos uma noite só para homens do que se remoendo de culpa pela desconfiança do meu cunhado. Afinal de contas, nós jantaríamos e depois eu poderia estar de volta para os nossos planos.

Passei a noite agradecendo o fato de Melissa não ter nos acompanhado. Teria sido uma dor de cabeça para mim. Várias dançarinas foram contratadas para animar os convidados e todas estavam decididas a levar um dos empresários americanos para a cama. Os participantes, todos homens, fizeram questão de beber e aproveitar o que lhes era oferecido.

Evitei da melhor maneira possível me envolver. Não apenas pela minha imagem, muito

menos por causa de Tanya, já que o irmão dela estava presente. Eu pensava mesmo nas informações que poderiam chegar até Melissa. Essa sim seria uma grave dor de cabeça. Melissa era doce, mas tinha um gênio terrível.

Aguntei as conversas, nenhuma de cunho profissional, o jantar e as dançarinas, com a cabeça em meu quarto. Estava com muita vontade de voltar para o hotel e ficar com Mel, que com certeza estava me esperando.

Para minha frustração, não foi o que aconteceu. Quase perdi a cabeça e coloquei tudo a perder. Foi muito difícil sustentar a máscara que eu usava quando estávamos na frente dos outros. Melissa estava logo atrás de mim, e a minha única vontade era esganá-la. Que porra ela fazia com Adam? Por que merda não ficou me esperando no quarto?

Ela nem fazia ideia de quem era Adam Simpson e de tudo o que aquele merdinha era capaz de fazer. Só de imaginá-lo se desfazendo em encantos apenas para conseguir comer a minha secretária, eu... Eu não podia conseguir

nem pensar no que seria capaz de fazer. Desta vez nem Tanya me impediria de matá-lo.

Quando vi a porta, que ligava os nossos quartos, trancada, fiquei com mais raiva ainda. Por que ela estava com tanto medo? O que tinha para esconder? Por qual motivo tinha preferido não me dar nenhuma explicação?

- Melissa, sei que está aí.

Tentei ao máximo não deixar que minha raiva extrapolasse. Deixaria toda a minha força para quando ela abrisse a porta. Eu queria matá-la e depois matar Adam, mas como não podia fazer aquilo, me contentaria em mostrar a Melissa Simon o que eu quis dizer com ela ser minha e apenas minha. Nem que para isso tivesse que mantê-la amarrada na cama pelo resto da vida.

- Melissa? Abra – ela não respondia. Se pensava que me convenceria tão facilmente estava enganada. O que ela estava fazendo só aumentava a minha vontade de castigá-la. – Droga, Melissa! Abra logo esta merda – forcei a porta já completamente impaciente. – Sei que está aí, não adianta fingir.

- Robert, por favor! – eu sabia que ela estava lá. Meu sangue ferveu e empurrei a porta, decidido a arrombá-la.

- Abra – consegui me segurar a tempo. Estava tão furioso que foi um grande sacrifício falar sem gritar. Melissa constantemente me desafiava e eu não estava acostumado a situações daquele tipo. Tirando Tanya, e esta não o fazia com tanta frequência, ninguém mais batia de frente comigo. Com exceção de Melissa Simon. Mas eu conseguiria dobrá-la. Iria deixá-la da forma como eu queria ou não me chamava Robert Carter.

- Não.

Respirei fundo fechando as mãos em punho. Queria derrubar aquela porta e ensinar Melissa a não me desafiar. Devo confessar que até mesmo isso me excitava nela. Ri baixinho imaginando seu rosto assustado assumir a postura de desafio.

- Você sabe ser corajosa quando quer. Por que não abre logo esta merda e me enfrenta?

Faça isso, Melissa, e deixe que eu cuide do resto. Umas belas palmadas em sua bunda deliciosa resolverão o nosso problema, e, claro, depois disso eu vou te comer como nunca.

- Porque você está nervoso e eu estou com medo – mais uma vez contive o riso.

- É bom que tenha medo mesmo. Pela primeira vez está sendo sensata. Porque, quando eu colocar minhas mãos em você, não vai sobrar nenhum pedacinho de Melissa Simon para Adam Simpson.

Ah, Melissa! Eu vou te comer de todas as formas possíveis.

- Não seja absurdo, Robert. Nós apenas fizemos companhia um para o outro no jantar. Não aconteceu nada demais para este desespero todo – ela estava mesmo me reprimindo? Não consegui impedir que um sorriso imenso se formasse em meus lábios.

- Então porque trancou a porta? Se não aconteceu nada demais pode me dizer isso diretamente, olhando em meus olhos, não é?

Passei a ansiar pelo momento em que colocaria minhas mãos nela. A raiva se misturava à excitação de maneira incontrolável.

- Não. Não posso. Você está me aterrorizando, Robert. Que droga! Vive me pedindo para confiar em você, para acreditar na sua história com Tanya, fazendo-me ir contra todos os meus princípios para viver o que nós vivemos e é assim que me retribuí? Todas as vezes que alguém se aproxima você age como se eu fosse a pior das mulheres. Se não confia em mim então me deixe livre, Robert.

Recuei. Merda! Eu conhecia aquele tom de voz. Melissa estava revoltada e quando aquilo acontecia, ela não conseguia pensar de maneira coerente e acreditar em nós dois. Eu acreditava. Adam ou qualquer outro homem não mudaria o que sentíamos um pelo outro, muito menos Tanya. Ela tinha razão.

Droga! Melissa estava certa.

Respirei fundo, três vezes, e caminhei um pouco pelo quarto tentando acalmar os ânimos. Melissa tinha razão. Eu não podia agir como um

louco todas as vezes que ela permitia que um homem se aproximasse. Devia acreditar e confiar nela. Mas eu não conseguia. Nossa relação era tão complicada e cheia de falhas, me fazendo acreditar que a qualquer momento poderia surgir alguém que lhe oferecesse mais e ela desistiria de mim.

No fundo eu sabia que o correto era permitir que isso acontecesse. Melissa merecia muito mais do que eu era capaz de lhe oferecer. Minha história com Tanya não conseguia encontrar um fim e eu sempre acreditei que só terminaria quando nós dois estivéssemos destruídos.

No entanto, depois de Melissa, pensar assim me desesperava. Porque eu queria um final feliz. Um final onde Melissa estivesse ao meu lado, onde seríamos felizes. Puta que pariu! Como eu era egoísta! Mas a verdade era que eu não conseguia mais me afastar, mesmo tendo consciência que aquilo poderia destruí-la também.

- Você tem razão – admiti me sentindo um merda por não conseguir libertá-la. – Não desconfio de você, apenas não confio neles e,

só de imaginar aqueles párias tentando te comer, Mel, eu fico... Eu fico louco de ciúmes. Não consigo me controlar. Fico muito furioso, mas não deveria descarregar minha raiva em você. Por favor, me perdoe!

Pedi perdão. Não pela minha reação exagerada, mas pelo fato de não conseguir evitar a sua destruição. Por não conseguir ir embora e por causa da minha covardia, tornar a vida dela um inferno.

- Você não está mais irritado?

Era lógico que ela me perdoaria. Melissa era incrível e me amava com tanta intensidade que preferiria a destruição a ficar sem mim. Constatar aquela realidade me deixou quente e triste ao mesmo tempo.

- Estou, mas não com você. Neste momento só quero abraçá-la e sentir seu cheiro. Beijar sua pele, seus lábios. Tocar seu corpo e ter a certeza de que é minha e que nunca deixará de ser. Abra a porta – precisava dela. – Vamos continuar de onde paramos.

Melissa era um bálsamo para as minhas feridas. Tão doce, inocente, forte e frágil ao mesmo tempo. Minha necessidade de por as mãos nela ganhou outro motivo e este passou a ser absurdamente sufocante. Precisava tocá-la, com urgência. Mas ela não abria a porta.

- Qual é o problema?

- A porta não abre – o que?

- Como assim não abre? Tenta outra vez – a raiva começou a mostrar as garras novamente. Por que a porta não abria? Só faltava estar quebrada. Era a gota d'água para me deixar ainda mais irritado.

- Não abre.

- Droga, Mel! Por que trancou a porta? – o que eu faria com toda a minha ansiedade para tocá-la?

- Por que você ia me matar.

- Vou matar você agora. Como vou conseguir entrar?

- Não sei, Robert, não faz pergunta difícil, tá? Já estou no meu limite – respirei fundo tent-

ando me acalmar. Bom... Melissa merecia uma punição.

- Ótimo. Vou arrombar – me preparei para acabar com aquela porcaria de porta, mas ela gritou do outro lado.

- Não. Está louco? Vai chamar a atenção de todos.

Oh, droga! Era verdade. Aqueles idiotas resolveram ficar na sala próxima ao meu apartamento e se eu arrombasse a porta eles ouviriam. Que merda!

- E o que vou fazer? – minha paciência estava por um fio. Já conseguia até imaginar o que faria para que Melissa pagasse pelo inconveniente. Porra! Eu estava excitado.

- Tente vir por fora.

- Por fora não dá. O pessoal está na salinha aqui da frente. Merda, Mel. Eu preciso de você. Estou extremamente excitado. Queria uma noite fantástica e fomos impedidos porque você amarelou.

Acusei. Ela sempre foi tão corajosa, custava ter sido daquela vez também? Se nós

tivéssemos discutido naquele momento já estaríamos transando loucamente, mas não, Melissa resolveu ser uma covarde e trancou a porra da porta.

- Eu amarelei?

- Sim. Ficou com medo de mim e correu para trancar a porta. Parece uma criança com medo do pai.

- Desculpe-me se você às vezes parece mesmo o meu pai.

- Eu vou arrombar essa droga de porta – depois inventaria uma desculpa para os rapazes.

- Não Robert, por favor! – Merda, merda, merda!

- Mel, eu preciso de sexo e preciso de sexo com você. Não vou conseguir dormir sabendo que a única coisa que me impede de tocá-la é uma merda de uma porta.

- Vamos esperar.

- Esperar o que?

- Esperar que eles decidam dormir, aí você vem – rá! Grande ideia. Eu teria que me arriscar porque ela era mesmo uma covarde.

- Você vem para cá – ordenei.

- Robert! – Droga, Melissa!

- Ok. Ok. Eu vou. Droga! E o que vamos fazer enquanto esperamos?

- Ligue para mim – puta que pariu! Ela sabia mesmo como mexer com a minha capacidade mental. Melissa me desarmava.

- Eu tinha certeza que você havia gostado – foi impossível não reagir aos seus apelos. Eu queria muito tocar em sua pele e vê-la enrubescer. Ah, Melissa!

- Eu gosto de tudo desde que seja com você – pronto. E já estava derrotado. Se nossa noite de sexo começaria por telefone, então que começasse logo. Eu estava muito ansioso.

- Ok. Pro quarto, Melissa. Vou ligar para você – aguardei enquanto ela voltava para seu quarto.

Desatei o nó da gravata, tirei o paletó, soltei a camisa. Meu celular tocou. Franzi o cenho. Será que Melissa estava com tanta pressa assim? Mas era Tom. Pesei se deveria ignorá-lo,

mas sabia que ele só me ligaria se alguma coisa importante estivesse acontecendo.

- Seja rápido – fui incisivo.

- Tanya conseguiu nos enganar outra vez.

- Como assim, Tom? – puta que pariu! As coisas estavam saindo do meu controle.

- Ela conseguiu sair da Suíça sem o nosso conhecimento. Porra, Robert! Ela está conseguindo ficar a nossa frente.

- Caralho! E onde ela está agora?

- Em um avião em direção ao México. Acreditamos que ela descobriu que você não esteve lá e está tentando descobrir o que andou aprontando.

- Puta que pariu! – olhei para a porta trancada e fiquei ainda mais irritado.

- Tenho uma ideia, mas talvez você não concorde. Tem tempo para ouvir?

- Desembucha, Tom.

- Pensei em deixarmos pistas de que você está mesmo tendo um caso com Melissa. Isso pode desviá-la um pouco do real motivo da viagem a Grécia. Sabemos que ela vai descobrir

que você esteve lá, não tem como esconder que utilizou o avião da empresa e você sabe muito bem que ela tem como descobrir este ponto.

- Perfeito. Tanya não desconfia de nada sobre o meu encontro com os outros participantes da reunião. Se acreditar que estive na Grécia apenas para ficar com Melissa será muito mais fácil.

- E como será para você?

- Tenho minhas cartas. Ela não vai conseguir me derrubar. Preciso desligar agora. Mantenha-me informado e plante as provas para que ela descubra do meu caso com Melissa.

- Já tenho tudo programado.

- Ok.

Desliguei me sentindo elétrico. Minha luta contra Tanya era sempre um estímulo a mais. Melhorava quando os deslizes dela me faziam ficar à frente e principalmente quando eu sabia que tinha Melissa para comemorar minhas vitórias. Puta que pariu! Mais do que nunca eu queria poder estar dentro dela. Queria poder comer minha secretária pela noite afora.

Mas como nem tudo é perfeito, e como não mereço a misericórdia de Deus, Melissa não estava a minha disposição, por isso acabei a noite bebendo e jogando conversa fora com meu cunhado Paul; Adam, o meu concorrente, Frank, o amante da minha mulher.

Pela manhã minha cabeça doía, minha garganta estava seca e meu telefone tocava sem parar. Atendi, pigarreando para disfarçar a rouquidão matinal. Era Tanya.

- Posso saber o motivo de você ter ido à Grécia e mentido dizendo que ia ao México?

Respirei profundamente. Tanya com certeza já havia descoberto que eu tinha viajado com Melissa, e sabia principalmente, que tínhamos um caso. Ela nunca me ligaria se não tivesse aquelas informações.

- Sei que utilizou o avião da empresa, Robert. Não sei o que estava planejando, mas vou descobrir.

- Eu precisava de um tempo longe desta loucura que é a minha vida – tentei ser evasivo.

Se ela estava fingindo não saber que eu e Melissa estávamos transando eu jogaria o seu jogo.

- Vamos ver o que Olívia vai dizer sobre sua fuga para a Grécia.

- Ela vai achar que eu não presto, ou que sou um cafajeste, ou qualquer outra ideia que você já tenha implantado na mente da minha mãe.

- Eu vou pegar você, Robert.

- Eu realmente gostaria de ficar aqui trocando amabilidades com você, mas estou atrasado para uma reunião importante que a deixará um pouco mais rica – estava feliz por deixar Tanya com a ideia de uma amante na cabeça. Era muito melhor do que deixá-la na pista do que eu realmente tinha feito.

- Atrasado? Perdeu a noite, Robert? Você nunca se atrasa.

- Perdi a noite bebendo com seu irmão e algumas dançarinas. Pode ligar para ele e confirmar. Agora me dê licença que tenho um compromisso importante.

Desliguei sem me importar com o que ela estava pensando. Tinha um problema muito

maior e mais importante para resolver: a porta. Tomei banho, me arrumei e saí do quarto decidido a resolver de uma vez por todas o meu problema com Melissa, mas encontrei Adam, como um cachorro fiel, aguardando em frente à porta dela.

- Adam? – ele me olhou um pouco sem graça.

- Bom dia, Robert.

- O que faz aqui? – foi impossível disfarçar a minha irritação.

- Estou dando um tempo. E você? – droga! Qual seria a minha desculpa? Instintivamente toquei o meu bolso e comecei a procurar por alguma coisa.

- Droga! Esqueci o celular. Vou buscá-lo. Te encontro lá embaixo – foi como um aviso, mas ele não recuou.

- Paul e Frank já estão no restaurante, você poderá encontrá-los lá – filho de uma puta! “Você nunca vai ter Melissa”, pensei com raiva.

Voltei para o quarto e imediatamente liguei para minha secretária. Não atendia. Liguei outra vez e insisti.

- Alô – eu conhecia aquela voz rouca de quem tinha acabado de acordar.

- Bom dia – minha vontade era foder aquela boca manhosa pelo sono.

- Robert – oh, Droga! Ela ficava deliciosa quando falava assim. Eu queria poder invadir o seu quarto para dar a ela o que me implorava com aquela voz doce.

Melissa! O que você fez ao trancar aquela porta? Tenho que planejar uma forma de puni-la.

- Pensei que estaria furiosa comigo.

- Posso perdoá-lo. Só vai depender do que irá me oferecer em troca – puxei o ar sentindo a minha ereção forçar a roupa. Mas eu queria muito mais do que me masturbar como um adolescente ouvindo os seus gemidos do outro lado da linha.

- Posso oferecer muito mais do que sexo por telefone.

- Colabore comigo, Robert. Este calor infernal está me matando – ri da sua ousadia. Quer-

ia vê-la manter a pose quando eu estivesse fazendo todas as sacanagens que planejava fazer.

- Gostaria muito de colaborar, mas temos uma reunião e você ainda está deitada, não que isso seja ruim para a minha imaginação. Posso perfeitamente visualizá-la sem roupas, envolta no lençol, ocupando quase nada desta cama gigantesca. Posso ver seu lindo rosto ainda marcado pelo sono e sei, com precisão, o quanto seu corpo manhoso implora pelo meu. Mas...

- Isso é maldade – era muita maldade. “Mas a culpa é sua, Melissa Simon”.

- Sim. É. A mesma maldade que você fez comigo ontem à noite, o que não me impede de desejar passar a língua em você todinha, experimentando esta pele deliciosa. Seu sabor é indescritível, Melissa – ela merecia ser castigada.

- Vem pra cá – ah, Deus! Eu queria muito ir, mas o imbecil do Adam estava no meu caminho.

- Primeiro preciso tirar Adam Simpson da sua porta. Ele está aí há meia hora esperando o

momento em que você vai sair, na esperança de convidá-la para o café da manhã.

- Droga! – ri da sua irritação. Esperava que ao menos assim ela entendesse que não tinha com fugir de mim e que quando mais tentasse mais problemas teria.

- Eu falei para não deixá-lo se aproximar.

- Eu quero você – merda! E eu queria ela de todas as formas possíveis e imagináveis.

- E eu quero você.

- Arrombe a porta.

- Assim que resolver sair e levar Adam com você. Tire-o daqui. Paul e Frank já desceram, quando vocês saírem vou arrombar a porta sem que ninguém perceba. Também darei um jeito de você nunca mais conseguir trancá-la, para evitar outra noite mal dormida. Então à noite seremos apenas nós dois – e como ansiava por aquele momento.

- À noite?

Tudo bem que eu queria que Tanya imaginasse coisas, mas daí ter outras pessoas envolvidas era impossível. Eu conhecia muito bem

a minha esposa para saber que ela não suportaria a humilhação de ser traída publicamente. Não que eu me importasse com o que ela sentiria, mas, com certeza, partiria para cima de mim com tudo. Era melhor evitar.

- Você consegue achar alguma brecha em nossa agenda antes?

- Não. Teremos mesmo que esperar.

- Encontro você no restaurante em meia hora. Pode ser? – e poderia ser diferente?

- Pode. Vou me arrumar com muito esmero para o Adam – revirei os olhos me sentindo um perfeito adolescente. Melissa tinha o dom de resuscitar a juventude em mim.

- Menos, Melissa. Menos.

O dia foi cansativo. Não precisávamos de muito para fechar o negócio, mas era importante manter as formalidades, afinal de contas, algumas pessoas precisavam ter a certeza de que nada seria modificado. O que eu sabia, depois de anos de experiência, era que as mudanças sempre aconteciam, mesmo não sendo o nosso objetivo.

Boa parte do meu tempo, gastei pensando no que faria com Melissa mais tarde. Claro que tinha me abastecido de “acessórios” para tornar nossas noites mais interessantes. Eu tinha adorado prender as mãos da minha secretária, não que eu nunca tivesse feito isso antes, no entanto, Mel corava deliciosamente e este pequeno detalhe me enlouquecia.

Falsa puritana. Ah, Melissa! Você é mesmo uma caixinha de surpresas.

Meu devaneio foi tão profundo que quando me forcei a prestar atenção ao que estávamos fazendo percebi que Frank tentava a todo custo agradar minha secretária, exaltando seu desempenho profissional. Puta que pariu! Aonde ele queria chegar? Era para eu estar fazendo aquele papel. Melissa não me perdoaria por ter deixado passar aquele detalhe. No entanto, não permiti que meu abalo transparecesse, mesmo sabendo que os olhos dela brilhavam e que sorria afetuosamente para o amante da minha esposa.

Que irônico! Se não fosse mais uma manobra de Tanya, colocando seu amante para dar

em cima da minha amante, eu perderia a cabeça. Melissa estava visivelmente corada. Inferno! Não bastava Adam pajeando minha secretária o dia inteiro? Eu teria que aguentar também aquele fantoche da mulher com quem sou casado, cercando a minha garota. Era o fim do mundo! Ou talvez, da minha paciência.

Tinha que recompensar Melissa e corrigir o meu deslize.

Assim que entrei no quarto, depois de dispensar meus companheiros de viagem e satisfeito por ver Melissa recusar o convite de Frank para sair em um passeio turístico, liguei para uma das joalherias do hotel e pedi que enviasse ao meu quarto algumas peças, as de melhor qualidade, para que eu pudesse escolher um presente adequado para a minha secretária.

Passei pela porta que ligava os nossos quartos. Melissa estava no banho. Achei a echarpe dela sobre a cama. Imediatamente minha mente se encheu de ideias. Peguei o que precisava e voltei para o meu quarto. Atendi a vendedora que levou as joias, deixei-as no closet, tomei

uma chuvairada e fui para a piscina aguardar por ela. Tinha certeza de que Mel me procuraria. Teríamos uma noite fantástica.

Como imaginei, Melissa apareceu. Um pouco hesitante, um pouco insegura, mas não recuou ao meu toque. Ela ainda era minha. E eu queria que continuasse sendo. Levei-a para a cama, brinquei com o seu corpo, preparei todo o terreno para que nossa noite fosse inesquecível e Paul apareceu, outra vez. “Putá que pariu! De novo?”.

- O que está acontecendo? – ele não perdeu tempo jogando conversa fora.

- Não faço a mínima ideia – tentei parecer inocente. Melissa estava algemada em minha cama, totalmente nua e com os olhos vendados. Jamais poderia permitir que Paul desse mais um passo.

- Eu já sei de tudo. Merda! O que você acha que está fazendo? – encarei por um tempo o meu amigo completamente transtornado. Com certeza Tanya não deixaria de manipulá-lo para

atingir os seus objetivos. Coitado do Paul! Voltou a cair na teia da irmã.

- Continuo sem saber do que você está falando.

- Melissa – fiz um esforço imenso para não parecer surpreso.

- Paul... Precisamos...

- Por que as joias? – puta que pariu!

- Joias?

- Eu vi a funcionária da joalheria entregando uma caixa aqui, Robert. Olha só... Não sei o que você pretende, mas... Que merda! Eu não estou de acordo, entendeu? Não estou de acordo! Não é justo você envolver todo mundo em sua vingança. Eu não mereço isso, Melissa não merece...

- Paul – o interrompi. – Vamos conversa em outro lugar.

- Por que não aqui?

- Por que eu não quero – fui o mais ameaçador possível. Ele recuou. - Vou colocar uma roupa e já volto.

- Seja rápido.

- Eu vou ser.

Merda!

Voltei para o quarto queimando de raiva. Tanya não estava brincando. Envolver Paul foi uma cartada forte. Eu não deixaria por menos. Mas também não permitiria que estragasse a minha noite com Melissa. E ela estava tão perfeita naquela posição. Meu único desejo era voltar para a cama.

- Solte minhas mãos – ela estava muito assustada. Gostei do que vi.

- Não vou correr este risco novamente. Volto rapidinho para continuar de onde paramos – e eu faria você conhecer o céu, Melissa Simon.

- Não, Robert – fui embora antes que ela conseguisse me convencer do contrário. Estava decido a contar algumas coisas para Paul, inventar uma mentira e voltar correndo para o quarto.

Contudo, esconder a verdade foi quase impossível. Ele estava seguro de que eu tinha um caso com a minha secretária e exigia que eu a demitisse, ameaçando inclusive levar o fato ao conselho da empresa. Eu precisava despistá-lo,

mesmo sabendo que o plano era deixar que Tanya descobrisse. Seria doloroso para Melissa ser tratada daquela forma. Como uma amante sem valor algum.

- Paul, sei que é complicado entender. Não tem nada acontecendo, apenas comprei uma joia de presente para Olívia.

- Não tente me enrolar, Robert. Sei muito bem que você não compraria joias para Olívia sem motivo algum e ela não faria a menor questão desta demonstração de amor.

- Tem razão, ela não faria. Mesmo assim quero comprar algo para minha mãe. Onde está o meu erro?

- Por quê? – olhei para Paul e entendi que seria muito complicado mantê-lo fora daquela confusão.

- Porque ela adora Tanya e eu... Nós... – passei as mãos nos cabelos sem saber como iniciar esta conversa. – Porra, Paul! Você sabe muito bem que as coisas entre eu e Tanya não andam bem desde que... Você sabe – não conseguia falar sobre o ocorrido.

- Tanya não tem culpa do que aconteceu. Você precisa seguir em frente e libertá-la deste castigo, Robert. Não é certo. Não é justo. Se você não a ama mais, termine de uma vez com este casamento, mas se deseja ou se acredita que pode haver uma reconciliação, então deixe que toda a mágoa fique no passado, mas não faça mais com que minha irmã seja punida pelos erros que a vida cometeu.

- A vida? – ri sarcasticamente e entornei todo o conteúdo do meu copo. Uísque caro e de excelente qualidade. Bati de leve no balcão e o garçom rapidamente voltou a enchê-lo.

- Robert... Caralho! Somos amigos, mas Tanya... Mesmo com todos os problemas, ela é minha irmã. Merda! Como você se sentiria se soubesse que eu estava agindo desta forma com Nicole?

Oh merda! Claro que eu detestaria. Nicole era minha irmã e eu a amava, mas Tanya... Paul nem fazia ideia do que a irmã dele já tinha aprontado.

- Não, Paul. Eu não ficaria nada feliz. Mas... – olhei meu amigo e pesei se deveria ou não contar toda a verdade. Decidi que não era o melhor momento. – Acho que tenho que deitar agora. Preciso colocar algumas coisas em ordem... – voltei a olhá-lo, ainda um pouco inseguro, mas Paul não tentou em impedir. – Vejo você amanhã.

Quando cheguei ao quarto, Melissa não estava mais lá. Ela tinha quebrado a cama. Quase ri daquele detalhe. Mas ela foi embora. Se eu não tivesse certeza de que estava em uma enrascada, conseguiria achar graça da situação. Minha... Amante... Namorada... Não sabia bem a melhor forma de classificá-la em minha vida, mas enfim... Ela era incrível! E eu não conseguia mais encontrar formas de tirá-la do meu caminho.

Melissa Simon era a mulher ideal para mim e eu já a queria de maneira imensurável. Suspirei passando as mãos pelos cabelos. A conversa com Paul tinha sido desgastante e até... Sofrida. Porra! Não existia maneira de apagar o meu passado. Todos os meus erros, os de Tanya, as ter-

ríveis consequências... Minha família completamente destruída... Droga! Se houvesse uma única chance de conseguir me salvar. Mas não havia. Eu nunca seria absorvido.

A presença de Melissa em minha vida era como um bálsamo. Ela conseguia, mesmo que temporariamente, evitar que as feridas sangrassem. Como eu queria poder esquecer tudo e... Como eu queria! Ela era uma grande promessa de felicidade, mesmo quando aprontava, como quando trancou a porta. Ao menos era uma distração gostosa e não a tensão que era a minha vida ao lado de Tanya.

Segurei o anel entre os dedos. Perfeito! Exatamente como eu me sentia sem ela, sozinho, e era a forma como eu a via, única. Aquele anel dizia tudo sobre nós dois. Eu não passava de um corpo sem alma, um coração de pedra, enquanto Melissa era uma joia, rara, cara e única. Ela era, definitivamente, o que eu não podia ter. O que não merecia ter.

CAPITULO 33

A dor em meus braços era insuportável, sem contar que os ombros também doíam pelo esforço, além disso, os pulsos estavam visivelmente machucados. Como faria para esconder?

Eu estava enrolada na toalha em frente ao espelho, com os cabelos molhados me perguntando que merda estava fazendo. Até onde eu permitiria que Robert fosse? Era tudo tão errado e, ao mesmo tempo, tão perfeitamente definido que se tornou impossível escapar. Eu sabia que ele também sentia da mesma forma, embora não tivesse a menor ideia de até quando suportaria viver assim.

Consegui um pouco de gaze e esparadrapo num kit de primeiros socorros que havia no armário do banheiro e fiz um curativo bastante discreto, o melhor que pude nas circunstâncias. Coloquei uma fileira de pulseiras em cada pulso e, se ninguém prestasse atenção, não precisaria dar explicações sobre os ferimentos. De quantas formas mais eu permitiria que Robert me machucasse?

Vesti uma saia preta longa e justa ao corpo, uma camisa fina de mangas compridas, quase transparente, também na cor preta e escolhi um véu verde água para combinar com meu visual de quase luto. Calcei sandálias altas, verde musgo e verifiquei se tudo o que precisava estava em minha pasta de couro preto. Abri a porta do quarto e quase gritei de susto ao ver Robert. Ele estava sério e me encarava. Achei que estava com raiva, mas depois de alguns segundos olhando um para o outro, percebi que na verdade estava preocupado.

- Mel – falou com voz grave.

- Bom dia, Robert – fingi não me importar com a sua presença e passei por ele indo em direção à sala.

- Você foi embora ontem – seguiu meus passos.

- Ah. Você notou? Que horas? Hoje quando chegou da sua farra com Paul? – não olhei para trás, mas pude ouvir seu risinho.

- Eu voltei meia hora depois e encontrei minha cama danificada e minha namorada não estava lá.

- Sua namorada? – tive que olhar para ele. Eu queria dizer e fazer várias coisas, entretanto, não consegui. Ele me considerava mesmo sua namorada?

- Você só poderá ser minha esposa quando conseguir me separar de Tanya.

Putá merda! Como ele conseguia? Toda a minha raiva começou a dissolver. Ele queria casar comigo? Merda! Queria muito que fosse verdade. Tanto que meu coração estava desesperadamente acelerado só com a possibilidade.

- Isso se eu quiser ser sua esposa – não encontrava forças dentro de mim para negar. Robert abriu um sorriso imenso.

- Posso dar um jeito – ele se aproximou de mim e tirou uma caixinha de trás das costas. Olhei-a sem ter coragem de avançar.

- Vai comprar meu perdão com um presente barato? – levantei uma sobrancelha fin-

gindo não estar interessada em saber o que era. Na verdade estava morta de curiosidade.

- Primeiro: não foi barato. Segundo: não estou comprando o seu perdão, estou implorando – ajoelhou. Minha nossa! – Eu juro que voltei meia hora depois. Jamais a deixaria algemada por muito tempo, mas a Mel impaciente quebrou a cama e se trancou em seu quarto. Achei por bem não forçar a barra – caramba! Quanta mudança. – Vai pegar o presente ou não? Não tenho mais idade para ficar um dia inteiro ajoelhado – revirei os olhos. Era tão Robert ser grosseiro nessas horas. Peguei a caixinha das mãos dele.

- Apenas porque não quero fazer mal a um senhor de idade. Velho decrépito – ele riu.

- Ok. Lolita – Robert levantou e ficou me observando enquanto eu abria o tal presente.

Abri cuidadosamente a caixa preta com um imenso laço dourado, apenas para matá-lo de ansiedade. Eu estava me divertindo a ponto de esquecer completamente todos os conflitos anteriores. Fiz questão de virar a caixinha para todos os lados observando cada detalhe.

Robert perdeu a paciência e tomou-a de minhas mãos abrindo-a e virando o seu conteúdo para mim. Fiquei chocada. Quando ele disse que não tinha sido barato, não imaginei que seria tão caro. Uma única pedra fazia toda a diferença num anel. Um enorme e solitário diamante ofuscava todo o restante do ambiente. Fiquei boquiaberta e sem ação

- Não gostou? – parecia preocupado.

- Robert... – eu não conseguia achar nada em minha mente que expressasse o que estava sentindo naquele momento. Minhas mãos foram para a boca me ajudando a externar o que sentia.

- O que foi isso em seu braço? – ele ficou assustado. Olhei tentando identificar o motivo da sua reação. Meus pulsos.

- Ah! Machuquei ontem tentando me livrar das algemas – meu amante passou uma mão nos cabelos olhando-me atentamente.

- Por que não esperou por mim? Melissa você acha que eu a deixaria presa até quando? Pelo amor de Deus! Olha o que fez.

- Tudo bem. Tudo bem – repeti ainda confusa com tantas informações ao mesmo tempo.

- Não. Não está.

- Robert? – chamei sua atenção. – Deixe-me ver meu presente – ele olhou para a minha mão como se tivesse esquecido completamente do anel. – É lindo!

- Isso não muda nada – falou sem prestar atenção ao que eu dizia.

- Tem razão – fui invadida por uma imensa tristeza. – Não muda nada – meus sentimentos estavam um caos. Eu passara da felicidade plena para depressão.

- Não, Mel. Não pense assim. Eu não me referia a isso. Eu...

- Tudo bem. Obrigada pelo presente – ele suspirou pesadamente.

- Nunca vou conseguir ser o suficiente para você – olhei-o e constatei que dizia a verdade.

- Acho que...

- Não – falou com urgência pegando em minha mão com cuidado para não me causar dor.
– Mel, precisamos conversar sobre uma coisa –

fiquei atenta ao que ele dizia. Robert parecia lutar contra o que queria falar. Seus olhos fixaram o nada. – Mel, ontem eu tive uma conversa séria com Paul, ou melhor... Ele teve uma conversa comigo – fez uma pausa, lutando para não revelar mais do que gostaria.

- Robert? – o interrompi. – Não seria mais fácil se me contasse de uma vez tudo o que realmente acontece entre você e Tanya? – ele arregalou os olhos.

- Eu não posso – sua voz saiu quase como um sussurro.

- Por que não? – meu chefe se afastou e caminhou em direção à parede de vidro.

- Porque não, Mel. Por favor, não peça isso – respirei fundo contendo a minha indignação. Não seria daquela forma que eu conseguiria algo dele.

- Só acho que se me contasse eu me sentiria mais segura em relação a você.

- Só é necessário a minha palavra.

- Como vou saber que não está brincando comigo? Foram tantas amantes. De que forma

vou saber se não sou mais uma em sua vida, Robert?

- Eu acabei de pedi-la em casamento.

- Você não pode me pedir em casamento porque já é casado – rebati. Ele ficou calado apenas me observando. Seus olhos estavam sérios. Eu sabia que não diria mais nada. – E você não me pediu em casamento, pediu perdão – tentei suavizar a tensão entre nós dois. Ele sorriu, porém seu sorriso não alcançou os olhos. Robert estava triste e aquilo me feria de uma maneira especial. – Vai me contar qual é o problema entre você e Paul?

- Vou. Mas antes... – caminhou em minha direção e me abraçou com força prendendo-me em seus braços. – Estou morto de saudades de você.

- Como pode sentir saudades? Está aqui comigo – brinquei.

- Estou sexualmente morto de saudades de você, Srta. Desenhe para mim – eu ri em seus braços.

- Problemas demais, não é? – acariciei seu rosto e ele se inclinou em direção ao carinho. Depois deitou em meu ombro se enterrando em meus cabelos. Brinquei com os seus, transmitindo-lhe confiança. Robert suspirou fortemente.

- Você não faz nem ideia. Estou colocando tudo a perder. Em quase três anos nunca pensei que algum dia sentiria vontade de recuar – sorri. Não sabia se estava falando de mim, de nós dois ou de qualquer outra coisa, mas preferi abraçar suas palavras como se fossem especialmente para mim.

- Posso ajudá-lo de alguma forma? – ele estreitou ainda mais seus braços ao meu redor.

- Eu não posso, nem devo lhe pedir nada, Melissa. Seria muito egoísmo de minha parte – Robert me largou fazendo com que eu me sentisse abandonada. Como se mais ninguém fosse capaz de me alcançar.

- Robert? – chamei-o sentindo um imenso vazio se apossar de mim. – Vem? – levantei a mão para ele chamando-o de volta. Ele ergueu

uma sobrelanceira sem entender o que eu estava querendo. – Vamos para meu quarto. Faça amor comigo e esqueça de todo o resto – meu amante sorriu e seus olhos brilharam. Era encantador vê-lo daquele jeito.

- Será um prazer – avançou em minha direção me tomando em seus braços e conduzindo-me de volta ao quarto.

Os lábios eram urgentes e as mãos lutavam num reconhecimento intenso de nossos corpos. Ele me ergueu do chão e me deitou na cama juntando-se a mim. Robert puxou a minha saia, tentando alcançar minhas coxas enquanto eu lutava com seu paletó ao mesmo tempo em que tentava afrouxar sua gravata. Não tínhamos conseguido grandes avanços quando a campainha do meu quarto tocou. Meu chefe protestou com um gemido de raiva.

- Não acredito! – ele disse por entre os dentes. – Isso só pode ser uma brincadeira de muito mau gosto.

Fechei os olhos e tentei acalmar meu corpo que ofegava implorando por mais. Robert já tinha

conseguindo abrir alguns botões da minha camisa utilizando apenas os dentes o que me deixara ainda mais excitada. Eu precisava dele. Precisava de sexo e precisava de sexo com ele ou então explodiria no meio da reunião.

- Não pare, Robert. Quem quer que esteja lá fora vai desistir em poucos minutos – quase o forcei a continuar, porém, outra vez o som estridente nos atrapalhou.

- Deve ser Adam Simpson. Ele sabe que você ainda não saiu. Com certeza está montando guarda na sua porta, o idiota.

- Céus! Isso não é justo – choraminguei e Robert riu da minha reação.

- Não mesmo – beijou meu pescoço causando arrepios em minha pele.

- Se eu não tiver um orgasmo em alguns minutos minha mente vai explodir – ele se movimentou fazendo-me perceber a sua excitação. Deus, como eu o queria! - Isso é grave – provoquei.

- Muito grave – ele desceu com a língua por entre meus seios.

- Vou dar um jeito nisso, Sr. Carter.

- Por favor, Srta. Secretária fodidamente gostosa – passou os dentes em minha pele e eu gemi.

Outra vez a campainha. Mas que merda!

- Chega, Mel! – Robert levantou da cama em um pulo. – Tire aquele cachorrinho da sua porta ou eu mesmo vou lá e acabo com ele.

- E o que eu faço? – Apressei-me a sentar na cama e recompor minhas roupas.

- Sei lá. Invente qualquer coisa. Diga que está passando mal... Não. Ele vai resolver ficar para cuidar de você. Diga que... Merda! Não diga nada. Desça com ele.

- O que? – fiquei lívida. – Não quero descer com ele. Quero ficar e terminar o que começamos. Você quer me enlouquecer? – quase gritei em protesto e Robert riu.

- Nós vamos terminar isso, Mel. Desça com o cachorrinho e arrume uma desculpa para me encontrar no banheiro da recepção.

- Você só pode estar brincando – ele não estava.

- Ninguém vai nos pegar. É discreto e, além do mais, as pessoas preferem os banheiros dos restaurantes.

- Não posso fazer isso – eu era covarde demais para aceitar uma aventura como aquela.

- É isso ou só à noite. Você escolhe – o encarei sem conseguir dizer nada. – Em quinze minutos. Estarei esperando.

Corri para a porta, porém antes de sair retirei da caixinha o anel que Robert me deu e coloquei em meu dedo. Era lindo demais para ficar esquecido. Abri a porta e Adam estava lá. Minha vontade era bater nele, mas não podia, então dei um sorriso forçado e sai do quarto fechando a porta.

- Bom dia, Adam! – fiz questão de sair logo. – Vamos ao café da manhã? – caminhei apressadamente em direção ao elevador.

- Mel? Você está bem? – ele me olhava com atenção. – Está vermelha e apressada. Algum problema? – meu rosto estragava tudo sempre. Tentei sorrir, porém tenho certeza que só piorei as coisas.

- Apenas com fome – mesmo desconfiado Adam não contestou.

Descemos até o restaurante. Consegui gastar dez minutos até lá. Nenhuma desculpa plausível passava pela minha cabeça para que conseguir me livrar da presença dele em cinco minutos. Eu tremia e suava. O calor era infernal, mesmo com o ambiente climatizado.

Frank estava sentado à mesa e sorriu quando nos aproximamos. Onde estava Paul? Adam sentou deixando a cadeira ao seu lado livre para mim. Quis revirar os olhos e fugir correndo para o banheiro, contudo eu precisava manter as aparências.

- Mel? Você está se sentindo bem? – Frank também percebeu. Puta merda! Hoje era o dia do “faça a Mel queimar por dentro de desejo pelo chefe”? Por que não me deixavam em paz? Sorri educadamente.

- Estou com fome.

- Ah! – ele parecia atordoado. – Você está meio pálida – pálida? Adam disse que estava vermelha. Ah! Deixa pra lá.

Olhei para os lados procurando por algo que me desse alguma ideia e vi Paul chegando. Ao lado dele estava um garçom com uma bandeja contendo alguns copos. Era isso.

Aguardei sentada até que o garçom se aproximou para colocar algo sobre a mesa e... Beleza! Derrubei dois copos de suco sobre mim. Fingi estar assustada e Adam logo correu com um guardanapo de pano para me ajudar, porém Paul me alcançou primeiro.

Ele segurou em minha mão e me levantou para ter certeza de que estava tudo bem. Eu só notei o que ele fazia quando precisei de minha mão e percebi que ele ainda a segurava. Paul olhava atentamente o meu anel. Quando entendeu que eu também o observava, me largou.

- Acho que preciso ir ao banheiro limpar esta bagunça – corri para o local que Robert me indicara.

Graças a Deus nenhum deles me seguiu. Precisava contar a Robert a reação de Paul ao ver o anel. Entrei no banheiro e realmente ninguém estava atento ao que eu fazia. Logo senti mãos

me puxando para dentro de uma das portas e fechando-a rapidamente. Eu sabia que era Robert. Podia sentir o cheiro da sua colônia. A expectativa me dominou e nada mais teve importância.

- Boa menina – falou em meu pescoço me virando para ele e levantando minha saia. – Shh-hhhhh! – Murmurou em meus lábios. – Não podemos fazer barulho – sinalizei que entendera e ele voltou a me beijar.

Eu estava tão excitada que não me importava se esquecêssemos das roupas e fossemos direto para o que interessava. Pelo visto Robert também, pois em segundos eu o senti avançando em mim. Mordi os lábios impedindo que um gemido escapasse. Céus! Era tão gostoso senti-lo me invadindo e me preenchendo.

- Mel! – Robert gemeu controlando sua voz para não sermos flagrados. Eu me sentia a própria adolescente namorando no banheiro da escola. Claro que na época não fazia exatamente daquela forma, mas com certeza sonhava em fazer.

Robert acelerou um pouco suas investidas, eu sentia que logo nos aliviaríamos, finalmente. Forcei-me a deixar de ser apenas uma expectadora, devido à enorme necessidade que tinha de me satisfazer e comecei a participar. Rebolei sentindo suas mãos segurando meus quadris enquanto me mantinha suspensa e presa à parede.

- Robert!

Meu sangue gelou nas veias. Paul estava no banheiro chamando por Robert e parecia furioso. Puta que pariu! Não acredito. De novo? O que mais faltava acontecer?

Robert olhou-me em pânico. Instintivamente descí minhas pernas ficando agachada sobre o vaso sanitário. Robert se moveu saindo de mim. Meu corpo inteiro protestou. Infelizmente era necessário. Era aquilo ou seríamos flagrados pelo irmão de Tanya. Eu sentia meu coração quase explodindo no peito e minhas pernas tremiam tanto que tive medo delas desmontarem. Robert fez sinal com a mão pedindo que eu ficasse quieta. Fiz que sim. Claro! Eu por acaso

era maluca para mover um fio do meu cabelo que fosse numa hora como aquela?

- Paul? – meu chefe falou fingindo surpresa. – Algum problema? – ele indicou com a mão que sairia da cabine e que eu deveria ficar lá até o momento que pudesse sair também.

- Saia daí, seu miserável – Robert respirou fundo e abriu a porta fechando-a imediatamente. O que será que estava acontecendo? – Seu filho de uma puta! – Paul xingou, mas com a voz controlada. – O que pensa que está fazendo?

- Paul, do que está falando? – meu amante tentava continuar controlado.

- De Melissa, seu ordinário. Não me venha com esta conversa ridícula de que não há nada entre vocês. Toda a sua conversa de ontem, Robert – fiquei com o ar preso nos pulmões. Paul sabia. Meu Deus! Senti as lágrimas se formarem.

- Paul você não sabe o que está falando.

- Eu vi o anel, Robert. Acha que eu sou burro? Acha que Tanya é burra? O que está fazendo? Isso já foi longe demais. Tanya é minha irmã – gritou.

- Paul não é o que está pensando. Você não conhece a verdade.

- Eu conheço o suficiente para saber que você não passa de um canalha.

- Paul – Robert gritou fazendo com que se calasse. – Você não sabe de nada. O que eu disse ontem é a verdade. Eu e Tanya estamos nos separando, isso você pode confirmar com ela, apesar de acreditar que vá infernizar a minha vida por ter contado.

- E por causa disso você se acha no direito trazer a sua amante nesta viagem? Acha que tem o direito de colocar a sua amante dentro da nossa empresa? Eu também sou acionista. Merda! Tanya também é. Isso é justo? Eu sabia que vocês estavam passando por uma fase difícil desde que...

- Não fale – Robert o interrompeu – Não quero falar sobre este assunto.

- Que inferno, Robert – Paul explodiu. – Você vem punindo Tanya todos esses anos por algo que não foi culpa dela, nem de ninguém.

- Você. Não. Sabe. O. Que. Está. Acontecendo. – Robert gritou pontuando as palavras. Estremeci.

O que estava sendo dito me abalava profundamente. Ser exposta daquela forma estava me destruindo por dentro. Algo que acontecera no passado de Robert e Tanya fizera com que ele não a quisesse mais. Foi o que causou a separação deles. Mas o que?

– A única coisa que todos têm conhecimento é o que viram, mas não sabem de tudo. Não sabem o que realmente aconteceu antes e nem o que vem acontecendo depois de toda aquela desgraça. Você nunca entenderá. É cego demais para perceber que é tudo uma grande mentira – Robert sofria e eu sofria junto com ele.

- É mentira o seu caso com Melissa?

- Não. Não é – admitiu com voz derrotada. Puta merda!

- Eu sabia – Paul praticamente cuspiu as palavras.

- Paul – Robert respirou fundo de maneira audível. – Chegou o momento de conversarmos –

sua voz era séria. Estava derrubando uma imensa muralha e eu sabia o quanto doía nele. – Mas não aqui. Venha – ele se afastou da porta onde eu estava. – Vamos conversar.

Ouvi seus passos cada vez mais distantes e, por fim, o silêncio. Fiz um esforço enorme para obrigar minhas pernas a descerem do vaso sanitário. Eu tremia incontrolavelmente. Minha cabeça e meu abdômen doíam. Estava tão desorientada que precisei de vários minutos para me dar conta de que ainda estava no banheiro masculino e que precisava sair o mais rápido possível.

Com passos vagarosos abri a cabine e me esgueirei para fora. De cabeça baixa escapei para o banheiro feminino que ficava logo em frente. Entrei correndo sentindo meu corpo virar gelatina. Utilizei a pia como apoio para me manter em pé.

Peguei um pouco de água e molhei minha testa Depois derramei um pouco em minha nuca. O calor era insuportável e minha cabeça não parava de doer. Nada mais parecia fazer sentido eu não encontrava forças nem coragem para sair

dali. A tontura era intensa e, de um minuto para o outro, já não conseguia mais distinguir o que era realidade e o que era imaginação.

Eu ouvira Robert falando amargurado sobre o que acontecera no passado e Paul gritando que ele estava tentando punir Tanya. Eu era apenas a punição dela? Tudo não passava de uma vingança? E, como o dia conseguiu passar tão rápido deixando tudo escuro?

- Mel? – escutei a voz de Adam bem longe. Eu continuava no escuro. Quando o sol foi embora? – Mel, está me ouvindo? – não conseguia responder. Meus braços e pernas resolveram não me obedecer.

- O que aconteceu? – Frank estava lá também no escuro comigo. Robert não ia gostar nada daquilo. – Certo. Vamos levá-la. Avise a Robert – para onde eles iam me levar?

- Já liguei várias vezes e ele não atende a droga do telefone – Adam parecia nervoso. – Ela está muito pálida.

- Robert! – ouvi Frank falando. Ele falava com Robert. Onde? – Temos um problema.

Estamos levando Melissa para o hospital – e a escuridão me alcançou completamente, tirando-me de vez de tudo e de todos.

CAPÍTULO 34

A claridade do quarto incomodava um pouco minhas vistas, mesmo estando ainda entre o sonho e a realidade. O ambiente estava quente e eu podia sentir a tentativa de climatizar o local. Abri os olhos, a primeira coisa que vi foi um buquê de flores e um cartão com o meu nome. Reconheci a letra de Robert e também a volta da formalidade entre nós dois. Estava escrito “Srta. Simon”.

Respirei fundo. Era o certo a ser feito.

Quando eu entenderia que, ao aceitar a minha condição de amante, precisaria aceitar também a formalidade entre nós dois quando estivéssemos em público. Levantei a mão para pegar o cartão e notei que minhas pulseiras não estavam mais lá, nem o curativo. Meus machucados estavam expostos. Fiquei automaticamente envergonhada.

- Robert precisou comparecer à reunião – Paul falou de algum lugar. Meus olhos percorreram todo o quarto me fazendo entender que es-

tava num hospital ou em algum lugar parecido. – Eu me comprometi a ficar com você até ele voltar.

Antes de conseguir enxergá-lo meu corpo reagiu à informação. O que Paul faria comigo? Ele sabia de tudo. Meu coração acelerou e um bip chato começou a soar. Eu estava ligada a aparelhos que monitoravam meu corpo e denunciavam o meu desespero.

- Calma, Mel. Está sentindo alguma coisa? Quer que eu chame o médico?

- Eu... – mordi os lábios e uma lágrima desceu pelo meu rosto.

Não podia evitar a vergonha por estar tão exposta. Naquele momento preferia que Adam estivesse ali ao invés Paul. Ele caminhou até o lado da minha cama e pegou o cartão de Robert entregando-me para que eu lesse.

- Ele deixou para você – peguei o cartão, mesmo contra a minha vontade, e comecei a ler.

“Srta. Simon estimo sua melhora. Infelizmente não poderei acompanhar o seu progresso durante esta tarde, mas estarei presente no mo-

mento oportuno. Paul está encarregado de fazer o necessário para o seu bem estar.

Att.

Robert Carter”

Eu não esperava nada além do que escreveu. Robert não deixaria que mais ninguém descobrisse sobre nós dois, porém me confiar a Paul era estranho. Só se... Meu coração voltou a ficar acelerado, desta vez não fiquei constrangida. Paul estava lá para se certificar de que nada mais aconteceria. Só podia ser.

Ele, com certeza, exigiu de Robert, que, com medo de ser entregue à Tanya, concordou em me deixar. Permiti que minhas lágrimas caíssem com mais intensidade. Eu deveria estar preparada para aquilo, mas não estava.

- Mel! Por que está chorando? Você precisa me dizer o que está sentindo – Paul parecia preocupado, contudo, não havia raiva nem acusação em sua voz. Ele parecia tão sem jeito quanto eu. O que estava acontecendo?

- Só estou assustada – consegui dizer. – O que aconteceu? – ele pareceu mais relaxado e coçou a sobancelha recapitulando os acontecimentos.

- Não sei direito. Como sabe... – ficou ainda mais sem graça. E eu também. Ele sabia que eu estava no banheiro. – Eu saí do hotel para conversar com Robert. Recebemos uma ligação do Frank, dizendo que estava trazendo você para o hospital. Robert enlouqueceu... – Paul fez uma pausa revivendo suas lembranças e consegui acalmar um pouco meu coração. – Chegamos logo depois de vocês. Ao que parece você teve um colapso nervoso, algo relacionado ao calor absurdo que está fazendo. Robert acha que está estressada – sorriu torto, como meu chefe fazia. Eu definitivamente não entendi nada.

- Você não... – respirei fundo tomando coragem para falar. – Você não está irritado por...

- Muito – respondeu prontamente, sem deixar que eu concluísse a pergunta, no entanto suas palavras não demonstravam a sua irritação. – Mas, agora que sei a verdade... Não posso cobrar

nada de Robert e, mesmo sendo tão complicado, até consigo... Entendê-lo – Paul caminhou até uma pequena janela que ficava próxima a cama e ficou observando a paisagem lá fora. – Eu não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Eu... Tanya é minha irmã. Não posso simplesmente concordar, porém devido às circunstâncias... Robert espera resolver logo. Sinceramente, não acredito muito nisso. Tanya... Nem sei o que dizer.

Ele voltou a me olhar e encostou-se ao batente da janela para continuar falando.

- Tanya sempre foi muito mimada. Ela acredita que pode ter tudo que quiser, inclusive o mundo e é por isso que não acredito que minha irmã aceite o fim do seu casamento. Ela está... É tudo tão difícil. Não entendo, Mel. Sei que vocês estão apaixonados, mas... –soltou o ar sufocado com suas próprias lembranças.

- Mas? – percebi que ele não estava muito a fim de continuar falando, mesmo assim não consegui evitar a pergunta. Paul pareceu relutar, no entanto continuou.

- Mel, é tudo muito complicado. Robert e Tanya entraram num jogo perigoso que já está durando muito. Pelo que conheço da minha irmã e pelo que ouvi do Robert, não vai acabar tão cedo. Na verdade... – me olhou especulativo. – Não acredito que um dia chegue ao fim. – outro olhar inseguro. - O que você espera? Digo... Robert não pode ser o que você quer, e, existem tantos outros caras doidos para ser o que você precisa, por que logo ele? Não passa pela sua cabeça que essa situação pode nunca acabar? – meus olhos se sobressaltaram e mais uma vez o bip me denunciou. – Fique calma, pelo amor de Deus!

- Já. Eu penso nisso todos os dias – revelei sem me importar com a forma como o meu corpo reagia a aquela conversa.

Fechei os olhos e me deixei levar. Paul não estava me cobrando nada, no entanto eu era a amante do marido da irmã dele e, mesmo não tendo que falar sobre o assunto, me sentia na obrigação de fazê-lo.

- Você pode não acreditar, mas a verdade é que jamais me imaginei vivendo uma situação como esta. Se me perguntasse isso há três meses eu diria, com todo orgulho, que algo assim nunca aconteceria. E nunca teria acontecido se Robert não tivesse aparecido em minha vida e forçado sua entrada a todo custo. Não posso culpá-lo. Eu o desejei desde o primeiro instante em que o vi. Foi mais forte do que meus princípios. Continua sendo. Eu quero dizer não, que não posso mais, que não suporto tantos segredos e tantos medos, entretanto, basta ele me olhar, para que toda a minha confusão desapareça. Estou presa nisso e não consigo encontrar uma forma de sair.

- E eu não quero que saia – a voz de Robert preencheu todo o ambiente assim como a sua presença.

Meu chefe conseguia se impor até mesmo quando não era o que queria. Abri os olhos e o avistei parado à porta. Só então percebi que minhas lágrimas continuavam caindo. Ele me olhava com atenção parecendo abalado com o que eu tinha

dito. Mas a partir de qual ponto escutou? Desde quando estava ali?

- Robert – Paul ficou rígido com os braços cruzados na altura do peito. Típica posição militar. Era tão a cara dele.

- Paul – cumprimentou o amigo sem quebrar o nosso olhar. – Mel. Como está se sentindo? – foi carinhoso sem se importar com a presença de Paul.

- Bem – disse timidamente. – Estou bem.

- Ótimo! Encontrei seu médico no corredor – aproximou-se. – Parece que você vai receber alta. Ele já pediu para a enfermeira retirar o soro – só então notei a agulha presa a minha mão. Droga! Odeio agulhas. – Vou levá-la de volta para o hotel – tocou levemente em meus dedos. – Desculpe-me! – murmurou.

Meu coração acelerou e minha boca ficou seca. Robert nunca tinha demonstrado tanta fragilidade. Ou sua expressão era apenas o reflexo de um dia difícil? Ele estava cansado, eu sabia, e parte daquele cansaço era atribuída a mim. Senti

as batidas fortes em meu peito. Olhei para Paul, ainda um pouco insegura.

- Acho que vou esperá-los na recepção – Paul disse já saindo do quarto. Robert olhou-o e sorriu maliciosamente.

- Pelo que? – perguntei tão logo Paul saiu.

- Por não ter ficado com você. Não quis chamar a atenção de Adam e Frank e também não tinha como não comparecer da reunião de hoje. Mas eu liguei várias vezes – seus olhos me avaliavam o tempo todo.

- Tudo bem – fui fria.

Eu entendia que ele não poderia ficar, mas não entendia muitas coisas e ele se recusava a me explicar. Tudo estava ainda mais confuso. Paul sabia e concordava. Robert estava punindo Tanya e eu não fazia ideia de qual era o meu papel naquela história. Aliás, podia jurar que eu era a punição. Oh, merda!

- Vou levá-la para o hotel e cuidar de você o restante do dia – seu olhar era quente e eu fiz um esforço enorme para me desvencilhar dele.

- Tudo bem.

Saímos do hospital com o sol ainda presente. Robert não me tocou, mas esteve ao meu lado o tempo todo, como se eu pudesse cair a qualquer momento e ele precisasse estar por perto para me salvar. O que ele não sabia era que eu precisava ser salva de uma outra forma. Exatamente a que ele se negava a fazer.

Cheguei ao meu quarto e Adam já me aguardava, quase revirei os olhos, porém meu lado educado prevaleceu.

- Mel! Nossa! Você parece bem melhor – sorriu ainda um pouco apreensivo.

- Obrigada, Adam.

- Posso fazer alguma coisa por você?

- Pode – Robert se intrometeu. Revirei os olhos, foi mais forte do que eu. – Deixá-la descansar. A Srta. Simon passou por um momento complicado, precisa repousar. Vamos deixá-la entrar e fazer isso.

- Mas ela não pode ficar sozinha – Adam disse rapidamente já se posicionando para nos acompanhar. – E se ela cair novamente e não tiver ninguém para ajudá-la?

- Não vai acontecer – me precipitei a responder com medo de um conflito maior. – Estou ótima e, como o Sr. Carter falou, só preciso repousar um pouco. Pode ficar despreocupado – sorri educadamente.

Caminhei em direção a porta e entrei, ciente de que em breve Robert estaria ali. Fui para o quarto e me tranquei no banheiro. Queria um tempo sozinha para pensar. Eu não podia mais viver sob aquela pressão. O meu corpo já dava sinais de que não suportaria.

Liguei o chuveiro e praticamente me atirei nele. A água gelada foi muito bem vinda. Deixei que esta levasse todo o meu cansaço e me revigorasse. Precisava ser forte para enfrentá-lo e tirá-lo da minha vida. Mas como? Robert estava cravado em mim. Tinha dominado não apenas o meu corpo, mas a minha mente e até mesmo a minha alma.

Ele havia colocado o anel em meu dedo quando recebi de volta as minhas coisas antes de sair do hospital, mas, para mim, aquilo nada significava. Paul dissera que o jogo estava longe de

acabar. Eu necessitava saber mais. Não poderia mais deixar que ele continuasse me usando como punição e vingança para a sua história sórdida com a esposa.

Encostei minha testa no azulejo frio. Doía em mim a mínima ideia de ter que abandoná-lo. Quando foi que me permiti chegar tão fundo? Por que não evitei que Robert me dominasse? Deus, por que fui me apaixonar pela única pessoa por quem não poderia?

Quando minha pele estava completamente fresca, e meus pensamentos já tinham me castigado suficientemente, resolvi sair do banheiro. Como previsto, Robert já estava em meu quarto. Na minha cama. Esperando por mim. Céus! Ele era mesmo lindo demais para ser ignorado. Balancei a cabeça expulsando os pensamentos impróprios.

- Mel – me lançou olhar enigmático. Aquele que me aquecia de dentro para fora.

- Robert – tentei me manter impassível, mas minhas pernas já estavam bambas.

- Vai ficar aí parada? – ele arqueou uma sobrancelha e inclinou um pouco a cabeça para o lado de maneira divertida. – Não vai se deitar? Pelo que entendi o médico mandou que descansasse – seu sorriso deixava claro o que realmente queria dizer. Precisava conseguir mantê-lo longe.

- Na verdade, acho que vou pedir algo para comer. Estou com fome.

Saí do quarto sem esperar sua reação. Eu estava realmente fugindo. Cheguei à sala e peguei o telefone. Robert estava logo atrás. Ele tomou o aparelho da minha mão.

- Já providenciei – colocou o telefone na base.

Olhei para a sala de jantar e realmente havia comida sobre a mesa. Eu demorei tanto tempo assim? Voltei a olhá-lo e então percebi que Robert também tinha tomado banho. Ele vestia uma calça jeans, camisa básica, branca, os cabelos molhados estavam desarrumados e ele estava descalço. Tão a vontade. Tão lindo! Oh droga!

- Vai me dizer o que está acontecendo?
- olhei para minhas mãos sem coragem para encará-lo.

- Estou com fome – fui para a sala de jantar.

Robert pedira uma sopa e a aparência estava maravilhosa. Servi um pouco e me sentei evitando seus olhos. Ele aguardou enquanto eu me alimentava sem tocar na comida. Ficou calado, eu também e o silêncio entre nós dois era constrangedor.

Quando cansei de fingir, coloquei a colher ao lado do prato e encarei o guardanapo em meu colo. Robert suspirou pesadamente e depois colocou os cotovelos sobre a mesa sustentando o queixo com as mãos.

- Mel, o que está acontecendo? Pela primeira vez desde que chegamos a Dubai, conseguimos tempo para nós dois, com a certeza de que ninguém vai nos atrapalhar, e você foge de mim? – tá legal! Era o momento.

- Eu tive um colapso nervoso – ele concordou com a cabeça e continuou me observando. –

Robert, não posso mais continuar – soltei de vez. Era o melhor a fazer. – Não sei o que está havendo entre você e Tanya. Não sei quais são os seus motivos, mas sei que ignorar, não está me fazendo bem. Meu corpo está começando a cobrar a pressão que venho sofrendo e não tenho mais condições de continuar no olho deste furacão – Robert me ouvia atentamente. Toda a minha coragem foi se esvaindo e logo eu estava murmurando. – Enfim, é o que tenho a dizer.

- É isso? Você está desistindo? – perguntou calmamente. Sua frieza me espantou. – Do que você precisa? – ele parecia muito cansado. Eu não sabia o que responder. – Diga-me? Do que você precisa, Melissa?

- Preciso que resolva a sua situação com Tanya. Ponha um ponto final na sua história ou então vamos por um ponto final na nossa.

Minhas palavras saíram fracas. Robert levantou da mesa, visivelmente nervoso e caminhou em direção à outra sala. Não tive coragem de segui-lo. Permaneci sentada, olhando o meu prato de sopa. Ele voltou levando com ele um copo de

uísque. Estava bastante alterado, mas lutava, visivelmente, para conseguir se manter calmo.

- Melissa, nós já conversamos sobre este assunto várias vezes. Não acho que seja o momento apropriado para iniciarmos uma conversa como essa. Como você mesma falou, teve um colapso nervoso, não quero me sentir culpado por mais um – respirou fundo. – Eu já expliquei que existe muita sujeira nesta história e que não quero envolvê-la.

- Mas quis envolver Paul? – Robert enterrou o rosto nas mãos.

- Eu fui forçado a envolver Paul. Não quero mais ninguém sabendo das coisas que eu sei e, que agora, ele também sabe. Jurei que levaria comigo para o túmulo, mas não tive escolha, ou eu contaria a Paul, ou...

- Você perderia seu acordo com Tanya. Não é? – Robert me olhou assustado. – Não era o que ia dizer? Eu cansei – levantei furiosa.

Fui em direção à outra sala, mas Robert me segurou antes que conseguisse passar por ele me mantendo em seu colo enquanto me debatia.

Senti tanta raiva. Ele não passava de um grande mentiroso e eu era apenas um instrumento que utilizava para castigar Tanya

- Calma, Mel! Você não pode se irritar – falou alto o suficiente para me assustar.

- Eu não quero mais, Robert – deixei as palavras escapulirem com raiva, permitindo que minhas lágrimas caíssem.

- Eu teria que abrir mão de você. Era isso o que iria dizer.

Putá merda! Parei de me debater, ofegante em seus braços. Robert estava assustado, porém não tanto quanto eu.

- Pare com esta bobagem, Mel. Eu sou louco por você.

Uma de suas mãos estava em minha nuca, segurando minha cabeça, a outra segurava meu braço que antes o empurrava para longe e que ficou paralisado após a revelação. Sua boca estava muito próxima da minha.

- Sou louco por você, Mel. Estou maluco de saudades – sua mão abandonou meu braço e subiu me acariciando com intensidade. A mão

que estava em minha nuca me puxou para mais perto. Eu já estava completamente envolvida e não podia ficar. Tinha que mantê-lo afastado.

- Não, Robert – nada fiz para me desven-
cilhar. Meu corpo não me obedecia. Droga!

- Por que? – ele roçou a ponta do nariz em meu pescoço. Merda! Não podia deixá-lo me dis-
trair. Não enquanto eu estava tentando terminar
tudo entre a gente. – Eu quero você, amor.

Senti que meus músculos se transform-
aram em gelatina. Oh merda! Ele não podia
deixá-lo me dominar. Seus lábios se apertaram
em minha pele e a língua tocou levemente meu
pescoço. Gemi. Durante aqueles dias todos im-
plorei por momentos como o que estávamos
vivendo. Como impedir de acontecer?

- Robert...

- Mel...

Ele gemeu meu nome e quase desisti de
lutar, entretanto, era muito mais do que import-
ante deixar claro o que eu sentia e quais eram
as minhas necessidades naquele relacionamento
conturbado. Não podia mais ficar sem saber da

verdade, nem me sentir da forma como me sentia, tão insegura e desconfiada.

Robert levantou da cadeira e me carregou em seu colo. Fiquei confusa.

- O que está fazendo? – minha cabeça girava e eu buscava desesperadamente por algo que me ajudasse a pará-lo.

- Estou levando você para a minha cama – ele já alcançava a porta que separava nossos quartos. – É maior do que a sua.

Continuou naturalmente, como se não tivesse existido nenhum conflito entre nós dois. Uma grande parte do meu cérebro raciocinava sobre esta informação, me mostrando, em gráficos gigantescos, tudo o que poderíamos fazer numa cama daquele tamanho. No entanto ainda existia uma parcela mínima de minha mente que trabalhava loucamente para me manter firme em meu propósito. Robert não poderia me convencer a ficar com ele apenas porque o sexo entre nós era algo mais do que prazeroso. Era simplesmente o melhor. Magnífico. Eu precisava me impor.

“Mas ele disse que quer casar com você” uma parte da minha mente gritava para que eu me libertasse e deixasse que, finalmente, o prazer me dominasse.

“Dizer que é louco por você não é o mesmo que dizer que vai deixar a esposa”, a outra parte tentava me manter centrada. Eu me sentia entre o anjo e o demônio, confusa com a batalha dos dois para me ajudar a decidir. Precisava respirar. Precisava de espaço.

Robert me deitou na cama e rapidamente abriu meu roupão deixando-me apenas de calcinha. Vi quando seus olhos famintos e quentes me avaliaram e, mais uma vez, a guerra entre meu anjo e meu demônio se acirrou. “Você também quer, Mel. Quantas vezes nos últimos dias você implorou por um orgasmo? Deixe acontecer. É ele quem você quer.”

Fechei meus olhos sentindo seus lábios mais uma vez em minha pele, entre meus seios. “Não o deixe dominá-la desta forma. Robert nunca vai valorizá-la. Todas às vezes ele vence, Mel. É isso o que quer? Ser apenas uma boneca

nas mãos dele para que faça o que bem entender?” Meu coração disparou.

Não. Eu não queria. Eu queria muito mais e Robert nunca me daria.

- Não – minha voz saiu forte o suficiente para detê-lo.

Robert me olhou admirado com minha reação, respirou fundo e saiu de cima de mim, porém continuou olhando em meus olhos. Ele parecia confuso e acima de tudo irritado.

- Você não quer? – continuou sério e, por uma fração mínima de segundo, me vi tentada a voltar atrás. Era lógico que eu queria. Loucamente. E queria loucamente não querer.

- Não – no mesmo instante me arrependi. Mas Robert já tinha reagido a minhas palavras.

- Tudo bem, Melissa – levantou da cama demonstrando impaciência com a situação. Estava frio e muito próximo do que era antes, quando éramos apenas Srta. Simon e Sr. Carter. – Já conversamos sobre esse assunto e, sinceramente, estou cansado de tentar convencê-la. Fiz tudo o que foi necessário e prometi até o que não

podia. Não vou mais lutar contra você nem contra a sua vontade. Não precisamos de outro ataque de nervos – caminhou até o seu *closet* e voltou de lá com uma camisa na mão. – Tome – me entregou. – Descanse um pouco. Eu preciso analisar os contratos. Com toda esta confusão não consegui me concentrar direito nas reuniões e precisei confiar nas decisões do Adam e do Frank. - Robert caminhou até a porta do quarto e sem me olhar disse: - Estarei na sala ao lado. Qualquer coisa é só me chamar – e saiu.

Não sei descrever exatamente o que senti ao ouvir suas palavras. Eu estava triste, muito triste, afinal de contas, Robert estava deixando claro que havia se cansado de mim e de minhas lutas internas contra o que vivíamos. Mas a tristeza não conseguia superar os outros sentimentos que me acometiam no momento.

Não deveria, mas tinha ficado mortalmente ferida com sua rápida aceitação à minha recusa. No íntimo eu me acostumara a obedecê-lo e a ceder às suas vontades e isso sempre me incomodou. Quando finalmente ele aceita a minha de-

cisão a revolta pela sua estava me maltratando. Também havia uma imensa raiva por ele me ter feito passar por tantas coisas e depois assumir aquela postura conformada.

Não. Não seria tão fácil assim, Sr. Carter. Não sem antes ouvir tudo o que tenho a dizer. Vesti a camisa que ele havia deixado. Era grande e escondia a minha nudez. Levantei da cama com todas as palavras me sufocando, louca para dizer-lhe algumas verdades, mas, no momento em que ia saindo do quarto, meus olhos avistaram algo e todo um plano se fez em minha cabeça.

Entrei em silêncio na sala em que Robert estava. Ele não notou a minha presença, ou fingiu não notar. Avaliei o que poderia fazer. Meu chefe mantinha os olhos baixos analisando os papeis. Estava totalmente no modo CEO, sentado numa cadeira perfeita para o seu cargo e mais do que perfeita para os meus planos. Antes de continuar avançando desabotoei alguns botões da camisa dele que eu usava, dando-lhe uma ampla visão da região entre meus seios até o meu umbigo.

Deixei ao lado a pequena caixa que Robert esquecera no canto do quarto na noite anterior depois de pegar o necessário para o meu plano. Voltei a caminhar em sua direção. Foi quando ele demonstrou perceber a minha presença. Olhou-me sem reação, porém pude ver em seus olhos que o desejo continuava presente. Ótimo!

- Robert...

Pronunciei seu nome com inocência. Eu queria demonstrar arrependimento. Meu amante deu um pequeno sorriso e seus olhos revelavam o que sentia. Ele gozava sua vitória sobre mim. Aquela foi a maneira que encontrou para me fazer ceder mais uma vez, só que se aproveitou dos meus sentimentos por ele, fazendo-me temer perdê-lo, para conseguir me manter ao seu lado. Tolinho! Tal constatação só alimentava a minha fúria.

- Mel – falou quase formalmente, apenas para responder ao meu chamado.

Como eu imaginara, meu chefe não se moveu. Sua atitude era realmente de alguém que tinha todas as cartas nas mãos. Lentamente andei

até ele. Mantive os olhos baixos com medo de entregar o que pretendia fazer. Mordia meu lábio inferior para que ele pensasse que estava insegura. Robert acompanhava meus passos.

Como, uma boa menina arrependida, sentei-me em seu colo e contemplei o brilho extra em seus olhos. Um sorriso leve e vitorioso se formou em seus lábios. Ele permaneceu na mesma posição, com os braços apoiados no descanso da cadeira. Cada braço em seu devido lugar, sem me tocar. Olhei-o e, sem quebrar nosso contato visual, me aproximei o máximo possível buscando seus lábios. Ele não recuou. E, foi neste exato momento, que agi.

Em cada mão eu levava uma algema, perfeitamente posicionada, no momento em que o vi cantar sua vitória, travei cada uma delas num dos pulsos dele, prendendo-o à cadeira. Meu amante se afastou me olhando assustado.

- Melissa, o que está fazendo? – ele ainda não havia entendido. Robert olhou para as mãos e forçou-as, mas continuou preso. – Pare com isso, Melissa, solte-me – falou visivelmente nervoso.

- Por quê? Sempre achei que você adorava este brinquedinho – sorri para ele sem medo e beijei o cantinho dos seus lábios.

- Melissa! – advertiu, mas eu logo notei que estava cedendo. – O que você quer? - fechou os olhos enquanto eu lhe dava um monte de beijos descendo pelo pescoço.

- Eu? – perguntei inocentemente. – O que eu posso querer?

Sentada a sua frente mantinha suas pernas no meio das minhas. Colei meu corpo ao dele descobrindo que estava extremamente excitado, rebolei em seu colo com movimentos circulares e deliciosamente lentos, fazendo com que seu membro roçasse o meio entre as minhas pernas. Robert gemeu baixinho sorrindo e saboreando a sua vitória.

- Comando. É isso o que você quer? – revelou sua voz já carregada de desejo.

- Shiiiiiii! – coloquei meus dedos em seus lábios. – Não me obrigue a amordaçá-lo – falei o mais séria possível. – Não preciso que me dê o controle da situação. Ele sempre foi meu –

seu risinho se desfez. – Agora, doce e inocente, Robert, é a minha vez de me divertir.

Ainda sentada em seu colo, deixei que meu corpo se apoiasse na mesa onde antes ele analisava os contratos. Com o movimento a camisa se abriu um pouco mais, dando a ele uma visão melhor. Seus olhos famintos encararam meus seios. Sorri provocando-o e, mais uma vez, rebolei fazendo com que ofegasse. Meus movimentos o estimulavam e Robert não tinha como impedir que aquilo acontecesse. Fiquei maravilhada com a minha nova posição em nosso relacionamento. Estava deixando de ser submissa para ser a dominadora. Era perfeito.

Ciente de que ele não conseguia deixar de me observar, abri a camisa e toquei meus seios, ele umedeceu os lábios e eu sorri inocentemente.

- Você quer? – provoquei.

- Claro – respondeu sem rodeios.

- Não é a resposta correta – deixei imediatamente de me tocar. Robert revirou os olhos, impaciente.

- Sim – respondeu com relutância.

- Sim?

- Sim, Melissa – falou obediente, mas ainda não era o que eu queria ouvir.

- Não, Robert. Você não está fazendo como eu quero – dei um tapinha de leve em seu rosto. Uma pequena advertência. Levantei do seu colo e ele começou a protestar.

- Mel, não – pediu e aquela atitude me deixou um pouco mais satisfeita. – Diga como você quer – sorri travessa.

- Sim, Srta. Simon – falei da maneira mais sensual possível, demonstrando como eu queria que respondesse e deixei que minha língua ume-decesse os lábios.

- Sim, Srta. Simon, por favor! – acrescentou deixando-me extasiada.

Nossa! Ter o controle era bom. Extremamente excitante. Fiquei tão eufórica que tinha vontade de levantar de dar pulinhos de alegria.

Era estranho, mas eu entendia a posição dele. Conseguia entender o quanto era extremamente prazeroso vê-lo daquela maneira. Sorri satisfeita e sentei à sua frente, na mesa, apoiando-me

nos braços e abrindo minhas pernas para que as dele ainda continuassem entre elas. Roci meu pé em sua panturrilha subi mais um pouco deixando que passasse pelas suas coxas e corresse por entre suas pernas. Robert, atento, respirava mais pesadamente. Passei meu pé por toda a sua extensão, massageando-o com um pouco de pressão. Ele gemeu.

- Então, Robert. Você está cansado da nossa conversa? – coloquei um pouco mais de pressão no pé ele gemeu mais alto. – Responda – ordenei ainda com doçura.

- Sim... – respondeu por entre os dentes. – Srta. Simon – acrescentou com rispidez.

Robert me olhou nos olhos com intensidade. Senti o seu desejo em minha pele. Droga! Eu também o desejava. Abri mais um botão da camisa, deixando-a presa apenas por um e, novamente, corri minhas mãos por meu corpo tocando meus seios e estimulando os bicos com as pontas dos dedos.

- Então acho que não deveríamos conversar – tirei meu pé e Robert ficou surpreso. Ele não queria que eu deixasse de tocá-lo.

- Ah, Mel! Acabe logo com isso – lutava para não se render, no entanto, eu não deixaria de provocá-lo até conseguir sua rendição.

- Você quer mesmo ter esta conversa? – mais uma vez o estimulei com meu pé, passando-o por toda a sua extensão. Ele mordeu os lábios puxando o ar com força.

- Você está se revelando uma perfeita torturadora – respondeu ainda de olhos fechados.

- Você me algemou duas vezes, me forçando a fazer coisas que até então eu não queria. Sofri perseguição, assédio moral e sexual até que atingisse seus objetivos. Acha mesmo que estou sendo malvada? – voltei a abandoná-lo.

- Melissa Simon, você adorou cada uma das coisas que fiz – Robert abriu os olhos me repreendendo. Pude sentir com precisão, o pontinho, no centro das minhas pernas, se contorcer. Oh droga! Ele ainda tinha muito poder sobre mim.

- Estou retribuindo, Sr. Carter – desabotoei o último botão e tirei a camisa deixando-a cair no chão.

- Você é mesmo uma safada, Srta. Simon – seus olhos brilharam e percorreram meu corpo revelando um desejo animal.

- Você nem consegue imaginar o quanto, Sr. Carter.

Andei pela sala em busca da pequena caixa que eu encontrara em seu quarto. Robert me observava atento, mas de onde estava, não conseguia ver o que eu aprontava. Peguei-a e voltei para a frente dele com ela nas mãos.

- O senhor realmente me surpreendeu com o conteúdo desta caixinha – pisquei para ele.

- Se soltar minhas mãos, poderei mostrar o quanto ainda posso surpreendê-la.

- Acha mesmo que conseguirá me desviar dos meus objetivos? – Robert ficou calado me olhando, depois pareceu optar por não dizer nada. – Vamos ver o que temos aqui. Olha só... – retirei da caixa uma cápsula comprida e roxa, parecia

um vibrador, mas não era. – O que será isso, Robert?

Estreitei os olhos como se o estivesse acusando. Ele umedeceu os lábios e não respondeu.

- Não vai responder? – balançou a cabeça negando e um pequeno sorriso se formou em seus lábios. Ele queria estragar a minha brincadeira. – Ok. Eu também tenho alguns brinquedinhos, e sei exatamente como utilizá-los – saí da sua frente e corri para fora da sala. Ainda o ouvi gritar:

- Melissa? Aonde vai? Solte minhas mãos, Droga! – tive que rir.

Robert estava com medo que eu o deixasse preso à cadeira como ele fez na noite anterior. Desisti de correr e caminhei em passos lentos até o meu quarto. Peguei minha mala colocando-a sobre a cama. Abri, sem nenhuma pressa procurando pelo que precisava. Voltei para onde meu amante estava. Devo ter ficado fora por dez minutos no máximo. Encontrei-o se debatendo na cadeira tentando soltar as mãos.

Era engraçado.

- Pode se acalmar. Eu só demorei dez minutos e você neste desespero todo? Por que não esperou por mim? – devolvi a ele suas próprias palavras. Robert me olhou com raiva. – Continua sem querer colaborar? – desviou seu olhar. – Olhe para mim, Robert.

- Não – limitou-se a dizer.

Retirei de minhas costas o que tinha ido buscar. Numa das mãos eu levava uma caixa menor do que a dele e na outra um singelo acessório, que eu colocara na mala de ultima hora sem saber se, algum dia na minha vida, teria coragem para usá-lo.

Era um chicote, negro, fino e comprido. Na ponta havia apenas três tiras de couro com três pequenos nós. A vendedora me garantiu que aquilo não machucava, apenas aticava a mente das pessoas. Resolvi que estávamos no momento certo para testá-lo.

Robert ainda olhava para o lado e não viu quando revelei o chicote em minhas mãos. Rapidamente o ataquei com uma pequena pancada no braço.

- Ai! Você enlouqueceu? – ele gritou procurando pelo que o havia atingido. Eu não consegui segurar o riso. Peguei o chicote e apontei para sua garganta.

- Maneeire suas palavras, Robert, eu ainda posso usar isso aqui em você – ele me olhou temeroso. – Agora, como sou boazinha, vou lhe dar mais uma chance. Para que serve isto, Robert? – meu chefe respirou profundamente.

- É uma cápsula vibratória – olhei-o ameaçadoramente. – Srta. Simon. – completou por entre os dentes.

- Muito bem, garoto! – elogiei demonstrando entusiasmo. – E como ela pode ser usada? – riu baixinho.

- Funciona como um mini vibrador. Ela acende quando o dispositivo começa a vibrar e possui diferentes intensidades.

- E você pretendia usar isso em mim? – revirou os olhos.

Eu já estava incrivelmente excitada. Robert tinha uma mente muito fértil e, só de imaginar como teria sido a nossa noite se Paul não

tivesse nos interrompido, eu começava a arder por dentro.

- Claro! Em quem mais eu iria usar? – dei mais uma chicotada nele, atingindo seu ombro. Robert protestou mais depois deu risada. - Sim, Srta. Simon – rindo, voltou a entrar em meu ritmo.

De repente não me reconhecia mais. Queria muito que continuássemos jogando. Queria enlouquecê-lo. Robert me olhava desafiadoramente. Ele era um ótimo jogador. Puta merda! Como eu conseguiria virar o jogo?

Sorri sarcasticamente entendendo o que faria para acabar com seu ar superior.

- Como? Assim?

De frente para ele, abri minhas pernas deixando-o no meio delas e afastei a calcinha para o lado introduzindo o aparelho em mim. Ainda vi seus olhos arregalarem e sua boca se abrir. Mas logo depois... Oh céus! Aquilo era realmente bom. Gemi alto para que Robert entendesse o quanto estava gostando e simulei o

movimento de vai e vem, introduzindo e tirando o aparelho.

- Puta que pariu, Mel! Solte minhas mãos. Porra! Você vai acabar comigo desse jeito – ele estava visivelmente excitado. Mesmo ainda totalmente vestido eu podia ver a sua ereção marcando a calça jeans.

- Quer que eu pare?

- Não. Quero eu mesmo fazer isso em você – quase gritou e eu ri de seu desespero.

- Em outro momento... Quem sabe, Sr. Carter – ele fechou os olhos e mordeu os lábios.
– Agora tenho outros planos.

- Arg! – Robert gemeu jogando a cabeça para trás. Parei o que estava fazendo e mexi novamente dentro da caixinha dele. Achei outra coisa que chamou a minha atenção. Uma pena.

- Para que serve?

- Para brincar com a sua sensibilidade. Como eu brinquei com o gelo e o chá quente – então era chá quente? A lembrança daquela parte da nossa noite me deixou ainda mais excitada.

- Podemos deixar isso para depois.

Retirei de lá um aglomerado de tiras negras com um pequeno motor em formato de borboleta no meio. Quase dei risada. O que seria aquilo? Levantei a mão indicando o que havia encontrado e ele esboçou um sorriso presunçoso. “Ah, Robert! Eu acabarei com toda a sua presunção”.

- Não vou contar para que serve. A não ser que solte minhas mãos e me deixe demonstrar – imediatamente peguei o chicote e o atingi no outro braço.

- Ai! Puta que pariu! Mel, isso dói – falou alto demais. Dei outra chicotada, porém em sua perna. – Droga, Mel! – falou alto outra vez. Levantei o braço para bater mais uma vez e ele me interrompeu. – Ok, eu falo – Robert me encarou incrédulo. - É um estimulador clitoriano Butterfly – meu sorriso de vitória foi gigantesco. – É como uma calcinha, só que com a abertura para a entrada do pênis. O vibrador fica sobre... Você sabe. Assim a mulher pode ser estimulada e ao mesmo tempo penetrada. Isso faz com que ela

consiga ter vários orgasmos na mesma relação – estreitei os olhos eu sorri maliciosa.

- Acho que vou experimentá-lo agora – passei a língua nos lábios, atenta a todas as suas reações.

- Ah não, Mel! – gemeu. – Não sem que eu possa participar. Por favor!

- Quietinho ou vou vendá-lo, aí você não poderá nem ver o que está acontecendo – desviou seus olhos de mim. – Olhe para mim, Robert. Vai perder toda a ação.

- Não vou olhar. Se não posso participar não vou continuar jogando. É injusto – meu amante parecia uma criança brigando pelo seu direito de participar do jogo. – E também não vou contribuir para esta loucura.

- Ah, você vai. Preciso de você bem alerta para contribuir com a minha brincadeira.

- Como assim? – Robert finalmente voltou a me olhar. Mordi meu lábio inferior desviando os olhos para o meio de suas pernas. – Ah! Isso? – ele riu. – Não vai ser assim tão fácil, Melissa. Vou

fechar os olhos e imaginar a minha avó de calcinha. Quero só ver o que vai conseguir de mim.

- Você não tem como me negar – sorri diabolicamente e me aproximei inclinando-me em sua direção.

Robert respirou fundo e manteve os olhos fixos em mim, atento ao que eu iria fazer. Corri minhas mãos por seu peito e ele fechou os olhos com força. Passei meus dedos no cinto da sua calça e o abri.

- Não faça isso. Não é justo – advertiu-me.

- Quer saber, Robert? Eu trouxe uma coisinha que gostaria muito de usar com você. Comprei para nós dois e a vendedora falou que era muito bom. Quero testar, e quero agora. Levante seus quadris – ordenei.

- Não. Não vou contribuir para isso.

- Deixe de ser estraga prazeres. Ainda posso açoitá-lo até conseguir tirar esta calça, ou posso rasgá-la completamente, mas isso sim poderia machucá-lo. Não quero danificar em meu parque de diversões – ele riu. – Levante logo essa bunda gostosa – usei o meu melhor modo “ga-

rota sem limites” e ele obedeceu deixando escapar uma risadinha.

Retirei suas calças levando junto a cueca e deixei junto aos seus pés descalços, sem retirar completamente. A ereção dele chamou a minha atenção. Céus! Ele estava imenso e completamente desejável. Levantei, ficando de costas para ele, peguei o pequeno vidro com o líquido e o esfreguei nas mãos. Esquentava.

Segurei seu membro e Robert gemeu alto. Imediatamente comecei a massageá-lo com minhas mãos embebidas naquele líquido que as esquentavam completamente. Eu o estimulava revezando entre movimentos lentos e rápidos.

- Esquenta? – eu estava deliciada com sua reação.

- Ah, sim! – gemeu com mais intensidade.

- Você gosta?

- Sim.

- Sim o que? – provoquei de forma mais ríspida.

- Sim, Srta. Simon.

- Ótimo garoto! O melhor disso tudo, Robert... – chamei a atenção dele enquanto o estimulava. – É que este óleo é comestível – sem aviso deslizei meus lábios, colocando-o dentro de minha boca.

Robert deu um gemido gutural. Continuei a usar as mãos ao mesmo tempo em que subia e descia minha boca pela sua extensão. O óleo tinha um sabor gostoso de licor de menta e este detalhe me incitava a devorá-lo. Minha língua completava o movimento trabalhando junto com meus lábios enquanto o impulsionava cada vez mais para dentro.

Meu amante gemia, sem pudor, com a cabeça jogada para trás. Ele era enorme e, mesmo assim, conseguia engoli-lo quase que completamente sentindo-o atingir minha garganta. Eu o queria. Quando intensificou os gemidos e levantou os quadris para investir ainda mais, o abandonei. Ele protestou.

- Não sem mim, Robert.

Levantei e retirei minha calcinha ficando de costas para ele dando-lhe uma visão ampla e

privilegiada da minha bunda. Meu amante ainda ofegava e seus olhos pareciam querer me devorar. E eu queria ser devorada.

Muito!

Rapidamente vesti o tal estimulador clitoriano *Butterfly*. Respirei fundo ciente de que aquilo não seria igual a nada que eu já tivesse experimentado. Com certeza, rapidamente atingiria o meu primeiro orgasmo. Olhei para Robert esboçando um sorriso sacana. Seus olhos se abriram, um pouco de espanto era uma boa reação.

Posicionei-me em seu colo, mantendo-o no meio das minhas pernas. Voltei a sorrir. Sua língua umedeceu os lábios e olhos continuavam ansiosos. Roci a minha entrada na ponta do seu membro. Robert tentou me alcançar com a boca, mas me afastei impedindo-o de fazê-lo.

- Peça – ordenei.

- Mel, pare com isso. Eu já estou totalmente submisso – a arrogância anterior tinha desaparecido.

- Quero que implore, Robert. Ou então termino com tudo agora mesmo sem precisar de sua

ajuda – ele viu em meus olhos que não estava brincando. Eu sabia que podia fazer aquilo. Era só ligar o dispositivo para que a pequena borboleta começasse a vibrar e me fizesse alcançar o prazer. No entanto eu o queria. Nada como um orgasmo com Robert.

- Por favor! – pediu timidamente. Levei a mão até a pequena borboleta acionando-a. Deus! Aquilo era maravilhoso. – Não sem mim, Mel. Por favor! – implorou.

Senti como se algo tivesse se apossado de mim. Sentei em seu colo enterrando-o completamente em meu sexo. Robert gemeu alto mais uma vez. Levantei e deixei que seus lábios tocassem meus seios. Ele os recebeu como um bálsamo, me sugando e lambendo avidamente. Foi a minha vez de gemer alto.

- Peça – falei ciente de que não suportaria por mais tempo.

- Pelo amor de Deus, Mel. Deixe que eu entre em você – meu corpo agiu por vontade própria. Sentei mais uma vez em seu colo sentindo-o se apossar de cada centímetro, roçando em min-

has paredes e me deixando alucinada de prazer. Meus movimentos seguintes não foram calculados. Eu agia por instinto.

Afundi em seu membro sentindo-o totalmente e iniciei vários movimentos simultâneos. Eu subia e descia, ao mesmo tempo em que forçava meu corpo para frente e para trás. Misturado a isso eu rebojava deixando Robert totalmente descontrolado.

Rapidamente fui dominada pelo meu primeiro orgasmo. Depois de vários dias implorando por aquela sensação única, estava entregue ao melhor de todos os prazeres. Com uma parcela mínima de culpa eu o tirei de dentro de mim, impedindo-o de me acompanhar, contudo, totalmente satisfeita com meu lado sombrio. Robert merecia um pouco do seu próprio veneno e uma pequena vingança não faria mal a ninguém.

- Não, Mel! – protestou enquanto eu ainda gemia de prazer. Era o estimulador clitoriano cumprindo sua função.

Eu queria ainda mais e assim que consegui recobrar um pouco a consciência, deixei que

Robert entrasse novamente em mim e reiniciei meus movimentos, guiada pelos seus gemidos. “Tudo bem! Não sou tão malvada assim”. Aquele tipo de castigo era forte demais para um homem como o meu chefe.

Em pouco tempo já estava totalmente desperta e pronta para atingir meu segundo orgasmo. Robert explodiu uma fração mínima de segundo antes de mim, e eu logo o acompanhei.

Foi grandioso. Exatamente como eu queria que fosse. Eu não estava mais em Dubai, nem na terra. Fui arremessada para fora do planeta e, apenas saboreava a sensação de prazer e saciedade. Aos poucos fui retornando ao normal, voltando a ouvir a respiração irregular do meu amante, ainda totalmente submisso.

O aparelho continuava vibrando. Desliguei-o rapidamente antes que me fizesse contorcer em mais um orgasmo. Robert estava com o rosto em meu pescoço onde iniciou uma pequena série de beijos. Levantei e sai do seu colo.

- Mel, o que vai fazer? – ficou confuso quando me viu recolher a calcinha e a camisa que eu vestia antes. – Vem cá. Solte minhas mãos – sorri para ele deliciada com o sabor da vitória.

- Ah não! Você não quer mais ter esta conversa, Robert – saí da sala deixando-o para trás. Nenhuma palavra foi dita.

CAPÍTULO 35

Robert não disse nada. Eu pensei que ele gritaria, ou me ameaçaria, mas durante o pequeno percurso até o meu quarto não ouvi uma só palavra. Entrei no banheiro e aos poucos minha consciência me alertava da loucura de minutos antes. Como consegui ser tão forte? Sentia vergonha e constrangimento por ter feito coisas que nunca imaginei ser capaz de fazer, como bater em alguém ou introduzir algo em mim, esta parte me fez corar em todos os níveis.

Por outro lado nunca me senti tão forte e poderosa como tinha me sentido e essa sensação persistia. Será que me sentiria assim por muito tempo ainda?

“Não sei o que o meu futuro com Robert me reserva, mas acredito que de agora em diante ele pensará duas vezes antes de agir da forma como tem agido comigo”, pensei tentando manter a coragem, contudo uma dúvida imensa me corroía: era mesmo aquele tipo de vida que eu queria para

mim? Oh droga! Seria melhor se eu não me sentisse péssima. Aliás, seria muito melhor se ele se sentisse péssimo por me fazer passar por tantas coisas.

Liguei o chuveiro e deixei que a água gelada me ajudasse a ordenar meus pensamentos. Eu precisava mesmo de um banho e acredito que Robert também. Droga! Ele ainda estava preso à cadeira e eu precisava soltá-lo, mesmo sabendo que merecia continuar lá, já que eu tinha passado por algo parecido. Bem que deveria deixá-lo tentar se livrar sozinho das algemas. Conflito era pouco para o que acontecia dentro de mim.

Minhas pernas tremeram e tive que me apoiar na parede para não cair. “Como ele reagirá? Com certeza vai me matar”. Principalmente por causa das açoitadas que dei nele. Tive que rir. Foi muito divertido. Talvez eu devesse guardar o chicote para uma próxima vez. Ri com mais vontade.

Relaxe por mais dez minutos. Na verdade, estava adiando ao máximo o momento de encarar Robert, já que precisaria soltá-lo e, para falar a

verdade, eu nem sabia como fazer aquilo e me defender ao mesmo tempo. Talvez devesse levar o chicote. Tive que rir novamente.

Saí do banho, resolvida a acabar logo com aquela situação. Vesti um roupão, fui até a sala onde Robert estava e o encontrei do mesmo jeito que deixei. Era hilário. Ele estava nu, da cintura para baixo, e completamente vestido, da cintura para cima. Suas calças estavam ainda em seus pés descalços. Com as mãos presas, nada poderia fazer para mudar a imagem que eu tinha diante de mim.

Precisei me esforçar para não rir enquanto executava a árdua missão de soltá-lo. Robert me olhou no exato momento em que entrei na sala. Seu olhar era de raiva, mas ele preferiu ficar calado. Aproximei-me tentando não demonstrar o pânico que me dominava. Onde estava a minha coragem de outrora? Puta Merda!

- Seja um bom garoto, Robert – o alertei. O sorriso em meu rosto era apenas uma forma de disfarçar o medo.

Peguei as pequenas chaves que estavam dentro da caixa e parei à sua frente. Estava totalmente alerta. Segurei seu pulso direito e passei a chave na algaema livrando-o. Foi muito rápido. Robert soltou sua mão e sem que eu pudesse impedir, me segurou com força pelo pescoço, me agarrando pela nuca. A força inesperada fez com que meu corpo se curvasse em sua direção e eu caí sobre seu colo ficando totalmente vulnerável. Meu coração disparou.

- Você é completamente louca – acusou-me. – A louca mais gostosa e adorável que já conheci.

Seu olhar mudou de intensidade e ele me puxou para um beijo apaixonado. A surpresa misturada ao pânico não me deixou reagir contra e, sinceramente, eu não desejava fazer isso. Robert era minha grande verdade e eu o amava, com todos os defeitos e segredos. Definitivamente, estar em seus braços era o que eu queria.

- Solte minha mão – pediu humildemente. Uau! Quanta mudança. – Não posso mais ficar

um segundo sem tocar em cada pedacinho deste seu corpo maravilhoso.

Céus! Eu estava excitada. Muito excitada e ansiosa por mais um orgasmo, desta vez, como deveria ser. Com o corpo trêmulo entreguei-lhe a chave, ele soltou sua mão esquerda e, com a mesma urgência me levantou de seu colo jogando-me sobre a mesa. Vários papéis caíram pelo chão juntamente com outros objetos que compunham a decoração.

- Os contratos... – mas eu já estava perdida em desejo para me preocupar de verdade com qualquer outra coisa.

- Que se danem – ferozmente abriu minhas pernas e se posicionou no meio delas.

Sem perder muito tempo, puxou meu roupão, descendo-o pelos ombros, deixando meus seios livres para sua mão enquanto me penetrava, no mesmo instante, sem nenhum cuidado. Eu gemi alto sentindo-o outra vez em mim, de forma tão perfeita e natural que impossível imaginar a minha vida sem sua presença.

Robert estava acometido de uma urgência absurda, suas mãos, lábios, língua e sexo, trabalhavam em mim como uma orquestra em perfeita harmonia, intercalando cada momento com intensidades diferentes e ao mesmo tempo tão envolventes que me faziam dançar em seu ritmo.

Ele adentrava em mim com força. Cada estocada era mais forte e profunda do que a outra. Eu gritava e ele fazia coro. Os movimentos continuavam, profundos e urgentes, tocando cada vez mais o meu limite, lembrando-me a quem eu pertencia e qual era o meu papel na vida dele.

Eu me sentia completa, realizada e feliz. Meu amante gemia e eu o acompanhava enquanto nossos corpos bailavam freneticamente ao som inexistente, mas perfeitamente sentido por nossos corpos. O gozo veio como uma explosão de sentimentos, me fazendo gritar e cravar minhas unhas em seus ombros largos. Aquilo deixaria marcas. Mas quem se importava?

Só quando começamos a nos acalmar percebi que chorava. Robert acariciava meus cabelos me mantendo firme em seus braços.

- Machuquei você? – sua voz era suave e o rosto ainda estava enterrado em meus cabelos. Dei uma risada fraca.

- Não. Não desta forma que está pensando.

Ele suspirou e se afastou um pouco para olhar em meus olhos. Encaramo-nos por um tempo que não consegui mensurar e depois Robert se afastou para liberar seu corpo das roupas. Permaneci parada onde estava. Quando acabou, me carregou em seus braços e me levou para dentro quarto.

- O que está fazendo? – encostei o rosto em seu peito e aos poucos o sono foi se aproximando. Estava exausta.

- Preciso de um banho – passou os dedos em minhas costas, carinhosamente. – Quer me acompanhar? – ele estava me perguntando se eu queria? Acho que as poucas açoitadas mexeram com meu amante. Esforcei-me para não rir.

- Apenas te acompanhar? Acho que sim – sorriu divertido e nada disse.

Robert me deixou em pé no banheiro foi encher a banheira e regular a temperatura. Per-

maneci parada observando a água subir. Meu chefe, amante, namorado... Não sabia ao certo, saiu, mas antes me deu um beijo leve nos lábios.

Pouco tempo depois voltou com dois vidrinhos nas mãos e os despejou na banheira. O cheiro que subiu era demasiadamente agradável. Quando tudo estava pronto se voltou para mim e me puxando pela mão entrou comigo, me colocando entre suas pernas e abraçando meu corpo com força.

- Pensei que você estaria com raiva.

- E estou – fiquei sem entender, mas antes que eu começasse a questioná-lo, continuou. – Não com você. Comigo – aproveitei minha posição e deixei que um enorme sorriso surgisse em meu rosto. – Acho que me desacostumei a viver um relacionamento. Fui desprogramado. Não fiquei atento as suas outras necessidades. Espero que desculpe minha falha – beijou o topo da minha cabeça. Mordi os lábios para não rir.

- Então... Acredito que umas acoitadas sejam importantes para ajudá-lo a ficar atento – não

consegui segurar a risada e logo Robert me acompanhou.

- É. Eu não esperava por isso, e... Por outras coisas também – sua voz indicava mais do que ele queria dizer e muito mais do que qualquer coisa que eu tivesse feito. – Mas não vou me esquecer desta experiência, Srta. Simon e pode aguardar por uma revanche.

- Estarei atenta, Sr. Carter – envolveu-me forte em seus braços e beijou meu ombro, por um tempo. Parecia refletir sobre algo. Depois, soltando o ar de seus pulmões, começou a fazer carícias em meu braço com as pontas dos dedos.

- Eu amei muito Tanya, Mel – a revelação me pegou de surpresa. O ar ficou preso no meu peito. – Durante anos vivi com ela o que acreditava ser o relacionamento perfeito, até que fui forçado a entender que não existem relacionamentos perfeitos.

Não me atrevi a falar. Pela primeira vez, Robert parecia disposto a me contar algo sobre a sua vida e, mesmo que me doesse, como a revelação dos sentimentos dele por Tanya, ainda as-

sim, preferia saber o que ele tinha para dizer. Puxou o ar com força e afastou seu corpo do meu, encostando-se a banheira. Não olhei para trás, mas tive a certeza de que ele estava com a cabeça apoiada na borda e de olhos fechados. Permaneci quieta em minha posição. Tive medo de me movimentar e com isso fazer com que ele recuasse.

- Eu fui... – procurou pelas palavras corretas. – Eu fiz uma promessa um dia. Para uma pessoa que amo muito e por causa disso, tudo em minha vida mudou. Por causa desta promessa descobri coisas... – fez uma pequena pausa. Acredito que para escolher o que deveria me contar. - Estas coisas deveriam ser suficientes para mudar tudo, inclusive o meu relacionamento com Tanya, e seriam realmente suficientes se eu tivesse reagido de outra maneira.

Robert fez outra pausa, desta vez demorada, e achei que não continuaria. Fiz menção de me virar para encará-lo, mas seus braços reagiram a minha pequena movimentação e me seguraram impedindo-me de olhá-lo. Fiquei tensa.

- Eu tomei uma decisão. Pensei que era o mais correto a ser feito. Não sabia. Nunca poderia imaginar o quão horríveis seriam as consequências dessa decisão. Se eu soubesse... – voltou a silenciar. Desta vez eu aguardei que continuasse. – Eu sou culpado pela desgraça de muitas pessoas, Mel. Minhas mãos estão sujas e jamais conseguirei limpá-las.

Ficou em silêncio por tempo demais. Sua respiração estava pesada. Meu coração doía.

- Tanya é uma delas? – falei depois que entendi que ele não continuaria a falar.

- Sim – respirei fundo. Custava acreditar que Robert tivesse feito algum mal terrível a alguém.

- É por isso que você não define de uma vez essa separação?

- Sim e não – eu não entendia e não queria começar a questioná-lo. Robert tinha finalmente falado algo.

- Isso não é tudo, não é?

- Não. Isso é apenas uma justificativa.

- Não vai me contar o que aconteceu?

- Não. Não agora.

- Por que? – consegui virar o corpo para encará-lo. Ele não tentou me impedir.

- Porque convivo com meus demônios cada segundo da minha vida. Não sou capaz de ignorá-los e, como se não bastasse, eu os vejo através dos olhos de Tanya. Acusando-me. Não quero ver isso através dos seus olhos também. Pela primeira vez em três anos consigo sentir um pouco de paz, e isso só acontece quando estou com você. A única coisa que enxergo em seus olhos é a inocência do seu amor por mim. Apesar de não merecê-lo – corei.

Como ele sabia que eu o amava? Nunca conversamos a esse respeito.

- O que foi? – ele pegou em meu queixo fazendo-me fixar os olhos nos seus. – Acha mesmo que em algum instante conseguiu esconder de mim? – sorriu lindamente. – Já vivi tempo suficiente para reconhecer nos olhos de uma mulher os seus reais sentimentos, Mel. E é por isso que quero estar com você e não com Tanya, ou com qualquer outra mulher – meu coração dis-

parou. O prazer que senti ao ouvir aquelas palavras me deixou extasiada.

- Não se aproveite deste conhecimento, Sr. Carter – tentei distraí-lo, mas estava vermelha devido à timidez e não consegui evitar o pequeno sorriso em meus lábios.

- Eu nunca faria isso – afirmou sério.

- Não estarei fragilizada por causa deste sentimento – falei mais para mim do que para ele. Precisava ser forte. Mais do que nunca.

- Tenho certeza que não e Deus me livre de ir contra você. As mulheres apaixonadas são as piores. Algumas até açoitam – seu tom era sério e eu gargalhei. Robert riu, quebrando a tensão que havia entre nós, mas logo ela ressurgiu.

- Mel, isso é tudo que consigo dizer. Por favor, confie em mim. Sei que é difícil e a entendo profundamente. Tenho consciência de que precisa de mais do que algumas horas de sexo e acredito que eu também. Mas não posso prometer nada agora, não enquanto não conseguir enxergar um fim para esta história. Isso é tudo o que posso oferecer no momento. Por favor, aceite.

Tinha como não aceitar? Eu o amava e sentia que suas palavras eram verdadeiras, embora não tivesse dito que me amava. No entanto, não conseguia dizer a ele que aceitava, mas também não conseguia dizer que não. Um enorme conflito se formava dentro de mim, mesmo sabendo que não teria forças para afastá-lo. O que fazer?

- Por que não consegue decidir? - ele perguntou gentilmente acariciando meu rosto. Seus olhos ainda brilhavam, no entanto estavam tristes. Queria encontrar uma maneira de confortá-lo. – É tão difícil assim? – puxei o ar com força, como se apenas assim pudesse conseguir a determinação adequada para respondê-lo.

- Não acredito que eu tenha escolha – a tristeza pela constatação estava nítida em minha voz.

- Você tem, Mel. E eu prometo que vou respeitar o que decidir. Sei que sou um grande egoísta tentando prendê-la ao meu lado, forçando você a viver neste inferno comigo... – Robert passou as mãos pelos cabelos. Ele ficava lindo

quando fazia aquilo. Desconcentrava-me. – Eu não consigo fazer diferente. Quero você. Estou lutando contra tudo para continuarmos juntos. Porém não posso lutar contra sua vontade, não mais.

- Se eu disser que desisto você vai aceitar?

– seus olhos cresceram com a possibilidade.

- Sim.

- Não vai entrar em minha casa nem me perseguir por onde eu for me impondo a sua vontade?

- Não – disse certo de que era isso o que eu queria.

- Acho que minha vida vai perder a graça se isso acontecer – Robert soltou o ar preso nos pulmões e sorriu lindamente para mim.

- Com certeza. Sua vida era sem graça antes que eu começasse a te perseguir.

- Era sim – sorri para ele. – Obrigada, Robert! – ele me olhou curioso. – Por me salvar daquela vida chata e me colocar nesta totalmente imprevisível – revirei meus olhos e ele riu me puxando para um beijo.

Passamos o que restava da nossa noite juntos.

Jantamos, meu apetite voltou com força total, e dormimos bem pouco, mas juntos e abraçados. Fizemos amor vendo o dia nascer e nunca vou esquecer daquela imagem. O sol nascendo em sua fabulosa apresentação, iluminando todo o quarto e através da nossa parede de vidro enquanto nos entregávamos um ao outro sem limites ou pudor. Talvez estas situações se transformassem em um padrão. Robert tinha sido incrível, assim como foi na Grécia.

Mas como diz o ditado popular “tudo o que é bom dura pouco”. Logo estávamos de volta ao mundo real, com todas as nossas formalidades, enquanto íamos acompanhados pelos nossos colegas de trabalho para o aeroporto e finalmente de volta a Chicago. Estávamos de volta a nossa tumultuada vida, onde eu era apenas a sua amante.

CAPÍTULO 36

Parte da viagem passei dormindo, recuperando-me da minha noite de amor. Robert me cedeu a cama, como um bom e dedicado chefe, mas por causa disso passou a viagem inteira em uma das poltronas da primeira sala, conversando e discutindo alguns pontos com os outros rapazes.

Adam também me cercou de atenção, sempre muito preocupado com a minha “saúde frágil”. Coitado! Mal sabia ele que minha saúde ia muito bem, obrigada. Frank não fez muito fôlego. Apenas se informou sobre como eu estava e conversou sobre trabalho. Paul estava bastante reflexivo, trocando poucas palavras com o grupo e menos ainda comigo.

Chegamos a Chicago e Robert me dispensou. Faltava pouco para terminar meu horário e eu não seria de muita utilidade se fosse para a empresa. Pelo olhar dele entendi que logo estaria comigo.

Era quinta-feira, cheguei em casa e arrumei a bagunça que tinha deixado quando saí correndo para não me atrasar para a viagem. Tomei um banho rápido, vesti um vestido solto e curto, tirei uma lasanha da geladeira, coloquei no forno. Peguei o vinho que Dean tinha deixado na sua última visita e aguardei por Robert.

Ele não apareceu.

Tarde da noite, quando já tinha tomado a garrafa quase toda, estava altinha e me preparava para dormir, meu celular vibrou indicando uma mensagem. “*Desculpe. R.*” Foi apenas o que ele disse. Nada mais. Senti que a raiva tentava se apoderar de mim, mas lutei contra. Eu escolhi assim. Era daquela forma que teria que ser.

Aproveitei o efeito do vinho e dormi.

Cheguei à empresa no horário. Estava usando um vestido um pouco justo, comprido até quase os joelhos, na cor preta e um cinto vermelho, bem fino, marcando minha cintura. Estava perfeitamente bem em meus saltos também vermelhos e me sentia tranquila, podia até dizer feliz.

Assim que cheguei à sala encontrei um bilhete em minha mesa. “Srta. Simon, houve uma emergência na filial de Mason. Estarei fora o dia inteiro. Ligue seu celular. Robert Carter.”

Meu celular. Que Droga! Corri para procurá-lo dentro da bolsa e vi que estava sem bateria. Merda! O carregador estava em casa. Peguei o telefone e liguei para ele. Robert sabia que só poderia ser eu, mesmo assim me atendeu com toda formalidade possível.

- Carter.

- Robert – não fiz questão de manter a formalidade. Estava sozinha e ninguém me ouviria falando. – Sou eu – revirei os olhos ao dizer.

- Sim, Srta. Simon. Liguei para a senhorita mais cedo e não consegui falar. Algum problema?

- Se falta de bateria for um problema – ele nada disse. – Do que está precisando?

- De algumas planilhas que foram mandadas para o seu *e-mail* e encaminhadas para o meu – quanto mau humor! O que poderia ter acontecido?

- Quais, Sr. Carter? – me rendi pegando uma caneta para anotar. Robert me passou tudo o que precisava.

- Ficarei aguardando e esteja perto do telefone – foi ríspido.

- Sim, senhor – Robert desligou sem se despedir. O que teria acontecido para ele estar tão mal humorado? O telefone voltou a tocar e eu atendi formalmente, como deveria ser.

- Mel! – Nicole me saudou.

- Oi, Nicole.

- Como foi de viagem?

- Bem.

- Paul me contou que você passou mal. O que aconteceu?

Pelo visto Paul não tinha comentado com Nick o que tinha acontecido. Fiquei tranquila. Nicole era uma ótima amiga e eu não queria perder a sua amizade. Ela com certeza não entenderia se soubesse que estava tendo um caso com seu irmão. Conversamos alguns minutos e nos despedimos retornarmos às nossas atividades.

Robert não voltou e apesar de termos nos falado durante vários momentos no decorrer do dia, ficamos impossibilitados de conversar como eu gostaria. Fui embora sem vê-lo, mas estava esperançosa, pois no dia seguinte seria sábado e meu amante havia me concedido os sábados à tarde.

Acordei cedo e levei a roupa para a lavanderia. Li meu exemplar recém-adquirido de “O deputado” e “Uau!”, grandes ideias. Como alguém conseguia ter uma mente tão quente como aquela autora?

Voltei para casa já na hora do almoço. Nada de Robert. Nenhum telefonema, nem mensagem. Deitei na cama e continuei lendo o livro. As horas passaram voando, quando me dei conta o dia estava terminando e ele não havia aparecido. O que estaria acontecendo? Pensei várias vezes no que fazer e por fim entendi que não poderia fazer nada. Quando os últimos raios de sol começaram a desaparecer no horizonte, meu telefone tocou.

- Robert! – eu disse quase histérica.

- Oi! – falou timidamente com uma voz cansada.

- Você está atrasado – brinquei por causa da sua obsessão por horário.

No entanto ele não riu. Permaneceu calado por um tempo. Imaginei que não estava conseguindo me dizer o que precisava.

- Você não vem, não é? – todo o meu bom humor desapareceu. Eu sabia o que me esperava na vida de amante, mas depois do que vivemos no nosso último dia em Dubai, imaginei que demoraria um pouco para acontecer.

- Desculpe – disse baixinho. – Tanya convidou Olivia para passar o dia conosco aqui em casa. Só agora consegui fugir das duas para te ligar – ficou calado aguardando, mas foi a minha vez de ficar calada. Eu não tinha nada para dizer. – Mel?

- Sim? – um imenso nó se formava em minha garganta e as lágrimas lutavam para cair.

- Tenho que desligar agora. Falo com você na segunda-feira, ok? – fiquei calada. – Mel?

- Tudo bem, Robert.

Desliguei antes que ele continuasse a se desculpar. Sentei no sofá e não tive como impedir que o choro chegasse. Pensei no que poderia fazer para ocupar o meu tempo vago. Algo que não me lembrasse dele, que tomasse completamente a minha mente. Peguei minha bolsa e fui fazer compras. A convivência com Nicole estava dizimando com minha poupança.

No domingo fui visitar Abgail. Robert não apareceria mesmo, então achei melhor visitar minha amiga. Ela estava praticamente recuperada, tirando a sua perna quebrada, estava ótima. Tranquila, relaxada e alegre. Foi impossível não fazer comparações entre nós duas. Eu era tranquila e relaxada e Abgail era sempre estressada e apressada. Invertemos os papéis.

Conversamos sobre um monte de besteiras. Tratei de contar a ela como as coisas estavam acontecendo dentro da empresa.

- Robert já mostrou o lado obscuro dele?
- ela deu uma risada sonora. Olhei-a sem entender. - Os problemas dele com o casamento, as traições, as inúmeras amantes para as quais deve-

mos enviar flores, os jantares que devem ser informados à Tanya como reuniões com fornecedores... Você sabe, estas coisas – deu de ombros.

Ela parecia se divertir, e seus olhos brilhavam de expectativa. Aquilo tudo me doeu muito. Não sabia como reagir. Abgail sempre foi muito discreta. Era estranho vê-la se comportando de forma tão leviana. Fiquei constrangida de imediato. Abby era minha amiga, mas eu não conseguia olhar em seus olhos e confessar que havia perdido o foco e o propósito dentro daquela empresa.

- O que? Não vai dizer que ele e Tanya finalmente se entenderam? – seu sorriso dizia muito mais do que realmente saía de sua boca.

Nos últimos tempos, desde o seu acidente, Abby tinha mudado muito. Alguma coisa tinha acontecido para que ela mostrasse aquele outro lado de sua personalidade com tanta força. Eu sabia o que ela queria de mim, mas não tinha certeza se poderia me abrir com a minha amiga.

- Ah! Não sei Abgail. O Sr. Carter é muito reservado e eu não sei muito sobre a vida dele

com a Sr^a Carter – menti descaradamente desviando meus olhos para as minhas mãos.

- Tem razão. Ainda é muito cedo para que o Sr. Carter se revele para você. Como eu já tenho mais tempo trabalhando para ele, essas coisas acabaram se tornando normal e parte das minhas atividades.

- E ele tem tantas amantes assim? – fingi desinteresse. Um diabinho gritava em meu ouvido para que fosse mais fundo naquela história.

- Algumas – ela sorriu largamente.

Senti uma pontada forte no peito. Por um segundo enxerguei no olhar de minha amiga que ela sabia do meu caso com Robert, mas desconsiderei. Por que ela me machucaria daquela forma? Não. Abby não sabia de nada.

- Alguma novidade? – eu sabia exatamente o que ela esperava de mim.

- Não, Abby. Não encontrei nada que pudesse te ajudar. Mas continuo tentando. Juro!

- Tenho certeza que sim – segurou em minha mão. – Sei que conseguirá, Mel. Não de-

sista, por favor! É muito importante para mim – respirei profundamente. Eu não desistiria. Nunca. Abby era uma amiga valiosa e eu não poderia desapontá-la.

- Não vou desistir.

Continuamos conversando. Eu lutava para demonstrar interesse no que ela dizia. Abigail perguntou com maior atenção sobre Adam. Não quis contar que ele ficava o tempo todo atrás de mim. Era nítido que a minha amiga gostava dele, mesmo depois de tudo. Não queria machucar o coração dela, como ela, sem saber, tinha feito com o meu.

Eu sabia que o envolvimento com Robert tinha me desviado do meu real objetivo e com isso, Abby ficava sem respostas. Era importante voltar ao foco e buscar com mais afinco pelas informações que ela tanto precisava. No fundo, eu sabia que a única forma de encontrá-las era continuando ao lado dele. No entanto meu chefe, mesmo sendo meu amante, era um cofre fechado. Não compreendia como ganhar a sua confiança.

Voltei para casa, arrasada. Era por aquele motivo que ele sumia todos os domingos? Uma amante que aceitava uma única visita semanal? Não. Robert não faria aquilo comigo. Ele tinha dito que não queria nenhuma outra mulher além de mim. Eu tinha que me apegar a este detalhe para conseguir sobreviver até o dia seguinte.

Na segunda-feira praticamente corri para a empresa. Precisava encontrá-lo. Precisa ter a certeza de que tudo continuava bem entre nós dois, mas principalmente, precisava me certificar de que era realmente a única em sua vida

Cheguei muito cedo e fiquei aguardando por ele. Robert chegou acompanhado de Paul. Cumprimentamo-nos formalmente, mesmo com Paul já sabendo sobre nós dois. Depois de um tempo ele me chamou em sua sala. Parecia constrangido. Não me olhava nos olhos. Paul continuava presente e o clima estava tenso. Não pude perguntar nada e ele também não deu nenhum sinal de que tinha algo a dizer.

Passei a agenda novamente a ele mesmo já tendo passado através de mensagem. Resolvemos

algumas coisas, nada de mais, apenas o que já estava programado. Depois voltei a minha mesa, onde uma chuva de telefonemas, e-mail e fax, conseguiu ocupar todo o meu tempo.

Paul saiu, mas mesmo assim, não consegui encontrar tempo para ficar a sós com Robert. Na hora do almoço, Nicole me ligou para dizer que não iria almoçar comigo, por isso eu ficaria apenas com Alexa. Ela parecia empolgada com alguma coisa, como eu não estava animada para nada, nem perguntei do que se tratava. Na certa ela iria almoçar com Paul.

Robert saiu da sala no momento em que eu conversava com Nicole. Ele levava a pasta, o que significava que também não almoçaríamos juntos. Para minha surpresa, ele parou à minha mesa e aguardou que eu desligasse.

- Mel, vou precisar sair. Não sei se volto – parecia cansado e aborrecido.

- Algum problema? – passou as mãos pelo cabelo e puxou o ar. Atitude típica de quando estava sem paciência.

- Não – respondeu rapidamente, mas eu notei que era mentira. Aquilo doeu ainda mais. – Apenas tenho algumas coisas para resolver.

- Vou te ver hoje? – me amaldiçoei por parecer uma criança implorando atenção. Os olhos de Robert se desmancharam em mim, mas sua boca virou uma linha fina. Ele não apareceria.

- Desculpe, Mel! Não tenho condições hoje. Estou exausto, preciso descansar – concordei desviando meu olhar e encarando meus sapatos.

Ele estava exausto. O dia anterior tinha sido domingo e ele tinha ido para seu compromisso misterioso e voltado cansado. Merda!

- Mel, por favor, compreenda. Eu preciso realmente descansar. Minha cabeça está um inferno.

- Tudo bem – suspirei.

Eu queria que ele fosse embora de uma vez. Robert se aproximou e carinhosamente beijou meus lábios. Não tive forças para repreendê-lo. Estranhamente eu tinha perdido toda a minha capacidade de confrontá-lo. Estava tão fraca e

vulnerável que tinha vontade de chorar e implorar.

- Pare de pensar bobagens – começou a se afastar. Forcei um sorriso e ele foi embora.

Putá merda! Onde estava a minha dignidade? Com certeza impedida de aparecer por causa das minhas lágrimas.

Almocei com Alexa, que passou o tempo inteiro conversando comigo, de maneira discreta, sobre a merda que eu estava fazendo com a minha vida tendo um relacionamento com Robert. Ela salientava que logo ele terminaria a birra com Tanya e eu não passaria de uma aventura. Ainda ressaltou o quanto ele era infantil, egoísta e desequilibrado. Ela tinha algum problema com ele. Sua reação não era normal.

Voltei para minha sala mais insegura e deprimida do que havia saído. Ninguém tinha uma palavra de conforto para mim? Nenhuma palavra de esperança a respeito do meu relacionamento com ele? Nem o próprio Robert tinha feito aquilo.

No final da tarde a maior de todas as surpresas. Tanya. Ela entrou na sala com seu ar su-

perior. Estava perfeitamente arrumada, como sempre, mas existia algo que a tornava realmente divina. Parecia feliz. Sua pele estava linda e radiante e o sorriso que demonstrava era simplesmente perfeito. Merda! Era isso.

Merda! Merda! Merda!

- Melissa – me cumprimentou sorrindo. – Robert me pediu para pegar um contrato com você. Deixe-me ver aonde anotei o nome da empresa... – retirou de dentro da bolsa uma pequena agenda vermelha procurando pela tal anotação. – Aqui – virou agenda me deixando ver o nome. – Ele ligou para você avisando que eu viria? – ainda chocada com a sua presença tive que procurar pela minha voz.

- Não – consegui dizer sem gaguejar.

- Sempre Robert! – riu sacudindo seus lindos cabelos ao girar a cabeça reprovando a atitude do marido. – Deve ter dormido. Estava tão cansado! – sorriu confiante. Por algum motivo eu percebia que existia algo nas entrelinhas. Tanya queria me dizer alguma coisa.

- Vou procurar pelo contrato, Sr^a Carter – dei as costas e respirei várias vezes para não entrar em desespero. Enquanto procurava ela começou a falar.

- Adam gosta realmente de você – revirei os olhos. Grande novidade. – Ele me falou que você teve uma pequena indisposição em Dubai – gelei. O que mais ela sabia?

- Apenas tive problemas em me adaptar ao calor – falei rapidamente pegando a pasta que ela tinha ido buscar. – Aqui está.

- Eu teria ido, mas Robert pediu que eu ficasse. Achei bom. Às vezes um casal precisa de espaço, não acha? – nada consegui responder. – Robert voltou mais disposto – confidenciou sorrindo.

Parecia tão angelical. Tanya tinha covinhas quando sorria. Era tão encantadora. Facilmente um homem a amaria, inclusive Robert. O que ela teria feito para merecer ser punida?

“Eu amei muito Tanya, Mel” as palavras ecoavam em minha mente. Merda! Ela fez algo de muito ruim. Algo muito errado para jogá-lo

naquele inferno de vida. Mas o que? Ela merecia mesmo passar por tudo aquilo? Merecia ser traída descaradamente, como ele estava fazendo? Oh merda!

- Se vamos ser cunhadas acho que posso confidenciar uma coisa – sorriu com olhos brilhantes. - Eu e Robert estamos vivendo o melhor momento de nossas vidas. Estamos tendo uma segunda lua de mel – riu deliciada e meu corpo inteiro congelou. Fixei meus olhos nela para que não fizesse nenhuma besteira, como chorar ou desmaiar. – Ele tem ficado ausente nos últimos dias, acho que ainda passaremos alguns momentos assim. Robert tem pressa de voltar para casa – piscou. Oh merda! Merda! - Então... Cuide de tudo por aqui – seu sorriso foi perturbador. - Agora preciso ir. Ainda tenho alguns compromissos antes de voltar para meu lindo maridinho. Obrigada, Melissa! Vou dizer a Adam que sou totalmente a favor de você dois.

Tanya foi embora e eu continuei petrificada onde estava. Não sei quanto tempo. Quando dei por mim as lágrimas já desciam e

ofegava sem ar. Corri para o banheiro para lavar o rosto. Eu estava pálida. Ela havia descoberto tudo e tinha ido me provocar ou estava apenas proclamando a sua felicidade por estar de volta aos braços de Robert? Foi por isso que ele tinha ficado tão distante? Foi por causa daquilo que não quis me ver?

“Eu amei muito Tanya, Mel” as palavras dele ecoavam em minha mente. Saí do banheiro decidida a ir embora. Robert não voltaria a empresa. Ficaria em sua segunda lua de mel com sua amável esposa. O dia já estava quase no fim e não precisava me justificar com ninguém. Peguei minha bolsa e entrei no elevador implorando para que ele não parasse. Mas ele parou e quem entrou foi Nicole.

- Mel! – estava animada por me encontrar. Eu não queria, mas tive que fingir que nada estar acontecendo. Nicole não sabia e mais do que nunca não poderia saber. – Estava indo para a sua sala. Você está indo embora? – olhou para a bolsa em minha mão.

- Sim. Não estou me sentindo muito bem. Um pouco de dor de cabeça e como... – busquei força para ser natural. – O Sr. Carter não volta mais, achei que não haveria problema.

- Não. Claro! Robert foi para casa – disse animada. – Era sobre isso que eu ia falar com você. Vou te acompanhar até o carro.

Deus! Eu não queria conversar. Ainda mais sobre o Robert. Era tortura demais.

- Você não vai acreditar, mas quando vocês viajaram, Tanya me procurou. Eu sei. Eu também fiquei surpresa, afinal não éramos mais amigas como antigamente, mas o fato é que depois de tanto tempo, ela parece ter acordado e resolveu reatar a nossa amizade – Nicole estava muito feliz com a novidade.

- Que bom para vocês, Nick – forcei minha voz para que não parecesse chorosa.

- Mas não é tudo – continuou. – Tanya me procurou para que eu a ajudasse na reconciliação dela com Robert. Ela estava aguardando a volta de vocês de Dubai. Preparamos tudo e hoje ela veio me procurar para dizer que estava muito fel-

iz. Parece que tudo deu certo. Olívia tinha me dito que Robert e Tanya estavam em sintonia outra vez. Ela passou o sábado inteiro com eles e achou que estavam ótimos. Fico tão feliz Mel...

- Nicole – a interrompi. – Preciso realmente ir. Minha cabeça está estourando. Desculpe!

- Claro, Mel! Ai meu Deus! Eu aqui falando como uma adolescente e você sendo educada comigo. Desculpe! Sei que precisa se cuidar. Por falar nisso, por favor, procure um médico. Você precisa estar disposta para acompanhar a loucura que é trabalhar para um CEO.

- Sei disso. Não se preocupe. Agora preciso mesmo ir.

Ela entendeu e finalmente me libertou. Definitivamente não sabia como consegui dirigir até a minha casa. Meu corpo inteiro sacudia com os soluços que escapavam de minha garganta. Eu chorava. Não apenas pelo amor perdido, mas pela raiva por ter me permitido amar alguém tão mesquinho e falso.

E aquela porcaria de anel ainda estava em meu dedo. O anel que ele usou para me convencer a continuar naquela história absurda. E ainda justificou com a ideia de casamento. Como fui tola. Tirei-o e joguei no meu porta-luvas. Iria devolvê-lo. Não seria recompensada pelo sexo fácil. Não mesmo.

Cheguei em casa e me joguei na maldita cama. Eu o odiava e odiava tudo relacionado a ele. Queria poder arrancar meu coração para impedir aquela dor de me dominar, infelizmente não era possível. Como eu era burra! Chorei todas as lágrimas possíveis e adormeci decidida a não voltar mais à C&H. Tiraria Robert de minha vida de todas as maneiras e de uma vez por todas. Provavelmente ele já pensava em uma forma de fazê-lo, por isso estava tão constrangido e distante. Eu facilitaria as coisas.

O sono demorou a vir e foi embora muito rápido. Dormi pouco e chorei muito. Antes do horário habitual, já estava sentada na cama, olhando para a parede sem coragem para levantar. Sentia-me péssima, derrotada, humilhada e in-

crivelmente magoada. Os minutos passaram lentamente.

O horário em que eu deveria sair chegou e me forcei a continuar sentada na cama. Uma hora depois meu celular começou a tocar. Não atendi, nem me dei ao trabalho de verificar quem era. Não queria saber. Meia hora depois ouvi a porta sendo destrancada.

Robert estava lá.

CAPÍTULO 37

Esperei por Mel. Ela estava atrasada, como normalmente acontecia, e eu precisava com urgência dos contratos e dos documentos que ela deveria ter deixado sobre a minha mesa para eu analisar antes da reunião. Puta que pariu! Melissa às vezes conseguia detonar com a minha paciência.

Quebrei o protocolo e liguei para seu celular. Não apenas pela necessidade de saber se ela demoraria, mas principalmente para me certificar de que estava tudo bem entre nós dois. Mel não atendia. “Será que ela teve outro desmaio? Por que não atendia, não dava notícias?”

Eu não suportaria ficar na empresa fingindo estar aborrecido pelo seu atraso. Estava preocupado com o que poderia ter acontecido. Melissa era realmente a minha perdição. Droga! Na minha loucura resolvi ir a casa dela. Não deveria. Aquilo poderia por tudo a perder, mas não ficaria em minha sala enquanto Mel poderia estar precisando

de ajuda. Precisando de mim. Peguei o carro e fui até lá.

Parado a sua porta tentei escutar e descobrir se algo estava acontecendo. Silêncio total. Graças a Deus eu tinha cometido a loucura de ter uma chave, assim poderia entrar e sem precisar arrombar a porta. Estava com receio, mas teria que agir.

Abri a porta e o silêncio continuou. A casa parecia vazia. Avistava a sala e a cozinha, ela não estava em parte alguma. Caminhei em direção ao quarto. Estanquei na entrada. Mel estava sentada na cama. Os olhos imensos encaravam a porta. Estava assustada, abraçando as pernas e parecia em transe. Não sabia o que fazer. Seus olhos profundos estavam vermelhos, deixando claro que não havia dormido e que tinha chorado muito.

- Mel? O que aconteceu? – minha voz saiu fraca com medo do que poderia ter acontecido. De alguma forma meu coração pressentia. Mel iria me abandonar. Algo tinha dado errado. Mas como? Dei alguns passos em sua direção e ela finalmente reagiu.

- Não se aproxime de mim – disse por entre os dentes. Parecia um bicho acuado e pronto para atacar. Estava com ódio de mim. Fechei os olhos contendo a minha própria raiva.

Tinham sido dias difíceis. Eu e Tanya chegamos ao ponto mais inusitado do nosso jogo o que me obrigou a ficar afastado de Mel durante um tempo. Eu estava cansado, triste, irritado e impaciente. Tudo o que não queria naquele momento era entrar numa batalha com Melissa também. Não com ela. Abri os olhos para encará-la.

- O que aconteceu? Você não apareceu. Fiquei preocupado – fingi não estar incomodado com sua reação. Era o melhor a fazer no momento.

- O que aconteceu? – ela parecia prestes a explodir. – O que aconteceu seu covarde, imundo, egoísta, imbecil... – Mel se interrompeu me encarando com fúria. Eu estava chocado, mas precisava descobrir em que tipo de mal-entendido estávamos envolvidos, então permaneci frio. – Acabou, Robert. Acabou a sua farsa. Acabou a brincadeira. Acabou tudo – ela gritou. – Saia da

minha casa. Vá embora da minha vida – respirei fundo. O que teria acontecido para que Melissa tivesse aquela reação?

- Melissa... – gritei de volta fazendo-a parar com todo aquele escândalo. – Estou exausto – estava em meu limite também. – Tive vários problemas nos últimos dias então pare com este escândalo e converse comigo como uma pessoa adulta.

Seus olhos endureceram ainda mais. Caralho! Melissa não deixaria os ânimos se acalmarem. Eu não precisava daquela porra. Não mesmo! Tanya já tinha esgotado toda a minha paciência naquela manhã e não tinha sobrado quase nada utilizar com minha amante.

- Quem é você para falar de maturidade. O garotinho mimado, que sempre teve tudo, que acha que pode brincar com as pessoas e com seus sentimentos enquanto se diverte. Você tinha razão, Robert, você é um monstro – não dava mais. Ouvir aquilo tudo me lançou além dos meus limites.

- Chega! – gritei mais alto ainda. – Não tenho tempo nem paciência para suas inseguranças, Melissa. Eu fiz tudo o que pude. Quebrei todas as regras. Dei-lhe mais do que intencionava, mais do que já dei a qualquer mulher. Eu a pedi em casamento, enfrentei o inferno para continuar ao seu lado, coloquei tudo em risco e para que? Para você se recolher e ficar histérica toda a vez que algo acontece? Para que você utilize as mesmas artimanhas de Tanya, me acusando, me julgando? Não preciso disso. Já tenho problemas demais para resolver nesta maldita vida e não preciso de mais um entendeu? Eu estava errado ao seu respeito

Minha fúria era tanta que podia derrubar as paredes daquele quarto se fosse possível. Sabia que parte dela não era atribuída a minha secretária, era na verdade uma reação a tudo o que tinha me acontecido nos últimos dias. Melissa conseguiu derramar a última gota então infelizmente era com ela que eu explodiria. Por isso decidi que o melhor a fazer era ir embora,

antes que fizesse algo pior. Ela não merecia ouvir de mim aquelas palavras.

- Preciso dos documentos para a reunião, você não os deixou sobre a minha mesa.

- Vá à merda com seus documentos e com toda a sua empresa – cuspiu as palavras. Eu podia sentir a raiva empurrando algumas palavras para fora e lutei para me conter. – Não trabalho mais para você, Sr. Carter – foi como uma facada.

Eu tinha destruído tudo em Melissa. Estava enfurecida, mas acima de tudo magoada, humilhada e ferida. Não queria vê-la daquele jeito. Até do trabalho ela estava desistindo. Eu sabia o quanto aquele emprego era importante para a sua vida.

Puta que pariu! Tive vontade de me esmurrar.

- Você está se demitindo?

- Quer uma carta formal? Quer que eu explique em detalhes que estou fora da empresa porque meu chefe é um porco devasso, um canalha, um mentiroso, um fodido egoísta? – gritou novamente deixando as lágrimas completarem

o seu desespero. Eu não podia mais ficar. Não daquela forma.

- Faça como quiser.

Dei as costas para ela e fui embora do seu apartamento.

Não podia voltar atrás. Não podia forçar ainda mais a capacidade dela. Mel estava destruída, despedaçada e eu não podia forçá-la a se partir ainda mais. Tinha que me afastar, que mantê-la longe de toda aquela sujeira. Só poderia fazer isso por ela. Era a minha forma de agradecer por todo amor e dedicação que ela deu a mim. Eu, um canalha egoísta que não pensou duas vezes quando decidi tê-la. Mesmo sabendo o quanto poderia machucá-la.

Droga, Mel! Porque você foi tão fraca? Porque permitiu que eu conseguisse chegar tão longe? Por que não me repeliu? Droga! Eu podia conviver com todo o meu inferno, mas jamais poderia sobreviver ao seu sofrimento. Não você.

Entrei no carro e corri o máximo que pude. Precisava voltar a respirar. Meu coração afundava. A quem eu estava enganando? Eu a amava.

Como podia ser tão imbecil? Eu amava tanto Melissa Simon que doía pensar que nunca conseguiria ser o suficiente para ela.

Eu a amava da maneira correta, da maneira como merecia ser amada. Mas era um ser tão miserável que não me era permitido ter esta felicidade. O tempo todo acreditei que Tanya e todos os problemas que ela me causava, era a forma que Deus havia encontrado para me punir, mas fui tolo por achar que tal fardo seria o mais pesado.

O meu pecado era muito maior e o que eu sentia naquele momento seria o castigo correto para mim. Viver sem Mel seria a minha verdadeira punição. Não teria o direito de tê-la ao meu lado. Não poderia viver aquele amor. A amargura em minha boca era imensa. Por algum tempo acreditei que finalmente tinha conseguido resolver minha vida, mas rapidamente vi tudo desmoronar.

Cheguei à empresa, possuído pelo ódio. Liguei para Paul e mandei que me encontrasse em minha sala. Precisava descobrir quem tinha envenenado Mel, quem tinha feito com que tudo

desmoronasse. Paul foi a minha primeira vítima, mas jurou que não tinha nem visto minha secretária nos últimos dias e que nenhuma palavra foi dita a Nicole.

Com Melissa afastada tive que solicitar a ajuda de Alexa. Ela conseguiu encontrar os documentos e precisei interromper minha investigação para iniciar a reunião. Era impossível conter a raiva e ainda tentar sufocar a dor no peito pela falta que ela me fazia. Todas as vezes que olhava para a mesa onde Mel deveria estar, a minha dor aumentava.

A reunião acabou rápido. Todos estavam loucos para ficar longe da minha fúria. No entanto eu não desistiria de utilizá-la com quem quer que fosse até descobrir o que havia realmente acontecido.

Nicole chegou a minha sala no final do dia. Ela trazia nas mãos a carta de demissão de Melissa e estava enfurecida. Acreditava que eu tinha feito algo para afugentá-la. Nick nem podia imaginar o quanto eu fizera.

Não queria que Mel fosse embora. Eu deveria querer. Seria o melhor para ela, mas eu não queria. Meu lado absurdamente egoísta me dizia para não deixá-la partir. Por isso dei um jeito de aterrorizar Nicole, deixando claro que ela deveria encontrar alguém a altura do cargo num tempo recorde. Nicole odiava pressão e já estava mais do que atolada de problemas com o encerramento do ano e todas as obrigações da empresa nesta época. Ela saiu decidida a fazer com que minha secretária voltasse.

Não sei realmente o que ela fez, mas deu certo. Dois dias depois Melissa estava de volta. No entanto deixou claro que tão logo Abgail pudesse assumir, iria embora. Eu poderia ser atirado ao inferno por causa disso, porém, só o fato de poder vê-la me fazia sentir um pouco melhor.

Um pouco.

Mel estava visivelmente abatida. Tinha emagrecido e eu podia ler em seus atos o esforço imenso que fazia para estar ali comigo. Aliás, em momento algum se dignou a me olhar, até

quando precisávamos conversar sobre o trabalho. Para não assustá-la e também por estar ciente de que não poderia mais envolvê-la ou ela se partiria em mil pedaços, me mantive à distância.

Até aquele dia.

Doze dias tinham se passado. Doze dias sem merecer seu olhar, sem tocar em sua pele, sem sentir seu cheiro, sem ouvir nem ver seu sorriso. Doze dias apenas assistindo-a andar, falar, comer... Tudo mecanicamente. Mel não reagia. Estava tão fragilizada que em vários momentos achei que não suportaria mais manter a minha farsa.

Para piorar a situação, Tanya passou a aparecer com mais frequência. Eu não podia impedir. Ela era a responsável pela participação social da empresa. Era através dela que fazíamos as nossas atividades sociais como doações, eventos beneficentes e participações em diversos projetos sociais.

Esta parte era de máxima importância para a empresa, pois com isso ganhávamos notoriedade no mercado mundial e tínhamos o apoio

de diversos órgãos governamentais para nossos negócios em diversas partes do mundo. Como estávamos no final do ano, estes compromissos se intensificavam. Era através dela que mantínhamos sob controle o Fórum Social Mundial.

Eu podia ver, mesmo sem poder fazer nada, como Melissa estremecia cada vez que Tanya se aproximava. Tanya. Suspeitava que tivesse sido obra dela, mas até aquele momento nenhum indício, nenhuma palavra. Maldito acordo. Maldita promessa. Eu me amaldiçoaria todos os dias da minha vida pelo que fiz.

Naquele dia, por sorte ou azar, Tanya precisou viajar. Iria passar uma semana inteira fora, para meu alívio. Eu detestava conviver com ela e com seus olhos acusadores.

Era sexta-feira. Uma reunião estava marcada para a segunda pela manhã cedo e por isso eu e Melissa ficamos trabalhando até um pouco mais tarde. Pedi que ela levasse toda a documentação necessária e colocasse na mesinha de centro da minha sala, de frente para o sofá.

Pretendia passar mais tempo analisando os papéis e no sofá seria mais confortável. Como não estávamos mais em horário de trabalho, soltei a gravata e me livreí dela. Também me servi de um pouco de uísque, enquanto observava Melissa entrar e sair com os documentos em mãos. Estava linda em seu vestido negro esvoaçante. Mesmo tão abatida, ainda assim era a minha Mel, linda e delicada.

Fiquei encostado à parede de vidro enquanto ela organizava a papelada. Melissa estava propositalmente de costas para mim. Eu deveria manter minha farsa. Lutei para mantê-la até descobrir que não era tão forte quanto pensava. Doze dias era muito tempo. Doze dias sem uma explicação, sem uma palavra. Eu precisava dela. Foi mais forte do que eu.

- Mel? – minha voz saiu mais rouca do que o normal, devido ao tempo que passei em silêncio lutando contra mim mesmo para evitar aquele momento.

O movimento de suas mãos parou e ela estremeceu. Era a primeira vez em doze dias que eu

a chamava pelo apelido e não da maneira formal como vinha fazendo. Ela não se virou, mas seu rosto desceu um pouco levando seu olhar para o chão.

- Podemos conversar? – levou um tempo em silêncio ainda de costas para mim. – Por favor!.

- Sobre o que quer conversar, Sr. Carter? – disse sem se virar para mim.

- Mel, por favor!

Sentia tanto a falta dela! Todos aqueles dias preso dentro de mim, lutando para me convencer de que era melhor assim, que apenas a faria sofrer mais, e eu estava ali, prestes a implorar.

- Olhe para mim – fiz menção de tocá-la e, mesmo de costas, ela conseguiu se desvencilhar antes que eu a alcançasse.

- Não toque em mim, Robert – rosnou. – Se você não tiver mais nada referente ao trabalho para dizer, estou indo embora.

- Mel, me perdoe – ela parou onde estava.

Eu sabia que aquelas palavras a desarmaria e me sentia um merda de um canalha por fazer

aquilo com ela. Mas eu precisava de Melissa ou então nada mais teria sentido.

- Fiquei muito irritado quando te vi daquele jeito. Foram dias terríveis... Esperava encontrar em você a paz de sempre, mas quando cheguei lá, você estava tão destruída e derrotada. Eu me odiei por isso e continuo me odiando. No entanto a minha vida tem sido um inferno e não consigo encontrar mais sentido em nada.

- Por que? – virou-se para mim, revelando as lágrimas que já caíam de seus olhos.

Merda! Não podia vê-la assim. Melissa conseguia derrubar todas as minhas barreiras quando me olhava daquele jeito. Não podia mais esconder como me sentia.

- Por que eu te amo. Não deveria, mas amo – as palavras atingiram Melissa como uma porrada.

Ficamos em silêncio. Eu, tentando descobrir como ela encarava a revelação do meu amor, e Melissa assimilando o que eu tinha acabado de falar.

- Por que você está fazendo isso comigo?
- soluçou. - Por que resolveu brincar assim com meus sentimentos? Deixe que eu vá, Robert!

Mel implorou. Meu coração se despedaçou. Eu não deveria fazer o que fiz, mas não pude me conter e a segurei em meus braços com força. Ela se debateu por algum tempo, mas por fim parou e ficou encostada ao meu peito chorando. Quando finalmente começou a se acalmar deixei que minhas mãos acariciassem suas costas. Tocá-la outra vez era um bálsamo em minha vida tão dolorida. Eu reagia total e completamente a ela.

- Mel, o que aconteceu? O que fez com que você agisse daquele jeito? Preciso saber - ela continuava em meus braços. Melissa levantou o rosto encarando os meus olhos.

- Você não sabe? - disse com ironia, mas pelo meu semblante confuso percebeu que eu realmente não sabia. Melissa respirou fundo. - Tanya me contou tudo, Robert - minha primeira reação foi deixar que meus braços a soltassem.

Como Tanya podia ter contado tudo? Como ela teria tido a coragem de dividir com alguém todos os absurdos de nossa vida?

- E você agora me odeia também – constatei.

Era o que deveria acontecer. Melissa não poderia continuar me amando sabendo de toda a sujeira que eu já tinha feito. Sabendo de todas as vidas que eu tinha em minhas costas e das desgraças que fiz da vida de muitas pessoas. Ela sabia de tudo.

- Como não odiar? Você brincou comigo, Robert. Toda esta história de casamento, de querer ficar apenas comigo... Era tudo mentira! Você brincou com meus sentimentos enquanto estava reatando seu casamento com Tanya. Como pode dizer que me ama? Por quanto tempo vai fazer isso durar, Robert? Não cansou? Não se divertiu o suficiente? – do que ela estava falando? O que aquilo tinha a ver com o que eu escondo dela?

- Mel, não estou entendendo. Como assim me reconciliar com Tanya?

- Ela me contou – de maneira absurda, o alívio inundou o meu corpo. Melissa não sabia de nada. Mas então o que? – Tanya me contou no dia em que você disse que precisava que ir para casa, mentindo que estava cansado, apenas para não ir a minha casa. Tanya me disse tudo e Nicole confirmou – Nicole? O que Nicole tinha a ver com aquela merda toda?

- Mel... – passei as mãos no cabelo espantando a confusão que se formava em minha cabeça. – Não estou entendendo nada – ela me observava buscando por algo a que pudesse se apegar.

- Quando voltamos de viagem... Tanya organizou uma segunda lua de mel para vocês. Uma tentativa de reconciliação – falou com raiva. Oh Droga! Então era aquilo? Puta que pariu! – Vocês transaram, Robert – acusou. - Vocês reataram ou tentaram reatar o casamento – as lágrimas continuavam a cair de seus olhos. – E eu preocupada achando que algo de ruim havia acontecido para você estar tão distante.

Putá que pariu! Eu estava envergonhado das minhas atitudes. Não foi exatamente o que aconteceu, mas mesmo assim tinha motivo para me envergonhar.

- Mel, não foi bem assim...

- Não minta, Robert. Não tente me convencer de que vocês não transaram. Tanya estava tão radiante. Tão feliz e superior. E ela é tão... Perfeita! – Melissa estava confusa e sofrendo. Aquilo apertava cada vez mais o meu coração. Eu tinha destruído tudo nela.

- Tanya é uma cobra ardilosa, Melissa – fiquei enojado por tudo o que conseguia entender.

- Ela descobriu sobre você

Eu tinha fornecido a Tanya as provas para que descobrisse o meu caso com Melissa, apenas porque tive medo de que ela descobrisse mais uma de minhas transações sigilosas. Droga! Por que não pensei com mais clareza? Como pude simplesmente acreditar que minha esposa não agiria diretamente contra minha secretária? “E depois Tanya é que era ingênua. Você é mesmo um idiota Robert”.

Ao constatar o fato imediatamente fiquei mais alerta. Tanya estava aprontando alguma coisa. Melissa reagiu exatamente da mesma forma, o que era bom. Talvez fosse mais fácil convencê-la do meu amor se antes eu a convencesse que tudo não passou de uma armação.

- Isso não muda nada, Robert. Não muda o fato de você ter transado com ela – atirou em mim as palavras. A vergonha me atingiu em cheio. – Viu? Está estampado em sua cara – Melissa virou outra vez para sair da sala. Por instinto a segurei. Ela não podia ir embora.

- Eu não transei com Tanya, Mel, acredite em mim – ela soltou um riso abafado duvidando de minhas palavras. Precisava contar a ela, não tinha mais volta. – No dia em que chegamos de Dubai eu planejava ficar com você à noite. Quando cheguei em casa, Tanya me esperava. Ela tinha preparado tudo – as lembranças dançavam em minha memória. – Fez questão de se vestir de maneira sexy, desejável. Preparou o jantar, escolheu o vinho, tudo como sempre fez quando estávamos perto do fim. Eu já esperava por esta

atitude, por isso não fiquei surpreso quando a encontrei daquela forma. Tanya sempre tenta prorrogar o nosso prazo, é por isso que eu dizia que não sabia quando este inferno teria fim.

- Então quando está perto de terminar o acordo entre vocês ela consegue te levar para cama e aí você decide que pode prorrogar um pouco mais? Que absurdo, Robert – Melissa ficou ainda mais irritada e se debateu para que eu a soltasse.

- Eu não prorrogava porque tinha ido para a cama com ela, Mel. Permitia que acontecesse porque sabia que se não fosse assim não conseguiria fazer com que Tanya cumprisse com a parte dela. Além de outras coisas extremamente importantes... – Suspirei ciente de que nem tudo poderia ser revelado. Não naquela hora. – Acredite em mim, Mel!

- E desta vez não foi diferente, não é?

- Foi totalmente diferente. Não tenho orgulho do que fiz então facilite as coisas, ok?

Precisava que ela não me julgasse para ter coragem de contar o que realmente aconteceu

naquela noite. Era muito provável que Melissa não acreditasse em mim. Respirei fundo para continuar.

- Eu ia mentir para você. Ia quebrar o nosso acordo. Simplesmente porque sabia que era a única maneira de jogar com Tanya e eu precisava de uma última cartada para finalmente me ver livre. Pode parecer absurdo e sujo para você e não a culpo por pensar assim, mas eu tinha que ir para cama com ela, Mel.

Melissa reagiu pior do que eu esperava. Estava preparado para a sua raiva, por xingamentos e até que ela avançasse sobre mim para me punir pelo meu erro, entretanto, soltou um gemido agudo e levou as mãos ao coração chorando desesperadamente. O desespero dela foi o meu. Toda a dor que Mel sentia eu podia sentir também.

- Mel, eu não transei com Tanya – falei alto para que ela entendesse e tomei seu rosto em minhas mãos forçando-a a me olhar. – Não transei com ela.

- Mas...

- Eu ia transar. Pode me odiar por isso, mas eu ia. Só não consegui – ela voltou a fechar os olhos. – Olhe para mim – ordenei sentindo raiva de tudo o que havia acontecido e da forma suja que Tanya tinha usado para magoar Melissa. Ela olhou para mim já totalmente enfraquecida. – Não consegui tocar nela, Mel. Eu tentei. Forcei-me a continuar, a tentar, mas não pude – seus olhos atentos me encaravam. – Não conseguia parar de pensar em você. Não parava de fazer comparações e nem de me sentir um cafajeste por estar te traindo. Eu simplesmente não consegui. Você me dominou completamente.

Ela esboçou um leve sorriso, adorável até, mas a batalha ainda não estava vencida. Eu acabara de admitir que tive a intenção de traí-la. Melissa não era frágil a este ponto, para voltar para mim apenas porque eu não consegui ir adiante.

– Mel, eu amo você. Por favor, acabe logo com isso.

Ela estava muito perto e eu estava emocionalmente abalado, lutando contra tudo e todos

para ter o direito de viver com ela tudo o que minha alma almejava. Melissa parecia perdida. Não resisti e deixei que meus lábios cobrissem os seus.

Aqueles lábios, aquela forma macia de beijar, aquele sabor incomparável. Beijá-la trouxe vida ao meu corpo novamente. Era dela que eu precisava e de mais nada. Com Melissa eu estava completo.

Mel correspondeu ao beijo se entregando como sempre fazia. O tempo deixou de existir, nada mais tinha importância. Ela estava comigo, me salvando de mim mesmo. Era a única pessoa com o poder de me fazer renascer. Era a única que podia me estender a mão e me tirar do inferno que era a minha vida.

Eu soube naquele momento que não estava sendo punido. Estava sim sendo apresentado a um caminho. O único caminho que me permitiria seguir em frente, deixando todo o meu passado para trás. Mel era o meu recomeço.

Com sua entrega não tive forças para ser indiferente. Eu a queria. Tinha sonhado todos os

dias com nossos momentos. Pressionei-a ao meu corpo e ela deixou escapar um pequeno e baixo gemido que serviu de impulso para aprofundar nosso beijo. Em segundos minha língua estava em sua boca e ela me dava passagem.

Passei minhas mãos em seus cabelos levantando-os na nuca e preendi minha amante em nosso beijo. Suas pequenas mãos percorreram meu peito e minha pele queimou por dentro da camisa. O toque dela fazia com que correntes elétricas se espalhassem pelo meu corpo. Tinha sido assim desde o primeiro dia em que nos tocamos.

Com cuidado a conduzi para o sofá e a deitei nele. Ela não abria os olhos, talvez com medo de não ser verdade. Não podia julgá-la. Eu tinha o mesmo medo. O pavor de descobrir que tudo não passou de um sonho me fez percorrer as mãos pelo seu corpo deitado abaixo do meu. Mel gemeu outra vez com o contato. Droga! Eu a venerava.

Amava a forma como ela gemia, como fechava os olhos e inclinava a cabeça pra que eu

tivesse acesso ao seu pescoço, como me tocava pressionando os dedos em minha pele, como me puxava cada vez mais para ela, como corria suas mãos pelos meus cabelos enroscando os dedos entre eles.

Foi muito fácil nos livrarmos das roupas. Eu nem sei dizer como comecei e nem como terminei, mas sei descrever com exatidão o momento em que meus lábios tocaram sua pele nua. O mesmo sabor indescritível que acompanhava cada parte de seu corpo foi recebido por mim com louvor.

Melissa era perfeita demais. Eu não mudaria nada nela. Amava seus seios nem pequenos nem grandes, mas no tamanho ideal para atijar minha imaginação. Sua cintura fina e barriga enxuta ficavam ainda mais perfeitas quando ofegava com o contato dos meus lábios e das minhas mãos. Mel normalmente ficava arrepiada quando estávamos assim e aquilo deixava a sua pele ainda mais gostosa. Ela era única.

- Abra os olhos, Mel – pedi antes de penetrá-la. E assim nos amamos, sem desviar o

nosso olhar. Precisava daquilo para que ela entendesse que eu não mentia. Para que conseguisse enxergar em mim o mesmo que eu conseguia enxergar nela. O amor verdadeiro. O único amor.

Ficamos abraçados no sofá enquanto nossos corpos se recuperavam do êxtase. Eu traçava beijos leves pelo seu rosto, seios... A vontade de prolongar a nossa noite era imensa, mas ainda não podia. Mel sabia disso e por este motivo logo a realidade a cercou puxando-a para longe de mim. Melissa nada disse, apenas fechou os olhos e mordeu os lábios.

- Não pense mais – queria implorar para que ela não pensasse em me deixar novamente, entretanto, não podia. O que eu poderia oferecer a ela de diferente?

Se fosse apenas a minha vontade, com certeza largaria tudo para ficar com ela, mas infelizmente não era. Existia a maldita promessa teria que cumprir e também a minha imensa necessidade de provar a mim mesmo que nada havia sido em vão. Sabia que dentro de mim todos os meus fantasmas só seriam exorcizados se eu cumprisse

a promessa, pois foi através dela que meus piores pesadelos começaram e eu precisava daquilo para poder voltar a ter paz.

- Nada mudou Robert. Você continua com Tanya e eu continuo sem nada. Vivo na ignorância dos fatos e por causa disso toda e qualquer pessoa consegue me atingir. Seus segredos me mantêm fragilizada. Por causa deles estou sempre me quebrando. Estou cansada. Os últimos dias foram ruins e eu seria absurda se dissesse que não senti a sua falta. Conheço o que existe dentro de mim. Sei que é verdadeiro, mas desconheço completamente o que existe dentro de você. É difícil, mas ainda assim prefiro juntar meus cacos e me refazer do que continuar permitindo que você me quebre em mil pedaços.

Eu nada mais poderia dizer. Vi Mel vestir as suas roupas e partir. Ela estava decidida. Nada nela dizia o contrário. Nem mesmo a revelação do meu amor a fez reconsiderar sua decisão. Não podia condená-la. Eu mesmo me sentia quebrado em mil pedaços e sabia que o mais correto era que

me quebrasse mesmo e não ela, afinal de contas, eu provoquei tudo.

Não tive coragem de voltar para casa. Passei a noite na empresa e no dia seguinte tentei ocupar cada um dos meus pensamentos com o trabalho, como vinha fazendo todos os dias da minha vida. Era uma missão praticamente impossível. Principalmente depois da minha noite com Melissa. Meus olhos de tempos em tempos me levavam de volta ao sofá e me perdia nas lembranças dos nossos momentos.

Não conseguia mais ficar longe dela. Não conseguia mais ficar sem os nossos momentos. Não conseguia nem respirar direito sabendo que ela estava decidida a me apagar de vez da sua vida. Só havia uma única saída. Eu teria que contar a Melissa a verdade.

Mas como fazer sem que ela me achasse uma pessoa horrível? Havia um risco imenso dela simplesmente não querer ficar comigo quando soubesse o que eu tanto escondia.

No final da tarde não conseguia mais hesitar. A decisão estava tomada. Sabia que era a ún-

ica saída para nós dois. Mas teria que fazer da maneira certa. Teria que mostrar a ela o porquê de não haver mais esperanças para mim e Tanya. Precisava torná-la segura disso. Eu contaria a verdade a Melissa.

Função CEO

A Descoberta do Amor

Livro 2

Prologo

O som estridente do meu celular preenchia o quarto, se misturando aos gemidos emitidos por mim e pelo meu amante. Era a quarta vez que alguém insistia em falar comigo na última hora. Sentia frustração em não poder atender, mas não podia simplesmente interromper o que fazíamos.

Deitei sobre o colchão com o peso de Frank ainda atrás de mim. Ele ofegava e exprimia seus últimos sons de prazer. Respirei reencontrando o ar enquanto meu corpo ia aos poucos se situando de volta a realidade. Transar com o meu amante era uma bela maneira de me desligar de todos os problemas. Ou de me ligar ainda mais a eles.

Estendi a mão enfiando-a na bolsa, que tinha deixado sobre a peça ao lado da cama. Rapidamente encontrei o telefone.

- Não acredito que vai atender agora – Frank resmungou saindo de trás de mim.

Virei com cuidado, sentando na cama e puxando o lençol para cobrir a minha nudez. Sorri, amavelmente, para meu amante e atendi a ligação.

- Sim?

- Ora, ora! Atrapalho alguma coisa, irmãzinha? – a voz irritante de Adam Simpson me deixou nervosa. Tentei disfarçar. Ele era uma carta importante em meu jogo.

- Não somos irmãos, Adam. Quando você vai começar a entender isso? – ele riu do outro lado da linha.

- Tem razão. Eu nunca comeria uma irmã minha, Tanya – estiquei a coluna e me ajeitei na cama. Sabia que quando começávamos uma conversa daquela forma, exigia uma postura mais firme de mim.

Adam era apenas uma carta. Uma marionete. Mas que nos últimos tempos tinha me servido muito. Ir para a cama com ele era apenas um detalhe que utilizava para mantê-lo leal e controlado, mas Frank não sabia que eu tinha ido tão longe e apesar de tê-lo também como uma peça importante no quebra-cabeça, não podia perder a sua estima por mim.

Meu amante suspirou, ciente de que minha conversa seria em códigos se permanecesse no quarto, então foi para o banheiro. Assim que ouvi o chuveiro comecei a falar.

- Espero que tenha um bom motivo para me ligar – fui ríspida.

- Calma! Tenho novidades. Acredito que você vai ficar muito agradecida pelo que tenho para contar. Ou quem sabe... Mostrar.

- Seja mais claro, Adam. Frank está no banho, mas não vai durar uma vida inteira, então seja rápido.

- Ok! Enquanto você trepa com seu amante, Robert caminha do outro lado.

- Como assim? O que descobriu?

Robert tinha permanecido em inércia desde que consegui destruir o seu caso com Melissa Simon. Ele cavou a história, mas não foi tão fundo. Na verdade sabia muito bem que eu tinha agido. Como sempre fazia. Nenhuma mulher poderia se aprofundar em sua vida e o casinho deles estava indo longe demais.

A garota era muito fraca, sentimental e estava completamente apaixonada. Como todas ficavam. Que tola! Ela não conhecia Robert Carter como ele verdadeiramente o era. Mas meu marido era esperto. Estava sempre a frente. Envolvia as pessoas certas. Jogava como ninguém. Contudo Melissa conseguiu o que ninguém havia conseguido, ela desestabilizou o poderoso Carter. E este pequeno detalhe destruía todos os meus planos.

- Ontem, depois do expediente, resolvi passar na sede para discutir um novo projeto com Robert. Eu estava por perto e sabia que ele ficaria até tarde, como estava fazendo desde que você tirou Melissa do caminho. Passei no jurídico

antes para conversar com Frank e depois pedi mais algum tempo na recepção do RH...

- Sem detalhes, por favor. Eu sei muito bem que você anda tentando levar a recepcionista de Alice para cama e dispenso esta parte.

- Ciúmes, irmã?

- Falta de tempo, Adam. Se você conseguir comer a recepcionista eu conseguirei algumas informações com mais facilidade, no entanto o ideal era que conseguisse ter Melissa. Com toda a mágoa que ela está, seria muito fácil trazê-la para o nosso lado. Precisamos descobrir o que Robert fez na Grécia.

- Não sei se será tão fácil. Como estava te contando... Só cheguei a sala do Robert mais tarde, quando a empresa já estava completamente vazia e você não vai acreditar no que eu vi, aliás, você vai acreditar porque eu filmei tudo – riu.

- Você conseguiu filmá-lo em alguma reunião secreta?

- Não. Mas consegui um belo filme pornográfico. Não tão pornográfico, mas foi uma cena de sexo incrível.

- Cena de sexo? Edward arrumou uma nova amante? Como não fiquei sabendo disso? – imediatamente meu sensor de alerta foi ativado.

- Não uma nova amante. Melissa. Peguei os dois no maior amasso e ele comeu a garota ali mesmo. Na sala. Sem se importar com nada nem ninguém. Posso te dizer que Melissa é uma delícia sem roupas. Vou intensificar minhas investidas. Será o trabalho mais prazeroso que farei por você, irmãzinha.

- Não é possível! Eu estava monitorando eles dois. Robert manteve-se distante o tempo todo e Melissa, mesmo definhando, não deu nenhuma brecha para que ele voltasse a procurá-la.

- Bom. Enviei o vídeo para o seu celular. O que faremos? Podemos jogar na internet e criar uma imagem ruim para ele.

- Não seja absurdo! Eu tenho muito a perder se tornar este vídeo público. Preciso manter o meu casamento até conseguir a senha, só depois disso poderemos agir para destruir a imagem dele.

- Tudo bem, você que manda. O que vai fazer a respeito?

- Não sei ainda. Onde ele está agora?

- Esta é a melhor parte: Robert Carter modificou a sua rotina dominical. Acabo de fotografá-lo entrando no prédio de Melissa Simon. Posso enviar a foto para você.

- Merda! Não podemos permitir que eles fiquem juntos. Se Robert insistir em permanecer com ela, terei que agir com mais força.

- Não antes de eu conseguir levá-la para a cama, Tanya – riu deixando-me irritada.

- Nosso problema está muito além de sexo, Adam. Você não entende a gravidade. Robert não pode se apaixonar ou então desistirá de tudo e isso inclui encontrar a senha. Tem noção de quantos milhões estão em jogo?

- Bom, então é melhor começar a agir.

- Começarei imediatamente. Não posso perder este jogo. Melissa precisa estar fora de campo.

Agradecimentos

Bom... Tenho que começar assim: agradeço a Robert Pattinson. Por você ter sido Edward e por ter dado um rosto, uma voz, um corpo e uma alma a Robert Carter. Então não posso deixar de agradecer a [Stephenie Meyer](#), por simplesmente ter criado um livro incrível que me devolveu a vontade de sonhar e que, mesmo sem saber, despertou em mim a escritora que sou hoje.

Devo a muitas pessoas a realização deste livro, sobretudo a todas as minhas leitoras do Nyah Fanfiction, pelos meses incríveis que passamos juntas compartilhando cada emoção deste trabalho. Sem vocês eu nunca teria conseguido.

Todo o meu agradecimento aos amigos mais do que especiais, que sempre estão ao meu lado sendo o meu combustível para continuar seguindo em frente. Adriana Gardênia (Drika), Sueli Vieira, Tatiana Mendonça, Marla Costa, Tatiana Cabral, Renata Pereira, Allane Mágilla, Fernanda Terra, Vitor Hugo Ribeiro, Mario Bastos, Marcia Fraguas, Alicene Ferreira, Roberta Tamos e todas

as outras que tornam meus dias lindos. Vocês são os meus pés quando eu não consigo mais andar, meus olhos quando eu não consigo mais enxergar, minhas mãos quando eu não consigo mais escrever. Obrigada!

Meu eterno agradecimento a Mariza Miranda, minha amiga, companheira, revisora, por quem eu tenho um carinho inesgotável, pela sua paciência e dedicação a todas as minhas obras.

Especialmente a Janaina Rico, amiga, professora e incentivadora. Grande escritora que muito humildemente compartilha seus segredos com os simples mortais, tornando meus textos mais bonitos. Obrigada Jana!

A minha família, Maria Das Graças, Sandra, Thaisa, Tarsila, Igor e Ivan, por todo apoio, amor, carinho. Vocês são os melhores.

A meus filhos, por todo o tempo que não dediquei a eles por precisar colocar esta história no papel e que eles, mesmo sem conseguirem entender muito a grandeza deste sentimento que é escrever, aceitam que mamãe está fazendo o possível. Amo vocês incondicionalmente.

A meu marido, por toda a paciência e principalmente por acreditar em mim. Amo você.

Agradeço com todo o meu coração a todos vocês que chegaram até aqui. Meu eterno muito obrigada!

Thank you for evaluating ePub to PDF Converter.

That is a trial version. Get full version in http://www.epub-to-pdf.com/?pdf_out